DOR E PAIXÃO NA ESPANHA DEVASTADA PELA GUERRA

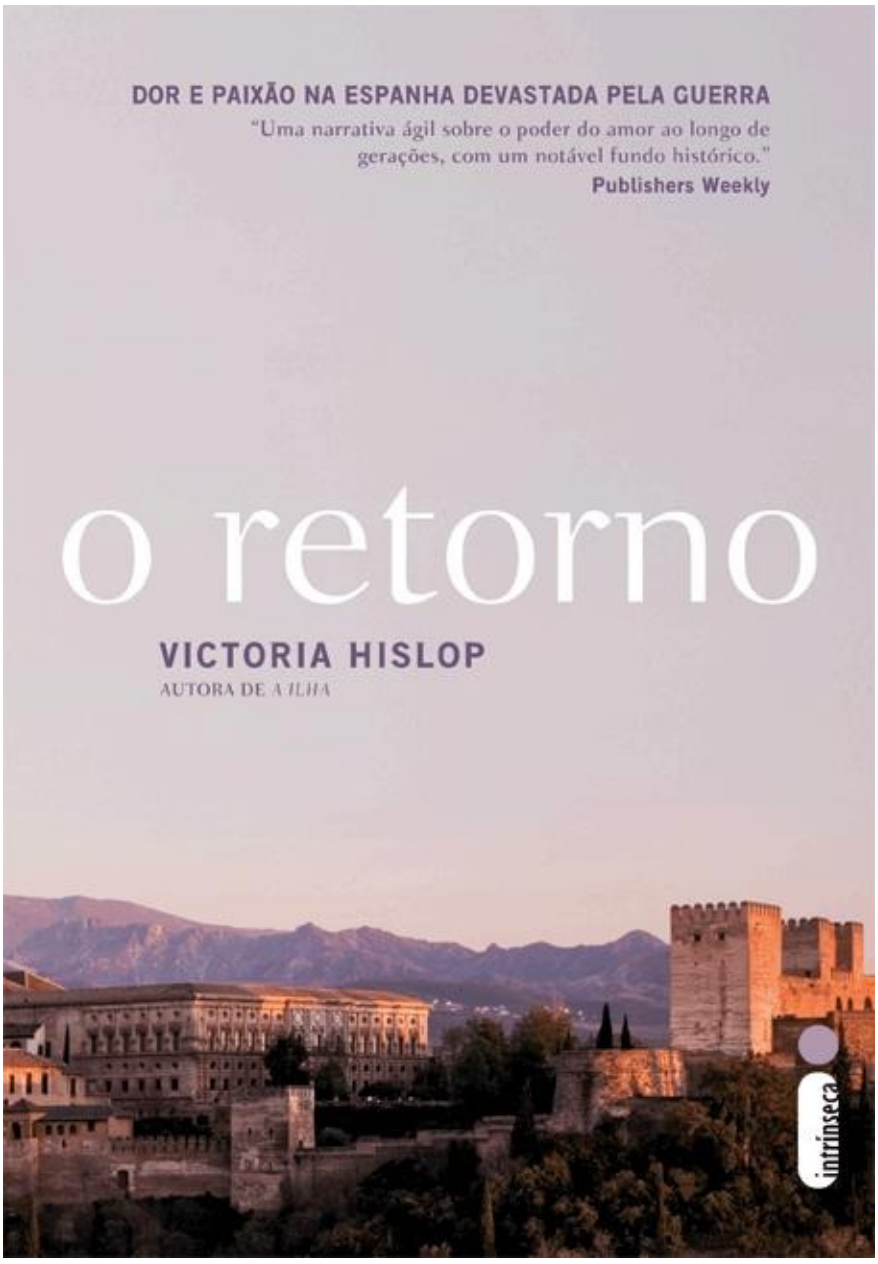
"Uma narrativa ágil sobre o poder do amor ao longo de gerações, com um notável fundo histórico."
Publishers Weekly

o retorno

VICTORIA HISLOP
AUTORA DE *A ILHA*



intrínseca


DOR E PAIXÃO NA ESPANHA DEVASTADA PELA GUERRA
"Uma narrativa ágil sobre o poder do amor ao longo de gerações, com um notável fundo histórico."
Publishers Weekly
o retorno
VICTORIA HISLOP
AUTORA DE A ILHA
intrínseca

1



Quando o passado retorna ao presente, o futuro se torna ainda mais imprevisível. E, nesse livro, redentor. Sonia Cameron está na Espanha, em férias, para comemorar o aniversário de 35 anos da melhor amiga com aulas de flamenco. Sua intenção é apenas dançar e se divertir. Em Londres, deixou a aridez e as exigências

do cotidiano e um casamento em crise.

Em um café sossegado de Granada, contudo, uma conversa casual com o proprietário e uma intrigante coleção de fotografias antigas a atraem para a história extraordinária da Guerra Civil Espanhola e da vida de personagens locais encantadores e marcantes, como toureiros, dançarinas, músicos e o poeta García Lorca. Setenta anos antes, o café era o lar dos Ramírez, família que, em 1936, presencia as piores atrocidades do golpe militar liderado pelo general Francisco Franco, e vivencia o despedaçar do frágil equilíbrio do país. Divididos pela política e pela tragédia, todos escolhem um lado e travam uma batalha pessoal à medida que a Espanha se dilacera.

2

Para Emily e William, com amor

3



Espanha, 1931

4

GRANADA, 1937

Na penumbra noturna do apartamento de venezianas cerradas, o clique discreto de uma porta se fechando penetrou o silêncio. Ao crime de chegar tarde, a moça acrescentava o pecado de tentar ocultar a volta sorrateira para casa.

— Mercedes! Deus do céu, onde é que você estava? — ouviu-se alguém dizer num sussurro áspero.

Um rapaz saiu da escuridão e surgiu no vestíbulo e a moça, que

não passava dos dezesseis anos, viu-se frente a frente com ele, a cabeça baixa, escondendo as mãos para trás.

— Por que você está chegando tão tarde? Por que está fazendo isso conosco?

Ele hesitava, oscilando entre o desespero total e seu amor inabalável pela moça.

— E o que está escondendo aí? Como se eu não soubesse…

Ela estendeu as mãos. Equilibrado nas palmas abertas, estava um par de sapatos pretos esfolados, o couro fino como pele humana, as solas gastas, quase transparentes.

Ele segurou os pulsos dela com delicadeza e os manteve presos nas suas mãos.

— Por favor, esta é a última vez que vou pedir a você… — suplicou ele.

— Sinto muito, Antonio — disse ela em voz baixa, agora olhando-o nos olhos. — Não posso parar. Não consigo.

— É perigoso, mi querida *, é perigoso.*



PARTE 1

6



CAPÍTULO I

GRANADA, 2001

Segundos antes, as mulheres tinham ocupado seus lugares, as últimas pessoas da plateia a entrarem antes que o *gitano* carrancudo passasse os ferrolhos na porta com um gesto decidido.

Arrastando atrás de si as saias volumosas, cinco moças de cabelos negros como azeviche entraram em cena. Os vestidos justos enroscavam-se no corpo delas em tons vermelho e alaranjado flamejantes, verde ácido e amarelo-ocre. Essas cores vívidas, um coquetel de perfumes fortes, a rapidez da chegada das mulheres e seu andar arrogante eram de uma dramaticidade impactante, estudada. Atrás delas vinham três homens, vestidos em tom escuro como se fossem para um enterro, todos de negro, do cabelo untado com óleo até os sapatos de couro feitos à mão.

À medida que a tênue, etérea batida de uma palma, com o som

de uma das mãos roçando na outra, infiltrou-se no silêncio, a atmosfera mudou. De um dos homens veio o som dos dedos correndo pelas cordas de uma guitarra. De outro emanou um gemido fundo e melancólico que logo fluiu para uma canção. A aspereza de sua voz combinava com a rusticidade do lugar e com os traços duros de seu rosto marcado pela varíola. Só o cantor e sua trupe compreendiam o dialeto obscuro, mas a plateia percebeu o sentido das palavras. Um amor se perdera.

Passaram-se assim cinco minutos, com o público de umas cinquenta pessoas sentado no escuro em torno das paredes de uma das úmidas *cuevas* de Granada mal se atrevendo a respirar. Não houve um momento preciso em que a música terminou — simplesmente se desvaneceu no ar —, e foi a deixa para as moças saírem em fila, movendo-se com sensualidade crua, olhos fixos na porta adiante, como se não percebessem a presença dos estrangeiros na sala. Havia uma atmosfera de ameaça no ambiente sombrio.

7

— Já acabou? — cochichou uma das retardatárias.

— Espero que não — respondeu a amiga.

Durante alguns instantes, houve uma tensão extraordinária no ambiente e então um som suave e contínuo foi chegando até eles.

Não era música, mas um murmúrio brando percutindo: o som de castanholas.

Uma das moças estava voltando, batendo os pés enquanto adentrava o espaço em forma de corredor, os babados do vestido roçando nos sapatos empoeirados dos turistas da primeira fila. O tecido da roupa, de um tom vivo de tangerina com imensas bolas pretas, colava-se em seu ventre e em seus seios. As costuras estavam repuxadas. Os pés batiam ritmadamente na faixa de madeira que constituía a pista de dança: *um*-dois- *um*-dois- *um*-dois-três- *um*-dois-três- *um*-dois…

Então suas mãos se levantaram, as castanholas vibraram num trinado intensamente prazeroso e ela iniciou seu lento rodopiar. Durante todo o tempo em que girava, seus dedos estalavam nos pequenos discos de madeira que tinha nas mãos. A plateia estava hipnotizada.

Uma cantiga que soava como um lamento acompanhava-a, o cantor quase sempre mantendo os olhos baixos. A dançarina continuava, num transe próprio. Se estava ligada à música, não o demonstrava, e se tinha consciência da presença de sua plateia, as pessoas não o sentiam. A expressão em seu rosto sensual era de pura concentração e seus olhos estavam voltados para algum outro

mundo que só ela enxergava. O tecido debaixo de seus braços escureceu com o suor e a testa cobriu-se de gotas à medida que ela girava, mais e mais depressa.

A dança terminou como começara, com uma batida de pé resoluta, um ponto final. As mãos estavam levantadas acima da cabeça, os olhos fixos no teto baixo e abobadado. A mulher não demonstrava sequer reparar na reação do público, que poderia muito bem não estar presente, pois não faria qualquer diferença para ela. A temperatura subira dentro da sala, os que ocupavam os primeiros lugares inalavam a mistura inebriante do perfume almiscarado com a transpiração que ela espalhara pelo ar.

Mal ela saiu do palco e outra moça já tomava seu lugar. Havia um quê de impaciência nessa segunda dançarina, como se quisesse acabar logo com aquilo. Mais poás pretos ondularam diante dos

olhos dos espectadores, dessa vez sobre um fundo vermelho vivo, e uma cascata de cabelos negros cacheados caía sobre o rosto de cigana, ocultando tudo o mais exceto os olhos árabes de traços bem definidos, delineados com um risco espesso de *kohl*. Não havia castanholas dessa vez, mas o estrépito dos pés batendo no chão repetidamente, incessantemente: *clak*-a-taca taca, *clak*-a-taca taca,

clak-a-taca taca…

O movimento de ida e volta, do calcanhar para os dedos dos pés e vice-versa, parecia de uma velocidade impossível. Os sapatos pretos pesados, de saltos altos e sólidos e biqueiras de aço, vibravam no palco. Os joelhos dela devem ter absorvido milhares de ondas de choque. Durante algum tempo, o cantor permaneceu em silêncio de olhos fixos no chão, como se encontrar o olhar daquela beleza morena pudesse transformá-lo em pedra. Não dava para saber se o guitarrista acompanhava o sapateado da moça ou se ditava o seu ritmo. A comunicação entre eles era ininterrupta. Provocante, ela puxou as camadas volumosas da saia para revelar pernas benfeitas metidas em meias escuras e exibiu ainda mais a rapidez e o ritmo de seus passos. A dança entrou num *crescendo* conforme a moça girava, um pouco dervixe rodopiante, um pouco pião. Uma rosa que trazia precariamente enfiada no cabelo voou longe para o meio da plateia. Ela não se abaixou para apanhá-la e saiu marchando da sala antes mesmo que a flor chegasse ao chão. Foi um desempenho introvertido e, simultaneamente, a mais escancarada manifestação de autoconfiança que já tinham presenciado.

A primeira dançarina e o acompanhante seguiram-na para fora da cave, os rostos sem expressão, ainda indiferentes aos seus

espectadores apesar dos aplausos.

Antes do final do espetáculo, houve ainda mais uma meia dúzia de dançarinos, e todos transmitiram a mesma tônica perturbadora de paixão, raiva e tristeza. Houve um homem cujos movimentos eram tão provocantes quanto os de uma prostituta, uma mocinha cuja representação de infelicidade contrastava desconfortavelmente com sua extrema juventude, e uma mulher mais velha em cuja face de sulcos profundos estavam desenhadas sete décadas de sofrimento.

Por fim, quando os artistas se foram, as luzes se acenderam.

Enquanto saía, a plateia viu-os de relance numa pequena sala de fundos discutindo, fumando e bebendo em copos altos, cheios até a borda de uísque barato. Dispunham de quarenta e cinco minutos de intervalo até a apresentação seguinte.

9

Estava abafado na sala de teto baixo, que cheirava a álcool, suor e charutos fumados muito tempo atrás, e assim as pessoas ficaram aliviadas ao saírem para o ar frio da noite, de uma claridade e uma pureza que as lembrava que não estavam muito longe das montanhas.

— Foi extraordinário — comentou Sonia com a amiga. Ela não sabia muito bem o que queria dizer com aquilo, mas foi a única

palavra que pareceu servir.

— Foi mesmo — concordou Maggie. — E tão tenso.

— É exatamente isso — confirmou Sonia —, muito tenso. Nem um pouco o que eu imaginava.

— E aquelas moças não pareciam muito felizes, não é?

Sonia não se deu o trabalho de responder. O *flamenco* evidentemente não tinha muito a ver com felicidade. Chegara a essa conclusão nas duas últimas horas.

Voltaram a pé pelas ruas de pedras arredondadas rumo ao centro de Granada, mas se viram perdidas no velho bairro mouro, o Albaicín. Não adiantava tentar ler um mapa: as minúsculas vielas geralmente não tinham nome e às vezes até mesmo acabavam em conjuntos de degraus estreitos.

As moças logo se reorientaram quando, ao dobrar uma esquina, deram com uma vista da Alhambra, suavemente iluminada àquela hora, e, embora já passasse da meia-noite, o cálido brilho cor de âmbar que banhava a construção quase as convenceu de que o sol ainda estava se pondo. Com as muitas torres ameadas destacando-se contra o claro céu noturno, o palácio parecia saído das *Mil e uma noites*.

De braços dados, elas continuaram a descer a colina em silêncio.

Maggie, morena e alta, diminuiu o passo para acompanhar Sonia, um hábito de quase toda a vida daquelas duas amigas íntimas, fisicamente opostas em todos os sentidos. Não precisavam conversar. Por enquanto, o ruído seco de seus passos nas pedras do calçamento, percutindo como as palmas e as castanholas das dançarinas de *flamenco*, era mais agradável do que a voz humana.

* * *

Foi numa quarta-feira de um final de fevereiro. Sonia e Maggie tinham chegado havia poucas horas, mas Sonia já sucumbira ao encanto de Granada na vinda do aeroporto. O crepúsculo de inverno

iluminava a cidade com uma claridade acentuada, deixando as montanhas de cumes nevados que formavam o cenário imersas em sombras espetaculares, e, quando o táxi entrou na cidade pela autoestrada, elas avistaram pela primeira vez os contornos geométricos da Alhambra. A fortaleza parecia vigiar o restante da cidade.

Quando o motorista afinal diminuiu a velocidade para tomar o acesso ao centro, as mulheres regalaram-se com a visão de praças magníficas, construções palacianas e uma ou outra fonte grandiosa, antes que ele se afastasse para seguir caminho pelas ruas estreitas

calçadas de pedra que se espalhavam pela cidade.

Apesar de a mãe ter sido espanhola, Sonia visitara o país apenas duas vezes, e em ambas fora para os balneários da Costa do Sol. Lá, ficara no trecho vistoso do litoral cintilante, onde o sol do ano inteiro e os desjejuns do dia inteiro eram propagandeados aos ingleses e aos alemães que ali chegavam em hordas. Nos arredores, fazendas com casas de veraneio, com colunas decoradas e elegantes grades de ferro batido, estavam muito perto, e no entanto a milhões de quilômetros daquela cidade de ruas confusas e prédios que haviam sido construídos ao longo de muitos séculos.

Aquele era um lugar de cheiros desconhecidos, uma cacofonia de antigo e moderno, cafés transbordando de gente do lugar, vitrines com pilhas altas de pequenos doces de massa reluzente de açúcar servidos por homens sérios, orgulhosos de seu ofício, venezianas baratas nas janelas dos apartamentos, vislumbre de lençóis secando pendurados em sacadas. Aquele era um lugar de verdade, pensou ela, nada ali era falso.

Andaram de um lado para outro, esquerda e direita, direita e esquerda, esquerda novamente, como se fossem acabar exatamente no mesmo ponto de onde tinham partido. Todas as pequenas ruas eram de mão única, e de vez em quando passavam raspando por

uma motocicleta que vinha na contramão em alta velocidade. Os pedestres, ignorando o perigo, desciam das calçadas para a rua diante do carro. Só um motorista de táxi seria capaz de abrir caminho naquele labirinto complexo. As contas de um rosário preso no espelho retrovisor chocalhavam de encontro ao para-brisa, e uma imagem da Virgem Maria no painel olhava com ar modesto. Não houve acidentes na viagem, de modo que a santa aparentemente estava cumprindo bem seu papel.

11

O perfume adocicado e enjoativo do aromatizador de ar combinado com a turbulência da viagem deixara as duas mulheres nauseadas, e então sentiram alívio quando o carro reduziu a marcha e elas ouviram o rangido do freio de mão sendo puxado. O hotel Santa Ana, de duas estrelas, ficava numa pracinha malcuidada, com uma livraria de um lado, um sapateiro do outro e uma fileira de barracas ao longo da calçada, que naquele momento estavam sendo recolhidas. Bisnagas douradas e lisas, grandes fatias de pão achatado e recheado com azeitonas estavam sendo embrulhadas, e as últimas fatias de umas tortas de frutas cujo tamanho original devia equivaler ao de rodas de carroça eram acondicionadas em papel encerado.

— Estou morrendo de fome — disse Maggie, vendo os donos das barracas guardarem as mercadorias em suas caminhonetes. — Vou lá pegar alguma coisa com eles antes que sumam.

Com sua típica espontaneidade, Maggie atravessou a rua correndo e deixou Sonia pagar o táxi. Voltou com uma generosa porção de pão da qual já veio arrancando pedaços, impaciente para satisfazer sua fome.

— Está delicioso. Tome, coma também.

Jogou um pouco do pão com casca crocante na mão de Sonia e as duas ficaram paradas na calçada ao lado das malas, comendo e espalhando muitas migalhas nas lajes de pedra do chão. Estava na hora do *paseo*. As pessoas começavam a sair para sua caminhada do anoitecer. Homens e mulheres, mulheres de braços dados, homens aos pares. Todos vestidos com capricho e, embora apreciassem o passeio em si, davam a impressão de ter um objetivo definido.

— Parece agradável, não acha? — disse Maggie.

— O quê?

— A vida nesta cidade! Olhe só para eles! — Maggie apontou para o café na esquina da praça, lotado de fregueses. — Sobre o que devem estar conversando enquanto tomam seu *tinto*?

— Sobre tudo, acho — respondeu Sonia sorrindo. — Vida em

família, escândalos políticos, futebol…

— Pois vamos entrar e nos registrar logo no hotel — disse Maggie, terminando seu pão. — Para depois podermos sair e tomar alguma coisa.

12

A porta de vidro abriu-se para uma área de recepção bem iluminada à qual vários arranjos de flores de seda iguais aos de caixas de chocolates e uns poucos móveis em pesado estilo barroco conferiam certo ar de grandeza. Um rapaz sorridente atrás do balcão deu-lhes uma ficha de registro e, depois de fazer uma cópia de seus passaportes, informou sobre a hora do café da manhã e entregou-lhes uma chave. A laranja de madeira em tamanho natural presa à chave era uma garantia infalível de que as duas mulheres jamais sairiam do hotel sem deixá-la para ser recolocada na fileira de ganchos atrás do balcão da recepção.

Passado o saguão, tudo o mais no hotel era espalhafatoso e de mau gosto. As duas subiram num elevador do tamanho de uma caixa de fósforos, nariz com nariz, a bagagem empilhada como se fosse uma torre, e no terceiro andar saíram num corredor estreito. No escuro, foram puxando as malas, barulhentas, até distinguirem os números grandes de metal sem brilho: *301*.

O quarto até tinha uma vista. Mas não de Alhambra. Dava para uma parede e, especificamente, para um aparelho de ar-condicionado.

— Nós não pretendíamos mesmo passar muito tempo olhando pela janela, não é? — comentou Sonia ao puxar as cortinas finas.

— E, mesmo que houvesse uma sacada com móveis maravilhosos e uma vista das montanhas, nós não iríamos usá-la — acrescentou Maggie, rindo. — Não é uma época do ano boa para isto.

Sonia abriu rapidamente a mala, socou algumas camisetas na gavetinha ao lado da cama e pendurou o restante de suas coisas no armário acanhado; os cabides arranhando o metal do trilho deram-lhe arrepios. O banheiro era de dimensões tão econômicas quanto o quarto, e Sonia, mesmo sendo miúda, teve de se espremer atrás da pia para fechar a porta. Depois de escovar os dentes, jogou a escova no único copo disponível e voltou para o quarto.

Maggie estava deitada na cama sobre a colcha cor de vinho, a mala no chão, ainda fechada.

— Não vai desarrumar a mala? — indagou Sonia, que sabia por experiência que Maggie provavelmente passaria a semana convivendo com a mala transbordando beiradas de rendas coquetes e emaranhados de blusas amassadas, em vez de pendurar alguma

peça de roupa.

13

— O quê? — perguntou Maggie distraída, absorta no que estava lendo.

— Desarrumar a mala!

— Ah, pode ser, mais tarde.

— O que está lendo?

— Estava na pilha de folhetos em cima da mesa — respondeu Maggie por trás de um prospecto, que segurava bem perto dos olhos, tentando enxergar as palavras.

A iluminação fraca só atenuava um pouco a penumbra do quarto bege-escuro e mal permitia a leitura.

— É sobre um espetáculo de *flamenco* num lugar chamado *Los Fandangos*. Fica no bairro cigano, pelo que entendi com meu espanhol. Vamos?

— Vamos, por que não? Na recepção, eles devem saber informar como chegar lá, não é?

— E só começa às dez e meia, então antes podemos sair e comer.

Pouco tempo depois, estavam ao ar livre, de mapa na mão. Percorreram um labirinto de ruas, em parte seguindo o instinto, em parte a orientação do mapa.

Jardines, Mirasol, Cruz, Puentezuelas, Capuchinas…

Sonia lembrava o significado da maioria daquelas palavras de seu tempo de escola. Cada uma tinha sua mágica. Eram como pinceladas, pintando a paisagem da cidade, cada uma ajudando a formar uma imagem do todo. À medida que se aproximavam do centro da cidade, os nomes das ruas claramente refletiam a predominância da religião católica romana.

Dirigiam-se para a catedral, o ponto central da cidade. De acordo com o mapa, tudo emanava dali. As vielas apertadas não pareciam ser o meio mais provável de alcançá-la, e foi só quando viu grades e algumas mulheres sentadas mendigando diante de um portal entalhado que Sonia ergueu os olhos pela primeira vez. Elevando-se ali estava a mais robusta das construções. Enchia o céu, uma massa sólida feita de pedras parecidas com as usadas em fortalezas. Não se erguia para a luz, como a catedral de São Paulo, a basílica de São Pedro ou a de Sacré-Coeur. De onde Sonia estava, parecia apagar essa luz. Também não se anunciava com um amplo espaço à sua frente. Espreitava por trás dos prosaicos cafés e lojas, e não podia ser vista da maioria dos pontos daquelas ruazinhas.

De hora em hora, porém, lembrava ao mundo sua presença.

Enquanto as duas mulheres estavam paradas ali, os sinos começaram a tocar. O volume bastou para fazê-las recuar, cambaleando. Clangores retumbantes, profundos e metálicos estrondearam dentro da cabeça delas. Sonia tapou os ouvidos com as mãos e foi atrás de Maggie, fugindo do som ensurdecedor.

Eram oito da noite e os bares de *tapas* ao redor da catedral já estavam se enchendo de gente. Maggie tomou uma decisão rápida, atraída para um lugar onde havia um garçom fumando de pé na calçada.

Assim que se acomodaram nos bancos altos de madeira, as mulheres pediram vinho. Foi servido em copinhos atarracados, acompanhado de um prato com uma generosa porção de *jamon*. E, cada vez que elas pediam mais uma bebida, mais *tapas* apareciam como num passe de mágica. Apesar de estarem com fome, aquelas pequenas doses de azeitonas, queijo e patê lentamente as saciaram.

Sonia estava inteiramente satisfeita com o lugar escolhido por Maggie. Atrás do bar, carreiras de presuntos enormes pendiam do teto, tal qual gigantescos morcegos pendurados de cabeça para baixo em árvores. A gordura pingava deles dentro de pequenos cones de plástico. Ao lado dos presuntos, havia *chorizos* e, em prateleiras atrás, latas imensas de azeitonas e atum. Havia filas e mais filas de

garrafas até onde não se alcançava. Sonia adorava aquele caos empoeirado, o cheiro intenso e doce de *jamon* e o burburinho de sociabilidade que a aconchegava como um casaco favorito.

Maggie interrompeu seu devaneio.

— Então, como vai tudo?

Era uma pergunta típica da amiga. Tão carregada quanto o espeto de coquetel no qual ela enfiara duas azeitonas e um tomate-cereja.

— Bem — respondeu Sonia, sabendo que a resposta provavelmente não serviria. A mania de Maggie de querer sempre ir direto ao ponto às vezes a irritava. Tinham mantido a conversa num tom leve e superficial desde o momento em que se encontraram em Stansted de manhã cedo naquele dia, porém ela sabia que Maggie cedo ou tarde iria querer mais. Sonia suspirou. Amava e odiava aquilo na amiga.

— Como vai seu marido velho e empoeirado?

Não tinha como se esquivar daquela pergunta mais direta com uma palavra só, muito menos com “Bem”.

Depois das nove horas, o bar ficara rapidamente lotado. A clientela, a princípio, compunha-se sobretudo de homens mais

velhos, reunidos em grupos compactos. Bem-arrumados, observou Sonia, homens baixos com casacos elegantes e sapatos muito engraxados. Depois, pessoas ligeiramente mais jovens começaram a lotar o lugar, conversando animadas, equilibrando pratos de *tapas* na bancada estreita que contornava a sala especialmente para esta finalidade. O volume do barulho tornava agora a conversa mais difícil. Sonia puxou seu banco para perto do de Maggie, tão perto que as estruturas de madeira se encostaram.

— Mais empoeirado do que nunca — disse ela ao ouvido da outra. — Não queria que eu viesse para cá, mas acho que vai superar isso.

Sonia olhou de relance para o relógio acima do bar. O espetáculo de *flamenco* iria começar em menos de meia hora.

— Acho que está na hora de irmos, não? — disse, deslizando do assento. Por mais que gostasse de Maggie, por enquanto queria deixar de lado suas questões pessoais. Do ponto de vista de sua melhor amiga, nenhum marido valia realmente a pena, mas Sonia de vez em quando suspeitava que isto poderia ter a ver com o fato de Maggie nunca ter tido um marido, pelo menos não um que fosse só dela.

O café acabara de ser servido no bar e Maggie não iria sair sem

tomar o seu.

— Temos tempo — respondeu ela. — Tudo começa tarde na Espanha.

As duas beberam o forte *café solo* e abriram caminho entre a multidão para sair do bar. A aglomeração de pessoas continuava espalhada pela rua e por quase todo o percurso até Sacromonte, onde logo encontraram uma placa apontando *Los Fandangos*. Ficava na encosta da colina, numa casa caiada de branco e toscamente emboçada, a *cueva* onde iam ver o *flamenco*. Ao se aproximarem, ouviram o som fascinante de alguém dedilhando acordes numa guitarra.

16



CAPÍTULO 2

Naquela noite, de volta ao quarto do hotel, Sonia olhava para cima, acordada na cama. Como costuma acontecer em quartos de

hotéis baratos, era escuro demais de dia e claro demais à noite. Através das cortinas sem forro, um facho de luz da lâmpada da rua iluminava o desenho bege de espirais alucinogênicas no teto e a cabeça dela girava, ainda estimulada pela cafeína. Mas mesmo sem a luz e o efeito do café, o colchão fino a teria mantido acordada.

Sonia pensava em como se sentia feliz por estar naquela cidade.

A respiração ritmada de Maggie na cama distante apenas alguns centímetros da sua era estranhamente reconfortante. Refletia sobre a noite e em como se esquivara das perguntas da amiga. O que quer que dissesse, Maggie mais cedo ou mais tarde descobriria a verdade e simplesmente saberia como iam as coisas com ela, independente das palavras que usasse. Bastava uma sombra fugaz passando num rosto em reação à pergunta “Como vai?” e ela era capaz de adivinhar qual seria a resposta. Era por isso que James não gostava dela, e também porque tantos homens sentiam o mesmo que ele. Ela era perceptiva demais, geralmente crítica demais com relação aos homens e nunca lhes concedia o benefício de qualquer dúvida.

James era, como Maggie bondosamente o classificara, “empoeirado”. Não só por causa da idade, mas pelas atitudes. A poeira vinha caindo sobre ele provavelmente desde o berço.

O casamento de ambos, cinco anos antes, depois de um namoro

de um romantismo condizente com todos os padrões, fora a visão de um perfeito conto de fadas, ainda que planejado. Na cama estreita e dura, tão distante sob todos os aspectos do luxo expansivo da cama de dossel onde ela passara a noite de núpcias, Sonia recordou a época em que James apareceu em sua vida.

17

Quando se conheceram, Sonia tinha vinte e sete anos e James avançava a passos largos para o seu quadragésimo aniversário. Era sócio minoritário de um pequeno banco privado e, durante os primeiros quinze anos de sua carreira, trabalhara dezoito horas por dia, galgando ambiciosamente seus degraus na hierarquia corporativa. Apesar de passar dezoito horas diárias no escritório, podia ficar pendurado ao telefone até por vinte e quatro se estivesse envolvido numa negociação. De vez em quando, escolhia uma garota tarde da noite num bar qualquer, mas eram mulheres que jamais apresentaria a seus pais, e uma ou duas vezes tivera relacionamentos com recepcionistas faceiras de sapatos altos com salto agulha que trabalhavam no banco. Esses casos nunca davam em nada e, mais cedo ou mais tarde, essas moças sumiam, geralmente iam trabalhar como assistentes de alguém em algum outro banco.

Faltando semanas para o marcante aniversário, como diriam os americanos proprietários do banco, James resolveu “rever suas prioridades”. Precisava de alguém para levar à ópera, a jantares, para ter seus filhos. Ou seja, queria se casar. Embora só tivesse se dado conta disso depois de vários anos de casada, Sonia acabou percebendo que ela preenchera lindamente uma lacuna na lista de “tarefas” da agenda Filofax dele.

Lembrava-se claramente do primeiro encontro de ambos. O empregador de James, Berkmann Wilder, recentemente se fundira com outro banco e contratara a empresa de consultoria em relações públicas onde ela trabalhava para reposicionar a marca do novo banco. Sonia sempre se vestia de forma provocante quando tinha de ir a reuniões de instituições financeiras, sabendo que os homens que trabalhavam no centro de Londres geralmente tinham um gosto bastante previsível e, sendo assim, quando a fizeram entrar na sala de reunião da diretoria, seus atrativos exerceram o efeito desejado em James. Pequenina, loura, com um traseiro arrebitado bem delineado por uma saia justa, o busto bonito acomodado num sutiã rendado apenas perceptível sob a blusa de seda, ela satisfazia diversas fantasias masculinas. Os olhares de James fizeram-na sentir-se quase desconfortável.

“Muito boa”, foi como James a descreveu para um colega na hora do almoço. “E bem animada também.”

Na semana seguinte, quando ela voltou para uma segunda reunião, ele sugeriu um almoço de negócios. O almoço levou a um drinque num bar e, uma semana depois, eles eram o que James

chamava de “um caso”. Sonia estava nas nuvens e não tinha a menor vontade de voltar a sentir o chão sob os pés. Além de ser um homem vistoso, ele preenchia todos os tipos de lacunas de sua vida. Vinha de uma família grande, extremamente inglesa, totalmente convencional, dos condados nos arredores de Londres. Esses alicerces firmes faziam falta na vida de Sonia, e estar perto deles dava-lhe uma sensação de segurança. Os dois relacionamentos significativos que tivera depois dos vinte anos haviam terminado de maneira desastrosa para ela. Um havia sido com um músico, o outro com um fotógrafo italiano. Nenhum deles lhe fora fiel, e o que a atraía em James era o fato de ele ser confiável, de ter aquela solidez de escola particular inglesa.

— Ele é *tão* mais velho do que você! — argumentavam os amigos.

— Não acho que isso seja tão importante assim — retrucava Sonia.

E provavelmente era essa mesma diferença de idade que proporcionava a ele os recursos para a profusão de gestos extravagantes. No Dia dos Namorados, não mandava uma dúzia de rosas vermelhas, mas dúzias e dúzias, e o apartamentinho dela em Streatham ficava apinhado de flores. Sonia nunca fora tão mimada, e com certeza nunca ficou tão feliz como quando, no seu aniversário, encontrou um anel com um diamante solitário de dois quilates no fundo de uma taça de champanhe. “Sim” foi a única resposta possível.

Deitada no apertado quarto de hotel em Granada, Sonia relembrou seu deslumbrante casamento tradicional, de vestido branco, as imagens ainda tão nítidas na sua memória; havia sido feito um vídeo profissional que de vez em quando reviam. O casamento fora realizado dois anos depois de seu primeiro encontro, no vilarejo de Gloucestershire, próximo à casa da família de James. A parte feia do sul de Londres onde Sonia crescera não teria sido um cenário pitoresco o suficiente para aquelas núpcias. Havia um desequilíbrio evidente no grupo de convidados dentro da igreja (os do lado da noiva eram visivelmente escassos em comparação com os do lado do noivo, apinhado de primos de segundo grau, batalhões de crianças pequenas e amigos dos pais dele), mas para Sonia a única

ausência realmente notável era a de sua mãe. Sabia que seu pai também sentia o mesmo. Fora isto, tudo o mais estava perfeito. Ramos de frésias enfeitavam as extremidades dos bancos da igreja e perfumavam o ar e ouviu-se um murmúrio geral de admiração quando Sonia surgiu sob o arco de rosas brancas de braço com seu

pai. Num vestido rodado de tule que ocupava quase toda a largura da passagem entre os bancos da igreja, ela flutuou pelo tapete ao encontro de seu noivo. Coroada de flores, o sol criando um halo de luz em torno dela, as fotografias em molduras de prata que tinha em casa lembravam-na de que naquele dia ela parecia ser translúcida, extraterrena.

Depois da recepção (um jantar formal para trezentas pessoas numa grande tenda de listras cor-de-rosa ao ar livre), James e Sonia saíram num Bentley para Cliveden e, por volta das onze horas da manhã seguinte, estavam a caminho das ilhas Maurício. Foi um começo perfeito.

Durante muito tempo, Sonia adorou ser mimada, ter alguém que cuidasse dela. Gostava do jeito como James abria portas para ela, voltava para casa de viagens de trabalho a Roma com lingerie de cetim em caixas forradas de seda, de Paris com perfumes numa caixa

dentro da outra, como se fossem bonecas russas, e com lenços de seda de Chanel e Hermès que não tinham muito a ver com o estilo dela comprados no aeroporto. O hábito de vesti-la e de escolher seus perfumes foi copiado do pai dele. Os sogros de Sonia, Richard e Diana, estavam juntos havia quase cinquenta anos, o que provavelmente fizera James concluir que aquela era uma técnica que sem dúvida as mulheres apreciavam.

Ambos tinham carreiras que os absorviam. Sonia mudara para uma empresa mais nova e menor que cuidava dos interesses de relações públicas de fábricas, em vez de companhias do centro financeiro de Londres. Achava que já tinha banqueiros e advogados demais em sua vida pessoal. Não se importava com o fato de James não ter procurado mudar seus padrões de trabalho. O telefone tocava a qualquer hora do dia ou da noite e ele devia atender e fazer teleconferências internacionais com Londres, Tóquio e Nova York. Aquilo fazia parte do ônus pessoal do salário de um banqueiro. Sonia compreendia perfeitamente e nunca se importava que, algumas vezes por semana, ele precisasse jantar com clientes. Quando estava em casa à noite, ele tinha muito pouca energia para qualquer coisa diferente de dar uma espiada no *Investors Chronicle* e ver televisão com um olhar vazio, sem interesse. As únicas exceções eram as idas

ao cinema de vez em quando e os jantares que ele e Sonia davam e de que participavam com frequência.

Vista de fora, a vida de ambos parecia um mar de rosas. Tinham tudo: bons empregos, uma casa em Wandsworth que se valorizava cada vez mais e espaço de sobra para iniciar uma família. Pareciam

um casal estável, assim como a casa e a rua onde moravam. A próxima etapa mais previsível seria terem um filho, mas algo fazia Sonia adiar a decisão, o que irritava James. Ela começara a encontrar desculpas para não engravidar, para si própria e para o marido, geralmente relacionadas com não ser uma boa hora para interromper a carreira. Admitir a verdadeira razão, até para si mesma, não era fácil.

Sonia não saberia determinar quando a bebida passou a ser um problema. Não deve ter havido um momento exato, um copo de vinho em especial, um bar ou uma noite específicos em que, quando James chegou em casa, ela achou que ele “passara da conta”. Talvez tivesse sido durante um almoço de negócios, ou num jantar, quem sabe aquele que tinham oferecido na semana anterior quando a grande mesa de mogno fora arrumada com sua melhor porcelana e copos de vidro lapidado, presentes recebidos cinco anos antes, em seu perfeito

casamento de contos de fadas.

Revia em sua mente os convidados bebericando taças de champanhe, sentados na sua confortável sala de estar decorada em tons de azul muito claro, entretidos numa conversa que seguia um padrão esperado. Os homens estavam vestidos uniformemente de ternos, mas as mulheres também tinham seguido seu próprio e rigoroso código do traje adequado: saias vaporosas, saltos finos e baixos e o que numa certa época teria sido chamado de “twinset”. Um colar com pingente de brilhante também era obrigatório, além de um conjunto de pulseiras barulhentas. Era o traje informal chique de sua geração: feminino, ligeiramente provocante mas passando bem ao largo do vulgar.

Sonia lembrou como a conversa seguira o curso de sempre: troca de informações sobre quando deixar os nomes das crianças para fazer reserva na creche, sobre a defasagem dos preços de imóveis, os rumores sobre a abertura de uma nova delicatéssen no bairro, a breve referência a um terrível incidente de briga de trânsito na rua vizinha, e, em seguida, os homens contaram piadas picantes que vinham circulando na internet para tentar desanuviar a atmosfera. Lembrou-se de que a absoluta previsibilidade da conversa daquela gente de classe média com a qual ela não tinha nada em comum

deixara-a quase a ponto de gritar.

Naquela noite, como sempre, James fizera questão de exibir sua imensa coleção de vinhos tintos antigos, e os maridos, cansados depois de uma longa semana de trabalho no centro da cidade, tinham gostado de entornar algumas garrafas de um Borgonha de

21

1978, apesar dos olhares de desaprovação das mulheres logo depois de uma taça e meia, ao perceberem que seriam elas quem teriam de voltar para casa dirigindo.

Os charutos tinham entrado em cena à meia-noite.

— Tomem lá — James os incentivava, passando pela roda de homens uma caixa de autênticos Havana —, garantiram que estes são enrolados entre as coxas de virgens!

Embora já tivessem ouvido a mesma frase milhares de vezes antes, os homens rolaram de rir.

Para um banqueiro conservador de quarenta e seis anos como James, uma noite como aquela era perfeita: segura, respeitável e exatamente como as que seus pais teriam desfrutado. Na realidade, não eram muito diferentes dos jantares oferecidos pelo casal Cameron mais velho. James certa vez contou a Sonia que se lembrava de ficar sentado no alto da escada espiando entre os

balaústres e entreouvindo fragmentos de conversas que subiam até ele vindos da sala de jantar, gargalhadas que irrompiam quando as portas se abriam e fechavam, sua mãe indo e vindo apressada da cozinha, despachando terrinas de sopa ou de ensopados em seu carrinho de servir de proporções generosas. A espionagem infantil na escada sempre chegava ao fim muito antes de os hóspedes irem embora, e a jovialidade de tudo aquilo mantinha-se viva em sua imaginação. Sonia às vezes se perguntava se os pais dele teriam depois brigado em meio aos restos da noitada, ou quantas vezes a mãe dele teria se arrastado para a cama às duas da manhã e encontrado o marido ressonando.

Na semana anterior, os convidados tinham todos saído só bem depois da meia-noite. Diante das deprimentes consequências do jantar, James demonstrara um nível de agressividade que surpreendera Sonia, considerando-se que fora dele a decisão, como sempre, de encher a casa de seus colegas de trabalho e suas mulheres de vozes estridentes. Ela também não achava nada divertido cuidar de copos frágeis demais para irem para a lava-louças, cinzeiros cheios de pontas fumegantes de charutos, restos de sopa grudados nas tigelas como concreto verde, uma toalha de mesa manchada de respingos de vinho tinto e guardanapos de linho

branco cobertos de marcas de beijos de batom. Alguém derramara café no tapete e não mencionara o fato, e havia salpicos de vinho tinto numa poltrona de tecido claro.

22

— De que adianta ter uma faxineira se ainda temos de lavar louça? — explodiu James ao atacar uma panela especialmente resistente e lançar uma enxurrada de água por cima da beirada da pia. Embora seus convidados tivessem controlado os limites de bebida, James não fizera o mesmo.

— Ela só trabalha durante a semana — disse Sonia, enxugando o lago de água gordurosa que lambia os pés de James. — Você sabe disso.

James sabia muito bem que a faxineira não vinha nas sextas-feiras à noite, o que não o impedia de fazer a mesma pergunta todas as vezes que se via diante da pia, lutando contra manchas obstinadas.

— Jantares desgraçados — esbravejou ele, entrando na cozinha com uma terceira bandeja carregada de copos. — Por que temos de dar jantares?

— Porque somos convidados para jantar e porque você gosta deles — respondeu Sonia em voz baixa.

— E aí ficamos presos nesse círculo vicioso infernal, não é?

— Olhe aqui, não vamos precisar dar outro jantar tão cedo. As pessoas nos devem um monte de retribuições.

Sonia achou mais conveniente deixar morrer o assunto. Era melhor ficar de boca fechada.

Por volta de uma hora da manhã, os pratos estavam encaixados em perfeita ordem, virados para a direita dentro da lava-louças como uma fileira de soldados. Já acontecera a discussão de costume sobre enxaguar ou não o molho dos pratos antes de acomodá-los. James ganhara. A elegante porcelana Worcestershire já reluzia dentro da máquina que agora ronronava. As panelas também estavam impecáveis e James e Sonia nada mais tinham a dizer um ao outro.

Ir para a cama em Granada era muito diferente. Ela estava adorando a solidão daquela cama estreita e o fato de poder estar sozinha com seus pensamentos. Havia uma grande paz naquilo. Os únicos sons que escutava eram tranquilizadores: o burburinho indistinto da rua lá embaixo, uma conversa abafada que a acústica da ruazinha amplificava e o ligeiro arfar da respiração de sua amiga mais antiga.

A despeito da luz do poste da rua que ainda penetrava no quarto e da claridade sutil que agora ia tingindo o céu, indicando o

23

amanhecer, sua mente finalmente se desligou, como uma vela que se apaga. Ela adormeceu.

24



CAPÍTULO 3

Poucas horas depois, as duas mulheres foram acordadas pelo toque insistente de um despertador.

— Hora de acordar — disse Sonia com animação fingida, espiando o relógio de cabeceira. — Está quase na hora de sair.

— São só oito horas — resmungou Maggie.

— Você não acertou seu relógio. São nove e temos de estar lá às dez.

Maggie puxou o lençol para cobrir a cabeça e Sonia se levantou, tomou uma ducha e se enxugou com uma toalha áspera e puída. Às nove e meia, já estava vestida. Viera a Granada com um objetivo.

— Anda logo, Maggie, senão vamos nos atrasar — disse ela em tom persuasivo. — Vou descer e tomar um café rápido enquanto você se arruma.

Diante de um *croissant* mole e um café morno, Sonia estudou o mapa de Granada e localizou o endereço a que se destinavam. A escola de dança não ficava longe, mas teriam de prestar atenção para dobrar nas esquinas certas.

Bebericando o café, Sonia rememorou a maneira como as coisas tinham evoluído. Tudo começou com um filme. Se não fosse o filme, a dança nunca teria acontecido. Era como jogar um jogo de tabuleiro — ela não sabia onde a próxima jogada a levaria.

Uma das poucas coisas que vez por outra James concordava em fazer num dia de semana era ir ao cinema local, apesar de em geral adormecer bem antes do final do filme. O cinema daquela região do sul de Londres recusava-se firmemente a exibir os filmes conhecidos que atraíam grandes plateias, mas contava com frequentadores locais que apreciavam “filmes selecionados” e cinema de arte em número suficiente para encher metade da sala na maioria das noites.

Ficava apenas a mais ou menos um quilômetro de onde eles moravam, mas a atmosfera era muito mais animada daquele lado de

Clapham Common: restaurantes caribenhos de comida pronta para ser consumida em casa, casas de *kebab* e bares de *tapas* concorrendo com restaurantes chineses, indianos e tailandeses, todos contrastando com os apáticos restaurantes mais próximos da casa deles.

A rua lateral por onde passaram depois do cinema combinava com o pessimismo obsedante do filme de Almodóvar a que tinham assistido. Ao percorrê-la, Sonia reparou em algo que não tinha visto antes — um letreiro feericamente iluminado, reluzindo, de uma vulgaridade à Las Vegas: SALSA! RUMBA! anunciava estridente o néon. Na iluminação fraca da rua, havia uma certa alegria tranquilizadora naquele letreiro.

Foram se aproximando e começaram a escutar música e entrever indícios de movimento por trás das vidraças foscas. Algumas horas antes, deviam ter passado por aquele prédio na ida para o cinema, mas ele não lhes chamara a atenção. Agora, o salão de aparência prosaica construído na década de 1950, espremido no espaço onde caíra uma bomba durante os ataques repentinos da Segunda Guerra, enchera-se de vida.

Quando passaram, Sonia viu um outro letreiro menor, também aceso:

Terça — Principiantes

Sexta — Intermediário

Sábado — Todos os níveis

Do interior vinha o som quase inaudível mas sedutor de uma batida latino-americana. Mesmo a leve sugestão do ritmo exercia uma forte atração sobre ela. O som rápido dos saltos dos sapatos de James no calçamento da rua confirmou-lhe que ele nem ao menos o percebera.

Ao chegar em casa do escritório umas semanas mais tarde, ela precisou, como de costume, empurrar com a porta da frente o monte de papel que havia por trás para poder abri-la. Folhetos obstruíam o vestíbulo de uma forma irritante, tal e qual a neve meio derretida nos acostamentos das estradas durante o inverno — todo tipo de coisas para entrega em domicílio, comida pronta, catálogos de lojas de material de artesanato e consertos domésticos que ela não tinha a menor intenção de visitar, ofertas de limpezas de carpetes pela

metade do preço, aulas de inglês de que ela não precisava. Mas um dos folhetos ela não jogou na lata de lixo. De um lado, havia uma foto do letreiro de néon que piscara para ela tantas semanas atrás e as palavras “Salsa! Rumba!” no verso, os dias e horários das aulas e,

no pé da página, cativantes, as seguintes palavras: “Aprenda a dançar. Dance para viver. Viva para dançar.”

Quando criança, Sonia tivera aulas semanais de balé e, mais tarde, de sapateado. Desistira das escolas de dança na adolescência mas sempre ficava até o amargo fim de todas as festas de discoteca da escola. Desde o seu casamento, James deixara claro que dançar não “era a dele”, de modo que raramente surgia uma oportunidade para dançar. Agora, só numa ou outra festa de aniversário em *black tie*, ou num evento corporativo qualquer do banco de James onde houvesse uma pequena pista de dança e um DJ tocando uns poucos e despropositados sucessos de discotecas da década de 1980. Não era para valer. A ideia de existir um lugar onde ela poderia ter aulas de dança a menos de dez minutos de carro de sua casa não lhe saía da cabeça. Talvez arranjasse coragem para ir lá um dia.

O dia veio antes do que ela imaginava. Foi uns meses mais tarde. Tinham planejado ver um filme e James ligara para o celular dela no momento exato em que ela chegava ao cinema para avisar que não podia se ausentar do escritório. Do outro lado da rua, as luzes de néon da escola de dança piscavam para ela.

O salão por dentro era tão desleixado quanto parecia visto de fora. A pintura do teto estava descascada e, na altura da cintura de

uma pessoa, via-se uma marca de água de enchente contornando toda a sala, como se um dia tivesse estado cheia como um aquário gigantesco. O que talvez explicasse o inconfundível cheiro de mofo. Seis lâmpadas nuas pendiam do teto de fios de tamanhos diferentes e alguns cartazes anunciando *fiestas* espanholas pretendiam alegrar as paredes, embora seu aspecto gasto e desbotado só aumentasse a sensação de decadência. Sonia quase perdeu a coragem, mas um dos professores avistou-a junto à porta. Foi calorosamente recebida, e chegara bem na hora do início de uma das aulas.

Descobriu que logo pegava o ritmo. Antes do fim da aula, compreendeu que o movimento podia transformar-se em algo mais sutil, como uma virada do quadril, em vez da contagem meticulosa de uma sequência de passos. Duas horas depois, de rosto corado, saía para o ar frio da noite.

27

Por alguma razão que não teria sido capaz de contar a ninguém, Sonia sentia-se exultante. A própria música enchera-lhe a alma de satisfação. Ela estava transbordando — era a única maneira de descrever o que sentia — e inscrevera-se num curso sem hesitar. A dança empolgou-a mais e mais a cada semana. Às vezes, mal conseguia conter sua exuberância. Por uma hora e pouco depois de

terminada a aula, a disposição da dança ainda permanecia nela. Havia um certo encantamento em dançar. Bastavam uns poucos minutos para deixá-la num estado próximo ao êxtase.

Adorava tudo em seu compromisso da noite de terça-feira com Juan Carlos, o cubano atarracado de lustrosas botinas de bico fino. Adorava o ritmo, o ímpeto e como a música lembrava-lhe o sol e lugares de clima quente.

Sempre que necessário, o professor dava demonstrações dos passos complexos com sua mulher, ainda mais miúda do que ele, Marisa, e enquanto o faziam seus alunos, umas dez ou doze pessoas, ficavam em silêncio, numa admiração enlevada. Era a destreza dos passos e a facilidade com que se moviam que não deixavam a pequena plateia heterogênea esquecer por que ia lá todas as semanas. A verdade é que, na maioria das vezes, as mulheres dançavam umas com as outras. O mais velho dos dois únicos homens do grupo, Charles, fora certamente um bom dançarino quando jovem. Agora, com sessenta e muitos anos, seus passos ainda eram leves como plumas e ele conduzia sua parceira com firmeza e num ritmo impecável. Jamais errava um compasso e sempre assimilava todas as instruções que recebiam. Todas as vezes que Sonia dançava com ele, sabia que ele estava sonhando com sua

mulher que, segundo concluíra depois de uma conversa breve, morrera havia apenas três anos. Era corajoso, doce e cheio de vivacidade.

Para o outro, um homem de uns quarenta anos, recém-divorciado e ligeiramente acima do peso, as aulas de dança eram uma forma de encontrar mulheres. Apesar da animadora proporção de mulheres para cada homem, já estava achando aquela turma uma decepção, pois não havia ninguém ali que demonstrasse o menor interesse por ele. Toda semana, convidava uma mulher diferente para sair e tomar um drinque e, uma a uma, todas declinavam. Poderia ter alguma coisa a ver com a maneira como ele transpirava profusamente até durante as danças lentas. As moças ficavam muito mais contentes dançando umas com as outras do que de rosto colado com o desespero e uma grande massa transpirante.

28

No decorrer das semanas seguintes, Sonia teve de admitir que terça-feira era seu dia favorito, e a aula de dança, o compromisso imperdível de sua agenda. O que começou como uma distração transformou-se numa paixão. O porta-luvas do carro dela vivia literalmente abarrotado de CDs de salsa e, no percurso para o trabalho, ela se imaginava dançando enquanto dirigia. Toda semana,

voltava encalorada e entusiasmada com a alegria da aula. Nas ocasiões em que chegava antes em casa, James a recebia com um comentário condescendente e esvaziava o balão da euforia dela.

— Estava boa a sua aula de dança hoje? — perguntava, levantando os olhos do jornal. — Como se saíram as menininhas em seus *tutus*?

O tom de voz de James, embora simulasse uma zombaria, tinha um nítido traço de sarcasmo. Sonia tentava não se deixar provocar, mas sentia-se obrigada a fazer a crítica dele tomar outro rumo.

— É igual às aulas de *step*. Não se lembra? Eu ia muito a essas aulas uns dois anos atrás.

— Humm… lembro vagamente — vinha a voz por trás do jornal.

— Só não entendo por que você tem de ir toda semana.

Um dia, ela mencionou esse novo interesse à sua mais antiga colega de escola, Maggie. As duas tinham sido inseparáveis durante os sete anos em que frequentaram a mesma escola secundária, e vinte anos depois ainda eram quase tão próximas quanto naquela época. Encontravam-se várias vezes por ano para tomar uma bebida ou jantar à noite num bar. Maggie mostrou-se entusiasmada com as aulas de dança de Sonia. Podia ir também? Sonia podia levá-la? Sonia ficou mais do que satisfeita. Seria ainda mais divertido.

Os laços entre as duas tinham se formado aos onze anos e nunca se romperam. De início, o que as aproximou foi o fato de terem conseguido vagas na mesma escola secundária em Chislehurst, usarem o mesmo casaco azul-marinho que lhes irritava a pele do pescoço e as saias de flanela dura que produziam um ruído seco em torno de seus joelhos. Já no primeiro dia de aula, tinham sido colocadas juntas na quarta fila por causa de seus sobrenomes na lista de chamada: Sonia Haynes, pálida e baixinha, e Margaret Jones, alta e tagarela.

Daquele dia em diante, observaram e admiraram as muitas diferenças entre elas. Sonia invejava a atitude descontraída de Maggie com relação às tarefas escolares; e Maggie olhava com

admiração as anotações meticulosas e o capricho dos comentários dos textos de sua amiga. Maggie considerava a televisão em cores de Sonia a coisa mais maravilhosa do universo, mas Sonia seria capaz de trocá-la num instante pelos sapatos de saltos de plataforma que deixavam sua amiga usar. Sonia desejaria ter pais liberais como os de Maggie, que a deixavam ficar fora de casa até meia-noite, enquanto Maggie sabia que teria vontade de ir para casa mais cedo se houvesse lá um cachorro dormindo diante da lareira acesa. O que

quer que uma tivesse parecia desejável à outra.

Sob todos os aspectos, as vidas das duas não poderiam ser mais diferentes: Sonia era filha única e sua mãe já estava numa cadeira de rodas quando ela entrou para o ensino médio. A atmosfera em sua casa geminada, muito arrumadinha, era repressora. Por sua vez, Maggie morava numa casa caindo aos pedaços com quatro irmãos e pais condescendentes que pareciam nunca se importar se ela estava em casa ou não.

Na escola só para meninas, as atividades acadêmicas quase não absorviam a energia delas. Grupinhos, discotecas e namorados constituíam suas principais preocupações, e as confissões e confidências eram o oxigênio da amizade. Quando a mãe de Sonia foi finalmente derrotada pela esclerose múltipla que a vinha destruindo lentamente havia anos, Maggie foi a pessoa com quem Sonia chorou. Maggie praticamente se mudou para a casa da amiga e tanto Sonia quanto seu pai apreciaram sua presença. Ela aliviava a melancolia terrível do luto. Isso aconteceu quando as meninas estavam no segundo ano do ensino médio. No ano seguinte, foi a vez de Maggie passar por sua fase difícil. Ficou grávida. Seus pais não aceitaram bem a novidade e, pela segunda vez, Maggie foi morar com Sonia durante umas semanas até eles se acostumarem com a ideia.

Apesar de serem muito próximas, seguiram caminhos separados quando saíram da escola. O bebê de Maggie nasceu pouco tempo depois — nunca se soube quem era o pai, talvez nem a própria Maggie soubesse — e ela acabou ganhando seu sustento ensinando cerâmica em tempo parcial em um ou dois colégios e dando aulas noturnas. A filha, Candy, agora com dezessete anos, tinha recentemente começado a Escola de Belas-Artes. Num ambiente de iluminação moderada, com seus grandes brincos de argolas e estilo semiboêmio de vestir, podiam ser facilmente confundidas com duas irmãs. Num ambiente mais claro, certas pessoas se perguntariam, ao olhar para Maggie, por que uma mulher da idade dela ainda estaria usando roupas compradas em lojas de adolescentes. Embora seu

cabelo escuro, comprido e encaracolado fosse quase idêntico ao da filha, anos de cigarro tinham marcado seu rosto queimado de sol com rugas que revelavam sua verdadeira idade. Viviam juntas entre Clapham e Brixton, perto de uma fileira de lojas de miudezas e dos melhores restaurantes vegetarianos indianos fora de Nova Délhi.

O estilo de vida de Sonia, sua carreira de relações públicas, a casa bem-decorada e James eram totalmente estranhos a Maggie, que nunca disfarçara a preocupação com o fato de sua amiga ter se

casado com aquele sujeito “engomadinho”.

A vida de ambas podia ter seguido direções diferentes, mas geograficamente permaneceram próximas; suas casas ao sul do rio ficavam a apenas alguns quilômetros de distância uma da outra. Durante quase vinte anos tinham diligentemente lembrado os respectivos aniversários e fomentado a amizade com longas noitadas acompanhadas de algumas garrafas de vinho, quando contavam uma à outra todos os detalhes de suas vidas até a hora do bar fechar, depois iam embora e não se falavam durante semanas, às vezes meses.

Na primeira metade de sua aula experimental de salsa em Clapham, Maggie ficou sentada assistindo. O tempo todo acompanhou o ritmo com o pé e balançando de leve os quadris, sem despregar os olhos dos pés do professor enquanto ele demonstrava os passos daquela noite. Juan Carlos aumentou o volume da música e até as tábuas do assoalho pareceram vibrar com o ritmo persistente. Depois do intervalo de cinco minutos, em que todos beberam água em suas garrafinhas individuais e Sonia apresentou a velha amiga aos outros dançarinos, Maggie estava pronta para tentar os novos passos. Alguns dos alunos antigos pareciam não acreditar muito que alguém que não frequentara o curso antes pudesse entrar

no meio do período e conseguir acompanhar a aula; receavam que fosse atrasá-los.

O cubano segurou a mão de Maggie e, diante do espelho, conduziu-a na dança. O resto da turma assistia, vários deles torcendo para que ela se atrapalhasse. Mesmo com a testa franzida pela concentração, Maggie lembrava-se de cada movimento ou meia-volta que os outros tinham praticado naquela noite e não errou nenhum passo sequer. Houve uma onda de aplausos quando a dança terminou.

Sonia ficou impressionada. Levara semanas para chegar ao ponto em que Maggie chegara em meia hora.

31

— Como é que você conseguiu? — perguntou à amiga enquanto tomavam umas taças de Rioja no bar depois da aula.

Ela admitiu que aprendera um pouco de salsa uns anos antes numa viagem à Espanha e não esquecera a técnica básica.

— É como andar de bicicleta — comentou displicentemente —, depois que se aprende, nunca mais se esquece.

Bastaram algumas aulas e o entusiasmo dela superou até o de Sonia. Com poucos compromissos em sua vida, Maggie começou a frequentar um clube de salsa, onde dançava na penumbra com

centenas de outras pessoas até as cinco da manhã.

* * *

Em poucas semanas, Maggie completaria trinta e cinco anos.

— Vamos dançar na Espanha — anunciou ela.

— Que divertido! — disse Sonia — Você vai com Candy?

— Não, com você. Já comprei as passagens. Quarenta libras, ida e volta a Granada. Está resolvido. E marquei umas aulas de dança para nós durante a permanência lá.

Sonia imaginava perfeitamente como James iria receber aquilo, mas não havia como recusar a proposta de Maggie. Tinha certeza de que a amiga não se mostraria compreensiva caso deixasse transparecer qualquer hesitação. Maggie era uma pessoa independente e desinibida, que nunca compreendera como alguém podia abrir mão de sua liberdade de ir e vir. O mais importante para Sonia, porém, é que ela não queria recusar. A dança já era uma grande motivação em sua vida, viciara-se na sensação libertadora que proporcionava.

— Que maravilha! — disse. — E quando vai ser isso, precisamente?

A viagem seria dali a três semanas, para coincidir com o dia do aniversário de Maggie.

A frieza de James não a surpreendeu. Se já não apreciava o novo interesse da mulher em dançar, seu antagonismo intensificou-se quando ela comunicou a viagem para Granada.

— Está com jeito de festa da Luluzinha — disse ele num tom depreciativo. — Vocês estão um pouco velhas para esse tipo de coisa, não acha?

32

— Bem, Maggie deixou de lado em sua vida essa história toda de casamento, então deve ser por isso que está fazendo tanta questão de comemorar a data redonda de aniversário.

— *Maggie*… — Como sempre, James mal disfarçava seu desdém por Maggie. — Por que ela *nunca* se casou? Como todo mundo faz?

Ele conseguia entender o que Sonia via em seus amigos da universidade, nos colegas de trabalho e nos vários conhecidos que tinha perto da casa deles, mas sua atitude com relação a Maggie era diferente. Além de ser parte dos nebulosos e distantes tempos de escola de sua mulher, Maggie não se encaixava em nenhum dos nichos e não lhe entrava na cabeça por que Sonia mantinha contato com ela.

Longe do marido, sob o olhar compreensivo de uma reprodução barata da imagem da Virgem Maria, na sala de café da manhã do

hotel Santa Ana, Sonia percebeu que deixara de se preocupar com o que James pensava a respeito de sua amiga pouco convencional.

Maggie apareceu à porta, os olhos vermelhos de sono.

— Olá, desculpe o atraso. Será que ainda dá tempo para um café?

— Não, ou vamos perder o início da aula. É melhor irmos agora mesmo — decidiu Sonia, determinada a impedir qualquer outro adiamento que Maggie pudesse estar imaginando. À luz do dia, Sonia sentia que era ela quem tomava as decisões. À noite, sabia que podiam inverter os papéis. Sempre fora assim.

Saíram para a rua e foram surpreendidas pelo ar cortante. Havia pouca gente circulando: um punhado de pessoas idosas passeando com cachorros pequenos, o resto sentado em cafés. A maioria das lojas ainda estava escondida atrás de grades de metal, e só padarias e cafés mostravam sinais de vida, com o aroma tentador de massas adocicadas e de *churros* perfumando o ar. Muitos cafés já estavam tomados por uma névoa densa formada pelo vapor das máquinas de café e pelos cigarros. A maior parte da cidade só despertaria realmente dali a uma hora. Até então, madrugadores como Sonia e Maggie teriam as ruas estreitas praticamente para si.

Sonia quase não levantava os olhos do mapa, seguindo o

percurso sinuoso pelas passagens e corredores entre as ruas para guiá-las até seu destino. Cada etapa do caminho era assinalada pelas letras azuis das placas de cerâmica com os nomes das ruas, e o encanto musical desses nomes — Escuelas, Mirasol, Jardines —

levando-as cada vez mais para perto. Atravessaram uma praça que acabara de ser regada, chapinhando em poças de água e passando por uma magnífica banca de flores instalada entre dois cafés, com seus imensos buquês fragrantes e luminosos. O mármore liso do chão era gostoso de pisar e a caminhada de quinze minutos pareceu levar cinco.

— Chegamos — anunciou Sonia triunfante, dobrando o mapa e guardando-o no bolso. — *La Zapata*. É aqui.

Era um prédio feio e malcuidado. Camadas de pequenos cartazes tinham se acumulado ao longo dos anos nas paredes da fachada, um em cima do outro, colados nos tijolos apregoando noites de flamenco, tango, rumba e salsa pela cidade afora. Todas as cabines telefônicas, postes de luz e abrigos de pontos de ônibus na cidade pareciam ter sido usados para o mesmo fim, informando aos transeuntes sobre futuros *espactaculos*, um folheto colado sobre outro cujo evento anunciado muitas vezes ainda não se realizara. Uma colagem

caótica, mas que representava o espírito da cidade e a profusão de dança e música que era sua força vital.

O interior de La Zapata revelou-se tão desleixado quanto seu exterior. Não tinha nada de glamouroso. Não se tratava de um lugar de apresentações, mas de treino e de ensaio.

Quatro portas davam para o vestíbulo. Duas estavam abertas, duas, fechadas. Por detrás de uma destas vinha o som estrondoso de batidas de pés. Uma manada de touros em disparada numa rua não faria mais barulho. O som parou abruptamente e seguiu-se o de palmas ritmadas, como o gotejar de pingos de chuva depois de uma tempestade.

Uma mulher passou apressada por elas com ar resoluto e entrou num corredor sem iluminação. Os saltos e bicos com tachas de aço ressoavam — clip, clop, clip, clop — no piso de pedra, e escapou música de uma porta rapidamente aberta.

As duas inglesas pararam para ler os cartazes emoldurados anunciando espetáculos ocorridos décadas antes, meio inseguras sobre o que deveriam fazer em seguida. Por fim, Maggie conseguiu a atenção de uma mulher de cerca de cinquenta anos, esquelética e de olhar cansado, que aparentemente dirigia o lugar de um cubículo escuro dentro da recepção.

— Salsa? — disse Maggie, esperançosa.

Com um aceno indiferente, a mulher deu a entender que as vira.

34

— *Felipe y Corazón. Allí* — disse apontando enfaticamente para uma das portas abertas.

Foram as primeiras a entrar na sala de aula. Puseram as bolsas num canto e trocaram os sapatos.

— Estou curiosa para ver quantas pessoas vão chegar — observou Maggie, pensativa, enquanto afivelava as tiras dos sapatos, uma observação que não requeria resposta.

Um espelho ia de uma ponta a outra de um dos lados da sala e uma barra de madeira do outro. Era um espaço despojado, com janelas altas dando para uma ruela e, mesmo que o vidro não estivesse opaco de tão sujo, entrava pouca claridade no ambiente.

Um cheiro forte de cera vinha do assoalho de madeira escura, alisado por anos de desgaste.

Sonia adorava o leve cheiro de bolor que emanava das paredes daquela sala antiga, a maneira como as fendas entre as tábuas do assoalho tinham-se enchido de poeira, sujeira e cera. Reparou no cotão que se acumulara entre os segmentos dos aquecedores antigos e viu teias de aranha prateadas adejando suavemente no teto. Em

cada uma das camadas de poeira havia uma década da história do lugar.

Meia dúzia de outras pessoas entrou aos poucos na sala. Havia um grupo de estudantes noruegueses (moças, na maioria), todos alunos universitários de cursos relacionados à cultura espanhola, e surgiram em seguida alguns rapazes de cerca de vinte anos, todos espanhóis.

— Devem ser os chamados dançarinos de aluguel — cochichou Maggie para Sonia. — No folheto, dizem que eles os contratam para equilibrar o número de pessoas, formar pares.

Por fim, apareceram os professores. Felipe e Corazón tinham cabelos negros e eram esguios como gazelas, mas a pele castigada revelava que estavam bem entrados na faixa dos sessenta anos. Corazón ostentava fileiras de rugas profundas espaçadas com regularidade no rosto ossudo, talhadas não só pela passagem do tempo como pela expressividade e pela manifestação despudorada e exagerada de suas emoções. Sempre que sorria, ria ou contraía o rosto numa careta, sua pele pagava um preço por isto. Ambos estavam vestidos de preto, o que acentuava sua esbelteza e, contra o fundo branco da sala, pareciam silhuetas.

O grupo de doze pessoas espalhara-se, todos virados para os professores.

— *Hola!* — disseram eles em uníssono, sorrindo largamente para o grupo alinhado diante deles, cheio de expectativa.

— *Hola!* — respondeu o grupo em coro, como uma turma disciplinada de garotos de seis anos.

Felipe segurava um aparelho de CD, que pousou no chão.

Apertou o botão *play* e o ambiente se transformou. O som alegre de um trompete fazendo a introdução cortou o ar. A turma imitou de imediato os movimentos de Corazón. Ela não precisou dizer uma palavra sequer, era simplesmente óbvio o que pretendia que fizessem. Durante algum tempo, a turma aqueceu um pouco os músculos, virando punhos e tornozelos, flexionando os calcanhares, alongando pescoços e ombros e girando os quadris, sempre com os olhos fixos nos professores, fascinada por seus corpos finos como palitos.

Apesar de terem crescido na tradição do flamenco, Felipe e Corazón viam para que lado soprava o vento. Em termos de ensino, a salsa, dança de origem cubana, era mais comercial e interessaria mais um público não muito tentado pela intensidade dramática do flamenco. Alguns dançarinos da mesma faixa de idade deles ainda se

apresentavam em espetáculos, mas Felipe e Corazón sabiam que não podiam tirar o sustento daquilo. A estratégia dera certo. Aprenderam a salsa e criaram novas coreografias, atraindo para suas aulas muitos granadinos e também estrangeiros. Gostavam da salsa; era mais superficial, exigia menos emocionalmente do que sua verdadeira paixão, tal como um xerez leve comparado com um Rioja encorpado.

Durante uns anos houvera uma onda constante de pessoas querendo aprender salsa e Felipe e Corazón, maduros e experientes como eram, não tiveram dificuldade em se tornar especialistas na dança. Com uma breve demonstração dos passos, o casal era capaz de dançar qualquer dança neste mundo. Da mesma forma como há músicos perfeitamente afinados que são capazes de escutar uma melodia complexa e em seguida repeti-la sem errar uma nota sequer, depois repeti-la uma segunda vez com variações e inversões, assim eram aqueles dois. Eram capazes de assistir num dia a uma sequência de passos e no dia seguinte já dominá-la, tendo observado uma única vez os papéis masculino e feminino.

36

A aula de salsa propriamente dita então começou. Corazón era quem mais gritava. Ouvia-se sua voz acima da música e até do som

estridente do trompete de jazz que acompanhava a melodia da salsa.

— *Y un, dos, tres! Y un, dos, tres!* E clap! Clap! Clap! E clap! Clap! Clap! E…

Lá ia ela. Repetindo, repetindo, repetindo a batida até que não lhes saísse mais da cabeça e invadisse seus sonhos. Cada passo que os alunos aprendiam era recebido com incentivo e entusiasmo enormes.

— *Eso es!* Isso!

Quando chegava a hora de ir adiante ou experimentar algo novo, Felipe gritava:

— *Vale!* Muito bem!

E começava a demonstração da variação seguinte, ou *vuelta*.

— *Estupendo!* — exclamavam os professores, sem se encabularem com a hipérbole.

Entre as tentativas de cada novo passo, as mulheres trocavam de parceiro, de modo que no final da primeira metade da aula tinham dançado com todos os dançarinos de aluguel. Embora nenhum deles falasse inglês, todos os rapazes dominavam com fluência a linguagem da salsa.

— Adoro isto — disse Maggie ao cruzar com Sonia na pista de dança.

Sonia refletiu que, dançando, Maggie revelava seu verdadeiro eu. Parecia realmente feliz sendo passada para lá e para cá pelo corpo de um homem, sua mão descendo pela nuca dele de acordo com uma instrução precisa dada por ele. Um gesto breve dele de dispensa com a mão era o que bastava para fazê-la girar. Maggie reagia de imediato, sem hesitação. Sonia observou a amiga ser usada para demonstrar uma sequência complexa de passos e achou estranho Maggie revelar-se tão atraída por uma dança em que o homem desempenhava um papel totalmente dominante. A feminista ferrenha que gostava de controlar tudo parecia contente por estar sendo obrigada a rodopiar.

Maggie foi elogiada pelos professores, e uma expressão que Sonia lembrava dos tempos da escola passou pelo rosto da amiga, um ar de leve surpresa acompanhado de um largo sorriso de prazer.

37

Houve um intervalo, quando surgiram grandes jarras de água gelada, servida em copos plásticos. O ambiente da sala estava abafado, e todos beberam com vontade enquanto se estabelecia uma conversa de frases curtas e formais entre as pessoas de diferentes nacionalidades.

Depois de saciarem a sede, as duas inglesas saíram da sala para

ir ao banheiro. Sonia reparou na enorme quantidade de rabiscos, principalmente os muitos conjuntos de iniciais, entalhados com força na madeira antiga. Alguns dos riscos estavam quase gastos de tão velhos, outros eram recentes, estes ainda mantendo a cor de carne fresca. Um conjunto de letras particularmente enfeitado lembrava um entalhe de igreja, uma obra de arte. Fora decerto feito com prazer, o trabalho de esculpir sulcos tão fundos naquelas portas sólidas. Quem se dedicara àquela tarefa não estava expressando com displicência uma paixão fugaz mas fazendo uma declaração de um sentimento de verdade, duradouro. “J–M”. As portas pesadas jamais apagariam aquela manifestação de afeto até que fossem arrancadas de suas dobradiças e transformadas em lenha.

Ao voltarem para o corredor, passaram por fora da sala de aula, onde os cartazes emoldurados se acotovelavam. Felipe e Corazón apareciam num deles. O estilo das letras situava-o por volta de 1975 e anunciava um espetáculo de flamenco.

— Olhe, Maggie, é um retrato de nossos professores!

— É mesmo! O tempo foi cruel para eles!

— Não mudaram tanto assim — defendeu-os Sonia. — Continuam praticamente com o mesmo corpo.

— Mas aqueles pés de galinha, ela não tinha nenhum nessa

época, não é? — comentou Maggie. — Acha que nos mostrariam um pouco de flamenco? Ensinariam como bater os pés? Tocariam as castanholas para nós?

Maggie não esperou a resposta. Num instante, estava dentro da sala de aula, gesticulando para os professores, explicando o que desejava que fizessem.

Sonia observava-a, parada à porta.

Finalmente, Felipe encontrou umas palavras em inglês:

— O flamenco não pode ser ensinado — disse com voz gutural. — Está no sangue, e só no sangue cigano. Mas vocês podem

experimentar, se quiserem. Vou mostrar-lhes um pouco quando a aula terminar.

A afirmação continha um desafio.

Durante a hora seguinte, eles repetiram os movimentos da primeira metade da aula e então, quinze minutos antes do fim, Felipe bateu palmas.

— Agora, flamenco — disse.

Andou empertigado para o aparelho de CD, folheou rapidamente sua pasta de músicas e tirou com cuidado o que desejava. Enquanto isso, Corazón trocava os sapatos num canto, agora com saltos

pesados e solas chapeadas.

A turma recuou, em silenciosa expectativa. Ouviram palmas confrontando palmas e o som baixo de tambores. Tudo sombrio e muito diferente do som alegre e despreocupado da salsa.

Com passos largos, Corazón veio postar-se diante do grupo. Era como se não soubesse mais que estavam ali. Quando soou uma guitarra, ela levantou um braço, depois o outro, os dedos sinuosos abrindo-se como pétalas de flor. Por mais de cinco minutos, bateu os pés numa sequência complexa de calcanhar e ponta, calcanhar e ponta, que se acelerou numa vibração estrondosa até parar por completo, com um “BANG” final e decisivo de seu sapato duro na madeira sólida do assoalho. Além de uma dança, foi uma exibição virtuosística de força e de destreza técnica empolgantes, mais impressionante ainda por causa da idade dela.

Exatamente no mesmo compasso que ela parou, um gemido emanou das caixas de som e, fantasmagórico, envolveu todas as pessoas presentes, uma voz masculina vinda do fundo da garganta que parecia expressar a mesma angústia do rosto de Corazón durante sua dança.

Pouco antes de ela parar, Felipe começara a dançar e durante alguns segundos imitou os movimentos da mulher, provando à

plateia que aquela dança não era puro improviso mas sim uma peça de coreografia bem ensaiada. Agora Felipe ocupava o lugar dela no centro da pista de dança. De quadris estreitos, arqueando as costas esguias num “C”, Felipe se deteve brevemente na pose antes de girar e iniciar uma série de passos em que batia os pés no chão. O som do metal na madeira reverberava nas paredes espelhadas. Seus movimentos eram ainda mais sensuais do que os da mulher, e sem dúvida mais coquetes. Era como se estivesse flertando com a turma,

as mãos percorrendo seu corpo de alto a baixo, os quadris balançando numa direção depois na outra. Sonia estava paralisada. Como se estivesse competindo com Corazón, executou uma sequência de passos ainda mais complexa, todas as vezes tocando o chão precisamente no mesmo ponto como por milagre, a música abafada pelo martelar de seus pés. A paixão que havia naquilo era extraordinária e não parecia vir de lugar nenhum.

A pose de encerramento de Felipe, com os olhos voltados para o teto, um braço envolvendo as costas, o outro lançado à frente do corpo, era de pura arrogância. Do fundo da sala, uma voz baixa disse “Olé”. Era Corazón; até ela ficara emocionada com a exibição do marido, com sua concentração total no momento. Fez-se silêncio.

Depois de uns instantes, Maggie interrompeu-o aplaudindo com arrebatamento. O resto do grupo bateu palmas, porém com menos entusiasmo.

Felipe abriu um sorriso, todos os vestígios de arrogância dissiparam-se. Corazón dirigiu-se para a frente da plateia e desafiou-a.

— Flamenco? Amanhã? Vocês querem? — indagou, num sorriso que revelou dentes amarelados.

Algumas das moças norueguesas, meio constrangidas pela demonstração de emoção em estado bruto, viraram-se para conversar umas com as outras; enquanto isso, os dançarinos de aluguel olhavam para o relógio para verificar se o expediente estava quase acabando. Não tinham planejado trabalhar horas extras.

— Sim — respondeu Maggie. — Eu quero.

Sonia sentiu-se pouco à vontade. Flamenco era muito diferente de salsa. Considerando o que vira nas últimas doze horas, era um estado de espírito emocional tanto quanto uma dança. Salsa era algo despreocupado, uma válvula de escape dos sentimentos e, além disso, era o que tinham vindo aperfeiçoar.

Àquela altura o resto da classe já se dispersara e Sonia precisava de ar puro.

— *Adiós* — despediu-se Corazón, arrumando sua bolsa. — *Hasta luego.*

40



CAPÍTULO 4

Uma hora da tarde. Os arredores da academia de dança não tinham nada de atraente, e a prosaica rua transversal onde elas estavam pouco oferecia além de um depósito de peças de automóvel e um chaveiro. Ao chegarem ao fim da ruazinha sombreada e saírem na via principal, a atmosfera mudou e viram-se ofuscadas pela claridade intensa do sol e atordoadas pela cacofonia insana do tráfego da hora do almoço, paralisado.

Os bares e cafés estavam apinhados de operários, de estudantes e de todos os que moravam fora da cidade, longe demais para irem em casa fazer a sesta de depois do almoço. Todas as outras lojas — quitandeiros, papelarias e a profusão de salões de cabeleireiro —

estavam firmemente fechadas outra vez, tendo permanecido abertas apenas por algumas horas desde que Maggie e Sonia tinham passado por elas. As portas de metal só seriam levantadas depois das quatro.

— Vamos parar neste aqui — sugeriu Maggie diante do segundo café que encontraram. O La Castilla tinha um bar comprido revestido de aço inoxidável e várias mesas de um dos lados da sala, todas ocupadas, menos uma. As duas inglesas dirigiram-se rapidamente para ela.

Os odores combinados eram intensos e formavam o aroma característico da rotina diária de um café espanhol: cerveja, *jamón*, cinzas velhas de cigarro, o cheiro ligeiramente acre de queijo de cabra, um vestígio do aroma de anchovas e, pairando acima de tudo, o cheiro forte de café recém-moído. Uma fileira de operários uniformizados com guarda-pós azuis ocupava o bar, indiferentes a tudo o mais que não fossem os pratos diante de si. Estavam empenhados em satisfazer sua fome. Quase simultaneamente, pousaram seus garfos e as mãos desajeitadas pegaram os maços de cigarros fortes, produzindo um cogumelo de fumaça ao serem acesos.

Nesse meio-tempo, o dono da casa preparava uma fileira de *cafés solos.* Era um ritual diário para todos eles.

Só depois sua atenção voltou-se para as novas clientes.

— *Señoras* — disse, aproximando-se da mesa das duas moças.

Elas leram o menu no quadro atrás do bar e pediram enormes *bocadillos* tostados recheados de sardinhas. Sonia observou o proprietário do bar prepará-los. Numa das mãos, segurava uma faca, na outra, um cigarro. Um número de malabarismo impressionante, e ela assistiu fascinada ao homem tirar com uma concha a polpa de tomate de uma tigela, esparramá-la nos grandes pedaços de pão, depois pescar sardinhas numa lata do tamanho de um balde, o tempo todo dando tragadas em seu cigarro Corona. Se o processo não foi muito convencional, o resultado final não desapontou nem um pouco.

— O que achou da aula? — perguntou Sonia, entre uma mordida e outra.

— Os professores são maravilhosos — respondeu Maggie. — Adorei os dois.

— São estimulantes, não acha? — concordou Sonia.

Precisou elevar a voz acima do retinir de moedas caindo de um caça-níqueis próximo à mesa delas. Desde o momento em que entraram, vinham escutando o ruído constante da máquina de espremer frutas, e agora um dos clientes do café recolheu satisfeito

um punhado de moedas, guardou-as no bolso e foi embora assobiando.

Sonia e Maggie comeram com avidez, estavam famintas. Viram os operários saírem do bar, deixando atrás de si uma cortina de fumaça e dezenas de pequeninos guardanapos de papel amassados e displicentemente espalhados pelo chão como uma tempestade de neve.

— O que imagina que James acharia de tudo isto? — perguntou Maggie.

— O quê? Deste lugar? — respondeu Sonia. — Muito sujo. Muito vulgar.

— Não, estou me referindo à dança — explicou Maggie.

— Você sabe o que ele acharia. Que é tudo uma bobagem, um capricho meu — replicou Sonia.

— Não sei como você o aguenta.

Maggie sempre atacava de frente. Sua antipatia declarada por James quase levava Sonia a assumir a defesa dele, mas não queria realmente pensar no marido naquele dia e mudou depressa de assunto.

— Meu pai, ao contrário, adorava dançar. Só descobri isso há

algumas semanas.

— É mesmo? Não me lembro de nada relacionado com a dança quando éramos pequenas.

— Bom, naquela época já não havia mais nada realmente, por causa da doença de mamãe.

— Ah, claro — disse Maggie, meio sem jeito. — Tinha esquecido disso.

— Na última vez em que estive com ele — continuou Sonia —, ficou tão entusiasmado com minhas aulas de salsa que quase compensou meu aborrecimento com o desdém de James.

As visitas de Sonia a seu pai idoso geralmente eram programadas para os dias em que James jogava golfe. Parecia uma boa oportunidade, considerando-se que os dois homens tinham pouco em comum sobre o que conversar. Diferentemente dos pais de James, a quem uma visita envolvia uma viagem de três horas para fora de Londres, botas de cano alto na bagagem, vez por outra um traje formal para jantar e uma estada imprescindível de uma noite, o pai de Sonia morava a apenas meia hora de distância de carro, nos arredores de Croydon.

Era sempre com uma sensação de culpa que Sonia tocava a campainha do apartamento dele, uma das vinte unidades num

prédio sem graça dos anos 1950. A cada visita, tinha a impressão de que era maior o intervalo de tempo entre o som do interfone e a abertura da porta externa, que dava para o corredor do condomínio, de paredes pintadas de verde pálido e piso sem carpete. Ao entrar, vinha o cheiro de desinfetante enquanto ela subia para o segundo andar do prédio, e a essa altura Jack Haynes já estaria parado junto à sua porta pronto para receber a filha única.

Sonia lembrou-se daquela última visita e do sorriso largo no velho rosto redondo de setenta e oito anos ao vê-la surgir. Naquela ocasião, ela abraçou o corpo robusto do pai e beijou sua testa sardenta, prestando atenção para não desalinhar as poucas mechas

restantes de cabelo prateado, que ele penteara com cuidado para trás por cima da careca.

— Sonia! — exclamou ele, num tom caloroso. — Que bom ver você!

— Olá, papai — disse ela, apertando-o num abraço mais forte.

Uma bandeja com pires e xícaras, uma jarrinha de leite e um pratinho de biscoitos Rich Tea já estavam arrumados numa mesa baixa na sala de estar, e Jack insistiu para que Sonia se sentasse enquanto ele ia à cozinha buscar o bule de chá, que chacoalhou

barulhento até a mesa. O líquido claro saiu pelo bico e derramou-se no tapete, mas ela sabia que não deveria perguntar se ele precisava de ajuda. Rituais assim preservavam a dignidade da velhice.

Enquanto o pai segurava o coador de chá em cima da xícara e o líquido castanho escorria através dele, Sonia iniciou as perguntas de sempre.

— Então, como vai indo…

A pergunta foi interrompida pelo barulho de um trem passando a poucos metros da parede dos fundos, causando tanta vibração que jogou no chão e espatifou um vaso pequeno de cacto que estava no peitoril da janela.

— Ah!, que amolação — queixou-se o velho, levantando-se com esforço. — Acho que esses trens têm passado com mais frequência, sabe.

A pá de lixo e a vassoura foram apanhadas, a terra seca, o cascalho e os pedaços de cacto foram pacientemente juntados e compactados outra vez dentro do vaso de plástico, e só então a conversa recomeçou. Os assuntos eram os habituais: o que Jack fizera nas duas últimas semanas, o que o médico dissera sobre sua artrite, quanto tempo teria de esperar pela cirurgia de colocação de prótese no quadril, o passeio que ele fizera recentemente a Hampton

Court na companhia das outras pessoas que frequentavam o centro de cuidados diurnos e a descrição de um enterro a que comparecera, de um velho conhecido das Forças Armadas. Este último evento aparentemente fora o ponto alto do mês, pois os velórios nos salões públicos dos vilarejos do país inteiro proporcionavam uma oportunidade bem-vinda de reunir aqueles que ainda sobreviviam, com horas de reminiscências e um farto chá.

Sonia fitava o pai enquanto escutava suas histórias alegres. Sentado na poltrona eletronicamente ajustável, um presente dela e

de James pelo seu aniversário de setenta e cinco anos, ele parecia confortável mas ao mesmo tempo deslocado naquele ambiente, que tinha a impessoalidade da sala de espera de uma estação de trem. Tudo tinha uma aparência de coisa provisória, a não ser pela incongruente mobília eduardiana da qual ele não quisera se desfazer ao se mudar da casa anterior para lá. Aquelas peças pesadas de mogno escuro eram um vínculo com o último lugar onde vivera com a mãe de Sonia, e, apesar de não serem nada práticas — um aparador que monopolizava a sala de estar e uma escrivaninha tão grande que bloqueava metade da janela do quarto de dormir, por si só bastante sombrio —, ele se recusava a separar-se delas, assim

como da floresta de clorófitos que atravancava as superfícies empoeiradas.

Após o pai lhe transmitir as manchetes de sua vida das últimas semanas, chegou a vez de Sonia. Ela sempre achava isso difícil. As maquinações do mundo de relações públicas seriam incompreensíveis para alguém que havia trabalhado como professor a vida toda, de modo que ela falava o mínimo possível do trabalho e costumava tratar o assunto como se estivesse fazendo publicidade, um mundo muito mais fácil de assimilar por um forasteiro àquele meio. Sua vida social seria igualmente estranha para ele. Naquela última visita, porém, ela lhe falou das aulas de dança que começara a frequentar, e o entusiasmo que ele demonstrou pegou-a de surpresa.

— Que danças exatamente você está aprendendo? Quem são seus professores? Que tipo de sapatos você usa? — perguntou.

Sonia manifestou surpresa ao ver o quanto seu pai sabia.

— Sua mãe e eu costumávamos dançar bastante durante nosso namoro e no início de nossa vida de casados — contou ele. — Nos anos 1950, todo mundo fazia isso! Era como se estivéssemos comemorando o fim da guerra.

— Vocês dançavam com regularidade?

— Ah, pelo menos duas vezes por semana. Sempre aos sábados e mais uma ou duas noites.

Ele sorriu para a filha. Jack adorava as visitas de Sonia e sabia que devia ser bem difícil para ela encaixá-las em sua agenda cheia. O que sempre procurava evitar, entretanto, era falar demais sobre o passado. Os filhos talvez achassem cansativo ter de escutar seus

pais relembrarem os dias idos e ele sempre tivera o cuidado de não fazer tal coisa.

— Mas dizem que as melhores coisas da vida são gratuitas, não é? — acrescentou ele, sorridente, na esperança de que mesmo com aquela casa linda e o carro de luxo ela ainda soubesse disso.

Sonia assentiu, balançando a cabeça.

— É que mal posso acreditar que nunca tive conhecimento desse hábito de vocês.

— Bem, acho que paramos de sair para dançar logo depois que você nasceu.

A mãe morrera quando Sonia tinha dezesseis anos, e ela estava espantada por jamais ter sabido coisa alguma a respeito daquele aspecto da vida deles. Como a maioria dos filhos, não gastara muito do seu tempo pensando no que os seus pais faziam antes de ela chegar, e sua curiosidade nunca fora muito estimulada.

— Não se lembra de quanto você mesma dançava quando era pequena? —perguntou ele. — Costumava ir dançar todas as tardes de sábado. Olhe aqui!

Jack procurou na escrivaninha e encontrou umas fotografias. A do alto da pilha mostrava Sonia, pálida e circunspecta, vestida com um *tutu* branco debruado com fita, diante da lareira da casa de sua infância. Sonia interessou-se mais pelas outras, em que seus pais apareciam dançando em várias ocasiões. Numa delas, via-se o casal, o pai com uma aparência não muito diferente da atual mas um tanto menos calvo, mostrando seu cabelo claro, e a mãe, ereta, elegante, o cabelo negro puxado num coque firme. Seguravam um troféu e, no verso, estava escrito a lápis: “1953: Tango, 1° lugar.” Havia diversas outras, a maioria tirada em competições de dança.

Sonia segurou uma fotografia em cada mão.

— Esta aqui é mesmo a mamãe?

Em sua memória, ela era frágil, estava quase sempre acamada e tinha cabelos prateados. Aqui, aparecia vibrante, forte e, o mais impressionante para Sonia, aprumada. Não era fácil alterar a imagem que guardara da mãe por tanto tempo.

— Todo mundo dançava direito naquela época — garantiu Jack.

— Aprendíamos os passos certos e dançávamos juntos, não como as pessoas fazem hoje.

46

Aquelas fotos evocavam emoções fortes para Jack, e, enquanto ele contemplava em silêncio a sua própria imagem, voltaram-lhe as lembranças de como ele e Mary nem sempre dançavam de acordo com as regras. A regra é que o homem é quem guia o par, mas nem sempre era assim no caso deles. Em meio à sutileza de seus movimentos, fosse dançando tango, rumba ou *paso doble*, Jack sabia quando Mary queria ser guiada e, através da leve pressão que ela fazia em seu braço, tinham desenvolvido uma forma de comunicação. Ela controlava totalmente os movimentos de ambos. Por ter dançado desde o momento em que começou a andar até suas pernas começarem a perder a capacidade de levá-la, não poderia ser de outra maneira.

Jack encontrou mais um envelope abarrotado de fotografias.

Todas mostravam ele e a mulher numa pose rígida e, no verso, a data e a dança que lhes dera um prêmio.

— O que foi feito de todos esses vestidos lindos? — Sonia não se conteve e perguntou.

— Acho que todos foram doados para lojas de caridade quando ela parou de dançar — respondeu Jack. — Ela não suportava vê-los dentro do guarda-roupa.

Apesar de Sonia estar surpresa por ter descoberto aquela parte tão significativa da vida de seu pai, uma parte que nunca sequer desconfiara existir, sabia sem que fosse preciso perguntar por que tinham de fato parado de dançar e por que nunca tocavam no assunto. Sua mãe fora diagnosticada com esclerose múltipla durante a gravidez e, pouco tempo depois, estava presa a uma cadeira de rodas.

Sonia gostaria de passar o resto do dia perguntando mais coisas ao pai, mas percebeu que talvez já tivesse feito perguntas demais. Ele já colocara as outras fotografias de volta no envelope.

Havia apenas uma ainda virada para baixo sobre a mesinha, e ela a desvirou antes de entregar ao pai. Mostrava um grupo de crianças vestidas com casacos de malha tricotados à mão. Duas

estavam sentadas em cima de um barril e outras duas encostadas nele. Os sorrisos eram forçados. Um conjunto de mesas ao fundo dava a entender que a foto havia sido tirada no exterior de um café e o calçamento de pedras arredondadas indicava que aquele lugar ficava no continente europeu.

— Quem são essas crianças? — ela perguntou.

47

— Gente da família de sua mãe — respondeu ele, sem oferecer mais nenhuma informação.

Estava na hora de Sonia ir embora. Ela e o pai se abraçaram.

— Até logo, querida, foi ótimo ver você — disse ele, sorridente. — Divirta-se com a sua dança.

Voltando para casa naquela tarde, a mente de Sonia encheu-se de imagens de seus pais deslizando por uma pista de dança. Quem sabe a descoberta do interesse deles pela dança explicasse por que ela não conseguia mais imaginar a vida sem suas aulas.

* * *

Sonia mantivera-se calada por alguns minutos, mastigando seu almoço no café de Granada, com farelos de pão e massa de tomate espalhados na mesa em torno dela. Quando levantou os olhos, deu com uma série de pinturas a óleo baratas representando mulheres de

vestidos compridos com babados exagerados. Uma imagem estereotipada da Espanha, mas para a qual todos os restaurantes e cafés da cidade contribuíam.

— Estava falando sério quando disse a eles que quer aprender flamenco? — perguntou Sonia a Maggie.

— Estava.

— Mas não achou que parece complicado?

— Só pretendo aprender o básico — disse Maggie, com ar seguro.

— O que quer que isso signifique.

Sonia tinha a impressão de que não havia nada de "básico" no flamenco. Aquela dança possuía sem dúvida uma cultura própria, e sentiu-se levemente irritada por Maggie não ter percebido isso.

— Por que você é tão contrária à ideia? — disparou Maggie.

— Não sou contrária coisa nenhuma — retrucou Sonia. — Só acho que é mais ou menos como um inglês que vem para cá de férias numa excursão turística barata e pergunta se pode aprender a ser toureiro. Tenho a impressão de que é impossível.

— Ótimo. Mas se você não quer aprender, não quer dizer que eu não possa, não é?

A harmonia entre as duas raramente se rompia daquela maneira, e quando aconteceu, o fato pegou ambas de surpresa. Sonia não

conseguia explicar a si mesma por que a atitude de Maggie e a

presunção dela de poder penetrar a camada exterior daquela cultura a irritavam tanto, mas considerava aquilo uma falta de respeito.

Acabaram de comer em silêncio, o qual Maggie acabou quebrando.

— Quer café? — perguntou, para desanuviar a atmosfera.

— *Con leche* — respondeu Sonia com um sorriso. Não podiam ficar aborrecidas uma com a outra por muito tempo.

A luz do sol do meio da tarde ia se transformando num rubor cor de ocre, e Sonia e Maggie voltaram para o hotel. As ruas agora estavam em completo silêncio; o tráfego desaparecera e as lojas continuavam deliberadamente fechadas. Também elas seguiriam o costume espanhol e iriam se deitar por algumas horas para a *siesta* vespertina. Sonia dormira muito pouco na noite anterior e estava começando a sentir-se exausta.

Embora as cortinas filtrassem apenas uma fração da luz, nada teria impedido Sonia de cair num sono profundo naquela tarde. O som das buzinas dos carros, o uivo de uma sirene da polícia e portas batendo no corredor normalmente bastariam para acordá-la, mas durante várias horas ela ficou num estado de bem-aventurada

inconsciência.

Quando acordaram, caía o crepúsculo e não havia mais luz entrando no quarto. Uma grande falha do hábito da sesta, a pessoa ter de levantar da cama exatamente quando o início da penumbra diz ao seu corpo e à sua mente que está na hora de se deitar.

Agora era Sonia quem não conseguia se mexer e Maggie quem pulava da cama.

— Vamos, Sonia, está na hora de sair!

— Sair? Para onde?

Meio adormecida, os olhos inchados, confusa e num estado de atordoamento de quem ainda não despertou, ela não se lembrava muito bem de onde estava.

— Para isso é que estamos aqui, não é? Para sair para dançar?

— Dançar? Humm…

O corpo de Sonia ainda estava pesado, com a necessidade de dormir não totalmente satisfeita. Sua cabeça latejava. Ouvia Maggie no chuveiro, cantando, assobiando, cantarolando, sua *joie de vivre*

quase explodindo através da parede do banheiro. Sonia não tinha ânimo para dançar naquela noite.

Maggie voltou para o quarto, o cabelo enrolado num turbante

alto, a segunda toalha apertando-lhe os seios, a pele escura do colo e dos ombros nus em contraste com o branco da toalha. Sonia observou-a. Havia algo de majestoso, até de escultural, naquela mulher. Maggie continuou a cantarolar baixinho enquanto se vestia, colocando a calça jeans, uma blusa branca com babados e afivelando um cinto largo de couro. O rosto brilhava, corado pelo calor do chuveiro e das poucas horas de sol a que tinham ficado expostas durante o dia. Parecia perdida em seus próprios pensamentos, como se tivesse esquecido que Sonia estava ali.

— Maggie?

Ela se virou e sentou-se na beirada de sua cama, tentando pôr nas orelhas seus brincos de argola.

— Sim, o que é? — respondeu, a cabeça inclinada para um lado.

— Vai ficar chateada se eu não sair hoje?

— Claro que não. Mas é uma pena. Afinal, viemos para cá para dançar…

— Eu sei. É que estou me sentindo completamente moída. Prometo que amanhã saio com você.

Maggie continuou a se aprontar, borrifando perfume, pintando os olhos com um delineador negro como carvão, acentuando os cílios compridos com camadas de rímel.

— Tem certeza de que não se importa de sair sozinha? — Sonia acrescentou ansiosa.

— O que pode acontecer de ruim? — riu Maggie. — Todo mundo aqui é mais baixo do que eu. Portanto, sempre posso sair correndo, se for preciso.

Sonia sabia que Maggie não estava brincando, e que enfrentava qualquer um. Não havia a menor necessidade de se preocupar com a segurança dela. Maggie era a mulher mais independente que ela conhecia.

Sonia continuou a cochilar. Às nove e meia, Maggie estava pronta para sair.

— Vou comer alguma coisa no caminho. Tem certeza de que não quer vir comigo?

— Não, sinceramente. Quero somente pôr o sono em dia. Vejo você amanhã de manhã.

Sonia desfrutou uma segunda noite de tranquilidade em sua cama de solteiro. Os ruídos continuavam a vir flutuando da rua, mas havia um silêncio mágico no espaço do quarto. Era uma delícia saber que estaria ali sozinha, que ninguém perturbaria sua paz de espírito. Muito diferentes daquelas noites em que ia cedo para a cama,

cansada de um longo dia no escritório, e então ficava deitada, tensa, perguntando-se a que horas James chegaria em casa. Uma ou duas vezes por semana, ele entrava cambaleando às três ou quatro da manhã, e os vidros da porta da frente estremeciam com o impacto quando ele a fechava com força. Depois ele subia as escadas tropeçando e desmoronava na cama sem mudar a roupa, a boca exalando as emanações dos excessos daquela noite. Não era o sexo — rápido, bruto e facilmente esquecido — que às vezes acontecia quando ele se encontrava nesse estado o que causava nela mais aversão. Era o cheiro azedo de bebida que lhe dava ânsias de vômito de tanto nojo. Um fedor que a repugnava mais do que qualquer outro no mundo, e ela se retraía, afastando-se da grande e sombria massa informe deitada ao seu lado, cujos roncos atroavam na calma da noite. Nas manhãs seguintes, não havia qualquer referência ao estado de embriaguez. James tinha a capacidade de se levantar às seis sem ao menos uma ressaca, tomar um banho de chuveiro, vestir seu uniforme característico do centro financeiro de Londres e sair para o trabalho com a mesma pontualidade de todos os outros dias. Como se nem notasse que algo fora do comum acontecera. Ninguém mais notava, aliás. No livro de fotos do casamento, eles formavam o casal perfeito. Era uma história contada para uma plateia.

Agora, deitada à meia-luz do quarto, sentiu o estômago contrair-se ao lembrar como tudo aquilo era nauseante. Virou-se de lado e logo sentiu o frio das lágrimas molhando o travesseiro. Aquela noite era para ser sossegada, para pôr o sono em dia, e não para se torturar com recordações de tudo o que estava errado. Acabou dormindo um sono intermitente e, num dos momentos em que abriu os olhos, viu que a cama de Maggie ainda estava desocupada.

Às três da manhã, quando ia adormecendo novamente, o ruído da chave na fechadura despertou-a.

— Ainda está acordada? — sussurrou Maggie.

— Sim — grunhiu Sonia. Mesmo que estivesse dormindo, a barulheira que Maggie fez ao entrar no quarto a teria acordado.

51

— Tive uma noite sensacional — disse Maggie, entusiasmada, acendendo a luz do teto e ignorando o humor da amiga.

— Bom para você — respondeu Sonia, a voz mal disfarçando o aborrecimento.

— Não fique mal-humorada. Você poderia ter vindo comigo!

— Eu sei, eu sei. Devia mesmo ter ido, já que não dormi nada.

— Você está é com medo de soltar as amarras — disse a outra, dando um puxão na faixa que prendia o próprio cabelo e, como se

quisesse ilustrar a metáfora, deixando a cabeleira espessa e ondulada cair sobre os ombros. — Não vamos passar muitas noites aqui e você deveria sair. Por que cargas-d’água não saiu?

— Por uma porção de razões. Para início de conversa, não danço bem o suficiente.

— Isso é uma bobagem completa — disse Maggie. — E mesmo que ainda não dance tão bem, logo vai dançar.

Com essa afirmação categórica, ela apagou a luz e, nua, atirou-se na cama.

52



CAPÍTULO 5

Apesar da noite insatisfatória de sono agitado, Sonia levantou-se cedo na manhã seguinte. O quarto mal-arejado deixara-a com dor de cabeça, ela ansiava por sair. Além do mais, estava com fome.

A aula de dança seria somente à tarde e, como Maggie

certamente ficaria desmaiada ainda por algum tempo, Sonia se vestiu sem ruído e saiu do quarto na ponta dos pés, deixando um bilhete para a amiga.

Seguiu à direita ao deixar o hotel e perambulou pela rua principal, que percorria o centro da cidade como uma espinha dorsal. Logo percebeu ser impossível se perder em Granada, tão simples era a topografia da pequenina cidade. A distância, para o sul, havia uma alta muralha de montanhas, a leste as ruas subiam para a Alhambra, a oeste desciam para uma extensão de terra plana. Mesmo que estivesse no labirinto de travessas estreitas que serpenteavam em torno da catedral, não demoraria muito para que um declive, uma visão de relance da montanha ou da fortaleza monumental lhe indicassem para que lado seguir. Havia uma sensação de liberdade naquele caminhar sem rumo. Podia deixar-se esquecida naquelas ruas sem nunca ficar com receio de estar perdida.

Bastava Sonia dobrar algumas esquinas e invariavelmente chegava a uma nova praça. Muitas dessas praças exibiam fontes ornamentais grandiosas e todas tinham cafés, sempre servindo uma porção de fregueses. Num espaço amplo, cheio de árvores frondosas, havia quatro lojas vendendo coleções quase idênticas da parafernália

de lembranças para turistas, como leques, bonecas em trajes típicos de flamenco e cinzeiros decorados com figuras de touros. Do lado de fora de uma dessas lojas, havia uma floresta de dezenas de expositores de metal cheios de cartões-postais. Parecia haver uma infinidade de imagens da Espanha para as pessoas comprarem.

53

Sonia escolheu rápido: uma figura genérica de uma dançarina de flamenco.

Depois de vagar pelas ruas durante uma hora, sua cabeça desanuviou-se. Encontrava-se na Plaza Bib Rambla, e o mercado de flores a enchia de cores vivas naquele esmaecido dia de fevereiro. Eram nove e meia da manhã e, apesar do lugar ainda desfrutar a paz e o sossego da cidade na baixa temporada, havia mais algumas pessoas circulando por ali. Sonia passou por dois escandinavos com mochilas imensas e meio ridículos em seus shorts escolhidos com otimismo, e por um grupo de estudantes da Costa Leste norte-americana num passeio guiado por um conterrâneo, cuja voz enchia o espaço antes silencioso. Havia diversos cafés para escolher, mas um deles a atraiu de modo particular. Suas mesas recebiam os primeiros raios de sol que os telhados enviesavam, e do lado de fora havia um barril transbordando de gerânios que tinham sobrevivido

ao frio do inverno.

Com andar resoluto, encaminhou-se para a mesa mais ensolarada e sentou-se. Escreveu rapidamente o cartão-postal para o pai e em seguida começou a ler seu guia de turismo. Aparentemente, a cidade tinha muito mais a oferecer do que a famosa Alhambra e seus jardins.

Em questão de minutos, ou assim lhe pareceu, depois de seu pedido, o garçom idoso trouxe o seu *café con leche* cremoso. Ao servir, espiou por cima do ombro dela. Seu guia estava aberto numa página sobre Federico García Lorca, “o maior dos poetas espanhóis”, como o definia. Sonia estava lendo sobre sua prisão em Granada no princípio da Guerra Civil Espanhola.

— Ele costumava ficar aqui perto, sabia?

As palavras do garçom penetraram sua concentração e ela levantou os olhos. Surpreendeu-a não só o fato de ele ter olhado o que ela estava lendo como a expressão de profunda seriedade no belo rosto enrugado.

— Lorca?

— Sim, ele e seus amigos costumavam se encontrar não muito longe daqui.

Sonia certa vez assistira a *Yerma* no National Theatre. O mais

surpreendente é que fora com Maggie, porque James tivera um jantar de negócios de última hora, e ela lembrava qual fora o veredicto da amiga: “Maçante e deprimente.”

54

Sonia perguntou ao homem se ele algum dia encontrara Lorca e o garçom contou que se recordava de tê-lo visto uma ou duas vezes.

— Muita gente aqui acredita que parte desta cidade morreu com ele — acrescentou o velho.

Era uma declaração de peso, e curiosa também.

Os conhecimentos de Sonia sobre a Guerra Civil Espanhola não iam muito além do que lera em dois livros de que se lembrava vagamente, um de Ernest Hemingway e outro de Laurie Lee; sabia que ambos haviam estado envolvidos na guerra, mas não muito mais do que isso. Sua curiosidade fora despertada, pois o velho parecia ter sido tocado pessoalmente pelo desaparecimento de Lorca.

— Como assim, o que quer dizer exatamente? — perguntou, consciente de que precisava demonstrar alguma reação.

— Quando as pessoas se deram conta do que havia acontecido com Lorca, que ele fora morto com um tiro nas costas, foi como se todos os liberais recebessem o recado de que não havia mais segurança para ninguém e que a guerra em Granada estava

praticamente acabada.

— Desculpe, mas não sei muito bem o que aconteceu durante a sua Guerra Civil.

— Não é de admirar. Muita gente neste país também não sabe muita coisa a respeito. A maioria já esqueceu ou foi criada num estado de quase ignorância.

Dava para perceber que o velho via com desagrado esse estado de coisas.

— Por que isso aconteceu?

O garçom, um homem de baixa estatura como a maioria dos espanhóis de sua idade, inclinou-se para a frente e agarrou o espaldar da cadeira vazia diante da mesa de Sonia. Os olhos escuros fitaram a toalha de mesa vermelha com tanta intensidade que pareciam estar examinando a trama do tecido. Vários minutos se passaram, e Sonia já conjeturava se o velho teria esquecido a pergunta. O cabelo dele ainda era predominantemente escuro, mas Sonia observou que a pele das mãos e do rosto de traços cinzelados era amarfanhada como uma folha de outono, e calculou que ele deveria estar na faixa dos oitenta anos. Reparou também que os dedos da mão esquerda estavam muito deformados, presumiu que por causa de artrite. A cabeça de seu pai também se perdia assim

muitas vezes, de modo que estava bastante acostumada àqueles silêncios.

— Sabe de uma coisa? — respondeu ele finalmente. — Não tenho muita certeza se posso lhe contar sobre isso.

— Não se preocupe — tranquilizou-o Sonia, notando que os olhos dele estavam úmidos e avermelhados. — Era só por curiosidade.

— Mas eu me preocupo — disse o velho garçom, ligeiramente agitado, agora olhando direto para ela.

Sonia percebeu num instante que interpretara errado o comentário anterior. Havia uma clareza no olhar dele que lhe dizia que aquele homem estava mais lúcido do que nunca.

— Eu me preocupo que toda aquela história terrível acabe desaparecendo, assim como Lorca e tantas outras pessoas.

Sonia recostou-se na cadeira. A emoção do homem a surpreendeu. Referia-se a um fato de quase setenta anos antes como se tivesse ocorrido na véspera.

— Não posso citar um único motivo para que a guerra explodisse. O início de tudo foi tão confuso! As pessoas não sabiam realmente o que estava acontecendo e com certeza na época não tinham ideia de a que ponto aquela situação chegaria nem quanto tempo iria durar.

— Mas o que desencadeou tudo? E por que Lorca estava envolvido? Ele era um poeta, não um político, não é verdade?

— Sei que suas perguntas parecem simples e eu gostaria de lhe dar respostas simples, mas não posso. Os anos que precederam a Guerra Civil não foram inteiramente pacíficos. Nosso país passou por turbulências quase o tempo todo, e a política era tão complicada que a maioria das pessoas nem conseguia entendê-la. Havia gente passando fome, o governo esquerdista parecia não dar conta do problema e o Exército resolveu intervir. Esta é a maneira resumida de explicar.

— Parece bem claro.

— Posso lhe garantir que não era.

Sonia bebericou o café. Seu interesse fora despertado e, como o velho garçom aparentemente não tinha outros clientes, sentiu-se tentada a puxar mais um pouco de conversa.

Um grupo de doze japoneses numa excursão guiada chegou e esperavam que alguém viesse anotar logo seus pedidos. O garçom

afastou-se para atendê-los e Sonia viu-o escrevendo em seu bloquinho. Sem sua paciência, aquela teria sido uma tarefa complicada, pois os turistas não falavam espanhol nem inglês, língua

que ele dominava com grande fluência apesar do sotaque carregado. Não admirava que tantos cardápios fossem ilustrados com fotos espalhafatosas de pratos pouco apetitosos e *milk-shakes* espumantes: pelo menos, assim os estrangeiros podiam pedir apenas apontando.

Quando veio com as bebidas e doces que os clientes tinham escolhido, trouxe junto mais um café para Sonia; sensibilizou-a ele ter pensado nela.

A essa altura, o café enchia-se aos poucos de pessoas e ela viu que passara o momento de ele lhe dedicar toda a sua atenção.

— *La cuenta, por favor* — pediu, usando quase todas as palavras que sabia para pedir a conta.

O dono do café balançou a cabeça.

— Não é nada — disse ele.

Sonia sorriu. Era um gesto simples que a comovia. Adivinhou instintivamente não ser um hábito dele oferecer bebidas gratuitas.

— Muito obrigada — respondeu. — Foi realmente muito interessante conversar com o senhor. Acho que vou visitar a casa de Lorca. Qual é o caminho para lá, saindo daqui?

Ele apontou para a rua e explicou que ela deveria dobrar à direita no final. Não levaria mais de dez minutos para chegar a La

Huerta de San Vicente, a casa de verão da família de Lorca, na parte sul da cidade.

— É um lugar bonito — acrescentou. — E tem algumas boas lembranças do homem e de sua família. É um pouco frio, porém.

— Frio?

— Você vai ver.

Sonia não podia fazer mais perguntas. O homem estava ocupado e já se virara para anotar outro pedido. Ela se levantou, apanhou seu livro, a bolsa e o mapa e abriu caminho entre os outros turistas para ir embora.

Quando já se afastava, o velho veio atrás dela e segurou-lhe o braço por um momento. Havia mais uma coisa que ele estava ansioso para contar.

57

— Você deveria também subir até o cemitério — disse ele. — Lorca não morreu lá, mas milhares de outros foram fuzilados naquela colina.

— Milhares? — indagou ela.

O velho assentiu.

— Sim — respondeu, compenetrado. — Muitos milhares.

Pareceu um número enorme a Sonia, considerando-se o tamanho

da cidade. Talvez o velho não fosse muito bom da cabeça, afinal, porque dizer a uma turista que fosse visitar um cemitério municipal era bastante esquisito. Fez um gesto, concordando educadamente, e sorriu. Ainda que a casa de um poeta morto exercesse certo fascínio, ela não tinha a menor intenção de visitar um cemitério.

Sonia seguiu as indicações que ele lhe dera e enveredou pela rua comprida e reta, Recogidas, rumo aos limites da cidade. As lojas agora estavam abertas e fragmentos de música flutuavam para as calçadas, que começavam a se encher de moças de braços dados, tagarelando, sacolas de compras ainda vazias penduradas junto aos quadris. Aquela era a rua da moda jovem, e as vitrines tentadoras que exibiam botas altas, cintos tão coloridos como joias e casacos modernos em manequins de rostos inexpressivos atraíam-nas como se fossem crianças diante de lojas de doces.

Em uma caminhada pelo lado ensolarado de uma rua, que pulsava com a sensação de que nunca a vida fora tão boa, a descrição do dono do café de uma Espanha dominada pela discórdia era difícil de conceber. Mesmo intrigada com o que ele lhe contara sobre a guerra, Sonia admirava-se que restassem tão poucos vestígios dela. Não reparara em nenhuma placa ou monumento que registrasse os acontecimentos daquele período, e a atmosfera ao

redor não deixava transparecer que aqueles jovens se ressentissem do peso do passado. As construções históricas da Alhambra podiam ser o que atraía a maioria dos visitantes a Granada, mas uma rua como aquela mostrava uma Espanha voltada para o futuro, transformando prédios dos séculos anteriores em palácios futuristas de vidro e aço. Algumas fachadas de velhas lojas mantinham seus letreiros ornamentados e o nome do dono desenhado em ouro sobre vidro negro, mas eram curiosidades deliberadamente preservadas por nostalgia, não parte dessa Espanha moderna.

No final da rua, quando terminavam as lojas e blocos anônimos de apartamentos erguiam-se em fileiras ordenadas como se fossem

plantações, Sonia avistou claramente as planícies verdes de Vega, as pastagens luxuriantes além da cidade. Consultou o mapa da cidade, dobrou à direita e atravessou alguns portões que a levaram a um parque. Estendia-se por muitos hectares, num estilo que oscilava entre o municipal medonho e o jardim elisabetano formal, com caminhos cobertos de areia

entre
canteiros
dispostos
geometricamente e sebes baixas bem aparadas. As plantas haviam sido regadas recentemente. Gotas de água pendiam como contas de cristal em pétalas de veludo carmesim e os aromas intensos de rosa e de lavanda misturavam-se na atmosfera úmida.

Até onde Sonia conseguia enxergar, o parque estava deserto a não ser por uma dupla de jardineiros e dois homens de cabelos prateados, as bengalas encostadas nos joelhos, sentados num banco. Absortos na conversa, nem levantaram os olhos quando ela passou, muito menos foram sequer perturbados pelo som de um trompete que cortou o ar. A acústica do parque vazio amplificou o som produzido pelo músico solitário, que não estava tocando para angariar dinheiro (o que não adiantaria muito, considerando-se a escassez de transeuntes) mas utilizando o espaço para ensaiar.

De acordo com o guia, La Huerta de San Vicente situava-se no meio do parque e, através da folhagem densa de um grupo de árvores, Sonia distinguiu o contorno de uma casa branca de dois andares. Algumas pessoas estavam reunidas do lado de fora esperando que a porta fosse aberta.

A casa era mais modesta do que ela imaginara para um lugar associado a um nome tão grandioso como o de Federico García Lorca. Às onze horas, a porta de entrada verde-escura se abriu, os visitantes foram autorizados a entrar em fila e uma senhora de meia-idade elegantemente vestida deu-lhes as boas-vindas em espanhol. Comportava-se como uma governanta, pensou Sonia, com ar de proprietária mas ao mesmo tempo demonstrando reverência pela casa de que cuidava. Esperava-se dos visitantes que tratassem a casa como um santuário.

O espanhol de Sonia permitiu-lhe apreender algumas coisas do discurso rápido que a mulher fez no início do *tour*: Lorca adorava aquela casa e passara ali muitos verões felizes — a casa fora conservada exatamente como ele a deixara em agosto de 1936, quando a deixou para buscar segurança junto a amigos no centro da cidade —, depois de sua morte, o resto da família foi para o exílio; pedia-se aos visitantes que não usassem *flash* para fotografar; tinham trinta minutos para percorrer a casa.

59

Sonia teve a impressão de que ela esperava que os visitantes soubessem tudo a respeito do homem e de sua obra, assim como um guia numa catedral presumiria que os turistas soubessem quem era

Jesus Cristo.

A casa era tão despojada quanto as informações. Paredes brancas, tetos altos e pisos ladrilhados. Para Sonia, tão sem alma quanto o parque que a rodeava. Era difícil imaginar uma conversa animada em torno da mesa de madeira da sala de jantar, com cadeiras duras de espaldar alto, ou visualizar Lorca na escrivaninha atulhada de coisas escrevendo poesia. Alguns de seus manuscritos estavam expostos num armário, a caligrafia fina e cheia de voltas, ilustrada com desenhos delicados e coloridos. Havia retratos interessantes nas paredes e alguns dos projetos de cenários feitos por Lorca, mas faltava alguma noção de quem fora o homem. Era uma concha, uma casca vazia, e Sonia ficou desapontada. O velho do café falara com tanta paixão sobre ele que a deixou meio desconcertada verificar que restara muito pouca atmosfera no que fora outrora a casa de uma família. Talvez o que a impregnasse de melancolia fosse o fato de ter sido a história do assassinato do poeta o que a levara até lá.

Parou no balcão de cartões-postais. Só então fez-se alguma luz. Encontrou dezenas de imagens de um rosto. Ali estava o homem que um dia enchera aquela casa com sua presença. Havia algo tão vívido e moderno naquele rosto, que chegava a surpreender, os olhos

castanho-chocolate fitando não só os olhos do fotógrafo mas também os de qualquer um que se detivesse junto ao balcão dos cartões-postais tantos anos mais tarde.

O cabelo era ondulado, as sobrancelhas espessas, a pele ligeiramente marcada pela acne e as orelhas mais projetadas para a frente do que ele deveria gostar. Assumia muitas aparências diferentes. Numa das fotos, desempenhava o papel de tio, e uma sobrinha, tão parecida com ele que poderia ter sido sua filha, estava sentada em seu colo aprendendo a ler, o dedinho indicador gorducho apontando uma única palavra. Em outra, ele era um irmão, posando alegre com a irmã e o irmão, todos parecendo conter o riso para tirar a fotografia. O aparente calor do dia e o afeto entre eles faziam a imagem resplandecer. Outras fotografias mostravam grupos familiares e vislumbres de um mundo há muito desaparecido, onde as crianças vestiam aventais de algodão e os bebês usavam toucas rendadas, quando as mulheres se dedicavam aos bordados e os homens sentavam-se em cadeiras de armar forradas de lona listrada.

60

Havia uma porção de fotos que revelavam um lado frívolo de Lorca: em uma, posava como piloto atrás da imagem enorme de um bimotor; em outra, um rosto sorridente surgia de detrás de um

imenso cartaz de parque de diversões com a figura de uma mulher obesa. Via-se um riso infantil nessas fotos, mas em outras, com um grupo de intelectuais ou apenas com um outro rapaz, ele parecia incrivelmente sério.

O que quer que estivesse fazendo — tocando piano, dando palestras, fazendo brincadeiras ou poses — via-se claramente que se tratava de um homem que amava a vida, e um calor e uma vitalidade emanavam dessas cenas, inspirando Sonia de uma forma que a casa não conseguira. Forneciam visões fugazes de momentos despreocupados e preciosos de uma vida que fora apagada não muito tempo depois. Já era uma razão suficiente para absorverem tanta atenção.

No final da fileira de postais, dispostos ao longo do balcão em divisões de madeira bem organizadas, havia um no qual ele estava de pé diante da porta de entrada daquela mesma casa, com a sombra intensa do sol de verão por trás. Sonia perguntou a si mesma se teria sido tirada no verão em que ele fora preso e morto.

Sonia foi andando diante dos cartões enfileirados, apanhando um de cada.

— Posso ajudá-la? — perguntou a moça da caixa.

Havia ficado um tanto preocupada com o tempo que aquela

visitante estava se demorando ali. Às vezes aconteciam furtos, mas geralmente quando vinham grupos de estudantes, e aquela mulher não parecia nem de longe suspeita. Ao ver a quantidade de cartões na mão de Sonia, inclinou-se para uma pilha de livros e apanhou um.

— Se quer levar tantos, faz mais sentido comprar este livro — sugeriu.

Sonia pegou o livrinho que ela lhe oferecia e folheou-o. Continha todas as imagens dos cartões, além de legendas e citações. Com a ajuda de um dicionário, talvez ela pudesse traduzi-las.

Seus olhos pousaram na última imagem de Lorca, sentado à mesa de um café, vestido num terno branco, em companhia de uma mulher elegante que usava uma boina. Havia uma jarra de vinho diante deles em cima da mesa, a luz do sol derramava-se através das copas densas das árvores, e outras pessoas estavam sentadas em

cadeiras de vime de outras mesas. Era o retrato de um povo em sua hora de lazer, de uma Espanha em paz.

Abaixo da foto, umas poucas palavras: *Lo que más me importa es vivir.* Sonia não precisava de um dicionário para traduzi-las: “O que mais me importa é viver.”

A ironia trágica das palavras atingiu-na com força. Todas aquelas imagens de Lorca, de turbante, num avião, com amigos, com a família, mostravam-no como um homem de enorme gosto pela vida. Era inimaginável hoje qualquer poeta ser tão importante que devesse ser executado. A casa de fazenda simples, caiada de branco, era uma corporificação de inocência, congelada no tempo, um memorial que fora deixado para trás, enquanto tudo o mais ao redor fora varrido para longe a fim de dar lugar a uma nova Espanha, voltada para o futuro. Era como uma tumba sem um corpo.

Sonia entregou algumas pesetas à vendedora para pagar o livro e foi embora.

Logo estava de volta ao hotel. Ao apertar o botão do elevador, Maggie saiu de dentro dele, radiante depois de dez horas de sonhos ininterruptos.

— Sonia — exclamou ela —, onde você esteve?

— Só fui dar uma volta — respondeu Sonia. — Deixei um bilhete para você.

— Eu vi. Só não sabia a que horas você estaria de volta.

— Vou subir para pegar meus sapatos — disse Sonia através da fresta das portas do elevador se fechando.

Na cabine claustrofóbica do elevador, começou a sentir-se meio

fraca e percebeu que deveria ter comido alguma coisa antes. Sob a luz sépia, olhou-se de relance no espelho ao fundo. Comparada com a visão do rosto expressivo de Maggie, sentia-se dominada pelas olheiras, e com faces encovadas. Meias-luas escuras pendiam como eclipses sob seus olhos e o cabelo parecia pelo de rato de tão oleoso. Admitiu que pouco se importava com sua aparência, mas sabia que ainda assim sentiria os velhos surtos de ressentimento quando os homens lançassem olhares de admiração para Maggie e ela se tornasse a amiga invisível. Depois de passar anos fazendo esse papel, a sensação era mais do que familiar.

No quarto, escovou rapidamente o cabelo, definiu os olhos pintando-os com lápis *kohl* e pincelou um pouco de brilho nos lábios.

Ao descer no elevador, recobrou um tantinho de ânimo ao observar a melhora.

Logo saíram para a rua e as duas incentivaram-se uma à outra pelo caminho, ambas igualmente agitadas com a perspectiva da aula de dança.

* * *

O entusiasmo de Sonia pela aula desvaneceu-se depois de apenas vinte minutos, e o som agudo da banda de metais que tocava

a salsa, um pouco distorcido pelo aparelho de CD, começou a irritá-la. Estava rígida como os manequins de lojas que vira de manhã. Ocupou a mente tentando absorver as instruções, contando o ritmo como uma criança, repetindo e mantendo os números na cabeça.

Felipe reparou no cenho franzido e nos braços tensos dela.

— *Señora* — repreendeu-a —, não é assim. Por favor. Mais relaxada.

Sentiu-se punida. Seria um pecado ficar tensa ali, e pensar em vez de sentir. Não estava muito certa de poder agir de outro modo naquele dia.

Foi um alívio quando a aula terminou às cinco em ponto.

— Sou tão ruim nisso — desabafou em voz baixa enquanto lutava com a fivela de um dos sapatos, que acabou arrancando sem desafivelar e atirou, furiosa, na direção de sua bolsa, pousada mais adiante.

— Deixe de ser boba — disse Maggie. — Você só não está num bom dia. Vai sair comigo hoje à noite. Não vai melhorar nunca se não sair para dançar, e foi para isso que viemos.

— Para que viemos mesmo? — perguntou Sonia, mal-humorada, ao saírem do prédio. — Nem me lembro mais.

— Também para passar o meu aniversário.

— Maggie, me desculpe! É hoje! Feliz aniversário! Deus do céu! Que horror, esqueci completamente que dia era hoje. Desculpe, desculpe! — e abraçou a amiga, um abraço apertado, de quebrar os ossos de tanto afeto, no meio da rua ensolarada.

— Não se preocupe — sorriu Maggie. — Eu compreendo, de verdade. Você está com mil coisas na cabeça, mas o maior favor que pode fazer a si mesma é tentar pensar além delas. Deveria se soltar um pouco mais.

63

Normalmente, Sonia teria deixado transparecer irritação ao ouvir o conselho de Maggie, mas não o fez naquele dia. Era o aniversário de Maggie.

— É verdade, você deve ter mesmo razão — concordou.

— Então vai sair comigo para dançar esta noite?

— Claro que vou. Tem algum lugar em especial aonde queira ir?

— Há um bem próximo da escola de dança. É muito simpático e nada intimidante. Você vai adorar.

Pouco antes da meia-noite, Sonia viu-se curvando a cabeça para passar por uma entrada sob um arco de pedra rebaixado e descendo uma escadinha apertada que dava num porão à meia-luz. Num canto, havia um bar pequeno com uma fileira de bancos na frente, e

os dois casais que dançavam desfrutavam o luxo de ter a pista de dança inteira para si. Naquele estágio da noite, a exuberância de seus volteios e rodopios era quase acrobática.

Sonia logo descobriu a razão da insistência de sua amiga em ir àquele lugar. Mal chegaram ao pé da escada e uma figura bonita e robusta saiu das sombras de perto do bar, encaminhando-se para elas. Acima do barulho da música que se sobrepunha à conversa, Maggie apresentou Paco e, apesar da mímica frenética executada pelos três, pouco se comunicaram. O problema não era apenas a implacável batida do ritmo mas também o fato de Paco não falar inglês e elas não falarem espanhol. Ele, porém, mostrou-se muito atencioso com Sonia, o que permitiu que ela apreciasse seu encanto, oferecendo bebidas a ambas as mulheres e depois, com um gesto de desculpas, levando Maggie para a pista de danças. Sonia notou como Paco era atraente. Embora Maggie fosse muito mais alta do que ele, havia algo de muito sedutor e sensual no seu novo companheiro. Sonia observava-os, fascinada com a maneira como a mão de Paco abria-se como uma estrela na base das costas de Maggie, guiando-a com firmeza pela pista em movimentos ágeis e discretos. Sonia empoleirou-se num banco alto, um copo de cerveja gelada na mão, e de repente uma forte sensação de *déjà vu* apoderou-se dela.

Quantas vezes já assistira de longe a Maggie dançar? Acontecera quando tinham catorze anos e ainda estava acontecendo mais de vinte anos depois.

Ninguém ali ficava só assistindo por muito tempo — o entusiasmo coletivo pela dança significava que todos em algum momento estariam envolvidos nela. O local aos poucos se encheu de

gente e logo Sonia foi abordada. Estava fora de questão dizer um não, mesmo que ela quisesse.

Reconheceu a música, uma das faixas que tinham dançado naquela tarde, e a familiaridade com o ritmo deu-lhe segurança. Não era uma dança lenta nem rápida demais. Os cinco minutos que se seguiram foram íntimos, cheios de energia, estimulantes e corporais. Quase imediatamente, ela sentiu a bem-vinda sincronia entre mente e corpo, quando seus pés começaram a se mover sem instruções. Foi como se as cordas invisíveis que a mantinham ancorada ao chão tivessem sido cortadas. No compasso final da música, o encontro terminou. A dança era um fim em si mesma. Percebeu apenas que seu parceiro guiara-lhe os passos como se dançar fosse uma atividade praticada desde a infância. Dançar assim era tão natural para ele quanto respirar.

Em sua terceira ou quarta dança, cada uma com um novo estranho, Sonia começou a sentir-se menos inibida. Não precisou mais dizer a seus pés para que lado ir e parou de contar os compassos. Tivera certa vez uma noção fugidia de como seria aquilo ao ver os professores cubanos em Londres, observando a expressão nos rostos deles revelar que estavam dançando com a alma e não com a mente. Sonia lembrou o arrepio que lhe levantou os fios de cabelo da nuca. Agora sabia qual era a sensação. O encantamento da dança repercutira fundo dentro dela.

Entre uma dança e outra, ela voltava e gravitava em torno do bar. De vez em quando, Maggie e Paco saíam da pista de dança e vinham encontrá-la. Maggie cintilava. Seu vestido branco, luminoso sob a luz fluorescente, estava transparente de suor e gotículas contornavam a linha de seu cabelo como contas de uma tiara.

— Está tudo bem, Sonia? — perguntou ela. — Você está se divertindo?

— Está tudo bem e eu estou me divertindo muito — respondeu Sonia, e não havia nenhum traço de ironia na resposta.

Não soube que horas eram quando sua cabeça finalmente mergulhou no travesseiro. Para mais uma noite em claro, mas não, dessa vez, por estar ansiosa a respeito de Maggie, cuja cama ao lado

da sua permanecia vazia. Naquela noite, foi a endorfina percorrendo seu corpo que a deixou com a cabeça girando até o sol nascer.

65



CAPÍTULO 6

Pouco antes do meio-dia, Sonia abriu a torneira de água fria e ofegou quando a água jorrou do chuveiro, envolvendo-a em choques de ondas geladas. Era do que precisava para sentir-se inteiramente acordada e pronta para o dia. Seu pensamento seguinte foi o café da manhã, e para isto havia somente um rumo a seguir. Passou ligeira pelo saguão, sabendo que de qualquer modo estaria atrasada para o magro desjejum do hotel, com seu *croissant* embrulhado, murcho e antigo, cuja única chance de voltar à vida era ser mergulhado no café ralo.

Guiada por uma espécie de instinto migratório de volta ao lar, refez o percurso para a praça bonita onde estivera no dia anterior.

Não foi apenas o excelente *café con leche* que a atraiu de volta, mas uma vaga impressão de que sua conversa com o garçom amável ainda não havia terminado. Estava frio e nenhuma das mesas do lado de fora estava ocupada, portanto ela entrou. Por mais de cinco minutos, ficou sentada ali e ninguém apareceu. Sentiu uma decepção desproporcional à situação. Havia uma porção de outros cafés por perto que serviriam um café decente, disse a si mesma. Enquanto esperava, aproveitou para observar que, quanto mais movimentado fosse o café, mais parecia atrair clientes. Estava prestes a seguir a tendência e fazer sua refeição em outro lugar quando ouviu uma voz amigável atrás de si.

— *Buenos días, señora.*

Virou-se. Lá estava o dono do café, sorrindo, visivelmente satisfeito em vê-la.

— Pensei que o café estivesse fechado.

— Não, não, desculpe, eu estava ao telefone. O que posso lhe servir?

— *Café con leche, por favor.* E algo para comer. Uma fatia de torta, talvez?

Minutos depois, chegaram as duas coisas.

— A senhora foi dormir tarde? — comentou o homem. — Se não me levar a mal, a senhora está com a aparência muito cansada.

Sonia sorriu. Agradava-lhe a sinceridade do proprietário do café, e sabia que devia estar horrível, com manchas do rímel da véspera e outros sinais de falta de sono.

— A noite foi boa?

— Sim — respondeu ela, sorridente. — Saí para dançar.

— E gostou? Encontrou talvez um pouco de *duende*?

Sonia não conhecia a palavra. Soava como “dueto”, de modo que talvez ele quisesse saber se ela teria encontrado um parceiro. Pela primeira vez nas últimas vinte e quatro horas, seus pensamentos voltaram-se para James. Será que teria gostado de estar ali? Teria apreciado o ambiente surrado da escola de dança? O nível de decibéis da boate? A resposta a todas essas perguntas era “não”. Talvez apreciasse a grandiosidade da arquitetura, pensou ao levantar os olhos para os andares superiores dos prédios robustos, imponentes mesmo, que ocupavam até mesmo uma praça sem importância como aquela. Um lampejo de culpa percorreu-a quando se deu conta de que sequer pensara em telefonar para James, mas,

por outro lado, ele também não telefonara para ela. Devia estar freneticamente envolvido em alguma negociação no banco, tinha certeza absoluta, e não sentira falta dela.

— Foi ótimo, fantástico — respondeu ela simplesmente — *Fantástico.*

— *Bueno, bueno* — disse ele, como se obtivesse alguma satisfação pessoal do fato de aquela cliente ter passado uma noite agradável. — As pessoas sempre dançam. Mesmo quando vivíamos sob um governo tirânico, elas continuavam a dançar. Para muitos de nós, os padres haviam destruído a nossa religião, mas muita gente simplesmente tinha outra a postos. A dança transformou-se na nova religião para algumas pessoas, uma forma de rebelião.

— Foi para receber aulas de dança que vim para cá, na verdade — contou Sonia. — Gosto das aulas, mas realmente não vejo como

isso poderia se tornar uma religião para mim — acrescentou ela, rindo.

— Não, imagino que não. Mas hoje as coisas são diferentes. Granada hoje em dia está repleta de dança, e as pessoas praticam a dança livremente.

Como no dia anterior, o dono do café aparentemente tinha mais

tempo sobrando do que clientes para atender, embora Sonia imaginasse que na alta temporada talvez fosse diferente. Ela também não estava com pressa, e o velho espanhol sorridente pelo jeito queria conversar.

— Gosta de dançar? —perguntou Sonia.

— Eu? Não — respondeu ele.

— Há quanto tempo tem este café? — perguntou ela.

— Há muitos anos mesmo. Passei a tomar conta dele em meados da década de 1950.

— E ficou aqui esse tempo todo?

— Fiquei — disse ele em voz baixa.

Para Sonia, permanecer num mesmo lugar, fazendo o mesmo trabalho durante tantos anos era algo quase impossível de imaginar. Como alguém seria capaz de aguentar o tédio de uma rotina tão persistente?

— As coisas ainda estavam muito fora dos eixos naquela época. Por causa da Guerra Civil. A guerra mudou tudo.

A ignorância de Sonia sobre história espanhola deixava-a constrangida, mas achou que precisava fazer um comentário adequado.

— Deve ter sido terrível para…

O homem interrompeu-a. Sonia viu que subitamente ele não desejava mais conversar sobre o assunto.

— Não deve estar realmente interessada nessas coisas. É uma história comprida e você tem de ir dançar.

O velho tinha razão. Não haviam surgido outros clientes desde que ela chegara, portanto ele não tinha pressa de que ela se fosse, mas, de fato, precisava ir à aula de dança. Apesar de adorar a ideia de passar horas sentada naquele café conversando com seu amável proprietário, não podia perder a aula de dança. Deu uma olhada no

relógio e espantou-se ao ver como o tempo passara correndo — era uma e meia da tarde. A aula começava às duas.

— Que pena — disse —, preciso ir embora daqui a pouco.

— Diga-me, antes de ir: foi à casa de Lorca?

— Sim. Entendi por que comentou que era fria. É difícil de definir exatamente a razão, não é? Mas de certa forma se percebe que tudo acabou mal ali, e deve ser por isso que ninguém mais morou lá durante esses anos todos.

— Gostou do parque?

Queria genuinamente saber a opinião dela e estava interessado no que tinha a dizer.

— Achei um pouco formal, para o meu gosto. É bastante difícil fazer um jardim melancólico, mas eles conseguiram.

Sonia refletiu que sem querer fora indelicada falando mal da cidade do homem, mas a reação dele foi um alívio.

— Concordo inteiramente com você, não é um lugar agradável. O próprio Lorca teria detestado aquele jardim, sei que teria. Tem precisamente o tipo de rigidez e de falta de imaginação aos quais ele se opunha.

O velho passou num instante da gentileza para a ira. Sonia não pôde deixar de notar o contraste com seu pai, todo amabilidade e paciência. Nada tirava Jack Haynes de sua maneira de ser, de sua serena resignação. O dono do café era diferente. Sonia viu um brilho de aço em seu olhar, um vislumbre de que ele não era somente um velhinho amável. Sua personalidade tinha uma outra faceta. Refletiu que talvez o estereótipo da fogosa personalidade espanhola tivesse afinal algum fundo de verdade. Aquele olhar duro não combinava com a benevolência que atribuíra a ele até então. Era um indício de raiva, não contra ela, mas de algo que lhe passara pela cabeça. Os vincos em torno de sua boca enrijeceram-se e os olhos não cintilavam mais com a expressão sorridente e calorosa que ela se acostumara a reconhecer.

— Preciso mesmo ir — disse. —Obrigada pelo café da manhã. Ou foi almoço? Nem sei bem, mas obrigada.

— Foi um prazer conversar com você. Divirta-se na aula de dança.

— Só vou voltar para casa depois de amanhã — disse Sonia. — Pode ser então que volte para o café, se o restaurante abrir.

— Claro que vou abrir. A não ser por um ou outro dia de folga, abri todos os dias desde que consigo lembrar.

— Vejo-o amanhã, então — disse ela, alegre.

Sonia sorriu, em parte pela perspectiva de encontrá-lo de novo, mas também pelo orgulho evidente que ele demonstrava por seu café, claramente o trabalho de toda uma vida. Não parecia haver mais ninguém envolvido, nem mulher e muito menos filho para seguir seus passos. Ela pendurou a bolsa no ombro e levantou-se para sair. Faltavam menos de cinco minutos para a aula começar.

Chegou à escola de dança um pouco atrasada e encaminhou-se para a sala de aula, onde Felipe e Corazón já faziam uma demonstração. Não era salsa. As moças norueguesas tinham ido assistir a um dos espetáculos no Sacromonte na noite anterior e estavam mais interessadas do que nunca em aprender a dançar

flamenco. Maggie não fizera objeção e os homens da turma concordaram, desde que voltassem para a salsa a partir da metade da aula. Pela segunda vez, os professores podiam mostrar ao grupo aquela que, em sua opinião, era a maior de todas as danças.

Assim que terminou, com um bater de pés igual a um disparo de metralhadora, Corazón gritou para seus alunos:

— OK, é *assim* que se começa a aprender flamenco.

A música que agora dançavam era muito diferente da salsa impetuosa cujo ritmo já se tornara uma segunda natureza para eles todos. O ouvido tinha muito mais dificuldade de apreendê-la ou de encontrar o ritmo; tinha uma indicação regular de compasso, embora, surpreendentemente, parecesse fugir dele muitas vezes.

Com o som de uma guitarra, ouviam-se palmas e “contrapalmas”, pulsações que se entrelaçavam, indo e vindo umas das outras com uma complexidade impossível, mas que acabavam se definindo e se encontrando em uníssono, terminando num único tempo de compasso. Sonia esforçava-se para captar o padrão.

Corazón erguera as mãos. Seus pulsos ágeis permitiam que as mãos descrevessem círculos perfeitos, enquanto os dedos se abriam e fechavam obliquamente, acompanhando o tempo da música. Os quadris soltos ondulavam com facilidade ao ritmo, e de vez em

quando ela acentuava a batida com um estalar da língua.

Logo as mulheres da turma a imitavam, umas com mais sucesso do que outras.

Fizeram assim um aquecimento durante dez ou quinze minutos, procurando entrar no ritmo, e vez por outra Corazón perturbava seu estado de semi-hipnose com uma exortação:

— Escutem! Estão escutando? — dizia, sem encontrar dificuldade em falar e ondular o corpo ao mesmo tempo. — O som da bigorna? O bater no metal?

A turma olhava para ela com ar inexpressivo. Ela respondia à lentidão de raciocínio deles com um olhar fulminante e persistia na comparação.

— Vamos lá! — exclamava, com impaciência crescente. — Escutem! Ting! — Ting! — Ting! — Ting! Não andaram pelo Albaicín? Não repararam em todo aquele ferro batido? Não estão escutando o som dos homens trabalhando aquele metal? Não o escutam ainda naquelas ruas estreitas?

Alguém reprimiu um risinho de deboche mas, para Corazón, a incapacidade deles de compreender era o pior de tudo. Esgotara seu tempo e sua paciência tentando explicar.

Sonia começou a escutar o eco do trabalho dos ferreiros, e até a pausa breve entre as batidas a fez pensar no movimento do martelo antes de golpear o metal. Corazón não estava maluca, afinal. Batia palmas e oscilava para demonstrar o que dizia, e os que tinham imaginação conseguiam ouvir o som dos ferreiros.

— Agora! Façam como eu! Assim!

Corazón parecia estar em seu ambiente, disparando instruções como um chefe militar rigoroso. Salsa era um espetáculo secundário para ela; naquela dança era nitidamente onde estava seu coração. Fechou a mão, endureceu os punhos, depois lentamente desdobrou os dedos, um a um, do menor até o polegar, repetindo o movimento, depois com variações, começando com o indicador e evoluindo na direção do menor, todo o tempo girando os pulsos, movendo-os para a frente e para trás.

Sonia sentia os pulsos quase se machucarem com aquele movimento desacostumado, e seus braços doíam. Simultaneamente com as mãos, Corazón ondulava os braços para cima e para baixo, num minuto eles estavam acima da cabeça, no outro, abaixados junto ao corpo. Desajeitada, a turma tentava acompanhá-la.

— *Mira! Mira!* — gritava ela, numa mistura de frustração e entusiasmo desenfreado. — Olhem!

Corazón sabia que eles poderiam fazer muito melhor, mas que levaria tempo. Até então, só tinham trabalhado a metade superior do corpo, e havia muito mais ainda.

— OK, OK *Muy bien*. Façam uma pausa para descansar.

Agradecida, a turma relaxou. Mas o descanso não durou muito, no entanto. Felipe, que estava sentado, observando, pôs-se de pé num salto. Era a sua vez de ocupar o centro do palco.

A turma formou um semicírculo em torno dele e observou-o.

— Este é o jogo básico dos pés — explicou. Com uma perna estendida para a frente e o joelho ligeiramente dobrado, bateu no chão com a parte mediana do pé, o metatarso, e depois com o calcanhar. Fez isso várias vezes seguidas, depois acelerou o ritmo para mostrar como esse movimento simples constituía a base do padrão espetacular de batidas de pé que as pessoas associavam ao flamenco. Todos experimentaram. Não havia nada de muito complexo quando se fazia os movimentos em câmera lenta.

— *Planta!* — gritou ao bater com o pé no chão.

A palavra seguinte formava uma onomatopeia perfeita, e ele a gritou ao mesmo tempo que o som forte de seu calcanhar atingia o chão:

— *Tacón! Ta-CÓN!* — repetiu.

Praticaram um pouco o movimento básico e então Felipe começou a complicar as coisas, mexendo o pé do calcanhar para os dedos em sequências diferentes. Alguns alunos conseguiram acompanhar. Outros, cuja coordenação motora era pior, atrapalharam-se. Estava sendo muito mais difícil do que parecera antes. Felipe não perdia o ímpeto. O flamenco era algo tão sério para ele que nem percebeu que alguns dos dançarinos tinham desistido.

— Precisam escutar os ritmos criados por seus pés — disse. — Estão fazendo sua própria música com eles. Esvaziem a cabeça mas encham os ouvidos.

Quase faz sentido, pensou Sonia, concentrando-se intensamente mas tentando pôr em prática a ideia de que devia usar o ouvido e não a cabeça. Trocou um olhar com Maggie e viu que pela primeira vez a amiga parecia meio entediada.

E agora era Corazón outra vez.

— O mais importante de tudo deixei para o fim — declarou ela com ar teatral. — Que é o *próprio começo*.

72

Àquela altura, a maioria das pessoas já estava parada bebendo água em suas garrafas plásticas. Tudo se tornara muito mais

cansativo do que esperavam.

— *ActiTUD!* — exclamou ela, pronunciando a palavra de tal forma que demonstrava o que queria. Com o queixo levantado, o nariz apontando para o teto e uma postura arrogante que fez Sonia lembrar as dançarinas de flamenco a que tinham assistido três noites antes, Corazón mostrou-lhes como tinham de se “anunciar” no início de uma dança.

— A entrada é o momento mais importante de todos — afirmou.

—Você não pode entrar discretamente. Precisa de dizer para todo mundo que está ali... com a linguagem do seu corpo. Tem de dizer a todos que agora você é a pessoa mais importante da sala.

Corazón era o tipo de mulher que se fazia notar, bastava entrar pela porta. Nascera com presença. Não ocorrera a Sonia que isso podia ser adquirido, sempre presumira que tinha de vir naturalmente da pessoa. Vinte minutos depois, quando viu no espelho uma mulher fazendo uma pose convincente e percebeu ser ela própria, ponderou que não estava além de seu alcance. Um braço estendido para o teto, os dedos abrindo-se obliquamente, o corpo virando-se na cintura e seu outro braço curvado à sua frente, ela quase parecia uma autêntica bailarina de flamenco.

Com duas palmas secas, Corazón encerrou aquela parte da aula.

— *Bueno, bueno*. Amanhã já podem dançar no Sacromonte — disse ela, sorridente. — Vamos fazer um intervalo e depois voltamos para a salsa.

— Graças a Deus — murmurou Maggie para Sonia. — Acho que flamenco não é realmente a minha especialidade.

— Mas você estava tão entusiasmada dois dias atrás — respondeu Sonia, tentando disfarçar um leve tom de "bem que avisei" na voz. — Achou mais difícil do que estava pensando?

Maggie jogou a cabeça para trás, afastando a cabeleira do rosto.

— É tão melodramático, não é? Tão egocêntrico. Uma grande *exibição.*

— Mas toda dança não é uma exibição, afinal de contas?

— Ah, não, não acho. Pelo menos, não quando se está dançando com alguém. E se for exibição, então é só para aquela outra pessoa.

Pela primeira vez, Sonia percebeu aquela característica da amiga: para ela, dançar era algo que tinha de estar relacionado a outra pessoa. Era parte de sua procura pelo esquivo homem perfeito. A eterna busca da vida de Maggie.

— Dois minutos, pessoal! — gritou Corazón. — Dois minutos.

Sonia saiu de fininho da sala para ir ao banheiro. Através do

vidro das portas principais, avistou duas das moças norueguesas e todos os dançarinos contratados reunidos lá fora, na calçada, rodeados por uma nuvem de fumaça de cigarro. Então, foi atraída por um som que vinha de uma porta entreaberta do outro lado do saguão. Sentindo-se uma espiã, olhou pela fresta. O que viu petrificou-a. Um grupo de umas doze pessoas estava sentado num canto da sala escutando um violonista tocar. Eram todos mal-ajambrados, pálidos de cansaço, os cabelos despenteados e desleixados, a maioria com jeans e camisetas com estampas muito desbotadas. O homem mais velho, de cabelo muito negro e ondulado preso num rabo de cavalo, tocava uma canção de doçura tão pungente que Sonia sentiu um nó crescer-lhe na garganta. Havia sido isso e as palmas suaves que o acompanhavam que a tinham atraído. Ninguém olhava para ninguém; seus ritmos exigiam uma concentração que só podia ser mantida com o olhar perdido no vazio. Uma das moças, esguia e flexível, de olhos fundos, usando calças de dança de *lycra* negra e uma camiseta justa com decote arredondado, levantou-se então. Segurava numa das mãos um volume nebuloso de tecido verde-escuro que vestiu, por um momento lutando com um zíper quebrado. Sem pressa alguma. Em seguida, prendeu as fivelas de seus sapatos, embranquecidos pela poeira.

Finalmente, tirou o prendedor que mantinha seu cabelo afastado do rosto e os cachos caíram-lhe pelos ombros. Prendeu o cabelo outra vez, certificando-se de que todas as mechas estivessem firmemente seguras. O violonista continuava a tocar e o acompanhamento de palmas também. O padrão formado por esses sons era como renda feita à mão. Não se conseguia distinguir com facilidade de que maneira certos pontos da costura iriam se encaixar no todo, mas daí a pouco eles se combinavam num desenho simétrico dos mais extraordinários.

A jovem estava pronta. Começou a bater palmas também como para entrar no ritmo. Com as mãos levantadas, moveu-se fluidamente numa sequência sensual de movimentos, os quadris ondulando em contraponto aos gestos dos braços. Dançava na frente do músico, e ele fixava nela um olhar constante, lendo cada nuance

de sua dança, sondando cada meneio sutil de seu corpo e respondendo com ritmos e notas. Num momento os dedos dele acariciavam as cordas, no outro puxavam-nas com força para definir a melodia, antecipando mais do que determinando. Ela inclinou-se para trás, como inebriada, torcendo o tronco ao se virar. Era uma proeza realizada com um equilíbrio que desafiava a gravidade. Sonia

não imaginava como ela conseguira fazer aquilo sem cair no chão, mas a mulher repetiu o movimento quatro, cinco, até seis vezes para provar que não fora por acaso, e cada vez seu corpo se curvava num arco ainda mais impossível.

Ereta outra vez, realizou uma série de piruetas ágeis, girando o corpo com tamanha rapidez que Sonia se perguntava se ela teria mesmo girado. Uma piscadela e o espectador perderia inteiramente aqueles giros arrebatadores. O tempo todo, os pés dela martelavam o chão com fúria e método. Todos os membros de seu corpo, todos os nervos e tendões empenhavam-se naquela exibição, até os músculos faciais, que às vezes contorciam seus traços bonitos numa careta de gárgula.

Sonia estava petrificada. A energia daquela mulher e a flexibilidade de seu corpo eram impressionantes, mas o vigor físico contido naquela constituição delicada era o que realmente a deixava perplexa.

Uma ou duas vezes, a dança pareceu atingir naturalmente um fim, quando a moça parava e desviava o olhar do guitarrista para os que batiam palmas, mas aí ela própria batia palmas e momentos depois o sapatear e o ondular do corpo recomeçavam, e seus braços voltavam a serpentear. Diversas vezes Sonia escutou um *“Olé”* de

incentivo dito em voz baixa, o reconhecimento de que a mulher não estava somente impressionando seus pares mas também despertando suas emoções, enquanto balançavam o corpo de um lado para outro em suas cadeiras.

Quando a dança terminou de verdade, as palmas ritmadas imediatamente se transformaram em ondas de aplauso. Alguns se levantaram e abraçaram-na, e havia uma beleza deslumbrante em seu sorriso largo.

Sonia abrira um pouco mais a porta a certa altura e agora um dos acompanhantes encaminhava-se para ela com ar determinado. Não a vira, mas Sonia afastou-se furtivamente, encabulada, antes que a descobrisse, e desapareceu dentro do banheiro. Não era como se tivesse testemunhado um crime, mas teve a sensação de ter

presenciado algo ilícito, um acontecimento que talvez nunca fosse apresentado para um público.

Naquela noite, Sonia voltou de bom grado à casa de salsa. Abandonara sua preocupação em ir a lugares onde conhecia tão pouca gente. Depois de se descontrair e aceitar alguns convites para dançar, divertiu-se tanto quanto na noite anterior. Salsa era fácil para o corpo e para a mente, bem ao contrário da intensidade do

flamenco. Mas não conseguiu tirar completamente da cabeça a imagem da moça que vira naquela tarde dançar com tamanha paixão diante de seu *gitano*, seu cigano.

*De acordo com o folclore da dança flamenca, *el duende* é uma espécie de entidade que toma conta da bailarina por meio da dança. É um estado sublime de inspiração, quase um êxtase, um transe inerente à magia do flamenco, de modo inesperado e sem duração mensurável. (*N. da T.*)



CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte, pela primeira vez, Sonia compreendeu por que as montanhas próximas chamavam-se Sierra Nevada, as montanhas nevadas. Embora o céu estivesse limpo e luminoso, havia uma friagem cortante no ar e, quando ela empurrou a porta do hotel

para sair, foi como se entrasse numa geladeira.

Aquele seria o último dia inteiro que elas passariam em Granada. Sonia já sentia uma ponta de saudade, apesar da permanência na cidade ainda não ter terminado. Haveria mais uma aula de dança e mais uma oportunidade de sair de uma boate em pleno raiar do dia. O sol iria custar para aparecer hoje acima das torres claras da Alhambra, e lançaria um brilho dourado nas praças apenas durante um breve período de tempo para depois mergulhar atrás das montanhas. O proprietário de seu café favorito, El Barril, como descobrira que se chamava, sabia que poucos clientes iriam querer sentar-se do lado de fora por causa da queda da temperatura, de modo que nem se dera o trabalho de tirar as cadeiras naquele dia.

Sonia entrou no café escuro e gradualmente seus olhos se adaptaram à penumbra.

O velho estava atrás do bar enxugando copos e saiu a seu encontro para cumprimentá-la. Nem precisava perguntar o que Sonia queria beber, e logo se ouviu o ruído da máquina de moer café, quando ele começou a preparar-lhe a bebida com a diligência de um cientista realizando uma experiência.

Até ele estava achando difícil trabalhar no escuro e, assim, cruzou a sala para acender as luzes. O lugar transformou-se com a

iluminação repentina. Era muito mais amplo do que Sonia imaginava, uma grande sala quadrada com cerca de trinta mesas redondas, cada uma com duas ou três cadeiras e, nos fundos, dezenas de outras empilhadas até o teto. O espaço era inesperado.

Não havia nada de extraordinário na mobília nem na decoração, o que chamou a atenção de Sonia foram as paredes. Cada centímetro estava coberto de cartazes.

Numa delas, havia diversos cartazes de *corridas*. Sonia vira cartazes semelhantes sendo vendidos em toda a Espanha, personalizados com o nome do turista, para que as pessoas se imaginassem como toureiros famosos. Os cartazes dali, entretanto, não eram meras lembranças de turistas. Ostentavam a pátina do tempo e da autenticidade. Sonia levantou-se para lê-los.

As touradas anunciadas naqueles cartazes haviam sido realizadas nas praças de touros de todo o país: Sevilha, Madri, Málaga, Almería, Ronda… A lista prosseguia. Os locais dos eventos eram todos diferentes, mas havia um nome comum a todos: Ignacio Ramírez.

Sonia percorreu devagar a série de cartazes apreciando cada detalhe, como um crítico de arte na abertura de uma exposição

numa galeria. Vez por outra, os cartazes davam lugar a fotografias em preto e branco emolduradas mostrando um homem, provavelmente Ignacio Ramírez. Algumas eram retratos em poses rígidas, e em cada uma delas ele vestia um traje diferente de toureiro: calções justos e bordados, uma jaqueta curta de brocado muito rebuscado e um chapéu de três bicos, um tricórnio. Um homem com um olhar carrancudo, violento, bonito, uma arrogância que se sentia arder através da foto. Sonia conjeturou se aquele seria o olhar que dirigia ao touro para aterrorizá-lo e subjugá-lo.

Um outro conjunto de fotografias mostrava-o em ação, aparentemente fazendo aquilo mesmo. Lá estava ele, frente a frente com o touro, a poucos metros, de quinhentos quilos de fúria indomada. Em várias fotos, o movimento de sua capa formava um borrão, captado pelas lentes do fotógrafo. Numa delas, o animal passava tão perto que roçava no corpo do matador, seus chifres pareciam estar envoltos pela capa.

Àquela altura, uma xícara do mais forte café preto, acompanhada de uma jarra de espuma branca fumegante, fora colocada em cima da mesa próxima de Sonia. Ela pingou na xícara um pouco do leite e bebeu aos poucos, devagar, quase sem tirar os olhos das imagens. O proprietário estava de pé ao seu lado, quase esperando para

responder a qualquer pergunta.

— Então, quem era Ignacio Ramírez? — perguntou Sonia.

78

— Um dos rapazes que morava aqui, um astro das touradas.

— E acabou sendo morto por um touro? Dá impressão de estar perto demais de um deles nessa foto aqui.

— Não, não foi assim que ele morreu.

Pararam diante de uma fotografia que mostrava o toureiro com os braços erguidos, a espada levantada e o touro a centímetros de distância. Ela captara a pausa dramática, quando o matador estava prestes a enfiar a arma entre as espáduas do animal. Homem e touro olhavam-se um ao outro direto nos olhos.

— Esta é *"la hora de la verdad"* — disse o dono do café.

— A hora da…?

— A hora da verdade, traduzindo. É o momento em que o matador precisa dar o golpe mortal. Se não calcular o tempo direito ou se não acertar, estará acabado. *Terminado. Muerto.*

Foi só depois de ter esquadrinhado as fotografias uma por uma e fitado os olhos escuros e impenetráveis que a olhavam de volta que Sonia reparou na imensa cabeça de touro empalhada, pendurada na parede da outra extremidade do bar. O animal era negro como piche,

a base do pescoço tinha quase um metro de largura e, mesmo na morte, conservava um olhar de ferocidade aterrorizante. Abaixo do troféu, quase impossível de ler por causa da altura, Sonia distinguiu uma data: "*3 de Septiembre 1936*."

— Um dos seus melhores touros — disse o velho. — Foi aqui em Granada. O touro era uma fera e a multidão ficou totalmente enlouquecida. Um dia extraordinário, aquele. Nem sei como descrever o delírio que tomou conta da praça de touros. Já esteve numa *corrida*?

— Não, nunca — respondeu Sonia.

— Deveria ir assistir a uma delas — disse o velho, entusiasmado.

— Pelo menos uma vez na vida.

— Não tenho muita certeza se conseguiria. Parece tão brutal!

— Bem, em geral o touro morre, é verdade. Mas uma tourada envolve muito mais do que isso. É como uma dança.

Sonia não se convenceu, mas achou que não era o momento apropriado para uma discussão sobre algo que considerava um esporte cruel. Dirigiu-se para a parede oposta, coberta com igual densidade por dezenas de fotografias, a maioria de moças vestidas

como dançarinas de flamenco. Em algumas, havia também um

homem.

À primeira vista, tinha-se a impressão de estar vendo fotos de moças diferentes mas, de perto, Sonia verificou que se tratava de uma única pessoa, metamorfoseando-se de criança em adulta, da garotinha gorducha metida numa roupa de poás até a beldade voluptuosa de olhar fulminante e vestido de renda, do patinho feio ao cisne elegante, com leque de plumas e tudo. Em cada foto seu cabelo estava diferente, torcido, trançado ou preso num coque baixo, e em algumas um pente enorme destacava-se atrás do penteado. Os trajes também variavam. Havia vestidos com caudas e uma profusão de babados, às vezes um xale de franjas ou uma saia na altura do joelho, e até uma foto em que aparecia com calças compridas e um casaquinho curto. Usava roupas diferentes em cada fotografia, mas em todas exibia a mesma expressão ardente e provocadora, a que Corazón teria chamado de *actitud*.

— Essa era a irmã de Ignacio — esclareceu o velho.

— Como se chamava?

— Mercedes Catalina Conceptión Ramírez — ele pronunciou o nome devagar, como se recitasse uma poesia.

— É um nome impressionante.

— Mas bem comum aqui. Todos da família a chamavam de

“Merche”.

— Era bonita, não era?

— Ah, era, sim… — Por um instante, ele pareceu não encontrar as palavras. — …muito bonita. Seus pais eram loucos por ela e os irmãos quase a estragaram de tantos mimos. Foi uma criança rebelde, mas todos a adoravam. Era uma dançarina, como vê, uma dançarina de flamenco. E muito boa, muito, muito boa dançarina. Ficou famosa na região.

A imagem da dançarina que vira naquela tarde não saía da cabeça de Sonia. A mulher daquelas fotos era fisicamente muito diferente.

— Onde ela dançava?

— Em todas as *fiestas* locais, nas *juergas*, que são festas particulares, e às vezes no bar. Desde os três anos de idade, divertia todo mundo fingindo ser dançarina de flamenco, praticando os passos sem parar como uma boneca de corda. No dia em que

completou cinco anos, Mercedes teve sua primeira aula de verdade no Sacromonte e ganhou de presente de aniversário seu primeiro par de sapatos de dança.

Sonia sorriu. Achava tocante a maneira formal como o velho

falava, seu inglês cuidadoso de um estrangeiro de idade avançada, e notava que ele sentia prazer em contar os pequenos fatos do passado.

— Ela devia ser muito determinada a respeito da dança. A mãe dela também dançava?

— Não mais do que a maioria das outras mulheres do lugar — respondeu o homem. — Todo mundo aqui cresce vendo as pessoas dançando flamenco. Faz parte da cidade. Não há como evitar, nas *fiestas*, nas comemorações, no alto do Sacromonte, e grande parte das moças em alguma ocasião da vida tem vontade de aprender, mas não tanto como aquela menininha.

— Quem a acompanhava? O pai tocava violão?

— Um pouco. Mas um dos irmãos dela era muito musical, de modo que ela sempre tinha alguém disposto a tocar para ela. Apresentou-se pela primeira vez quando tinha oito anos, e aqui mesmo neste bar. Emilio, o irmão com talento musical, estava tocando e ela fez um sucesso fantástico, e não foi porque todos os presentes houvessem acompanhado seu crescimento, ninguém ali estava sendo condescendente, juro. Foi mais do que isso. Quando aquela menina dançava, penetrava em outra dimensão. Parecia mágica. Mesmo quando as pessoas já estavam acostumadas a vê-la

dançar, ainda assim ela atraía uma multidão toda vez que se apresentava.

O velho ficou silencioso por uns instantes enquanto olhava as fotografias, e Sonia teve a impressão de que seus olhos marejavam. Ele tossiu, como se quisesse limpar a garganta. Sonia viu que ele queria acrescentar alguma coisa.

— Essa menina tinha *duende*.

Lá vinha aquela palavra outra vez. Lembrava que ele a usara no dia anterior e que Sonia não compreendera bem o seu significado, mas agora, naquele contexto, ela compreendia. Era algo sobrenatural, ou assim lhe parecia, como um poder que causasse calafrios, que deixava as pessoas de cabelos arrepiados.

Ambos permaneceram de pé diante da parede de fotografias por mais uns minutos e Sonia olhou a mulher com atenção. Sim, era possível imaginar que aquela mulher realmente tivesse *duende*.

Despediu-se e prometeu ao dono do café que voltaria para vê-lo se um dia voltasse a Granada. Durante sua breve convivência, Sonia se afeiçoara ao velho e beijou-o nas duas faces antes de sair. Como ela era diferente de Maggie! Aquele relacionamento havia sido a coisa mais próxima de um romance de férias a que conseguira chegar. E

nem sabia o nome dele.

82



CAPÍTULO 8

Naquela tarde, teriam a última aula de dança. Com o decorrer da semana, as noitadas dos turistas tinham começado a cobrar seu preço. A turma padecia com a falta de sono, e isto afetava sua capacidade de seguir as instruções dos professores.

Sonia e Maggie não eram exceções, e suas pernas pesavam como chumbo quando tentaram fazer os passos aprendidos naquele dia. Mais de uma vez, Sonia precisou pedir desculpas a seu parceiro, e um grito de dor bem audível veio do paciente dançarino de aluguel que fora designado para Maggie. A paciência de Corazón também estava quase acabando.

— *Vamos, chicos!* Vamos lá, pessoal! — ela dizia sem parar, procurando injetar um pouco de energia no grupo. E dava gritos de

incentivo quando eles faziam algo que remotamente se assemelhava ao passo que ela demonstrara. — *Eso es! Eso es!* É isso, é isso!

Até os dançarinos estavam cansados naquele dia, e via-se que, se não estivessem sendo pagos, certamente teriam preferido qualquer outro lugar àquela sala. A energia e a exuberância da dança alegre pareciam ter se evaporado em todos eles e, por mais que se esforçassem, Felipe e Corazón não conseguiam estimular a turma. Acabaram desistindo.

— *Vale, vale.* Tudo bem — disse Corazón. — Vamos experimentar uma coisa nova. Depois do intervalo, vamos mostrar a vocês uma dança nova que até as suas avós são capazes de dançar.

Um ritmo diferente irrompeu do equipamento de som.

— Merengue! — exclamou Corazón, segurando Felipe. — Quem souber contar até *dois* consegue dançar isto.

E tinha razão; era a dança mais simples de todas, e a regularidade do ritmo — um-dois, um-dois — exigia apenas a

disposição de duas pessoas grudarem-se uma na outra como moluscos e balançarem de um lado para outro. Uma dança banal em sua simplicidade, mas os fez recuperar o ânimo. Daí a uns dez minutos, alguns passos fáceis foram acrescentados e uma nova

atmosfera impregnou a sala de aula. Os rostos iluminaram-se com sorrisos.

— Isto — arfava Maggie — é o máximo de intimidade que se pode ter quando se está com a roupa no corpo!

— O mais incrível é ainda chamarem isto de dança — concordou Sonia, dando uma risada.

As duas amigas uniram-se de novo no riso. O clima do merengue estava longe de causar os efeitos inquietantes do flamenco. Era uma dança que dava resultados instantâneos e podia ser aprendida em uma única aula, não requeria uma vida inteira. Autorizava uma união quase profana com um parceiro, enquanto o flamenco exigia introspecção e ensimesmamento máximos. Era diametralmente oposta à dança cigana, e poucas pessoas se mantinham indiferentes a sua energia e a seu encanto imediatos; não tinha o aspecto sombrio do flamenco, mas também não possuía nem um pouco de sua profundidade.

Chegara a hora de os membros da turma se dispersarem, beijarem-se uns aos outros com espalhafato várias vezes em ambas as faces como se tivessem se tornado amigos para o resto da vida, trocarem números de telefones celulares, fazerem planos de se reunir em clubes de salsa e comprometerem-se em visitar os respectivos

países. Corazón disse a eles que eram todos maravilhosos e que esperava que todos voltassem um dia para ter mais aulas. Felipe deixou sua mulher falar em nome dos dois e manteve-se ao lado sorrindo e concordando. Era um rito semanal para ambos.

Na rua, animadas com a descontração do encerramento das aulas, Sonia e Maggie deram-se os braços.

— Vamos comemorar nossa nova carreira de dançarinas — vibrava Maggie.

— Boa ideia. Aonde vamos?

Uma pergunta dispensável. Havia pelo menos cento e uma possibilidades perto daquele trecho ensolarado de calçada onde agora se encontravam.

— Vamos andar até encontrar um lugar que nos agrade.

Andaram durante dez minutos. As lojas ainda estavam fechadas e havia pouca gente na rua. Alguns casais de idosos, pequeninos, de cabelos cor de prata, elegantes, faziam o passeio da tarde para desenferrujar pernas artríticas, talvez parassem no caminho para tomar um café e um conhaque. Sonia e Maggie seguiram para a rua principal.

Quase deixaram passar a Casa Enrique. Ocupava um pequeno

espaço entre duas lojas. Não havia placa nenhuma do lado de fora, mas um barril antigo agora usado como mesa fora colocado na calçada, quase bloqueando a entrada. Dois homens de aparência distinta, um com um paletó verde-oliva, o outro de terno escuro, conversavam amigavelmente sob a claridade do fim da tarde, taça de Rioja numa das mãos, charuto grosso como um pepino na outra. Eram o exemplo perfeito da respeitabilidade e da afluência dos granadinos.

Maggie conduziu Sonia para o interior escuro e sorriu para os dois homens ao passar. O bar era pouco mais do que um corredor, e o espaço para os clientes talvez não chegasse a um metro de largura. As duas pediram taças de vinho e escolheram *tapas* num quadro-negro acima da entrada.

— Então — disse Maggie, encostando sua taça na de Sonia —, você se divertiu?

— Muito, foi maravilhoso — respondeu Sonia com sinceridade. — Gostei demais de dançar tanto.

— É mesmo — concordou Maggie, mal contendo sua felicidade.

— Também acho que foi maravilhoso.

— E não só por causa da dança — provocou Sonia.

— Não, acho que não…

Terminaram suas bebidas e saíram para a rua. Maggie e um dos homens se entreolharam quando ela passou e ele tocou seu braço.

— *Señora.*…

Ela hesitou.

— Ande, Maggie, vamos embora… — Sonia passou um braço em torno de Maggie e guiou-a habilmente para longe pela rua afora. Pelo menos uma vez, achou que Maggie deveria ser mais cautelosa com a audácia indiscriminada dos homens espanhóis.

As duas precisavam dormir. De volta ao hotel, despiram-se e foram para suas camas. Estar na Espanha era como estar no turno

da noite, refletiu Sonia ao preparar o despertador para as onze horas. Seria sua última noite em Granada e não tinham o menor desejo de perdê-la.

Na pista de dança, mais tarde, Sonia sentiu-se flutuando, com o ar sob os pés. Como se não tocasse o solo. Tudo o que aprendera naquela semana incorporou-se aos seus movimentos. Uma parte de sua cabeça sempre se debatera com a ideia de que a mulher deveria desempenhar inteiramente o papel de quem reage. Mas naquela noite o paradoxo adquiriu sentido para ela: ser passiva não significava ser subserviente. Sua força residia em quão bem decidisse reagir. Não

havia qualquer subserviência envolvida nisso. Era sutil, e por um momento ela pensou em James e como seria impossível ele compreender aquilo.

A noite inteira ela foi puxada, girada e rodopiada como uma mola. Às quatro da manhã não aguentava mais dançar, mas agradeceu a seu último parceiro com o rosto radiante de prazer. Não pisara nos pés dele nem tropeçara uma vez sequer e estava zonza de alegria.

A noite não foi igualmente satisfatória para Maggie. Paco não aparecera e, pela primeira vez em muitos dias, ela voltou para o hotel com Sonia.

As ruas ainda estavam cheias de vida quando as duas saíram da boate, havia casais abraçados em vãos de portas e jovens trocando dinheiro e drogas furtivamente. Quase acabrunhada pelo efeito do conhaque barato, Maggie apoiava seu peso no braço da amiga; Sonia precisou de toda a sua força para mantê-la aprumada enquanto seguiam cambaleando pelas ruas de pedras. Era consideravelmente mais baixa do que a outra, e diversas vezes ambas quase perderam o equilíbrio. Sonia mais uma vez recordou a época de sua adolescência e como o tempo passara depressa desde então.

Conseguiu pôr a amiga na cama, prendeu os lençóis com firmeza

em torno dela e deixou um copo com água em sua mesinha de cabeceira. Maggie acordaria morrendo de sede.

Na manhã seguinte, uma cabeça pesada era o menor dos problemas de Maggie. Estava inconsolável com o fato de Paco ter se revelado tão pouco confiável quanto todos os outros homens que encontrara na vida.

— Mas você iria embora hoje de qualquer maneira — Sonia tentava argumentar.

— A questão não é essa — protestava Maggie, a voz anasalada. — Ele nem veio se despedir.

No trajeto para o aeroporto, Maggie seguiu em silêncio, em parte por estar entorpecida pelas miniaturas do frigobar do hotel, que consumira em vez de tomar um café da manhã mais substancial. Sonia tentava arrancá-la do desespero.

— Você não mudou mesmo nada desde os dezesseis anos! — provocou meigamente.

— Eu sei — dizia Maggie chorando em silêncio num lenço de papel encharcado e continuando a olhar fixo para fora da janela do carro. De vez em quando, produzia um ruído de quem se afoga, engolindo os soluços.

Sonia pousou a mão no braço da amiga num gesto de consolo e refletiu sobre a ironia de uma comemoração de aniversário supostamente alegre, que se iniciara com ela própria chorando e terminara com Maggie em lágrimas. Talvez chorar fosse inerente às mulheres.

O táxi seguia numa velocidade apavorante pela via expressa, desviando-se dos carros e dos imensos caminhões de carga que transportavam os produtos da agora próspera região agrícola espanhola, com suas estufas de polietileno, para os mercados do norte da Europa. As duas mulheres permaneceram silenciosas durante a meia hora seguinte, e por fim o acesso de tristeza e autopiedade de Maggie começou a arrefecer. Ela se esgotara.

— Eu devia parar de me descontrolar desse jeito — acabou dizendo, as lágrimas subindo-lhe aos olhos outra vez —, mas não sei se consigo.

— É difícil — disse Sonia, para consolá-la. — Um bocado difícil.

Seu voo fretado para Stansted atrasou quatro horas e assim, quando aterrissaram e cruzaram Londres, já eram oito horas da noite. Dividiram um táxi da rua Liverpool até Clapham. Antes de Maggie descer, as duas se abraçaram com grande carinho.

— Cuide-se, Maggie — disse Sonia pela janela aberta do táxi.

— Você também. Vou ligar para você.

Enquanto o táxi se afastava, Sonia olhou pelo vidro traseiro e viu Maggie procurando a chave na bolsa. Lixo e folhas voavam pelas sarjetas. Dois vultos usando agasalhos com capuzes perambulavam

por perto. A rua mal-iluminada de Clapham tinha um aspecto desolador, para dizer o mínimo.

Apesar de estar a apenas cinco minutos de carro dali, a rua bem-cuidada de Sonia, com suas sebes aparadas, caminhos pavimentados de pedrinhas formando mosaicos e portas enceradas estava a um mundo de distância do de Maggie, onde todas as casas tinham painéis com fileiras de campainhas e os jardins das entradas eram entulhados de latas de lixo.

Apesar da tristeza de Maggie, que por experiência sua amiga sabia que provavelmente não duraria para sempre, Sonia estava determinada a se aferrar à sensação de bem-estar que aqueles poucos dias lhe haviam proporcionado. Tocou a reluzente campainha, mas ninguém apareceu, o que achou estranho, já que o carro de James estava estacionado do lado de fora. Depois de esperar mais alguns segundos, ainda na expectativa de ver o vulto impreciso do marido aparecer por trás do vitral da porta, Sonia pôs-se a

remexer na bolsa à procura da chave.

Ao entrar, soltou as malas no chão do vestíbulo e empurrou a porta com o pé para fechá-la. Amplificado pela acústica desagradável do teto alto e da cerâmica polida do piso do vestíbulo, o som da porta batendo foi como um tiro de revólver. Ela se encolheu. James detestava aquele barulho.

— Olá — disse ela em voz alta. — Cheguei.

Através da fresta da porta, Sonia viu que James estava sentado na sala de estar. Esperou até ela entrar para responder.

— Oi — resmungou ele, como se ela tivesse apenas voltado do trabalho, e não passado quase uma semana inteira fora de casa.

A frieza de seu tom de voz indicava que ele não estava realmente interessado numa resposta. O monossílabo inexpressivo não demonstrava nenhum entusiasmo e nada mais lhe seria acrescentado. Ela respondeu como um eco, breve, no mesmo tom.

— Oi — e com uma certa hesitação: — Como ficaram as coisas por aqui?

— Muito bem, ficou tudo ótimo.

O jornal, que fora abaixado por um instante, ergueu-se de novo diante do rosto dele, como se fosse uma janela de guilhotina. Sonia só enxergava o alto da cabeça e o brilho de sua calvície incipiente.

A maneira pausada como James articulou as últimas palavras revelava antes de tudo sua irritação, e as páginas do jornal estalaram quando ele as puxou com força para ajustá-las e recomeçar a leitura do movimento dos negócios do dia anterior. Sonia virou-se para sair da sala, necessitando urgentemente de algo para saciar sua sede, e ouviu a voz sarcástica de James às suas costas:

— Não se preocupe demais com o jantar. Almocei muito bem.

A frase fez o ânimo de Sonia despencar. Fez com que se lembrasse do sentimento de desespero que tomara conta dela no hotel quatro dias antes. Granada já parecia estar a milhares de quilômetros de distância.

"Não ia mesmo me preocupar", pensou enquanto se dirigia para a cozinha.

— OK, então — foi o que lhe ocorreu dizer. — Vou ver o que posso improvisar.

James certamente jantara fora todos os dias em que ela estava viajando. Nada do que estava dentro da geladeira fora consumido; o queijo estava mofado e os tomates, cabeludos. No fundo, havia um pouco de salmão defumado com o prazo de validade recém-vencido, que ela tinha certeza de que não o envenenaria, e uns dois ovos de

galinha caipira. O suficiente para fazer as vezes de uma refeição.

Na cozinha, tinindo de limpeza antibacteriana, a esterilidade do ambiente estendeu-se aos poucos sobre ela como um lençol úmido. Havia um copo vazio junto à pia, o anel de água em torno dele formando a única mácula no panorama perfeito da bancada. Os armários de carvalho com vidros encaixados eram uma espécie de tentativa de imitar um estilo de chalé antigo, mas aqueles ali jamais envelheceriam com o passar do tempo. Nem sequer corriam o risco de adquirir um pouco de poeira característica nos cantos das molduras, tão minucioso era o cuidado da faxineira e de seu pano úmido constante.

Era a casa de James quando os dois se casaram, e de certa forma ela ainda a encarava assim. Já havia sido revirada e decorada antes de sua vinda, e nunca sequer se cogitou em modificar alguma coisa de acordo com o gosto dela.

Naquele momento, James apareceu, lançando um olhar superficial aos ingredientes que estavam em cima da bancada da cozinha.

— Pensei melhor — disse ele. — Vou dormir. Tenho uma reunião amanhã cedo. Boa-noite.

Antes que Sonia tivesse a oportunidade de responder, James já subira. Ela então abriu a torneira, deixou a água correr para ficar bem gelada e encheu o copo, bebendo a água toda de uma vez, virando-o até inclinar a cabeça para trás e o rosto ficar voltado para o teto. Uma das lâmpadas estava queimada. O pequeno buraco negro lá em cima prendeu sua atenção por um momento.

Em outra ocasião, o interesse pelos pormenores de sua casa a teria levado direto para o armário debaixo da escada, a lâmpada queimada seria retirada de sua cavidade e substituída por uma nova. Não dessa vez. Não parecia mais ter importância.

Algumas vezes, parara naquela cozinha e fizera a si mesma a pergunta que realmente importava: “É isto mesmo?” Tinha menos certeza do que nunca de que era.

* * *

A frieza de James no seu relacionamento com Sonia perdurou. Demorava-se trabalhando até tarde no escritório e ela fazia o mesmo, resolvendo vários problemas surgidos durante sua ausência.

Quase uma semana se passou até se sentarem para fazer uma refeição juntos e, quando isso aconteceu, a conversa foi embaraçosa, forçada. Sobre o que poderiam conversar? Sonia sabia que James não gostaria de uma descrição detalhada de sua visita a Granada, e

com certeza não iria querer saber que Maggie se apaixonara.

Falaram sobre vários assuntos até que, lá pelo meio da segunda garrafa de vinho, James disse:

— Apanhei um de seus livros para ler enquanto você estava fora.

— É mesmo? — disse Sonia, bastante espantada. — Qual deles?

— *Fim de Caso* — respondeu James, abrupto. — De um Graham alguma coisa.

— Greene — completou Sonia. — Fomos ver o filme, não lembra?

James grunhiu.

— Você gostou? — perguntou ela.

— Não li o livro. Bem, pelo menos não o livro inteiro.

— Mas começou a ler?

— Só li o que você sublinhou e anotou. Achei muito interessante.

Sonia nunca abandonara o hábito escolar de assinalar e fazer anotações copiosas em seus livros.

— Aprendi um bocado a seu respeito com isso.

— Como assim? — Sonia sentia-se um tanto desrespeitada por suas observações sobre o texto terem sido examinadas por James. Havia algo de ligeiramente lascivo naquilo. — Por que você não leu o livro inteiro?

— Porque só queria ler os pedaços que você destacou. Achei mais rápido.

James falava num tom agressivo, e Sonia viu que caminhavam para uma briga. A meia dúzia de copos de vinho que ele tomara naquela noite estava simplesmente completando seu tanque de álcool depois de um almoço bem regado a bebida, e Sonia pressentiu que seria impossível evitar um enfrentamento. Seu coração bateu com força. Os lábios de James pareciam arroxeados pelo vinho tinto, dando a impressão de contusões, e pela primeira vez ela reparou como os dentes dele estavam manchados, como se ele tivesse comido amoras-pretas.

— Fiquei imaginando se você também não estaria tendo um caso. Pelo que li, você pareceu muito interessada na maneira como aquela mulher, Sarah Miles, fazia as coisas.

— James! Que absurdo! Tirou essas conclusões baseando-se em uns poucos trechos sublinhados de um livro?

— Sim, ajudou a explicar por que você escapole para as supostas "aulas de dança" toda semana e onde você esteve na semana passada!

— Eu estava na Espanha com Maggie, para passar com ela seu aniversário de trinta e cinco anos! — protestou Sonia.

— Ah, que você estava na bela e ensolarada Espanha, eu sei muito bem! — disse ele em tom sarcástico. — Chegou para você um cartão-postal de um daqueles *cucarachos* ensebados.

A essa altura, James levantou-se, saiu cambaleando em direção ao aparador da cozinha, onde eles sempre deixavam a correspondência do dia, e apanhou um cartão-postal. Mostrava a Alhambra.

— "Cara Sonia" — leu ele em voz alta —, "apreciei muito as nossas conversas. Se algum dia voltar a Granada, venha me visitar. Miguel".

O cartão havia sido endereçado ao hotel e despachado para Sonia. Era uma gentileza de um homem idoso e ela se perguntou como ele teria descoberto o seu nome.

James segurou o cartão diante de Sonia como se ele estivesse queimando as pontas de seus dedos e ela o tirou dele.

— Deve ser do garçom com quem conversei algumas vezes — disse ela. — Provavelmente se chamava Miguel.

— Provavelmente — zombou James, com um riso de desdém.

— Eu ia ao café dele todas as manhãs. Ele me contou um pouco da história de Granada — explicou Sonia, na defensiva.

— Sei — disse James, recostando-se na cadeira e esvaziando o resto da garrafa em seu copo. — Um *garçom* — acrescentou ele com ar desdenhoso.

— Não é possível que você veja um problema nisso. Ele era um senhor, James!

— Acha que acredito nessa história? Acha mesmo? Pelo amor de Deus, Sonia, não sou nenhum *idiota*.

Ao dizer isso, inclinou-se para a frente e gritou a última frase junto do rosto dela. Sonia sentiu um respingo de saliva cheirando a vinho tinto cair em sua boca e ficou enojada. Não queria brigar, mas fez questão de ter a última palavra.

— Não tenho muita certeza disso — rebateu ao girar nos calcanhares para sair da sala e deixar os restos do jantar em cima da mesa.

Dormiu no quarto de hóspedes naquela noite e nas seguintes.

Como de costume, James saía para trabalhar ao nascer do dia e só voltava quando ela já tinha ido para a cama. Coisa mais esquisita, percebeu ela, como era fácil viver na mesma casa com alguém e nunca ver a outra pessoa, e se perguntava por quanto tempo conseguiriam manter aquela situação.

Embora algum tipo de enfrentamento mais cedo ou mais tarde

acabasse sendo inevitável, jamais teria imaginado que um velhinho meio capenga que vivia a mais de mil e quinhentos quilômetros de distância viesse a ser o catalisador. Aquilo fora uma surpresa para ela.

92



CAPÍTULO 9

Na terça-feira seguinte, Sonia voltou para sua aula de dança em Clapham. Falara com Maggie uma ou duas vezes desde a viagem e julgara que encontraria a amiga ali.

Diante do tamanho da escola de dança em Granada, com suas seis salas e o vestíbulo decorado com memorabilia, a escola do sul de Londres parecia insignificante. As características marcantes, porém, eram comuns às duas. Tinham um forte cheiro de mofo e uma aparência desmantelada, mas, apesar de tudo isso, uma vibração que seduzia a maioria daqueles que entravam por suas portas. As

pessoas que dirigiam as duas escolas de dança tinham preocupações mais urgentes do que repintar as paredes e consertar peças quebradas das instalações elétricas. A dança estava sempre em primeiro plano em suas cabeças.

Sonia ficou um pouco surpresa quando a amiga não apareceu, mas logo se viu envolvida pela aula. Depois da intensidade da semana anterior, sua maneira de dançar havia melhorado visivelmente e, no final da aula, Juan Carlos disse que ela estava bem demais para ficar na turma de principiantes. Não gostaria de ir para a Turma Intermediária?

— Adoraria — respondeu. — Em que dia da semana?

— Toda sexta, às oito — respondeu ele.

Mesmo entusiasmada e lisonjeada como estava, deu-se conta de que aquilo poderia ser a gota d’água para James. Engoliu em seco e balançou a cabeça concordando.

— Vejo você na sexta, então — disse o professor de dança, sorrindo para ela.

Já fazia alguns dias que Sonia e James não se falavam. Ela não era ingênua a ponto de esperar que o marido se desculpasse,

sobretudo por ele ainda achar que o remetente do cartão fosse o

personagem de uma espécie de romance de férias, mas ansiava desesperadamente que a atmosfera se desanuviasse. A atitude que ele assumira de farisaísmo obstinado e recusa em aceitar qualquer outra posição a não ser a sua própria não era novidade, mas antes ela sempre teria dado um passo para a reaproximação. Sabia que o casamento significava ter de fazer concessões mas estava zangada por ele não acreditar nela, e aquela raiva que sentia lhe dava novas forças para considerar, pela primeira vez, a possibilidade de ficar sem aquele homem que a dominara durante os últimos sete anos.

Sabia que frequentar aulas de dança naquele dia não iria contribuir em nada para acalmar a situação. As sextas-feiras eram o foco principal da vida social do casal, pois James não precisava acordar de madrugada na manhã seguinte e os amigos ainda não tinham saído da cidade para passar o fim de semana fora. Era a noite em que as pessoas davam jantares, embora àquela altura dos acontecimentos fosse difícil imaginar que os dois ainda pudessem representar o papel de casal feliz, comendo na melhor porcelana dos outros e tagarelando sobre o preço dos imóveis no sudoeste de Londres.

O momento de falar com James não surgiu. Ela já estava dormindo havia horas quando ele chegou em casa.

Sonia ligou para Maggie no dia seguinte.

— O que houve, por que você não foi à aula ontem? — perguntou.

— Conto mais tarde se você for me encontrar para um drinque — respondeu a outra, enigmática. — No The Grapes às oito e meia?

Maggie tinha somente uma coisa sobre a qual queria falar naquela noite, e Sonia adivinhou o que seria no mesmo instante em que a amiga entrou pela porta do bar. Estava radiante de contentamento. Na última vez que a vira, seus olhos estavam inchados de tanto chorar. Agora, brilhavam de entusiasmo.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Sonia, curiosa.

Já pedira uma garrafa de vinho e serviu uma taça a Maggie, que a apanhou e brindou com Sonia.

— Bem… Paco telefonou no sábado. Parece que o carro dele enguiçou naquela noite e ele não conseguiu chegar ao clube… E o celular dele não dava sinal. Ele ficou muito, muito aborrecido mesmo por causa disso, de verdade.

— Ainda bem. E tinha mais é que ficar aborrecido mesmo, considerando-se o estado em que a deixou.

— E tem mais. Ele quer que eu vá para lá de novo... desta vez

para ficar com ele.

Sonia hesitou. Mesmo sabendo que o bom senso nunca pesava muito nas tomadas de decisão de Maggie, achou que de vez em quando lhe cabia sugerir e recomendar cautela.

— Acha realmente que é uma ideia tão boa assim?

Maggie olhou para a amiga com ar meio zombeteiro.

— Não me ocorre nenhum bom motivo para não ir — disse. — Na verdade, estou pensando em jogar tudo para o alto e ir morar lá. Isto está há anos na minha cabeça.

— Mas e a Candy?

— Candy quer se mudar para um apartamento com amigos da faculdade, portanto não vai sentir muita falta de mim.

— E o seu trabalho?

— É todo de *freelance*. Posso abrir mão dele amanhã. E viver na Espanha é baratíssimo. Tenho umas economias guardadas.

— É tudo meio apressado demais, na minha opinião.

— Também acho, mas falando com franqueza, Sonia, o que tenho a perder?

Maggie tinha razão. As fronteiras de sua vida eram fluidas. Ao mesmo tempo que Sonia estava ancorada aos mínimos detalhes, Maggie estava amarrada a muito pouca coisa. A filha já era

independente e ela não tinha compromissos financeiros.

— Se as coisas não derem certo com Paco — disse ela, fazendo o vinho girar dentro do copo —, pelo menos vou estar num país que adoro.

No que dizia respeito a Sonia, havia apenas duas razões para convencer Maggie a não ir: primeiro, que ela sentiria falta da amiga; segundo, que ela não acreditava na sinceridade do espanhol.

Não expressou nenhuma das duas. No final da noite, soube que Maggie já reservara seu voo, confirmando o que Sonia desconfiava, ou seja, que sua opinião não seria levada em conta.

95

Maggie estava tão entretida em seus próprios planos entusiasmados que Sonia só teve oportunidade de contar a ela seus problemas com James no final da noite.

— Quer dizer que vocês se desentenderam logo depois que você voltou para casa? Por causa de umas anotações num livro? E ele então resolveu que você estava tendo um caso com um garçom qualquer?

— É mais ou menos isso, em resumo — Sonia admitiu, envergonhada.

— Mas é tão ridículo. Desculpe dizer, mas ele é realmente um

idiota.

— Não, não faz mal. Sei que você sempre pensou isso — riu Sonia.

— Então, o que vai fazer com relação às aulas de dança das sextas-feiras? — perguntou Maggie, como se fosse esta a preocupação maior.

— Estou morrendo de medo de contar a ele. Mas *preciso*. Não posso parar de dançar agora, não é?

— Não, de jeito nenhum. Vou telefonar para você na semana que vem e espero que me conte que tomou a decisão certa.

Esvaziaram a garrafa de vinho e acabaram com o minguado pratinho de azeitonas que tinham pedido para se lembrarem da Espanha.

Na calçada, as duas se abraçaram.

— Tome cuidado, Maggie — pediu Sonia. — Vai manter contato comigo, não vai?

— Claro que vou. Você vai me visitar lá. Se não for, volto aqui e levo você arrastada.

Dez dias depois, com os vários fios de sua vida amarrados da melhor maneira possível, Maggie partiu atrás de sua paixão.



CAPÍTULO 10

Sonia contou quantas semanas fazia desde que visitara o pai pela última vez. Quase dois meses tinham se passado desde que vira Jack, e sentiu uma onda da culpa solitária de filha única.

Gostaria que ele morasse mais perto, mas Jack sempre garantira que estava totalmente feliz ali e que não lhe agradaria sair do território familiar, da área onde nascera e passara sua vida adulta.

Vez por outra Sonia se perguntava o que aconteceria se algum dia ele ficasse inválido, e tentava imaginá-lo indo morar com ela e James. Por alguma razão, era uma imagem impossível de visualizar.

Enquanto deixava para trás as ruas arborizadas de Wandsworth e passava por Balham, Tooting e Norwood, dizia a si mesma que não podia preocupar o pai deixando escapar durante a conversa seus problemas com James.

Croydon. Se existe um lugar mais diametralmente oposto a

Granada, é aquele bairro cinzento. A falta de romantismo, magia e beleza talvez não tenha paralelo no mundo ocidental, ponderou Sonia. Perguntava a si mesma se os arquitetos da década de 1960 voltariam ali de vez em quando para ver como seu trabalho envelhecera. Será que algum dia imaginaram o concreto claro riscado de manchas e as imensas vidraças de vidro fumê escuro opacas de tanta poeira? Mas por que cargas-d'água quem projetou tudo aquilo voltaria ali? No entanto, era o lugar que seu pai adorava e, mesmo tendo assistido às mudanças que o deixaram irreconhecível, enxergava apenas o fantasma de como seu bairro fora um dia.

O ritual era o mesmo de sempre. Naquela tarde de sábado, em seu apartamento, Jack Haynes arrumara biscoitos Nice num prato decorado com flores agora desbotadas.

— Como vão as suas aulas de dança? — perguntou ele.

— Vão muito bem, realmente — sorriu Sonia. — Estou gostando muito.

— Isso é ótimo. Gostaria de ainda poder fazer o mesmo — disse ele rindo. — E aí poderia ensinar a você alguns dos nossos passos favoritos. Mas tenho a impressão de que você os acharia antiquados demais hoje em dia.

— Tenho certeza de que não — respondeu Sonia, bondosamente.

— Dança é dança, não é?

— Bem, não sei. Seja como for, estou muito contente em saber que você continua indo às aulas.

— Não consigo sequer imaginar desistir delas.

— E como foi a viagem à Espanha? — perguntou o pai. — Recebi seu cartão. Como foi o aniversário de Maggie?

Sonia havia telefonado para o pai pouco antes da partida para contar que iria viajar com a velha amiga da escola.

— Foi fabulosa — disse ela, levando aos lábios a xícara de porcelana delicada. — Tivemos umas aulas de dança enquanto estávamos lá.

— Que ótimo. E onde ficaram?

— Em Granada…

A palavra mal escapara de sua boca quando ela ouviu o pai repeti-la baixinho, quase num sopro.

— *Granada?* Sua mãe nasceu em Granada.

— É *mesmo*? — exclamou Sonia. — Acho que nunca soube disso. *Adorei* Granada.

Seguiu-se uma sucessão de perguntas de Jack. Queria saber tudo sobre a cidade, como era fisicamente, o que ela comera e onde,

se visitara os monumentos. Inclusive nas circunstâncias mais favoráveis, ele sempre estava interessado na vida da filha, mas naquele dia estava sedento de informações.

Ela descreveu a trama das ruas de pedra, as praças maravilhosas cheias de árvores, as grandiosas avenidas arborizadas e a maneira como as montanhas de picos nevados formavam um cenário quase irreal para a cidade, como um filme. Falou com entusiasmo sobre a Alhambra em suas tonalidades avermelhadas e sobre a atmosfera do bairro mouro logo abaixo da fortaleza, inalterado havia séculos e ainda não perturbado pelos carros. Ele

escutou com atenção embevecida porém, mais do que tudo, mostrou-se ansioso por ouvi-la contar sobre a dança.

Ela descreveu a escola, os professores, a boate em que colocavam em prática tudo o que aprendiam e os tipos de dança que tinham treinado.

— Tivemos aulas de salsa, merengue e até de um pouco de flamenco — explicou ela.

Jack serviu-se de mais chá. Como de hábito, um trem de carga passou e suas xícaras trepidaram de leve nos pires.

— Granada é um lugar tão bonito, por que mamãe saiu de lá? —

perguntou Sonia.

Mexendo o açúcar no seu chá, Jack Haynes levantou os olhos para a filha.

— Por causa de alguma coisa relacionada com a Guerra Civil. Tenho a impressão de que muita gente foi embora de lá naquela época.

— E ela nunca mais quis voltar?

— Acho que não. Até porque, ela me encontrou — Jack sorriu, o velho rosto franzindo-se em tantas rugas quantos seus anos de vida.

— É claro — respondeu Sonia. — E não consigo jamais imaginar você morando na Espanha.

Não era fácil imaginar seu pai num país estrangeiro. Ficava desconfortável no calor, só gostava de comer com simplicidade e não compreendia nenhuma outra língua a não ser a própria.

— Mas ela não tinha parentes para visitar?

— Creio que não restou mais ninguém da família lá.

O pai se expressava de modo tão vago que ela percebeu que não adiantaria fazer perguntas demais, porém o assunto os levou a trocar reminiscências sobre a mãe de Sonia. Em geral, Jack nunca se estendia muito quando o assunto era Mary. Apesar de ter convivido com a doença da mulher e ter cuidado dela por quinze anos, sua

morte foi um duro golpe para ele. Os estranhos costumavam pensar que a mulher morrera recentemente, tão abalado ele ainda parecia estar. Naquele dia, entretanto, Sonia estava determinada a continuar a conversa.

— Tenho uma vaga lembrança de algo relacionado a isso, de quando eu tinha dez ou onze anos — comentou ela, pensativa.

— O que foi?

— Lembro que mamãe ficou muito contrariada quando as pessoas começaram a ir para a Espanha nas férias. E quando uma de minhas amigas da escola voltou e contou como o país era fantástico, ela ficou uma fera.

— É verdade, também me lembro disso — confirmou Jack em voz baixa.

— E houve um verão em que perguntei se poderíamos ir à Espanha.

Jack recordava-se nitidamente. Mary Haynes era frágil fisicamente, mas sua reação ao pedido da filha havia sido violenta. De vez em quando, ela revelava sinais de um temperamento forte, mediterrâneo, e ele se lembrava quase literalmente das palavras que ela empregara, cada uma delas proferida com extremo rancor:

— Prefiro que me arranquem as unhas a pôr os pés naquele país… enquanto aquele fascista não estiver morto e enterrado — declarou Mary.

Na época, Sonia não compreendeu quem sua mãe chamava de "aquele fascista". De início, conjeturou se não teria sido insensível, pedindo uma viagem para um lugar distante quando seus pais mal podiam se permitir passar férias onde quer que fosse. Mais tarde, contudo, o pai lhe explicara o problema.

— Franco ainda está no poder — dissera-lhe quando a mãe não estava escutando. — Ele causou a Guerra Civil que foi a razão pela qual sua mãe saiu da Espanha. Ela ainda o odeia.

Isso foi em 1974 e Franco morreu um ano depois. Mesmo então, a mãe de Sonia não manifestou nenhum desejo de voltar e nunca mais fez referência à Espanha.

Os dois tomaram mais chá, Sonia comeu um dos biscoitos açucarados do pai.

— É muito triste ela nunca ter ido a Granada outra vez — refletiu Sonia. — Continuou sabendo falar espanhol?

— Não muito, depois de algum tempo. No princípio, não falava uma palavra de inglês, mas lembro a manhã em que acordou e percebeu que não sonhava mais em sua língua natal. Chorou por

causa disso.

Jack Haynes não queria que a filha remoesse a tristeza do exílio da mãe de sua terra natal. Tanto quanto possível, desejava que

guardasse uma imagem positiva da mãe, e mais do que depressa tratou de se recompor.

— Olhe — disse ele —, tenho umas poucas fotos de sua mãe do tempo em que estava em Granada. — E abriu a pesada gaveta da escrivaninha, procurou debaixo de uns papéis e encontrou um envelope velho de cantos destruídos.

Ao se acomodar de volta na poltrona, algumas das fotos caíram-lhe no colo e ele as passou para Sonia. Havia uma tirada do lado de fora de uma igreja, talvez no dia da primeira comunhão de Mary, mas foram a segunda e a terceira que a fizeram parar. Em uma delas, a mãe estava usando o traje tradicional do flamenco. O olhar era brincalhão, provocador, sedutor, mas quase a metade do rosto estava escondida atrás de um leque de modo a torturar o observador. Se não soubesse que aquela era Mary Haynes, seria difícil identificá-la. O mais difícil era imaginar que a mulher daquela fotografia fosse realmente a mesma pessoa frágil de que se lembrava. Na foto, seus cabelos estavam negros, ela parecia majestosa, uma andaluza, sem

qualquer sombra de dúvida.

Então Sonia olhou para a próxima. Por um momento, apenas a observou fixamente. Sua boca secou. Naquela, Mary estava totalmente irreconhecível como sua mãe, mas lembrava-lhe uma outra pessoa. Havia uma semelhança extraordinária com a moça das fotografias do bar em Granada, uma ideia que Sonia sabia que deveria achar absurda mas que não conseguiu tirar por completo da cabeça.

Dava para notar que as fotos tinham sido bastante manuseadas, e ela sempre desconfiou que o pai passasse muito tempo folheando seu passado sem querer que ela soubesse. A última coisa que Sonia desejava era perturbá-lo com mais perguntas desnecessárias.

A mulher por trás do leque poderia ser qualquer moça com traços característicos de Granada, disse a si mesma com severidade mas, quando o pai foi à cozinha para encher de novo o bule, Sonia colocou disfarçadamente as duas fotografias na bolsa. Tomou mais uma xícara de chá e depois se despediu do pai com um beijo.

* * *

O impasse com James não podia continuar. Mais cedo ou mais tarde teriam de falar um com o outro.

Sonia sabia que teria de se incumbir de promover algum tipo de

reaproximação, pois James era ainda mais teimoso do que ela.

101

Deixou-lhe um bilhete em cima da mesa da cozinha certa noite antes de ir dormir sugerindo que jantassem juntos no dia seguinte, mas de manhã, quando desceu para o desjejum, viu que ele nem tocara no bilhete. Subiu para o quarto de dormir de ambos. James sempre arrumava escrupulosamente a cama, porém, naquela manhã, verificou que ele não o fizera. As camisas passadas que a diarista deixara empilhadas no meio da cama na véspera não tinham saído do lugar. James não voltara para casa.

Naquela noite, Sonia encontrou-o no vestíbulo. Não mencionou sua ausência na noite anterior.

— Acho que deveríamos jantar juntos esta noite — disse ela.

— OK, se você quiser.

— Vou preparar uma boa massa — propôs, enquanto James esbarrava nela e entrava no banheiro.

Nem chegaram a comer o *tagliatelli putanesca*. Antes de Sonia terminar de preparar o molho, James já esvaziara a primeira garrafa de vinho. O estopim fora aceso.

Enquanto servia para si mesma uma taça da segunda garrafa, que já estava aberta e em cima da mesa, Sonia pressentia a

agressividade de James.

— Então, tem dançado muito ultimamente? — disse ele com voz arrastada.

— Tenho — Sonia respondeu, procurando manter-se calma, neutra.

— Já deve ser uma tremenda profissional a esta altura.

Ela sentou-se, brincando com o pé de sua taça de vinho, e respirou fundo. O vinho enchera-a igualmente de coragem.

— Vou passar a ter aulas nas sextas-feiras agora — disse.

— Sextas-feiras… Praticamente no fim de semana, não é?

Sonia não se conteve e começou a pôr lenha na fogueira.

— É o dia das aulas avançadas. Não sou mais uma principiante — continuou.

— Sim, mas às sextas-feiras vai ser um saco. Vai ferrar as noites das sextas-feiras, Sonia.

O tom de voz de James com ela agora se tornara amistoso mas ligeiramente debochado, e ela achou a estranha combinação um tanto ameaçadora.

James serviu-se de mais um copo e bateu com o fundo da garrafa na mesa.

— Uma chateação *desgraçada*, Sonia!

— Não precisa falar assim, James.

— Essa história já encheu! É o que eu acho — disse ele, a voz arrastada. — Essa coisa de dançar não combina droga nenhuma com a nossa vida, Sonia.

Nossa vida, pensou Sonia, analisando o par de palavras em sua cabeça. *Nossa* vida?

As palavras lhe soavam esquisitas. Não se identificava mais com elas, da mesma forma que não era mais capaz de imaginar uma existência sem dança.

Havia um certo grau de perigo num bêbado de um metro e oitenta, ainda que sentado à mesa de sua própria cozinha num terno risca-de-giz. Ele se encostou oscilando no espaldar da cadeira e fulminou-a com o olhar. O vinho respingou na gravata de seda amarela e Sonia viu a mancha se espalhar. Queria evitar um confronto a qualquer custo.

A massa estava pronta. Sonia desligou o gás e, assim que levantou a panela, ouviu James berrar:

— *E AÍ?* Vai parar com isso ou não vai?

O volume da voz dele quase a fez deixar cair a panela. A água fervente derramou-se pelo chão e, percebendo que suas mãos

tremiam fortemente, apoiou a panela ao lado da pia.

— Olhe, não estou com muita vontade de comer agora — disse.

— Vou dormir mais cedo hoje.

Perdera realmente o apetite e saiu da cozinha, nauseada de medo e aturdida por descobrir que estava casada com uma pessoa que agora lhe despertava tamanho terror.

Pelo jeito, a aparente “normalidade” de dormir em quartos separados iria continuar. Sentiu um aperto no estômago. Nunca imaginara que chegariam àquele ponto.

Na tarde seguinte, um ícone em forma de envelope apareceu em seu celular. Era uma mensagem de texto de Maggie convidando-a

para passar alguns dias na Espanha. Sonia levou menos de um segundo para digitar as três letras de sua resposta. Não havia nada de urgente em sua agenda e outra viagem a Granada era uma forma bem-vinda de escapar um pouco. Seria bom ter uns dias para ruminar as coisas, e poderia visitar o velho do bar. Era exatamente a oportunidade que desejava.



CAPÍTULO 11

Filas ordenadas de oliveiras, fortes videiras e hortaliças amadurecendo nos campos, formando um tabuleiro de xadrez. Nos cumes das montanhas, a neve derretera aos poucos entre as últimas semanas de março e o início de abril, fornecendo um fluxo constante de umidade para a germinação, e agora os solos enriquecidos estavam repletos de densas plantações. O sol, cuja intensidade aumentava quase a cada dia, maturava os morangos e tomates, que iam do verde ao escarlate. Montanhas escarpadas, colinas ondulantes, borrões de *pueblos* caiados de branco salpicados entre elas e grandes extensões de terras cultivadas — através da janela embaçada do avião, Sonia espiava essa paisagem, modificada pelo calor do princípio do verão desde que a vira pela última vez.

O ar condicionado do avião deixou-a despreparada para o impacto do calor que a atingiu assim que as portas da aeronave

foram abertas. Pestanejou ao sair para o sol do final da tarde, lufadas de ar quente rodeando-a na pista asfaltada como se um secador de cabelos gigantesco a mirasse com seu jato. Naquele momento, sentiu-se começar a derreter. O clima congelante da Inglaterra nos últimos meses a esfriara até os ossos.

Um táxi levou-a rapidamente para o centro da cidade de Granada, o que lhe permitiu uma visão de relance da Alhambra ao passar. O motorista estava com pressa, indo de uma pista à outra entre os outros carros no tráfego da hora do *rush*, impaciente para voltar ao aeroporto e pegar outro passageiro de tarifa fixa como ela.

— Não posso levá-la até lá — disse ele de má vontade quando Sonia lhe mostrou o endereço. Era o tipo de pessoa que parecia ter prazer em não ajudar. — Não é possível.

Maggie estava morando no Albaicín, o velho bairro árabe onde as ruas sinuosas de pedrinhas mal davam para os pedestres, que dirá

para os carros, e o motorista de táxi, peremptório, fez Sonia saltar na Plaza Nueva.

De pé no meio da praça, ela olhou em volta. Num dos lados havia uma série de cafés, todos naquele momento lotados, na maioria com turistas refrescando-se com bebidas geladas e sorvetes sob uma

floresta de guarda-sóis coloridos estampados com propagandas de cerveja ou de Coca-Cola. Seguindo as instruções de Maggie, dirigiu-se para a igreja na extremidade da praça e subiu uns degraus de pedra largos localizados ao lado da construção.

Um grupo usando cabelos rastafári estava em seu caminho, um dedilhando um violão, outro tocando flauta e um terceiro jogando uma bola para seu cachorro sujo. Lutando com a mala pesada, Sonia derrubou uma das latas de cerveja do grupo e derramou o líquido nas escadas. O violonista levantou-se de um salto.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele arrancou a mala de suas mãos e começou a correr. O estômago dela revirou-se de pânico. Disparou atrás dele e descobriu que, no alto da escadaria, ele havia parado.

— Por favor… — disse ele com um sotaque carregado. Para alívio e surpresa de Sonia, ele depositou a mala com cuidado no chão de pedra lisa.

— *Gracias* — disse Sonia, muito encabulada, dando-se conta de que as intenções dele haviam sido totalmente nobres.

— *De nada* — respondeu ele, um sorriso espalhando-se por um belo rosto barbado.

Sonia observou que o rapaz não deveria ter muito mais de dezoito

anos. A barba curta escondia traços angelicais, quase infantis.

Faltavam uns vinte metros para que chegasse a seu destino, e as rodinhas de sua mala chacoalhavam ruidosas no calçamento enquanto ela seguia pela Calle Santa Ana, andando numa faixa estreita de sombra. Tocou a campainha do apartamento 8 no número 32 da rua. Além da grade de ferro decorada e do vidro da porta principal, avistou um saguão revestido do chão ao teto de cerâmica em azul intenso e branco. Ouviu uma voz que vinha do alto chamar seu nome. Afastou-se da entrada e olhou para cima.

Quase ofuscada pela intensidade da cor forte do céu limpo, divisou uma silhueta. Era Maggie, debruçando-se perigosamente numa sacada.

— Sonia! — chamou ela. — Aqui, pegue!

Um molho de chaves aterrissou, barulhento, nas pedras da rua.

— É a prateada! Estou no quinto andar!

Sonia abriu a porta com a chave e começou a subir as escadas. Dessa vez não havia nenhum rapaz angelical à vista.

Quando chegou ao andar certo, Sonia ofegava. Maggie estava junto ao umbral da porta, sorridente, exótica num caftan estampado, os olhos luminosos no rosto bronzeado.

— Sonia! Que bom ver você — exclamou, segurando a mala da amiga. — Entre.

Depois da claridade na escadaria azulejada, o apartamento pareceu escuro. Uma lâmpada fraca no vestíbulo produzia uma iluminação insuficiente e os olhos de Sonia custaram para se adaptar à penumbra.

A sala de estar de Maggie fora decorada em estilo mourisco, com tapetes e mantas, lanternas árabes e móbiles de vidro colorido que tilintavam à brisa que soprava suavemente pelo apartamento. Sonia ficou encantada, e ainda mais pela vista das imensas janelas que iam do teto ao chão: a do rio Darro, que passava bem abaixo do prédio e estabelecia uma divisão no aglomerado de construções do bairro mais antigo de Granada.

— É fantástico — disse Sonia. — Como foi que você conseguiu achar um lugar assim?

— Por intermédio de um amigo do amigo do homem maravilhoso que encontrei quando fui à imobiliária para procurar um apartamento para alugar.

— Homem maravilhoso? — indagou Sonia, captando imediatamente algo diferente na voz de Maggie.

— Pois é, o Carlos — respondeu ela, quase enrubescendo. — Ele

é o dono da imobiliária.

— E o que houve com Paco?

— Acho que você é capaz de adivinhar. Foi me encontrar no aeroporto quando cheguei e passamos umas duas noites juntos. Depois disso, foram só desculpas, desculpas em cima de desculpas. Mas, para ser franca, não me importei — comentou ela, filosoficamente. — Devo um pouco a ele por ter vindo para cá.

— Quer dizer que está tudo bem, não está? — concluiu Sonia, cautelosa.

— Bem?! — exclamou Maggie, quase sem fôlego. — Está muito mais do que bem. Eles realmente sabem como viver a vida aqui. É bastante exaustivo, admito, ir para a cama às três da manhã toda noite e ter de acordar cedo para ir trabalhar. Mas eu adoro. Adoro absolutamente tudo isto aqui.

— E como é esse tal de Carlos? — perguntou Sonia, com ar provocante.

— Ora, ele parece bem interessado. Temos nos encontrado sempre. E ele gosta de dançar… — Maggie citou a última característica como se fosse a mais importante de todas.

Durante horas a fio, as duas conversaram estendidas nas

almofadas espalhadas pelo chão e de cores intensas, e tomaram chá de menta. Tinham muito o que contar uma à outra, tendo se falado apenas uma vez ao telefone desde que Maggie se mudara para Granada. Sonia mencionou o agravamento do hábito de beber de James e a implicância dele com suas aulas de dança, mas não revelou o quanto a situação de ambos se tornara delicada.

O sol já se escondera quando as duas saíram para a cidade em busca de *tapas*.

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Maggie foi ao encontro de seu namorado novo, Sonia voltou ao El Barril. Esperava encontrar Miguel antes da hora de fechar. Sorriu intimamente ao pensar na conclusão tirada por James ao receber aquele cartão-postal semanas antes.

Eram quase onze e meia da noite quando Sonia chegou ao café, e decidiu entrar para procurá-lo. Viu no rosto dele um lampejo imediato de reconhecimento.

— Sim, sim! — exclamou ele. — A senhora inglesa bonita, você voltou!

— Claro! E obrigada pelo cartão.

— Consegui encontrá-la!

— Como descobriu meu nome? — disse ela, estendendo a mão

para o velho apertar, o que ele fez com grande entusiasmo.

— Vi de relance a sua assinatura quando você estava escrevendo um cartão-postal — admitiu com ar culpado. — Ficou na minha cabeça.

— Ah! — disse ela, muito espantada.

Ele parecia ter se tornado um pouco mais lento durante aquelas semanas, desde que o vira pela última vez. A recepção calorosa animou-a, e ela se instalou num banquinho do bar. Todos os outros clientes já tinham ido embora.

— Voltou para dançar mais? —perguntou ele. — Deve querer tomar um café. Ou um conhaque? — Antes que Sonia respondesse, o leite fervente foi despejado numa jarra soltando fumaça e gorgolejando e a conversa ficou temporariamente adiada.

Enquanto Miguel se ocupava com seus preparativos, ela se levantou e encaminhou-se do modo mais displicente possível para as fotografias das paredes. Lá estavam, como antes, o orgulhoso toureiro e, ao seu lado, a dançarina. Sonia se aproximou e fitou os olhos da moça. Não, não tinha certeza absoluta. Os traços eram semelhantes aos da mulher da foto que ela escondera na carteira, mas não idênticos. O vestido da sua foto lembrava os das fotografias

emolduradas, porém não era exatamente o mesmo.

Miguel aproximou-se por trás dela com o café e entregou-lhe a xícara.

— Gosta mesmo dessas fotografias, não é? — disse ele.

Sonia hesitou. “Gostar” não era realmente o verbo mais adequado para definir o efeito que as fotos exerciam sobre ela, mas não podia contar a verdade a Miguel. A explicação pareceria forçada.

— Estou fascinada por elas — disse. — São verdadeiros documentos de época.

— Sem dúvida, de fato são — concordou Miguel.

— Talvez por serem em preto e branco — acrescentou ela prontamente. — Faz com que pareçam vir de um tempo distante. Não poderiam ter sido tiradas na semana passada, não é?

— Tem razão, elas captam uma época em especial — respondeu Miguel. — Um momento muito específico da história.

A afirmação dele soou carregada de um certo peso, e Sonia pressentiu que as fotos deviam significar tanto para ele quanto poderiam significar para ela. Não se conteve e deu prosseguimento à conversa.

— Então — disse ela em tom indiferente, preocupada em não denunciar seu profundo interesse —, conte-me como Granada

mudou tanto.

109

Estava sentada junto ao bar. Apanhou um pacotinho fino de açúcar num prato de vidro e despejou-o no café. Miguel polia os copos e os alinhava com esmero.

— Assumi o bar na década de 1950 — começou ele. — Estava muito maltratado naquela época, mas no final dos anos 1920 e início dos 1930 havia sido um ponto de encontro importante. Todo mundo vinha aqui, de operários a professores universitários. As pessoas não convidavam os outros para irem às suas casas, preferiam encontrar-se nos bares e cafés. Não havia muitos turistas, talvez só os intrépidos ingleses ocasionais, que tinham ouvido histórias sobre a Alhambra.

— Do modo como fala, parecem ter sido os anos dourados — comentou Sonia.

— E foram, no país inteiro.

Sonia então reparou numa pintura colocada no final da parede.

— Parecem gente da Ku Klux Klan — exclamou ela. — Que aspecto sinistro!

A fotografia mostrava um grupo de muitas pessoas vestidas de túnicas brancas, com pequenos buracos redondos para os olhos

recortados nos toucados pontudos como chapéus de bruxas. Formavam uma procissão no meio de uma rua, algumas carregando uma cruz.

— É uma procissão típica da Semana Santa — explicou Miguel, cruzando os braços.

— Bastante teatral — observou Sonia.

— Isso mesmo, é exatamente igual a uma peça de teatro. Hoje em dia, vocês têm inúmeras distrações, como crianças mimadas, mas naquela época não tínhamos e adorávamos essas festas. Eu ainda adoro até hoje. Na semana anterior à Páscoa, todos os dias essas imagens enormes da Virgem ou do Cristo são carregadas pela cidade afora. Já esteve na Espanha para a Semana Santa?

— Não, ainda não — disse Sonia.

— Vai ser daqui a algumas semanas. É uma experiência inesquecível, se você ainda não viu os *pasos*. Deveria ficar até lá.

— É uma ótima ideia — disse Sonia —, mas vou ter de voltar para a Páscoa num outro ano.

— As imagens são imensas, e é preciso ter uns dez homens escondidos debaixo delas para carregar cada uma pelas ruas da cidade. São acompanhadas pelas irmandades da respectiva igreja e

por uma banda.

Sonia deu uma olhada na fotografia.

— *Semana Santa, 1931* — leu em voz alta . — Foi um ano especial?

O velho fez uma pausa.

— Sim. Naquele ano, o rei abdicou logo depois da Páscoa e o país ficou livre da ditadura. E a Segunda República foi declarada.

— Parece ter sido um episódio importante — disse Sonia, envergonhada de sua ignorância sobre a história da Espanha. — Houve violência?

— Não — respondeu Miguel. — Não tivemos derramamento de sangue. Houve muita inquietação antes, mas para a maioria da população o fato marcou um novo começo. Havíamos tido oito anos de ditadura sob o governo de Miguel Primo de Rivera, e durante todo esse tempo mantivemos a monarquia. Era o pior dos mundos. Na opinião de muita gente, a ditadura nada fizera para beneficiar as pessoas comuns. Só o que me lembro é de meus pais se queixando de algumas leis aprovadas na época, como proibir aglomerações e obrigar os cafés a fecharem mais cedo.

— Posso imaginar como essa medida deve ter sido impopular! — interrompeu Sonia. Era difícil visualizar a Espanha sem seus cafés e

bares abertos a qualquer hora do dia ou da noite.

— Seja como for, a ditadura nada fizera para ajudar os pobres, de modo que quando o rei Alfonso XIII abdicou e a República teve início, milhões de pessoas sabiam que a vida iria melhorar. Houve grandes comemorações naquele dia, e os bares e cafés transbordaram de gente.

O entusiasmo na voz de Miguel não teria sido maior se aquilo tudo tivesse acontecido na véspera. A lembrança dos fatos ainda era muito vívida.

E Sonia achou que a maneira como ele falava sobre o assunto era quase poética.

— Foi um momento mágico — disse Miguel. — Tudo parecia cheio de promessas. Mesmo tendo apenas dezesseis anos, eu percebia isso. Estávamos respirando o ar puro da democracia, e daí

em diante muito mais gente poderia opinar sobre a maneira como o país deveria ser governado. O poder dos proprietários de terras, que haviam submetido milhões de camponeses a uma vida de pobreza, fora finalmente reduzido.

— Mal posso acreditar que tais coisas ainda aconteciam na década de 1930! — exclamou Sonia. —Parece tão primitivo falar de

senhores de terras e camponeses!

— É uma boa palavra para definir a situação — disse Miguel. — Primitiva.

Servira duas doses generosas de conhaque, explicando que sempre tomava uma no fim de cada dia e que estava contente por ter companhia dessa vez.

— Há algo de que me recordo com muita nitidez. Todo mundo andava sorrindo sem parar. As pessoas estavam muito felizes.

— Por que acha que essa lembrança se fixou tanto em sua mente?

— Talvez porque algumas pessoas tivessem passado por períodos de grandes dificuldades e ansiedades. Como éramos crianças, provavelmente aceitávamos o modo como eram as coisas, mas a vida de nossos pais deve ter sido muito dura.

Miguel olhou para o relógio e demonstrou surpresa.

— Sinto muito — desculpou-se ele. — Não me dei conta da hora. Preciso realmente fechar o café.

Sonia sentiu o pânico crescer dentro de si. Talvez tivesse deixado passar o momento de fazer mais perguntas a ele sobre as fotografias na parede, e assim nunca mais houvesse outra oportunidade de esclarecer a dúvida angustiante a respeito da fotografia enfiada em

sua bolsa. Disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça, qualquer uma serviria para reter o velho um pouco mais.

— Mas ainda não me explicou o que realmente aconteceu — disse apressadamente. — Por que acabou assumindo o café?

— A resposta mais curta que posso lhe dar é: a Guerra Civil. — Levou o copo aos lábios mas, antes de tomar um novo gole, abaixou-o de novo e seus olhos encontraram os dela, esperançosos. — Se quiser, contudo, posso lhe contar a versão mais longa.

Sonia abriu um sorriso radiante para ele.

— Verdade? — disse. — Vai ter tempo para isso?

— Vou arranjar tempo — afirmou ele, meneando a cabeça.

— Obrigada. Adoraria que me contasse mais sobre o assunto. E vai me contar mais sobre a família Ramírez? —pediu ela.

— Se desejar. As pessoas em geral não se interessam pelos velhos tempos. Mas vou lhe contar o que puder. Minha memória é melhor do que a de muita gente.

— E vai me contar sobre a dançarina e o toureiro? — perguntou Sonia, tentando disfarçar seu entusiasmo.

— Posso até levá-la para um passeio pela cidade, se quiser. Nesta época do ano, às vezes fecho às quartas-feiras. Na minha idade,

preciso de um dia de folga de vez em quando — explicou ele com uma risadinha.

— É muita gentileza sua — disse Sonia, agora meio hesitante. — Mas tem certeza de que pode?

— Claro. Não teria oferecido se não pudesse. Por que não vem me encontrar *mañana*…? Amanhã às dez. Aqui fora.

Era uma perspectiva deliciosa, passear pela cidade levada por uma pessoa que a conhecia tão bem. Sabia que Maggie não tinha interesse pela história nem pela cultura de Granada, embora àquela altura possuísse conhecimentos enciclopédicos sobre seus bares de *tapas*.

Sonia deu boa-noite a Miguel e voltou para o apartamento de Maggie. Necessitava de uma boa noite de sono.

* * *

Ela voltou pontualmente às dez horas da manhã seguinte para encontrar Miguel. Estranhou vê-lo fora do contexto e sem o avental. Naquele dia, ele vestia um paletó elegante verde-oliva e sapatos de couro muito bem-engraxados. Sonia enxergou-o de modo um pouco diferente e percebeu pela primeira vez que ele devia ter sido extremamente bonito um dia.

— *Buenos días* — disse ele, beijando-a nas duas faces. — Vamos

a algum lugar tomar café antes de eu levá-la para o passeio. Tenho um lugar favorito.

Andaram alguns minutos até uma pequena praça dominada pela estátua de uma mulher.

— É Mariana Piñeda — explicou Miguel. — Se estiver interessada, mais tarde posso lhe contar alguma coisa a respeito dela. Foi uma heroína feminista.

Sonia assentiu.

O café aonde Miguel a levou era muito maior do que o seu e mais cheio de gente, mas o proprietário rival o recebeu calorosamente e o provocou por estar acompanhado de uma *"señora guapa"* . Quase todas as outras mesas estavam ocupadas por elegantes senhores de idade que conversavam uns com os outros, enquanto vários homens de negócios permaneciam junto ao bar, todos lendo o *El País*. Cigarros fortes fumegavam numa fileira de cinzeiros. Os funcionários do bar trabalhavam zelosos, ligeiros, preparando *tostadas* com azeite, tomate ou geleia, ou então enxugando ruidosamente os talheres. *Churros* frescos brilhavam debaixo de uma redoma de vidro.

Duas mulheres bem-vestidas, de seus cinquenta e poucos anos, os cabelos castanhos em penteados rígidos, levantavam-se para sair

quando Miguel e Sonia chegaram, e os dois rapidamente se esgueiraram para os lugares delas. Era um café movimentado e qualquer espaço ali valia ouro. Enquanto retirava dois copos de conhaque com as bordas manchadas de batom vermelho, o garçom tomou o pedido de Miguel e daí a instantes ambos estavam sendo servidos, a rapidez e eficiência dele eram tão agradáveis de se ver quanto uma dança.

— Por onde devo começar? — perguntou Miguel retoricamente.

Sonia inclinou-se para a frente, cheia de expectativa. Sabia que ele não esperava uma resposta.

— Acho que vou falar um pouco mais sobre a época imediatamente anterior à Guerra Civil — decidiu ele. — A metade da década que mencionei, entre o fim da Ditadura em 1931 e o começo da Guerra Civil em 1936. É o período conhecido como a Segunda República, e a família Ramírez viveu uma fase de relativa satisfação durante aqueles anos. Sim, isso mesmo, acho que seria um bom ponto por onde começar.



PARTE 2

115



CAPÍTULO 12

GRANADA, 1931

Fontes monumentais jorravam nas praças de Granada e prédios elegantes do século XIX ocupavam o centro da cidade. Suas janelas altas e as graciosas sacadas de ferro batido contrastavam com a irregularidade desengonçada do bairro árabe, mais antigo, cujos prédios de telhados vermelhos, em sua confusão de telhas triangulares e trapezoidais, aninhavam-se num espaço exíguo ao pé da colina. A Alhambra dominava Granada inteira, com as torres majestosas no alto, tomando conta da cidade.

Muitas estradas eram acidentadas e pedregosas e, na primavera, a chuva as transformava em rios de lama. Utilizavam-se bestas de carga para transportar produtos pela cidade e animais eram conduzidos pelas ruas. No inverno, havia sempre um bafejo de estrume pairando no ar e, nos dias quentes de verão, a cidade toda

exalava mau cheiro. O rio Genil de vez em quando rompia suas margens quando a neve das montanhas acima de Granada começava a derreter, mas por volta de agosto podia já estar quase seco. Suas pontes eram locais de encontro de amigos e namorados durante o ano todo.

A família Ramírez morava em cima do El Barril. Havia três gerações que o estabelecimento pertencia a eles, e Pablo Ramírez nascera no mesmo quarto onde sua mulher dera à luz seus filhos. Pablo casara-se com Concha quando ela estava com dezoito anos e o primeiro filho deles, Antonio, nascera um ano depois. Quando ela completou vinte e seis anos, o casal já tinha quatro filhos, e a antes curvilínea Concha havia emagrecido de tanta preocupação e trabalho duro. Seu rosto bonito ainda se mantinha arredondado, mas ela parecia ter mais idade do que tinha de fato. Pablo, muitos anos mais velho do que a mulher, era baixo e moreno, um granadino típico.

Apesar de raramente desfrutarem um momento de descontração, era uma existência estável e havia uma reconfortante sensação de vínculo que mais do que compensava o fato de disporem de rendimentos limitados. Havia sempre alguém atravessando o bar para ir ou vir do apartamento acima dele e, embora Pablo e Concha

estivessem quase sempre ocupados, a família ainda conseguia se reunir para uma refeição às três horas, um ritual que ambos faziam questão de manter, e a que todos os filhos se esforçavam para estar presentes. Quando menores, todos tinham sentido o peso do chinelo do pai quando se atrasavam. Amor e respeito por seus pais eram coisas que tinham em comum.

El Barril estava localizado num ponto de encontro entre as variadas culturas de Granada. Por morarem nos limites do Albaicín, as crianças sentiam-se à vontade tanto na atmosfera do bairro árabe, onde o ar vibrava com o ritmo dos ferreiros batendo no metal, quanto na do Sacromonte, onde os ciganos viviam em suas casas escavadas na encosta da colina. E o lamento triste da canção *gitana* fazia parte da vida diária assim como as ressonâncias profundas dos sinos da catedral e os chamados dos vendedores nas barracas do mercado de flores. Dos quartos do andar de cima, avistavam as campinas verdes além dos limites da cidade e a Sierra Nevada adiante.

Como todas as crianças de Granada, Antonio, Ignacio, Emilio e Mercedes Ramírez haviam crescido brincando nas ruas e sociabilizando-se nas praças. Costumavam ficar mais perto da Plaza Nueva, onde estava situado o café de seus pais e, quando pequenos, divertiam-se com brincadeiras de cara ou coroa e chapinhavam no

raso das margens do rio Darro abaixo do Albaicín, onde moravam muitos de seus amigos. Apesar de ser um dos *barrios* mais pobres, isto não impedia que fosse ao mesmo tempo um dos mais alegres e animados.

Irmãos, irmãs, pais e colegas da escola eram a população de seu mundo. Eram amigos de grupos inteiros de irmãos, de modo que, se Concha Ramírez quisesse saber onde um de seus filhos poderia estar, a informação nunca era difícil de obter.

— Ah — alguém lhe dizia —, Emilio está brincando com Alejandro Martínez. O irmão dele acabou de me dizer. — Ou: — A mãe de Paquita pediu para avisar que Mercedes vai à *fiesta* com eles hoje à noite.

Dessa maneira, a cidade aparentava ser um lugar muito pequeno. As crianças tinham liberdade para perambular à vontade, e

havia maior risco de serem pisoteadas por uma mula irritada trazendo lenha do campo do que atropeladas por um dos poucos carros que circulavam pela cidade. Durante o dia, Pablo e Concha Ramírez nunca se preocupavam com o paradeiro de seus filhos. Era uma cidade sem perigos, um lugar onde era impossível alguém se perder, e a influência do mundo exterior permanecia firmemente

afastada. Eles tinham muito pouca experiência a respeito de qualquer outro lugar a não ser a sua cidade. Certa vez, muito tempo antes, houvera uma visita ao litoral, que nunca mais se repetiu. A única viagem que faziam com regularidade era a uma aldeia no alto das montanhas ao norte de Granada onde morava a irmã de Concha, Rosita.

Em 1931, quando começou a Segunda República, Antonio estava com vinte anos, Ignacio com dezoito, Emilio com quinze e Mercedes com doze. Pablo e Concha Ramírez amavam todos eles igualmente e sem reservas.

Antonio, o mais velho, era mais corpulento que seu pai e, como todos na família, bem moreno. Por trás de seus óculos, brilhavam diligentes olhos castanhos. Fora uma criança séria e o homem crescido não foi muito diferente do menino. Escutar a conversa dos adultos sempre havia sido seu passatempo favorito, e crescer num café proporcionara-lhe oportunidades em abundância para tal. Pablo e Concha estavam sempre insistindo que fosse brincar com as outras crianças, mas desde cedo ele perdeu o interesse pelas brincadeiras infantis. Tinha, porém, dois amigos muito próximos, que conhecia desde a mais tenra idade.

Um deles era Francisco Pérez, cuja família morava na esquina da

Calle Elvira com a Plaza Nueva. Naquele mundo restrito deles, os Ramírez e os Pérez eram tão chegados quanto parentes de sangue. Luis e Maria Pérez moravam em cima de sua serralheria, estabelecida muitas gerações antes, com seus dois filhos, Julio e Francisco. Quando não estava atrás do balcão de sua oficina, Luis estava sempre no El Barril, e, em mais de quatro décadas de amizade, nunca faltou assunto para conversa entre ele e Pablo.

O segundo grande amigo de Antonio era Salvador. Chamavam-no de “El Mudo”, sem se incomodarem com a rudeza do apelido. O menino mudo. Ao longo dos anos, os bons amigos de Salvador tinham se tornado fluentes na linguagem dos sinais, e os três ficavam horas sentados discutindo. Naturalmente, Salvador, surdo e mudo desde que nascera, era o mais eloquente e gracioso de todos na maneira de se comunicar: bordava o ar com as mãos, formava

desenhos que se transformavam em expressões de humor, alegria, raiva e preocupação. Em algumas ocasiões, seus sentimentos eram grandemente exagerados; em outras, um sutil dar de ombros ou um movimento dos dedos era tudo o que bastava.

Quando a Segunda República foi instaurada, uma das prioridades do novo governo era garantir que todos tivessem a

oportunidade de aprender a ler, e lançou-se uma campanha para erradicar o analfabetismo. Antonio acabara de se formar professor, o que sempre fora sua ambição, portanto a meta da Segunda República de proporcionar educação para todos contava com o seu apoio. Agradava-lhe ser parte de algo maior do que apenas fazer o trabalho cotidiano na sala de aula. Via que o analfabetismo transformava os indivíduos em escravos, e que cada analfabeto que aprendia a ler era uma pessoa a menos a servir de criado mal remunerado para os capitalistas. Sabia que a educação era uma poderosa força libertadora.

Depois de 1931, a señora Ramírez tentou convencê-lo a não ir a reuniões políticas. Considerava-as mais perigosas do que touradas. A ironia é que ela não estava completamente errada. Numa tourada, pelo menos, a luta acaba se equilibrando, e o lutador e o animal têm chances iguais. Em política, nem sempre é assim.

Ignacio era o mais vistoso de todos. Apesar de ser a pessoa mais presunçosa que se possa imaginar, era também uma companhia fascinante. Com olhos e cabelos negros como ébano, enfeitiçava as pessoas, sobretudo as mulheres. Elas não conseguiam deixá-lo em paz, o que às vezes complicava a sua vida. Bastava olhar na direção delas e pronto, encantavam-se. Isso era comum a muitos homens do

mundo viril dos *toreros* — colocavam-nos no mesmo pedestal que as estrelas de cinema.

A obsessão com as corridas de touros começara muito cedo.

Desde os três anos de idade, uma toalha de mesa do café fazia as vezes de capa a fim de que Ignacio praticasse suas *verónicas*, seus passes. Antes mesmo de conseguir formar frases inteiras, sabia o que gostaria de fazer quando crescesse.

Ignacio costumava apresentar sua *corrida* em miniatura para uma plateia indulgente no café, onde os clientes aplaudiam e simulavam susto quando ele matava seu touro imaginário. Quando bajulados, irmãos ou amigos faziam o papel do touro para ele. Com relutância, pois sabiam que provavelmente sentiriam a espada de

madeira machucá-los ao ser enfiada em suas omoplatas. Ignacio não reconhecia os limites que separavam a fantasia da violência.

— *La hora de la verdad!* — gritava, triunfante, com um largo sorriso sanguinário no rosto. Simulava o “momento da verdade”, em que o matador se posiciona para mergulhar a lâmina no touro. Com o animal atacando e agora próximo, ele não tinha tempo para hesitação e sabia, já em criança, que quanto mais limpa a execução mais seguro o homem e mais impressionados os espectadores. Ao

segurar a espada de madeira no alto, era como se escutasse a multidão prender coletivamente a respiração, o silêncio misterioso de uma vasta massa de humanidade mantida em puro suspense. Quem saberá quantas vezes ele realizou esse ensaio geral para o que se tornaria realidade tanto tempo depois? Quando tinha cinco anos de idade, a avó fez para o seu aniversário um pequeno traje de toureiro, que ele usou até todas as costuras se esgarçarem e, por fim, se abrirem.

Com quinze anos, Ignacio abandonou a escola. Vinha negligenciando os estudos e mais ou menos todo o resto desde pequeno, e seus pais achavam difícil controlá-lo. As medidas clássicas perfeitas entre os olhos ovais, o nariz forte e uma boca que só um pintor seria capaz de inventar faziam-no parecer intocável, divino. Seu comportamento, porém, estava longe de ser o de uma divindade. Em algumas ocasiões, nem humano era. Quando criança, muitas vezes agia como um animal, tinha até mesmo a força de um boi, fazendo dele um bom adversário para um touro quando fosse afinal para a arena a fim de cumprir seu destino inexorável.

Robusto mas de quadris estreitos, não poderia ter formas mais perfeitas para o traje de toureiro: a jaqueta curta e bordada de joias, conhecida como *traje de luces*, as calças de malha justas que se

colavam às nádegas, coxas e tornozelos. Por volta dos nove anos, ganhara a denominação de “El Arrogante”, que o acompanharia pela vida adulta e pelas *corridas* na Espanha. Passara os últimos três anos seguindo continuamente, quase como uma sombra, um dos matadores de Granada, vendo-o lutar e observando-o ensaiar seus volteios com um touro imaginário, tal e qual ele próprio fizera quando criança.

Se algum dia tivesse tido um apelido, Emilio teria sido “El Callado”, o Silencioso. Não poderia ser mais diferente de seu irmão mais velho fanfarrão, Ignacio, que sempre se vangloriava; mas vez por outra, quando Emilio rompia seus longos silêncios, ninguém duvidava da força de suas paixões. Seus horizontes eram, numa

direção, as campinas próximas da Vega de Granada e, na outra, o Sacromonte, e não sentia necessidade de conhecer o que estivesse acontecendo além desses lugares. Seu mundo estava contido dentro do corpo sedoso e bem-torneado de seu bem mais precioso: sua guitarra de flamenco cor de mel.

Emilio era mais alto do que seus irmãos. Era também o mais claro de pele e o mais frágil. Igual a uma árvore que se estende para cima a fim de encontrar a luz, Emilio cresceu mais do que os outros

homens de sua família em altura, se bem que não em largura ou peso.

Ao contrário de Ignacio, que estava constantemente na rua, jogando futebol e de vez em quando desaparecendo até muito tarde da noite na companhia de seus amigos, Emilio costumava estar no quarto do sótão do apartamento. Lá ficava sentado horas a fio, as costas roçando nas telhas do telhado, curvado como um corcunda em cima de sua guitarra, os dedos fortes tirando as notas de alguma canção desesperada. Sequer cogitava em precisar de claridade para ler as notas numa página impressa. A música estava inteiramente dentro de sua cabeça e, na penumbra do sótão, ele fechava os olhos com força para bloquear qualquer filete de luz que viesse de alguma fresta.

Se alguém subia ao topo da escada estreita atraído por sua música, ele raramente notava aquela presença. Não parava de dedilhar as cordas, envolto no encantamento das ondas de som, trancado em seu enlevo de fazer música. Não precisava de ninguém. Quem quer que viesse escutá-lo às escondidas logo ia embora, sentindo-se culpado por invadir seu mundo particular.

Emilio não era ambicioso como Antonio e Ignacio, o que na realidade era conveniente, já que seus pais iriam um dia precisar de

alguém para trabalhar no bar, e assim ele se preparou para a tarefa desde o momento em que foi capaz de percorrê-lo todo. Só queria ficar em Granada. A guitarra era sua verdadeira paixão. Aprendera a tocar com um dos clientes do bar, um velho cigano chamado José, e embora o velho tivesse morrido antes de Emilio chegar a completar doze anos, o menino já assimilara as técnicas básicas do flamenco. E trabalhou nelas até ser quase tão bom quanto as estrelas do Sacromonte.

Já tocava bastante para a irmã quando os pais permitiram que ela se apresentasse em público. Na verdade, a única pessoa cuja presença Emilio notava ao subir a escada tosca era sua irmã mais

nova. Mercedes não conseguia ficar longe do som do irmão, e ele tolerava o interesse da menina como não o fazia com mais ninguém. Igual a muitas meninas, Mercedes dançava flamenco desde os cinco anos. Antes disto, era desaconselhável, pois se consideravam os ossos das crianças fracos demais para suportar o pesado bater de pés. De modo que, desde a mais tenra idade, ela subia sorrateira para o sótão e, na escuridão claustrofóbica sob o telhado inclinado, encontrava o ritmo com suas palmas, de início sentada no chão, aos pés de Emilio. Depois, levantava-se e começava a bater os pés e a

girar, e àquela altura Emilio às vezes até abria os olhos para mostrar a ela que não se incomodava com que ela estivesse ali. Eram as *fiestas* particulares dos dois.

Nada mais comum do que ver meninas pequenas, da altura do joelho dos pais, dançando em casas particulares em *juergas* locais, e cujo talento precoce oferecia um espetáculo que atraía rapidamente uma plateia. Mesmo que sua mãe se preocupasse com os ossos fracos, Mercedes não era o tipo de criança a quem se diz o que deve fazer. Naquele espaço minúsculo, ela aprendeu a estalar os dedos, torcer o corpo e tocar as castanholas. Não havia ninguém ensinando, a menina simplesmente imitava as *señoritas* que vira, assimilando seu porte altaneiro, observando seus passos e absorvendo o som e a fúria de seus movimentos. Parecia ser algo que lhe vinha naturalmente, embora não tivesse sangue cigano.

Concha sempre se surpreendia que Emilio não ficasse irritado com a companhia de Mercedes e, então, uma noite, quando parou ao pé da escada para ouvir, entendeu o motivo. Mercedes contribuía para a música dele. A batida dos saltos no piso de madeira e as palmas forneciam-lhe a percussão.

As pessoas lá embaixo na rua às vezes escutavam o rápido tropel dos pés dela e olhavam para cima para ver se descobriam de onde

vinha o som, rápido e regular como o som de alguém rolando a letra R, veloz como a vibração da língua no céu da boca.

Com doze anos, havia um vigor e uma solidez em Mercedes que em pouco tempo iriam desabrochar em voluptuosidade. Tinha o rosto em formato de coração como o de sua mãe, duas covinhas nas faces, uma no queixo, e o vinco em sua testa começava a ficar mais fundo. O cabelo que lhe descia em negras ondas lustrosas pelas costas era tão comprido que dava para ela sentar em cima dele.

A melhor amiga de Mercedes era Paquita Maneiro, que morava no Albaicín. A dupla era frequentemente encontrada num pátio,

assistindo a señora Maneiro fiar e tecer. Os dedos da mulher não paravam da manhã à noite, e mesmo então ela parecia ser capaz de enxergar no escuro, trabalhando em seus tapetes à luz bruxuleante de uma vela acesa. Um árduo modo de ganhar a vida, mas havia sido uma opção consciente. O marido morrera cinco anos antes, e teria sido fácil ir para as ruas a fim de obter seu sustento, ganharia mais depressa algumas pesetas do que se matando de trabalhar como fazia agora. Enquanto tecia, as duas meninas dançavam diante dela, as biqueiras de aço dos sapatos esbarrando nos cantos das pedras redondas do calçamento. Tal como Mercedes, Paquita adorava o

flamenco, mas se esforçava para dançar com a mesma desenvoltura. A única menina da família, Mercedes era adorada pelos irmãos, quase a ponto de ser estragada por eles. Sempre conseguia o que queria e nenhum deles gostava de provocar seu mau gênio, fácil de atiçar. A expressão altiva da dançarina de flamenco era-lhe natural.

A família Ramírez vivia uma existência relativamente feliz, ainda que nem sempre reinasse a paz doméstica entre eles. Os filhos tinham temperamentos muito marcantes, algo que seus pais festejavam, mas que lastimavam nos dias em que as portas batiam e as discussões se inflamavam. Ignacio habitualmente estava no centro da confusão, e aparentemente só ficava contente quando despertava a raiva de um dos irmãos. Adorava provocar Antonio, o mais velho, que em geral era paciente, e lutar com ele para provar sua superioridade física, e nada o divertia mais do que espicaçar o retraído Emilio até fazê-lo brigar. Ignacio jamais brigava com Mercedes, jamais. Implicava, dançava e flertava com ela. Só ela conseguia dissipar a atmosfera venenosa que às vezes pairava entre seus irmãos.

* * *

Embora tivessem levado uma vida feliz e contente mesmo durante a década de 1920, a família Ramírez comemorou quando a

Segunda República chegou. Foi como uma doce brisa de primavera para a Espanha. Alguém encontrara a chave, abrira a porta e escancarara as janelas. O ar fresco circulou por toda parte, levantando a poeira e soprando as teias de aranha para longe. Na cidade, a maioria das pessoas alimentava-se razoavelmente bem, mas muitos dos que viviam no campo, nos seus arredores, tinham apenas o suficiente para não morrer de fome. Os proprietários de terras mantinham os trabalhadores em estado de mendicância, alimentando-os apenas o suficiente para garantir que aguentassem trabalhar a terra para eles. Alguns dos clientes do El Barril vinham

de fora e contavam histórias sobre as dificuldades pelas quais o povo passava nas áreas rurais. A própria irmã de Concha tinha parentes submetidos a esse regime duro.

Concha mostrou-se entusiasmada com a nova liberdade que a Segunda República estava trazendo, especialmente para as mulheres. Pablo nunca teria lançado mão de um recurso como aquele para reprimi-la, mas a revogação do código civil, que dava precedência aos homens sobre suas mulheres, teve um enorme significado. Muitas mulheres menos afortunadas do que Concha eram tratadas como escravas.

— Escute isso, Merche! — dizia Concha entusiasmada, para que a filha, de somente onze anos, conhecesse o impacto de algumas mudanças que estavam sendo feitas sobre seu futuro. Concha estava lendo o jornal. — Antes, era assim: “O marido deve dar proteção à mulher e esta deve obediência a seu marido… O marido é o representante da mulher. Ela não pode, sem a permissão dele, ir à corte de justiça.”

Mercedes olhava para a mãe com ar inexpressivo. Tendo pais dedicados como os seus, não admirava que a criança deixasse de ver as implicações da questão. A antiga lei de fato impedia que as mulheres se divorciassem de seus maridos.

— E agora a lei diz o seguinte — continuava Concha, empolgada:

— “A família está sob a custódia do Estado. O casamento está baseado em direitos iguais para ambos os sexos e pode ser dissolvido por acordo mútuo ou por solicitação de qualquer uma das partes.”

A legislação não afetava diretamente a família Ramírez, mas uma nova igualdade nos casamentos era emblemática do tipo de mudanças que ocorria sob a República. Agora havia educação para todos, a cultura florescia em todas as suas modalidades e tudo indicava que o elitismo passaria a ser coisa do passado.

Além do entusiasmo causado por esses avanços políticos, outro

grande acontecimento para a família Ramírez foi, em 1931, a primeira experiência de Ignacio na praça de touros. Ele foi um dos bandarilheiros, a equipe dos homens que, com a ajuda de suas capas e usando lâminas afiadas, aguilhoam e ferem o touro antes da chegada do matador para o golpe fatal.

Depois de todos aqueles anos de brincadeiras infantis e fantasias, já estava na hora de Ignacio sentir de perto o bafo quente de um touro.

As touradas eram populares em Granada e, durante um certo período, a cidade chegou a ter duas praças de touros, a velha e a nova, ambas em atividade. Toda a família Ramírez já fora muitas vezes à Plaza de Toros, mas ver um dos seus surgir na arena seria um acontecimento histórico para eles. Estavam todos lá para presenciar o momento, exceto Emilio, a quem repugnava a ideia de um animal inocente ser assassinado sob os aplausos da multidão.

Para Mercedes, era a primeira vez que tinha permissão para ir. A menina mal conseguia conter sua animação. Era um dia quente de junho, daqueles que dão às pessoas um vislumbre de como será o verão, importunando-as com um sopro antecipado do calor intenso que será a média de julho e agosto. A atmosfera era de entusiasmo,

de *fiesta*.

— Por que você não para de se abanar? — perguntou Mercedes.

— Estamos na sombra.

Pela primeira vez, ao menos que se lembrassem, a família ocupava os melhores assentos, protegidos do ardor do sol.

— Não me dei conta de que estava me abanando — disse a mãe, agitando o leque. — Gostaria que começassem logo. — Estava visivelmente agitada.

Ouviu-se um toque de clarins e a multidão fez silêncio por um momento. Então, começou a exibição. Do portão, saíram os três matadores e suas equipes de lanceiros montados — os picadores —, bandarilheiros e um *mozo de espada*, o portador da espada.

— Aquele ali é mesmo o nosso filho? — sussurrou Concha no ouvido do marido. Ardiam lágrimas em seus olhos.

Um grupo de rapazes bonitos como estrelas de cinema desfilou ao redor da arena, ofuscando a plateia ao sol do fim de tarde com o reluzir dos bordados metálicos que enfeitavam seus trajes. A despudorada feminilidade de suas roupas incrustadas de imitações de diamante e coloridas como confeitos — cor de malva, rosa, verde-pistache e amarelo-ocre — tornava-os mais atraentes do que nunca para a multidão apaixonada de mulheres. Para o grande dia, Ignacio

escolhera uma roupa de um azul-turquesa vibrante que o destacava dos demais e, com os calções colantes, o traje descaradamente fulgurante só fazia acentuar sua esplêndida masculinidade.

Segurando os chapéus respeitosamente na mão direita e levando as pesadas capas cor-de-rosa na esquerda, curvaram-se diante dos dignitários no camarote presidencial. Já desfrutavam desde aí a

adulação do público. O matador que ocupava o topo do cartaz naquele dia recebeu os vivas de seus admiradores com um movimento majestoso do braço e então o grupo todo prosseguiu em sua ronda. O toureiro de Ignacio era o segundo nome do cartaz.

A primeira tourada foi enfadonha. O touro era lento e não representou um desafio para ninguém da *cuadrilla*. Quando seu cadáver foi arrastado na arena pelos cavalos, houve pouca reação, apenas aplausos irregulares.

Momentos depois, houve novo toque de clarins. Os portões se abriram e um touro entrou em disparada. Era um animal enorme. Marrom-escuro, cor de chocolate, com um pescoço grosso e espáduas largas, os chifres curvos pontiagudos como agulhas.

— Que beleza — murmurou Pablo Ramírez.

— Ele é imenso! — exclamou Mercedes, empolgada.

Em geral, o melhor dos seis touros a serem mortos no dia era reservado para o fim. Difícil imaginar algum melhor do que aquele. Para o estágio inicial, o segundo dos matadores e seus bandarilheiros, entre eles Ignacio, incitaram o touro, testando seu caráter com as capas, fazendo-o virar para um lado e para outro com a finalidade de iniciar o processo de cansá-lo. Nesse estágio, o touro e o homem pareciam estar em iguais condições. O touro ainda não estava enfurecido, mas à medida que continuaram a brincar com ele o animal aos poucos percebeu o desprezo dos antagonistas e sua raiva cresceu. Ele baixava a cabeça e atacava mais rápido do que um homem é capaz de correr. Por um momento ao menos, foi o rei da arena.

Diferentemente da maioria, esse touro conseguia quase girar sobre o próprio corpo e parecia ligeiro, considerando-se o seu peso. O matador precisava resolver qual a melhor maneira de desafiá-lo, observando se por instinto ele atacava para a esquerda ou para a direita. Depois, todos se retiraram da arena. Concha deixou escapar um suspiro de alívio, Ignacio ainda estava vivo. Agarrou a mão de Mercedes e a menina sentiu a ansiedade da mãe no frio pegajoso do contato.

Em seguida, o picador entrou na arena, o cavalo pesado com os

acolchoados de proteção, a visão limitada por antolhos. Em segundos, a tarefa dele estava cumprida. Sua lança mergulhara fundo no músculo que se projetava, ereto, no pescoço do touro. O

sangue escorreu e espalhou-se pelas costas do animal como uma manta.

O touro obteria sua vingança, entretanto. Com a cabeça bem abaixada, investiu contra o cavalo e levantou-o com os chifres, espetando a parte desprotegida de seu estômago. Sacudiu-o para cima como se o cavalo pesasse menos do que o ar, e o picador lutou para manter o equilíbrio quando sua montaria desabou debaixo dele. Com as cordas vocais cortadas, a criatura ferida não produziu um som sequer.

— Coitado do cavalo! — gritou Mercedes, horrorizada. — Ele vai morrer?

— É provável que sim, querida — respondeu a mãe. Ali só havia lugar para realismo.

A família Ramírez viu Ignacio retornar à arena com os outros bandarilheiros a fim de atrair o touro para longe do cavalo morto e do picador desamparado. Para Concha, aquela era a função mais perigosa e desprotegida do espetáculo, e os olhos de 20 mil

espectadores estariam voltados para seu filho quando os bandarilheiros se apresentassem com apenas um pedaço de pano cor-de-rosa, e nenhuma outra arma, para se defenderem de uma fera confusa e zangada de seiscentos quilos.

Por ser o primeiro dos bandarilheiros de seu grupo, Ignacio abandonou a capa para viver a sua tão esperada oportunidade com as facas. Queria mostrar à multidão que podia proporcionar mais emoção que o próprio matador, e estava decidido a levar todos os presentes às beiradas de seus assentos. Seu objetivo era estar entre aqueles cujos nomes seriam celebrados nos bares naquela noite.

As pernas esticadas, braços estendidos para cima segurando as duas lâminas, ele se manteve firme na frente do touro, que avançou contra ele vindo do lado oposto da arena. No momento em que os chifres pareciam estar a um palmo de distância de seu peito, ele saltou a fim de obter a trajetória desejada para suas adagas. Num só movimento, enfiou habilmente as pontas afiadas das bandarilhas no músculo do pescoço do touro e pulou para se desviar do seu caminho. As facas penetraram profundamente nas espáduas da fera e as borlas que ornamentavam suas pontas oscilaram no ar. Ignacio havia mirado perto da ferida já infligida pelo picador, e o sangue fluiu formando uma brilhante sela vermelha.

O cálculo de fração de segundo de Ignacio poderia ser interpretado como uma simples loucura, mas a multidão ficou empolgada. Todos arfaram e deram vivas num só fôlego. Aquele era exatamente o tipo de entretenimento que desejavam: uma forte sensação de risco e a chance de ver sangue humano.

Ignacio atingira seu objetivo. Arrebatara a plateia e conquistara sua adulação fazendo-a maravilhar-se com sua bravura e assombrar-se com a proximidade tão grande do perigo a que ele chegara.

Ninguém que tivesse assistido à proeza de Ignacio duvidaria do elo entre a sua atuação e o esporte do salto ao touro da antiga Grécia. Durante um brevíssimo instante, o ágil bandarilheiro pareceu levantar voo. Mais uns poucos centímetros e talvez ele pudesse pular por cima do animal que o atacava. Foi pura acrobacia. A essa altura, estava sem capa, sem espada, sem adaga e não havia nada entre ele e o touro, que então se virou para olhar seu atacante.

— Não posso nem ver — disse Concha, enterrando a cabeça nas mãos, convencida da morte iminente do filho.

Antonio segurou com delicadeza o braço da mãe.

— Ele vai se sair bem, mãe.

Antonio tinha razão. Ignacio podia agora atravessar a arena

diante do touro sem nada sofrer. A energia do touro esmorecia. O perigo passara. Um segundo depois, ele se retirava para o *callejón*, a passagem por trás da barricada de madeira da arena.

O touro foi liquidado pelo matador, mas o trabalho importante fora realizado pelos três bandarilheiros. Talvez tivessem sido eficientes demais, pois o touro estava praticamente de joelhos quando o matador apareceu com sua capa vermelha. O animal quase não tinha mais energia para acompanhar o movimento da *muleta* escarlate enquanto o toureiro vestido de dourado executava seus passes. O momento final, quando a espada trespassou seu coração, não emocionou ninguém.

O final do touro consistiu numa volta de despedida em torno da arena, arrastado pelos cavalos. Usaram-no como um pincel para pintar um círculo vermelho perfeito na areia. Foi sua humilhação definitiva.

A segunda apresentação de Ignacio naquela tarde causou tanta sensação quanto a primeira. A carreira de El Arrogante tivera um começo magnífico. Chamara a atenção dos aficionados.

Nos dias que se seguiram, predominaram nos cardápios dos restaurantes da cidade um ensopado feito com *rabo de toro* — rabo

de touro — e travessas de carne assada na brasa desses animais deliciosos, que tinham passado suas vidas inocentes em ricas pastagens. O mercado de carne em Granada estava cheio de *toro*, e todos os membros da família Ramírez apreciavam a iguaria, com exceção de Emilio, que não a queria nem perto de seu prato.

Concha percebeu então que assistir ao desempenho de seu filho na arena não seria fácil e que, quantas vezes o fizesse, sempre teria a sensação de que seu lindo filho de quadris estreitos seria morto a chifradas. Torturava-se com isso. De vez em quando, Pablo tentava tranquilizá-la com estatísticas que provavam como poucos lutadores morriam nas arenas, mas nem assim apaziguava seus medos.



CAPÍTULO 13

Poucos meses depois da chegada da República, uma certa decepção começou a se instalar. As conversas no El Barril logo se

voltaram para os rumores de que a esquerda começava a se dividir, e falava-se que o governo republicano dominado por socialistas não estava conseguindo terminar com a pobreza tão depressa quanto prometera. Antes mesmo do fim de 1931, houve confrontos entre forças de segurança e trabalhadores, que protestavam por achar que seus interesses não estavam sendo representados.

Havia muita gente que ansiava pela volta dos ricos e privilegiados

ao

governo

e

muitos

detestavam

o

novo

liberalismo,

responsabilizando-o por uma onda de comportamentos permissivos que consideravam difíceis de engolir. Ao longo dos primeiros anos seguintes, manifestaram oposição à República em todas as oportunidades possíveis. O novo governo rapidamente se tornou impopular entre os conservadores ao cercear a Igreja Católica e restringir suas procissões e celebrações religiosas. Essa atitude foi

encarada como uma grave ameaça a um modo de vida tradicional. O poder da Igreja também fora enfraquecido com a abertura de novas escolas não religiosas. A Igreja uniu-se aos latifundiários e aos abastados em seu rancor contra o novo regime, deplorando a perda de seu poder incontestado.

Cisões começaram a se verificar dentro do próprio governo, uma situação explorada pelos que estavam interessados em derrubá-lo. No início de 1933, em meio a uma onda de violência na província de Cádiz, um grupo de anarquistas sitiou um quartel da Guarda Civil na cidade de Casas Viejas e declarou a chegada do comunismo libertário. Inevitavelmente, desencadeou-se uma luta.

— Mas essas pessoas não deveriam estar do mesmo lado? — comentou Concha. — Não entendo. Se vão começar a brigar uns com os outros, então é melhor voltarmos para a ditadura! — Ela espiava

por cima do ombro de Antonio as manchetes das notícias do jornal daquele dia.

— Essa é a teoria — respondeu ele. — Mas tenho certeza de que esses trabalhadores não acham que o governo esteja do seu lado. Quase todos estão desempregados há mais de um ano.

Antonio estava certo. Aqueles “revolucionários” esfomeados

vinham vivendo nos limites do desespero, ganhavam duramente a vida pedindo esmolas, caçando e pescando em propriedade alheia, uma atividade ilegal, e esperando uma ocasional doação de alimentos ou de peças de vestuário. O anúncio de um aumento dos preços do pão acabara por incitá-los a agir.

Em poucos dias, as notícias se agravaram. De Cádiz, saíram reforços da Guarda Civil e da *Guardia de Asalto* para acabar com a insurreição. Cercaram a casa de um anarquista conhecido como Seisdedos — porque tinha seis dedos na mão — e no fim alguém deu ordem de pôr fogo na moradia. Além dos que morreram no incêndio, outros anarquistas que haviam sido presos antes foram fuzilados a sangue-frio.

— Isso é uma selvageria! — comentou Ignacio ao saber que doze homens tinham morrido no ato de repressão. — O que o governo pensa que está fazendo?

Ignacio não era alguém que ficasse naturalmente do lado de camponeses e revolucionários, mas para os que, como ele, não suportavam o governo republicano-socialista que estava no poder, era uma oportunidade de criticar o primeiro-ministro, Manuel Azaña. O incidente estarreceu o país, e a direita enxergou ali uma situação que poderia ser explorada a seu favor, mais do que depressa

acusando o governo de barbárie.

— Acho que talvez os dias da coalizão estejam contados — disse Ignacio com o tom inocente mas intencional que sabia que iria incomodar o irmão mais velho.

— Vamos ver, não é? — respondeu Antonio, decidido a não perder a calma.

Os dois irmãos estavam sempre discordando, e a política tornara-se uma fonte crescente de discussões. Na opinião de Antonio, Ignacio não possuía opiniões políticas firmes. Só gostava de confusão. Às vezes nem valia a pena discutir com ele.

Nas eleições realizadas no final de 1933, Antonio esperava ardorosamente que os liberais permanecessem no poder. Para seu

grande pesar, um governo conservador foi eleito e todas as reformas introduzidas pela esquerda viram-se ameaçadas. Resmungos de irritação irromperam em explosões de descontentamento. Greves e protestos foram organizados. Surgiram movimentos de jovens tanto socialistas quanto fascistas, e os rapazes altamente politizados da geração de Antonio encontravam-se na vanguarda em ambos os lados.

A situação se acirrou no ano seguinte e, em outubro de 1934,

houve uma tentativa frustrada da esquerda de encenar uma greve geral. Fracassou, mas uma rebelião armada em Astúrias, a região das minas de carvão no norte do país, prosseguiu por duas semanas, desencadeando amplas consequências. Houve aldeias bombardeadas e cidades costeiras atingidas por fogo de artilharia.

O centro dos acontecimentos ficava muito longe de Granada, mas a família Ramírez acompanhou-os de perto.

— Ouçam isto — disse Antonio, com indignação na voz ao ler o jornal do dia. — Eles executaram alguns dos cabeças da revolta!

— Por que o espanto? — replicou Ignacio. — Eles não podem deixar esse tipo de coisa acontecer.

Antonio decidiu não reagir.

— Bem feito para esses esquerdistas que incendeiam igrejas! — continuou Ignacio, determinado a provocar o irmão.

Membros da Legião Estrangeira Espanhola trazidos para lidar com a situação não só executaram alguns líderes como também mataram mulheres e crianças inocentes. Grandes áreas das cidades principais da região, Gijón e Oviedo, foram bombardeadas e queimadas.

— Mãe, olhe essas fotos.

— Eu sei, eu sei, já vi. Elas dizem tudo…

A destruição dos prédios não era a última vingança. O povo estava agora brutalmente reprimido. Trinta mil trabalhadores haviam sido presos e a tortura era coisa trivial no cárcere. A imprensa socialista se calava.

A atmosfera no país mudou. Até no El Barril, onde Pablo e Concha faziam o que podiam para não aparentar uma preferência por qualquer partido político, percebia-se que a desconfiança entre as pessoas começava a se estabelecer. Alguns de seus clientes apoiavam abertamente os socialistas, outros nitidamente abriam os

braços para os conservadores no governo, e de vez em quando surgia animosidade entre eles. Houve uma transformação sutil no ambiente do bar. Os dias tranquilos da República pareciam estar chegando ao fim.

Quaisquer que fossem as mudanças e convulsões políticas que estivessem ocorrendo, o que preocupava Concha era o processo de erosão dos privilégios que tinham sido conquistados para a população comum. E o mais importante de tudo, ela iria lamentar muito o desaparecimento de qualquer das melhorias para a vida das mulheres. Pela primeira vez na história da Espanha, as mulheres ocupavam cargos públicos e participavam da política. Milhares delas

agora também iam para as universidades e praticavam esportes, até touradas.

Concha e suas amigas chamavam irreverentemente as novas liberdades das mulheres de “liberação e lingerie”, por causa das novas e provocantes roupas de baixo que viam às vezes anunciadas nos jornais. Por ter ela própria saído da pobreza rural ao se casar com Pablo, queria ver Mercedes também melhorar sua vida, e ficara satisfeita com a perspectiva de sua filha crescer numa sociedade cheia de oportunidades. Com as mulheres tendo profissões e alcançando posições de poder e influência, Concha esperava que a vida ofereceria para Mercedes mais do que simplesmente enxugar copos e enfileirá-los em ordem no bar. Apesar de Mercedes não pensar em nada mais além de dançar, a mãe encarava isso como uma espécie de passatempo de criança.

Não se preocupava com seus filhos homens. Já tinham carreiras em andamento e um futuro que parecia promissor.

— Granada está cheia de oportunidades — dizia ela a Mercedes —, imagine então como deve ser no resto da Espanha!

Mercedes tinha apenas uma noção limitada do que devia ser o resto de seu país, mas balançou a cabeça concordando. Sabia que Concha não levava seu gosto pela dança muito a sério. À medida que

transcorriam os meses e os anos, ela se convencia de que era só o que iria querer fazer sempre, mas era difícil convencer seus pais. Todos os irmãos apreciavam aquela sua ambição. Tinham-na visto dançar desde os dias de seus primeiros sapatos de flamenco, os menores feitos, até o presente, em que ela já se igualava a qualquer dançarina de Granada, e Mercedes sabia que compreendiam seu desejo.

133

Quando surgiram histórias, vindas através da família de Concha que morava no campo, sobre empregados de fazendas estarem sendo maltratados novamente, a mãe fez discursos para a família sobre a injustiça de tudo aquilo.

— Não foi para isso que a República foi criada! — clamava ela. — Ou foi?

Esperava uma resposta dos filhos, mesmo que o marido permanecesse deliberadamente neutro. Pablo achava que era a melhor posição a adotar, sem sombra de dúvida, levando em conta que seu negócio dependia da necessidade de receber bem qualquer pessoa que chegasse à porta. Não queria que El Barril se identificasse demais com uma ou outra tendência política, ao contrário de diversos outros bares de Granada, que tinham se

transformado em pontos de encontro de rodas muito exclusivas.

Antonio resmungou alguma coisa, concordando. Era mais agudamente consciente das mudanças políticas que ocorriam do que todos os outros membros de sua família. Acompanhava de perto os acontecimentos no parlamento espanhol, as *Cortes*, e lia vorazmente os jornais, absorvendo os fatos. Embora a cidade de Granada tivesse uma forte tendência conservadora, Antonio, como sua mãe, sentia-se naturalmente atraído para a esquerda. A família poderia ter ignorado este fato não fossem as brigas que ele costumava ter com Ignacio. Os dois rapazes viviam à beira do conflito.

Quando crianças, brigavam por causa de praticamente tudo, de brinquedos e livros até por quem deveria comer o último pedaço de pão da cesta. Ignacio nunca admitia que idade e precedência deveriam ter alguma ligação entre si. Agora, a discordância entre eles se estendia para a questão mais séria da política e, ainda que com menos machucados e arranhões do que antes, era com ódio que brigavam.

Emilio sempre se mantinha calado enquanto os irmãos discutiam. Não queria se meter, sabendo que Ignacio muito provavelmente iria atormentá-lo. Mercedes de vez em quando interrompia com apartes. A veemência das discussões deles a

perturbava. Queria que gostassem uns dos outros, e para ela aquele antagonismo não podia ser natural entre irmãos.

Outro motivo para a polarização era o entrosamento de Ignacio com a gente das touradas. As pessoas que eram atraídas para aquele esporte — ou arte, como era visto por muitos — costumavam ser as mais conservadoras de Granada. Eram os proprietários de terras e os

ricos, e Ignacio adotava de bom grado suas atitudes. Pablo e Concha aceitavam essas inclinações e esperavam que a maturidade o fizesse ver que a razão estava mais para o meio-termo. Enquanto isso, Antonio achava a presunção de Ignacio difícil de aceitar e não fazia o menor esforço para esconder sua opinião.

A casa só acalmava quando Ignacio estava fora para alguma *corrida*. Seus tempos de bandarilheiro tinham ficado para trás e ele completara seu aprendizado como *novillero*, um período durante o qual só podia enfrentar touros jovens. Agora era um *matador de toros* completo, e em sua *alternativa*, a cerimônia em que essa transição fora formalizada, os especialistas repararam em seu talento precoce. Aonde quer que fosse, não somente em Granada mas em Sevilha, Málaga ou Córdoba, a fama de Ignacio aumentava a cada apresentação.

À medida que Emilio crescia, começou a desenvolver uma antipatia por seu irmão que superava até mesmo a de Antonio. Os dois se opunham instintivamente em todos os assuntos. Ignacio escarnecia de Emilio em todos os sentidos: por sua paixão pela guitarra, por sua falta de interesse nas mulheres, e alegava que ele não era o que seu irmão mais velho definia como “um homem de verdade”. Ao contrário de Antonio, que esgrimia com as palavras melhor ainda do que Ignacio, Emilio refugiava-se no silêncio e depois em sua música. Sua falta de vontade de revidar e lutar com Ignacio de uma das maneiras que ele compreendia, pelos punhos ou com uma frase benfeita, enfurecia o irmão ainda mais.

Apesar de ser uma criatura bem mais sociável que seu irmão, Mercedes estava imersa no mundo solipsista da música e da dança. Nada mudara muito para ela dos cinco aos quinze anos. Ainda passava grande parte de seu tempo no sótão escutando o irmão tocar ou visitando sua loja favorita atrás da Plaza Bib Rambla, que fazia os melhores vestidos de flamenco da cidade, conversando com a proprietária, acariciando os tecidos e sentindo suas dobras, deixando os folhos extravagantes correrem por seus dedos como se fosse uma noiva escolhendo o enxoval.

A loja, dirigida pela señora Ruiz, era seu paraíso particular. Em

armações de metal presas no teto estavam pendurados vestidos em tamanhos de adultos e de crianças, e havia até trajes minúsculos para bebês que ainda nem sabiam andar, que dirá dançar. Todos eram confeccionados com a mesma atenção aos detalhes, e as séries de babados franzidos debruados de fitas ou rendas eram todas meticulosamente engomadas. Cada vestido era diferente do outro e

não havia dois tecidos repetidos. Havia saias simples para aulas e blusas brancas despojadas, xales bordados com borlas de seda, pentes de cabelo e fileiras de castanholas reluzentes. Os rapazes não foram esquecidos, e havia conjuntos de calça e casaco de todos os tamanhos, do menino pequeno ao adulto, com chapéus pretos para completar a roupa.

Os vestidos favoritos de Mercedes eram os que tinham arame na última bainha, para fazê-los mexerem-se numa ondulação perfeita quando a dançarina girasse. Eram os que ela ansiava possuir, mas, por custarem muitos milhares de pesetas, tinha de se contentar com a fantasia. Possuía três trajes feitos por sua mãe, mas queria o que chamava de um “vestido de verdade”, e a dona da loja nunca se cansava de conversar sobre qualidade e custo de tecidos com ela. Para seu aniversário de dezesseis anos, os pais tinham prometido

dar-lhe o que tanto desejava.

As pessoas se encantavam com seu desempenho de bailarina desde os seus oito anos. Era comum as meninas começarem a dançar em público nessa idade, e isto nunca era considerado inadequado ou precoce. Desde os onze anos, ela subia regularmente a colina para ir ao Sacromonte, onde viviam os ciganos em suas moradias úmidas escavadas na encosta. Embora tivesse muitos amigos no lugar, a verdadeira razão por que ia ao Sacromonte era para ver uma velha *bailaora* conhecida como “La Mariposa”. Muita gente a considerava uma bruxa velha maluca. María Rodríguez perdera de fato um pouco da lucidez, mas ainda conservava as lembranças de seus tempos de grande dançarina. Via em Mercedes um lampejo de si mesma mais jovem, e talvez em sua mente idosa pensasse que ela e a menina eram a mesma pessoa quando revivia sua dança através da adolescente.

Mercedes tinha amigos de sua idade, mas era sempre na casa decrépita da mulher que sua mãe a procurava primeiro. Era seu refúgio, o lugar onde crescia sua obsessão.

A señora Ramírez estava preocupada com o desempenho escolar de Mercedes, os boletins assinados por seus professores não a impressionavam. Queria ver a filha aproveitando o que aquele mundo

em transformação podia oferecer.

— Merche, quando vai parar em casa para estudar? Não pode passar a vida inteira rodopiando. Isso jamais vai garantir seu sustento.

136

Tentava usar um tom despreocupado mas falava sério, e Mercedes sabia. A menina mordeu a língua para não responder.

— Não adianta discutir com mamãe — disse-lhe Emilio. — Ela jamais vai entender seu ponto de vista. Assim como não entende o meu.

A opinião de Concha era que, sem sangue cigano, Mercedes nunca seria uma "boa" dançarina. Achava que os *gitanos* eram os únicos que sabiam dançar ou tocar guitarra flamenca.

Até Pablo discordava.

— Ela é tão boa quanto eles — dizia, justificando-se para a mulher ao assistir a filha dançar numa *fiesta*.

— Mesmo que fosse — retrucou Concha. — Preferia que fizesse outra coisa. É o que acho.

— E ela "acha" que dançar é o que tem de fazer — interrompeu Emilio, corajosamente.

— Você não tem nada a ver com isso, Emilio, e gostaria que não

a incentivasse tanto — revidou Concha, ríspida.

O pai sempre estimulara o amor de Mercedes pela dança, mas agora começava a se preocupar com isso, embora por razões diferentes da mulher. Desde a vitória do partido conservador nas eleições e das agitações no norte do país, a Guarda Civil passara a apertar os parafusos dos que não agiam de acordo com as regras. Quem quer que confraternizasse com os ciganos, por exemplo, era visto como subversivo. A quantidade de tempo que Mercedes passava no Sacromonte começava a preocupar até a ele.

* * *

Uma tarde, Mercedes voltou correndo da casa de La Mariposa e irrompeu porta adentro do El Barril. No café deserto só estava Emilio, atrás do bar enxugando xícaras e pires. Agora ele trabalhava ali quase em tempo integral. Seus pais descansavam no apartamento, Antonio estava na escola dando suas últimas aulas do semestre e Ignacio estava em Sevilha para uma *corrida*.

— Emilio! — chamou ela, ofegante. — Você tem de tirar esta noite de folga, você tem de sair comigo!

Ela se aproximou do balcão e ele viu gotinhas de transpiração na sua testa. Devia ter corrido muito, o peito arfava por causa do esforço. O cabelo comprido, às vezes meticulosamente trançado para

a escola, estava desgrenhado e solto sobre os ombros.

137

— Por favor!

— Para quê? — perguntou ele, continuando a enxugar um pires.

— Uma *juerga*. María Rodríguez acabou de me contar que o filho de Raul Montero virá para tocar. Hoje à noite. Fomos convidados, mas você sabe que não posso ir sozinha...

— A que horas?

— Mais ou menos às dez. *Por favor,* Emilio! *Por favor,* venha comigo.

Mercedes agarrou a beirada do balcão, os olhos arregalados, implorando ao irmão.

— Está bem, vou pedir aos nossos pais.

— Obrigada, Emilio. Dizem que Javier Montero é quase tão bom quanto o pai dele.

Dava para notar como a irmã estava agitada. A senhora lhe dissera que, se Javier Montero fosse ao menos uma fração tão bonito quanto o pai ou tivesse um décimo do talento dele na guitarra, já valia a pena vê-lo.

Javier Montero não era exatamente um estranho porque muitos *gitanos* o conheciam. Viera de sua casa em Málaga a convite deles.

Muitos músicos costumavam vir de fora para tocar, mas aquele causara mais alvoroço e expectativa no lugar do que a maioria. Tanto o pai como o tio contavam-se entre os maiores nomes do flamenco e, naquela noite do verão de 1935, “El Niño”, como era conhecido, iria tocar em Granada.

Quando entraram na sala comprida e sem janelas, um vulto sentado já estava tocando baixinho uma *falseta*, uma variação da peça com que abriria a apresentação. Só o que avistavam dele era o alto de sua cabeça e a massa brilhante de cabelo negro que lhe caía sobre o rosto, escondendo-o por completo. Curvado amorosamente sobre sua guitarra, parecia estar escutando, como se acreditasse que o próprio instrumento é que lhe daria sua melodia. Alguém batia levemente o ritmo no tampo da mesa mais próxima.

Durante dez minutos, enquanto as pessoas entravam, ele não levantou a cabeça. Quando a ergueu, fitou um ponto a meia distância que só ele enxergava. Era uma expressão de pura concentração, as pupilas de seus olhos escuros apenas registrando os contornos das poucas figuras já sentadas. Com a luz por trás

delas, os rostos estavam no escuro e suas silhuetas projetavam um halo.

O jovem Montero estava sob a luz do holofote para que todos o vissem. Parecia mais jovem do que seus vinte anos, e a covinha no queixo conferia-lhe uma inocência inesperada. Havia algo quase feminino nele, com o cabelo abundante, reluzente, e os traços mais delicados do que a maior parte dos homens ciganos.

No momento em que olhou para ele, Mercedes ficou petrificada. Achou-o de uma beleza extraordinária para um homem e, quando seu rosto desapareceu outra vez por trás da cortina de cabeleira, foi como perder alguma coisa. Desejou ardorosamente que ele levantasse o rosto para que voltasse a examiná-lo. Ele continuou a dedilhar as cordas, negligente, vaidoso o bastante para esperar uma plateia maior e evidentemente pretendendo iniciar sua apresentação somente quando a sala estivesse repleta.

Mais de meia hora depois, e sem aviso aparente, começou a tocar.

O efeito de sua música em Mercedes foi físico. Naquele momento exato, foi como se o coração dela se expandisse. Os fortes batimentos que ressoavam tão alto em seus ouvidos quanto um tambor eram inteiramente involuntários. Sentada como todos os outros num banco baixo e desconfortável, ela abraçava o corpo trêmulo para tentar imobilizá-lo. Em toda a sua vida, nunca escutara ninguém

tocar assim. Nem os homens mais velhos que tocavam havia mais de meio século produziam um som tão sublime.

Aquele *flamenco* era um só com sua guitarra, e os ritmos e melodias que extraía dela passavam pelo público como uma corrente elétrica. Acordes e melodia emanavam de seu instrumento com pancadinhas percussivas no *golpeador.* Era como se uma terceira mão invisível entrasse em ação, a segurança de sua técnica e a originalidade da música enchiam todos de assombro. O aumento da temperatura do ambiente era palpável e o *Olé* murmurado percorria a sala como um chapéu que fosse passado de mão em mão.

Gotas de suor corriam pelo rosto de Javier Montero e, pela primeira vez, quando ele jogou a cabeça para trás, os espectadores viram seus traços deformados pela concentração. Filetes de umidade desciam-lhe pelo pescoço. O percussionista fez um solo de alguns minutos, permitindo-lhe descansar, e mais uma vez ele lançou seu olhar fixo e inexpressivo por cima das cabeças da plateia. Não se

envolveu com as pessoas nem por um segundo. Vistas de onde ele estava sentado, formavam uma única massa amorfa.

Houve mais uma peça e, então, vinte minutos depois do início da apresentação, o músico fez um breve aceno com a cabeça, levantou-

se e foi embora, abrindo caminho entre a multidão que o aplaudia. Mercedes sentiu a ponta do casaco dele roçar em seu rosto ao passar e inalou o cheiro agridoce de seu corpo. Algo próximo ao pânico tomou conta dela. Era forte como uma dor, e seu coração voltou a bater com força como antes. Súbito, num terrível instante, os gestos posados de amor e sofrimento que ela copiara de outras dançarinas de flamenco ao longo dos anos tornaram-se reais. A representação fora um ensaio geral para aquele momento.

A angústia, o desespero diante da possibilidade de jamais pôr os olhos naquele homem outra vez quase a fizeram perder a compostura e gritar alto: “Pare! Não vá embora!” Discrição e bom senso não poderiam contê-la, e assim ela se levantou e saiu, deixando Emilio discutindo com outros na *cueva* sobre o que tinham acabado de presenciar.

A atmosfera exaltada não era incomum naqueles espetáculos, mas mesmo assim o instrumentista revelara-se superior aos melhores, todos concordavam, e a inveja ligeiramente competitiva de seu brilhantismo deu lugar à admiração.

Quando o ar fresco a atingiu, Mercedes quase perdeu a coragem. No escuro, do lado de fora da porta, estava o vulto do guitarrista. A brasa de um cigarro aceso denunciou sua presença.

De repente, sua própria audácia pareceu-lhe quase indecorosa.

— *Señor* — sussurrou.

Montero estava acostumado com essas tentativas de aproximação. A sedução de um músico hábil invariavelmente se mostrava irresistível para alguém na plateia.

— *Sí* — respondeu. A ausência de profundidade em sua voz foi uma surpresa.

Mercedes estabelecera uma linha de ação e, apesar de um medo de rejeição muito compreensível, ela prosseguiu. Era como um cabo de guerra, tinha de seguir em frente ou retroceder. Como já chegara até ali, teve de dizer as palavras que ensaiara em sua cabeça.

— Pode tocar para mim? — disse, e, dominada pela consciência da própria audácia, preparou-se para a rejeição.

— *Acabei* de tocar para você…

A voz soou enfastiada. Pela primeira vez, deu-se o trabalho de olhar para ela. Viu seus traços ressaltados pela luz da rua. Tantas mulheres aproximavam-se dele assim, sedutoras, disponíveis, fascinadas pela sua música, mas quando as via na claridade percebia que tinham idade para serem suas mães. De vez em quando, porém, cheio da adrenalina de sua apresentação, isso não o

impedia de passar uma hora ou mais de intimidade com elas. Ser objeto de adoração nunca deixava de ter um certo atrativo.

A moça era jovem, todavia. Talvez quisesse mesmo dançar. Seria diferente.

— Você vai ter de esperar — disse ele secamente. — Não quero uma multidão em volta.

Já tocara o suficiente para aquele dia, mas a ideia de verificar o que a moça queria dele era bem intrigante. A ousadia dela bastara para persuadi-lo, mesmo sem a influência do rosto bonito. Acendeu outro cigarro e permaneceu nas sombras. Os minutos se passaram e as pessoas foram saindo e se afastando.

Mercedes, rondando por perto sem ser vista, avistou a figura esguia de seu irmão descer a ruazinha de pedras e desaparecer. Presumiria que ela já estava em casa. Só restava o dono da *cueva*, ansioso para fechar as portas e encerrar a noite.

— Podemos ficar só mais um momento aí dentro? — pediu-lhe Javier.

— Está bem —assentiu ele, reconhecendo Mercedes. — Como quiser. Mas tenho de ir embora daqui a dez minutos. Não mais do que isso.

Mercedes acendeu novamente a luz. Javier reassumiu a sua

posição anterior e, de cabeça baixa, escutou os intervalos entre as cordas, ajustou duas cravelhas e então levantou os olhos. Estava pronto para se ocupar daquela *señorita*.

Até então, não prestara muita atenção nela, só notara que era jovem, mas agora, preparada para começar a dançar, viu que não se tratava de nenhuma criança recatada. Tinha todas as características de uma dama altiva: a postura, a "atitude", a noção de dramaticidade.

— Então, o que quer? Umas *alegrías*? *Bulerías*?

Num vestido simples de verão com saia rodada e de sapatos baixos, o traje não era adequado para dançar, mas isto não a desestimulou.

— Uma *soleá*.

Ela o divertia, aquela garota. Sorriu da segurança que exibia na sua presença. Fluía dela antes mesmo que tivesse mexido um dedinho da mão.

Sua atenção concentrou-se inteiramente nela como um foco de luz. Ela bateu palmas para pegar a batida da guitarra e, quando sentiu que o ritmo dele e o dela estavam perfeitamente sincronizados, começou seus movimentos. Martelou no chão uma sequência de

batidas, primeiro bem devagar, depois ergueu os braços acima da cabeça e suas mãos colearam, depois curvaram-se para trás, quase niveladas aos punhos.

Então seus pés começaram a se mexer, cada vez mais depressa, até ronronarem. Não havia um sopro entre os passos, de tão ligeiro que um se seguia ao outro. Para iniciar, Mercedes dançou timidamente, a uma distância respeitosa de seu acompanhante. Ele a observava com atenção, refletindo seus movimentos com habilidade no que tocava, como Emilio sempre fazia.

Essa dança prosseguiu por cinco ou seis minutos, e ela girava e sapateava, os pés sempre voltando ao mesmo lugar. O contorno dos músculos de seu corpo ficou visível para Javier através do algodão fino do vestido. As dançarinas costumam agitar as dobras de seus vestidos como parte da coreografia, mas os panos eram geralmente pesados, e Mercedes achou a leveza de seu vestido uma liberação. No último tempo do compasso ela parou, ofegante, e seu corpo continuou oscilando por causa do esforço.

— *Muy bien* — ele sorriu pela primeira vez. — Muito bem. Muito, muito bem.

Ela sequer o olhara de relance durante a dança, mas ele não tirara os olhos dela. Tinha a impressão de que ela passara por uma

transformação entre os primeiros e os últimos compassos.

Esquecera-se de como podia ser prazeroso acompanhar uma dançarina. Fazia alguns anos que evitava fazê-lo. Poucas vezes encontrava uma dançarina com quem quisesse estar junto. Elas raramente eram boas.

Era a sua vez de escolher a música.

142

— Agora, a *bulería* — anunciou.

Mercedes considerava essa dança muito mais difícil, mas não teve dificuldade em pegar o ritmo. No instante em que começou, sentiu o andamento e seus pés moveram-se quase instintivamente. Dançava agora somente para ele e cabia a ela acompanhá-lo. Ela girou trezentos e sessenta graus, os dedos claros estendidos para ele mas sem nunca o tocar.

Foi uma peça mais longa e Mercedes deu tudo de si dessa vez. Não haveria outra depois daquela. Ao girar, seus cachos negros voaram como uma manta e o prendedor de cabelo caiu retinindo no chão. Os braços pareciam guiar e seguir ao mesmo tempo as rotações do corpo até que, como um giroscópio, ela diminuiu a velocidade e terminou a dança com uma última batida do pé, que coincidiu com o acorde final da guitarra.

Mercedes estava arquejante e encharcada de suor, com mechas de cabelo úmido coladas pelo rosto. Parecia que estivera correndo na chuva.

Puxou uma cadeira e sentou-se. O silêncio era opressor, enervante depois do barulho que haviam feito. Para quebrar a tensão, ela se abaixou e apanhou seu prendedor de cabelo.

Alguns minutos se passaram. Javier estudava aquela mulher que se transformara em outra pessoa enquanto dançava. De forma bastante inesperada, ela o emocionara. Antes, talvez uma única vez em sua vida, uma *bailaora* conseguira inflamá-lo, no mais das vezes sentia-se como um cavalo de carga levando um fardo pesado. Fazia tempo que decidira não acompanhar ninguém. Com essa moça, fora um dueto.

— Então… — disse Javier em tom ambíguo, observando-a prender o cabelo.

Mercedes sentia-se desconfortável sob o foco do olhar dele. Tentou conter a respiração ofegante para ouvir o que ele diria em seguida e teve a sensação de que poderia explodir.

— … foi o que você queria?

A pergunta não era a que ela imaginara que ouviria, mas tinha de responder.

— Foi mais do que eu esperava — disse ela, a única resposta que lhe ocorreu.

143

O dono da *cueva* voltara e estava balançando as chaves. Aquele músico podia ser festejado em outros lugares, mas isso não impedia o proprietário de querer trancar o estabelecimento e ir para casa.

Javier recolocou a guitarra na caixa e fechou-a com um estalo.

Do lado de fora, virou-se para Mercedes. A temperatura caíra e, em seu vestido molhado de suor, ela estremecia de frio. Ele a viu tremer e não achou nada de mais tirar seu casaco e colocá-lo nos ombros dela.

— Olhe, leve meu casaco. Posso ir buscá-lo de manhã antes de viajar — disse ele com delicadeza. —Onde posso encontrar você?

— No café de meu pai. El Barril. Logo depois da Plaza Nueva. Qualquer pessoa saberá informar.

Sob a claridade incerta do lampião a gás, ele olhou longamente para aquela criatura e ficou intrigado com a maneira como ela o afetava. Era uma mistura interessante de criança e adulto, uma adolescente prestes a tornar-se mulher, ingênua e no entanto experiente. Já vira muitas jovens bailarinas de flamenco assim, virginais porém desprovidas de inocência. Sua sensualidade

exorbitante habitualmente desaparecia no instante em que paravam de dançar, mas essa menina era diferente. Ela transpirava sensualidade, e a lembrança disso iria mantê-lo insone naquela noite.

Mercedes chegou em casa e percebeu imediatamente que estava enrascada. Emilio voltara uma hora antes esperando já encontrá-la e agora estava sentado diante de uma das mesas do bar com os pais. Moças jamais saíam à noite desacompanhadas, e Concha e Pablo estavam furiosos, tanto com o filho, por não ter desempenhado seu papel de *chaperon* como deveria, quanto com a filha. Ela sabia que não adiantava explicar que estivera dançando. Só a levaria a escutar o sermão de sempre sobre como a dança um dia a meteria em dificuldades. E aquilo ela não queria ouvir.

— E que roupa é essa que você está usando? —indagou Pablo. — Não é sua, com certeza?...

Mercedes, com ar distraído, tocou as lapelas do casaco de Javier.

— O que pensa que está fazendo, andando por aí com um casaco de homem? — A voz do pai soou indignada.

Ela aconchegou o casaco ao corpo. Estava impregnado do cheiro do *flamenco*, e ela respirou fundo a fim de levar toda aquela

fragrância embriagante para dentro de seus pulmões. O pai estendeu a mão, esperando que ela fosse tirar a ignominiosa peça de roupa, mas a filha passou correndo e refugiou-se no quarto.

— Merche! Saia já daí! — Concha fora atrás dela escada acima e batia com força na porta.

A menina sabia que podia ignorar sem risco as ordens da mãe. Todos estavam cansados e logo iriam para a cama. Discutiriam novamente pela manhã.

Embora a noite estivesse quente, dormiu embrulhada no casaco, inalando intensamente a lembrança do homem que o possuía. Se nunca mais o visse, pelo menos teria aquilo. Jamais abandonaria aquela lembrança.

Na manhã seguinte, Javier entrou tranquilamente no café. Era um sábado, de modo que não havia escola, e Mercedes estivera pendurada à janela desde que acordara, esperando que ele chegasse.

Ele passara quase toda a noite acordado. Não conseguia parar de pensar na jovem dançarina. Quando fechava os olhos, lá estava ela, e quando os abria ela permanecia com ele. Não costumava ter insônia. Ia para a cama exausto quase todas as noites, cheio de uísque e charutos.

A menos que estivesse de fato acompanhado de mulheres, não

consumia muito tempo pensando nelas. Mas aquela moça não lhe saía da cabeça. Ficou satisfeito por ter uma desculpa para ir encontrá-la de novo na manhã seguinte.

Quase desejou que, à luz do dia, ela não fosse como ele lembrava. Estava levemente irritado consigo mesmo. Sem dúvida, não precisava complicar sua vida com o amor. Talvez a meia-luz da noite anterior tivesse contribuído para criar uma fantasia. De qualquer maneira, precisava pegar seu casaco de volta. Era o melhor que tinha.

Um rapaz estava fazendo café no bar quando ele entrou. Era Emilio. Antes que Javier tivesse tempo de falar com ele, Mercedes entrou precipitadamente. Estava segurando o casaco. À luz do dia, sua sedução parecia ainda maior. Todos os vestígios de timidez da véspera tinham sumido, dando lugar ao sorriso mais encantador e aberto que ele jamais vira.

Emilio observava os dois. Reconhecera Javier.

— Obrigada por me emprestar — disse Mercedes, entregando-lhe o casaco.

Como mantê-lo ali por mais um momento? A moça buscava aflita uma inspiração.

— Gostou da minha dança? — perguntou ela impulsivamente.

— Você é a melhor não *gitana*, a melhor *payo* que já encontrei — respondeu ele com sinceridade.

Era uma declaração tão exagerada que ela achou difícil de acreditar. Corou, sem saber se ele estava troçando ou falando sério.

— Se eu voltar aqui algum dia, quer dançar de novo para mim?

As palavras secaram na garganta dela. Aquela pergunta não precisava de resposta.

Ficaram parados à distância de um metro entre si, respirando o ar um do outro.

— Tenho de ir embora agora.

Embora existisse o desejo, ele não podia beijar-lhe a face de leve nem tocar seu braço. Sabia que esses gestos eram impróprios e, de qualquer modo, estava consciente do olhar vigilante de Emilio, que empilhava pratos atrás do bar fazendo grande ruído.

Um segundo depois, Javier se fora. Para sua surpresa, Mercedes descobriu que não estava triste. Sabia com absoluta certeza que o veria novamente.

Esperou durante semanas, sem pensar em outra coisa e tentando reter a lembrança do cheiro dele.

Afinal, chegou uma carta. Javier escrevera para Mercedes por

intermédio de sua mestra, La Mariposa. Estava voltando a Granada e queria que ela se apresentasse com ele. Poderiam ensaiar na casa da velha *bailaora*.

Mercedes encheu-se de angústia. O homem era um estranho para sua família, meia década mais velho do que ela e, o mais inaceitável de tudo, era um *gitano*, um cigano. Sabia o que seus pais diriam se lhes pedisse autorização. Só havia um jeito, que seria fazer tudo sem que eles soubessem. Estava preparada e correria qualquer risco para poder dançar de novo com Javier.

Mercedes confiou em Emilio, sabendo que o irmão não a trairia.

Ele continuou a tocar enquanto, sentada em sua cama, ela tagarelava sem parar sobre o convite.

— Vou contar aos nossos pais — prometeu. — Mas não logo. Sei que tentariam me impedir.

Emilio esforçou-se para esconder seu ressentimento. Sabia que estava sendo deixado para trás.

Mercedes não se dava conta das implicações daquilo tudo para o irmão e continuava a falar, no auge do entusiasmo:

— Você virá à nossa apresentação, não é? Mesmo sem poder convidar papai e mamãe, não vai ser a mesma coisa se você não for…

* * *

A primeira vez que ela levou seus sapatos de dança colina acima para ir à casa de María Rodríguez ao encontro de Javier, suas pernas tremiam tanto que mal a sustentavam. Como iria dançar com pernas tão trêmulas que mal conseguiam andar?

Chegou à casa da senhora e, como sempre fazia, levantou a tranca e entrou sem bater. O interior estava às escuras, como de costume, seus olhos demorariam alguns minutos para se adaptarem. María normalmente aparecia instantes depois, ao escutar o barulho da porta.

Mercedes sentou-se numa cadeira velha e começou a trocar os sapatos. Do meio das sombras, veio uma voz.

— Olá, Mercedes.

Ela deu um pulo, assustada. Supondo que seria a primeira a chegar, não notara que Javier já estava na sala.

Sequer sabia como chamá-lo. “Javier” parecia íntimo demais. “Senhor Montero” parecia absurdo.

— Oh, olá… — a voz saiu baixa. — Fez boa viagem?

Era o tipo de conversa neutra que ela escutara tantas vezes entre os adultos.

— Sim, obrigado — respondeu ele.

Então, para dissipar o embaraço do momento, María entrou na sala.

— Ah, Mercedes, você já chegou — disse. — Quer dizer que vamos assistir a um pouco de dança? Parece que Javier ficou muito impressionado com você na última vinda a Granada.

147

Eles repetiram a *soleá* e a *bulería* de seu primeiro encontro, em seguida Javier tocou uma sequência de outras danças para Mercedes.

Conforme a hora passou, quase sem intervalo, ela foi relaxando. Quase esqueceram inteiramente a presença de María Rodríguez. De vez em quando, ela participava, discreta, com as *palmas*, mas não queria distraí-los.

Por fim, Javier parou de tocar.

— Acho que já chega por hoje, não é? — disse a senhora.

Nenhum dos dois parecia ter o que dizer.

— Acredito que com mais um ensaio, à mesma hora, daqui a uma semana, vocês estarão prontos para se apresentar juntos. Até lá, vou trabalhar algumas coisas com você, Mercedes. Obrigada — dirigiu-se a Javier, sorrindo. — Vejo os dois na semana que vem.

— Sim… — disse Mercedes. — Até a semana que vem.

Olhou para Javier, que estava guardando a guitarra. Seus olhares se encontraram e ele pareceu hesitar. Não havia dúvida de que estava prestes a dizer alguma coisa, mas acabou mudando de ideia.

Foi logo embora. Daí a minutos, depois de trocar os sapatos, Mercedes também saía para a rua de pedras, mas Javier já desaparecera. O contato entre eles havia sido muito íntimo e contudo muito distante.

O estômago de Mercedes estava embrulhado de tanta ansiedade e confusão. Só pensava em Javier e contava, não as horas, mas os minutos que faltavam para vê-lo outra vez. Fez confidências à amiga Paquita.

— É claro que ele não vai pensar em você desse jeito — afirmou Paquita. — É cinco anos mais velho do que você! Tem quase a idade de Ignacio!

— Bem, não penso nele como um irmão — disse Mercedes.

— Tenha cuidado, Merche. Sabe qual é a fama desses *gitanos*…

— Você não sabe nada a respeito dele — retrucou Mercedes, na defensiva.

— Nem você, na verdade. Ou sabe? — provocou-a Paquita.

— Não. Mas sei o que sinto quando estou dançando com ele — disse ela, muito séria. — É como se o mundo inteiro estivesse contido na casa pequenina de María. Nada existe ou importa fora dali.

— E quando vai encontrá-lo outra vez?

— Ele vai estar de volta em uma semana. Não consigo dormir. Não consigo comer. Não consigo pensar em mais nada. Não *existe* mais nada além dele.

— Ele beijou você? — perguntou Paquita, curiosa.

— Não! — exclamou Mercedes, quase ofendida. — Claro que não!

Estavam no pátio da casa de Paquita. As duas ficaram sentadas em silêncio por algum tempo. Paquita não duvidava da sinceridade da amiga. Nunca a ouvira falar daquela maneira. Ambas tinham passado muitas horas de suas vidas perambulando pelas praças da cidade para trocar palavras e olhares em namoricos com rapazes da idade delas, mas os sentimentos que Mercedes experimentava por Javier Montero não tinham nada a ver com aquelas paixonites infantis.

Para Mercedes, os dias que faltavam para o ensaio seguinte passavam com lentidão angustiante. Concha reparou nas sombras escuras sob os olhos da filha e em suas maneiras lânguidas. Também se preocupava com a comida que ela deixava no prato.

— O que está acontecendo, *querida mía*? — perguntou. — Você está tão pálida!

— Não é nada, mãe — respondia ela. — Precisei terminar uma tarefa para a escola ontem à noite.

A explicação satisfazia Concha. Afinal de contas, ela vinha insistindo com Mercedes para que levasse seus estudos mais a sério.

* * *

O dia do segundo ensaio chegou. Mercedes quase não aguentou as náuseas quando acordou naquela manhã. Às cinco horas, foi para a casa de La Mariposa. Só precisava estar lá às seis, mas queria ser a primeira a chegar daquela vez.

Calçou os sapatos e aqueceu os punhos girando-os numa direção, depois na outra, batendo os pés sentada para criar um ritmo: *um* dois, *um* dois, *um* dois, um dois *três*, um dois *três*, um dois…

Ainda assim, María não apareceu. Mercedes levantou-se e seus pés bateram o ritmo da *seguiriya*. Começou a girar e as tachas de aço do salto do sapato martelaram as tábuas de madeira do piso da casinha. No espaço exíguo, suas mãos quase encostavam no teto ao se estenderem para cima, e as paredes mal retinham o volume de ruído que ela estava produzindo. Quando rodopiou, a música de

Javier encheu-lhe a imaginação.

Apesar de Mercedes estar alheia à barulheira que estava fazendo, ouvia-se tudo da rua lá fora. Por alguns instantes, Javier ficou espiando pela janela. O que viu foi uma moça absorta por completo em seu próprio mundo, meio hipnotizada pelo ritmo de seus próprios movimentos. O que não podia ver era a imagem de si mesmo que enchia a imaginação de Mercedes.

Na cabeça dela, ele estava sentado na cadeira baixa dentro da sala, quase fazendo os dedos em pedaços com a paixão de sua música.

Talvez tenham transcorrido cinco ou seis minutos durante os quais ela executou sua dança particular e solene. Javier estava paralisado, mas não só pela emoção genuína que ela expressava de maneira tão aberta e sem reservas; era uma ausência de inibição somente possível em quem dança sem ser observado. O que também lhe chamou atenção foi a combinação de virtuosismo técnico com algo que parecia quase selvagem. Enquanto girava, girava, e girava sem parar, ela era igual a uma criatura possuída. Javier sabia que fazer aqueles passos disciplinados, realizados com precisão, parecerem improvisados era praticamente impossível. A moça estava conseguindo fazer isso e vê-la emocionava-o até o fundo da alma. Um

duende assim era tão raro! Sentia como se uma corrente elétrica percorresse seu corpo.

Pouco antes de Mercedes parar de dançar, ele sentiu tocarem seu ombro. María Rodríguez. Não fazia ideia de quanto tempo ela estivera parada ali nem se o observara espiando Mercedes. Ele não perguntou nada. Sentia-se como um *voyeur*.

— Deixe eu segurar isso para a senhora — disse ele, apanhando seu cesto de compras para disfarçar o embaraço. — Deve estar pesado.

— Obrigada — respondeu a mulher, dando-se conta do gesto dele. — Não sei de onde ela tira essa fúria toda. Acho que irrompe de dentro. E ela a canaliza para a dança. A gente reconhece claramente que essa moça é excepcional.

Ele assentiu. Os comentários indicavam a Javier que María sabia que ele estivera espiando sua jovem protegida.

Quando María abriu a porta, Mercedes ainda arfava por causa do esforço físico da dança. Estava literalmente fumegante. Deu um sorriso encabulado, que a Javier pareceu contrastar com a sensualidade evidente que ele testemunhara através da vidraça da janela.

Mercedes pensara obsessivamente naquele guitarrista na semana anterior, e nada mais natural do que vê-lo de volta, sentado na cadeira baixa, afinando sua guitarra. Era como se nenhum deles tivesse saído do lugar durante sete dias.

Cumprimentaram-se com umas poucas palavras educadas e María Rodríguez sentou-se num canto da sala, pronta para escutar e observar.

— O que gostaria que eu tocasse? — perguntou Javier.

— Uma *seguiriya* — respondeu ela com firmeza.

Javier curvou bem a cabeça por cima de sua guitarra e sorriu em seu íntimo.

Mercedes pegou o ritmo a partir dos acordes de introdução e logo estava dançando.

Sempre que Mercedes olhava de relance para Javier, ele estava completamente absorto por sua música e, quando ele levantava os olhos para ela, Mercedes parecia estar muito longe dali. Um não tinha consciência do interesse do outro.

Dessa vez, ao olhar para ela, observou a segurança de seus movimentos e seu ritmo escrupulosamente preciso. Seu *zapateado*, o rápido bater de ponta, sola e calcanhar, era tão impecável quanto antes, mas havia algo de contido nela dessa vez. Dava a impressão

de estar mais reservada, tímida, como seu sorriso. Quando relanceou os olhos para o canto onde María estava sentada, constatou que ela desaparecera da sala. Parou de tocar, encorajado pela ausência da dama de companhia.

— Venha sentar aqui — disse ele com delicadeza, indicando a cadeira vazia ao seu lado.

Mercedes surpreendeu-se com a súbita interrupção da música e com o convite. Nunca tinham sentado tão perto um do outro antes. Ela não hesitou nem um minuto. Embora nem sempre atendesse ao

que lhe diziam para fazer, estava acostumada a ser mandada por adultos.

Quando Mercedes sentou-se, ele estendeu o braço e segurou a mão dela, que tremeu fortemente na mão dele. De repente, Javier percebeu que não tinha nada em especial que quisesse lhe dizer, e que fora unicamente pela oportunidade de segurar a mão dela que a fizera parar de dançar.

— Você dança tão lindamente, Merche.

Foi tudo o que encontrou para dizer.

Segurou a mão dela com força e então, num gesto que ele próprio achou uma loucura, levou-a aos lábios e beijou não o dorso mas a

palma da mão dela. Mesmo para alguém que fora para a cama com dezenas de mulheres, era uma atitude de espantosa intimidade.

Sem pensar, Mercedes deu-lhe a outra mão e Javier segurou ambas nas suas. Ficaram sentados assim por um momento, os olhos se encontrando pela primeira vez, e nada precisou ser dito.

Quando María voltou à sala, Mercedes se pôs de pé. Javier voltou a tocar e, uma hora depois, cada um já seguia outra vez seu caminho separado. Apesar de seu sangue cigano, Javier sabia onde ficavam os limites.

A primeira apresentação dos dois juntos seria na semana seguinte, mas nesse meio-tempo havia uma data importante na agenda de Mercedes.

Três dias antes de encontrar Javier novamente, seria o seu aniversário de dezesseis anos. Haveria comemoração em família e, de acordo com o que lhe fora prometido fazia muito tempo, um grande embrulho macio esperava por ela à mesa do café naquela manhã.

Mercedes rasgou o papel e, ao fazê-lo, um magnífico vestido de flamenco desdobrou-se em uma cascata de babados. Era um modelo clássico, de poás pretos em fundo vermelho, exatamente o que ela sempre sonhara possuir, e ela o colocou na frente do corpo e rodopiou com ele. No instante em que parou, a fieira de babados

armada com arame, como se tivesse vida própria, continuou a oscilar para cima e para baixo, de um lado para outro.

— Obrigada, obrigada! — exclamava agradecida, abraçando a mãe e o vestido.

152

Ver e sentir o entusiasmo da filha era enternecedor, mas Concha lamentava em silêncio a paixão da filha pela dança. Notara que Mercedes passava mais tempo do que nunca com María Rodríguez. Antes de seu primeiro espetáculo, Mercedes e Javier combinaram de se encontrar na casa de María. Ficava perto da *cueva*, onde uma multidão já começava a se aglomerar. A maior parte das pessoas ia atraída pela fama do *tocaor*, mas alguns estavam intrigados com a combinação do grande homem de Málaga com a moça do lugar. Quando Javier chegou, Mercedes apareceu, vinda do quarto dos fundos de María, onde mudara de roupa.

O vestido ajustava-se à perfeição em cada curva de seu corpo, acompanhando de perto os contornos dos seios e dos quadris. Era uma transfiguração extraordinária, e ela estava plenamente consciente da impressão que causou em Javier ao entrar na sala envolta em seu traje escarlate, as faces coradas de excitamento.

— Você está… maravilhosa — disse ele.

— Obrigada — agradeceu ela, sabendo que era verdade.

Aproximou-se dele então, cheia de coragem e de ávida expectativa pela apresentação de ambos.

Sem hesitar, ele estendeu a mão e afagou seu cabelo e, quando ela deu mais um passo em sua direção, sentiu os dedos dele tocarem seu queixo. Instintivamente, inclinou a cabeça para cima.

O beijo de Javier aturdiu-a com sua força e intensidade.

Mercedes só havia sido beijada na boca uma vez antes, e fora um desapontamento. Quando ele a abraçou, uma onda cresceu dentro dela, arrebatando-lhe mente, corpo e alma. Se durou minutos ou apenas segundos, não é relevante. Teve o enorme poder de fazê-la achar que sua vida agora estava dividida em duas: antes e depois de ter sentido seus lábios macios nos dela.

Estava na hora de irem. María Rodríguez, que sabia antes deles que aquilo teria de acontecer entre os dois, acompanhou-os a pé até a *cueva*.

Não decepcionaram ninguém. Mercedes dançou com mais ardor do que nunca. O guitarrista e a *bailaora* formavam um par perfeito.

Na segunda apresentação, a *cueva* transbordava de gente. Emilio dessa vez estava lá para vê-los e até ele, predisposto a criticar o homem que usurpara o seu posto, admitiu que aquela era uma

parceria extraordinária. De vez em quando, a centelha entre

Mercedes e Javier quase poderia acender uma fogueira. Emilio saiu discretamente antes que os aplausos cessassem. A última coisa que desejava era que a irmã notasse que ele estivera lá, muito menos que visse sua reação.

* * *

Enquanto Pablo e Concha pensavam que a filha estava no quarto finalmente se dedicando às tarefas da escola, ela estava dançando com Javier Montero no Sacromonte. Era só uma questão de tempo até que alguém viesse comentar isso com eles, e alguém acabou comentando.

— Você só tem *dezesseis anos*! — gritou o pai quando ela voltou naquela noite. Contava que os pais já estivessem dormindo, mas deu com ambos sentados esperando por ela. A raiva de Pablo teve mais impacto ainda pelo fato de ser muito rara.

— Só estou *dançando*! — ela se defendeu.

— Mas quantos anos tem esse homem? Devia saber o que está fazendo — continuou Pablo.

— Você nos enganou — Concha repreendeu-a.

— Você é uma vergonha para nós! — Ignacio, que chegara pouco

antes, juntou-se ao coro. — Dançando com um desgraçado de um *cigano*!

Mercedes sabia que não adiantava tentar se defender. Estava sendo atacada por todos os lados.

Emilio era a única pessoa que compreendia a compulsão da irmã, mas ele pressentira a tempestade em formação e se retirara para o quarto. Fora substituído por um estranho, e seu ressentimento continuara a fermentar. O amor filial havia sido posto de lado pela paixão que agora dominava todos os minutos da vida da irmã.

— Vá para o seu quarto. E não saia de lá — ordenou Pablo.

Sem discutir, Mercedes fez exatamente como lhe diziam. Javier viajara de volta para Málaga naquela noite, de modo que não havia mesmo motivo para querer sair do quarto.

Durante dois dias, Mercedes ficou lá em cima, e Concha deixava as refeições do lado de fora da porta. Uma hora depois, voltava e as encontrava intocadas.

Comer era a última coisa que Mercedes tinha vontade de fazer. Deitada na cama, acabava-se de tanto chorar. De uma só vez, os pais tinham lhe tirado as duas preciosidades que eram o centro de sua

vida: dançar e Javier. Se não pudesse dançar com seu *gitano*, não dançaria mais. E se não pudesse dançar, não aguentaria viver.

Num fim de tarde, Emilio bateu à sua porta e entrou. Mercedes sentou-se quando o viu. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar.

Emilio parou diante do pé da cama, os braços cruzados.

— Olhe, compreendo o que está sentindo — disse.

Mercedes piscou, incrédula, olhando para ele.

— Compreende mesmo? — perguntou em voz baixa.

— Compreendo, sim. E vou conversar com nossos pais. Vi você dançando com Javier, e um desempenho daquele não acontece todo dia.

— Como assim?

— Foi… humm… — Emilio lutava com as palavras. De repente, sentiu-se encabulado na frente da irmã.

— Foi o quê?

— Foi… uma perfeição. Ou perto disso. Entre você e… ele.

Mercedes não soube como reagir ao cumprimento desajeitado do irmão. Viu o quanto lhe custara fazê-lo.

Emilio foi fiel à sua palavra. Chamou o pai para uma conversa em particular, sabendo que, dos dois, Pablo era menos

veementemente contrário ao gosto de Mercedes pela dança do que Concha.

— Não se pode simplesmente pôr um ponto final em algo como aquilo — disse ele ao pai. — Não pode haver nenhum obstáculo.

As declarações de Emilio em defesa de Mercedes fizeram Pablo reconsiderar. Até a descrição da maneira como Mercedes dançava despertou o orgulho do pai e, uns dias depois, Concha, ainda que relutante, concordava em encontrar Javier.

155



CAPÍTULO 14

No decorrer das poucas semanas que duraram essas negociações, a obsessão de Mercedes pela dança aumentou. Não havia mais nada na vida que ela quisesse fazer.

Houve troca de cartas, e um dia Javier chegou ao El Barril. Conversou durante uma hora com Pablo.

Contra a vontade, o señor Ramírez simpatizou com o rapaz. Não havia dúvida de que se tratava de um membro respeitável do mundo do flamenco, e a opinião de Pablo sobre a situação começou a mudar. Javier Montero tocara não apenas em Granada e Málaga, mas também em Córdoba, Sevilha e Madri. Tinha até mesmo compromissos futuros em Bilbao, a terra de seu célebre tio violonista.

Por fim, Concha apareceu e fizeram-se as apresentações. Ela não estava predisposta a gostar de Javier, mas era impossível não fazê-lo. Sua maneira de ser irradiava uma sinceridade que, mais tarde, ao ouvi-lo tocar, ela percebeu ser a mesma qualidade que conferia tanto vigor à sua interpretação.

Mercedes não teve autorização para sair do quarto enquanto Javier estivesse presente. A fúria maternal não podia se dissipar com tanta facilidade.

Javier foi ousado. Deixou claro que desejava continuar a tocar para Mercedes em Granada mas que desejava ainda mais do que isso. Queria levá-la a outras cidades. Não revelou aos pais de Mercedes que sentia sua própria vida suspensa no limbo. No que lhe dizia respeito, seu futuro estava nas mãos deles, dependendo de Mercedes poder ou não continuar a dançar para ele, e ele tocar para

ela.

156

Depois de mais ou menos uma hora, a reunião chegou ao fim. Pablo falou por si e em nome de sua mulher, concordando em considerar a solicitação de Montero.

Concha estava muito preocupada. Mercedes dançar com Emilio era seguro, mas isso era outra questão completamente diferente.

— Ela só tem dezesseis anos e ele é quase cinco anos mais velho!

Tendo encontrado Javier, o ponto de vista de Pablo era outro. Ele sorriu.

— E qual é a diferença de idade *entre nós*? — indagou ele, com uma careta brincalhona.

Concha não respondeu. Era de pelo menos dez anos.

— Qual é o assunto dessa conversa? —perguntou Pablo. — É sobre dança que estamos falando? Ou você acha que há mais alguma coisa?

Concha pensou nos olhos fundos da filha, nas refeições recusadas. Por mais que tentasse, achava difícil atribuir tais coisas à proibição de dançar. Não era uma mulher desalmada e ela própria já sentira um dia aquele mesmo amor intenso e devastador, ainda que tivesse sossegado com o passar dos anos.

— O que a preocupa mais? — perguntou Pablo. — O amor de nossa filha pela dança ou a possibilidade de ela se apaixonar por esse homem?

— Ora, não podemos perguntar isso a ela — replicou Concha, categórica.

— Seja como for, as duas coisas podem estar ligadas — ponderou Pablo.

— Você sabe como eu gostaria que ela expandisse seus horizontes, mas não assim, desse jeito — lamentou-se ela.

— E existe realmente opção? Se não a deixarmos dançar com Javier, que mais acha que ela vai fazer? Ficar sentada no quarto bancando a boa aluna?

Antonio acabara de entrar.

— O que você acha? — perguntou Concha a ele.

— Tem mesmo certeza de que quer a minha opinião, mãe?

A mãe concordou com um gesto da cabeça. Ele sempre relutava em tomar partido de um ou de outro nas discussões dos pais, mas

naquele caso parecia que de fato eles precisavam de um voto de desempate.

— Minha opinião é a seguinte. Uma das razões por que a dança

dela afeta as pessoas é a determinação extraordinária que ela demonstra — disse ele. — E essa mesma determinação jamais vai permitir que alguém se interponha entre ela e esse *flamenco*. Vocês vão lutar uma batalha perdida se tentarem impedi-la.

Concha ficou calada refletindo sobre o que Antonio acabara de dizer.

— Bem, contanto que você a acompanhe, Pablo, acredito que vou ter de me conformar com isso.

Pouco depois, Mercedes desceu. A menina estava pálida. Sabia que seu futuro havia sido discutido naquela tarde.

Os pais estavam ambos no bar.

— Encontramos Javier hoje — começou Pablo, contando-lhe algo que ela já sabia. — E gostamos dele.

— Então vou poder dançar com ele outra vez? — perguntou a filha, impaciente. Era tudo o que queria saber.

Mercedes exultou ao ouvir a decisão dos pais.

Uma semana mais tarde, fazia a mala. Um vestido de flamenco estalando de novo derramava-se de dentro de sua bagagem. Antonio dera dinheiro à irmã para comprá-lo.

— Acho que você vai precisar de um de reserva.

Mercedes e o pai viajaram de ônibus para Málaga. Ficariam três

dias fora de casa. Nunca viajara para tão longe, nunca passara tanto tempo sozinha com seu pai e nunca dançara fora de sua cidade natal. Mesmo sem levar em conta a perspectiva de ver Javier, tudo naquela viagem à movimentada e simpática cidade de Málaga era uma aventura. Alugaram um quarto próximo do lugar onde Javier morava e, na primeira manhã, ele foi buscá-los para um ensaio, que deveria acontecer na sala dos fundos do café onde se apresentariam naquela noite.

Pablo surpreendeu-se com a transformação na maneira de dançar de sua filha. Ficou sentado assistindo, fascinado, enquanto eles repassavam seu repertório de tangos, fandangos, *alegrías* e *soleares*. Essa Mercedes era diferente da que vira dançando numa *fiesta* havia apenas alguns meses. A garotinha tornara-se uma moça.

Apresentaram-se num palco instalado no café, e a plateia mostrava-se receptiva. Conheciam bem Javier, assim como seu pai, Raul, que tocou no início da noite.

Mercedes estava mais nervosa ainda do que estivera em Granada. Tudo lhe era desconhecido e estava convencida de que o público não gostaria dela, mas o espetáculo correu tão bem quanto o ensaio. Ninguém deixou de apreciar a graciosidade e a energia de sua

dança, a elegância dos movimentos de suas mãos, o amor, o medo e a fúria que ela expressava por meio de tudo isso.

Nenhum dos dois parava de sorrir, o que não combinava com o espírito de muitas daquelas músicas e danças. Mas não conseguiam se conter. Mercedes estava eufórica e, quando viu a expressão de orgulho no rosto do pai, exibiu sem reservas o que sentia.

No final da noite, um fotógrafo quis tirar fotografias deles, juntos e em separado. Na manhã seguinte, quando Javier foi encontrá-los, trazia um pacote de fotografias para ela.

— Pode mostrá-las à sua mãe — disse ele. —Está linda nelas!

— Mas não tem nenhuma sua aqui! — protestou ela. — Quero uma fotografia sua!

— Tenho certeza de que sua mãe não vai querer! — provocou ele.

— Não é para a *minha mãe*.

— Vamos trocar fotografias — disse ele. — Também quero uma sua.

Em todas as fotos, ambos sorriam quase de orelha a orelha.

O segundo espetáculo seria realizado no cinema de Málaga.

Havia muito mais espaço do que no café e o palco era mais alto.

Enquanto esperava nas coxias, atrás de grossas cortinas vermelhas, a ansiedade de Mercedes tornou-se quase insuportável.

Javier segurou-lhe a mão com carinho e levou-a aos lábios.

— Tudo vai correr bem, minha doçura, tudo vai dar certo. Não se preocupe. Vão adorar você.

A terna preocupação dele deu-lhe coragem. Depois de apenas um minuto no palco, se tanto, ela escutou alguém murmurar um "*Olé*" e soube então que a plateia estava com ela. Mercedes não representava em cena, não fingia emoção ao dançar. Em sua mente, simplesmente recriava a angústia da separação de Javier, e a paixão de que necessitava para dançar transbordava de dentro dela.

159

Foi mais um magnífico desempenho. O jornal local descreveu-o como "um triunfo" e as fotografias deles apareceram na primeira página.

Pablo foi convencido a viajar com a filha em alguns compromissos futuros, e a carreira e a fama de Mercedes cresceram. Na mesma proporção da devoção dela ao violonista. O amor deles era absolutamente mútuo, tão igual quanto os focos de luz que os iluminavam no palco que dividiam. Quando estavam separados, ambos contavam meticulosamente os dias que faltavam para se encontrarem de novo.

* * *

Emilio procurou disfarçar seu sentimento de rejeição. Ficava muito menos em casa tocando seu violão agora que não tinha o estímulo da irmã. Quando não estava trabalhando, não gostava de vaguear pelo El Barril, sobretudo quando Ignacio estava por lá.

Um de seus refúgios favoritos era o Café Alameda, na Plaza Campillo, lugar muito frequentado por artistas, escritores e músicos. Sem jamais ter a ousadia de irem para a mesa dele, Emilio e seu amigo Alejandro sentavam-se na periferia do círculo de Lorca, uma roda seleta conhecida como “El Rinconcillo”, simplesmente porque costumava ocupar um canto da sala.

Lorca visitava Granada com regularidade. Passava todo o tempo que podia com a família nos arredores da cidade, e sua chegada era considerada suficientemente significativa para ser mencionada nos jornais locais. Atraído para lá pela angústia e pelo mistério da cultura andaluza, Lorca via no flamenco a corporificação de tudo o que a região representava. Tinha amigos que eram dançarinos de flamenco e companheiros *gitanos* que eram violonistas, e que o ensinavam a dedilhar o violão no estilo cigano. Para Lorca, aquele lugar era como um lar, e a maneira como as pessoas viviam ali servia de inspiração para sua obra.

A admiração de Emilio por Lorca chegava perto da adoração a

um herói. Sentia-se feliz por estar à sombra de sua sombra e, nas ocasiões em que Lorca lançava seu sorriso fascinante em sua direção, Emilio tinha a impressão de que seu coração em fogo seria capaz de lhe queimar a camisa. Adorava tudo o que Lorca produzia, de sua poesia e peças de teatro às músicas e desenhos. Entretanto, talvez o que mais admirasse nele fosse sua franqueza sobre a própria sexualidade.

160

Quem sabe um dia eu tenha a mesma coragem, pensava em seu íntimo.

Ignacio usava a fidelidade do irmão ao Café Alameda como desculpa para espicaçá-lo. Durante os longos meses de inverno, em que Ignacio não era forçado a estar em outras cidades para as touradas, passava as noites nos bares com seus amigos bandarilheiros e voltava agressivo e bêbado. Tendo muito pouca ocupação, alguns desses rapazes ficavam indolentes nos meses de inverno. Como os outros, Ignacio aguardava sua próxima oportunidade na arena.

Emilio se encolhia quando ouvia a batida característica da porta muito tempo depois do El Barril já ter fechado. Se escutava também um assobio, era um mau sinal. Aquela era a maneira de seu irmão

fingir despreocupação antes de puxar briga, e Ignacio estava a fim de brigar naquela noite.

— Como está “El Maricón” hoje? — perguntou Ignacio, utilizando uma expressão depreciativa para se referir a Lorca. A maneira maliciosa como formulou a pergunta serviu para chamar também o irmão de “fresco”, sabendo que ele não revidaria.

O sarcasmo dirigido a Emilio fez Antonio detestar Ignacio mais do que nunca.

— Por que você não o deixa em paz? — gritou Antonio.

A raiva não se devia apenas à maneira como ele ofendia o irmão. O ódio de Ignacio aos homossexuais representava uma intolerância mais generalizada, comum a muitos direitistas em política. Tinham uma visão estreita, machista e intolerante da questão.

* * *

A política do país continuava conturbada, e Antonio ficou satisfeito quando soube que a esquerda falava de uma coalizão. Os acontecimentos estarrecedores em Astúrias um ano e meio antes tinham feito a esquerda perceber que precisava de unidade política para recuperar o poder. Queriam recomeçar do zero e colocar a justiça social no topo de sua agenda para conquistar o eleitor médio.

A família Ramírez passou alguns meses de tensão, não só por causa

do embate de personalidade entre os irmãos como também devido às suas diferenças políticas.

As eleições foram realizadas em fevereiro de 1936 e, no país como um todo, os socialistas obtiveram a maioria dos votos. Em Granada, as coisas não eram tão simples assim. O partido direitista venceu

mas, depois de queixas de intimidação e infrações da lei, os resultados foram anulados. Houve confrontos entre direitistas e membros de sindicatos, e o antagonismo entre os dois lados intensificou-se. Em Granada, igrejas foram pilhadas, jornais empastelados e o teatro foi destruído por um incêndio. Pela maneira como Ignacio reagiu, qualquer um diria que fora Emilio quem pessoalmente desencadeara o atrito.

Concha tentou acalmar a tempestade que abalava sua casa, mas a situação não melhorou, nem ali nem no mundo exterior. Naquele verão, uma sequência de acontecimentos despertou uma onda generalizada de violência. Depois que um tenente de polícia fora morto a tiros por quatro fascistas na porta de casa em Madri, o líder do partido monarquista de direita, Calvo Sotelo, foi executado em represália. Seguiu-se um tiroteio entre os Guardas de Assalto da polícia e milícias fascistas na capital, onde os dois enterros estavam

sendo realizados, e quatro pessoas foram mortas. A temperatura política estava alta e as tensões ainda mais elevadas.

Mercedes estava preocupada com seu próximo compromisso de flamenco e contando os dias que faltavam para ver Javier novamente. Agora que saíra da escola, as apresentações deles poderiam ter se tornado mais frequentes, sobretudo pela quantidade de convites que recebiam, mas Pablo só estava preparado para se afastar do El Barril durante uns poucos dias a cada mês. Ela deixara de prestar atenção à discórdia crescente entre os irmãos e ignorava a turbulência que agitava o país inteiro. Uma série de apresentações em Cádiz havia sido programada para julho, ela estava ocupada aprendendo alguns passos novos e todos os dias passava horas enclausurada com María Rodríguez, envolvida na terna expectativa de encontrar Javier em mais ou menos uma semana.

Sozinha em seu quarto, Mercedes contemplava a fotografia de seu violonista apoiada na luminária ao lado da cama. As maçãs do rosto pronunciadas, a massa de cabelo liso e brilhante com a mecha fina caindo sobre um dos olhos, ele lhe parecia mais bonito cada vez que olhava seu retrato. A lente da câmera captara muito bem seu olhar direto, e o poder desses olhos sorridentes calava fundo dentro dela.

Enquanto isso, o resto de sua família via a tempestade se avolumar. Tinham ouvido a trovoada distante mas nenhum deles anteviu as proporções a que chegaria.



CAPÍTULO 15

Aquele 17 de julho foi um dia típico de verão em Granada. Fazia um calor escaldante. Todas as persianas estavam abaixadas para manter o calor, a claridade e a poeira do lado de fora. Havia uma apatia no ar. Ninguém sabia o que fazer consigo mesmo.

Concha e Mercedes estavam sentadas do lado de fora do café, sob a sombra do toldo.

— Está mais quente do lado de fora do que dentro de casa — disse a señora Ramírez. — Essa brisa não refresca nada.

— Está calor demais para se fazer o que quer que seja — disse Mercedes. — Vou subir e deitar em minha cama.

Quando Mercedes se levantou, a mãe notou que o vestido da filha estava transparente de suor. Levantou-se também e recolheu os copos que tinham usado, colocando-os numa bandeja. Não havia clientes naquela tarde. A praça estava sem vida, e até as folhas das árvores estalavam de desânimo à brisa, tão secas sob aquela temperatura de forno que algumas já começavam a cair.

A cidade mergulhara numa *siesta* profunda, como se estivesse em coma. Mercedes ficou praticamente inconsciente até bem depois das seis horas naquela tarde, quando o mercúrio dos termômetros baixou pela primeira vez desde o meio-dia. Mesmo para os granadinos, a temperatura estava elevada demais. Em seu sono febril, Mercedes tivera um sonho vívido em que ela e Javier dançavam no bar lá embaixo e, quando acordou, ficou triste ao se dar conta de que ele estava a cem quilômetros de distância, em Málaga.

No dia seguinte, os clientes que chegaram ao El Barril traziam, cada um, uma versão diferente dos rumores de que havia movimentação militar do outro lado da água, no norte da África. Havia certa confusão, com uma rádio anunciando uma coisa e outra

contradizendo-a, mas a verdade logo ficou evidente. Um grupo de

generais rebelara-se contra o governo e preparava um *coup d'état*. Sob a liderança do general Francisco Franco, o Exército da África, incluindo os legionários estrangeiros e um contingente de mercenários marroquinos, seria transportado através do estreito de Gibraltar, do Marrocos espanhol para a Espanha. Depois do desembarque, generais em guarnições do Exército no país organizariam levantes em suas próprias cidades e proclamariam estado de guerra.

Granada derretia-se sob quarenta graus de calor, as pedras dos calçamentos queimavam os pés através das solas dos sapatos e as montanhas desapareciam numa névoa difusa e tremeluzente.

Naquela manhã, o jornal local, *El Ideal*, trazia na primeira página um aviso de que não poderia dar quaisquer notícias gerais "devido a forças além do nosso controle".

No café, Pablo estava agitado.

— Alguma coisa está muito errada, Concha, tenho certeza — disse ele, apontando para a manchete do jornal.

— Não é nada, Pablo. Provavelmente uma greve, ou coisa parecida. O governo não vai perder o domínio da situação. Não se preocupe tanto — Concha tentava tranquilizá-lo, mas ele não se convencia.

A inquietação de Pablo tinha fundamento, como ambos bem sabiam. A declaração do governo de que tudo corria normalmente no país, apesar do *pronunciamiento* militar no Marrocos, não serviu para acalmá-los. Havia rumores de que um certo general Queipo de Llano tomara à força o comando da guarnição de Sevilha e, com cerca de cem soldados apenas, prontamente assumira o controle da cidade.

— Como é que podem nos dizer que está tudo normal? — falava Pablo para quem estivesse escutando.

Como os de muitas outras cidades, o povo de Granada sentia-se vulnerável. Solicitavam armas ao governo mas, para preocupação geral, o primeiro-ministro Casares Quiroga proibira a distribuição de armas ao povo e afirmava categoricamente que o que acontecera em Sevilha não afetaria o resto do país. Asseverava que o Exército continuava leal ao governo em todos os outros lugares.

Em outra estação de rádio, ouvia-se a voz do general Queipo de Llano gritando estridentemente sua mensagem vitoriosa. Com exceção de Madri e de Barcelona, alardeava ele, a Espanha inteira

estava agora nas mãos das tropas nacionalistas. Nenhuma dessas mensagens contraditórias era exata, e todas deixavam o povo espanhol em total confusão.

Em Granada, todos estavam bastante alarmados. Corriam notícias de que, em Sevilha, as pessoas contrárias ao Exército estavam sendo massacradas e milhares de outras estavam sendo presas. Vizinhos que pareciam apoiar a República de repente passavam a ser contra. Pablo e Concha sentiram isso no El Barril já na manhã do dia 18. Os clientes não sabiam se podiam confiar uns nos outros, nem se podiam confiar até mesmo em Pablo e Concha. O chão tremera sob seus pés.

O destino de cada cidade e capital aparentemente dependia de sua guarnição militar permanecer ou não leal ao governo republicano. Em Granada, um novo comandante militar chegara à cidade somente seis dias antes. O general Campins era inabalavelmente leal à República e acreditava com firmeza, se não com ingenuidade, que seus oficiais não se rebelariam para se unir à causa de Franco. Os trabalhadores não estavam tão confiantes mas, quando pediram armas para o caso de haver uma rebelião militar, seu governador civil, Torres Martínez, seguiu as instruções do governo e recusou-se a distribuir armas ao povo.

A maior parte da família Ramírez ainda estava acordada às duas horas da manhã do dia 19. Ninguém tivera a menor intenção de ir dormir, nem que o calor sufocante do dia tivesse permitido.

— Mas por que não nos dão armas? Quem pode garantir que esses soldados não vão se voltar contra nós? —Antonio interpelava o pai.

— Ora, Antonio! — o pai tentava convencê-lo. — Aí é que está: de que adianta vocês todos, os moços, saírem correndo armados pela cidade se nem sabem como usar essas armas? Hein? Diga, de que adianta?

— Procure não ficar tão ansioso — insistiu a mãe. — Precisamos manter a calma e ver o que acontece.

— Escutem isso! — berrava Antonio, que desaparecera para ligar o rádio que guardavam no escritório atravancado por trás do bar. — Escutem isso aqui!

A voz de Queipo de Llano ecoou pelo bar, enumerando em altos brados a lista de cidades onde os nacionalistas já eram vitoriosos.

— Não podemos ficar aqui sentados e deixar que isso aconteça, não é? — Ao apelar para seus pais à espera do menor sinal de concordância ou apoio que fosse, os olhos de Antonio encheram-se de lágrimas de frustração.

— Talvez mamãe tenha razão — ponderou Mercedes. — Talvez seja melhor não se exaltar demais com isso. Até agora, aqui está

tudo bem, não está?

A reação de Antonio não nascera da vontade juvenil de empunhar uma arma. Ouvira dizer que não eram só os militares que deveriam estar preocupando Martínez, havia mais dois elementos que desempenhavam um papel fundamental naquele drama que começava a se desenrolar: a Guarda de Assalto, de uniformes azuis, e a Guarda Civil, de uniformes verdes.

Embora essas forças policiais teoricamente devessem obediência à autoridade civil, sua lealdade à República também era questionável. A deslealdade da Guarda Civil ao governo na maioria dos lugares não era de admirar, mas a lealdade da Guarda de Assalto, que havia sido formada e organizada durante a República, deveria ser esperada. Antonio ouvira que, em Granada, uma conspiração contra a República estava sendo tramada dentro dessas duas forças. Na Guarda Civil, o tenente Pelayo conspirava; na Guarda de Assalto, o capitão Álvarez.

Ainda que Martínez e Campins não tivessem compreendido integralmente a situação, os trabalhadores pressentiram que havia algo no ar e, naquela noite, um grupo enorme reuniu-se numa das praças mais centrais da cidade, a Plaza del Carmen. Granada estava igual a uma panela de pressão com o interior quase fervendo. A

qualquer minuto, parecia que a tampa iria ser lançada para o céu com a força da explosão.

Predominavam os trabalhadores braçais e, sem o efeito letárgico do calor, sua cólera os teria levado a agir mais depressa. As pessoas estavam ávidas por armas. Qualquer coisa serviria. Para se armarem, os homens limpavam a poeira dos revólveres mais antigos. Logo, as ruas estavam cheias de jovens e homens prontos para lutar, e até aqueles que nunca tinham dado muita atenção à política manifestavam, exaltados, sua simpatia pela República.

Antonio e seus dois amigos, Salvador e Francisco, foram à Plaza del Carmen ver o que estava se passando. Por todos os lados, viram homens brandindo armas, até nos telhados. A essa altura, as tropas ainda estavam retidas em seus quartéis. Ninguém sabia de que lado

estava o poder ou o que iria acontecer, mas a cidade estava cheia até as bordas de tensão e de medo.

* * *

Nas primeiras horas de 20 de julho, os planos para a rebelião em Granada foram finalizados. O capitão Álvarez garantiu o apoio dos membros de sua Guarda de Assalto ao líder dos rebeldes no quartel do Exército.

Até aquela mesma tarde, os membros do governo civil não tinham conhecimento do que se preparava. Martínez encontrava-se em reunião com alguns de seus aliados, inclusive Antonio Rus Romero, secretário da Frente Popular, e também o chefe da Guarda Civil. A certa altura, chegou a Romero a informação de que as tropas estavam em formação nos quartéis e se preparando para marchar. Campins recebeu um telefonema em que lhe contavam sobre a situação e não acreditou. Insistia que as tropas tinham jurado lealdade, mas resolveu visitar os quartéis imediatamente para verificar por si mesmo. Quando chegou, ficou pasmo ao descobrir que não só as tropas de artilharia tinham se rebelado mas que o regimento de infantaria, a Guarda Civil e a Guarda de Assalto também tinham se voltado contra a República.

Campins era agora um prisioneiro e, pior ainda, foi forçado a assinar um documento preparado antecipadamente declarando estado de guerra. Os documentos também definiam as punições para todos os que não se submetessem ao novo regime, e os crimes variavam desde a posse de armas até a reunião em grupos de mais de três pessoas.

Os cidadãos de Granada não foram de fato informados, mas no final da tarde, quando a cidade estava quieta e todas as lojas ainda

fechadas para a *siesta*, alguns caminhões passaram devagar, sacolejantes e barulhentos, pelas ruas sonolentas, com tropas do Exército de ar severo, olhos fixos adiante, sem se voltar para a esquerda nem para a direita. Atrás delas, vinha a artilharia. Algumas pessoas entenderam mal a razão da presença das tropas na rua, acreditando que tinham saído para lutar contra os fascistas, e uns poucos ingenuamente os saudaram.

Foi o ruído desses caminhões e o ranger de suas engrenagens que perturbaram a *siesta* de Concha. Ela cochilava em seu quarto escurecido que dava para a rua, e acordou Pablo no mesmo instante. Os dois abriram as persianas apenas o suficiente para observar o que estava ocorrendo abaixo de sua janela, tão juntos que sentiam o

ar quente da respiração um do outro. Se olhassem para cima, os soldados os veriam, mas o rugido dos motores teria abafado o som da voz de Concha.

— Santa Maria — cochichou ela, os dedos apertados em torno do braço do marido. — Está acontecendo. Está acontecendo mesmo.

Estava acontecendo na frente deles o que havia sido assunto de rumores por dias a fio. Concha sentiu o pânico crescer dentro de si.

— Onde estão os meninos? Onde estão? Temos de ir procurá-los.

A reação imediata de Concha foi reunir sua família, e ela mal disfarçava a ansiedade. A visão daquelas brigadas armadas, apoiando quem quer que fosse, obedecendo sabe-se lá a que ordens, significava que ninguém mais tinha a segurança garantida.

— Antonio saiu, não sei aonde foi, e talvez Ignacio também esteja fora. Mas os outros estão em seus quartos, acho — respondeu Pablo, correndo ao patamar da escada para começar a verificar os cômodos. Os filhos eram todos mais fortes e robustos do que os pais, mas a necessidade de saber o paradeiro de seus rebentos era um impulso primitivo e imperioso para Pablo e Concha. Correram de quarto em quarto, acordando Mercedes e Emilio, antes de encontrarem a cama de Ignacio vazia.

— Acho que sei onde ele está… —murmurou Emilio, cheio de sono, descendo trôpego as escadas de seu quarto no sótão.

— Onde? *Onde* acha que ele está? —perguntou a mãe, aflita.

— Com aquela tal de Elvira, provavelmente.

— Não quero saber dessas coisas, Emilio. Não está na hora de falar assim de seu irmão.

Elvira era casada com um dos mais afamados toureiros de Granada, Pedro Delgado, e as longas tardes que Ignacio passava com ela haviam sido motivo de muitos mexericos. De acordo com Ignacio,

o homem mais velho sabia da situação como todo mundo e, quando se ausentava da cidade, deixava-a mais ou menos aos cuidados de seu *protégé,* o jovem Ramírez. Isso não legitimava a situação. Antes do casamento, Elvira fora uma prostituta, ainda que de alto nível, e, o que quer que Concha pensasse sobre o comportamento do filho, isso era o que mais a horrorizava.

— Está bem, então — rebateu Emilio, ríspido. — Mas é onde vai encontrá-lo, se quiser.

Mesmo com as tropas fascistas começando a encher a cidade, Emilio não podia deixar escapar uma oportunidade de denegrir o irmão.

Antonio também não estava em casa. Ninguém o vira naquele dia.

Todos se amontoaram ao redor da fenda estreita entre as persianas compridas da janela do quarto principal. Mercedes ficou de pé na cama, as duas mãos apoiadas nos ombros do pai a fim de se equilibrar, ansiosa para vislumbrar alguma coisa do que estava acontecendo na praça lá embaixo. Os últimos componentes das tropas já tinham passado, e agora tudo estava tão parado que dava nervoso.

— O que está acontecendo, Emilio? Eles ainda estão lá? — a voz de Mercedes soava alta demais no silêncio.

— Psiu, Merche — disse o pai, gesticulando para que ela mantivesse a boca fechada.

Ele distinguira o som de vozes abafadas a algumas portas de distância deles na rua, e agora escutavam o ruído inconfundível de tiros.

Um-dois-três.

Interiormente, todos contaram os tiros, o pulsar quase rítmico dos tiros. Naquele momento, seu mundo começou a se alterar. Daí em diante, o som de tiros iria pontuar suas horas de vigília e penetrar em seu sono por muito tempo.

Ouviram vozes vindas da rua bem abaixo deles, do lado de fora do próprio café, mas seria impossível identificar quem falava se não se debruçassem. Em pouco tempo sua curiosidade foi satisfeita. Dois homens estavam sendo levados através da praça, os braços erguidos no ar.

— Saíram da casa dos Pérez. É o Luis e um dos rapazes! O Luis e o Julio! — sobressaltou-se Concha. — Meu Deus. Olhem, eles estão sendo levados embora. Estão realmente sendo levados embora…

A voz dela se arrastou. Era difícil para todos eles assimilar a

visão de homens inocentes sendo presos e levados por soldados. Foi com uma certa descrença que encararam o significado daquele momento.

— Então, agora é fato, não é? O Exército assumiu o poder — resumiu Emilio, sem rodeios.

Era uma situação que, fazia muito tempo, todos aos quais o governo republicano não impressionara esperavam que acontecesse. Para os defensores de um partido democraticamente eleito, porém, era quase inacreditável que a lei tivesse sido subvertida diante de seus próprios olhos.

Horrorizada, a família Martínez viu seus amigos serem levados. Quando não os avistaram mais, afastaram-se da janela e ficaram parados juntos à penumbra.

Concha fechou as persianas e deixou-se cair na cama.

— O que vamos fazer? — perguntou, olhando em volta para as silhuetas do marido e dos filhos.

A pergunta era retórica. Não havia nenhuma atitude sensata a tomar, a não ser ficar em casa e esperar para ver o que aconteceria em seguida.

Não demorou muito e Antonio voltou. Escutou, descrente, o

relato deles de como Luis Pérez e o filho tinham sido levados embora.

— Mas por que os levaram? Com que pretexto?

— Quem pode saber? — respondeu o pai. —Mas acho que mais tarde deveríamos ir ver como estão María e Francisco.

— Será que é prudente? — perguntou Concha, num tom onde já se insinuava uma cautelosa autopreservação.

Antonio então contou à família o que vira nas ruas naquele dia, em especial a hora em que ele se deu conta de que o Exército se rebelara.

Com Francisco e Salvador, fizera parte da multidão que enchera a Plaza del Carmen. Descreveu a confusão que se formou quando chegou a notícia de que as tropas tinham saído dos quartéis e estavam marchando para a praça.

— Presumíamos que os soldados que vinham em nossa direção estavam ali para garantir a ordem pública e defender a República — explicou ele. — Mas então percebemos que estávamos enganados.

As intenções dos militares logo se tornaram claras. Com um canhão e metralhadoras posicionados na frente da prefeitura, a multidão tinha duas opções: dispersar-se ou ser alvejada.

— Não estávamos preparados para enfrentar nada daquilo — continuou Antonio. — Francisco disse que éramos um bando de

covardes por estarmos fugindo, mas não teríamos nenhuma chance de escapar vivos!

— E o que aconteceu depois? — perguntou Mercedes.

— Fugimos por uma rua transversal e então ouvimos a fuzilaria.

— Provavelmente foi o que ouvimos também — comentou Emilio.

— Agora — concluiu Antonio — há baterias de artilharia ocupando todos os pontos estratégicos em volta da cidade: a Plaza del Carmen, a Puerta Real e a Plaza de la Trinidad. E você não acreditou em mim hoje de manhã, pai! Se nos tivessem dado algumas armas pelo menos, poderíamos ter impedido que isso tudo acontecesse!

O pai e a mãe menearam as cabeças.

— É terrível, terrível — disse Pablo, os olhos no chão. — Não pensávamos que pudesse realmente chegar a esse ponto.

Antonio contou-lhes tudo o mais que escutara. Torres Martínez aparentemente estava em prisão domiciliar — “Se ele tivesse mais domínio da situação”, resmungou Antonio, “talvez não estivéssemos metidos nessa enrascada” — e Valdes assumira o cargo de governador civil. Tudo isso aparentemente fora conseguido sem a menor resistência. Antonio também ouvira dizer que a prefeitura fora

tomada e que o prefeito, Manuel Fernandez-Montesinos, cunhado de Lorca, fora dramaticamente detido durante uma reunião com outros membros do conselho municipal e preso.

Sentaram-se para, perplexos, tentar entender o que o humilde serralheiro Luis Pérez e seu filho teriam em comum com o bem relacionado prefeito socialista da cidade, mas pessoas de todas as classes sociais estavam sendo levadas de suas casas por razões arbitrárias. Intelectuais, artistas, operários e maçons contavam-se entre as seis mil e tantas pessoas presas na primeira semana. Ser um esquerdista conhecido ou membro de um sindicato agora colocava a vida da pessoa em perigo. Antonio decidiu guardar para si o que sabia sobre as atividades políticas do irmão mais velho de Francisco, Julio. O próprio Luis talvez ignorasse que seu filho era membro de uma organização comunista.

— O pior de tudo — declarou Pablo — é que tanto a Guarda Civil *quanto* a Guarda de Assalto estão agora do lado dos rebeldes.

— Você não para de dizer isso, Pablo, mas eu não acredito — protestou Concha.

— Desculpe, mãe, mas ele tem razão. Vi uns deles lá fora na rua conversando com grupos de soldados, e não pareciam nem um pouco

estar em lados opostos — confirmou Antonio.

Depois, procurou acalmar a maior preocupação dela: que Ignacio estivesse em segurança.

— Logo ele vai estar de volta — disse aos pais. — Tenho certeza disso.

Por volta da meia-noite, quando todos menos Concha tinham caído num sono agitado, ficou comprovado que Antonio estava certo. Ignacio chegou em casa.

— Você voltou — disse a mãe, aparecendo à porta de seu quarto.

—Ficamos tão preocupados por sua causa. Você nem imagina o que aconteceu hoje, aqui na nossa própria rua.

— Vai ficar tudo bem — disse Ignacio em tom jovial, abraçando a mãe e dando-lhe um beijo na testa. — Vai mesmo.

No escuro, ele não pôde ver, mas o rosto da mãe revelou certa confusão. Será que Ignacio passara o dia tão entretido com a amante que os acontecimentos do dia tinham lhe escapado? Não teve a oportunidade de perguntar. Ele subiu os degraus de dois em dois e fechou a porta atrás de si. Sempre haveria a manhã seguinte, pensou ela. Nada teria mudado até lá.



CAPÍTULO 16

Na manhã seguinte, as ruas estavam desertas. As lojas e cafés mantiveram suas portas fechadas e a tensão do interior das casas espalhou-se pelas ruas vazias de modo assustador.

A ocupação da Rádio Granada deu à causa nacionalista o meio de comunicação perfeito para transmitir a sua versão dos acontecimentos do dia anterior. *El Ideal* confirmou as mesmas novas histórias, vangloriando-se da vitória fácil das forças rebeldes do Exército e do fato de tantos cidadãos da classe média de Granada terem se manifestado em apoio a Franco.

A família Ramírez permaneceu em casa, as portas do café bem trancadas e as persianas de madeira aferrolhadas. Revezaram-se para espiar pelas janelas do andar térreo. O dia foi entremeado pela passagem de caminhões carregados de tropas e, invariavelmente, por vozes gritando: “Vida longa à Espanha! Morte à República!”

Emilio ficou sentado em sua cama dedilhando acordes. Na aparência, indiferente aos acontecimentos lá fora, mas seu estômago se contorcia de medo. Tocou até machucar os dedos, abafando o som dos tiros com suas apaixonadas *seguiriyas* e *soleares*.

Até Antonio, que costumava ser paciente com o irmão, estava aborrecido com a convincente e fingida falta de interesse dele pelo golpe militar.

— Será que Emilio não sabe o que isso pode significar? — argumentava Antonio com o pai enquanto os dois cuidavam do almoço, uma refeição simples de queijo e azeitonas. Haviam decidido não correr o risco de sair para comprar pão naquele dia, uma tentativa potencialmente infrutífera e certamente perigosa. Emilio não estava com fome e não saíra do quarto.

— É claro que não tem fome — escarneceu Ignacio. — Está encerrado em seu mundinho de contos de fadas, princesas e veadinhos, como sempre.

Todos na família, menos Ignacio, faziam vista grossa para a homossexualidade de Emilio, de modo que ninguém reagiu à zombaria. Somente uma vez, uns meses antes, Concha e Pablo tinham finalmente debatido as suas preocupações um com o outro.

Mesmo na atmosfera mais liberal dos primeiros dias da República, as atitudes com relação à homossexualidade não tinham mudado em Granada.

— Vamos esperar que seja uma fase, e que passe — dissera Pablo.

Concha balançou a cabeça. O marido supôs que fosse uma afirmativa e nunca mais se tocou no assunto.

Como todos na cidade que estavam do lado da República, os Ramírez perderam o apetite por comida mas não por notícias. Pelo rádio, souberam que a base aérea de Armilla tinha sido tomada e que a grande fábrica de explosivos na estrada para Múrcia estava agora nas mãos dos nacionalistas. Ambas eram consideradas de enorme importância estratégica, e aqueles que desejavam que a vida voltasse ao normal começaram a se resignar à ideia de um novo regime em sua cidade.

Naquele dia, na hora do crepúsculo, Mercedes abriu a janela e debruçou-se para sentir um pouco de brisa. Andorinhões cruzavam o ar diante dela e morcegos voavam de um lado para outro. Os acontecimentos da noite anterior — o som dos tiros e a cena dos vizinhos sendo presos — persistiam em sua mente, mas seus pensamentos estavam em outro lugar.

— Javier, Javier, Javier — sussurrou para a noite.

A luz amarela do lampião a gás abaixo de sua janela bruxuleou com um sopro de ar quente e uma mariposa rodopiou em seu brilho momentâneo. Mercedes ansiava por dançar e não conseguia pensar em mais nada a não ser em quando poderia ver seu violonista outra vez. Quem dera terminasse logo essa situação crítica para que pudessem estar juntos de novo, pensava ela.

Bem distante e débil, atravessando as telhas e penetrando a atmosfera densa, chegava aos ouvidos de Mercedes o som de Emilio tocando. Tornou a subir as escadas depois daquele período de ausência, atraída pelo som reconfortante da música dele. Só então

lhe ocorreu que o irmão poderia ter se sentido abandonado quando ela começou a dançar com Javier, e não teve certeza se ele receberia bem sua intrusão.

Emilio não disse nada quando a irmã entrou no quarto mas continuou a tocar, como sempre fizera desde quando ela, ainda pequena, invadira pela primeira vez sua privacidade. As horas se passaram. Veio o amanhecer. Mercedes acordou e deu por si na cama de Emilio. O irmão adormecera na cadeira, os braços ainda envolvendo a guitarra.

Concha abriu o café no dia seguinte. Depois de um dia inteiro de portas e janelas fechadas, foi um alívio escancará-las outra vez e deixar entrar o ar puro.

Aparentemente, não havia nenhuma razão em especial para não abrir, e o bar tornou-se o centro de discussões intensas sobre o que poderia acontecer em seguida. Eram muitas as histórias sobre pessoas agredidas e forçadas a trair amigos ou vizinhos, e todo mundo havia presenciado detenções. As prisões estavam sendo realizadas a pretexto de uma enorme quantidade de supostos crimes. O que faltava eram informações seguras, e havia uma escassez de conhecimentos sobre o panorama geral do país. Misturavam-se a incerteza e o medo.

Em Granada, um lugar ainda resistia com determinação às tropas de Franco: o Albaicín. Com seu café situado no limite desse velho bairro, a família Ramírez tinha agora bons motivos para temer pela segurança de sua casa propriamente dita e de seu meio de vida. Teoricamente, aquele *barrio* deveria ser capaz de se defender sozinho. Ocupava uma colina íngreme e possuía até um fosso, na forma do rio Darro, que corria ao longo de sua extremidade inferior. Haviam sido erguidas barricadas para bloquear a entrada ao Albaicín, e, de seu posto de observação privilegiado, os habitantes de

lá estavam numa posição vantajosa para defender seu “castelo” contra as tropas. Durante vários dias houve luta incessante, e a família Ramírez viu muitos membros feridos da Guarda Civil e da Guarda de Assalto passarem carregados.

A Rádio Granada com regularidade avisava que a Guarda de Assalto tinha ordem para atirar em qualquer um que lhe resistisse, mas ainda assim o cerco continuava. Ninguém duvidava que a determinação dos que resistiam no Albaicín levaria a melhor.

Teriam tido mais sorte se o Exército não houvesse ocupado a Alhambra, que se erguia à sua frente. Numa tarde, quando Concha olhava pela janela, foi como se chovessem morteiros do céu. Caía munição em abundância sobre o Albaicín, arrebentando telhados e paredes. Assim que os soldados rebeldes deram a destruição por completa, a poeira assentou rapidamente. Momentos depois, ouviu-se o lamento baixo de um avião e começou o bombardeio aéreo. A população do Albaicín era um alvo fácil.

A resistência prosseguiu por algumas horas, mas então Concha avistou um caudal de gente começar a surgir de dentro da poeira que ainda se elevava. Mulheres, crianças e velhos, todos com trouxas de roupas e punhados de objetos pessoais que haviam resgatado de

suas casas, descendo o morro. Não era possível ouvir muita coisa acima do barulho dos tiros de metralhadora que pulverizavam os telhados e do ruído surdo da artilharia, mas de vez em quando, nos silêncios intermitentes, escutava-se o choro de crianças e os gemidos baixos das mulheres que corriam para as barricadas.

Os poucos homens remanescentes, à medida que acabava sua munição e eles se convenciam de que tinham perdido a partida, subiam nos telhados e acenavam com lençóis brancos para indicar sua rendição. Haviam lutado com bravura, mas sabiam que os fascistas tinham munição suficiente para arrasar todas as casas de seu *barrio*.

Os mais afortunados conseguiram escapar para as linhas republicanas, mas a maioria foi capturada.

Naquela tarde, Antonio apareceu em casa pálido de ansiedade, o cabelo salpicado da poeira que flutuava no ar parado.

— Estão fuzilando todo mundo — disse aos pais —, qualquer um do Albaicín que apanham, fuzilam sumariamente. A sangue-frio.

Reconhecer a própria impotência foi aterrorizante para todos eles.

— São absolutamente desumanos — disse Concha, a voz quase inaudível.

— Acho que provaram e comprovaram isso muito bem — concordou o marido.

Embora a ocupação inicial tivesse sido efetuada com sigilo impressionante, eficiência e sem derramamento de sangue, os dias seguintes trouxeram uma onda de resistência e de violência. Houve

tiroteios constantes naquela noite e as metralhadoras funcionaram do amanhecer ao anoitecer.

Cinco dias após a ocupação inicial da guarnição militar e quando o bombardeio do Albaicín chegou ao final, tudo ficou mais quieto. Os operários estavam em greve, o que era o único meio seguro de registrar um protesto imediato pelos acontecimentos.

Como o pão e o leite ainda eram fáceis de se obter, ninguém estava passando fome, e El Barril podia funcionar normalmente. A família Ramírez mantinha-se próxima do café, com exceção de Ignacio, que ia e vinha com um sorriso no rosto.

O marido de Elvira Delgado encontrava-se em Sevilha quando o Exército ocupou aquela cidade, e sua firme posição direitista deixou-o temeroso de atravessar o território intermediário, ainda mantido pela República. Sua ausência em Granada fazia Ignacio se mostrar ainda mais exultante com o golpe militar do que nunca. Comprou

um exemplar de *El Ideal*, que deixou em cima de uma das mesas do bar e, com as referências ao “Glorioso general Franco”, não havia dúvidas quanto às suas preferências políticas. Emilio desceu tarde naquela manhã e deparou com o jornal ali, a manchete escarnecedora constituindo um insulto para qualquer um que apoiasse a República.

— Fascista desgraçado! — exclamou, arremessando o jornal longe, as folhas separando-se no chão como um tapete.

— Emilio, por favor! — gritou a mãe. — Assim você só piora as coisas.

— Não podem ficar piores do que já estão, podem?

— Quando tudo isso se acalmar, pode ser que o general Franco não seja tão ruim assim — respondeu ela. Emilio sabia tão bem quanto a mãe que nenhum dos dois acreditava naquilo.

— Não estou falando de Franco, mamãe. Estou falando de meu irmão. — Apanhou uma das folhas soltas do jornal e abanou-a diante do rosto dela. — Como ele se atreve a trazer essa imundície para casa?

— É só um jornal. — Mesmo parecendo pouco realista no país como um todo, a ânsia de paz de Concha no seio de sua própria família obrigava-a a ser conciliadora. Emilio sabia que a mãe

detestava o que Franco estava querendo fazer tanto quanto ele.

— Não é só um jornal. É propaganda política. Será que não vê?

— Mas é o único que existe à venda agora, que eu saiba.

— Olhe aqui, mãe, já está na hora de você enfrentar umas verdades sobre Ignacio.

— Emilio! — chamou Pablo, que entrava na sala atraído pelas vozes exaltadas. — Já chega. Não queremos ouvir mais nada…

— Seu pai tem razão. Já temos lutas demais lá fora, não podemos ficar gritando uns com os outros aqui dentro.

A essa altura, Antonio apareceu também. Sabia que a velha antipatia entre seus dois irmãos mais novos se intensificara. Estava ligada ao conflito que rugia como um terremoto pelo país inteiro. As cisões da política tinham penetrado na casa deles. As rígidas atitudes conservadoras daqueles que desejavam assumir o controle do país eram uma séria ameaça pessoal para Emilio, e o ódio entre os dois rapazes era agora tão real quanto o que existia entre os republicanos e as tropas fascistas que patrulhavam as ruas de Granada.

Emilio saiu intempestivamente da sala e ninguém falou uma palavra até que se extinguisse o som de seus pés batendo nos degraus da escada a caminho do sótão.

* * *

As notícias transmitidas pelo rádio e pelos jornais frequentemente não eram muito mais precisas do que os boatos que corriam as ruas, mas o quadro geral tornava-se cada vez mais claro: as tropas de Franco não estavam obtendo o sucesso que esperavam em toda a região e, apesar de algumas cidades terem se rendido, muitas outras opunham-lhes uma resistência feroz e conseguiam manter-se leais ao governo. O país continuava mergulhado num estado de incerteza.

Em Granada, para forçar os homens a declararem de que lado estavam, os nacionalistas agora pediam às pessoas que se alistassem como sentinelas. Esses voluntários usavam camisas azuis e tornaram-se parte da opressão. Havia diversas outras maneiras de demonstrar apoio, e a cor da camisa indicava a que grupo direitista em particular a pessoa era afiliada — azul, verde ou branca. A direita adorava a disciplina e a ordem do uniforme.

Por volta do fim de julho, Antonio constatou que realmente estava tudo acabado em Granada. A greve chegou ao fim e, por um curto período de tempo, foi como se nada tivesse acontecido. Os táxis postaram-se em seus lugares de costume, as lojas abriram, os cafés

desenrolaram seus toldos. O sol ainda brilhava e o calor não estava tão forte quanto na semana anterior.

Tudo parecia igual, mas tudo havia mudado. Apesar de grande parte do país estar resistindo e lutando, Granada encontrava-se indiscutivelmente sob lei marcial. Os civis estavam proibidos de dirigir veículos, o direito à greve foi abolido e a posse de armas de fogo foi oficialmente proibida.

Concha ainda estava de camisola certa manhã, bebericando seu café, quando Ignacio entrou pela porta da frente.

— Olá, meu querido — disse ela, aliviada por vê-lo e evitando, como sempre, perguntar onde ele passara a noite.

Ele se curvou para beijar o alto de seu cabelo despenteado e envolveu-lhe o pescoço com os dois braços. O inconfundível odor de um perfume de mulher quase a sufocou. Seria lírio-do-vale ou rosa-damascena? Não podia distinguir qual, pois tudo se misturava ao cheiro familiar do corpo de seu filho e talvez ao de um ou dois charutos que ele tivesse fumado na noite da véspera.

Ele puxou a cadeira ao lado dela, sentou-se e segurou-lhe a mão.

Durante anos a fio, Concha havia sido o campo de provas do agora famoso encanto de seu filho. Ela não tinha um filho favorito, mas um deles possuía capacidade de conquistar seu apoio muito superior à

dos outros dois.

Ignacio iria participar de várias touradas naquele verão; provisoriamente, pelo menos, a temporada fora suspensa, o que significava que ele tinha todas as suas horas livres. Possuía a aparência de quem está absolutamente satisfeito com a vida e consigo mesmo.

— Não vai ser tão horrível assim, não é? — começou ele. — Não foi o que eu disse?

— Gostaria de acreditar, Ignacio — disse ela, segurando-o com os braços estendidos e olhando-o nos olhos. As pupilas escuras e sedutoras do filho transbordavam de afeto.

Uma semana e pouco daquele conflito havia sido mais do que suficiente para tensionar seus nervos ao extremo, e até o som de uma porta batendo bastava para sobressaltá-la. Ainda a assombrava a cena de seus vizinhos sendo arrancados de casa. Na véspera, ouviram dizer que tanto Luis quanto Julio haviam sido fuzilados, e a casa dos Pérez foi saqueada naquela mesma noite. María, coitada, agora vivia com medo de morrer e não saía mais. Concha fora visitá-

la todos os dias, desde a prisão de seus familiares, e naquela manhã a mulher estivera inconsolável. Francisco estava zangado demais

para reconfortar a mãe, e Antonio passara o dia com ele tentando conter sua fúria. Agora, Ignacio vinha lhe dizer que as coisas não seriam “tão horríveis assim”.

Sob alguns aspectos, a coragem deles ainda iria passar por duras provas. Logo de manhã cedo, no dia 29 de julho, começou um bombardeio aéreo em Granada que iria durar até o fim de agosto. O pior de tudo é que não se tratava apenas da destruição brutal da sua cidade, mas também do fato de muitos deles estarem do mesmo lado dos republicanos, cujos aviões os bombardeavam.

Vez por outra, os alvos dos bombardeiros eram aprovados por aqueles que ainda apoiavam o governo legítimo.

Antonio estava na rua com o pai certa manhã e viu aviões republicanos sobrevoando a área. Eles abriram fogo com suas metralhadoras contra a torre da catedral. Embora fosse o mais belo e celebrado dos lugares sagrados, os danos ao grande prédio construído por Isabel e Fernando e onde estão seus túmulos não abalaram muito nenhum dos dois. Como a maioria das pessoas que apoiava o governo republicano, fazia tempo que tinham parado de se ajoelhar diante do altar, tão enojados estavam com a conivência dos padres com aquela rebelião. Desde o princípio, a Igreja Católica ficara do lado do Exército no golpe de Estado.

Os jornais continuavam a desempenhar seu papel de incitadores de desavenças na família Ramírez.

— É aquele jornaleco fascista outra vez — disse Emilio, lançando um olhar de desdém para o jornal deixado no bar. — Por que ele precisa trazer isso para cá?

Naquela manhã, o jornal trazia uma extensa reportagem sobre uma vitória das tropas nacionalistas. Alguns aviões republicanos tinham aterrissado em Armilla sem se dar conta de que o lugar já fora tomado pelo Exército. Os republicanos foram presos quando desceram dos aviões e os fascistas comemoraram alegremente a "entrega" de alguns excelentes aviões novos.

— Que presente para Franco — comentou Antonio à meia-voz.

Histórias assim não contribuíam em nada para levantar o moral de quem quer que apoiasse a República. Apesar de estarem lutando para defender seu território, tinham a impressão de que os

acontecimentos ainda poderiam caminhar para um lado ou para outro.

Durante os dias que se seguiram, Granada continuou a ser bombardeada e mais pessoas inocentes morreram, com suas casas desmoronando em cima delas. As sirenes soavam os alertas mas,

mesmo com o aviso prévio da chegada dos aviões, não havia de fato onde se refugiar. Um ou outro membro da Guarda Civil podia ser soterrado pelo entulho, mas eram principalmente os cidadãos inocentes de Granada que viviam o terror da rotina diária de bombas, cujo poder destrutivo parecia aumentar à medida que o dia transcorria.

No dia 6 de agosto, uma bomba caiu perto do café, na Plaza Nueva. Uma das janelas do andar de cima despedaçou-se, espalhando cacos de vidro por um dos quartos, e tudo no prédio foi violentamente sacudido. Copos caíram das prateleiras do bar e garrafas espatifaram-se no chão; escorreu conhaque para todo lado como um rio escuro.

Concha limpou a desordem, ajudada por Emilio e Mercedes. Nunca em suas vidas tinham visto a mãe chorar, e a visão do desespero dela os desconcertou.

— Detesto tudo isso — disse ela entre lágrimas.

Os filhos se entreolharam. Perceberam que ela estava prestes a iniciar uma de suas diatribes habituais.

— Nosso país está uma bagunça! Nossa cidade está uma bagunça! E agora nosso café… olhem só para isso! — exclamou ela.

Sem dúvida, todas aquelas catástrofes estavam ligadas umas às

outras, mas a única que podiam resolver era aquela ali diante deles.

— Escute, nós todos vamos ajudar a limpar isso — disse Emilio, equilibrando-se para catar os cacos de cerca de uma dúzia de garrafas. — Não foi tão ruim quanto parece.

Mercedes saiu para buscar uma vassoura. Pela primeira vez em muitas semanas, algo tirara Javier de seus pensamentos. Ele ocupara o maior espaço no centro de sua mente durante praticamente todos os momentos do dia, desde o golpe militar, mas a proximidade da bomba a tirara de seus devaneios.

Enquanto varria o chão, contudo, até o tilintar musical dos estilhaços de vidro faziam-na voltar a pensar no homem que amava.

O que dominava sua mente antes de encontrá-lo? Detestava aquele conflito infeliz que os separava.

Antonio aparecera e fez a mãe sentar-se. Serviu-lhe uma bebida da garrafa que restara.

— Não sei por quanto tempo ainda vamos poder continuar…

— O que quer dizer com isso? — perguntou Antonio, ansioso para acalmar a mãe.

— …a tocar o café. Tudo é tão…

Antonio notou que a mãe estava cansada, mas todos precisavam

continuar suas vidas. A cada dia, todo mundo procurava sinais de que a situação da cidade estivesse mais estável, e aumentava a determinação de Antonio de garantir que uma parte de suas vidas prosseguisse sem rupturas. Àquela altura, o fornecimento de alimentos ainda era relativamente farto na cidade, de modo que não havia dificuldade para alimentar seus clientes; a única coisa que não podiam conseguir era peixe, já que o trânsito entre a cidade e a costa estava interrompido no momento, mas carne, pão, legumes e frutas eram fáceis de obter.

— Olhe, precisamos tentar levar a vida normalmente, senão temos de admitir que eles de fato venceram, não acha? — disse ele à mãe, procurando persuadi-la.

Ela balançou a cabeça, numa resignação fatigada.

A Plaza Cristo fora bombardeada, assim como o hotel Washington, perto da Alhambra, onde pessoas tinham se refugiado dos tiros de metralhadora. Nove pessoas morreram na cidade naquele dia, mulheres na maioria, e houve numerosas vítimas em estado grave. Ao mesmo tempo que ocorriam as mortes desses inocentes, outras pessoas igualmente sem culpa estavam sendo julgadas. O ronco dos aviões bombardeiros republicanos passando acima de suas cabeças só aumentava a determinação dos fascistas

de condenar os que ainda apoiavam o governo. Antes mesmo que secasse a tinta das assinaturas que autorizavam essas mortes, as execuções eram levadas a cabo.

Os primeiros a irem a tribunal foram o governador civil, Martínez, o presidente do conselho municipal, um advogado chamado Enrique Martín Forero, e dois sindicalistas, Antonio Rus Romero e José Alcantara. De sua apresentação ao júri, em 31 de julho, à sua corte marcial, sentença e execução ao amanhecer diante do muro do cemitério, transcorreram apenas quatro dias. Para

aqueles homens e para suas famílias e amigos, foram dias de medo e de descrença que tais decisões ilícitas pudessem acontecer em nome da justiça. Nos dias que se seguiram, outras numerosas figuras-chave de Granada enfrentaram o pelotão de fuzilamento — políticos, médicos, jornalistas. As notícias dessas mortes horrorizaram a família Ramírez.

— Isso significa que ninguém está a salvo — declarou Pablo. — Absolutamente ninguém.

— Se eles podem justificar a decisão de matar esses homens, então você tem razão — disse Antonio, que sempre tentava tranquilizar os pais.

Até ele agora perdera a esperança de ver o conflito chegar a uma conclusão rápida assim que as partes do Exército que haviam se mantido leais ao governo republicano revidassem e ganhassem o controle. A crueldade das tropas que estavam executando as ordens de Franco era assustadora e sem possibilidade de conciliação. Idealistas como Antonio só então começavam a perceber qual era a natureza de seu inimigo.

* * *

Lá pela segunda semana de agosto, o calor e os bombardeios se intensificaram, mas o primeiro deixara de ser assunto das conversas. Era estranho como, num dia, um prédio inteiro podia ser destruído e todos saírem miraculosamente ilesos e, no dia seguinte, uma única explosão matava meia dúzia de pessoas na rua. Um desses grupos malfadados foi o das mulheres que morreram quando a Calle de Real Cartuja foi atingida. As mortes delas foram tão aleatórias quanto o resultado de um lance de dados.

Fazia duas semanas que Granada era uma ilha de fascismo num mar de leal republicanismo. Antonio apegara-se à esperança de que aquela área relativamente pequena de terra pudesse ser tomada de volta, mas aos poucos perdia a confiança. Começavam a chegar notícias de sucessos nacionalistas em diversos outros lugares,

inclusive Antequera e Marbella.

As forças nacionalistas tinham organizado suas defesas contra o bombardeio aéreo de Granada. Canhões alemães foram instalados em posições estratégicas para deter os aviões republicanos, de modo que cessaram os ataques aéreos.

Assim que as bombas pararam de cair, as ruas de Granada encheram-se de atividade outra vez. Havia mais gente circulando do

que o habitual naquela época do ano. Muitos dos que normalmente teriam saído da cidade durante o verão desistiram por causa da instabilidade política. Combinada com o afluxo de pessoas das aldeias próximas, a população crescera.

A atmosfera decididamente não era de comemoração, mas, em certas horas do dia, as ruas e praças apinhadas tinham um aspecto de *fiesta*. Os cafés estavam cheios. As pessoas sentavam-se perto umas das outras para partilhar a preciosa sombra, moças andavam entre as mesas recolhendo moedas para os hospitais da Cruz Vermelha que haviam sido estabelecidos em torno da cidade a fim de cuidar dos feridos.

Os cinemas abriam como sempre, mas eram obrigados a repetir os poucos filmes armazenados, e as plateias sequiosas de diversão

não tinham alternativa a não ser tolerar a repetição e assistir aos cinejornais, alarmantes para qualquer dos lados do espectro político em que se situassem.

Ignacio continuava, com sua reação aos acontecimentos, a se contrapor à própria família. Não tentou sequer esconder seu triunfalismo quanto à dominação da cidade e das aldeias próximas pelos fascistas, mas com o tempo passou também a discursar e vociferar contra as atrocidades que se dizia terem sido cometidas por defensores da República em cidades como Motril e Salobrena.

— Eles arrastaram as mulheres para o mar — gritou para Antonio e Emilio, que escutavam o irmão em silêncio — e assassinaram os filhos delas!

Fosse verdade ou mera propaganda direitista, eles não iriam dar a Ignacio a satisfação de reagir.

— E vocês provavelmente já sabem que eles destruíram a colheita… e que mataram os rebanhos! — acrescentou.

O silêncio deles o enfurecia. Andou direto para os irmãos, e Antonio sentiu o calor da ira de Ignacio quando ele cuspiu as palavras no seu rosto:

— Se todos passarmos fome, não vai ser por culpa de Franco! — disse, o nariz quase encostando no de Antonio. — Vai ser por causa

de vocês, republicanos! Será que não estão vendo que acabou? A República está *acabada*!

Em Granada inteira, as pessoas sentavam-se amontoadas em volta dos rádios. Os dedos estavam amarelados de nicotina e as unhas, roídas até o sabugo. Ansiedade, tensão e calor faziam a

184

cidade recender a suor. Os boatos de execuções em massa em outras partes do país intensificavam o terror.

Temia-se os que moravam na mesma rua e até os que viviam sob o mesmo teto. Pelo país afora, famílias desintegravam-se.

185



CAPÍTULO 17

Os relatos de Ignacio sobre tropas republicanas abandonando suas armas e fugindo de suas posições nas aldeias do alto das colinas tinham mais fundamento do que o resto da família queria

admitir. A eficácia do Exército de Franco dentro e nos arredores de Granada havia sido imediata e absoluta.

— Não posso acreditar! — disse Concha numa certa manhã, sem disfarçar a aversão na voz. — Vocês já saíram hoje? — A pergunta era dirigida a Antonio e Emilio. — Vão à rua e olhem! Deem um passeio até a catedral. Não vão acreditar nos próprios olhos.

Emilio não reagiu, mas Antonio levantou-se e saiu do café. Ao dobrar à direita, indo pela Reys Catolicos, viu de imediato o que irritara tanto sua mãe. Nas proximidades da catedral, as ruas estavam enfeitadas de bandeirolas amarelas e vermelhas. Deviam ter sido colocadas muito cedo naquela manhã, e agora a cidade estava ornamentada como se fosse haver uma *fiesta*.

Era 15 de agosto. Num outro ano qualquer, a data talvez significasse algo para ele, mas naquele momento não queria dizer nada. Era a Festa da Assunção, a comemoração do dia em que a Virgem Maria ascendeu aos céus, e, para as centenas de fiéis que se aglomeravam junto às portas da catedral tentando escutar a missa cantada que era celebrada, tratava-se de um dos dias mais reverenciados do calendário da Igreja; simplesmente não havia lugar lá dentro para todo mundo.

Do interior, veio o som de palmas. A onda de aplausos espalhou-

se pela praça e logo a multidão respondeu batendo as mãos. O aparecimento da procissão do arcebispo na porta principal foi recebido com o clamor precisamente calculado de uma fanfarra militar.

186

Imobilizado pela multidão compacta de fiéis, Antonio lutou para se desvencilhar. A exibição ostensiva de cooperação militar e eclesiástica repugnava-o, e ele abriu caminho aos empurrões para sair da praça. Ao voltar pela rua principal e seguir para a Plaza Nueva, quase colidiu com uma tropa de legionários que marchava rumo à catedral, os rostos duros e cinzelados escorrendo de suor. Enquanto se apressava para chegar em casa, seus passos aceleraram-se quase numa corrida. Reparou vagamente nos grupos de pessoas vestidas com elegância em suas sacadas enfeitadas com bandeiras, embora algumas o avistassem, uma figura solitária deslocando-se em sentido contrário à maré constante de soldados. Quando chegou ao café, os pais estavam juntos sentados a uma mesa. Pablo fumava, o olhar perdido no espaço.

— Antonio — disse Concha, com um sorriso para seu filho mais velho —, você voltou. O que está acontecendo lá agora?

— As pessoas estão comemorando, é isso — respondeu ele, quase

engasgado de tanta repulsa. — Católicos e fascistas. É horrível. Não consigo aguentar. Aquele arcebispo presunçoso, com seu traseiro gordo… Meu Deus, gostaria de cortá-lo com uma faca como se faz com um porco!

— Psiu, Antonio — disse a mãe, notando que algumas pessoas entravam naquele momento no café. A missa terminara e os bares em breve ficariam cheios de gente. — Fale baixo.

— Mas por que, mãe? — perguntou ele, num sussurro sibilante.

— Como é possível que um homem que é chefe da Igreja daqui ignore essa matança toda… Essa *chacina*? Onde está a compaixão dele?

Antonio tinha razão. Monsignor Agustin Parrado y García, cardeal-arcebispo de Granada, era um dos muitos membros graduados da Igreja Católica que tomara sem reservas o partido de Franco. Essas pessoas encaravam a insurreição dos generais como uma cruzada santa, e por essa única razão não intervinham para salvar as vidas de quem quer que fosse injustificadamente preso e condenado pelos nacionalistas.

Concha amarrou o avental e logo estava atrás do balcão, seguida pelo marido. Enquanto anotavam os pedidos, Antonio desapareceu porta afora.

Pode ser que não servisse de consolo para Antonio, mas Franco

passou a solicitar contribuições aos que o apoiavam, no montante de dezenas de milhares de pesetas. Havia listas de doações para o

Exército, para a Cruz Vermelha e para a compra de aeronaves, e algumas pessoas tinham até que dividir suas casas com oficiais graduados do Exército. O custo da guerra não saía barato para ninguém, e os próprios bancos estavam em crise. Ninguém estava depositando dinheiro, só retirando, e as reservas de seus cofres iam se esgotando.

Pablo e Concha escutavam os resmungos de seus poucos clientes abastados. O café sempre tivera uma clientela mista, e o casal se esforçara muito para manter sua imagem de neutralidade absoluta. Qualquer outra postura seria uma atitude suicida naquele clima e com aquela atmosfera.

— Eles tomaram o Chrysler do meu marido na semana passada — disse uma mulher bem-penteada de cerca de cinquenta e cinco anos.

— Que aborrecimento — comentou sua amiga. — E quando acha que vão devolvê-lo?

— Acho que não o quero mais de volta — respondeu a primeira, com desdém evidente na voz. — Hoje de manhã mesmo eu o vi:

abarrotado de Guardas de Assalto. Imagine só a sujeirada que vão deixar. Já está com um amassado enorme na lateral!

Os dois lados sentiam o preço do conflito. Muita gente tinha parentes em outras cidades, e já fazia algum tempo que a comunicação entre Granada e o mundo exterior fora limitada. Não havia conhaque que bastasse para acalmar completamente a ansiedade das pessoas que sentavam no café afligindo-se pelo bem-estar de filhos e filhas, tios e pais em Córdoba, Madri ou na distante Barcelona, da qual não viera uma notícia sequer. Mercedes ia ficando desesperada por obter notícias de Málaga.

Agora que mantinham Granada sob firme controle, os nacionalistas enviavam tropas para outras cidades. Antonio e seus amigos regozijaram-se ao saberem que muitas delas opunham forte resistência a essas tropas. Embora os nacionalistas dominassem a estreita passagem entre Sevilha e Granada, fortemente guardada, grande parte do resto da região ainda resistia a Franco e ocorriam combates ferozes até em cidades pequenas, as quais eles haviam presumido que seriam tomadas sem luta.

A tarefa sinistra de vigiar o povo de Granada passara a ser partilhada com membros da ala jovem do partido fascista da Falange, que participavam com satisfação denunciando e perseguindo quem

quer que suspeitassem ser republicano. Os crimes contra o novo regime podiam consistir em qualquer coisa, desde ostentar propaganda comunista colada nas paredes de casa — que poderia ter sido posta ali pelos próprios falangistas para criar confusão — até ter votado no partido socialista nas eleições anteriores. O pavor das detenções e prisões arbitrárias era intenso.

* * *

Para Emilio, o dia seguinte à Festa da Assunção, 16 de agosto, foi o pior desde que o conflito começara. Em vinte e quatro horas, seu amigo próximo Alejandro e seu herói, Lorca, tinham sido presos. O poeta viera a Granada para ficar com a família pouco antes do golpe, mas consciente de estar em perigo por causa de suas simpatias socialistas, saíra de sua casa e buscara refúgio com um amigo falangista. A companhia de alguém que apoiava a direita não lhe serviu de proteção. Foi detido no mesmo dia da execução de seu cunhado, o prefeito Montesinos, fuzilado diante do muro do cemitério.

A notícia da prisão de Lorca circulou rapidamente, e durante três dias sua família e todos os que o amavam esperaram ansiosos. Ele não pertencia a nenhum partido político, de modo que eram frágeis

as justificativas para detê-lo.

Emilio trabalhava no café quando escutou por acaso dois clientes conversando. A princípio, pensou que pudesse estar enganado quando percebeu de quem falavam.

— Quer dizer que atiraram nele por trás? — perguntou um dos homens.

— Não, atrás… — murmurou o outro. — Por ser homossexual.

Não notaram que Emilio escutara tudo o que diziam.

Pouco antes, Ignacio descera. Ouviu as últimas palavras e não pôde deixar de entrar na conversa.

— É, foi exatamente o que aconteceu, atiraram no traseiro dele por ser um veado, um *maricón*! Há muitos do tipo dele nesta cidade.

Todos na sala se calaram. Até o tique-taque do relógio soou constrangido, mas Ignacio não se controlou e deu outra estocada. A plateia cativa era irresistível.

— Precisamos de homens *de verdade* neste país — disse com ar de desafio. — A Espanha nunca será forte enquanto estiver cheia de bichas.

Com essas palavras, cruzou o bar com passadas largas e desapareceu na rua. Muitos da direita partilhavam aquele

sentimento. Virilidade era pré-requisito para um verdadeiro cidadão.

Durante certo tempo, ninguém falou. Emilio ficara paralisado no mesmo lugar, as lágrimas descendo-lhe pelo rosto. A certa altura, ele as enxugou com seu pano de prato, mas elas voltavam. Quando Concha apareceu, pegou o filho pelo braço, levou-o para o escritório atrás do bar e fechou a porta. O som abafado dos soluços foi suplantado pelas vozes dos clientes, que retomaram suas discussões.

Pablo surgiu para tomar conta do bar. Não havia notícias de Alejandro, e para Emilio era como se a situação não pudesse piorar. A morte de Lorca foi um marco no conflito. Qualquer resíduo de crença em probidade e justiça que ainda existisse fora destruído. Em toda a Espanha, as pessoas horrorizaram-se.

No final de agosto, quando o povo de Granada começava a sentir-se a salvo dos ataques aéreos, os aviões do Exército republicano reapareceram. Cerca de trinta bombas foram lançadas sobre a cidade e os canhões antiaéreos nada fizeram para evitá-las. Apesar de sua ação ter trazido novamente medo e terror a todos, incluindo os que a apoiavam, a causa republicana mostrou que não estava perdida.

— Estão vendo — disse Antonio aos pais no dia seguinte —, ainda podemos lutar para restaurar a República!

— Todos sabemos disso — interrompeu Emilio — menos Ignacio,

é claro.

Concha suspirou. O azedume entre seus filhos, que fermentara por tantos anos, agora a fatigava. Lutara demais para não tomar partido de ninguém e ser equilibrada e imparcial.

Quando os ataques aéreos cessaram, a cidade mais uma vez aparentava normalidade.

Um dia, no fim do mês, Ignacio chegou parecendo mais satisfeito com a vida do que nunca.

— Vai haver uma tourada na semana que vem — anunciou ele à família. — Minha primeira aqui como *matador de toros*.

Antonio não conseguiu deixar de fazer um comentário mordaz.

— Vai ser bom ver uma praça de touros sendo usada como deve — disse ele.

Todos sabiam a que se referia.

190

No início daquele mês de agosto, na praça de touros de Badajós, uma cidade a sudoeste, em vez do sangue de touros, a imensa arena tivera a areia encharcada do sangue de milhares de republicanos, socialistas e comunistas. Haviam sido conduzidos para a *plaza de toros*, limpa e branca, atravessaram o portão por onde a parada geralmente entrava e foram para dentro da arena. Uma fileira de

metralhadoras alinhou-se diante deles e dezoito homens e mulheres foram abatidos. Alguns corpos ficaram caídos no chão por dias até serem arrastados dali, e seu sangue escureceu na areia. Contava-se que os transeuntes enjoavam com o cheiro nauseante do sangue derramado, e que a única coisa da qual as vítimas foram poupadas foi a visão de sua cidade sendo revistada e saqueada.

— O que quer que tenha acontecido em Badajós — replicou Ignacio, na defensiva —, aqueles *rojos* provavelmente mereceram.

Passou impetuosamente por Antonio e pôs as mãos nos ombros da mãe.

— Você irá, não é? — perguntou, em tom suplicante.

— Claro que vou — confirmou ela. — Não posso deixar de ir. Mas não tenho certeza se seus irmãos irão.

— Não estava contando com eles — disse ele, girando nos calcanhares para encarar Antonio. —Sobretudo com aquele lá em cima.

* * *

Na semana seguinte, o clima na arena de touros era de euforia. As arquibancadas fervilhavam de entusiasmo, com os espectadores, em seus melhores trajes, conversando animados e acenando para amigos no meio da multidão. Para os aficionados daquele esporte,

predominantemente conservadores, a reabertura da praça de touros simbolizava o retorno a um pouco de normalidade, e eles saboreavam o momento.

Pablo e Concha estavam presentes para assistir ao filho. Antonio, Emilio e Mercedes tinham preferido permanecer em casa.

Do lugar onde se encontravam naquele final de tarde, encerrados em segurança no círculo perfeito da Plaza de Toros, a devastação que ocorrera em algumas partes de sua cidade não era visível. O que importava para a maioria das pessoas ali naquele momento era poder desfrutar a retomada de sua antiga maneira de viver, a sensação de pertencer a uma elite, o restabelecimento das tradições e da

hierarquia antigas. Até a escolha do assento, ao sol ou à sombra, *sol o sombra*, refletia a posição social da pessoa na cidade.

— O que quer que aconteça nos próximos meses — Concha escutou de uma conversa em andamento —, pelo menos nos livramos daqueles esquerdistas horrorosos na Câmara municipal.

Depois disso, ela procurou não escutar o que os dois senhores idosos ao seu lado diziam, pois certamente não tinham ideia de quão brutalmente, quão completamente, alguns dos membros socialistas da Câmara municipal tinham sido eliminados. Mas trechos da

conversa de vez em quando chegavam aos seus ouvidos, e era difícil ignorá-los.

— Vamos esperar que a nação abra os olhos e não se oponha ao general Franco — disse um deles.

— É a nossa esperança — concordou o outro. — Seria muito melhor para todos. E, quanto mais cedo acontecer, melhor.

— Tente não escutar o que estão dizendo — disse Pablo, que ouvira também. — Não podemos fazer nada para mudar a maneira de pensar dessa gente. Olhe! A parada vai começar…

O aparato luxuoso parecia mais cintilante do que nunca, os homens mais bonitos, os uniformes mais vívidos. Ignacio passara a meia hora anterior preparando-se no camarim. Fora vestido e abotoado nos calções e seu cabelo fora penteado e preso com grampos antes de colocar o macio chapéu de feltro. Admirou-se no espelho e levantou o queixo. O branco reluzente de seu traje acentuava-lhe o cabelo escuro e a pele bronzeada.

Ao sair na arena com os outros e se curvarem diante do presidente da corrida e das celebridades locais, sentados no camarote, ele se perguntou se existiria na vida algo melhor do que aquilo.

E o resto todo ainda está por vir, refletiu, deleitando-se com a

alegria da expectativa.

Ignacio era o terceiro matador a entrar na arena. Apesar de ter manifestado amabilidade, a multidão não se impressionara com os outros toureiros. O segundo teve um mau começo quando seu primeiro touro deu cabeçadas na barricada de madeira e arrebentou os chifres.

O descuido do animal valeu-lhe a liberdade e a volta às ricas pastagens onde fora criado. O matador lidou habilmente com seu

próximo touro antes de matá-lo de forma limpa e ligeira, mas sem nada de espetacular, nada que fizesse o público vibrar.

Esperavam mais drama com Ignacio. Muitos o tinham visto tourear antes, e sua fama de empolgar a plateia ao deixar deliberadamente o animal passar muito rente a seu corpo recebera ampla cobertura nas páginas dos jornais da cidade.

A multidão estava preparada para algo que lhe arrebatasse a imaginação e sempre esperava que o melhor viesse por último. Para muitos, a quantidade de mortes e de violência que haviam testemunhado no mês anterior somente aguçara o apetite. Tinham visto bastante sangue derramado naquela tarde, mas o duplo prazer do perigo e da catarse até então lhes faltara. Os touros ainda não

tinham representado nenhum risco verdadeiro para aqueles rapazes. A crueldade da multidão era palpável. Não queriam que o touro morresse logo: os estágios de degradação antes do golpe final e decisivo deveriam ser lentos e esmerados e o sofrimento dele deveria ser prolongado.

A maior parte da arena encontrava-se agora à sombra e o dia finalmente esfriava. Uma faixa de luz baixa do sol de fim de tarde tocou o deslumbrante bordado dourado da jaqueta de Ignacio. Aquela era a melhor hora para tourear.

O touro precipitou-se com grande estrondo na direção dele e, quando os chifres entraram em contato com a capa, as patas dianteiras do animal ergueram-se do solo. Apesar dos ferimentos infligidos pelo picador e pelos bandarilheiros, o animal ainda estava cheio de energia. A capinha da *muleta* roçou-lhe o lombo quando Ignacio executou um movimento ágil.

Depois de realizar alguns passes simples, Ignacio tornou-se mais audacioso. Deslumbrou a plateia com a elegância de um passe "borboleta", arrastando a capa atrás de si e então, para assombro geral, ajoelhou-se no chão.

— Que atrevimento completo! — espantavam-se. — Que confiança! Que coragem!

A cabeça do touro estava abaixada. Será que Ignacio sairia ileso daquela manobra ousada? Segundos depois, a multidão teria a resposta.

Ignacio ficou de pé e agradeceu os aplausos. Estava de costas para o touro, mais uma demonstração de sua supremacia sobre o animal. O gesto era quase desdenhoso. Se o touro quisesse, poderia

ter chifrado as nádegas perfeitas e redondas do seu *derrière* petulante, mas o bicho já estava perdendo a vontade.

A *faena* estava quase completa. Houve mais algumas *verónicas,* em que ele rodopiou a capa acima da cabeça enquanto fazia uma pirueta. Na última, o touro ferido passou tão perto do corpo de Ignacio que sua jaqueta muito branca ficou pintada de carmesim com o sangue do animal.

— Agora entendi por que ele usou essa cor — disse Concha para si mesma.

Ignacio tocou o chifre esquerdo do touro quando ele passou. Parecia quase afetuoso, como se acariciasse o touro, agradecendo-lhe pela oportunidade de provar do que era capaz.

A evolução para o clímax teve toda a graça e elegância de uma dança vista em câmera lenta, e então o touro veio para a frente dele,

quase de joelhos dobrados, deferente. Ignacio ergueu a espada e mergulhou-a fundo, alcançando o coração do animal. Enquanto observavam os últimos estremecimentos da fera derrotada, as pessoas levantaram-se acenando com seus lenços. O enfrentamento de Ignacio e do touro fora tão perfeito quanto uma tourada pode ser. Com exceção das exclamações ocasionais emitidas coletivamente pela multidão, os pais de Ignacio tinham permanecido calados durante o combate. Uma ou duas vezes, Concha agarrara o braço do marido com força. Seria difícil para qualquer mãe ver seu filho enfrentar um touro no ataque e não viver um momento de puro terror. Somente quando o peso morto do cadáver do animal foi arrastado em seu circuito final pelas parelhas de cavalos ela se permitiu respirar novamente. E Pablo já se levantava com os demais, banhado em orgulho por ver seu filho exposto à adulação do povo.

Soou a banda. Ignacio voltou, desfilando diante da multidão, braços no ar para agradecer os vivas. Sensuais e provocantes, aqueles jovens de quadris estreitos faziam a volta na arena com seu andar altivo, cintilantes em seus tons roxo, rosa e branco manchado de sangue.

Concha pôs-se de pé. Também estava orgulhosa de Ignacio, mas detestava aquele lugar, cuja atmosfera a nauseava, e estava satisfeita

por poderem sair dali.

A tourada pareceu provocar um breve renascimento da velha Granada. Todos saíram, os bares se encheram de gente e, nas primeiras horas da madrugada, as ruas estavam repletas. A Guarda

Civil mantinha-se com olhar atento, alerta para qualquer tumulto, mas quem não estivesse à vontade com a sensação subjacente de triunfalismo direitista ficou em casa naquela noite.

Ignacio era o homem da vez. No bar mais elegante perto da praça de touros, foi festejado por seu grupo de amigos e por dezenas de ricos proprietários de terras e aficionados, que fizeram fila para cumprimentá-lo. Havia também uma porção de mulheres, todas ansiosas para chamar sua atenção, e a festa entrou pela noite. Todos naquele círculo social tinham opiniões semelhantes sobre a situação do momento na Espanha, e os brindes e canções dos embriagados refletiam isso.

Lindo Lorca, mais que outrora

Seu traseiro dói AGORA!

Eles entoavam a cantilena sem parar, entusiasmados com o duplo sentido.

— Vocês precisavam ter visto meu irmão quando soube a

respeito de Lorca — disse Ignacio rindo para o grupo com o qual estava. — Ficou arrasado!

— Quer dizer que ele é bicha também? —disse um homem de aparência vulgar através de uma nuvem espessa de fumaça de charuto.

— Bem, digamos que — explicou Ignacio com ar conspiratório — ele não tem o mesmo gosto que eu para mulheres…

Uma das mulheres mais voluptuosas do bar viera postar-se ao lado de Ignacio durante essa conversa, e a mão dele escorregara pela cintura dela enquanto continuava a falar com seus amigos homens. Era um gesto quase inconsciente. Às três da manhã, quando o bar fechasse, eles iriam juntos para o hotel Majestic ali perto, que sempre reservava alguns quartos para as estrelas das touradas.

Nos dias que se seguiram, Ignacio ficou incontrolável. Mal podia conter seu júbilo. A família ganhou a cabeça de sua magnífica presa. Num canto escuro do café, ela ficou pendurada na parede durante alguns anos, os olhos inexpressivos fitando os clientes que entravam no El Barril.

Ao mesmo tempo que Ignacio comemorava, a violência prosseguia. Lorca foi apenas um entre centenas de desaparecidos.

* * *

Cerca de um mês depois, ouviu-se bater com muita força na vidraça da porta do El Barril às três da madrugada. As batidas foram tão violentas que quase a fizeram em pedaços.

— Quem é? — gritou o patriarca Ramírez do alto de sua janela no terceiro andar. — Que barulheira desgraçada é essa?

— Abra a porta, Ramírez. Agora! — respondeu uma voz ríspida, cujo tom significava que seu dono, ao usar o nome de Pablo, não estava brincando.

A essa altura, todos os moradores da rua tinham saído da cama. Persianas foram abertas, mulheres e crianças debruçaram-se nas janelas e uns poucos homens corajosos desceram para as calçadas e estavam na rua naquele momento cara a cara com os dez ou mais soldados. Cães latiam e o som estridente de seus latidos ricocheteava nos muros, criando uma cacofonia ensurdecedora nas ruas estreitas. Mesmo enquanto as trancas estavam sendo retiradas, as pancadas continuaram a despencar no vidro. Só pararam quando Pablo abriu a porta, e então até os cachorros se calaram. Cinco dos soldados empurraram-no, entraram no café e a porta bateu atrás deles. Os outros permaneceram na rua, matando o tempo, fumando, indiferentes aos olhares duros e ressentidos que lhes lançavam os

civis em volta. A rua estava silenciosa. Passaram-se dois ou talvez vinte minutos. Ninguém saberia dizer.

Afinal, a porta foi escancarada. O silêncio deu lugar a gritos. Era a señora Ramírez.

— Vocês não podem levá-lo! Não podem levá-lo! — gemia ela. — Ele não fez nada de errado! Não podem levá-lo!

Havia desespero e impotência na voz dela. Sabia que não adiantava protestar, nada deteria aqueles homens. O fato de não apresentarem nenhum mandado legal para fazer uma prisão tinha menos importância do que um *céntimo* de peseta.

As ruas estavam sem luz, portanto ficava difícil ver exatamente o que se passava no escuro, mas todos perceberam que era Emilio quem estava parado ali. Ainda vestia a camisola de dormir, que brilhava de modo sobrenatural na penumbra, suas mãos haviam sido firmemente amarradas às costas, mantinha a cabeça abaixada e estava absolutamente imóvel. Um dos homens uniformizados empurrou-o pelo estômago com a coronha do rifle.

— Vá andando! — ordenou ele. — Agora!

Com isso, Emilio pareceu voltar a vida. Saiu tropeçando de sua casa como um bêbado, quase perdendo o equilíbrio nas pedras

irregulares do calçamento.

Então ouviu-se a voz do señor Ramírez tentando acalmar a mulher:

— Vamos trazê-lo de volta, minha querida. Vamos trazê-lo de volta. Eles não têm o direito de levá-lo.

Meia dúzia de soldados seguiu em formação pela rua atrás de Emilio, dois deles empurrando-o a todo o instante entre as espáduas para fazê-lo ir na direção certa. Logo desapareceram na esquina e não mais se ouviu o clique metálico das passadas militares. A rua agora enchera-se de gente, grupos de vizinhos, as mulheres consolando Concha, os homens furiosos e amedrontados ao mesmo tempo.

Antonio e Ignacio viram-se cara a cara.

— Vamos — disse Antonio. — Temos de ir atrás deles. Rápido.

Fazia muito tempo que Ignacio deixara de seguir as instruções do irmão, mas, naquele momento, ao menos, tinham um objetivo em comum. A preocupação por alguém de seu próprio sangue, em especial a preocupação pela mãe, unia-os brevemente.

Um ou dois minutos depois, avistaram o grupo uniformizado e seguiram-no furtivamente por uns oitocentos metros, escondendo-se em arcadas e portais escuros a cada pausa que faziam. Se fossem

descobertos, não seria bom para ninguém, muito menos para Emilio.

A verdadeira surpresa para Antonio foi verificar que o caminho os levava para o prédio do governo. Menos de um mês antes, era dali que Granada estava sendo governada para benefício do povo.

Emilio levou outro empurrão nas costas quando caiu na soleira da porta, que depois bateu ao se fechar com firmeza. O dia começava a clarear e os dois irmãos não conseguiriam ficar na rua muito tempo sem serem vistos. Agacharam-se numa entrada de porta sem poder sequer acender um cigarro, para que a chama do fósforo não chamasse atenção, e durante mais ou menos dez minutos permaneceram encolhidos assim, discutindo o que fazer em seguida. Ficar ali? Ir embora? Bater às portas?

Não precisaram decidir. Logo depois, um carro aproximou-se, parou diante de uma porta lateral e dois soldados saltaram. Alguém abriu a porta do prédio para eles e em pouco eles reapareceram. Dessa vez, havia outra figura entre os dois. Os soldados o

amparavam porque ele não conseguia andar, mas não era um gesto de humanidade de sua parte. O homem estava curvado ao meio de tanta dor e, quando abriram a porta do veículo e jogaram-no lá dentro, ficou óbvio que não tinham a menor intenção de serem

bondosos. Estava sendo tratado como um embrulho qualquer.

Quando caiu dentro do carro, Antonio e Ignacio vislumbraram o reflexo branco da camisola de dormir e não tiveram dúvida de que a pessoa que tinham visto era Emilio.

O carro saiu roncando noite adentro e os irmãos tiveram de se conformar com a impossibilidade de segui-lo.

Antonio estava com o coração pesado. Homens não choram, Antonio repetia para si mesmo. Homens não choram. Seu rosto contraiu-se num espasmo de tristeza e descrença, a mão apertou depressa a boca para abafar o som dos soluços, mas os olhos transbordavam de lágrimas. Durante um tempo, os irmãos continuaram agachados à porta de um estranho, que àquela hora devia estar dormindo profundamente em sua cama.

Ignacio foi ficando agitado. Era quase dia e eles precisavam sair daquele lugar e ir para casa. Os pais deviam estar esperando por notícias.

— O que vamos dizer a eles? — cochichou Antonio, a voz engasgada.

— Que ele está preso — disse Ignacio, sem rodeios. — De que adianta dizer qualquer outra coisa?

Caminharam em silêncio, devagar, pelas ruas vazias. Antonio

ansiava por uma palavra de consolo do irmão mais novo, mas não receberia nenhuma. O sangue-frio de Ignacio diante da situação intrigou-o por um momento. Sabia que Ignacio detestava Emilio, mas não podia se permitir sequer desconfiar que ele estivesse envolvido no desaparecimento do próprio irmão.

Sendo o mais velho, era seu dever contar aos pais o que acontecera. Ignacio permaneceria em segundo plano, suas opiniões sobre o assunto tão sombrias quanto aquela rua.

Havia mais de um mês que os nacionalistas tinham tomado Granada, mas a quantidade de pessoas presas diariamente e levadas em caminhões para serem fuziladas no cemitério ainda estava aumentando. Parecia inacreditável que aquilo pudesse acontecer, ainda mais com alguém tão próximo deles.

198

— Talvez queiram apenas interrogar Emilio a respeito de Alejandro

—

sugeriu

Mercedes,

solícita,

agarrando-se

desesperadamente a um fiapo de esperança. Não havia notícias do melhor amigo de Emilio desde a sua prisão.

A dor de Concha Ramírez dominou-a. Não podia contê-la. Uma imaginação viva e o terror do desconhecido enchiam-lhe a mente com visões do que poderia estar acontecendo com seu filho.

Pablo, entretanto, recusava-se a aceitar que talvez nunca mais fosse ver Emilio e falava como se o filho fosse reaparecer a qualquer instante.

* * *

O segundo e o terceiro cafés de Sonia e Miguel tinham sido bebidos havia tempo e, de vez em quando, o garçom se aproximava para ver se precisavam de algo mais. Duas horas tinham se passado desde a chegada deles.

— Devem ter ficado tão aflitos! — comentou Sonia.

— Acho que sim — murmurou Miguel. — O fato significava que aqueles acontecimentos terríveis não estavam atingindo somente outras pessoas, mas eles próprios também. E a prisão de um membro da família revelava que estavam *todos* em perigo.

Sonia olhou em volta.

— Está ficando muito enfumaçado aqui. Importa-se de sair para tomar um pouco de ar fresco? — perguntou.

Pagaram a conta e se afastaram com vagar. Miguel continuou a falar enquanto passeavam pela praça.



CAPÍTULO 18

Por dias a fio, Concha rezou pela volta do filho. Ajoelhada ao lado da cama, as mãos juntas em súplica, murmurava preces à Virgem por misericórdia. Não acreditava muito que alguém a escutasse. Os nacionalistas tinham reclamado Deus para si, e Concha tinha certeza de que Ele não atenderia a preces dos dois lados do conflito.

O quarto se encontrava no mesmo estado da noite em que Emilio fora arrancado de sua cama. A mãe não pretendia arrumar nada. Os lençóis estavam amarfanhados, retorcidos como uma porção de creme chantilly na superfície de uma xícara de café, e as roupas que ele usara no dia anterior à prisão encontravam-se penduradas de qualquer jeito numa cadeira velha. Seu violão repousava no outro

lado da cama, as curvas sensuais do lindo corpo do instrumento iguais às de uma mulher. O señor Ramírez pensou na ironia de aquilo ser o que de mais voluptuoso e feminino Emilio tivera algum dia em sua cama.

Na segunda manhã após a prisão de Emilio, Mercedes encontrou a mãe chorando no quarto do irmão. Pela primeira vez em semanas, pensou em outra coisa a não ser Javier e, possivelmente pela primeira vez em sua vida, começou a emergir de sua introspecção infantil.

Mais de oito semanas tinham se passado desde que Mercedes vira Javier pela última vez, e ela não sorrira desde então. Tudo o que sabia é que Javier estava em casa, em Málaga, quando os soldados rebeldes tomaram Granada, e não havia razão para ele voltar e pôr a vida em risco. Nem por causa dela. Sendo assim, Mercedes dividia-se entre a preocupação de que algo terrível lhe tivesse acontecido e uma irritação crescente por ele não ter entrado em contato com ela. Não sabia o que pensar. Se estivesse seguro e feliz em algum lugar, por que não a procurara? Por que não viera? Para Mercedes, era um estado confuso de incerteza, e isso a deixava triste e descontente,

entre outras coisas, mas ver as lágrimas da mãe a fez perceber que

as pessoas ao seu redor podiam estar sofrendo tanto quanto ela.

— Mãe! — disse, abraçando Concha.

Desacostumada com tais manifestações de ternura da filha, Concha chorou mais ainda.

— Ele vai voltar — murmurou a moça no ouvido da mãe. — Ele vai voltar.

Ao sentir a mãe trêmula em seus braços, Mercedes de repente teve medo. Talvez o irmão carinhoso e doce com quem ela partilhara tantas coisas não fosse mais voltar.

Alguns dias se passaram naquele clima de falta de informações. Pablo entregou-se à tarefa de dirigir o café. Havia movimento como sempre, e agora ele não tinha Emilio para auxiliá-lo. Mesmo sob a pesada carga de ansiedade, um dia inteiro se passava e ele conseguia manter a cabeça ocupada com outras coisas. De tempos em tempos, a aguda sensação da ausência de Emilio vinha-lhe quase como um golpe físico e, quando isso acontecia, sentia um nó em sua garganta e as lágrimas, que a mulher podia derramar tão livremente, tinham de ser contidas.

Na quarta manhã depois da prisão de Emilio, Concha decidiu que aquele impasse em suas vidas não podia continuar. Precisava saber a verdade. Quem devia ter o registro daqueles casos era a

Guarda Civil.

Ela sempre vira com grande desconfiança aqueles indivíduos sinistros, com seus feios chapéus de couro, e, desde o início do conflito, sua aversão por eles se intensificara. Naquela cidade, estavam sempre no limiar da falsidade e da traição.

Foi sozinha para os escritórios da Guarda Civil. Tremendo, deu o nome de Emilio, e o guarda em serviço abriu o livro de registro em cima de sua escrivaninha para procurar as entradas dos últimos dias. Correu o dedo pela lista de nomes e virou diversas páginas. O coração de Concha ficou mais leve. O nome do filho não estava ali. Talvez porque já o tivessem soltado. Preparou-se para sair.

— *Señora!* — chamou ele, num tom que talvez soasse amigável.

— Qual é mesmo seu sobrenome?

— Ramírez.

— Pensei que tivesse dito Rodríguez…

201

Para Concha Ramírez, o mundo parou naquele momento. Sentira uma esperança tão grande, e agora sabia, pelo tom da voz dele, que fora uma esperança vã. Havia sido quase um gesto de crueldade deliberada alimentar aquela esperança que ele estava prestes a esmagar, como um inseto sob sua bota.

— Há um registro de um Ramírez. De ontem de manhã. Já foi julgado. A sentença é de trinta anos.

— Onde ele está? — perguntou ela, num sussurro. — Em que prisão?

— Não posso dar a informação ainda. Volte na semana que vem.

Transtornada, ela só conseguiu chegar até a porta e caiu de joelhos. A notícia tirou-lhe o fôlego, foi como se levasse um soco. Arquejou, sem ar, e levou uns instantes para se conscientizar de que os uivos de animal que escutava eram seus próprios gritos. O som de sua angústia reverberava no teto alto do vestíbulo ecoante da sede da Guarda Civil. Por trás do balcão, um homem de óculos a observava com total indiferença. Já vira naquela manhã muitas outras mães chorando, e os problemas delas não lhe despertavam muita solidariedade, só provocavam irritação. Não gostava de “cenas” e esperava que aquela mulher, como as outras antes dela, desse logo o fora dali.

Na rua, Concha tinha somente um objetivo: voltar para casa e partilhar aquela notícia com a família. Trôpega, os prédios conhecidos forneceram-lhe o apoio muito necessário enquanto seguia com passos desajeitados para seu destino. Os passantes tomavam-na por uma bêbada e desviavam-se quando ela cambaleava de uma

porta de loja para a seguinte. Mal reconhecia as ruas de sua própria cidade mas, por instinto, através da bruma de suas próprias lágrimas, chegou à fachada familiar do El Barril.

Não houve necessidade de dizer a Pablo o que havia de errado. Pela expressão do rosto dela ao abrir a porta do café, ele viu que as notícias eram ruins.

Durante nove noites, eles perderam o sono, e todos os dias Concha procurava obter uma informação segura do lugar para onde Emilio havia sido levado. Tornou-se figura conhecida nas repartições do governo. Afinal, a confirmação de que seu filho se encontrava numa prisão perto de Cádiz trouxe uma estranha sensação de alívio. A prisão ficava a mais de duzentos quilômetros de distância, mas ao menos tinham certeza de alguma coisa.

202

O primeiro pensamento de Concha foi fazer a viagem para ver o filho. Se pudesse levar-lhe um pouco de comida, pelo menos ele não morreria de fome.

— Mas é ridículo viajar essa distância toda — disse Ignacio. — Principalmente sozinha.

— Não tenho escolha — replicou Concha.

— É claro que tem! — insistiu Ignacio.

— Um dia você vai entender — respondeu ela pacientemente —, quando tiver seus filhos.

— Bem, que Deus a ajude, é só o que posso dizer.

A viagem levou dois dias. Apesar dos papéis que possuía e que deveriam proporcionar-lhe salvo-conduto, as paradas frequentes de fiscalização por soldados e pela Guarda Civil eram geralmente realizadas de modo agressivo, e em várias ocasiões ela achou que teria de voltar para Granada.

Quando finalmente chegou, a solicitação de visitar o filho lhe foi negada.

— Ele está na solitária — vociferou o oficial do dia. — No momento, perdeu o direito a todos os privilégios.

O que poderiam ser estes “privilégios” naquele lugar horrível, ela não conseguia imaginar.

— Quanto tempo isso vai durar? — perguntou Concha, entorpecida de decepção.

— Pode levar dois dias, pode levar duas semanas. Depende.

A mãe não teve coragem de perguntar de que dependia. De qualquer maneira, não confiaria na resposta.

A cesta de comida foi deixada lá. Concha não tinha a menor ideia se chegaria a ele. Dentro de uma das nozes que colocara no

embrulho, escondera um bilhete. Era só uma carta de mãe, com notícias superficiais da família e mensagens de amor sinceras, mas, quando foi encontrada, o tempo de isolamento dele na solitária foi acrescido em uma semana.

Histórias sobre as condições no interior dos presídios chegavam a Pablo e Concha vindas de muitas fontes. De vez em quando, alguém conseguia fugir, mas os relatos mais comuns eram sobre pelotões de fuzilamento diários e a arbitrariedade das listas de vítimas.

Enquanto Concha se preocupava com o drama pessoal da prisão do filho, mães estavam perdendo seus filhos pelo país inteiro. Filhos também estavam perdendo as mães.

Na chegada do outono, os bombardeiros nacionalistas aterrorizavam o povo indefeso de Madri e ninguém mais se sentia seguro. Até mães que faziam fila para o leite dos filhos foram despachadas para a eternidade por uma bomba. A capital era o verdadeiro objetivo de Franco, e as tropas nacionalistas haviam alcançado os arredores da cidade. Foram lançados folhetos avisando à população que, se Madri não se rendesse, seria varrida da face da Terra. Os ataques aéreos incessantes começavam a esgotar os

habitantes, que eram alvos fáceis.

Todos, tanto os que apoiavam a República quanto os que eram a favor de Franco, acompanhavam o que estava ocorrendo em Madri. O que acontecesse na capital iria determinar o resultado do conflito no país inteiro.

No início de novembro, os primeiros aviões russos chegaram e iniciaram os contra-ataques. Embora a República agora se saísse melhor no ar, os nacionalistas começaram a ter algum sucesso no solo. Naquele mesmo mês, tomaram um dos subúrbios da cidade, Getafe, o que lhes deu esperança de estar a caminho da vitória completa.

Antonio examinava os jornais com mais atenção do que nunca, e muitas vezes lia trechos para a mãe enquanto ela enxugava os copos de manhã.

— “Apesar dos bombardeios pelas tropas republicanas, o Exército nacionalista tomou a região de Carabanchel e ocupou pontes importantes, que podem dar acesso ao centro da cidade” — leu Antonio. — “Combates corpo a corpo têm ocorrido nas ruas e as perdas contam-se aos milhares para ambos os lados. As tropas de Franco romperam as linhas republicanas até a Cidade Universitária.”

Antonio não sabia que a mãe já tomara conhecimento desses

fatos, pois escutava todo dia de manhã uma estação de rádio clandestina que transmitia de Málaga.

— Isso pode ser o fim de tudo — concluiu Antonio. — Parece que Franco está prestes a alcançar seu objetivo.

Ignacio, que entrara no café e escutou o comentário de Antonio, aproveitou a oportunidade para reconfortar a mãe.

— Pois é, mãe — disse ele —, assim que Franco declarar vitória, você vai poder ter seu Emilio de volta.

— Seria um alívio — disse ela, sorrindo à ideia. — Mas isso não depende das acusações feitas contra ele?

— Imagino que sim. Mas tenho certeza de que não devem ser graves.

Às vezes, Ignacio achava conveniente assumir uma posição conciliadora junto à mãe. Acalmava os acessos de culpa esporádicos que o acometiam quando pensava que a sua conversa indiscreta sobre a homossexualidade do irmão pudesse ter causado sua prisão. Se tivesse adivinhado a severidade da sentença contra ele e a dor que provocaria, talvez fosse mais cauteloso, por mais que Emilio o enojasse.

A vitória de Franco em Madri não foi tão iminente quanto Ignacio

pensava. Os exaustos cidadãos de Madri viram soldados uniformizados passarem por eles e presumiram que aqueles homens fossem batalhões de tropas nacionalistas. Com certo espanto e muita alegria, logo perceberam o engano. As notas das canções revolucionárias e a inconfundível melodia de “A Internacional” revelaram-lhes que aqueles eram *Brigadistas*, membros das Brigadas Internacionais, que tinham vindo em seu socorro, como num passe de mágica. Entre eles, havia alemães, poloneses, italianos e ingleses, e dizia-se que estavam indo destemidamente para a frente de batalha.

Membros do movimento anarquista, que acreditavam firmemente em liberdade, embora nem sempre fossem os combatentes mais disciplinados, também estavam chegando para ajudar a defender Madri contra Franco, e houve mais luta na Cidade Universitária, inclusive um ataque ao hospital, ocupado pelos nacionalistas. A área logo voltou às mãos dos republicanos e a linha de frente recuou mais uma vez.

No final de novembro de 1936, Ignacio estava folheando o jornal direitista daquele dia, informando-se a respeito dos últimos acontecimentos em Madri. Ao contrário do resto da família, que não suportava ler os relatos tendenciosos da imprensa de direita, Ignacio

ostensivamente o fazia, e, quando comentou em voz baixa que era uma pena Franco ter desistido àquela altura de lutar por Madri, foi demais para seu pai, em geral fleumático, conseguir suportar.

205

— Ignacio — exclamou Pablo, perdendo a paciência —, você realmente acha que está certo soldados matarem gente inocente?

— *Que* gente inocente? — Ignacio não escondeu seu desdém. — O que quer dizer com “inocente”?

— As pessoas comuns de Madri, claro! Mulheres e crianças que estão voando em pedaços pelos ares. O que elas fizeram de mal?

— E o que me diz de todos aqueles prisioneiros, então? Eles também não mereciam morrer, não é? Não me venha falar em *inocência*! Não existe *tal coisa*! — disse Ignacio, dando um soco na mesa.

Ignacio se referia à execução de milhares de nacionalistas presos no princípio daquele mês. Madri fora uma cidade de tendências mistas, tanto republicanas quanto nacionalistas e, quando ocorreu o golpe militar, muitos nacionalistas que não puderam escapar da cidade tiveram de se esconder. Ainda assim, grande número deles for encontrado e levado para a prisão. No início de novembro, quando se achou que o exército nacionalista poderia estar prestes a tomar

Madri, surgiu a preocupação de que os oficiais do exército que se encontravam na prisão pudessem se unir às forças invasoras. Para evitar que isso acontecesse, muitos milhares de prisioneiros foram retirados e fuzilados a sangue-frio fora da cidade por guardas republicanos, ávidos por se juntar à defesa de sua capital.

Pablo teve de se calar. Até os mais ferrenhos defensores da República envergonhavam-se do que acontecera. Ele se afastou. Em certas ocasiões, isso era mais fácil do que continuar uma discussão com o filho, e, embora discordasse totalmente dele, as palavras finais de Ignacio soaram quase verdadeiras demais. Naquele conflito, às vezes ficava difícil dizer quem estava completamente isento de culpa.

* * *

O terror continuou em Granada. Numa tarde de dezembro, quando as ruas já estavam às escuras desde cedo e as pedras do calçamento brilhavam como metal sob a luz dos lampiões, dois soldados nacionalistas entraram no bar. Dessa vez, não precisaram esmurrar o vidro da porta. O bar estava aberto e ainda cheio de clientes tomando seu café depois do almoço.

— Gostaríamos de dar uma olhada por aqui — um dos soldados anunciou a Pablo, num tom amistoso demais para se acreditar.

O dono do café não esboçou nenhuma tentativa de impedir a busca, sabendo que isto os incitaria a uma agressividade desnecessária.

Atrás do bar havia uma pequena cozinha e, ao lado, um pequenino escritório, pouco maior do que um armário, onde Pablo fazia suas encomendas e mantinha seu balanço caótico de entrada e saída de produtos. Além de sua escrivaninha, havia uma velha cômoda de madeira cujas gavetas já cuspiam papéis antes dos vândalos fascistas se ocuparem em revistá-la. Reviraram todas as gavetas até esvaziar o conteúdo da cômoda, sem parar para ler um pedaço de papel sequer. Pareciam crianças, sorrindo um para o outro conforme a bagunça ia aumentando, deliciando-se com o efeito de nevasca ao lançarem papéis para o alto. Como se fosse uma brincadeira. Não tinham o menor interesse nas contas de pão e presunto.

Pablo continuava a servir no bar.

— Não se preocupe — disse ele com valentia para a mulher. — Vamos arrumar tudo depois. Não temos nada a esconder, e acho que daqui a pouco irão embora.

Concha cortou com cuidado uma grossa fatia de *manchego*, arrumando-a num prato com mais esmero do que o habitual,

conseguindo parecer ao mesmo tempo ocupada e descontraída. Por dentro, seu estômago se contorcia de medo. Sem falar, ela e Pablo resolveram que uma atitude de completa inocência seria a melhor forma de lidar com a situação.

Os clientes continuavam a beber e conversar em voz baixa, mas a tensão no ambiente era palpável. As pessoas em Granada já haviam se acostumado àquelas intrusões, e, apesar de ser difícil conversar com naturalidade em uma atmosfera assim, estavam determinadas a conservar as pequenas rotinas de suas vidas, como o ritual de ir a um bar ou café pelo menos uma vez por dia.

Os dois intrusos não tinham entrado ali para fazer revista nenhuma. Quando o escritório estava coberto de papéis brancos, a atenção deles se voltou para a verdadeira razão de sua vinda. Era o rádio que os interessava. O resto fora mero fingimento. Com uma expressão triunfante no rosto, o mais alto dos dois soldados estendeu a mão para o botão, ligou o rádio e deu um passo atrás.

Não foi preciso sintonizar. Uma estação já estava selecionada e uma voz encheu a sala. Era o tom da voz inconfundível do locutor da rádio comunista, que transmitia com regularidade as últimas notícias

sobre os acontecimentos mais recentes no país inteiro. O soldado

aumentou o volume para que o som chegasse até o salão. Havia um sorriso inequivocamente malicioso no rosto do soldado mais jovem quando ele apareceu no café. O rádio soava aos brados no salão. Pablo e Concha imediatamente interromperam suas atividades e, por trás da barreira do balcão, deram-se as mãos. Todos os olhos concentraram-se nos fascistas que, de braços cruzados, mantinham-se perfeitamente calmos.

Concha sempre escutava o rádio nas primeiras horas da manhã, quando Pablo acabara de limpar os últimos cinzeiros e recolhera os últimos copos e o resto da família já se retirara para seus quartos.

O soldado mais graduado limpou a garganta. Precisaria projetar a voz para se fazer ouvir acima do som do rádio. Concha soltou um pouco o aperto na mão do marido e adiantou-se ligeiramente. Não daria àquela dupla a satisfação de um interrogatório. Iria entregar-se naquele momento e poupar tempo a todos. Não seria tão fácil, porém.

Sentiu a mão do marido presa em seu braço e então, em seguida, ele a puxou para o lado quase com grosseria e postou-se na sua frente, quase a escondendo dos soldados.

Houve uma fração de segundo em que ela poderia ter protestado, mas o momento logo passou. Pablo estendeu os dois pulsos, foi algemado e instantes depois estava sendo levado para a rua e para

longe. O olhar dele fez a mulher se calar. Ela sabia o que ele queria dizer. Se falasse alguma coisa, não levariam apenas ele mas ela também. Daquela maneira, só capturavam um dos dois.

A sensação de culpa torturou-a, mas o atordoamento fez com que desse conta de suas tarefas diárias imersa num estado de devaneio.

Mercedes entrou no café cerca de uma hora depois de os soldados saírem com seu pai. Passara a manhã com Paquita e a mãe dela ajudando-as a organizar as coisas em seu novo apartamento. A estrutura da casa da amiga no Albaicín tornara-se instável depois dos bombardeios do verão, e, por medida de segurança, foram obrigadas a procurar outro lugar para morar. Pela primeira vez depois de algum tempo, Mercedes estava com vontade de dançar, e esperava encontrar Antonio em casa. Ele só conseguia tocar de ouvido uma ou outra canção, mas a necessidade de dançar era tanta que ela não se importava que ele não fosse um substituto à altura de Javier ou Emilio.

Concha estava no escritório arrumando o resto dos papéis espalhados quando a filha apareceu. Mercedes percebeu

imediatamente que algo estava errado. Não via a mãe tão pálida desde a noite em que Emilio fora levado embora. Logo depois,

Antonio voltou para casa vindo da escola e Concha informou com calma a ambos o que ocorrera. Ficaram transtornados mas não havia nada a fazer.

Ignacio chegou tarde naquela noite, sem conhecimento de que houvera um problema. A mãe estava fechando o bar para a noite, e a reação dele à prisão do pai foi de raiva. Não dirigida aos que o tinham prendido mas à sua própria família, Concha em especial.

— Mas por que ele tinha de escutar aquela rádio? — reclamou ele. — Por que o deixou escutar?

— Não o deixei escutar — explicou ela, falando baixo. — Não era ele quem escutava.

— Era Antonio! —Ignacio exclamou com a voz tão estridente, que chegou a falhar de tanta raiva. — O irmão *rojo*! O canalha imbecil — que vai acabar nos matando todos, você bem sabe. Ele nem se importa... você sabe disso, não sabe? Ele nem se importa!

O rosto dele quase encostava no da mãe. Concha sentia o ódio dele.

— Não era Antonio — disse ela mansamente. — Era eu.

— Você…? — O volume da voz dele abaixou.

Concha explicou que fora ela quem realmente cometera o crime. Ignacio estava furioso com ambos os pais. O pai deveria tê-la

impedido de escutar estações de rádio subversivas, e ela não deveria ter se exposto a suspeitas fazendo campanha pela liberação de Emilio.

— Você deveria ter procurado passar despercebida — enfureceu-se ele. — Este lugar já é conhecido como o "*café de los rojos*" , mesmo que o pai não tenha constatado!

Mas não havia o que fazer. Alguns dias depois, souberam que Pablo Ramírez encontrava-se numa prisão perto de Sevilha.

Assim que foi preso, Pablo ficou trancado com centenas de outros, no cinema de uma cidade vizinha. Àquela altura, muitas prisões eram improvisadas. Os nacionalistas estavam prendendo tantos milhares de pessoas que as prisões comuns transbordavam de gente. Praças de touros, teatros, escolas e igrejas tornaram-se os locais escolhidos para prender os inocentes, e os republicanos não podiam deixar de ver a ironia de lugares destinados ao prazer, ao

divertimento, à educação e até a devoção terem sido transformados em cenários de tortura e morte.

No cinema onde Pablo foi parar, amedrontado, desorientado e no escuro durante vinte e quatro horas por dia, as pessoas dormiam no saguão, nos corredores e afundadas nas desconfortáveis cadeiras de

madeira. Isso durou uns dias, até que um grupo foi transferido para uma prisão no norte, a duzentos quilômetros dali. Ninguém se deu o trabalho de lhes dizer o nome do lugar.

A prisão fora construída para trezentos prisioneiros, mas na ocasião alojava dois mil. À noite, todos deitavam-se formando fileiras compactas, sem um dedo de espaço para onde se virar e sem nada para acolchoar o piso de pedra. Era um inferno frio. Se um homem tossia, a cela inteira acordava, e a proximidade entre eles significava que um único caso de tuberculose poderia espalhar a doença como fogo na floresta.

Pablo foi transferido para diversas prisões durante esse período, mas a rotina era a mesma em todas elas. O dia começava antes do romper da manhã com o tilintar ameaçador das chaves e o som tonitruante das trancas de metal deslizando para abrir as celas e soltar os prisioneiros. Havia um desjejum de mingau ralo de aveia, comparecimento forçado às cerimônias religiosas, canto de músicas fascistas patrióticas e longas horas de puro tédio e desconforto nas celas geladas e infestadas de piolhos. O jantar era igual ao desjejum, com o acréscimo de um punhado de lentilhas jogadas no líquido, e era nessa fase do dia que o medo começava a agitar-lhes os estômagos.

Depois da refeição da noite, uns poucos começavam a murmurar orações para um Deus em que mal acreditavam. O suor brotava em todas as têmporas e os corações palpitavam. Era a hora da lista de execuções ser lida com voz monótona e inexpressiva pelo diretor da prisão. Todos eram obrigados a ouvir, temendo cada primeira sílaba, que poderia ser o início de seu próprio nome. Os condenados seriam levados dali naquela noite e fuzilados no amanhecer seguinte. A lista parecia arbitrária, e fazer parte dela talvez fosse uma questão de acaso, como se os carcereiros tivessem sentado em volta de um braseiro sorteando nomes para passar o tempo.

Para a maioria deles havia a mistura de náusea e alívio ao constatarem que viveriam mais um dia. Invariavelmente, um ou dois que tinham escutado seus nomes serem citados perdiam o controle, e seu sofrimento escancarado e impotente arrancava os outros de

sua satisfação pessoal. Poderia facilmente ser a vez deles no dia seguinte.

De tempos em tempos, Concha visitava Pablo. Saía de casa de manhã cedo e voltava à meia-noite, atormentada e aflita com as condições em que ele estava vivendo e com receio de Emilio estar enfrentando os mesmos horrores. Ainda não vira o filho.

Além dessas visitas, todas as horas de Concha eram agora dedicadas a dirigir o café. Reconhecendo que a mãe estava se acabando de tanta tensão, Mercedes ofereceu-se para ajudar e aprendeu que se manter ocupada era uma forma de afastar da mente a ausência de tantas pessoas que amava.

* * *

Haviam sido informados que Emilio fora transferido para uma prisão perto de Huelva, o que significava uma viagem ainda mais difícil do que para Cádiz, mas no mês seguinte Concha finalmente conseguiu ir visitá-lo. Preparou uma cesta com alimentos e provisões, e estava dividida entre a animação de vê-lo e a apreensão sobre o estado em que o encontraria.

Quando chegou à prisão, o oficial olhou-a com desdém.

— Seus víveres para Ramírez não serão necessários — disse ele friamente.

Entregaram-lhe o atestado de óbito. Declarava que Emilio morrera de tuberculose. Ela se agarrara durante tanto tempo a um último farrapo de esperança, e agora o substituíam pela inflexível certeza da morte.

Concha não teve qualquer recordação de sua viagem de volta para casa. O entorpecimento e o atordoamento fizeram-na agir

mecanicamente nas muitas horas que levou para chegar a Granada. Ignacio tornara-se uma presença cada vez mais rara. A fragmentação de sua família deveria tê-lo preocupado, mas seu principal interesse era a autopreservação, de modo que, como de costume, só Antonio e Mercedes estavam em casa quando a mãe apareceu. A palidez de sua pele e os lábios sem cor disseram tudo. Puseram-na na cama e sentaram-se em silêncio ao seu lado durante toda a noite. No dia seguinte, sem dizer palavra, ela mostrou-lhes o atestado de óbito. Confirmava apenas o que já sabiam.

* * *

211

Quando a mãe estava fora visitando o pai, Mercedes tomava conta do café sozinha, mas nos outros dias, quando dispunha de um pouco de tempo, subia ao Sacromonte. Dançar era a única parte de sua vida que ainda tinha algum sentido. Arriscava-se para isso, considerando-se que havia novas regras restritivas de conduta em Granada. As mulheres eram obrigadas a se vestir com recato, a cobrir os braços e usar golas altas. O mais significativo, porém, era a proibição à música “subversiva”, assim como à dança. A rédea curta do regime fazia Mercedes ter mais vontade ainda de dançar, uma expressão de liberdade que ela não aceitava que lhe fosse tirada.

María Rodríguez tinha uma paciência ilimitada e uma gama inesgotável de sequências de passos para mostrar a Mercedes, sendo a primeira a reconhecer que aquela moça acrescentara maior profundidade à sua dança. A ausência de Javier, a morte de Emilio e a atmosfera de tristeza que impregnava sua casa significavam que pouco precisava exigir de sua imaginação quando tinha de expressar dor ou perda. Eram sentimentos tão reais quanto o chão sob seus pés.

Em Antonio, preocupado e distante, não havia mais nenhum vestígio do sorridente irmão mais velho de que Mercedes se lembrava. Tornara-se o cabeça ativo da casa e estava sempre preocupado com o bem-estar de Mercedes, principalmente quando ela voltava tarde do Sacromonte. Naquela cidade, agora, dançar não era recomendável.

Na penumbra noturna do apartamento de venezianas cerradas, o clique discreto de uma porta se fechando penetrou o silêncio. Ao crime de chegar tarde, Mercedes acrescentava o pecado de tentar ocultar a volta sorrateira para casa.

— Mercedes! Deus do céu, onde é que você estava? — ouviu-se alguém dizer num sussurro áspero.

Antonio saiu da escuridão e surgiu no vestíbulo, Mercedes viu-se, de cabeça baixa e escondendo as mãos para trás, frente a frente

com ele.

— Por que você está chegando tão tarde? Por que está fazendo isso conosco?

Ele hesitava, oscilando entre o desespero total e seu amor inabalável pela moça.

— E o que está escondendo aí? Como se eu não soubesse…

212

Ela estendeu as mãos. Equilibrado nas palmas abertas, estava um par de sapatos pretos esfolados, o couro fino como pele humana, as solas gastas, quase transparentes.

Ele segurou os pulsos dela com delicadeza e os manteve presos nas suas mãos.

— Por favor, esta é a última vez que vou pedir a você… — suplicou ele.

— Sinto muito, Antonio — disse ela em voz baixa, agora olhando-o nos olhos. — Não posso parar. Não consigo.

— É perigoso, *querida mia*, é perigoso.

213



CAPÍTULO 19

Antonio e Ignacio estavam agora em lados rigorosamente opostos. Francisco Pérez, amigo próximo, pusera na cabeça de Antonio que Ignacio poderia ter alguma coisa a ver com a traição a seu pai, Luis, e seu irmão Julio. A acusação parecera uma ofensa na ocasião, mas Antonio jamais conseguira esquecê-la inteiramente. Os contatos estreitos de Ignacio com as forças de direita que detinham o poder na cidade não deixavam ninguém duvidar que ele estivesse do lado de Franco. Era a celebridade preferida de alguns dos mais cruéis perpetradores de injustiças e violência em Granada.

Antonio sabia que precisava usar da mais extrema cautela. Apesar de seus laços de sangue, tinha consciência de que suas opiniões e a amizade com ativistas socialistas tornavam-no vulnerável a seu irmão.

Embora Granada estivesse nas mãos dos nacionalistas, ainda

subsistia uma forte corrente oculta de apoio ao governo republicano legítimo, e havia muita gente disposta a resistir à tirania sob a qual estavam sendo forçados a viver. Isso significava que as atrocidades da guerra não eram perpetradas apenas pelos que apoiavam Franco. Eram comuns os assassinatos de pessoas suspeitas de colaborarem com as tropas de Franco, e com frequência encontravam-se sinais de tortura em seus cadáveres.

Alguns desses incidentes começaram como simples brigas de rua, com xingamentos, empurrões e trancos. Em segundos, podiam se transformar em lutas de verdade entre rapazes que, em muitos casos, tinham crescido juntos jogando bola nas ruas. O mesmo labirinto de ruas apertadas, com seus nomes doces, Silencio, Escuelas, Duquesa, antes lugares onde se realizavam intermináveis brincadeiras infantis de pique-esconde, transformaram-se em cenários de perseguições aterradoras. Os vãos das portas de entrada,

esconderijos temporários naqueles tempos felizes, agora podiam servir de refúgio e talvez fazer a diferença entre a vida e a morte.

Numa certa noite de fins de janeiro de 1937, Ignacio e três de seus amigos haviam passado quase a noite toda bebendo num bar nas proximidades da nova praça de touros, na área frequentada

pelos partidários do novo regime e onde circulava o pessoal das touradas, de modo que, se algum simpatizante dos republicanos surgisse por ali, haveria problemas na certa. Num canto, havia um pequeno grupo bebendo, desconhecido da maioria dos fregueses habituais, e pairava no ar um cheiro de confusão. Embora ninguém se virasse para olhar, todos estavam conscientes da presença do quarteto de rapazes meio malvestidos, e o barman os servia com uma formalidade cuidadosa, evitando puxar conversa.

Por volta da meia-noite, os desconhecidos levantaram-se para ir embora. Ao saírem, um deles deu um forte empurrão no ombro de Ignacio, que estava sentado. Em qualquer outra circunstância, aquilo poderia ser considerado como um gesto amigável, mas não naqueles tempos nem naquele bar. Era Enrique García. Ele e Ignacio tinham sido colegas no colégio, e já naquela época não se reconheciam como grandes amigos.

— Como vai, Ignacio? — perguntou Enrique. — Como vai o matador número um de Granada?

O último comentário foi mordaz, e Ignacio captou rapidamente a indireta. García insinuara que ele estava envolvido nas execuções que se realizavam na cidade, o que o deixou furioso. Para Ignacio, havia uma diferença entre ser um informante ocasional e um

assassino de fato. Reservava sua sede de sangue para a arena de touros.

Sabia que não devia reagir. Se García estivesse ali para puxar briga, uma resposta daria ao outro exatamente a desculpa de que precisava.

García estava em posição superior a Ignacio. Como um picador montado no cavalo, tinha uma clara vantagem sobre o outro. Poucas vezes Ignacio sentiu-se tão vulnerável, e detestou a proximidade daquele homem, a maneira ameaçadora como se debruçou sobre ele, parecendo prestes a fincar um pique nas suas costelas. Se quisesse controlar seu temperamento explosivo, o melhor seria dar o fora dali. E depressa.

— Muito bem — disse ele em voz baixa, correndo os olhos por seu círculo de amigos. — Acho que está na hora, tenho de ir.

Um murmúrio percorreu o grupo. Era relativamente cedo para saírem, mas viam que ele precisava ir embora. Sem falar, todos reconheceram que, se o acompanhassem lá fora, isto poderia ser tomado como um sinal de agressão. Seria preferível, sem dúvida, que ele escapulisse discretamente. Desse modo, haveria uma chance de a situação se dissipar.

Em segundos, Ignacio estava na rua. Apesar da hora, não havia ninguém por perto. Com as mãos nos bolsos, ele foi andando pela rua San Geronimo na direção da catedral. Era uma noite úmida e as pedras do calçamento brilhavam à luz fraca dos lampiões a gás. Não se apressaria. Pensando ter ouvido o som de outros passos, virou a cabeça mas não avistou ninguém e continuou andando, teimosamente decidido a não acelerar o passo. Quase no alto, dobrou à direita em direção a uma das vias mais movimentadas da cidade. Foi naquela esquina que sentiu uma dor aguda no lado do pescoço. Quem dera o golpe estivera esperando por ele num vão de entrada, sabendo que a vítima tomaria aquele caminho a fim de ir para casa. O impacto o fez cambalear e derrubou-o na sarjeta. Curvado de dor, sua visão se turvou e o estômago contraiu-se de náusea. Um segundo golpe atingiu-o entre as escápulas. Seu maior medo era o de acertarem seu belo rosto, tremendo muito levantou a cabeça e viu mais três homens aproximarem-se. Haviam surgido da rua Santa Paula, paralela à San Geronimo, e Ignacio percebeu que caíra numa armadilha bem preparada.

Havia apenas uma linha de ação a seguir agora, que era tentar escapar. Estimulado pelo fluxo de adrenalina, começou a correr. Sua boa forma para as touradas nunca fora mais bem empregada. Às

cegas, virou à esquerda e à direita, perdendo-se naquelas ruas que conhecia tão bem desde a infância. A visão ainda estava enevoada mas ele manteve os olhos no chão, atento aos pés para não tropeçar. Ainda que a noite estivesse fria, uma sensação de umidade espalhou-se por seu corpo.

Para recuperar o fôlego, agachou-se num vão de porta. Constatou que não era suor o que encharcava sua camisa, mas sangue, copioso e rubro. Possuía uma arma, uma faca de cabo de osso que sempre trazia consigo, e, apesar de não ter tido ainda oportunidade de usá-la, enfiou a mão no interior do casaco para verificar se ainda estava

lá. Seu único pensamento era chegar em casa, mas, ao tentar ficar de pé, suas pernas fraquejaram.

Sabia agora que era o animal acossado, com pouca chance de se livrar incólume de seus adversários, sem dúvida armados com facas mais afiadas do que a sua. Quem sabe conseguiria ficar escondido até eles desistirem da perseguição. Em ocasiões de rara clemência, o presidente de uma tourada concede a suspensão da execução quando acha que o touro demonstrou um grau de bravura excepcional. Ignacio rezava para que aqueles *rojos* pensassem que os despistara e o deixassem em paz. Talvez fosse aquele mesmo

otimismo o que levava o touro até o seu momento final com o matador: achar que haverá uma oportunidade de salvação no último minuto.

Ao entrar naquele bar no início da noite, estivera tão inconsciente do que o esperava quanto um touro entrando na arena. Aqueles esquerdistas tinham planejado tudo, percebia agora, e achavam que sabiam qual seria o desenlace, como o público que comprava ingressos para a *corrida*. Percorrera as etapas de uma tourada durante a noite inteira e agora, agachado diante da porta escura, seu corpo estava tenso para suportar o golpe final que certamente viria. Os momentos da verdade para os animais que ele pusera de joelhos passaram diante de seus olhos e ele teve certeza da inevitabilidade de seu fim. Nunca houvera uma sombra de dúvida sequer sobre o resultado daquele ritual. Havia sido encurralado como um touro na arena a partir do momento em que García o empurrou até o ferirem.

É provável que esses tenham sido os últimos pensamentos coerentes de Ignacio antes de mergulhar na inconsciência, o corpo tão pesadamente desabado que um transeunte poderia confundi-lo com um mendigo adormecido. Vagamente, entreviu duas figuras aproximando-se. Em sua visão nebulosa de um mundo que

rapidamente se desvanecia, as cabeças delas pareciam rodeadas por halos sob a luz do lampião de rua. Quem sabe fossem anjos vindos para socorrê-lo.

Numa rua chamada Paz, García agarrou-o pelo casaco e, veloz, desferiu-lhe mais uma facada. Esse golpe final foi um gesto desnecessário. Não se pode assassinar um homem morto.

Arrastaram-no pelos tornozelos para o meio da rua a fim de que seu corpo fosse descoberto às primeiras horas do dia; um assassinato como aquele era importante também como propaganda,

além de ser um ato de vingança específico. De um nicho no muro de uma igreja próxima, um santo contemplava o corpo de Ignacio. Um largo rastro vermelho marcava o seu percurso desde o lugar onde ele se escondera, e um filete de sangue encontrou caminho entre as pedras da rua e correu por elas, serpenteando. Pela manhã, a chuva já teria lavado tudo.

No interior da igreja, uma imagem de Cristo parecia pingar sangue da ferida aberta com esmero no seu flanco; do lado de fora, a vida de um homem de verdade esvaía-se rapidamente através de um corte grosseiro em seu pescoço.

Quando clareou, um recado chegou ao El Barril. Para Concha, o

som das pancadas na porta evocava imediatamente a lembrança terrível da prisão de Emilio. Desde aquela noite, quase seis meses antes, ela mal dormia e, mesmo quando o fazia, o menor ruído a despertava, a batida de uma persiana na rua ao lado, o ruído de um dos filhos restantes se mexendo na cama, um estalido na escada, uma tosse abafada.

Antonio foi enviado para identificar o corpo. Não que pudesse haver qualquer dúvida. Apesar de Ignacio ter sido barbaramente esfaqueado, seu belo rosto estava intacto.

* * *

Vestido em seu melhor *traje de luces*, Ignacio saiu do necrotério e foi levado num coche puxado a cavalo para o cemitério na colina acima da cidade. Antonio encabeçava o cortejo fúnebre. Sua irmã usou a pouca força que tinha para amparar a mãe inconsolável, apoiando o corpo magro contra o dela.

Para Concha Ramírez, cada passo era um esforço, como se fosse ela a levar o fardo do caixão. Quando se aproximou dos portões do cemitério, sentiu de repente toda a força do irrefutável: dois de seus filhos estavam mortos. Até esse momento, podia agarrar-se a algum pequeno vestígio de esperança de que nada daquilo fosse realidade. Não tinha vontade de chegar àquele lugar. Os amigos caminhavam

em silêncio atrás deles, cabeças baixas, fitando os sapatos sujos na rua úmida.

Uma multidão compareceu ao enterro de Ignacio. Além da família, todos os aficionados de touradas num raio de cento e cinquenta quilômetros que cobria Granada e adjacências. A carreira de Ignacio não havia sido longa mas fora brilhante, e em pouco tempo ele conquistara um amplo séquito de fãs. Esse grupo incluía

um bom número de mulheres; muitas eram simples admiradoras anônimas misturadas à massa de pessoas, mas havia um grande número de moças que tinham sido amadas por ele, fosse por alguns dias ou apenas por uma noite. Sua amante, Elvira, também esteve presente, acompanhada pelo marido, Pedro Delgado, que viera prestar homenagem a um dos mais notáveis jovens toureiros da Andaluzia. Procurou ignorar as lágrimas abundantes que desciam incontidas pelo rosto de sua mulher, mas depois notou que ela teria ficado sozinha entre as mulheres se não estivesse chorando.

Uma lápide marcava o local. “*Tu familia no te olvida.* ” Havia somente um corpo, mas a tristeza era mais do que suficiente para dois. A família Ramírez verteu lágrimas amargas. Concha chorou a perda não de um, mas de dois de seus lindos filhos, e lamentou-as

com veemência e igual intensidade. Tanto Ignacio quanto Emilio haviam testado os limites da tolerância de seus pais, mas nada daquilo parecia mais ter importância naquela hora.

A dor de perder Emilio era tão aguda naquele dia frio de janeiro quanto fora no dia em que o levaram de casa, e parecia que o luto de Concha poderia não ter fim sem a presença de um corpo. Aquele enterro serviu como cerimônia dupla para o segundo e o terceiro filhos.

Apesar de Antonio e Mercedes estarem muito abatidos com a perda dos irmãos, foi a extensão do sofrimento de sua mãe o que os atormentou. Durante dias ela não comeu, não falou nem dormiu, e os filhos tinham a sensação de que nada a tiraria daquele estado catatônico. Por um longo tempo, esteve além do alcance deles.

Perder pessoas para ambos os lados do conflito era um duplo infortúnio para a família Ramírez, e estavam aturdidos por terem sofrido aquele golpe. No decorrer das semanas seguintes, sobreviveram imersos num estado de descrença entorpecida, sem se darem conta do fato de que acontecimentos semelhantes estavam ocorrendo em todo o país. Naquele período, não existiu para eles o consolo de saber que sua família não era a única a ser submetida àqueles horrores imprevistos.



CAPÍTULO 20

Os dias frios e secos de janeiro deram lugar à umidade de fevereiro, que envolveu a cidade num cobertor cinzento. O sol dificilmente penetrava as nuvens e a Sierra Nevada desaparecera na névoa. Era como se Granada não tivesse ligação com o mundo exterior.

Afinal, a aguda tristeza da família Ramírez abrandou-se, e a tarefa diária de sobreviver num país em guerra consigo mesmo começou a distraí-los. O café ia adquirindo um aspecto de abandono. As tentativas de Concha de manter o lugar limpo e varrido eram lamentáveis e insuficientes. Mesmo que conseguisse dar conta de tudo sozinha, a ansiedade por causa do marido a exauria, e a sensação persistente da perda de Ignacio e Emilio continuava a minar sua energia.

A escassez de alimentos tornava-se cada vez mais comum, era uma luta cotidiana obter mantimentos para sua família, bem como para abastecer o café. O El Barril constituía a herança de seus filhos, e preservá-lo era agora a única preocupação dela. Concha procurava não se indignar com os imponentes e corpulentos proprietários das casas grandiosas do Paseo del Salón, que sempre pareciam ter fartura de alimentos quando para muitos aquele era um período de filas e de subnutrição.

Ao longo dos últimos meses, Mercedes tornara-se progressivamente menos voltada para si mesma e agora ajudava a mãe sem que esta lhe pedisse. Em seu íntimo, porém, atormentava-a a inutilidade de tudo aquilo. Servir café e pequenos cálices de conhaque forte às pessoas algumas vezes parecia-lhe absolutamente sem sentido, e ela de vez em quando não se continha e expressava essas ideias à mãe.

— Concordo com você, Merche — dizia Concha. —Mas isso lembra às pessoas a vida normal. Talvez seja o que baste por enquanto.

Breves momentos de relacionamento social num café movimentado eram o único elo com os dias de paz de outrora, e com o que logo definiriam como “os velhos tempos”. Para Mercedes, tudo era desolação. Árvores nuas erguiam-se como esqueletos nas ruas e praças. A cidade ia gradualmente sendo esvaziada de todas as pessoas de que ela gostava. Ainda não recebera nenhuma notícia de Javier.

Certa manhã, Concha observava a filha varrer o chão do café, devagar, meticulosa, puxando farelos, cinzas de cigarros e pedaços de guardanapos de papel para o meio do salão. Notou como ela desenhava arcos invisíveis perfeitos no chão e como seus quadris giravam num movimento circular enquanto fazia o trabalho. As mangas de seu casaco de malha estavam enroladas, e os músculos dos braços vigorosos tensionavam-se segurando a vassoura. Concha não duvidava que, em sua imaginação, Mercedes estivesse em outro lugar qualquer. Dançando, com certeza. Escutando Javier tocar. Mercedes vivera num mundo de sonhos desde criança, e agora

eram só as suas fantasias que lhe tornavam a vida suportável. Às vezes ela se perguntava se seria sempre assim até o dia em que morresse. Era certamente a única maneira de sobreviver durante aqueles tempos malditos. Levantou a cabeça, sentindo o olhar da mãe.

— Por que está olhando tanto para mim? — perguntou, mal-humorada. — Não estou limpando direito?

— Claro que está — disse a mãe, percebendo o grau de azedume dela. — Está limpando muito bem. Sou muito grata a você, sabe?

— Mas eu detesto isso. Detesto cada segundo, cada minuto, cada hora de todos os dias — retrucou ela com ar petulante, atirando a vassoura longe com estrépito.

Puxou uma cadeira de madeira de uma das mesas próximas e por um momento a mãe se encolheu, pensando que a filha fosse jogá-la também no chão.

Mas Mercedes deixou-se cair ali, exausta. Descansou os cotovelos na mesa e segurou a cabeça com as duas mãos. Enfrentara bravamente suas perdas nos últimos meses, mas de repente a capacidade de esconder os sentimentos abandonou-a.

A moça tinha motivos mais do que suficientes para chorar. Dois

de seus irmãos queridos estavam mortos, o pai estava preso e Javier, o homem que acendera nela um amor maior do que imaginara ser possível, havia desaparecido. Nem Concha podia esperar que a filha se contentasse com o que lhe restara. Aquela era a hora de lamentar o que se perdera. A gratidão e a hora de levantar as mãos para o céu podiam ficar para depois.

Um de seus clientes habituais apareceu na porta e recuou: viu que não era um bom momento para seu *café con leche* diário.

Concha arrastou uma cadeira para perto da filha e abraçou-a.

— Coitada da minha Merche — sussurrou. — Coitadinha, coitadinha da minha Merche.

Mercedes mal a escutou, de tão alto que chorava.

Apesar de não ser responsável pela situação em que se encontravam, Concha sentia-se profundamente culpada pela maneira como a vida de sua filha estava mudando. Era como se a essência dela tivesse sido arrancada, e compadecia-se da frustração e da tristeza que Mercedes sentia. Apesar de levarem a vida do modo mais normal possível, todos os que viviam em Granada tinham o rosto contraído. O medo da Guarda Civil, dos soldados nacionalistas e até das línguas soltas dos vizinhos os assombrava. A tensão na cidade afetava a todos.

O instinto de Concha seria trancar a filha em casa e protegê-la de tudo o que estivesse fora daquele lugar de paredes cobertas por lambris de madeira escura. Depois que o marido e o filho tinham sido tirados de dentro daquelas quatro paredes, a casa parecia não proporcionar mais a mesma estabilidade que antes consideravam garantida. As duas mulheres sabiam que o calor e a segurança que aparentava oferecer eram meras ilusões. Por essas razões, Concha se viu dizendo palavras contrárias a tudo o que tem a ver com instinto maternal.

— Você precisa encontrá-lo.

Mercedes olhou para ela com surpresa e gratidão.

— Javier — disse Concha, enfática, como se pudesse haver alguma dúvida sobre a pessoa a quem se referia. — Precisa ver se consegue encontrá-lo. Desconfio que ele esteja esperando por você.

Mercedes não perdeu tempo nos preparativos e, em minutos, estava pronta para partir. Sua impaciência para rever Javier superou

qualquer hesitação em pôr-se a caminho sozinha. Subiu para seu quarto, apanhou o casaco e um cachecol. Enfiou a fotografia de seu *tocaor* dentro da bolsa e, no último instante, deparou com seus sapatos de dança mostrando as pontas debaixo da cama. Não posso

ir sem eles, pensou, abaixando-se para pegá-los. Quando encontrasse Javier, era muito provável que fossem necessários.

Quando Mercedes desceu, Concha estava no bar terminando a limpeza.

— Olhe aqui, sei que seu pai não aprovaria que eu a deixasse ir… não tenho certeza se é o certo…

— Por favor, não mude de ideia — Mercedes rogou à mãe. — Logo vou estar de volta. Então… me deseje boa sorte.

Concha engoliu em seco. Não podia demonstrar sua ansiedade a Mercedes. Abraçou-a rapidamente e deu-lhe algum dinheiro, um pedaço de pão e um pouco de queijo embrulhados em papel encerado, sabendo que a filha não comera ainda naquele dia.

Nenhuma das duas conseguia pronunciar a palavra “adeus”.

No exato momento em que os sinos da igreja de Santa Ana, ali perto, soaram doze vezes, Mercedes saiu apressada do café.

Concha continuou sua atividade. Qualquer um teria pensado que era um dia de trabalho como todos os outros.

* * *

Concha preocupara-se tanto com a mecânica de administrar o café que deixara de monitorar as idas e vindas de Antonio. Com todas as suas outras ansiedades, seu primogênito parecia-lhe ser

uma das poucas pessoas com quem ela não precisava se inquietar. A escola estava funcionando outra vez e Concha presumia que ele chegava tarde porque passava as noites na escola preparando aulas. Na realidade, todo o seu tempo livre era passado com Salvador e Francisco, seus grandes amigos desde a infância.

Silêncio nunca significara solidão para El Mudo. Os olhos expressivos e os traços perfeitos atraíam as pessoas para aquele rapaz. As moças que procuravam seus abraços nunca se desapontavam com sua maneira de amar, e seu instinto delicado para as necessidades das mulheres era exacerbado por sua incapacidade para falar e ouvir. E elas o adoravam ainda mais porque nunca saíam de seu quarto com declarações de amor ecoando nos ouvidos, com vãs esperanças despertadas no calor da noite. Seu sucesso deixava pasmos os dois amigos.

O próprio trio costumava ser objeto de curiosidade. Os estranhos ficavam fascinados com o espetáculo da gesticulação deles, às vezes frenética. Pessoas de fora, que em geral presumiam serem os três incapazes de falar e ouvir, achavam os rapazes tão divertidos quanto um grupo de mímica, e intrigava-as o mundo silencioso habitado por eles. Para a gente do lugar, ver Antonio, Francisco e Salvador rolando

de rir em silêncio num canto do café era parte de uma cena cotidiana. Quando havia só dois deles, sempre jogavam uma partida de xadrez.

Encontravam-se quase sempre no mesmo café onde tinham tomado sorvete quando crianças e depois crescido acreditando nos mesmos ideais. Suas crenças socialistas agora os uniam mais do que nunca. O juramento de lealdade feito com sangue quando tinham oito anos nunca foi quebrado e, para os três, o socialismo era o único caminho possível para se chegar a uma sociedade justa. Conheciam alguns dos radicais da cidade, advogados esquerdistas e, superficialmente, alguns políticos, e costumavam ir aos bares frequentados por eles, rondando qualquer grupo onde se discutisse política.

Naquela noite, já tinham tratado do mesmo e velho assunto, discutindo pela centésima vez o que acontecia em Granada, em que partidários da República ainda estavam sendo

detidos

aleatoriamente. Salvador de repente fez um gesto para os companheiros avisando-os para ficarem atentos a dois homens sentados num canto do bar. Sendo surdo, interpretava melhor do que ninguém qualquer pequena mudança de expressão facial, o que levava algumas pessoas a acharem que ele possuía poderes sobrenaturais para ler mentes. Na verdade, ele fazia o que qualquer um pode fazer: observar as mudanças mais sutis nos rostos das pessoas e aprender a detectar o menor sinal de incômodo. Seu julgamento era infalivelmente correto.

— Tenham cuidado — preveniu ele através de sinais. — Nem todo mundo aqui tem as mesmas opiniões que nós.

Os três podiam habitualmente se comunicar entre si com total privacidade, mas vez por outra Salvador percebia um olhar inamistoso examinando-os. Como o daquele momento. Afinal, ele não era o único *sordomudo* de Granada, havia outros que poderiam conhecer a linguagem de sinais.

— Vamos embora — decidiu Antonio.

Teriam de continuar a fazer seus planos em outro lugar, e os três se levantaram para sair, deixando umas poucas pesetas debaixo do

cinzeiro para pagar suas cervejas.

Poucos minutos depois, chegaram ao apartamento de Salvador. Mesmo comprimindo a orelha na porta pesada, alguém que estivesse determinado a escutar o que se passava lá dentro precisaria fazer um grande esforço para distinguir apenas leves ruídos esporádicos. Na ocasião, Salvador morava sozinho. Quando aconteceu o golpe, a mãe e a avó dele tinham ido para o *cortijo* de uma tia, fora da cidade, e não voltaram mais. O pai morrera quando ele estava com onze anos. Salvador esvaziou a mesa de uma porção de xícaras e pratos e eles sentaram-se. Colocou uma panela cheia de água no fogão a gás e apanhou um saquinho de café. Francisco já estava usando um prato sujo como cinzeiro, e a fumaça subia ondulante para o teto alto, aderindo às paredes amareladas.

Estavam reunidos à mesa para fazer planos mas pairava uma sensação de mal-estar, não só porque o vizinho, um guarda-livros de rosto magro, abrira a porta para espiá-los passar, como também porque havia um ressentimento entre eles. O ar estava pesado, precisavam desanuviá-lo.

Como todos os que se opunham a Franco, os três reconheciam que nunca houvera de fato meios de resistir ao golpe em Granada. As tropas nacionalistas tinham sido recebidas na área mais importante

da cidade, fortemente conservadora, quase de braços abertos, e agora era tarde demais para fazer alguma coisa a respeito, pois se mostrar como inimigo do novo regime equivalia ao suicídio.

Ainda que os homens de Franco se mantivessem firmes em Granada, nem todos os que se opunham ao *alzamiento* — o levante — estavam apáticos. Francisco certamente não ficara parado. Sabia agora que as acusações contra seu pai e seu irmão limitavam-se à posse de cartões de sindicatos e não perdera tempo em procurar vingar as mortes deles. Nada disso importava mais. Seu único desejo era sentir o cheiro amargo do sangue nacionalista. Embora os fascistas controlassem Granada com pulso firme, seu domínio sobre as áreas rurais circunvizinhas ainda era frágil. Francisco participava de uma campanha de resistência e subversão. Em alguns lugares, guarnições da Guarda Civil que tinham traído a República haviam sido facilmente subjugadas e, com essas defesas fora do caminho, havia um grande número de rapazes como Francisco transbordando

de raiva para serem lançados contra os proprietários de terras e os padres que apoiavam Franco.

Lavradores e sindicalistas tinham então se mobilizado para coletivizar algumas das grandes propriedades rurais, e os armazéns

dos proprietários de terras foram arrombados. Camponeses desnutridos esperavam do lado de fora, desesperados por qualquer coisa que alimentasse suas famílias. Touros criados nas melhores pastagens foram abatidos e devorados. Era a primeira refeição de carne que muitos faziam havia anos.

Não foi apenas o sangue dos touros que Francisco derramou. Houve manifestações de violência também contra pessoas. Padres, donos de terras e suas famílias pagaram o preço que muitos dos que apoiavam a República achavam que eles mereciam pagar.

Antonio, apegado aos ideais de justiça e equanimidade, não aprovava esses atos aleatórios e sem coordenação.

— Fazem mais mal do que bem — disse ele sem rodeios, com um misto de aversão e admiração pelo que o amigo era capaz de fazer. — Sabe o que os seus assassinatos de padres e queima de freiras significam para os fascistas, não sabe?

— Sei. Sei muito bem — respondeu Francisco. — Sei exatamente o que significam para eles. Mostram que estamos falando sério. Que vamos correr com eles para fora do país, em vez de ficar parados esperando que venham nos pisar.

— Os fascistas não se importam com aqueles padres velhos nem com umas poucas freiras. Mas sabe com que eles se importam um

bocado? — perguntou Antonio.

Por um instante, Antonio parara de usar a linguagem dos sinais. Às vezes achava difícil expressar-se dessa maneira. Salvador levou um dedo aos lábios do amigo, insistindo para que falasse baixo. Havia sempre o perigo de alguém estar escutando à porta.

— Com o quê? — perguntou Francisco, incapaz de se limitar a um sussurro.

— Eles querem apoio de fora da Espanha e usam os atos de vocês como propaganda. Será que é tão tolo que não vê isso? Para cada padre que morre, eles devem conseguir a adesão de mais umas dez tropas estrangeiras. É isso o que você quer?

O sangue de Antonio fervia e sua voz subiu. Ouvia a si mesmo falando como professor, didático, até condescendente, e no entanto,

como se estivesse numa sala de aula, completamente certo de sua retidão. Precisava fazer o amigo ver a importância de seus argumentos. Compreendia a sede de Francisco por sangue e ação, mas queria que o amigo fizesse bom uso daquele sentimento exaltado, de uma forma que não fosse contraproducente. Antonio achava que deviam reservar suas energias para um grande ataque conjunto ao inimigo. Era a única chance que qualquer um deles

tinha.

Francisco continuava sentado em silêncio enquanto Antonio o doutrinava, ignorando os apelos de Salvador para deixá-lo em paz, voltando-se de novo à linguagem dos sinais.

— Como é que você pensa que reagem a isso na Itália? O que o papa diz quando contam a ele o que estão fazendo com os padres aqui? Não admira que Mussolini esteja enviando tropas para dar apoio a Franco! Os atos de vocês nos dão *menos* chances de ganhar esta guerra, e não o contrário! Fica difícil conquistar simpatias para a República.

No que lhe dizia respeito, Francisco não se arrependia de nada. Mesmo que seu amigo Antonio tivesse razão e surgissem represálias, sua sanidade fora preservada com o alívio temporário que sentiu quando puxou um gatilho. A satisfação de ver o alvo de sua bala bem mirada dobrar-se e cair lentamente no chão foi imensa. Precisara de uns dez momentos daqueles para sentir que o pai e o irmão estavam vingados.

Apesar de dizer o que sentia para um de seus amigos mais antigos, uma pequena parte de Antonio desprezava-se por não agir também. Sua família estava fragmentada, seus irmãos tinham sido mortos, seu pai estava preso, e o que ele fizera? Embora

desaprovasse a maneira que Francisco escolhera para reagir, no fundo o invejava por ter o sangue dos inimigos nas mãos.

Salvador reforçou o apelo de Antonio.

— E além de tudo ainda teve o massacre daqueles prisioneiros — disse ele através dos sinais. — Também não ajudou muito a nossa causa, não é?

Até Francisco teve de concordar. A execução dos prisioneiros nacionalistas em Madri fora uma atrocidade, e ele admitia que não era algo de que se orgulhar. E o mais importante para a argumentação de Antonio é que o acontecimento havia sido usado pelos nacionalistas para provar a selvageria da esquerda, o que

custou caro aos republicanos com relação ao apoio de que precisavam desesperadamente.

Quaisquer que fossem as diferenças de opinião que existissem entre os três amigos, havia uma coisa que agora os unia: estavam todos prontos para fugir da prisão em que Granada se transformara, não para tomar parte em atos isolados de crueldade, mas para se unirem a uma campanha mais coordenada.

— Discordando ou concordando, o fato é que não podemos mais ficar aqui parados, não acham? — insistia Francisco. — É tarde

demais para salvar Granada, mas não para o resto da Espanha. Vejam Barcelona!

— Eu sei. Você tem razão. E Valência, Bilbao, Cuenca… E as outras cidades. Estão resistindo. Não podemos ficar aqui sentados.

Apesar de tudo, uma onda de otimismo percorria o território republicano sob controle fascista, fazendo supor que o levante podia ser esmagado. A resistência que as tropas de Franco encontravam era apenas o começo. Com o tempo, os republicanos poderiam se organizar.

Salvador, atento, envolvido na conversa e gesticulando que concordava, agora sinalizava a palavra que ainda não fora mencionada:

— Madri.

Antonio a deixara de fora em sua lista. Era para lá que tinham de ir. O coração simbólico da Espanha, pelo qual se devia lutar a qualquer custo.

A quatrocentos quilômetros ao norte da semiescuridão do apartamento de Salvador e dos três amigos, Madri estava de fato sob cerco e, se havia um lugar que precisava resistir aos fascistas, era a capital. Um exército popular fora criado no outono anterior para reunir a parte do Exército que continuava leal à República, com

milícias de voluntários a fim de formar uma espécie de força unificada com um comando central. Os três ansiavam para se juntar à ação e participar do combate.

Durante alguns meses, com o volume tão baixo que precisava sentar com o ouvido encostado no rádio, Antonio usara o aparelho do apartamento de Salvador para obter notícias da situação em Madri. A capital vinha sendo bombardeada pelas tropas de Franco desde novembro mas, com a ajuda de tanques russos, conseguira resistir. Madri continuava a opor uma resistência mais forte do que os

nacionalistas esperavam, mas havia um boato recente de que outra grande batalha estava prestes a ser iniciada.

Antonio e seus amigos tinham assistido sem reagir à queda de sua própria cidade nas mãos de Franco, mas sabiam bem o que significava deixar Madri seguir o mesmo caminho. O momento era aquele, e agora o impulso de partir era muito forte. Franco precisava ser detido. Tinham ouvido falar que estavam chegando jovens de toda a Europa — Inglaterra, França e até da Alemanha — para auxiliar a causa. A ideia de estrangeiros lutarem por eles naquela guerra incitava-os a agir.

No decorrer dos dias anteriores, Antonio só fizera pensar no

domínio crescente de Franco sobre a Espanha e na maneira como suas tropas pareciam se espalhar incessantemente por toda a região. O fato de estarem encontrando resistência substancial no norte do país dava alguma esperança àqueles que apoiavam a República. Se ele e os amigos não entrassem na luta contra o fascismo, talvez se arrependessem para sempre de sua inércia.

— Precisamos ir — disse Antonio. — Chegou a hora.

Resoluto, foi para casa fazer os preparativos da partida.



CAPÍTULO 21

Quando Antonio procurou a mãe para lhe dizer que iria embora, já havia algumas horas que Mercedes se fora. Ao sair de Granada, ela preferiu tomar a estrada das montanhas à estrada principal para o sul, pensando que encontraria menos pessoas naquele caminho. Apesar de ser fevereiro e a neve ainda estar espessa nos topos das

montanhas próximas, Mercedes havia tirado seu grosso casaco de lã. Andou durante cinco horas naquele dia e, a não ser pelas pontas de seus dedos sem luvas, sentia-se quase aquecida demais.

Num trecho curto entre Ventas e Alhama, um fazendeiro lhe deu uma carona em sua carroça. Ele acabara de vender duas dúzias de galinhas no mercado e agora tinha espaço para acomodar um passageiro. O homem exalava um cheiro forte de gado, e Mercedes esforçou-se muito para não demonstrar sua repugnância pelo mau cheiro nem pelo cachorro sarnento que ia sentado entre eles. Havia uma sensação reconfortante de normalidade em viajar ao lado daquele homem desgastado pelas intempéries, de mãos avermelhadas de frio e riscadas por cicatrizes de cortes e arranhões fundos.

Mercedes passava sempre parte do verão fora de Granada no campo, e as visitas à tia e ao tio nas *sierras* haviam sido um aspecto feliz de sua infância. Conhecia bem a paisagem quando as árvores estavam cobertas de folhas e as campinas enfeitavam-se com flores silvestres, mas no inverno tudo estava frio e desnudo. Os campos exibiam um tom castanho-acinzentado, esperando pelas semeaduras das safras de primavera, e a estrada estava empedrada e cheia de

sulcos. Os cascos da mula escorregavam o tempo todo em cascalho, o que diminuía ainda mais seu ritmo preguiçoso. O sol fraco da tarde não proporcionava calor nenhum.

Mercedes sabia que não devia confiar por completo em ninguém e conversava pouco, respondendo com monossílabos às perguntas do

velho. Saíra de Granada e estava indo visitar a tia numa aldeia perto de Málaga. Foi tudo o que se dispôs a revelar.

O homem sem dúvida também não confiava inteiramente nela, de modo que deu poucas informações a seu próprio respeito.

Durante o percurso, foram parados uma vez por uma patrulha da Guarda Civil.

— Objetivo da viagem? — foram interrogados.

Mercedes conteve a respiração. Preparara-se para aquilo mas, na hora, sua boca ficou seca.

— Minha filha e eu estamos voltando para nossa fazenda em Periana. Fomos à feira em Ventas — respondeu o fazendeiro com ar alegre. — Consegui um bom preço pelas galinhas hoje.

Nada indicava que ele estivesse mentindo. Uma gaiola vazia, o leve cheiro de excremento de galinha, uma moça. Com um gesto, mandaram-no seguir caminho.

— *Gracias* — agradeceu ela em voz baixa quando não havia mais risco de ser ouvida pela patrulha. Baixou os olhos para o desenho da superfície acidentada da estrada que passava sob as grandes rodas de madeira. Disse a si mesma que ainda assim não podia confiar naquele homem, e que precisava se ater à sua história fictícia mesmo que ele agora parecesse amigável e soubesse que ela necessitava de alguma proteção.

Viajaram por cerca de mais uma hora, até o local em que o fazendeiro precisava entrar num desvio da estrada. Sua fazenda ficava no alto da colina; apontou para um trecho arborizado no horizonte.

— Quer passar a noite em nossa casa? Você dormiria numa boa cama, e minha mulher costuma preparar um jantar bastante bom.

Exausta como estava, por um momento ficou tentada a aceitar.

Mas a que levaria aquele convite? Ele fora bondoso, mas Mercedes não tinha a menor ideia de quem seria aquele homem e, com ou sem mulher, de repente ela sentiu toda a dimensão de sua vulnerabilidade. Precisava continuar seguindo para Málaga.

— Obrigada, mas preciso chegar logo.

— Bem, de qualquer forma, leve isto aqui — disse ele, apanhando algo atrás do seu banco. — Daqui a uma hora e pouco, vou estar

saboreando o jantar de minha mulher. Não vou precisar disto.

231

Mercedes já estava de pé na estrada ao lado dele e estendeu a mão para pegar uma sacolinha de juta. Sentiu no interior o volume de uma pequena bisnaga de pão e, mais tranquila, lembrou que seria grata por aquilo no dia seguinte. Já dera cabo dos alimentos com que enchera os bolsos antes de sair de casa e aquele reabastecimento era bem-vindo.

O homem certamente não se ofendera com a recusa ao seu convite, mas ela sabia que fora melhor não ser franca demais. Não se podia mais confiar inteiramente nos conhecidos, que dirá nos estranhos. Despediram-se desejando felicidades um ao outro e instantes depois o homem sumiu de vista.

Estava sozinha outra vez. O fazendeiro explicara que ficava a aproximadamente cinco quilômetros dali a estrada principal que a levaria a Málaga, portanto ela decidiu continuar caminhando até lá e só então parar a fim de descansar. Se não estabelecesse objetivos assim, nunca alcançaria seu destino.

Por volta das seis da tarde, já no escuro, Mercedes chegou ao um cruzamento. A fome já começava a martelar-lhe o estômago. Sentou-se à margem da estrada, encostou-se numa pedra grande e apanhou

a sacolinha de pano. Além da bisnaga, havia ali um pedaço de bolo e uma laranja.

Arrancou uma ponta do pão já ressecado e farelento e mastigou-o devagar, ajudando-o a descer com grandes goles de água, indiferente ao que a rodeava durante algum tempo, inteiramente ocupada em saciar a fome.

Sem saber a que distância ficava a aldeia seguinte ou se conseguiria comprar alguma coisa lá, guardou o bolo e a laranja para mais tarde. Protegida do vento, fechou os olhos. Na tela escura de suas pálpebras cerradas, apareceu uma imagem de Javier. Estava empoleirado na beirada de uma cadeira baixa, as costas curvadas sobre a guitarra, os olhos voltados para cima, fitando-a por trás da massa escura de sua franja. Na imaginação de Mercedes, ela sentia o calor da respiração dele e devaneava que Javier estava distante apenas alguns metros, esperando que ela dançasse. A tentação de entrar no sonho começou a seduzi-la. Apesar de saber que devia continuar andando, e que a cada hora que passava talvez tivesse menos chance de encontrar o homem que amava mais do que tudo, Mercedes deitou-se e dormiu.

* * *

Quando Antonio voltou para o El Barril, havia uma luz fraca ainda acesa atrás do bar. Debruçou-se para alcançar o interruptor e, ao fazê-lo, uma voz causou-lhe um sobressalto.

— Antonio.

Encoberta pela sombras negras do fundo do café, entreviu a silhueta de uma figura conhecida. A mãe estava sentada diante de uma das mesas. Entrava claridade suficiente do lampião a gás da rua para que ele atravessasse a sala sem tropeçar em cadeiras e mesas. Ao ver Concha sentada ali sozinha, seu coração bateu mais forte, cheio de medo e tristeza por causa do que vinha contar a ela. Será que aguentaria aquele golpe?

— Mãe! O que está fazendo aqui embaixo tão tarde?

Ao se aproximar, viu um copo grande em cima da mesa na frente dela. Aquilo não combinava nada com Concha. Sempre fora tarefa de Pablo fazer a última limpeza do dia no bar, e Antonio sabia que o pai gostava de se sentar para tomar uma bebida e também fumar uns cigarros no fim da noite. A mãe, não. Ela geralmente estava tão exausta a essa hora que somente trancava a porta e ignorava os copos que restavam sobre as mesas, sabendo que tirá-los seria a primeira coisa que Mercedes faria na manhã seguinte.

Concha não respondeu.

— Mãe! Por que ainda está de pé?

Devia haver alguma boa razão para a mudança na rotina da mãe, mas ele estava temeroso. Todo mundo vivia em suspense naquela cidade.

— Mãe?

Mal a enxergava, mas percebia que ela cruzara os braços sobre o corpo e se balançava de leve. Quase como se estivesse ninando ritmicamente um bebê.

A essa altura, Antonio agachou-se junto dela, pousou as mãos em seus ombros e sacudiu-a com delicadeza. Os olhos dela estavam fechados.

— O que foi? O que aconteceu? — A voz dele soou insistente.

Concha tentou responder, mas o conhaque e as lágrimas nublaram sua fala. O esforço para falar a fez chorar ainda mais. Suas palavras eram ininteligíveis de tanta tristeza. Antonio abraçou-a com força e, quando ela sossegou com o aperto do abraço em que ele a mantinha, o choro espasmódico se acalmou. Depois que ele a

soltou, ela levou a ponta do avental florido ao rosto e assou o nariz ruidosamente.

— Eu disse a ela para ir embora — balbuciou.

— Sobre o que está falando? Disse a quem para ir embora?

— Mercedes. Disse a ela para ir procurar Javier. Nunca vai ser feliz se não estiver com ele.

— Então a mandou para Málaga? — perguntou Antonio, quase sem acreditar.

— E, se ela conseguir encontrar Javier, os dois podem ir juntos para qualquer lugar. Ela não podia mais ficar aqui se consumindo daquele jeito. A cada dia eu a via envelhecer aos poucos de desgosto. Esta guerra é horrível para todos nós, mas assim pelo menos Mercedes terá uma oportunidade de ser feliz.

No escuro, Concha não viu a cor fugir do rosto do filho.

— Mas Málaga está sendo bombardeada — disse ele, a boca seca de aflição. — Acabei de ouvir.

Concha aparentemente não escutou o que o filho falou.

Ele segurou as mãos da mãe nas suas. Não adiantava repreendê-la naquele momento, embora soubesse que seu pai não teria hesitado em fazê-lo.

— Somos obrigados a conviver com nossos inimigos aqui — continuou ela. — Ao menos, Merche deu a si mesma a chance de ficar longe deles.

Antonio não podia discordar. Seu ponto de vista combinava com

o dela, talvez até demais. Sabia que a mãe tinha razão, que de fato pairava uma sensação de impotência em Granada. Houvera considerável derramamento de sangue e destruição nos dias que se seguiram ao golpe, mas a cidade fora tomada com relativa facilidade e muitos habitantes arrependiam-se de não terem se preparado para lutar e resistir. Outras cidades, grandes e pequenas, estavam se defendendo com muito mais empenho.

— E quando ela saiu?

— Arrumou uma bagagem pequena hoje de manhã. Foi embora na hora do almoço.

— E se a interpelarem, que história vai contar?

— Vai dizer que tem uma tia em Málaga…

— Bom, até aí é quase verdade, não é?

— …e que a tia está doente e ela está pensando em trazê-la para Granada para poder cuidar dela.

— Bem plausível, acho — disse Antonio, querendo tranquilizar a mãe e assegurar que ela fizera a coisa certa ao incentivar a irmã a partir, embora soubesse que a iniciativa toda envolvia perigo.

Em seu papel atual de chefe da família, achava que deveria mostrar-se mais preocupado, se não zangado, com o comportamento

irresponsável da irmã. Ficaram sentados em silêncio por algum tempo e então Antonio dirigiu-se ao bar e serviu-se de uma generosa dose de conhaque. Inclinou a cabeça para trás e bebeu tudo de um gole só. O som de seu copo sendo colocado no balcão despertou a mãe de seu devaneio.

— E ela vai voltar se não o encontrar? Ela prometeu?

Antonio viu os olhos da mãe arregalarem-se de surpresa.

— *É claro* que ela vai voltar!

Antonio teria gostado de sentir o mesmo otimismo de Concha, mas aquele não era o momento de enchê-la de dúvidas.

Envolveu a mãe com um braço protetor e engoliu em seco. Aquele também não era um bom momento para revelar seus planos pessoais, mas não podia deixar para mais tarde. Iria precisar da proteção de uma noite escura, e o céu nublado e a lua nova daquela noite seriam perfeitos para a partida deles.

* * *

Nas primeiras horas do dia seguinte, desperta pela madrugada fria, Mercedes avançou um pouco pela estrada principal. Dava a sensação de ser uma estrada muito aberta e exposta, mas ia praticamente em linha reta para Málaga daquele ponto em diante.

Naquela tarde, bem longe, Mercedes divisou uma nuvenzinha de

poeira no horizonte. Deslocava-se como um pequenino e lento redemoinho. Fazia algumas horas que não havia nenhum movimento na direção oposta da estrada, e tudo o que ela vira até então fora uma ou outra árvore nua ao longo do caminho.

À medida que a distância diminuía, Mercedes distinguiu formas humanas. Havia jumentos, alguns puxando carroças, e pareciam vir num ritmo penoso, muito devagar. Tão devagar quanto o andor mais desajeitado de uma procissão da Semana Santa.

235

A aproximação era contudo inexorável, e Mercedes pôs-se a imaginar como iria passar por eles. A maré humana formava uma barreira entre ela e seu destino. Só quase uma hora mais tarde, quando a distância da multidão se reduziu a umas centenas de metros, ela notou que todos andavam em estranho silêncio e se perguntou: “Por quê? Por que essas pessoas todas estão na estrada numa tarde tão fria de fevereiro? E por que seguem tão caladas?” Ficou evidente que se tratava de um comboio, uma caravana de pessoas e carroças em movimento. Era difícil de entender: parecia uma procissão que tomara o caminho errado na *feria*, ou peregrinos fazendo uma viagem religiosa de uma cidade à outra carregando um ícone precioso. Mesmo quando se aproximaram bastante, a cabeça

de Mercedes não foi capaz de decifrar o que estava vendo. Era como se uma aldeia inteira, com muitas famílias, decidisse mudar-se, todos os habitantes de uma vez, e tivessem amontoado tudo o que possuíam para levar consigo: cadeiras, colchões, panelas, baús, brinquedos. Os jumentos quase desapareciam sob o peso e o volume da carga.

Quando se viu face a face com as pessoas que vinham na frente, o silêncio era desconcertante. Ninguém falava. Olhavam através dela como se não existisse. Pareciam sonâmbulos. Mercedes afastou-se para o lado a fim de deixá-los passar. E, um por um, foram passando, velhos, moços, coxos, feridos, crianças, mulheres grávidas, olhos fixos adiante ou voltados para o chão. Uma coisa todos tinham em comum, além do olhar de medo: um ar de resignação. Havia um vazio na expressão de seus rostos, como se toda emoção tivesse sido apagada deles.

Mercedes os observou passar por algum tempo. Era estranho não ser notada, e não lhe ocorreu parar alguém para perguntar aonde estavam indo. Então, reparou numa mulher sentada de cócoras, descansando na beira da estrada. Uma criança estava sentada perto dela, desenhando distraída círculos na terra poeirenta com uma varinha. Mercedes viu uma oportunidade.

— Desculpe… mas pode me dizer para onde todo mundo está indo? — perguntou com delicadeza.

— Para onde? Para onde estão indo? — na voz da mulher, apesar de fraca, transparecia a incredulidade de que alguém pudesse estar fazendo aquela pergunta.

Mercedes reformulou sua pergunta.

— De onde vieram vocês todos?

A mulher respondeu sem hesitar.

— Málaga… Málaga… Málaga… — e, cada vez que pronunciava a palavra, sua voz ia ficando mais baixa, até que a sílaba final desapareceu num sussurro.

— Málaga — repetiu Mercedes. Seu estômago se contraiu.

Ajoelhou-se ao lado da mulher. — O que aconteceu em Málaga? Por que vocês todos saíram de lá?

Agora que estavam à mesma altura, a mulher olhou pela primeira vez para Mercedes. A multidão silenciosa continuava a passar. Ninguém olhou mais de uma vez para as duas mulheres e a criança imunda.

— Você não sabe?

— Não, vim de Granada. Estou a caminho de Málaga. O que está

acontecendo lá? — Mercedes tentou conter a ansiedade e a impaciência.

— Coisas terríveis. Coisas horrorosas — Havia um aperto na garganta da mulher, como se temesse recontar tais coisas.

Mercedes oscilou entre o desejo e o medo de saber a verdade. Seu primeiro pensamento foi para Javier. Estaria lá ainda? Estaria no meio daquela vasta multidão, saindo da cidade? Precisava saber mais e, depois de alguns minutos sentada em silêncio com aquela mulher, importunou-a com mais uma pergunta. Talvez fosse sua única fonte de informação, já que ninguém mais parecia querer parar.

— Conte. O que aconteceu?

— Você tem comida?

Mercedes percebeu de repente que apenas uma coisa preocupava aquela mulher. Nenhum dos acontecimentos dos últimos dias nem o seu futuro desconhecido a interessavam. Era a fome que lhe doía agudamente no estômago e o choramingar incessante do filho pequeno, desesperado por algo para comer, que lhe ocupavam por completo os pensamentos.

— Comida? Tenho, sim. Quando foi que comeram pela última vez? — Mercedes já enfiara a mão na bolsa, procurando o bolo e a

laranja.

— Javi!

237

O menininho levantou depressa os olhos e num segundo estava junto delas, e agarrou o bolo da mão da mãe.

— Pare com isso! — repreendeu-o, brusca, a mãe. — Não é para comer tudo de uma vez! Não é para tirar dos outros!

— Não faz mal — disse Mercedes, com calma. — Não vou querer.

— Mas eu vou — disse a mulher, debilmente. —Estou com tanta fome! Deixe um pouco para mim, Javi, por favor!

O apelo chegou tarde demais. Em seu desespero, a criança pusera até o último farelo de bolo na boca, e suas bochechas estavam quase rebentando, deixando-o incapaz de responder.

— Tem sido muito difícil para ele compreender por que estamos enfrentando esta falta de comida nas últimas semanas… — explicou ela, chorosa. —Só tem três anos.

Mercedes ficou aborrecida com a ganância do garoto. Segurou a laranja com firmeza e ofereceu-a à mãe.

— Tome — disse. — Coma isso.

A mulher descascou-a devagar. Cada gomo foi oferecido primeiro ao filho e em seguida a Mercedes, e, quando eles recusavam, ela o

colocava na própria boca, mantendo a disciplina de consumi-lo lentamente, com todo cuidado, saboreando cada gota de sumo que lhe descia pela garganta seca.

Ninguém mais parou. A multidão continuava passando. A mulher estava visivelmente fortalecida.

— Acho que precisamos seguir em frente agora — disse ela, sem se dirigir a ninguém em especial, falando para o espaço ao seu redor.

Mercedes hesitou.

— Mas acho que não vou para a mesma direção que vocês — disse.

— E para onde vai então? Não para Málaga!

Mercedes deu de ombros.

— Era o que eu planejava.

— Bem, se lhe contar o que aconteceu lá, talvez mude de ideia.

Ficaram frente a frente à margem da estrada.

— Conte-me, então — pediu Mercedes, tentando disfarçar sua aflição.

— Málaga não teve a menor chance de se defender — começou a mulher, o rosto próximo do de Mercedes. — O porto estava sendo bombardeado, mas isto não foi o pior. Ruim mesmo foi quando eles

chegaram à cidade. Milhares deles. Talvez uns dois mil, segundo disseram.

— Eles, quem? Quem chegou?

— Mouros, italianos, fascistas, e mais caminhões e armas do que tínhamos na cidade inteira. Málaga foi destroçada. Pelo mar, do céu, em terra… e lá estávamos nós, indefesos. Ninguém tinha pensado em cavar trincheiras! Eles violentavam as mulheres e decepavam-lhes os seios; matavam até nossas crianças.

Foi quase impossível para ela descrever todo aquele horror. Os legionários que chegaram eram os mais agressivos de todos os componentes das tropas de Franco e desdenhavam a morte. A maioria deles embrutecera-se durante a guerra na África.

— Milhares de pessoas foram presas — continuou ela. — Homens inocentes como meu marido foram executados, seus corpos deixados insepultos. Eles mutilavam os mortos. Não havia alternativa, tivemos de ir embora.

O relato da mulher foi feito em rompantes e com voz sussurrada. Não precisava irradiar a informação para os que passavam por elas. Todos tinham estado lá, seu filho inclusive, que não carecia que lhe lembrassem o terror vivido nos últimos dias.

Havia mais atrocidades para enumerar e, tendo começado, a

mulher pareceu determinada a contar a história toda a Mercedes. Relatou tudo sem emoção, descrevendo os fatos impassivelmente, entorpecida pelo choque.

Muitos dos legionários já eram fugitivos e criminosos ao serem recrutados e em seguida, mais desumanizados ainda pela ferocidade que esperavam deles na luta, agiam como animais com suas vítimas. *"Viva la muerte!"*, repetiam como um bordão. Até mesmo entre os que lutavam do mesmo lado, inspiravam medo e repulsa.

— A cidade está em chamas. Tudo está ameaçado exceto as casas dos fascistas, é claro. Nada restou lá para mais ninguém. Muitas dessas mulheres aqui são viúvas. Olhe para elas! Olhe para nós! Só temos a roupa do corpo… e a oportunidade de escapar.

Mercedes observou a deplorável massa humana que passava. De onde se encontrava, sentada à margem da estrada, tudo o que via eram inúmeros pés e pernas passando diante de si. Não olhava para

os rostos mas para os amassados das botas, tão gastas e arrebentadas que parecia já terem percorrido mil quilômetros. O couro das solas velhas, desintegrando-se pelo caminho, quase não oferecia proteção para a carne cheia de bolhas. Dedos de pés projetavam-se de esfarrapados sapatos de sola de corda. Uma das

mulheres parecia calçar sapatos vermelhos mas, quando Mercedes olhou melhor, viu que estavam na realidade manchados do sangue dela, que impregnara a lona do sapato.

Mercedes não tirava os olhos deles. Estava hipnotizada.

Panturrilhas de velhos, protuberantes e arroxeadas de varizes, pés de moços terrivelmente deformados por inchaços e bolhas, tocos de pés envoltos em ataduras apertadas com vestígios de sangue vazando pelas dobras dos curativos. Dezenas deles andavam mancando, o peso apoiado em bengalas ou muletas.

Ficou parada, uma secura na boca. Se acompanhasse aquelas pessoas, provavelmente estaria em segurança. Conjeturou outra vez se Javier estaria em algum ponto daquela grande massa de pessoas em movimento. Afinal, convenceu-se de que poderia encontrar seu amado caso perguntasse bastante aqui e ali e mostrasse a todo mundo a fotografia dele. Se fosse para Málaga, provavelmente seria morta, pelo jeito. Tomou sua decisão. Respirou fundo, fez meia-volta e rumou para o leste.

A noite começava a cair mas as pessoas não interromperam sua jornada por causa da escuridão. Temiam que os fascistas não se contentassem em expulsá-los de sua cidade e ainda os perseguissem incessantemente.

O luar mantinha a estrada visível à frente. Havia mais cento e cinquenta quilômetros a percorrer antes de chegar a Almería, para onde se dirigiam, e mesmo os mais jovens e fortes levariam muitos dias para sequer avistar a cidade ao longe.

Mercedes caminhava ao lado da mulher, que pareceu grata pela companhia.

— Meu nome é Manuela — disse-lhe a certa altura. — E o do meu pequeno é Javi.

O apelido do garoto, diminutivo do nome de seu namorado, já lhe despertara ternura por ele. A criança parara de chorar depois de ter comido e, durante um trecho do caminho, a mãe carregou-o nos ombros. Mercedes espantou-se com a força dela, considerando que as roupas pendiam como uma mortalha de seu corpo definhado e os

ossos de suas faces quase furavam a pele sem cor. Depois de um certo tempo, vendo que Manuela estava exausta, Mercedes substituiu-a. A mãe de Javi tirara-lhe as botas gastas e os pés macios do menino balançavam no seu colo enquanto ela andava. Lembrou como seu pai fazia com ela e segurou-os para lhe dar firmeza, sentindo muito consolo no contato com o calor dos pezinhos macios. Ficou feliz quando notou que a cabeça dele tombara em cima

da sua. O pequeno adormecera.

* * *

Naquela noite, Concha também estava exausta, ansiando desesperada pelo alívio de sua cama. Aquelas vinte e quatro horas a tinham esgotado. O último de seus fregueses acabara de ir para casa, e ela deixara a porta um pouco aberta para que se dissipasse a densa nuvem de fumaça que pairava no ar. A temperatura caíra bastante naquela noite, e a respiração dela condensava no vapor conforme limpava cada mesa com um movimento circular.

Como a porta já estava aberta, Concha não se deu conta da entrada do filho, que teve de tossir para ela não se sobressaltar.

— Antonio… Chegou cedo hoje… — sua voz arrastou-se ao ver a expressão séria no rosto dele.

Ele foi direto ao ponto.

— Olhe, mãe, preciso ir embora. Espero que não seja por muito tempo.

Todas as coisas que pretendia explicar sobre sua decisão ser para o bem do pai ficaram por dizer.

— É exatamente o que você deve fazer — disse Concha, desarmando-o com a resposta imediata e ponderada. — Estou satisfeita por ter me contado. Sempre imaginei que a qualquer hora

poderia sumir no meio da noite sem me avisar.

Por um momento, Antonio não soube o que falar. A força de sua mãe o espantava e estimulava.

— Eu jamais faria isso. Como você iria saber o que teria acontecido comigo?

— É o que as pessoas estão fazendo, não é? — disse Concha. — Para que, quando os Guardas vierem interrogar os pais, possam dizer, em completa inocência: “Ele foi embora? É mesmo? Bem, não sei para onde ele foi…”

241

Como todas as pessoas de tendência republicana, Concha também achava que o conflito atingira um ponto crucial e que o avanço de Franco precisava ser contido.

Antonio estava surpreso com a compreensão que a mãe demonstrava, mas conjeturava se não seria a perspectiva de perder mais um filho que a entorpecia. Conseguiria diferenciar entre uma partida e a morte, ou em sua cabeça as duas coisas simplesmente se misturavam no abismo total da perda?

— Não quero que me diga nada — rogou ela. — Não quero saber; assim ninguém pode me forçar a revelar coisa alguma. Não quero ser obrigada a trair você.

— Bem, de qualquer maneira, não sei para onde nós vamos, afinal.

— Nós?

— Francisco e Salvador também vão.

— Ótimo. A união faz a força.

Ambos ponderaram a ambiguidade das palavras de Concha. Os dois sabiam que o ponto fraco da República não era o potencial humano, mas os armamentos. Enquanto chegavam suprimentos substanciais de armas vindos da Alemanha e da Itália para as forças de Franco, aos que lutavam pela República faltava munição, mas não homens.

Fez-se silêncio por alguns instantes.

— Quando você parte?

— Esta noite — respondeu ele, quase num murmúrio.

— Ah… — a voz tênue, a respiração curta. Ela tentou não atribuir tanta importância à partida iminente do filho. — Quer que embrulhe alguma coisa para você comer?

Era o primeiro pensamento de toda mãe.

Meia hora depois, ele se fora. O ar no ambiente estava agora limpo e fresco. Só então Concha fechou a porta. Estremeceu de frio e temor. Apesar de Antonio ter guardado segredo, a mãe achava que

sabia muito bem para onde ele ia. Mas seria capaz de aguentar até que lhe arrancassem lentamente as unhas das mãos sem nada revelar.

242



CAPÍTULO 22

O pequeno pedaço de lua projetava pouca luz sobre os três quando deixaram a cidade, permitindo-lhes escapar ao olhar penetrante e atento da Guarda Civil. Sair da cidade sem serem interpelados exigia certa dose de sorte, e era algo que tinha de ser feito na calada da noite. Levavam comida para durar apenas até o fim do dia seguinte, e nenhuma recordação de casa que pudesse desmentir o pretexto de que eram trabalhadores agrícolas à procura de emprego. Se fossem revistados, sua história precisava ser irrefutável, e até o objeto mais insignificante — uma lembrança, uma fotografia — poderia ser usado contra eles. Mudas de roupas

certamente despertariam suspeitas e forneceriam provas suficientes para uma prisão.

Andaram quase a noite toda, querendo distanciar-se o máximo possível de Granada antes do nascer do dia; sempre que podiam, enveredavam por estradas secundárias, onde haveria menos probabilidade de encontrarem tropas nacionalistas.

Às primeiras horas da manhã, pegaram carona num caminhão cheio de milicianos; esses homens estavam entusiasmados pela perspectiva de uma vitória contra Franco e certos de que isto poderia ser obtido. O grupo de homens esfarrapados a que se reuniram divertia-se cantando canções republicanas e erguia o punho fechado saudando os passantes. Dali a umas poucas horas, Antonio, Francisco e Salvador estavam sendo tratados como irmãos. Agora tinham realmente a impressão de estar participando.

Como eles, os milicianos pretendiam juntar-se à campanha para proteger Madri, e tinham ouvido falar que uma batalha estava sendo travada a sudoeste da capital, em Jarama.

— É onde queremos estar — declarou Francisco. — No meio da luta, não aqui neste caminhão.

— Logo chegaremos lá — resmungou Antonio, tentando esticar

as pernas.

Seguiram um desconfortável quilômetro depois do outro através da paisagem exposta e vazia. Em algumas áreas, quase não havia sinal de que aquele era um país em guerra com quem quer que fosse, muito menos consigo mesmo. A *sierra* aberta parecia serena. Alguns fazendeiros haviam feito as primeiras semeaduras, no mínimo indiferentes à tempestade política que se desencadeava em volta deles, mas em outras áreas os donos de terras não se tinham dado o trabalho de fazer o mesmo, e o solo desnudo jazia inculto, germinando a fome que acabaria por acometê-los.

Salvador, instigado por Antonio e Francisco, fazia leitura labial da conversa ao redor sem participar. Ninguém fez qualquer comentário sobre o silêncio dele. Alguns dos homens que viajavam no caminhão estavam quase mortos de cansaço. Vinham de cidades vizinhas de Sevilha, onde durante meses a fio tinham estado envolvidos numa campanha de resistência cerrada embora infrutífera, e nem registraram a presença de Salvador, muito menos o fato de ele ser diferente. Antonio e Francisco tinham planejado dessa maneira, pois se alguém suspeitasse que Salvador era surdo, poderia não deixá-lo lutar, e os amigos sabiam o quanto era importante para ele estar lá.

Para a maior parte dos outros vinte e um homens, a ideia de que agora poderiam ter um objetivo despertava um entusiasmo visível. Estavam indo para Madri a fim de romper um cerco, e cantavam canções de vitória antes de conquistá-la.

Toda noite, por algumas horas, desciam da traseira do caminhão, braços e pernas fatigados pela imobilidade, doendo com o desconforto e a trepidação constante da estrada interminável, irregular. Depois que a garrafa passava pela roda e a cantoria se dissipava, seguiam-se umas poucas horas de sono agitado, com nada mais entre a terra cascalhenta e suas cabeças além das mãos em prece. Não podiam se dar ao luxo de usar os casacos como travesseiro. Necessitavam de todos os agasalhos em volta do corpo para seu sangue não se congelar nas veias.

Francisco tossiu incessantemente durante o sono mas não perturbou ninguém. Às quatro e meia, Antonio enrolou um cigarro e ficou deitado no escuro vendo a fumaça formar espirais no ar úmido. Foi o tinir das canecas de alumínio e o suave aroma de algo que se parecia com café que os fez se mexer. Os pescoços rígidos, os

estômagos ocos de fome, nem corpo nem mente repousados, eles se espreguiçaram. Alguns se levantaram e se afastaram para urinar nos

arbustos próximos. O dia estava em sua temperatura mais baixa: a madrugada sem cor, o frio cortante que talvez não se abrandasse antes do meio-dia e a perspectiva de mais uma jornada de desconforto e fome. Só mais tarde, quando seus corpos se aquecessem pela proximidade de uns com os outros, iriam readquirir ânimo e recomeçar a cantar.

* * *

Antonio e seus amigos já iam longe rumo ao norte quando Mercedes iniciou seu segundo dia de caminhada com os refugiados de Málaga. Apesar de andarem quase o tempo todo em silêncio, de vez em quando se ouvia o grito frenético de uma mãe procurando pelo filho. Em meio àquela grande multidão, era fácil as pessoas se desgarrarem, e havia diversas crianças vagando a esmo, os rostos brilhosos de catarro, lágrimas e pânico. A aflição delas sempre perturbava Mercedes, que então apertava com força a mão de Javi. Ninguém desejava presenciar aquele sofrimento desnecessário, e faziam-se grandes esforços para reunir os que tinham se perdido. Embora muitos continuassem a caminhar à noite, a exaustão e a fome forçavam alguns a pararem por uma hora e pouco, e havia sempre pequenas aglomerações à margem da estrada. Famílias amontoadas, um cobertor puxado por cima de todos para aquecer e

proteger, usando o colchão que tinham arrastado de casa para criar uma pequena barraca particular, uma miniatura do lar.

A friagem da noite contrastava com os repentinos e intensos clarões de sol que se abatiam sobre eles ao meio-dia. O calor nunca se demorava, durava só um breve espaço de tempo, e então as crianças andavam de braços de fora como se fossem para um piquenique de verão.

A vanguarda dessa procissão compunha-se sobretudo de mulheres, crianças e os mais velhos, e era com eles que Mercedes andava. Tinham sido os primeiros a deixar Málaga, desesperados para fugir dos captores da cidade. Mais para o fim da marcha vinham andando penosamente os homens sobreviventes e os milicianos derrotados, esgotados, que tinham permanecido na cidade para uma exibição final de resistência. Ainda que caminhassem dia e noite, a viagem a Almería poderia levar até cinco dias. Para os velhos, doentes e feridos, poderia se prolongar ainda mais.

Alguns carros e caminhões tinham acompanhado o início daquele êxodo, mas quase todos tinham sido abandonados à beira da estrada. Perto deles, espalhavam-se escombros de vida doméstica. Bens de família tirados apressadamente de armários da cozinha para

formar a base de uma nova vida jaziam agora pelo caminho. Havia outros objetos ainda mais surpreendentes: uma máquina de costura, um prato lascado de aparelho de jantar de louça enfeitada, um relógio de parede com aspecto de peça herdada, todos agora jogados fora e sem valor, do mesmo modo que o otimismo com o qual tinham sido trazidos de casa.

Na primeira metade do percurso, havia muitos jumentos carregando pilhas altas de roupa de cama, baldes e até móveis, mas a maioria acabou sucumbindo sob o peso da carga, e seus cadáveres eram vistos frequentemente nas sarjetas. A princípio, umas poucas moscas reuniam-se em volta de seus olhos, mas depois enxameavam quando os corpos começavam a se decompor.

As pessoas andavam geralmente em silêncio, pontuado apenas pelo som dos próprios passos e o leve chocalhar de seus pertences, mas de tempos em tempos Mercedes contava uma história a Javi. Ela o carregava por grande parte do dia, e ambos chupavam cana-de-açúcar arrancada dos campos. Era só o que restava para lhes dar energia, agora que a comida terminara e, quando a exaustão tomava conta deles, tiravam um cochilo, um breve sono agitado, à beira da estrada.

Mercedes deu com os olhos num baú de viagem aberto no meio

da estrada, o conteúdo derramando-se para fora. O vento jogara sobre um arbusto próximo algumas peças de roupa, que tinham ficado presas nos espinhos: um vestido muito branco de primeira comunhão, uma camisolinha bordada de bebê, uma mantilha de casamento. Estavam abertas em cima do arbusto como cartazes de propaganda, quase afrontando aqueles que as viam com lembranças de quando tinham sido usadas pela última vez, de um tempo em que a vida era serena e batismos e casamentos podiam acontecer. O mesmo pensamento ocorria a todos os que passavam. Aqueles rituais agora pareciam luxos de muito tempo atrás.

De vez em quando, atravessavam uma cidadezinha ou aldeia que fora abandonada. Nada restava. Umas poucas pessoas saqueavam casas vazias — não em busca de objetos de valor, mas de alguma coisa mais útil, como um saco de arroz que pudesse alimentá-las por mais uns dias.

246

Apesar de Mercedes e Manuela às vezes trocarem algumas palavras, quase não havia conversas entre as cento e cinquenta mil pessoas que andavam. Os únicos sons eram aqui e ali o rangido de um sapato na superfície de terra solta da estrada e o choramingar de um ou outro bebê, alguns nascidos no percurso.

Quando estavam perto de Motril, o ponto central da viagem, as duas mulheres escutaram um ronco surdo. Era o final da tarde. Mercedes confundiu-o com o ruído de caminhões, mas Manuela imediatamente reconheceu-o como barulho de avião e parou, olhando para cima. Aviões nacionalistas passavam voando baixo, pesadões, barulhentos e desajeitados.

As pessoas olhavam para eles e conjeturavam. Ninguém falava.

Então, o bombardeio começou.

Durante todos aqueles meses, desde o princípio do conflito, Mercedes nunca experimentara a sensação de terror absoluto que se apoderou dela naquele momento. Sua boca se encheu do gosto metálico do medo e, por um instante, o som das batidas de seu coração abafou o dos gritos assustados que ressoaram em volta dela. Seu instinto foi o de correr o mais rápido que pudesse, mas não havia onde se esconder — nenhum porão ou ponte ou estação subterrânea de trem. Nenhum lugar. Tinha de se preocupar com Javi, de qualquer forma, e a mãe dele, que ficou paralisada conforme os aviões passavam diretamente por cima de sua cabeça, as mãos tapando os ouvidos para se proteger do rugido ensurdecedor.

Mercedes agarrou Manuela, que abraçou Javi. Ficaram apertados naquele abraço, olhos fechados para o mundo e para a cena de pavor

que se desenrolava à volta. Mercedes sentia os ossos pontudos da mulher através da roupa. Parecia que iria se quebrar ao meio. Não tinham nada para usar como proteção e, como a maioria dos habitantes de Málaga, tão recentemente traumatizados pelo terror dos bombardeios e das rajadas de metralhadora em sua própria cidade, Manuela ficou momentaneamente paralisada pela nova investida da agressão fascista.

— Vamos sair da estrada — gritou Mercedes. — É a nossa única esperança.

Ironicamente, os únicos lugares onde podiam se esconder ao longo daquela pouco acolhedora extensão de estrada eram as crateras deixadas nos campos pelas bombas que tinham explodido antes. Muita gente se encolheu dentro delas, petrificada de medo. Os

bombardeiros tinham ao menos proporcionado alguma forma de abrigo para suas vítimas aterrorizadas.

Logo, havia corpos por toda parte, como bonecas quebradas.

Para horror e incredulidade de todos que se encontravam na estrada naquele dia, havia um método de ataque ainda mais apavorante por vir. Quando os bombardeiros terminaram seu trabalho, apareceram aviões de caça para colher sua nova leva de

vítimas. Para insuflar mais terror, metralhavam as estradas e depois as próprias pessoas. Havia clarões ofuscantes por todo lado quando as balas desenhavam duas linhas de pontos de fogo no meio da multidão aos gritos. O ataque não constituía nenhum desafio para os pilotos daqueles aviões; teriam acertado seus alvos de olhos fechados.

Mães choramingavam como bebês ao ver seus filhos sendo derrubados como pinos de boliche. Algumas tinham quatro ou cinco filhos, e não havia como lhes oferecer proteção. Mesmo assim, um atirador que mirasse com cuidado poderia eliminar diversas pessoas com uma única rajada.

Em certo momento, um avião de dois lugares passou tão baixo que Mercedes chegou a enxergar de relance o piloto e, atrás dele, o atirador. As pessoas se espalhavam, pensando que conseguiriam correr das balas, mas era inútil. O atirador podia manobrar facilmente sua metralhadora para obter máxima devastação. O rosto do piloto abria-se num sorriso à medida que ceifava pessoas.

Então, tudo se aquietou. Passaram-se minutos e os aviões não retornaram.

— Acho que agora eles se foram — disse Mercedes, tentando tranquilizar Manuela. — Precisamos seguir adiante. Não sei quando

podem voltar.

O ar estava repleto dos gemidos dos feridos e dos que choravam seus mortos. O problema para muitos seria decidir entre tentar enterrá-los e seguir caminho rumo ao refúgio em Almería. O solo estava endurecido e fazer um enterro não seria fácil, mas alguns tentaram. Outros somente cobriram os corpos com os únicos cobertores de que dispunham e prosseguiram viagem, levando consigo a culpa e a dor. Caso fosse uma mãe que tivesse morrido, seus filhos eram imediatamente adotados por outros e levados na caminhada, para longe da visão medonha do corpo inerte.

248

Nas quarenta e oito horas anteriores, Mercedes preocupara-se pensando em Javier. Não houve um único momento em que o homem que ela amava não ocupasse um ponto central em sua mente. Foi somente quando as bombas vieram explodir em volta do comboio que ela foi despertada desse devaneio. Pela primeira vez, então, Javier se afastou de sua imaginação. Até mesmo a possibilidade de seu amado estar em algum lugar no meio da reduzida multidão pareceu-lhe temporariamente não ter importância. Seu interesse principal passou a ser a segurança daquela criatura frágil, Manuela, e de seu filho Javi.

Muitos estavam mutilados, não mortos, e uma nova onda de feridos em marcha acrescentou-se ao contingente dos que tinham vindo mancando de Málaga. A viagem precisava continuar e a direção permanecia a mesma. Não havia como voltar atrás e não podiam ficar parados.

Manuela não falava. Por um momento, deu a impressão de estar paralisada de medo, mas a mão firme de Mercedes e o contato da mão do filho puxando a sua fizeram com que recobrasse a razão. Retomaram a viagem.

Nos pontos onde a estrada se virava para o mar, dava para ouvir as ondas quebrando nos rochedos. O ritmo da natureza causava esquecimento e, uma ou duas vezes, Mercedes viu pessoas deitadas numa praia e não teve certeza se estavam mortas ou vivas. Fosse como fosse, o mar as arrastaria mais cedo ou mais tarde caso não se movessem. Havia jumentos morrendo também, caídos ao lado de seres humanos. As línguas inchadas projetavam-se para fora das bocas.

No quinto dia de caminhada, houve um momento em que o sol brilhou brevemente e a água cintilou. Mercedes sentiu Javi puxando sua saia e levando-a na direção do mar. Para ele, devia ser hora de brincar, jogar pedrinhas nas ondas, molhar os dedos dos pés na

água.

A infância dele logo voltaria, mas não ainda. Seria macabro demais brincar entre cadáveres.

— Não, Javi, agora não — disse Manuela de modo brusco, pegando-o no colo.

— Vamos brincar no mar um outro dia — disse Mercedes. — Prometo.

249

Num dia em que bastava avistar um pássaro a distância para lhe despertar terror, evocando lembranças dos aviões que tinham massacrado tantos deles, Mercedes tinha apenas um objetivo: chegar a seu destino. Sua mente voltara-se novamente para Javier. Pensar nele foi o que lhe deu forças para percorrer aqueles últimos quilômetros, mas precisava de um novo plano para encontrá-lo.

Muita gente não conseguiu chegar a Almería. Havia os feridos que caíam pelo caminho, mas houve também alguns que tiraram a própria vida. Os que, como Mercedes, foram gradualmente passando para a retaguarda do exausto fluxo humano viram os corpos dos que tinham atirado em si mesmos, e dos outros que tinham se enforcado nas árvores. Haviam chegado até ali, porém o desespero finalmente os vencera. Muitas vezes Manuela teve de cobrir os olhos de Javi.

* * *

Chegando em Almería, ao ver os prédios e com a perspectiva do refúgio, Mercedes quase foi sufocada por lágrimas de alívio. Tinham andado tanto que mereciam um banquete, e o que pensou primeiro foi em ter algo para comer. Sonhara acordada com pão fresco.

A exaustão se abateu sobre muitos deles. As ruas de Almería pareciam um lugar muito seguro para dormir depois da estrada exposta e desabrigada, e o calçamento era como um colchão depois do terreno acidentado da semana anterior. A maior parte das pessoas deixou-se cair no chão, agradecida, com o que lhe restava de família, e algumas cochilavam em plena luz do dia, os prédios em volta, aconchegantes como as paredes de um quarto.

Logo que chegaram, Mercedes e Manuela entraram na fila do pão.

— Por que não volta para Granada para ficar com sua família? — perguntou Manuela quando estavam paradas juntas numa fila. — Javi e eu não queremos perder você, mas se tivéssemos outro lugar para onde ir, nós iríamos. Você não precisa ficar aqui.

Mercedes não queria voltar para Granada. Era a opção menos segura de todas. Sua família estava marcada. E Javier não estava em Granada. Este único fato determinava sua decisão. Sua única chance

verdadeira de sobreviver era ficar afastada, e a única possibilidade de ser feliz era encontrar o homem que amava. Havia grande probabilidade de ele ter sobrevivido. Javier era mais jovem e forte do que a maioria das pessoas que via ao redor de si. Se essas pessoas

tinham conseguido escapar de Málaga, ele também não poderia ter escapado?

— Metade de minha família nem está mais em Granada — Mercedes lembrou a Manuela —, e preciso continuar a procurar Javier. Se não procurar, nunca vou encontrá-lo, não é?

Javi estava desenhando no chão com um graveto, fazendo um zigue-zague na terra, indiferente à conversa entre elas. Mercedes olhou para o topo da cabeça dele e acariciou-lhe o cabelo escuro. De cima, só via as pestanas compridas e o pequeno nariz. Pegou-o no colo e fez um carinho no rosto macio. Mesmo depois de todos aqueles dias sem banho, a pele do menino mantinha a suavidade. Segurá-lo era imensamente reconfortante.

— Bem, sabe que gostamos muito que fique conosco, não sabe?

— Sei, sei…

Não queria ser grosseira, mas seu único desejo agora era encontrar Javier. Uma mulher cujo cadáver vira pendurado numa

árvore quilômetros atrás perdera os objetivos. Mercedes, não.

Depois de ajudar a instalar Manuela e Javi com segurança na entrada de uma loja fechada com tapumes onde os três dormiriam pelo menos a noite seguinte, ela saiu para explorar os arredores. Parava as pessoas repetidamente para perguntar se tinham visto Javier, e tirou do bolso a fotografia dele uma centena de vezes. Uma ou duas vezes, encontrou alguém que achava tê-lo visto. O violonista era bastante conhecido em Málaga, e várias pessoas afirmavam tê-lo encontrado antes de fugir, embora não o tivessem mais visto desde então. A certa altura, encheu-se de esperanças quando alguém mencionou prestativamente ter acabado de ver passar um homem com um violão. Mercedes seguiu apressada na direção que lhe indicavam e logo avistou as costas da pessoa descrita. Seu coração quase parou. Ao ver a silhueta esguia de um homem carregando a caixa muito gasta de um violão, correu atrás dele. Chamou e o homem se virou. Mas percebeu que não tinha a menor semelhança com Javier. Viu-se frente a frente com um homem de mais de cinquenta anos. Desculpou-se e deixou-o se afastar. Lágrimas de decepção quase a sufocaram.

Voltou para onde estavam seus companheiros. Apesar de sua pequena quantidade de pertences, tinham montado em torno de si

um lar organizado, ainda que aberto na frente. Javi já adormecera,

esparramado no colo da mãe. Manuela cochilava, a cabeça apoiada na moldura da porta atrás dela. Pareciam serenos, os dois juntos.

Mercedes saiu perambulando para ver se encontrava mais alguma comida para todos. Entrou em duas filas, só para se desapontar ao ver que o que quer que estivesse sendo vendido acabara antes que chegasse a sua vez. Conseguir uns poucos gramas de lentilhas no final de uma terceira fila foi um triunfo.

Almería fora outrora uma bela cidade, mas Mercedes estava cansada demais para apreciar e não prestou nenhuma atenção ao caminho que percorrera. Depois de ter entrado em algumas filas, perdeu a noção do tempo. Não tinha relógio, e o céu da tarde sem sol não lhe fornecia nenhuma indicação. Talvez tivesse se afastado por cerca de duas horas.

Quando se preparava para voltar para o centro da cidade, ouviu o som distante de uma sirene e logo em seguida o baque seco de uma explosão, depois outra, mais perto dessa vez. Um avião prateado e brilhante passou no alto. Ali também, não! Será? Seu abrigo seguro durara muito pouco.

Mais perto da praça principal, sentiu cheiro de queimado e

pressentiu o caos ao dobrar a esquina e verificar que ia contra a corrente, tal como no dia em que encontrou a procissão fugindo de Málaga. Dessa vez, precisava abrir caminho a qualquer custo. O pânico cresceu dentro dela. Desde que saíra de Granada, nunca sentira tanto medo. Estava ainda mais apavorada do que quando tinha sofrido o bombardeio com os outros na estrada. A multidão em fuga a levava de roldão para longe, de volta para a direção de onde viera, mas ela lutou contra eles, abrindo caminho para alcançar a beira da rua a fim de parar e esperar que a debandada de gente passasse.

Afinal, a primeira onda passou e então vieram as vítimas.

Algumas apoiando-se em alguém, outras sendo carregadas, outras sem vida. Um desfile silencioso de abalar os nervos. Todas acabaram passando e, a não ser por uns poucos transeuntes esparsos, zonzos e cobertos de pó da alvenaria que caíra, a rua ficou quieta de novo.

Mercedes tremia de medo. Apesar de ter imaginado o que veria quando dobrasse a esquina e entrasse na praça, sua angústia não foi menos intensa ao se deparar com a realidade.

Um lado inteiro da praça fora bombardeado de modo irrecuperável, todos os prédios tinham desmoronado. Nenhum muro ou coluna ficara de pé. Era uma confusão de ferragens, molduras de

portas e janelas retorcidas e madeira enegrecida pelo fogo. Tudo estava carbonizado e reduzido a escombros. Mercedes lembrou-se de que a loja que servira de casa para Manuela ficava na esquina mais distante, e avistou o espaço vazio que ocupara antes.

— Santa Maria, Mãe de Deus… Santa Maria, Mãe de Deus… — murmurou entre lágrimas. Atravessou a praça depressa e reconheceu nos restos queimados os fragmentos da loja verde e comprida onde vira seus amigos pela última vez. Nada mais restava ali exceto paredes caídas e vigas torcidas de metal.

Mercedes deteve-se imóvel. A ausência das duas pessoas que conhecera brevemente mas às quais se apegara tanto abriu um grande vazio dentro dela.

Alguém veio por trás e bateu de leve em seu braço.

Sobressaltada, virou-se. Manuela!

Mas não era Manuela, e sim uma mulher idosa.

— Eu os vi. Sinto muito. Não tiveram chance de escapar quando aquela viga caiu.

Se o seu abrigo estava próximo do centro do impacto — e a cratera ali perto indicava isso — talvez eles não tivessem sofrido. Foi esse o primeiro pensamento de Mercedes. Javi, pelo menos, devia

estar dormindo profundamente. Esperava desesperadamente que tivesse sido assim.

— Eram parentes seus?

Mercedes meneou a cabeça. Estava completamente incapaz de falar. De qualquer maneira, não haveria nada a dizer, mesmo que a garganta contraída tivesse permitido. Ficou apenas parada ali, olhando atordoada para o local onde seus amigos tinham estado. Mais de dez pessoas haviam sido mortas naquele único ataque. Muito poucas, entre as vítimas, eram moradores de Almería; a maioria era formada por aqueles que, como Manuela e Javi, tinha percorrido duzentos quilômetros a pé para vir morrer numa cidade estranha. Os bombardeiros fascistas tinham sido eficientes. Sabiam que as ruas estariam apinhadas de refugiados, alvos perfeitos no espaço aberto, indefesos.

Mercedes olhou em volta, viu uma mulher de pé no meio das ruínas de sua casa. Presenciara o desmoronamento e agora catava em vão seus bens pessoais entre os restos de madeira queimada e corrimãos arrancados que tinham estado no piso superior da casa.

Se não recuperasse o que fosse possível naquele momento, nada ficaria ali por muito tempo. Havia muita gente desesperada e carente

disposta a vasculhar propriedades abandonadas e perigosas. Mercedes considerara que tivera sorte por ter escapado das metralhadoras, granadas e bombas aéreas durante a longa caminhada. Perguntou a si mesma por que teria sido poupada também naquela derradeira matança.

Nos bolsos de seu casaco encontravam-se as suas únicas posses naquele momento: num deles, um saco de lentilhas e metade de uma bisnaga; no outro, seus sapatos de dança.



CAPÍTULO 23

Vários dias depois de saírem de Granada, Antonio e seus amigos alcançaram os arredores de Madri, chegando pelo lado leste, controlado pela milícia republicana. A visão do que acontecera à capital foi atordoante, e os prédios bombardeados, ocos, despertaram-lhes raiva. Conforme o caminhão passava, crianças

pequenas olhavam para eles e acenavam, as mulheres erguiam o punho fechado, no gesto típico dos republicanos. A chegada de qualquer novo apoio republicano renovava a esperança de que os fascistas pudessem ser mantidos fora de sua cidade.

Na fila para se alistar na milícia, junto a homens com quem tinham viajado, obtiveram mais informações sobre a situação da capital.

— Pelo menos, as rações estarão garantidas se nos alistarmos — disse um de seus companheiros. —Estou louco para fazer uma refeição decente.

— Se eu fosse você, não teria tantas esperanças — disse um outro. —Não deve haver muita coisa sobrando por aqui…

Desde setembro, Madri estava cheia de refugiados. Muitas das cidades dos arredores haviam sido capturadas, e seus habitantes aterrorizados tinham corrido para a capital, inchando a população em muitas vezes o seu tamanho habitual. A capital estava rodeada pelo inimigo, mas o cerco não era tão apertado que não pudesse ser rompido, mantendo assim a crença dos cidadãos numa possível liberdade. As pessoas em Madri e os milhares de refugiados com seus bens amarrados em trouxas esfarrapadas esperavam que aquela situação terrível logo chegasse ao fim. Não podiam viver de pão e

feijão para sempre.

255

No último mês de novembro, o otimismo em Madri fora abalado. Mais de vinte e cinco mil soldados nacionalistas tinham se instalado nos subúrbios do oeste e do sul, e poucas semanas depois receberam reforços de tropas vindas da Alemanha. O povo faminto de Madri sentia o cerco se apertando em torno de si e, com a comida mais escassa a cada dia, os cintos se apertaram também.

Circularam rumores de que o governo republicano se transferira de Madri para Valência. Nos escritórios governamentais abandonados, papéis esvoaçavam em escrivaninhas vazias e retratos montavam guarda em corredores desertos. Pássaros entravam por janelas entreabertas e agora havia pingos claros de excremento nas cadeiras de couro preto. A mudança era supostamente temporária. Os armários de arquivos continuavam parcialmente ocupados e paredes com estantes cheias de livros permaneciam intocadas, a poeira já se acumulando em suas lombadas finamente gravadas e ao longo das belas molduras dos lambris de madeira. As janelas altas impediam a população de espiar o interior dessas salas silenciosas, mas podiam imaginá-las, e algumas pessoas estavam dominadas pelo desespero.

A maioria dos madrilenhos, porém, percebeu que a ausência de seu governo não significava que a cidade devia se render a Franco, e uma nova onda de determinação tomou conta deles. Homens, mulheres e crianças juntaram-se à luta e, desde o começo, lutar foi o que fizeram, com crianças pequenas levando mensagens para o front e algumas mulheres corajosas trocando as vassouras pelos fuzis.

Os temores do agora ausente governo, de os fascistas estarem prestes a entrar em Madri, não se concretizaram de imediato. Franco ficou retido em Toledo e, enquanto isso, chegou finalmente a ajuda da União Soviética, assim como voluntários antifascistas do mundo inteiro. Com os comunistas, que se haviam mostrado prontos para assumir a defesa da cidade quando o governo partira, essas Brigadas Internacionais contribuíram para a defesa da cidade.

— *Salud!* — gritavam.

— *Salud!* — respondiam os estrangeiros.

Não existia uma língua comum, mas esse gesto de solidariedade e uma única palavra eram compreendidos por todos.

Antonio viu-se conversando com um homem que era pai de sete filhos.

— Até recentemente, podíamos deixar as crianças brincarem nas

ruas. Às vezes, a vida parecia bastante normal durante algumas horas — declarou ele, com ar pesaroso. — Agora, tudo está mudando.

Antonio olhou em volta e viu nos prédios as cicatrizes feitas pelos tiros de morteiros e as superfícies picotadas de furos de balas. Os tiroteios frequentes e a explosão das bombas instilavam pânico e desordem. Antonio deduziu que obviamente a doçura da vida normal, em que as pessoas tinham as coisas como certas, fora levada embora e substituída pela sensação constante de frio na barriga causada pelo medo. Cartazes de propaganda para elevar o moral da população descascavam das paredes, tão esfrangalhados quanto as esperanças.

— Pode imaginar a alegria das crianças nos primeiros dias em que não puderam ir para a escola — continuou o pai.

As crianças já ansiavam pela velha rotina, assim como suas mães. Suas vidas bem organizadas eram como carroças de frutas que, antes arrumadas com capricho, agora tinham sido viradas para baixo e seu conteúdo espalhado na sarjeta.

Nas ruas, ansioso para lutar por seu povo, Antonio constatou como aquela enganosa aparência de normalidade se tornara crucial. Entre os ataques aéreos, meninos engraxates ainda podiam ganhar seu magro sustento. Mães e avós andavam pela rua com seus

melhores trajes de inverno, os filhos vestidos com casacos de golas de veludo vindo muito atrás ou correndo na frente para aborrecer os mais velhos. Homens de chapéu de feltro e cachecol envolvendo o pescoço para se protegerem das rajadas de vento de fevereiro às vezes saíam para dar uma volta à noite. Durante os tempos de paz, poderia ter sido a hora do *paseo* de um dia comum.

Ao soar da sirene, as mulheres apertavam a mão das crianças e, quando eram muitas para tomar conta, estranhos se detinham para ajudar. A grande tentação era levantar os olhos para o céu a fim de ver os aviões e até assistir à batalha que podia começar entre eles. As crianças agiam assim por instinto e muitas eram puxadas relutantemente para a escuridão do metrô, para se esconderem antes que as bombas caíssem silvando em torno delas. Em épocas anteriores, o metrô havia sido um meio de ir de um ponto a outro da cidade. Agora, para alguns, as plataformas das estações tinham se transformado em local de abrigo e, para outros, até mesmo num lar permanente.

257

Por fim, apavorados com o que estava acontecendo lá em cima mas receando ficar tempo demais embaixo, as pessoas subiam para a claridade do dia e saíam numa rua onde os prédios tinham sido

dissecados como bolos cortados com uma faca de trinchar. Revelavam-se cortes transversais perfeitos de casas requintadas, cujos prezados interiores agora estavam expostos à visão de todos. Travessas e pratos teimosamente inteiros esperavam para serem usados, embora seus donos pudessem estar mortos.

Olhos esquadrinhavam a privacidade de estranhos, vendo roupas adejando à brisa, camas prontas desfeitas pelo vento, uma mesa de jantar oscilante numa beirada, a toalha xadrez ainda presa por um vaso de flores artificiais, quadros enviesados, estantes vazias, seu conteúdo despejado pelo chão, um relógio tiquetaqueando e medindo a passagem do tempo até a explosão da próxima bomba ou até aquele prédio de apartamentos ser demolido por medida de segurança. Havia sempre um espelho pendurado na parede do fundo, refletindo a destruição. Em alguns lugares, só as fachadas dos edifícios permaneciam de pé, frágeis como cenários baratos de cinema.

Em seu primeiro dia na cidade, o trio vindo de Granada foi envolvido pelo caos de um desses ataques aéreos e quase sufocou com a poeira das paredes despedaçadas, que só assentava muito tempo depois de todos terem saído da claustrofobia dos abrigos subterrâneos sem ar.

Ao chegarem a Madri, o período mais frio daquele inverno já terminara, mas a fome continuava. O reclamar constante de um estômago vazio bastava para incentivar alguns homens a se juntarem à milícia, já que isto significava ao menos a promessa de rações, e, quando Antonio entrou na fila com seus amigos para se alistar, deu-se conta de que também estava na expectativa de um prato de comida decente. Havia dias que não comiam outra coisa além de uma tigela de lentilhas aguadas.

A disposição de espírito em Madri era muito diferente da de Granada, onde havia tantas regras restritivas novas. Na capital, notava-se uma atmosfera quase revolucionária, descontraída, informal e até sensual em comparação com a outra cidade. Os hotéis haviam sido ocupados pelos soldados, muitos dos quais nunca tinham visto painéis de madeira tão grandiosos nem dourados tão elegantes. Os edifícios propriamente ditos estavam rachados como porcelana velha.

Os estrangeiros eram novidade para os granadinos. Apreciavam a camaradagem com estrangeiros de países que nem podiam imaginar, mas achavam curioso que seu conflito particular fosse agora encenado em palco aberto.

— Por que motivo vocês acham que eles estão aqui? — perguntava Francisco a seus amigos, atônito com a presença dos estrangeiros. — Sabem tão bem quanto nós o que vai acontecer se Franco invadir esta cidade.

— Eles detestam o fascismo tanto quanto nós — respondeu Antonio.

— E se não ajudarem a impedir que entre em nosso país, vai se espalhar e chegar aos deles — acrescentou Salvador.

— É como uma doença — disse Antonio.

As Brigadas Internacionais estavam ávidas por ação e pouco temerosas do que pudesse lhes acontecer. O povo de Madri não poderia ter desejado amigos melhores.

Era a primeira noite de Antonio e seus companheiros na cidade coberta de cartazes, um lugar maior e mais sofisticado do que aquele em que tinham crescido. Os três estavam sentados no bar de um dos velhos hotéis quando Antonio se viu refletido no espelho antigo que revestia as paredes atrás do balcão. Apesar da imagem turva, os rostos deles pareciam felizes e relaxados, como se fossem apenas três rapazes que tivessem saído para uma noitada, despreocupados, as camisas ligeiramente amarrotadas, os cabelos alisados para trás, um pouco bêbados. A claridade difusa do ambiente e os tons de sépia

favoreciam-nos e disfarçavam as sombras fundas sob seus olhos, encovados de fome e exaustão.

Antonio perdeu o interesse no próprio reflexo. Sua atenção foi atraída por um grupo de moças que conversava parado à porta. Enquanto ele as observava apenas pelo espelho, elas se mantiveram à vontade, sem constrangimentos, mas ele sabia que isto mudaria assim que soubessem que eram notadas.

Cutucou Salvador de leve com o cotovelo e percebeu que ele também ficara fascinado. Depois de dias amontoados num caminhão como gado e diante da perspectiva da batalha, a sedução daquelas mulheres era quase irresistível.

Aquelas moças estavam entre as poucas pessoas da cidade para quem a vida melhorara com o conflito. Desde a chegada do primeiro regimento de milicianos até agora, e, ainda por cima, todos aqueles

rapazes de países estrangeiros, os negócios tinham prosperado muito. A demanda superava grandemente a oferta, e, embora houvesse mulheres que em tempos de paz teriam preferido morrer a vender seus corpos, algumas agora estavam famintas demais e acomodavam-se às circunstâncias.

Quando as três moças se encaminharam para o bar meneando

os quadris, Francisco virou-se e sorriu. Ele também as estava observando. Traziam consigo o cheiro enjoativo de perfume barato que era mais embriagante para aqueles jovens do que a melhor fragrância parisiense usada pelas mulheres chiques de Granada. A conversa teve início e as mulheres se apresentaram como dançarinas. Talvez o tivessem sido um dia. Vieram bebidas e o bate-papo continuou, com todos gritando acima do som de uma centena de outras vozes e da música insistente de um acordeão, cujo executante circulava entre as mesas. Mas havia somente uma coisa na cabeça de todos eles, e em menos de uma hora estavam num bordel desmantelado a algumas ruas dali, bêbados de conhaque ordinário e sucumbindo ao poderoso anestésico do sexo.

* * *

Na manhã seguinte, renovados após o mais profundo dos sonos, os amigos de Granada foram despachados para a linha de frente. A batalha de Jarama, a sudoeste de Madri, a essa altura já durava dez dias. Era onde aqueles rapazes queriam estar e a razão por que tinham ido para lá. Antonio não temia os estampidos dos tiros de fuzil, nem o baque seco das bombas caindo perto, nem o gemido fundo da implosão dos edifícios. Os granadinos agora faziam parte oficialmente da milícia sem treinamento com a qual tinham viajado

do sul até a capital. A República perdera uma parte tão grande de seu Exército treinado que recebia de braços abertos qualquer um que se dispusesse a lutar como eles. Seu entusiasmo e inexperiência obscureciam até a ideia da morte — que mal lhes entrava na cabeça —, e eles posavam com os outros soldados para fotografias alegres que provavelmente nunca chegariam em suas casas.

Em Jarama, as tropas nacionalistas visavam tomar a estrada principal que ia para Valência e surpreenderam os republicanos com um ataque em 6 de fevereiro. Com o apoio dos tanques e aviões alemães, e quarenta mil soldados, inclusive muitos legionários estrangeiros, os mais impiedosos de todos, Franco iniciou sua ofensiva. Antes que os republicanos tivessem tempo de se organizar, colinas e pontes estratégicas haviam sido tomadas. Os tanques soviéticos retardaram um pouco o avanço, mas os nacionalistas

tinham começado a ir em frente e o lado republicano já havia sofrido perdas enormes quando os granadinos chegaram.

Assim que alcançaram o local do combate, os três esperavam entrar em ação imediatamente. Parados junto do caminhão que os trouxera, examinaram a paisagem. Não se assemelhava muito a um campo de batalha. Avistaram vinhedos organizados e fileiras de

oliveiras, colinas baixas e moitas de tojo e de tomilho selvagem.

— Não parece haver muitos lugares que ofereçam cobertura… — comentou Francisco.

Ele estava certo e, antes que tivessem oportunidade de usar seus fuzis, viram-se fazendo parte de uma equipe designada para cavar trincheiras. Uma pilha de portas velhas havia sido resgatada dos escombros de uma aldeia vizinha, e utilizaram-nas para reforçar as paredes da trincheira. Francisco e Antonio trabalhavam juntos, de pé dentro da vala, enquanto os outros, do alto, lhes passavam as portas. Muitas conservavam ainda suas maçanetas de latão liso; em outras, distinguia-se um número pintado, a tinta desbotada.

— Fico imaginando o que terá acontecido com as pessoas que moravam atrás desta aqui — refletia Antonio. A porta preservara um dia a privacidade de seus donos, mas agora a casa devia estar exposta ao tempo.

Mergulhados nos bosques de oliveiras da colina situada acima do rio Jarama, eles esperavam pelo primeiro gostinho de luta. Àquela altura, já haviam cavado trincheiras além da conta, e o conflito não lhes proporcionara nada além de tédio. Se a umidade do solo já era ruim o bastante durante o dia, à noite não os deixava dormir, e foi lá que pela primeira vez apanharam os piolhos que iriam atormentá-los

por muitos meses ainda. A inevitável e contínua necessidade de se coçar, tanto de dia quanto de noite, era torturante.

— Quanto tempo ainda acha que vai levar? — resmungou Antonio.

— O quê?

— Isto. Ficar aqui sentado. Esperando. Sem fazer nada.

— Só Deus sabe… Mas não podemos fazer as coisas acontecerem.

— Estamos *à toa* há dias. Não aguento mais. Era mais útil em Granada. Não sei se vou querer ficar por aqui.

— Bem, vai ter de ficar. Seus próprios companheiros vão atirar em você se tentar ir embora. Então, nem pense nisso.

Jogar baralho e escrever cartas para os familiares só os mantinha ocupados por pouco tempo.

— Acho meio inútil escrever cartas — desabafou Antonio, num tom sombrio, estranho à sua maneira de ser — quando a pessoa para quem se está escrevendo pode nem estar mais viva quando a carta chegar.

Estava endereçando a carta à sua tia Rosita, na esperança de que ela pudesse guardá-la para Concha. Seria muito incriminador

mandar uma carta diretamente para a mãe. Esperava que ela estivesse bem e gostaria de saber se teria ido visitar o pai. Rezava para que Mercedes tivesse encontrado Javier ou voltado para casa. Não era seguro uma moça de dezesseis anos andar sozinha.

— Nem sei se minha mãe está viva — disse Francisco, dobrando uma folha de papel pronta para ser enviada —, e quando ela receber isto eu posso já ter morrido. De tédio.

Antonio tentou animar o amigo, embora ele próprio se sentisse igualmente frustrado. A espera estava deixando-os todos loucos. Ainda que os períodos de inatividade deixem uma sensação de intemporalidade, nunca duram para sempre e, como era de esperar, a luta logo recomeçou. Daí a um ou dois dias, os três estavam na linha de frente, onde o incessante rá-tá-tá das metralhadoras, o retumbar dos canhões e os gritos de "*Fuego!* " logo substituíram o enfado.

Subitamente, receberam ordens de assumir o controle de um cume próximo. Enquanto cavavam na base da elevação, diversos batalhões de soldados nacionalistas surgiram acima da borda da colina e investiram na direção deles. No momento em que quase dava para enxergar o branco dos olhos dos inimigos, foi dada a ordem de disparar. Alguns fugiram em busca de abrigo, outros foram

massacrados. As metralhadoras silenciaram brevemente para substituição das cintas de munição, mas as rajadas de disparos dos nacionalistas prosseguiram por alguns minutos. Foi dada uma ordem a dezenas de soldados republicanos, inclusive Antonio, para avançar em direção ao cume, onde estariam bem posicionados para atirar nos nacionalistas, mas a artilharia pesada os fez recuar. Um soldado perto de Antonio foi dilacerado. Seu sangue respingou em todos que estavam a metros de distância e, através da fumaça,

Antonio tropeçou em outro corpo que estava estirado em seu caminho, pernas e braços abertos. Sem saber se o homem estava vivo ou morto, Antonio carregou-o de volta para a base. Só metade da unidade sobreviveu naquele dia. Foi uma introdução brutal à realidade do conflito. A imagem dos corpos destroçados assombrou-o durante a noite.

Os nacionalistas, determinados em expulsar os republicanos, continuaram seu ataque a algumas últimas posições estratégicas. Houve enorme quantidade de baixas, inclusive muitas entre os grupos idealistas das Brigadas Internacionais, alguns dos quais nunca haviam segurado um rifle na vida. As armas deles costumavam ser pouco confiáveis, velhas e antiquadas, com gatilhos

emperrados e munição inútil. Milhares deles agora jamais iriam praticar usá-las pois haviam morrido em poucas horas. Numa única tarde, Antonio contou dezenas deles que tinham morrido num ataque não muito distante do local onde se encontravam. Seu sacrifício parecia completamente vão.

O rumo da batalha mudou quando os aviões soviéticos entraram em ação e começaram a impedir os nacionalistas de protegerem suas forças. Os bombardeiros nacionalistas foram afastados pelos aviões de combate soviéticos.

No final de fevereiro, a batalha estava encerrada. Ambos os lados tinham sofrido perdas enormes, mas os nacionalistas só tinham avançado alguns quilômetros. Cada centímetro de poeira conquistado custara-lhes muitas vidas. Como equação matemática, não fazia nenhum sentido, mas, em termos de moral, aumentou a confiança dos republicanos. A paralisação foi vista por eles como triunfo no conflito.

Francisco não a encarava como triunfo.

— Perdemos milhares de combatentes e eles também. E eles ainda avançaram mais um pouco — argumentava.

— Mas não muito, Francisco — lembrava Salvador.

— Tudo isso é uma confusão desgraçada, é o que acho —

concluiu Francisco, irritado.

Ninguém podia discordar dele. Uma “confusão desgraçada” era precisamente do que se tratava.

* * *

263

Voltaram a Madri por um curto período. Lá, ainda era possível cortar o cabelo, fazer a barba, conseguir roupas limpas e até dormir numa cama confortável. A vida ali continuava normal, apesar da ameaça dos ataques aéreos. Uma ou duas vezes, ouviram dizer que a lendária líder comunista Dolores Ibarruri estava no bairro e juntaram-se a uma multidão que se formava para escutá-la. A figura incansável, de Ibarruri, sempre vestida de preto, conhecida por todos como “La Pasionaria”, era vista com frequência nas ruas de Madri. Nunca deixava de reacender o entusiasmo dos desanimados.

Quando Antonio divisou pela primeira vez seu rosto de traços cinzelados, foi como se inalasse uma lufada de ar puro. Todos haviam muitas vezes escutado a voz dela pelo rádio ou quando era transmitida pelos alto-falantes móveis que percorriam a linha de frente, mas a pessoa de verdade possuía uma certa majestade que a voz sozinha não comunicava. A presença física da mulher era extraordinária, e sua força e seu carisma imensos irradiavam-se pela

praça inteira.

Num gesto inconsciente, natural às mulheres espanholas, ela juntou as duas mãos. Primeiro, dirigiu-se às mulheres, recordando-lhes o sacrifício que precisavam fazer.

— Prefiram ser viúvas de heróis a mulheres de covardes! — exclamava, persuasiva, o timbre forte de sua voz ressoando por cima das cabeças da multidão silenciosa.

A mulher em carne e osso inspirava todos. Precisavam, todos eles, ser tão fortes quanto ela.

— *No pasarán!* — bradava ela. — Eles não passarão!

— *No pasarán!* — o povo entoava. — *No pasarán! No pasarán!*

Sua sincera convicção os incentivava. Enquanto estivessem de pé, prontos para opor resistência, os fascistas nunca entrariam em sua cidade, e o punho fechado da Pasionaria socando o ar reforçava a crença de que isso jamais poderia acontecer. Muitos desses homens e mulheres estavam exaustos, desiludidos, temerosos, mas ela os fazia acreditar que valia a pena continuar lutando.

Salvador absorveu o magnetismo dela e a calorosa reação do povo reunido. Ibarruri estava longe demais para que ele pudesse ler seus lábios, mas assim mesmo prendera sua atenção.

— É melhor morrer de pé do que viver de joelhos! — exortava-os.

Não havia homem, mulher ou criança que ficasse impassível.

264

Quando terminou o discurso, as pessoas se dispersaram.

— Ela é inspiradora, não é? — comentou Antonio.

— É mesmo — concordou Francisco —, é uma mulher extraordinária. Faz a gente realmente acreditar que é possível.

— E tem razão — disse Antonio. — Vocês não podem deixar de acreditar nisso.

265



CAPÍTULO 24

Durante alguns dias, Mercedes perambulou sem rumo pelas ruas de Almería. Agora não conhecia mais ninguém na cidade. De vez em quando, via de relance um rosto familiar, mas constatava ser apenas alguém que vira na estrada de Málaga. Não eram amigos, somente outras pessoas iguais a ela, todas no lugar errado, ainda de pé,

arrastando-se de uma fila para outra.

Para os que possuíam família, ficar em Almería era a única opção, pois o esforço de se deslocar outra vez estava além de qualquer possibilidade. Para Mercedes, permanecer ali era a opção que menos lhe agradava. Ficava numa rua onde muitos outros refugiados também se deixavam ficar, todos estranhos uns aos outros e àquela cidade. Não podia imaginar continuar ali. Era a única certeza, de modo que estava diante de uma decisão.

A mais fácil seria voltar para casa, para Granada. A preocupação com a mãe tomou conta dela, e sentiu uma onda de culpa por não estar lá. Também sentia falta de Antonio e pensava que ele devia estar fazendo o possível para consolar a mãe. Talvez o pai tivesse sido solto. Se ao menos houvesse um jeito qualquer de descobrir. Sentia uma falta desesperadora do El Barril e do apartamento simples e aconchegante em cima dele, onde cada degrau escuro e peitoril de janela era tão familiar. Permitiu-se por um momento recordar algumas das coisas que amava em sua casa: o doce e indefinido perfume de sua mãe, a luz fraca que lançava uma leve claridade amarelada na escada, o odor almiscarado de seu próprio quarto, a espessa camada de tinta marrom das portas e caixilhos das janelas, sua velha cama de madeira com o pesado cobertor de lã

verde que a aquecera por mais tempo do que conseguia lembrar. Uma saudade intensa tomou conta dela. Todas as pequenas coisas reconfortantes pareciam muito remotas naquele lugar estranho e

destroçado. Talvez esses detalhes da vida fossem de fato o que mais importava.

Depois, pensou em Javier. Rememorou a primeira vez que o viu e como sua vida mudou naquele instante. A recordação do momento em que ele levantara do violão os olhos límpidos, de pestanas escuras, e olhara na direção dela no meio da plateia era muito vívida. Ele não a vira na ocasião mas ela se lembrava do efeito do olhar dele. Como se esse olhar transmitisse calor e ela se derretesse sob sua intensidade. Depois de sua primeira dança para Javier, cada encontro subsequente fora como atravessar um rio pisando uma pedra de cada vez, cada uma levando-a para mais perto da outra margem, onde ela presumira que jamais estariam separados. O desejo de estarem juntos fora mútuo, apaixonado e absoluto. Estar separada de Javier era como sentir uma dor surda e permanente que não passava nunca. Uma doença.

Um dia, mais ou menos uma semana depois da morte de Manuela, a discreta porta de uma igreja do outro lado da rua

chamou a atenção de Mercedes. Talvez a Virgem a ajudasse a decidir que direção tomar.

Por trás da entrada maltratada encontrava-se um interior em estilo barroco grandioso, mas não foi isto o que a surpreendeu, já que muitas igrejas possuíam portas em ruas laterais que passavam despercebidas e que não correspondiam à imensidão dos interiores escondidos atrás delas. O que realmente a impressionou foi a quantidade de pessoas que havia lá dentro. Aparentemente, não tinham entrado em busca de segurança. Não existia proteção divina para edifícios religiosos naqueles tempos turbulentos. As igrejas eram tão vulneráveis quanto qualquer outro lugar, sendo destruídas pelo ar por aviões nacionalistas ou queimadas até o chão pelos partidários da República. Muitas naves e corredores estavam agora expostos às intempéries, e os pontos mais altos de púlpitos e órgãos serviam de apoio para ninhos de pássaros.

Apesar de terem perdido a fé, homens e mulheres procuravam segurança e calor na igreja aberta. Alguns vestígios do que a religião significara um dia voltaram à memória de Mercedes, e no entanto tinha a impressão de que havia decorrido uma vida desde que ia todas as semanas confessar seus pecados, e décadas desde o dia de sua primeira comunhão. Velas tremeluziam diante de um ícone de

Maria e os olhos da Santa Virgem encontraram o olhar de Mercedes. A Ave-Maria havia sido uma fórmula encantatória que costumava fluir de dentro dela como a água de uma torneira. Agora resistia à

tentação de recitá-la toda. Seria uma hipocrisia. Não acreditava. Aqueles olhos que tinham encontrado os seus não passavam de tinta a óleo numa tela, de uma combinação de produtos químicos. Deu-lhe as costas e se afastou, o cheiro de cera ainda pairando em suas narinas. Quase invejava os que conseguiam encontrar consolo num lugar como aquele.

Em torno da curva da abside, camadas sucessivas de querubins iam até o céu. Alguns deles contemplavam a congregação com um sorriso malicioso. Abaixo deles, estava sentada a Virgem, com o Cristo inerte em seus braços. Mercedes examinou-a com atenção, procurando alguma mensagem ou significado, mas notou que sua expressão nem de longe captava toda a dor da mulher que vira na estrada de Málaga poucos dias antes: a mãe que, como Maria, acalentava o cadáver do filho. Obviamente, o pintor daquela *pietà* nunca presenciara a situação real. Sua interpretação do sofrimento sequer se aproximava da realidade. A imagem parecia um insulto ao luto. Em todas as pequenas capelas laterais viu representações

vulgares de sofrimento e angústia e, de cada parte do teto, anjos corpulentos olhavam para baixo, sorridentes.

Ao se afastar do altar, viu-se frente a frente com uma Virgem Maria de pé, em tamanho natural e feita de gesso. Lágrimas de vidro brilhavam em seu rosto liso, os olhos fortes, azuis, os cantos da boca ligeiramente virados para baixo. Fitava Mercedes através das grades fechadas de uma capela, encarcerada junto a um pequeno vaso de flores de papel desbotado. Outros podiam projetar suas esperanças e sonhos naquelas figuras e acreditar que encontravam consolo, se não respostas definitivas, mas Mercedes achava absurdo aquele simbolismo encenado.

Os devotos estavam ajoelhados nos degraus de todas as capelas laterais ou sentados com a cabeça baixa no corpo central da igreja. Todos pareciam estar em paz e ainda assim Mercedes fervia de raiva.

— De que serviu Deus até agora? —teve vontade de gritar para quebrar o silêncio reverente que reinava naquele espaço imponente.

— O que Ele fez para nos proteger?

Na realidade, a Igreja agira contra eles. Vários atos dos nacionalistas contra a República tinham sido cometidos em nome de Deus. Apesar disso, Mercedes constatava nitidamente que muitos cidadãos de Almería ainda mantinham a crença de que a Virgem

Maria iria ajudá-los. Para aqueles cujos lábios se moviam em orações e súplicas embora não esperassem realmente respostas, aquele lugar

de fato ainda proporcionava consolo, mas para Mercedes, que entrara ali em busca de orientação, tudo agora parecia risível. Os santos e mártires, com o sangue pintado e os estigmas teatrais, um dia tinham sido parte de sua vida. Agora ela via a Igreja como uma fraude, um armário com excessivos acessórios de palco.

Sentou-se num banco por algum tempo, vendo as pessoas indo e vindo, acendendo velas, murmurando preces, contemplando imagens, e teve curiosidade de saber o que estariam sentindo. Será que uma voz respondia quando rezavam? Se respondia, será que era ouvida imediatamente ou apenas no dia seguinte, quando elas menos esperavam? Aquelas figuras de santos de olhos gelados realmente se tornavam para elas seres de carne e osso? Talvez sim. Era possível que aquelas pessoas, de olhos suplicantes marejados de lágrimas, de mãos juntas tão apertadas que os nós dos dedos ficavam brancos, estivessem sinceramente envolvidas com algo além da compreensão dela, algo sobrenatural. Algo que ela não conseguia assimilar com a mente nem sentir com o coração.

Não existia mão divina. Disso agora tinha certeza. Por um

instante, pensou em rezar pelas almas de Manuela e de seu menino. Pensou neles, inocentes, inofensivos, e o extermínio de ambos só aumentou sua convicção de que Deus não existia.

Percebendo que não tinha fé nem crença para ajudá-la, concluiu que precisaria tomar sua decisão sozinha. Naquele momento, a imagem de Javier, mais bonito do que qualquer um daqueles belos santos pintados a óleo, veio-lhe à mente. Era raro que se passassem minutos sem que ele lhe ocupasse os pensamentos. Para os devotos, talvez o enorme espaço da imaginação fosse preenchido por Deus. Em Mercedes, esse espaço era preenchido por Javier. Venerava-o de corpo e alma e acreditava que ele o merecia.

O calor no interior da igreja, a penumbra e o cheiro forte e acre das velas mantinham-na envolvida num abraço; imaginava que o conforto físico já bastasse para atrair as pessoas e mantê-las dentro da igreja. Também seria fácil para ela continuar sentada ali, mas o ambiente abafado tornara-se opressor e ela precisava sair para tomar ar.

A rua lá fora estava silenciosa. Um cão desesperado revirava o lixo. Outro perseguia as páginas de um jornal que adejava como um pássaro sujo lutando para voar. Os dois olharam para Mercedes por um segundo, desconfiados e com expressão de muita fome. Os

animais provavelmente não comiam havia dias. Em outros tempos,

deviam sobreviver dos restos generosos das lixeiras de restaurantes, mas agora não havia nada para eles, nem mesmo uma ou outra carcaça.

Sabia agora com uma certeza cega o que qualquer pessoa que já sentiu a força arrebatadora do amor correspondido seria capaz de compreender: que não podia voltar para Granada. Lembrou-se da maneira como a mãe a incentivara a partir e convenceu-se então de que ela estaria entre os que não a condenariam por se distanciar de sua cidade natal em vez de procurar se aproximar dela. Mercedes achava que Javier era sua única oportunidade de amar e portanto precisava encontrá-lo, mesmo que isso a levasse a um fim ou resultado amargo. A atividade de procurá-lo e a convicção firme de que ele podia ser encontrado amenizariam a dor da separação.

Sem atinar onde seus pés a levavam, foi andando devagar. Caminhar lhe dava tempo para refletir. Talvez não fosse muito diferente das pessoas na igreja. Talvez essa crença, esse conhecimento, era o que elas também sentiam. “Sabiam” que Deus existia e sua fé no milagre da Ressurreição era inabalável. A crença de Mercedes era a seguinte: ela sabia que Javier ainda estava vivo.

Parada na calçada, a decisão surgiu. Rumaria para o norte, seguindo seu instinto e a outra única informação que tinha, a de que um tio dele morava em Bilbao. Quem sabe seu amado estivesse lá, esperando por ela.

Embora não tivesse mais tanto medo, ainda era inconveniente que uma mulher viajasse sozinha, e, portanto, ela sabia que estaria mais segura na companhia de outras pessoas. Almería fervilhava de refugiados e havia muitos que sairiam da cidade com quem ela poderia viajar. Decidida a investigar, puxou conversa com duas mulheres. Ambas planejavam ficar na cidade por algum tempo, porém mencionaram um casal conhecido que iria partir com a filha.

— Ouvi dizer que pretendiam ir embora logo — disse a mais jovem para a irmã.

— É isso mesmo. Eles têm parentes em algum lugar do norte e é para lá que estão planejando ir.

— Assim que recebermos nosso pão, ajudaremos a encontrá-los. Você não pode partir sozinha, e certamente eles ficarão satisfeitos com a companhia.

No devido tempo, abraçadas a seus pedaços de pão, seguiram para uma escola na periferia de Almería onde as duas mulheres e

mais uma centena de pessoas estavam acampadas. Mercedes achou esquisito encontrar salas de aula onde o número de adultos superava o de crianças, com cadeiras e carteiras empilhadas num canto e cobertores velhos espalhados pelo chão. Nas paredes ainda havia uma alegre exposição de desenhos infantis. Destoavam agora, recordando como a velha ordem fora virada de cabeça para baixo.

As irmãs encontraram o lugar onde tinham deixado seus poucos pertences, e na mesma sala estava sentada uma mulher de meia-idade. Parecia estar cerzindo uma meia, mas Mercedes descobriu, chegando mais perto, que na realidade ela tentava costurar seu sapato. O couro estava tão macio e usado, que podia ser perfurado com uma agulha comum. A senhora estava de certa forma refazendo seu calçado muito gasto, mas sem o qual não poderia ir a lugar nenhum.

— *Señora* Duarte, essa é Mercedes. Ela quer ir para o norte. Será que pode ir com vocês?

A mulher continuou a costurar. Nem mesmo levantou os olhos.

Mercedes passou os dedos nas biqueiras arredondadas de seus sapatos de dança, um pé em cada bolso do casaco. Às vezes esquecia-se deles, mas o peso reconfortante estava sempre ali.

— Não vamos já — disse a señora Duarte, agora olhando

diretamente para Mercedes. — Mas quando formos, poderá vir conosco, se quiser.

As palavras foram pronunciadas em tom neutro sem qualquer entusiasmo. Apesar do ambiente abafado, Mercedes sentiu um calafrio. Compreendeu a que ponto as pessoas podiam ser destituídas de sua capacidade de se importar com os outros. Muita gente havia presenciado atrocidades terríveis, e enxergava aquilo nos olhos daquela mulher. Ali estava uma pessoa que perdera a sensibilidade para se interessar por estranhos, talvez até por sua própria família.

Instantes depois, chegou uma jovem mais ou menos da mesma idade de Mercedes.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou a mãe, outra vez falando sem levantar a cabeça.

— Só o que pretendiam me ceder — respondeu a filha. — Não muito, porém. Mal dá para um, na realidade.

— Mas somos três, com seu pai. E agora quatro, se essa moça for se juntar a nós — disse, apontando Mercedes com um movimento de cabeça.

Mercedes deu um passo à frente. A mulher que as apresentara

fora embora.

— Umas conhecidas suas disseram que talvez eu pudesse viajar com vocês, já que todos planejamos seguir na mesma direção. Acha que pode ser?

Mercedes falou com certa hesitação, receando ser acolhida pela filha com a mesma frieza da mãe.

A moça examinou-a de alto a baixo, não com desconfiança mas com interesse.

— Sim, sem dúvida — disse ela, com inconfundível cordialidade.

— Venha e vamos encontrar onde cozinhar isso — disse ela balançando um patético pacote de lentilhas — tenho certeza de que podemos fazê-las render, e vejo que você tem pão.

As duas mulheres viram-se então na fila para usar uma pequena cozinha. A essa altura, já estavam acostumadas a ficar em filas. Era lá que os conhecidos se tornavam amigos.

— Desculpe se minha mãe não parece muito amistosa.

— Não se preocupe com isso. Sou uma estranha para ela. Por que seria amistosa?

— Ela não costumava ser assim.

Mercedes olhou para o rosto da outra e viu alguém igual a ela, um rosto de moça com olhos de velha. Cheios de tristeza, como se já

tivesse passado por uma vida inteira de sofrimentos.

— É por causa de meu irmão, Eduardo. Ele ia andando com três amigos. Estavam num grupo adiante de nós e acabamos nos separando. Os sapatos de minha mãe tinham se desmanchado e os calcanhares dela estavam rachados, sangrando. Não conseguia andar muito depressa, por isso Eduardo perdeu a paciência de nos acompanhar. Tivemos sorte de escapar ao ataque aéreo, mas quando os aviões se foram e recomeçamos a andar, nós os avistamos. Os quatro. Mortos. Deitados um ao lado do outro. Tinham sido removidos do meio da estrada para que as pessoas não tivessem de contornar os corpos. Os outros pais estavam mais atrás, de modo que fomos os primeiros a descobrir que eram eles.

Foi como se Mercedes tivesse estado lá, e de fato era perfeitamente possível que houvesse passado por aquele lugar minutos antes.

— Nós nos desencontramos deles, e foi por pouco. Sabe quando você está atrasada para encontrar alguém e, quando chega ao lugar combinado, uma pessoa diz: “Ah, eles acabaram de sair”, e você tem aquela sensação de perda e desperdício? Bem, foi assim, mas para valer. Eduardo fora embora. Deixamos de encontrá-lo por um

momento. Ainda estava quente. Foi impossível aceitar que não estivesse mais vivo. O corpo dele estava ali, mas ele não estava mais dentro do corpo.

As lágrimas escorriam-lhe pelas faces. Mercedes sentia a enormidade daquela perda. Lembrou-se de quando viu o corpo sem vida de seu irmão. Ignacio morrera muitas horas antes, e ela ficou impressionada com a sua própria reação. Não era seu irmão ali, e lembrou-se de ter percebido na ocasião a diferença que existia entre um corpo e um cadáver. Um cadáver era igual a uma concha vazia na praia.

Mercedes não encontrou palavras para consolá-la. Tinha havido centenas de mortes naquela estrada de Málaga, mas uma morte individual, mesmo sendo parte de uma desgraça daquelas proporções, jamais deixaria de causar impacto.

— Sinto tanto! Que horror… que coisa horrorosa.

— Eles nunca mais vão se recuperar, sei que não vão. Meu pai ficou sem falar por dois dias. Minha mãe não para de chorar. E eu tenho de bancar a forte…

Durante uns minutos, ficaram caladas. A moça parecia que chorava havia dias. Por fim, ela falou.

— Meu nome é Ana, a propósito — disse, enxugando os olhos.

— E eu sou Mercedes.

Ninguém na fila sequer escutara a conversa delas. A história contada por Ana não era nada extraordinária em tempos como aqueles.

Enquanto Ana mexia a mistura rala de lentilhas com água, as moças continuaram a conversar. Mercedes disse-lhe que precisava chegar a Bilbao, e Ana explicou que os pais pretendiam ir para a aldeia onde morava o tio, no norte. O irmão do pai, Ernesto, nunca apoiara a República, e seu pai não tinha opiniões políticas

consistentes, portanto ela persuadira a mãe a estabelecer um novo lar perto da família dele, onde talvez encontrassem mais segurança. O pai estava convencido de que seria só uma questão de tempo até Franco tomar Madri, e poucos dias depois o país inteiro cairia nas mãos dos nacionalistas. Era uma longa distância a percorrer, mas o apartamento deles, em Málaga, fora destruído e não sabiam se algum dia retornariam à cidade. O pai nunca se filiara a nenhum sindicato, nem a outra associação de trabalhadores qualquer, por isso, entendia que teria liberdade para ficar do lado que quisesse.

O único objetivo de Mercedes era encontrar Javier, estivesse ele em território nacionalista ou republicano. Sabia que a última

hipótese era a mais provável, mas decidiu guardar a informação para si. Já notava desde então que seria mais vantajoso manter-se reservada quanto à política no seu contato com aquela família. Partilharem o mesmo rumo era suficiente.

— Fico realmente contente que venha conosco. Meus pais quase não falam e temos um longo caminho pela frente. Vai ser muito bom ter companhia.

Quando voltaram para onde estava a mãe de Ana, o pai também se encontrava lá. Passara toda a tarde em filas e trazia uma cebola e metade de um repolho para comprovar. Foram feitas as apresentações e o señor Duarte acolheu Mercedes com amabilidade. Apesar de não ter curativos ou ataduras e nenhum sinal visível de ferimentos, Duarte parecia um homem ferido, como se de repente fosse sucumbir ao fardo de seu sofrimento. Não demonstrava realmente nenhuma vontade de conversar. Mercedes verificou que aquelas pessoas eram muito mais jovens do que pensara a princípio. Contudo, a señora Duarte seria facilmente confundida com uma avó de Ana, e Mercedes conjeturava se teria sido a morte do único filho que os envelhecera tantas décadas.

A señora Duarte mostrava-se mais amistosa agora, talvez por causa da bisnaga de pão que Mercedes oferecera a ela, e eles

formaram um círculo bem fechado ao servirem a sopa em quatro tigelas esmaltadas e dividirem o pão. Havia outras pessoas na sala e considerava-se indelicadeza exibir o que se estava comendo, por pouco que fosse.

— Então, Mercedes, quer ir para o norte conosco, não é? — disse o señor Duarte, quebrando o silêncio quando todos terminaram a refeição.

— Quero, sim — respondeu ela. — Se não for atrapalhar.

— Não, não vai. Mas você precisa entender uma coisa.

Ana olhou nervosa para o pai. Não desejava que ele espantasse sua nova amiga.

— Deixe que somente eu fale quando nos pararem — disse ele bruscamente para Mercedes, com os olhos frios fixos nos dela. — Para todos os efeitos, vocês duas são irmãs. Compreendeu bem?

— Sim, acho que sim — respondeu ela.

Sentia-se desconfortável com as maneiras dele mas precisava deixar isso de lado; a mãe parecia bondosa e faria sentido ser parte de uma família. Para chegar a Bilbao, teriam de atravessar território ocupado pelas tropas nacionalistas. Isso não parecia preocupar Ana, e, portanto, Mercedes disse a si mesma que também não deveria se

preocupar.

* * *

Depois da ceia frugal, as moças pretendiam dar um passeio na rua a fim de sair do prédio superlotado mas, quando se preparavam para ir, ouviram o som inesperado de música vindo de uma sala de aula no fim do corredor. Pela primeira vez em semanas, um som diferente dos ruídos de uma guerra chegava a seus ouvidos. Mesmo quando as bombas não estavam caindo, ou quando não estavam sendo metralhados ou sob fuzilaria, o barulho de tudo aquilo deixava um retinir constante em seus ouvidos. O som fluido e delicioso de um arpejo acelerou seus corações e apressou seus passos.

Logo descobriram de onde vinha a música. Já rodeado de pessoas, o alto de sua careca lustrosa refletindo a luz da única lâmpada que iluminava a sala, elas viram o *tocaor*, o corpo todo curvado como se protegesse o violão.

Afluíram pessoas de todas as portas do corredor para a sala, e um grupo enorme de crianças sentou-se no chão com os olhos voltados para ele. Tinham perdido a inocência da infância durante a viagem de Málaga e agora pareciam compreender a potência trágica daqueles sons.

Ninguém sabia o nome do *flamenco*. Aparentemente, não tinha

ninguém da família com ele. Quando Mercedes e Ana chegaram, várias pessoas o acompanhavam com palmas suaves. As unhas compridas e manchadas deslizavam leves e ligeiras pelas cordas. Tocava para si, mas de vez em quando levantava a cabeça e via a

multidão crescer. Mercedes saiu rapidamente e foi até a sua sala de aula. Havia algo de que poderia precisar.

Ao voltar, ouviu certa sequência de notas e foi como se uma corrente elétrica percorresse seu corpo. Apenas quatro notas tocadas naquela sequência singular, e ela distinguiria aquele toque entre um milhão de outros. Era uma melodia que significava mais para ela do que qualquer outra. Uma *soleá*. A primeira peça que dançara com Javier. A melancolia da canção poderia tê-la deprimido, mas, ao contrário, ela a interpretou como um sinal de que iria vê-lo novamente. A ideia encheu seu coração de alegria.

Outras pessoas também reconheceram o *compás* e começaram a bater palmas no ritmo. Primeiro, ela se conteve, mas depois, quase involuntariamente, deu por si tirando os sapatos dos bolsos e enfiando-os nos pés, afivelando-os com dedos trêmulos. O couro macio pareceu-lhe tão familiar, tão cálido… Não hesitou em contornar as crianças sentadas a pequena distância do músico. Seus

saltos tacheados de aço faziam clique-claque no assoalho conforme ela se aproximava. As crianças olharam fascinadas para a moça que agora bloqueava sua visão do músico.

Um ano antes, talvez fosse um gesto audacioso apresentar-se assim a um estranho, pronta para dançar, mas tais regras não importavam mais. O que tinha a perder diante de uma plateia que não a conhecia nem conhecia sua família? Ali eram todos estranhos uns para os outros, reunidos por amargas circunstâncias.

O homem levantou os olhos e deu-lhe um sorriso largo, encorajador. A atitude dela, sua maneira de se posicionar e sua postura diziam-lhe que ela já dançara muitas vezes e saberia como orientá-lo.

Mercedes inclinou-se e cochichou na orelha dele:

— Podemos repetir o que estava tocando?

Ao escutá-la, ele dedilhou as cordas para cima e para baixo procurando uma canção, as unhas percorrendo-as com a destreza de virtuose.

O aparecimento daquela moça a seu lado o fez vislumbrar sua vida antiga, quando as noites podiam evoluir com deliciosa espontaneidade. Costumava ser contratado para *juergas*, e a única coisa garantida era a incerteza de como a noite se desdobraria: quem

tocaria bem, como as mulheres dançariam, se a reunião teria algum encanto, algum *duende*.

276

Olhou-a e sorriu. Para Mercedes e para quem mais que tenha reparado no rosto dele naquele instante, foi como se o sol se abrisse em um dia nublado. Lampejos de calor assim tinham se tornado raros nos últimos tempos. Agora, do trecho de introdução emergia a *soleá* que ela tanto queria que ele repetisse. Mercedes começou a bater palmas, levemente de início, até o momento em que sentiu o ritmo correr direto pela plateia e ninguém o podia distinguir mais do pulsar de seu próprio coração. Algumas mulheres juntaram-se a ela com as palmas, olhos fixos na moça que surgira do nada para ocupar o centro do palco. Quando as palmas ficaram mais fortes, ela começou a bater com o calcanhar direito até estabelecer uma batida mais vigorosa e mais afirmativa. Um momento depois, bateu com o calcanhar esquerdo energicamente no chão e a dança começou, os pulsos e braços movendo-se em gestos fluidos acima da cabeça, os dedos compridos e esguios muito mais finos do que no mês anterior. Pela primeira vez em dias, a profunda sensação de derrota que muitas daquelas pessoas tinham carregado dentro de si foi esquecida.

A música do *tocaor* ecoava os movimentos dela, mais intensa e apaixonada à medida que a dança prosseguia. Tornou-se quase violenta a maneira como as unhas dele golpearam as cordas e bateram nas placas da frente do violão. O instrumento fora carregado por quilômetros pendurado às costas do músico e sofrera diversas quedas no caminho. Embora, miraculosamente, os acidentes tivessem causado pouco dano, o homem agora estava tocando de tal forma que parecia determinado a destruí-lo.

Ele confiava plenamente que o corpo de pinho teria firmeza para suportar o tratamento que lhe dispensava, e usou o instrumento para expressar não só a sua angústia mas a de sua plateia. A música refletiu isso.

Enquanto durou a música, aquele estranho transformou-se em outra pessoa para Mercedes. Quando dançara pela primeira vez para Javier na *cueva*, dois anos antes, ela e Javier eram igualmente desconhecidos um para o outro. Em sua concentração, com os olhos bem fechados, a música a transportou de volta para aquela mesma noite, e mais uma vez ela se entregou com todo o seu ser.

Depois da *soleá*, com sua contenção forte, oculta, e uma expressão de sentimentos de profundezas insondáveis, as pessoas estavam tensas com toda a sua agonia e *páthos*. Sabiam que aquela

era uma apresentação espontânea. Os murmúrios de "*Olé*" foram reprimidos. Como se não quisessem quebrar a magia.

O *tocaor* achou por bem aliviar a atmosfera com o tom mais leve das *alegrías* e viu sua dançarina tornar-se mais descontraída ao acompanhar o novo ritmo e encontrar os movimentos. A rigidez que Mercedes sentira depois de todas as semanas sem dançar esvaiu-se, e agora ela conseguia curvar e virar seu corpo com a mesma agilidade, e estalar os dedos com a precisão aguda de sempre.

A alegria daquela dança afastou das mentes de todos as vidas destroçadas e as casas incendiadas, as imagens dos cadáveres e os rostos cruéis das pessoas que os tinham expulsado de sua própria cidade. Muitos juntaram-se às palmas, batendo as mãos no ritmo, com um entusiasmo que crescia a cada minuto.

No fim, Mercedes cansou-se. O suor escorria por seu pescoço e suas costas; sentia-o pingar entre as nádegas. Dera-se por inteiro, esquecendo onde estava e quase esquecendo quem era. Como a plateia, ela se transportara para longe do presente. Em sua mente, estivera numa *fiesta*, rodeada pela família e pelos amigos. Abriu caminho através da multidão que aplaudia até a extremidade da sala, onde viu que Ana se encontrava. O rosto de sua nova amiga

estava radiante de admiração pela dança de Mercedes.

— Fantástico — disse ela simplesmente. — Fantástico.

O violonista não havia parado de tocar. Não fez uma pausa sequer entre a batida de pé que finalizava as *alegrías* de Mercedes e o primeiro acorde tranquilo da canção seguinte. Sua plateia estava extasiada e ele queria mantê-la nesse estado.

Parecia ser quase impossível que a música que ele estava produzindo saísse de um só violão. O volume do som e a profundidade e riqueza das notas pareciam vir de vários instrumentos, e quando a isso se acrescentava o tom quente das pancadas no corpo oco do violão, tudo se amplificava em fluidas camadas aveludadas. Com as palmas e agora uma ou duas pessoas marcando o ritmo nas cadeiras e nos tampos de mesas, a música emanava de cada um dos cantos. Todos na sala estavam arrebatados, levados por um rio de notas que corria ligeiro.

Mercedes tamborilava os dedos de leve na palma da mão. Ela e Ana estavam encostadas na parede, os ombros se tocando.

Um homem surgiu das sombras. Era corpulento, mais alto do que a maioria dos homens presentes. Possuía densos cachos escuros

que lhe caíam até abaixo da gola da camisa, e a textura de seu

cabelo era grosseira. O pelo curto do rosto por barbear mal escondia a pele picada. A plateia abriu caminho para ele, pois suas maneiras indicavam que ele não hesitaria em passar aos empurrões. Não havia nenhuma cordialidade naquele rosto rude.

Quando o violonista preparava-se para concluir sua peça, o recém-chegado puxou uma cadeira. Os dois homens pareciam à vontade juntos, lado a lado, como se já tivessem se encontrado antes. Por um momento, confabularam em voz baixa, embora o violonista nem por um segundo tirasse os dedos das cordas, continuando a dedilhar uma canção enquanto sussurravam, nem por um segundo deixando a atenção das pessoas se perder.

A plateia não soube localizar a origem do primeiro som que ouviu. Não parecia estar ligado ao cantor. Todos os que tinham testemunhado a chegada do homem para se apresentar fizeram uma ideia preconcebida de sua voz, mas a realidade desafiou suas expectativas. De seus pulmões veio uma nota baixa e doce, bem diferente do áspero som cigano que esperavam. Era o som suave da alma de alguém. Depois de um trecho introdutório da canção, a *taranta*, a voz começou a subir e os dedos e mãos do *cantaor* cigano expressaram as emoções que brotavam dele. À luz fraca da sala, as grandes mãos pálidas destacavam-se contra seu paletó negro e

representavam como marionetes um espetáculo de mímica. Os personagens que interpretavam eram a piedade, a raiva, a injustiça e a dor. Era a história dos guetos ciganos que ele vinha contando durante a vida inteira, e a essência trágica de suas palavras parecia mais apropriada do que nunca aos malaguenhos exilados.

A plateia agora o compreendia. Quando olharam para si mesmos, perceberam que a rudeza do modo de ser daquele homem apenas refletia a deles próprios. Era essa a aparência deles agora — grosseira, suja, perseguida, triste.

Ana virou-se para Mercedes ao fim do primeiro *cante*.

— Fico pensando se ele canta sempre assim — disse ela.

— Quem pode dizer? — respondeu Mercedes. — Mas é a coisa mais linda que já ouvi.

Deleitaram-se imensamente com o *gitano*. Ele descrevia a história e a vida de todos ali. Expressava os sentimentos dos presentes de modo miraculoso.

— Como ele *sabe*? — murmurou Ana.

279

Antes de a noite terminar, muitos outros dançaram, alguns com tamanha exuberância que a atmosfera sombria que pairava sobre Almería pareceu se dissipar. Apareceu outro violonista, seguido de

uma mulher idosa que exibiu uma mestria surpreendente com as castanholas, que trouxera no bolso da saia desde o dia em que saíra de casa. Assim como o par de sapatos para Mercedes, as peças simples de madeira tinham sido imensamente reconfortantes para aquela senhora todas as vezes que sentira nas pontas dos dedos suas formas arredondadas, suaves, tranquilizadoras. Para ela, eram a única continuidade naquele estranho e terrível pesadelo da nova vida em que fora lançada de repente.

Foi uma *feria* igual a nenhuma outra. Por volta das quatro da manhã, quase todos os homens, mulheres e crianças abrigados na escola tinham se espremido dentro da sala. Raramente fazia tanto calor assim em agosto. As pessoas esqueciam sua situação e sorriam. Somente quando o *tocaor* se mostrou afinal exausto, a noitada terminou. Todos tiveram algumas horas de sono, o mais profundo em muitos dias, e nem a claridade cinzenta da madrugada os incomodou.

Mercedes e Ana dividiram um cobertor no mesmo pedaço de chão duro. As amizades se estabeleciam depressa sob aquelas circunstâncias, e, quando as moças acordaram, continuaram encolhidas debaixo do cobertor, contando suas histórias uma para a outra.

— Estou à procura de uma pessoa — explicou Mercedes. — Por isso é que estou indo para o norte.

Escutava a própria voz, tão resoluta e determinada, mas a expressão que viu no rosto de Ana a fez perceber como aquilo que dizia talvez parecesse ridículo.

— E quem você está à procura?

— Javier Montero. Ele tem parentes perto de Bilbao. Acredito que possa estar tentando chegar lá.

— Bem, estamos todos indo nessa mesma direção — disse Ana.

—E vamos fazer todo o possível para ajudar você. Vamos partir hoje, mais tarde. Até lá, ele vai estar preparado. —Com um gesto da cabeça, apontou para o pai, que ainda dormia, um contorno imóvel debaixo de um cobertor junto à parede.

Mercedes já sabia que não podia esperar nenhuma simpatia do pai de Ana. Na noite anterior, quando voltara à sala de aula para

pegar seus sapatos de dança, escutara sem querer uma conversa que a deixara estupefata. Pouco antes de entrar, ouviu vozes exaltadas e a menção de seu nome.

— Olhe aqui, não sabemos nada a respeito dessa moça, essa tal de Mercedes — vociferava o señor Duarte para a mulher. A maioria

dos ocupantes da sala saíra atrás da música que vinha irresistivelmente até eles. — E se ela for uma comunista?

— É claro que ela não é uma comunista! Por que você diz essas coisas?

Mercedes continuava a escutar por uma abertura da porta.

— Porque há comunistas por todo lado. Extremistas. Gente que causou tudo isso. — Abriu um braço num movimento abrangente, indicando o caos de pertences e objetos pessoais misturados em volta deles, todos símbolos poderosos de desenraizamento.

— Como pode afirmar que é culpa deles? — perguntou a señora Duarte, levantando a voz. — Está começando a falar igual a seus irmãos.

Mercedes ficou paralisada com a discussão.

Ana dissera que o pai estava muito zangado com o governo republicano, mas percebeu como precisaria ser cautelosa agora.

— Sem esses *rojos* — ele cuspiu a palavra como se fosse catarro — nada disso estaria acontecendo.

— Sem Franco, nem teria começado — retrucou ela.

A fúria do señor Duarte dominou-o e ele levantou a mão para bater na mulher. Ela enfrentando-o com respostas era intolerável.

A mulher levantou o braço a fim de aparar o golpe.

— Pedro! — exclamou.

O homem se arrependeu imediatamente de sua reação, mas não podia mais desfazê-la. Nunca se exaltara a ponto de querer agredir a mulher antes, talvez porque ela nunca o tivesse contestado daquela forma.

— Desculpe, desculpe — sussurrou, quase incontrolavelmente, cheio de remorso.

Mercedes ficou horrorizada ao ver um homem querer bater em sua própria mulher. Tinha certeza de que seu pai jamais encostaria um dedo em sua mãe, e chegou a pensar se deveria intervir. O señor Duarte estava evidentemente procurando, desatinado, pôr a culpa da

morte do único filho em alguém. Na opinião dele, todos eram culpados, não só os bombardeiros, que tinham massacrado seu filho, como também as tropas nacionalistas, que tinham ocupado metade do país, e ainda os republicanos, por fracassarem em formar uma oposição unida.

Irritada, a señora Duarte continuou a discussão.

— Então, quer dizer que vai viver sob o domínio dos fascistas e cooperar com eles em vez de defender aqueles em quem votou?

— Prefiro fazer isso a morrer… prefiro, sim. Porque morrer não

adianta nada. Pense em nosso filho — retrucou o señor Duarte.

— Mas é em nosso filho que estou pensando — respondeu a señora Duarte. — Ele foi morto por gente desse lado que você agora está querendo apoiar.

Havia o embate entre raiva e sofrimento dentro de ambos. Não existia possibilidade de a discussão tomar um rumo mais racional.

A señora Duarte saiu da sala em prantos e Mercedes escondeu-se nas sombras quando ela passou. Precisava de seus sapatos, e aproveitou o momento para entrar correndo e apanhá-los. O señor Duarte levantou a cabeça. Sempre se perguntaria se ela teria escutado tudo.

Naquela tarde, os quatro estavam prontos para partir. Haveria um ônibus de saída para Múrcia.



CAPÍTULO 25

Os granadinos estavam deixando Madri pela segunda vez. As palavras vibrantes de La Pasionaria iriam com eles para a linha de frente.

Fazia algum tempo que os italianos vinham retirando suas tropas da região de Jarama e, então, em princípio de março, iniciaram uma nova ofensiva em Guadalajara, cerca de quarenta e oito quilômetros a noroeste de Madri. Era por isto que o trio de amigos vinha esperando, e seu moral estava alto diante da perspectiva de entrar novamente em combate. A realidade das condições em que lutariam, contudo, não era a que tinham previsto. Com um imenso arsenal de tanques, metralhadoras, aviões e caminhões, os homens de Mussolini estavam prestes a começar um ataque maciço em território republicano.

Quando Antonio, Francisco e Salvador chegaram no front, os italianos já haviam transposto as linhas e ocupavam uma posição dominante. Com a força de sua artilharia, a situação não era nada animadora para as tropas republicanas. Então, o tempo mudou. Começou a cair granizo, e a partir daí a natureza passou a desempenhar um papel quase tão significativo na luta quanto as armas.

Tiritando escondidos num capão de mato ralo, sob árvores sem

folhas que não ofereciam nenhuma proteção, todos iam ficando rígidos de frio. A umidade apagava seus cigarros.

— Meu Deus! — exclamou Francisco, examinando a palma de sua mão. — Mal enxergo minha própria mão. Como vamos distinguir nossos homens dos fascistas?

— Não vai ser fácil — disse Antonio levantando a gola do casaco e cruzando os braços para se manter aquecido. — Talvez o tempo melhore.

283

Estava enganado. Durante o dia, o granizo transformou-se em neve e depois desceu a neblina. Quando os republicanos iniciaram seu contra-ataque em terra, os italianos, com uniformes de tecidos leves, estavam sofrendo mais com o frio do que eles. As temperaturas muito baixas tornaram-se o inimigo para ambos os lados e muitos morreram de hipotermia. Satisfeito, Antonio soube que os italianos tinham superestimado a velocidade de seu avanço e, no caos provocado pela neblina e pela neve, suas unidades estavam sem comunicação entre si. O combustível deles começava a acabar, veículos extraviavam-se e as aeronaves tinham dificuldades para levantar voo.

Os republicanos ganhavam terreno a cada hora.

— Parece que a sorte está do lado certo desta vez — disse Antonio a seus amigos através de sinais.

— Vai ver que é porque estamos aqui — brincou Salvador com um sorriso.

Se os italianos tinham problemas de comunicação, o rádio da milícia de Antonio só tinha uma noção parcialmente clara do quadro geral. A luta se desenrolava furiosa ao redor deles, mas a visibilidade quase nula não lhes permitia ver direito o que se passava. Antonio ouvia os gritos de desespero dos moribundos, alguns alvejados por seus próprios companheiros.

Procurara ficar o mais perto possível de Salvador quando entraram na luta. Ele já provara sua coragem em Jarama, mas ainda assim Antonio sentia-se extremamente responsável pelo amigo. Salvador já descobrira certas vantagens em ser surdo numa batalha. Não escutava o silvo das balas nem os berros dos feridos, mas não podia igualmente escutar o grito de aviso de um amigo. Até o momento exato de sua morte, Salvador não sentiu medo. Tudo o que viu foi o breve vislumbre da careta que se desenhou no rosto de seu amigo Antonio. O grito de angústia que veio em seguida não foi da vítima, mas de Antonio, ao ver o amigo mais antigo, o adorado El Mudo, tombar no chão.

A camisa encharcada de sangue foi a de Antonio. Ficou toda vermelha enquanto ele acalentava o amigo agonizante. E o chão ao redor deles tornou-se escarlate ao absorver o resto do sangue. Naquele campo de batalha não havia tempo para condescendências nem luto. Salvador fora morto ao final de um dia de combate e, assim, ao contrário de muitos outros mortos, cujos

corpos permaneciam por horas nos lugares onde tinham caído, Francisco e Antonio puderam enterrá-lo em seguida. Foi uma tarefa difícil, com o solo endurecido pelo gelo. Enquanto cavavam a terra sólida, seus corpos aqueceram-se como não acontecia em muitos dias. É necessário um espaço considerável para se enterrar o corpo de um homem, e o grande monte de terra que se acumulara ao lado do buraco parecia desproporcional ao lado do corpo amortalhado de Salvador.

No dia seguinte, foram encarregados de recolher o equipamento deixado para trás pelos italianos. Outros receberam a incumbência de vigiar prisioneiros, e Antonio ficou satisfeito por estarem livres daquela obrigação. Não confiava que Francisco fosse dispensar-lhes um tratamento humano.

A partir daquele momento, a fúria os motivou. Não havia mais necessidade de serem lembrados que estavam lutando pela causa certa. Embora todos já soubessem, as armas e o resto do material abandonado que recolheram provavam que a Itália estava rompendo um acordo de não intervenção supostamente respeitado na Europa. A política de não escolher lados no conflito interno da Espanha já estava sendo desprezada por diversos países e os documentos de que a milícia republicana se apoderou eram úteis para os políticos como prova disto. Além do mais, o equipamento em si constituía um enorme auxílio à causa republicana. Precisavam de todas as peças de artilharia que pudessem conseguir.

* * *

Quando terminou a batalha em Guadalajara, eles voltaram para Madri. Se suas casas ficassem perto e ainda tivessem família para visitar, os homens podiam obter uma licença e voltar para suas aldeias. Antonio e Francisco nem pensaram na possibilidade de

visitar sua cidade natal. Granada estava inabalavelmente nas mãos dos nacionalistas e viajar para lá resultaria em prisão na certa. Ficaram na capital para ajudar a fortalecer as barricadas. Apesar de ser difícil defender a cidade dos ataques pelo ar, o objetivo era construir uma proteção sólida o bastante para transformar Madri numa fortaleza. Por dias a fio, Antonio e Francisco trabalharam na construção de paredes de sacos de areia encharcados pela chuva, cujas formas bulbosas lisas lembravam imensos seixos rolados. Muitos prédios da cidade agora se assemelhavam a colmeias, as janelas arrebentadas pela força dos explosivos. Eram um lembrete

constante da necessidade de proteger Madri, mesmo que Franco agora tivesse deslocado o foco de sua ofensiva para outro ponto. Antonio e Francisco sentiam intensamente a falta de Salvador. A amizade de ambos contara com a influência moderadora dele, e sua ausência deixava um vazio no âmago daquele relacionamento. Depois de cuidarem do amigo por tantos anos, a sensação de fracasso por não o terem protegido da bala inimiga era imensa e, combinada com um período de incerteza sobre aonde a luta os levaria, colaborou para que um sentimento de desilusão começasse a se instalar neles. A esquerda estava se fragmentando cada vez mais, e Franco tiraria

proveito dessa falta de coesão.

— O problema é que ainda não existe unidade, nenhum núcleo sólido — disse Antonio, ansioso. — E, desse jeito, como podemos ter esperança?

— Se as pessoas têm princípios firmes, marxistas ou comunistas, por que abririam mão deles? — perguntava Francisco. — Se o fizessem, ainda lutariam?

— Há um bocado de gente por aí cheia de empenho e ardor — respondeu Antonio. — Mesmo não sendo radicais em seus pontos de vista políticos. E, como nós, há muitos preparados para lutar. Enquanto os líderes não chegarem a um acordo com relação a certas coisas, porém…

— … não vamos chegar a lugar nenhum — completou Francisco.

— Está começando a parecer que você tem razão.

Embora as brigadas milicianas estivessem agora reunidas, formando o Exército Popular, havia facções crescendo dentro das facções que se opunham a Franco. A luta contra Franco parecia se intensificar, mas nas fileiras de comunistas, anarquistas, marxistas e muitos outros grupos menores havia lutas internas, revides e desacordos. Antonio ansiava para que os líderes de cada grupo vissem que a única maneira de avançar era com unidade, mas a

cada dia surgiam novas divisões e novas discussões.

286



CAPÍTULO 26

A viagem de ônibus de Mercedes para Múrcia estava quase terminando. Ela olhava pela janela e pensava nos pais. O señor e a señora Duarte não tinham dito uma palavra sequer durante as seis horas da viagem, e ela pensava consigo mesma que a hostilidade entre eles era algo que jamais teria sido possível entre Concha e Pablo. Mesmo quando um discordava do outro, a atmosfera predominante era sempre calorosa.

Ana dormira durante quase toda a viagem.

Em Múrcia, como em tantos lugares, as pessoas haviam sido reduzidas a mendicância nas ruas, mas suas mãos só se estendiam para outros em situação de carência semelhante. Ao descerem os degraus do velho veículo sacolejante que as levara, as moças viram

adiante um homem idoso tocando uma corneta enquanto seu cachorro dançava.

— Olhe, Mercedes! — Ana puxou a manga de Mercedes, achando graça. Por um instante, o espetáculo teve algum encanto e proporcionou o primeiro momento de ligeiro alívio ao dia delas. — Ele é bonitinho, mas veja como está magricela…

O olhar do cão era tão triste quanto o de seu dono, e a visão daquele dueto, de início tão cativante, agora parecia patética. Era humilhante para o animal e para o dono. As duas moedas jogadas no chapéu diante deles talvez fossem o que mais contribuía para a degradação, mas poucas pessoas paravam realmente para olhar.

— Não consigo pensar em mais nada senão no meu estômago — queixou-se Ana. — É a única parte do meu corpo que consigo sentir.

— Nádegas e pernas estavam dormentes por ter estado sentada a maior parte do dia. — Gostaria de saber onde podemos comer.

As lojas ali não estavam mal-abastecidas, mas os Duarte precisavam fazer o dinheiro durar. Semanas antes, o señor Duarte

sacara tudo o que possuíam no banco, e não havia como saber por quanto tempo teriam de se manter com aquela quantia. Ele conservava a mão bem fechada.

Apesar de se mostrarem dispostos a dividir os recursos com Mercedes, a consciência dela muitas vezes a incomodava. Além da companhia e da conversa (e sabia que Ana dependia dela para ambas as coisas), tinha pouco com que retribuir. O dinheiro dela acabara muitos dias antes.

Ana e Mercedes saíram a perambular enquanto o señor Duarte procurava um lugar para ficarem. Enquanto andavam, a imagem do cachorro com a gola de babados não saía da cabeça de Mercedes. De repente, pareceu-lhe óbvio o que deveria fazer, embora a ideia a deixasse apreensiva. Se conseguisse encontrar alguém que tocasse para ela, poderia dançar e então, se fosse paga por isso, poderia dar algo de volta àquela família. Dessa forma, não seria um fardo.

Foram primeiro a um dos cafés da praça. Como o resto da cidade àquela hora, o café tinha um ar de abandono. Muitos dos homens mais jovens haviam partido para se juntar às milícias, de modo que era como se uma camada inteira da sociedade tivesse desaparecido.

O homem de meia-idade que dirigia o bar, entretanto, era bastante jovial. Ainda teria muitos clientes naquela noite e estava preparando o lugar para recebê-los. Dispunha de um estoque razoável de álcool e as pessoas estavam bebendo um bocado. Os negócios não iam mal.

Sorriu para as duas moças quando elas entraram.

— Posso ajudá-las? —perguntou.

— Gostaríamos de lhe pedir algo — disse Ana, ousada. — Minha amiga quer dançar. Poderia dançar aqui?

O homem parou de lustrar os copos.

— Dançar? Neste café?

Reagiu como se fosse um pedido extraordinário, ainda que aquele assoalho de tábuas de madeira tivesse sido martelado pelos pés de alguns dos maiores dançarinos da região. Na parede atrás do bar havia até uma fotografia autografada da célebre *bailaora* conhecida como La Argentina.

Nos tempos passados, dançar havia sido um ato muito simples: uma resposta natural à música apreciada por todos, crianças e adultos. Agora, até uma atividade inocente como aquela tinha conotações políticas.

Não foi surpresa para ninguém a arte do flamenco, sensual, independente e desinibida, que florescera em tantas partes da Espanha, ser desaprovada pelo regime de Franco, cheio de austeridade e falso moralismo. O mais alarmante era a desaprovação em algumas áreas predominantemente republicanas, onde cartazes apontavam a dança como nada menos do que um crime. Foram

afixados pelos anarquistas, e instilavam medo e culpa ao mesmo tempo. Quando Mercedes deparou com um deles num muro de Múrcia, sentiu-se gelar por dentro. Como a dança poderia ser considerada ilegal?

"GUERRA A LA INMORALIDAD" , alardeava a frase principal do cartaz. Ao lado de beber em bares, ir ao cinema e ao teatro, dançar era considerado uma obstrução à luta contra o fascismo.

"El baile es la antesala del prostitución" , continuava o cartaz. Relacionar dançarinas a prostitutas poderia ter alguma justificativa nas cidades, mas aquelas jovens inocentes ali paradas em seu bar pareciam amáveis e ingênuas demais. O proprietário do café era um republicano, e estava tão estarrecido com a perspectiva de criminalizarem a dança quanto Mercedes.

— E o que desejaria receber em troca? — perguntou ele, tentando adotar um tom profissional para disfarçar o que se passava em sua mente.

— Algum tipo de pagamento — respondeu Mercedes, assumindo o ar mais confiante de que foi capaz. Seria a primeira vez que dançaria especificamente por dinheiro, mas a vida mudara e as regras também.

— Pagamento… Bem, imagino que se a dança atrair mais gente

para o bar, então pode fazer sentido eu pagar você. E se os clientes quiserem lhe dar alguma coisa, não haveria nada de errado nisso, imagino. Está bem. Por que não?

— Obrigada — disse Ana. —E sabe se existe alguém por aqui que poderia tocar?

— Acho que sim — disse o proprietário, já achando graça a essa altura. Toda aldeia e povoado dos arredores tinha alguém que tocava bastante bem para acompanhar uma dançarina. Ele poderia arranjar um músico para estar lá às nove e eles ensaiariam alguns números no pátio antes da apresentação. — Há somente uma outra coisa — acrescentou. — Acho que você deveria vestir algo mais… adequado.

Mercedes corou, de repente encabulada por causa de sua aparência. Vinha usando a mesma saia e blusa havia muitas semanas. Tivera poucas oportunidades para lavar a roupa e acostumara-se à sujeira.

— Mas não tenho outra roupa — confessou ela. — Foi com esta que saí de casa. Só tenho os sapatos de dança, mais nada.

— María! María! — o homem já estava gritando para o alto da escada que dava para dentro do bar, e um instante depois apareceu uma mulher miúda e magra, a esposa dele.

Não houve apresentações.

— Ela vai dançar aqui hoje à noite — disse o homem, apontando para Mercedes —, mas precisa de um vestido. Por favor, arranje um para ela.

A mulher olhou Mercedes de alto a baixo, calculando seu tamanho, virou-se e subiu.

— Não vai demorar — disse o proprietário. — Nossa filha costumava dançar. Era bem mais gorda do que você, mas deve haver alguma roupa que sirva.

Em pouco a mulher voltou. Trazia dois vestidos pendurados no braço, e Mercedes experimentou-os no quarto dos fundos. Achou estranho sentir o peso dos franzidos novamente e a maneira vivaz como se agitavam em volta de seus tornozelos. Um dos vestidos, vermelho com imensos poás brancos, servia-lhe melhor do que o outro. Sobrava no busto e nos braços, mas qualquer coisa seria melhor para dançar do que sua saia puída.

As moças foram embora, prometendo voltar mais tarde naquela noite.

O violonista era bastante competente. Um homem de aproximadamente cinquenta anos que já tocara em muitas *juergas*, mas que preferia ser solista a acompanhante. Prepararam um

repertório que agradou e distraiu a plateia durante algumas horas, e de vez em quando se ouviam uns “*Olés*” murmurados.

Mercedes surpreendeu-se com a sensação de estar fazendo algo mecânico ao dançar apenas para ganhar dinheiro. Foi muito diferente da experiência estimulante daquela noite em Almería. Mas jogaram moedas na tigela que Ana passou ao redor, e o dono do café apanhou um punhado de moedas de troco na gaveta de sua caixa

registradora e deu-as a ela sorrindo. Os ganhos tinham sido maiores naquela noite.

— Eu estava tão desajeitada — lamentou-se Mercedes a Ana quando foram dormir.

— Não se preocupe — consolou-a Ana. — As pessoas não notaram, elas adoraram a distração. Você se saiu melhor do que o cachorro, de qualquer modo!

Mercedes deu uma risada.

— Aqueles dois ficariam bem se estivessem num espetáculo de marionetes — disse.

Repetiram a fórmula em diversas cidades à medida que seguiam lentamente viajando na direção de Bilbao. Mercedes aprendeu o que agradava à plateia, o que não a animava e descobriu uma nova forma

de dançar que era competente e funcional. Apenas algumas pessoas da plateia notavam quão pouco ela dava de si. Sabia que assim não iria emocionar ninguém, mas era uma forma de ganhar a vida e estava contente em poder dividir o dinheiro com Ana e seus pais. A dança agora a estava salvando de outra maneira.

Durante as horas em que viajavam de ônibus ou no caminhão de algum fazendeiro, os pais de Ana mantinham-se calados quase todo o tempo, e Mercedes volta e meia surpreendia-se observando o señor Duarte e imaginando como era difícil para ele fingir que ela era sua filha. Em meados de março, entraram em território nacionalista. O señor Duarte mostrou-se ainda mais tenso do que antes. Havia informantes em cada esquina.

— Nada de dança de agora em diante — avisou numa noite às duas moças. — Não sabemos como isso pode ser recebido aqui.

— Mas é tão importante assim, pai? — protestou Ana. —Todo mundo gosta tanto da dança de Mercedes, que mal há nisso?

— O problema é que as pessoas vão reparar em nós. E não é conveniente. Precisamos nos comportar da maneira mais discreta possível.

As noites de dança tinham dado tanto colorido à viagem.

Mercedes começara a apreciar o alívio que as apresentações lhe

proporcionavam e voltara a sentir entusiasmo por elas. Sentiu por abrir mão daquilo tudo, mas compreendia por que os Duarte achavam necessário interromper os espetáculos.

291

O señor Duarte não confiava em ninguém, e em geral era difícil saber para que lado de fato pendiam as simpatias das pessoas, mesmo estando bem no centro do território ocupado pelos nacionalistas.

Em diversas ocasiões, foram interpelados pela Guarda Civil durante o percurso.

— De onde vieram? Para onde estão indo? — indagavam, ríspidos, agressivos, com os chapéus lustrosos no alto da cabeça. Esses homens eram especialistas em detectar as menores gotas de suor que brotassem na testa de um interrogado, ou a maneira como seus olhos se desviassem do olhar severo deles. Um olhar evasivo ou uma sensação de desconforto imediatamente despertavam suspeitas e davam margem a um interrogatório prolongado.

O señor Duarte podia responder a esses interrogatórios com bastante sinceridade. Tirara a família de território republicano e o destino era a casa do irmão em San Sebastián. Eles deduziam corretamente que ele apoiava Franco e alguns reparavam na

expressão do rosto da mulher, no cheiro de medo, no silêncio dela. Era intrigante mas não os incomodava. Na opinião deles, não fazia mal à sociedade que as mulheres vivessem com medo de seus maridos. O que eles procuravam eram elementos subversivos, e aquela mulher com as duas filhas, que se mostravam desinteressadas por tudo que estava em volta, pareciam bastante inofensivas.

Depois de um mês juntos, finalmente chegaram ao cruzamento da estrada onde Ana e seus pais seguiriam para a aldeia dos parentes e Mercedes continuaria viajando para o norte, rumo a Bilbao,

novamente

atravessando

território

ocupado

pelos

republicanos. Mercedes e Ana procuraram não pensar muito nas etapas seguintes de suas viagens, que fariam uma sem a outra.

O señor Duarte despediu-se maquinalmente, enquanto a señora o fez de modo caloroso.

A filha abraçou-se a Mercedes como se nunca mais a quisesse

largar.

— Prometa que vamos nos encontrar outra vez — insistia Ana.

— Claro que vamos. Assim que eu estiver instalada, vou escrever para você. Tenho o endereço de seu tio.

Mercedes obstinava-se em controlar as emoções. Prometer um reencontro aliviava-as da possibilidade inimaginável de nunca mais

se verem. Durante aquelas semanas, não tinham se separado nem por um momento, dia e noite. Nem duas irmãs foram tão unidas.



CAPÍTULO 27

Em Granada, Concha continuava a dirigir o El Barril. O café a mantinha ocupada enquanto as semanas passavam com uma lentidão quase intolerável. A rotina fornecia-lhe a única estrutura que tinha na vida, agora que parara de visitar Pablo na prisão. Nos

primeiros meses depois da detenção, Concha visitou-o com a maior regularidade possível mas, à medida que o conflito continuou, as visitas tornavam-se cada vez mais difíceis. As estradas eram perigosas, ela sempre tinha medo de ser presa e a viagem ia cobrando o seu preço com desgaste físico. Duas semanas antes, Pablo a fizera prometer não voltar.

À meia-luz, através de uma camada dupla de grades de metal, eles se olhavam e um via apenas a silhueta do outro nas sombras. A distância entre eles dificultava qualquer conversa além de algumas frases gritadas acima do burburinho dos outros casais trocando informações. Não podiam fazer confidências ou confessar temores com os guardas por perto. A cada visita, Concha observava como o marido parecia minguar visivelmente, mas através da névoa de metal não conseguia ver como de fato ele estava com aspecto doentio.

Tanto melhor.

— Alguém tem de se manter forte, *querida mía* — dissera Pablo de modo quase inaudível em meio ao alarido.

— Mas eu é que deveria estar trancada aí — retrucou ela.

— Não diga isso —repreendeu Pablo. — Prefiro estar aqui a saber que você foi para um desses lugares horríveis.

Todo mundo sabia o que acontecia nas prisões femininas, e Pablo

teria evitado a qualquer custo que a mulher passasse por aquilo. Elas tinham os pelos raspados, eram purgadas com óleo de rícino, frequentemente estupradas e marcadas a ferro. Nenhum homem

permitiria que sua mulher sofresse tais indignidades se tivesse opção, e Pablo nunca se arrependeu da escolha que fez.

— Por favor, não venha aqui — suplicava ele. — Não está lhe fazendo bem.

— Mas e os embrulhos de comida?

— Dá para sobreviver sem eles — disse.

Pablo não queria contar que geralmente sobrava muito pouco desses embrulhos depois que os guardas de mão leve inspecionavam seu conteúdo e os entregavam aos donos. Supunha que a mulher devia vencer os maiores sacrifícios para conseguir fazer chegar a ele os alimentos e o fumo, portanto era melhor não desiludi-la.

Concha deixou de fazer as visitas, mas a culpa a atormentava sem cessar. Poderia ter sido ela a ser torturada e a passar fome numa cela, e esse pensamento a acompanhava todos os minutos do dia. Tentava distrair-se e não pensar demais no que estava acontecendo com Pablo, pois sabia que a raiva e o desespero não iriam atenuar em nada a sua situação.

Outra fonte de ansiedade para Concha era a falta de notícias dos filhos. A mãe de Salvador, Josefina, foi a única a receber notícias dos rapazes. Voltara a Granada um mês depois que eles partiram para Madri apenas para encontrar uma carta da milícia comunicando-lhe a morte do filho. Não havia mais nenhuma informação a esperar, mas a mãe também recebeu duas cartas engraçadas e eloquentes que ele escrevera antes de morrer contando em detalhes o que tinham feito. Salvador tinha talento para escrever e descrever. Ela partilhou essas cartas com Concha e María Pérez, e as três mulheres passavam horas juntas lendo-as repetidas vezes.

Concha supunha que Mercedes não chegara a Málaga e esperava que estivesse agora com Javier em algum outro lugar, evitando voltar a Granada porque tinha medo. Estava convencida de que essas incertezas logo terminariam, que todos em breve estariam juntos de novo e ansiava por uma carta da filha.

* * *

Mercedes percebeu como se tornara independente. Sentia falta da amiga Ana, mas solidão era algo a que já se acostumara. Parecia que fazia séculos que tivera alguém cuidando dela, e a maneira como seus irmãos se preocupavam com ela era uma lembrança remota.

Encontrava-se agora no país Basco, em território republicano, e calculava que talvez levasse apenas alguns dias para chegar a Bilbao. Trazia consigo os sapatos e o vestido de dança que a mulher do proprietário do café lhe dera em uma bolsa, bem como algumas outras peças avulsas de roupa que conseguira comprar com o dinheiro que estava ganhando. Não planejara dançar quando estivesse sozinha, mas numa noite, num lugar pequeno que mal podia ser chamado de cidade, as circunstâncias pareceram-lhe apropriadas.

Quando o ônibus chegou ao destino naquele fim de tarde, Mercedes logo arranjou um lugar para ficar. O quarto dava para uma rua lateral que levava à praça e, debruçando-se na janela o máximo possível sem o risco de cair, avistou o movimento que havia ali. Algo parecia estar acontecendo e ela resolveu descer para ver de perto.

Era o dia 19 de março. Mercedes não se dera conta da importância do dia. As pessoas estavam chegando à pequena praça quadrada. Duas meninas pequenas corriam, uma atrás da outra, dando gritos estridentes, batendo suas castanholas, tropeçando nos babados de suas saias baratas de flamenco e quase caindo. A praça empoeirada, com uma fonte no meio e o suave gotejar da água, era o centro do universo delas. Era o único lugar que conheciam, e

Mercedes invejava-as por ignorarem os acontecimentos que ocorriam não muito longe dali. Os pais tinham trabalhado duro para mantê-las imunes aos efeitos da escassez de produtos que afetara as áreas urbanas, e os estrondos e clarões esporádicos no céu noturno de um bombardeio distante pareciam estar a um mundo de distância para as crianças daquela comunidade aparentemente autossuficiente. Uma ou duas delas conheciam o terror da guerra — seus pais tinham desaparecido durante a noite — mas a comunidade ainda funcionava como sempre.

Mercedes viu moças sentadas num muro tagarelando, umas trançando os cabelos das outras, algumas circulando pela praça com xales franjados. Um grupo de rapazes as espiava de longe, e de vez em quando eram recompensados por um furtivo olhar de soslaio lançado na sua direção. Havia um rapaz um pouco mais velho segurando um violão. Dedilhava algumas notas com aquele ar displicente que só os belos e seguros de si conseguem ter, e quando levantou os olhos reparou em Mercedes, que o observava. Ela sorriu. O rapaz talvez não fosse muito mais novo do que ela, mas Mercedes sentiu-se uns cem anos mais velha. Agora era mais destemida e não hesitou em se aproximar dele.

— Vai haver dança mais tarde? — perguntou.

O olhar desdenhoso que o rapaz lhe lançou forneceu a resposta.

Com o pequeno palco de madeira erguido ali perto, o vilarejo estava claramente preparado para uma *fiesta*. Seria a primeira a que Mercedes assistiria em muitos meses e, mesmo que a conotação religiosa significasse pouco, o ritual, a música e a dança tinham vibração própria. Ela não resistiria.

— É a festa de San José! — disse ele. — Não sabia?

Mais tarde, à noite, ela viu o jovem violonista outra vez, com um homem mais velho, sentados em cadeiras na beira do palco. Eram mais ou menos oito horas, a primeira noite do ano em que um pouco de calor permanecera no ar até tarde. Em que momento preciso a etapa de afinar baixinho os violões transformou-se em início de *alegrías* é difícil dizer, mas uma onda de aplausos correu pela multidão.

Os ritmos da música pareciam vir de direções opostas, trabalhando um de encontro ao outro e fundindo-se outra vez como correntezas na confluência de dois rios. A música que pai e filho faziam entrelaçava-se. Os rumos se cruzavam, juntavam-se e recuavam novamente, voltando para a direção original. Houve momentos de sublime prazer em que os dois instrumentos

produziram o som de um só para em seguida se afastarem, cada um de volta à própria melodia. Mesmo as dissonâncias pareciam harmoniosas, acordes maiores e menores às vezes colidindo respeitosamente.

Mercedes estava sentada perto dos músicos, dando tapinhas no joelho para acompanhar o ritmo, e sorria. Aquela música era algo de divino. Por algum tempo, o mundo exterior conturbado por antagonismos cessava de existir.

Quando a maravilhosa apresentação terminou, o pai levantou a cabeça e olhou para Mercedes. Chegara a vez dela. Ao falar antes com o violonista mais velho, naquela mesma noite, soubera que ele e o filho também eram forasteiros. Tinham deixado Sevilha uns meses antes e estavam esperando a ocasião propícia para voltar. No momento, achavam perigoso demais.

— As pessoas vão gostar de ver alguém dançar flamenco de verdade! — dissera ele, sorrindo e exibindo uma falha enorme nos dentes da frente.

297

No pequeno palco de madeira, onde meninos, meninas e uma ou duas mulheres mais velhas já tinham se apresentado, a dança de Mercedes tornou-se muito mais do que a habitual manifestação de

vigor e paixão que caracterizava o flamenco. A força primitiva de seus gestos tocou a plateia. Houve murmúrios de “*Olé*” tanto de homens quanto de mulheres, impressionados com aquela magnífica dançarina. Os violonistas talvez os tivessem feito esquecer, mas Mercedes lembrou-lhes que seu país estava sendo destroçado. Seus movimentos incorporavam a angústia que todos sentiam quando pensavam nos fuzis e canhões voltados para eles. Depois de dançar por vinte minutos, ela não tinha mais nada a oferecer. A última batida de pé, plantada com um poderoso estampido nas tábuas de madeira, foi um gesto de desafio inconfundível. “Não vamos nos submeter”, parecia dizer, e a plateia irrompeu em aplausos.

As pessoas mostraram-se curiosas a respeito dela. Algumas com quem falou naquela noite não compreendiam por que motivo queria ir para Bilbao, que imaginavam estar cheia de perigos.

— Por que não fica aqui? — perguntou a mulher em cuja casa se hospedara. — É muito mais seguro. Pode continuar naquele quarto, se quiser.

— É muita bondade sua — respondeu Mercedes —, mas preciso seguir caminho. Minha tia e meu tio devem estar esperando por mim faz tempo.

Achava mais fácil mentir do que contar a verdade. Não perdera a

esperança de encontrar Javier, ainda que, em sua mente, a imagem dele estivesse se dissipando. Acordava de manhã e procurava em vão em sua cabeça uma imagem do rosto dele, às vezes nada encontrava, mal visualizava sua silhueta. Outras vezes, precisava tirar a fotografia dele de dentro do bolso para recordar seus traços, os olhos suaves, ovais, o nariz aquilino, a boca bonita. Aquele momento perfeito em Málaga, quando a foto fora tirada, parecia-lhe muito distante, como se pertencesse a outra vida.

Estar separada de todos os que conhecia e longe de todos os lugares que lhe eram familiares criara nela uma sensação crescente de vazio. A partir do momento em que a família Duarte sumiu de vista, ela se sentiu insubstancial e desconectada do mundo. Havia semanas ou meses que partira de sua casa? Mal sabia dizer. Não tinha referências com as quais calcular o tempo. A sólida estrutura do tempo tinha virado pó.

Talvez sua única certeza fosse a de que, tendo chegado até ali, precisava seguir adiante e alcançar seu destino. Procurava ignorar a dúvida nova e persistente, de que nunca encontraria o objeto de sua busca.

Levantou-se de manhã ainda no escuro a fim de não perder o

ônibus que lhe fora indicado para levá-la a seu destino. Durante umas poucas horas, o veículo sacolejou a caminho de Bilbao. Mercedes saltou nos arredores da cidade, e não demorou para perceber por que seu plano de ir para aquele lugar fora recebido com olhares incrédulos na noite anterior.

Pegou carona com um médico, que a deixou numa das praças principais.

— Não quero desanimá-la — disse ele, educadamente —, mas não vai ser fácil encontrar alguma coisa em Bilbao. A maioria das pessoas está tentando sair daqui.

— Eu sei — respondeu Mercedes —, mas é aqui que preciso estar.

O médico percebeu que não conseguiria dissuadi-la, portanto não perguntou nada. Fizera o possível. Como aquela moça, ele não viria a Bilbao a menos que fosse obrigado, e o que o trazia àquele lugar era um hospital cheio de feridos.

— Francamente, acho que falta pouco para esta cidade cair, por isso tome cuidado.

— Vou tentar — disse ela, fazendo um esforço para sorrir. — Obrigada pela carona.

O lugar estava um caos. Havia ataques aéreos frequentes e a

sensação geral era de medo, desespero e pânico, que ela não vira em Granada no verão anterior, nem mesmo em Almería, entre os refugiados traumatizados vindos de Málaga.

Bilbao parecia completamente diferente de algumas das cidades pequenas onde ela estivera, que haviam se mantido fisicamente, se não mentalmente, intocadas pelo conflito. Aquela cidade estava sendo continuamente agredida. Era bombardeada dia e noite, por mar e pelo ar. O porto estava sob bloqueio e os estoques de comida tinham atingido níveis críticos. Comia-se arroz e repolho e, a menos que a pessoa estivesse preparada para comer carne de jumento, não existia carne. A visão de cadáveres era comum. Ficavam nas ruas, enfileirados como sacos de areia, e a cada manhã eram transportados em carroças para o necrotério.

299

Apenas uma razão a levava àquele inferno, que era seguir a última pista de que dispunha para encontrar Javier. Num pedacinho de papel dobrado dentro de sua bolsa ela guardava um endereço, o do lugar onde talvez o encontrasse. Até a mais tênue possibilidade a enchia de animação, e estava impaciente para chegar ao lugar indicado.

As primeiras pessoas a quem fez perguntas eram de fora da

cidade, tal como ela. Quem sabe fosse melhor pedir informações a algum dono de loja, e ela empurrou a porta mais próxima que encontrou. Tratava-se de uma loja de ferragens, mas exibindo tanto estoque quanto uma cozinha comum. Não havia fregueses, embora o velho lojista ainda estivesse sentado num canto escuro diante de sua caixa registradora, mantendo as aparências, como se os negócios corressem normalmente. Quando ouviu soar a sineta, espiou por cima de seu jornal.

— Posso ajudá-la?

Os olhos de Mercedes precisavam se adaptar à penumbra, mas ela seguiu a direção de onde vinha a voz, esbarrando no caminho numa mesa cheia de panelas empoeiradas.

— Preciso encontrar essa rua — disse, desdobrando o papel. — Sabe onde fica?

O velho apanhou os óculos num bolso e colocou-os com cuidado. Correu um dedo atarracado pelo endereço.

— Sei, sim — respondeu. — Fica na parte norte da cidade.

No verso do papel, usando um lápis de ponta rombuda, desenhou um mapa. Então, abriu a porta da loja, acompanhou Mercedes até a calçada e disse-lhe que seguisse até o fim pela rua onde se encontravam, depois dobrasse uma série de esquinas para

chegar a uma outra rua principal, que a levaria a seu destino.

— Pergunte novamente quando estiver mais perto — aconselhou.

— Em meia hora, provavelmente, deve chegar lá.

Pela primeira vez em semanas, Mercedes sentiu uma onda de otimismo inundá-la, e o sorriso que dirigiu ao velho também era o primeiro que ele via desde muito tempo.

Pareceu-lhe estranho a moça estar aparentemente tão animada para visitar uma das áreas da cidade mais devastadas pelas bombas, mas não teve coragem de preveni-la.

300

À medida que Mercedes caminhava, seguindo meticulosamente as instruções recebidas, seu sorriso ia gradualmente murchando. Em cada rua que passava, a destruição parecia ser de maiores proporções do que na anterior. No início, reparou em algumas janelas destroçadas, a maioria fechada com tábuas, mas, depois de meia hora andando, o estado dos prédios piorou a olhos vistos. Quando vislumbrou uma nesga de mar e achou que devia estar perto de seu destino, muitos daqueles blocos de apartamento já não passavam de cascas vazias. Na melhor das hipóteses, consistiam nas quatro paredes externas com cavidades abertas no centro, como caixas sem tampa. Na pior das hipóteses, tinham sido

completamente arrasados. Pertences variados misturavam-se às ruínas: mobília quebrada e milhares de objetos pessoais deixados para trás no atropelo da fuga.

Mercedes precisou perguntar uma dezena de vezes se estava na direção certa. Acabou encontrando um nome de rua afixado na esquina do primeiro quarteirão. Somente aquele canto do prédio ainda estava de pé, todo o resto da rua fora seriamente danificado. Aparentemente, uma bomba caíra bem no meio daquele trecho e fizera tudo voar pelos ares num raio de cinquenta metros. Mesmo do ponto onde ela se encontrava podia afirmar: era óbvio que todos os apartamentos deviam estar vazios. As janelas estavam negras e escuras, como as órbitas de uma caveira. Calculou em qual dos blocos os tios de Javier tinham morado pois, evidentemente, não viviam mais ali.

A rua se encontrava abandonada, como aqueles prédios, e Mercedes presumiu que todos os que estiveram em casa na hora da explosão da bomba deviam ter se ferido ou morrido. Os últimos fiapos de esperança a que se agarrara durante muitas semanas iam desaparecendo aos poucos. Quisera tanto encontrar Javier naquela cidade e agora, que ironia, desejava que ele nunca tivesse chegado a Bilbao. Mercedes sentiu o corpo tremer. Estava gelada, entorpecida

com o impacto.

Seu punho fechou-se em volta do pedaço de papel com o endereço de Javier e amassou-o, formando uma bola dura. Mais tarde, naquele mesmo dia, daria pouca importância àquela perda. Agora estava verdadeiramente sem rumo.

* * *

As horas seguintes de Mercedes em Bilbao foram passadas numa fila de pão, cuja extensão superava muito as que vira em Almería e

em todas as outras cidades do território republicano. Serpenteava por uma rua afora e dobrava a esquina, continuando na outra rua. Mães com crianças de colo tentavam lidar com a choradeira dos pequenos da melhor forma possível, mas se estavam famintos ao entrar na fila, três horas de espera só pioravam os apertos no estômago causados pela fome. A paciência de todos começava a se esgotar, assim como a certeza de que no fim sobraria alguma coisa para eles.

— Havia quase cem pessoas na minha frente ontem — gemeu a mulher diante de Mercedes —, e então eles fecharam o balcão. Bang! Acabou-se.

— E o que vocês fizeram? — perguntou.

— O que acha que fizemos?

A mulher tinha maneiras agressivas e falava de modo vulgar. Mercedes sentiu-se obrigada a conversar, embora preferisse ficar calada. Estava totalmente absorta em Javier e limitou-se a dar de ombros em resposta.

— Esperamos, não é? Não podíamos perder nossos lugares, de jeito nenhum, então dormimos na calçada.

A mulher estava decidida a continuar falando, embora Mercedes nada dissesse para incentivá-la.

— E sabe o que aconteceu? Quando acordamos, essas outras pessoas tinham passado na nossa frente. Tomado nossos lugares.

Ao pronunciar as últimas palavras, ela fechou um punho e socou a palma aberta da outra mão. A mulher, ao reviver o momento em que viu que tinham usurpado seu lugar na fila, sentiu voltar sua raiva.

— Por isso, sabe, tenho de conseguir um pouco daquele pão. Não tem outro jeito.

Mercedes não duvidava que a mulher fizesse qualquer coisa para alimentar a família, e seus modos ameaçadores indicavam que recorreria à violência se fosse preciso.

Mercedes estava com sorte naquela manhã. O fornecimento não

terminou antes que sua vez chegasse, mas mesmo assim sabia que incomodava a outra porque admitira não ter dependentes. Como não vigorava um racionamento rigoroso, as que tinham crianças costumavam achar que não recebiam uma quantidade justa. Aquela mulher evidentemente acreditava que o mundo estava contra ela e, o

pior de tudo, lesando sua família. Mercedes sentiu o olhar da mulher queimando em suas costas ao apanhar a bisnaga no balcão. Esses lampejos de hostilidade entre pessoas do mesmo lado eram um dos piores aspectos daquela guerra.

Apesar da atmosfera de desespero crescente da cidade, Mercedes decidiu não ir embora logo. Viajara um bocado e sentia que não havia mais para onde ir. Nos dias seguintes àquele em que viu as ruínas abandonadas da casa dos tios de Javier, permitiu-se esperar que ele estivesse em algum outro lugar da cidade. Não fazia sentido, então, ter pressa para ir embora, e todo dia ela fazia novas investigações.

Uma das necessidades imediatas de Mercedes foi obter um teto, e em breve se viu conversando com uma das mães que encontrou numa das filas de alimentos. María Sánchez estava tão perturbada com a dor de ter perdido o marido que ficou mais do que satisfeita

em aceitar a oferta de ajuda para cuidar dos quatro filhos em troca de acomodação. Mercedes dividia o quarto com as duas filhas dela, e em pouco tempo as meninas já a chamavam de “tía”.

303



CAPÍTULO 28

Em março, o fim da Batalha de Guadalajara assinalou uma pausa nas tentativas de Franco de tomar a capital e, ao mesmo tempo, a mudança do foco de sua atenção para o norte industrial: a região basca ainda resistia teimosamente. Enquanto isso, Antonio e Francisco estavam de volta a Madri, que, apesar de não ser mais o objetivo principal da campanha de Franco, ainda precisava ser defendida.

Os dois rapazes tiveram semanas de relativa ociosidade, durante as quais escreveram cartas, jogaram baralho e, uma ou outra vez, participaram de discussões e debates. Francisco, como sempre,

estava desesperado para voltar ao centro da ação. Antonio, por sua vez, procurava ser mais paciente, embora estivesse sempre faminto, não só por pão como também por notícias dos acontecimentos em outras partes do país. Devorava os jornais diários assim que apareciam nas bancas.

No final de março, ouviram falar dos bombardeios na cidade indefesa de Durango. Uma igreja fora atingida durante a missa e a maioria da congregação morrera, assim como algumas freiras e um padre. E, pior, aviões de caça alemães tinham metralhado civis em fuga, matando cerca de duzentas e cinquenta pessoas.

Porém, houve outro acontecimento, a destruição da antiga cidade basca de Guernica, que teve implicações maiores tanto para Antonio quanto para Mercedes, embora estivessem distantes centenas de quilômetros um do outro e ambos longe de casa.

No final de abril, o dia em que o rádio transmitira a notícia de que Guernica havia sido reduzida a uma estrutura completamente carbonizada foi um dos momentos mais sombrios do conflito. Sentado ao sol primaveril de Madri, Antonio viu suas mãos tremerem tanto que mal conseguiam segurar o jornal. Nem ele nem Francisco

jamais tinham estado naquele lugar, mas a descrição de sua

horrenda destruição constituía um momento decisivo da guerra.

— Olhe essas fotos — disse Antonio, sentindo um aperto na garganta ao passar o jornal para Francisco. — Olhe…

Os dois homens examinaram as imagens, incrédulos. Várias fotografias mostravam os escombros retorcidos dos prédios e corpos de pessoas e animais espalhados pela rua; havia sido dia de feira. A imagem mais atordoante de todas era a do corpo sem vida de uma criança, uma menina pequena. Havia uma etiqueta em volta de seu pulso, como o preço em uma boneca. Registrava o local onde ela fora encontrada, para o acaso de seus pais irem procurá-la no necrotério. Era a imagem mais estarrecedora que já tinham visto, fosse com os próprios olhos ou reproduzida em jornal.

A cidade fora atacada sistematicamente por ondas sucessivas de caças, a maioria alemães, alguns italianos, que, ao longo de várias horas, jogaram centenas de bombas e metralharam civis que corriam para salvar suas vidas. Uma comunidade fora toda exterminada, com famílias inteiras morrendo dentro de suas casas em chamas. Havia relatos de vítimas cambaleando em meio à fumaça e à poeira para tentar resgatar amigos e parentes dos escombros e sendo mortas por outra onda de bombardeiros que passavam. Mais de mil e quinhentas pessoas morreram naquela única tarde.

O massacre de inocentes repugnava-os mais do que a morte de camaradas, que tinham perdido a vida em combates em condições de igualdade, se bem que injustos.

— Se Franco pensa que vai vencer destruindo todas essas cidades — disse Francisco, seu ódio ainda mais intenso a cada derrota republicana —, ele está muito enganado. Enquanto não entrar em Madri, não tem nada…

A devastação de Guernica foi agudamente sentida por Antonio e Francisco, bem como por todos os que apoiavam a República, reforçando a determinação da milícia de resistir a Franco.

* * *

Se o massacre de Guernica fortaleceu a determinação em Madri, em Bilbao ele inspirou terror. O efeito que causou nos residentes desta cidade do norte e naqueles que tinham ido para lá em busca de refúgio foi de pânico, ainda que contido. Se Franco era capaz de apagar do mapa uma cidade daquela maneira, presumia-se que não hesitaria em fazer o mesmo com outra. O bombardeio metódico e

meticuloso impressionou até os que tinham sido expostos aos incessantes ataques diários a Bilbao, e nas ruas e filas não se falava em outra coisa.

— Ouviu o que eles fizeram? Esperaram até as quatro da tarde. Todo mundo estava saindo de casa para ir à feira, e eles escolheram essa hora para lançar as bombas.

— E voltaram uma porção de vezes. Durante três horas… até destruírem tudo e matarem quase todas as pessoas.

— Dizem que havia cinquenta aviões e que as bombas caíam como se fossem chuva.

— Não sobrou nada naquela cidade…

— Temos de tentar tirar as crianças daqui — disse Mercedes para a señora Sánchez.

— Não existe nenhum lugar seguro para onde possam ir — respondeu ela. — Se existisse, já as teria mandado para lá faz tempo.

A señora Sánchez resignara-se tanto ao estado de coisas em Bilbao que sua imaginação não enxergava nada além do presente. Sobrevivência, para ela, não era uma questão de planejar uma forma de escapar mas viver um dia após o outro e rezar pela libertação.

— Ouvi dizer que há uns navios saindo daqui, e que vão levar as pessoas para lugares seguros.

— E para onde vão levá-las?

— México, Rússia… — respondeu Mercedes.

Uma expressão de puro horror estampou-se no rosto da señora

Sánchez. Vira uma fotografia de crianças chegando de trem a Moscou. Tudo lá tinha um aspecto tão estranho: faixas com dizeres num alfabeto que ela não conseguia decifrar, crianças comunistas indo recebê-las com flores, os rostos das pessoas à espera delas tão diferentes, tão estrangeiros…

— Como posso sequer pensar em deixar meus filhos irem para um lugar desses? Como você pode sequer pensar em sugerir tal coisa?

Indignação e medo enchiam-lhe os olhos de lágrimas. Não era capaz de conceber as distâncias que teriam de viajar e não conseguia imaginar o que os esperaria ao final de uma viagem daquelas. Seu instinto lhe dizia para manter os filhos perto de si.

— Seria apenas por pouco tempo — Mercedes tranquilizou-a. — Ficariam fora de perigo enquanto isto tudo acontece aqui e não passariam fome.

As pessoas agora faziam fila para solicitar lugares nesses navios para seus filhos, e formavam filas ainda mais compridas do que as do pão. Os horrores de Guernica, os bombardeios que tinham matado pessoas inocentes e a destruição metódica de uma cidade inteira fizeram o povo de Bilbao enfrentar a realidade brutal: o

mesmo poderia acontecer com sua própria cidade.

Uma aniquilação completa poderia ser perpetrada ali por terra, mar e ar, e não existia refúgio seguro para eles — pelo menos, não na Espanha. Como muitos outros pais em Bilbao, nos últimos dias a señora Sánchez encarara o fato de que a melhor coisa para seus filhos seria ir para um lugar mais seguro. Afinal de contas, as pessoas estavam dizendo que seria apenas por três meses.

* * *

Por mais de dezoito horas, Mercedes esperou com a señora Sánchez e seus quatro filhos pela entrevista sobre o pedido de retirada para um país estrangeiro. Todos estavam nervosos, de vez em quando lançando olhares para o céu claro e vazio, perguntando-se quantos minutos de misericórdia teriam antes de avistar o primeiro bombardeiro e de sentir o estrondo de terremoto de uma explosão. Faziam fila para obter lugares no navio que seguia para a Inglaterra, o *Habana*. Embora a señora Sánchez não tivesse nenhuma imagem do país em sua mente, sabia que a Grã-Bretanha ficava muito mais perto do que alguns dos outros países disponíveis, e por esta razão veria seus filhos novamente em muito menos tempo.

Depois de todas aquelas horas de paciência, chegou finalmente a vez de María Sánchez pleitear a causa de seus preciosos filhos e

filhas.

— Diga-me as idades de seus filhos, por favor — pediu o funcionário.

— Eles têm três, quatro, nove e doze anos — respondeu ela, apontando cada um.

O funcionário examinou-os com um olhar minucioso.

— E quanto a você? — perguntou, dirigindo-se a Mercedes.

— Ah, eu não sou filha da señora Sanchez — respondeu ela. — Só estou ajudando a tomar conta das crianças. Meu nome não consta do requerimento.

O homem deu um grunhido, marcando algo no formulário à sua frente.

— Os dois mais novos estão abaixo do limite de idade — disse ele, dirigindo-se à señora Sánchez. — Só levamos crianças de cinco a quinze anos. Os dois mais velhos podem ser aprovados, mas antes preciso que responda a algumas perguntas.

Em seguida, com voz ríspida, desfiou uma lista de perguntas que exigiam respostas imediatas e verdadeiras: ocupação do pai, a religião e o partido a que pertencia. María respondeu com veracidade. Não havia por que mentir àquela altura. O marido fora membro de

um sindicato e do partido socialista.

O funcionário deixou a caneta de lado, apanhou uma pasta em cima da mesa, abriu-a e correu o dedo por uma coluna, calculando em silêncio. Durante alguns minutos, continuou a tomar notas. Precisava haver uma distribuição de filhos de pais de todos os diversos partidos políticos que fosse proporcional aos padrões de voto da eleição mais recente. As crianças eram selecionadas para um dos três grupos: o dos republicanos e socialistas, o dos comunistas e anarquistas e o dos nacionalistas. Parecia que o navio não estava totalmente cheio e ainda havia espaço para mais alguns filhos de gente do partido socialista.

— E você — disse o funcionário, olhando para Mercedes —, não gostaria de embarcar também?

Mercedes ficou completamente atônita. Não lhe ocorrera que fossem lhe oferecer um lugar. Era muito mais velha do que o permitido para se candidatar aos lugares das crianças e resignara-se a permanecer em Bilbao. Não tinha nenhuma ambição de entrar num daqueles navios que levavam os adultos para lugares distantes. Em sua mente, uma viagem assim seria admitir para si mesma que nunca encontraria Javier.

E precisava apegar-se à esperança cada vez menor de encontrá-

lo, levando em conta que a outra opção, a de voltar para o lugar de onde viera, estava agora fora de questão.

— Precisamos de um certo número de moças para cuidar dos menores e temos espaço. Se você vem cuidando de crianças há

algum tempo, pode ser exatamente o tipo de pessoa de que estamos precisando — explicou o funcionário.

Mercedes só escutava a voz dele vagamente, tão ocupada estava sua cabeça com esse novo dilema.

— Mercedes! — exclamou María. — Você tem de ir! Que oportunidade!

Pela primeira vez desde que a conhecera, Mercedes viu a apagada expressão de resignação desaparecer do rosto da mulher.

Teve a sensação de que lhe estendiam a mão e que seria uma ingrata se não aceitasse. As pessoas estavam ávidas por um lugar naqueles navios. Disse a si mesma que estaria de volta em poucos meses, e iria para junto de sua família. Abandonar a procura por Javier, porém, era impensável.

As duas crianças mais velhas, Enrique e Paloma, cujos destinos já tinham sido decididos, fitavam-na com ar de súplica. Queriam muito que ela os acompanhasse àquele lugar desconhecido, e

instintivamente sabiam que a mãe ficaria mais contente se ela estivesse no navio com eles.

Mercedes viu seus olhos arregalados, esperançosos. Talvez fosse fazer algo de realmente útil, afinal, e assumir a responsabilidade de cuidar de outros, não só de si mesma.

— Está bem — ouviu-se responder. — Eu vou.

Havia algumas formalidades a cumprir. Para começar, um exame médico. Mercedes levou seus dois protegidos ao escritório da *Asistencia Social* e eles esperaram enfileirados até o médico inglês os atender. Não houve muita conversa, pois não falavam a mesma língua.

Paloma e Enrique receberam um atestado de saúde. Um cartão hexagonal com as palavras *"Expedición a Inglaterra"* e o número pessoal de cada um foi fixado à sua roupa, e receberam instruções para usá-lo o tempo todo.

— O que você vai levar? — Paloma perguntou a Enrique, muito animada, como se fossem para um passeio.

— Não sei — respondeu ele com ar desolado. — O jogo de xadrez? Não tenho certeza. Não sei se vou ter com quem jogar.

Só tinham permissão para levar uma pequena mala cada um, com uma muda de roupa e um número limitado de pertences, cuja

escolha deveria ser feita com muito critério. Para as crianças católicas, uma pequena Bíblia tinha de ser incluída.

— Vou levar Rosa — disse Paloma, decidida.

Rosa era a boneca favorita e a amiga imaginária. Rosa ir com ela naquela viagem dava a Paloma a certeza de que tudo correria muito bem. O irmão mais velho não se sentia tão confiante assim. Estava apreensivo com relação ao lugar para onde iam, mas sua condição de mais velho da família obrigava-o a aparentar bravura.

Os únicos bens pessoais de Mercedes cabiam perfeitamente numa pequena mala, portanto não precisava decidir nada. O navio partiria em dois dias, e durante cada uma daquelas quarenta e oito horas haveria certamente a possibilidade de encontrar Javier. Naqueles dois dias em Bilbao, ela esquadrinhou todas as aglomerações de pessoas e todas as filas, procurando vislumbrar o rosto dele.

* * *

Às seis horas da tarde de 20 de maio, milhares de pessoas comprimiram-se na estação de trem de Portugalete. Seiscentas crianças de uma vez foram levadas em trens especiais para Santurce, a doca principal de Bilbao, onde o *Habana* estava ancorado. Alguns

dos pais nunca tinham ido além de Pamplona em sua vida toda, de modo que ver os filhos partirem para o desconhecido era quase insuportável. Umas poucas crianças agarravam-se às saias das mães, mas muitas vezes a aflição maior era a da mãe. Algumas crianças estavam alegres, felizes, sorridentes, esperando ver os pais de novo em breve; encaravam aquilo como um passeio de barco com direito a piquenique, umas férias curtas, uma aventura, e para essas a atmosfera parecia fascinante e festiva. Até o presidente Azaña viera acenar para elas.

Enrique continuou melancólico até o momento da partida, incapaz até mesmo de produzir um sorriso para a mãe, que lutava para conter as lágrimas. A señora Sánchez não os acompanharia no trem até o porto. As despedidas seriam na plataforma da estação.

Ao contrário do irmão, Paloma mostrava-se cheia de entusiasmo. Estava cansada dos alarmes antiaéreos e da fome torturante.

— Vão ser somente umas poucas semanas — não parava de dizer a ele. — É uma aventura. Vai ser divertido.

No que se referia a todas aquelas crianças, elas estavam embarcando numa viagem para serem mantidas em segurança.

Muitas haviam sido vestidas com apuro: as meninas com fitas nos

cabelos, seus melhores vestidos estampados de flores e meias soquete, os meninos bem-arrumados com camisas engomadas e calças curtas.

O *Habana* pareceu imenso às crianças, projetando sua forma escura acima de suas cabeças, pronto para engoli-las como se fosse uma baleia. Alguns dos menores não alcançavam sequer a corda que corria ao longo da prancha de acesso. Os marinheiros seguravam as mãozinhas minúsculas, apertavam-nas bem dentro das suas, e acompanhavam as crianças pequenas pela estreita prancha de madeira para impedir que caíssem no canal de água escura entre o cais e a embarcação.

O navio tinha capacidade para oitocentos passageiros, mas fora preparado para receber quase quatro mil crianças e cerca de duzentos adultos (vinte professores, cento e vinte auxiliares, entre os quais Mercedes, quinze padres católicos e dois médicos). Ao cair da noite, todos tinham embarcado e, depois da refeição mais farta das últimas semanas, dormiram a bordo.

Ao amanhecer do dia 21 de maio, as amarras foram soltas.

Ouviu-se o tinido de correntes pesadas e os passageiros perceberam os primeiros movimentos do navio, lentos, quando ele começou a deslocar-se para o lado e afastar-se do porto.

Mercedes sentiu o estômago revirar. Ficou imediatamente perturbada pelo balanço do navio, que desconhecia (nunca pisara em qualquer tipo de barco antes), mas foram sobretudo as emoções que lhe causaram a náusea. Estava deixando a Espanha. Ao seu redor, por todos os lados, crianças pequenas choravam, enquanto as mais velhas permaneciam junto delas, corajosas, segurando-lhes as mãos. Mercedes mordeu o lábio, reprimindo a necessidade quase irresistível de chorar convulsivamente a tristeza e a perda. Depois de dias de expectativa e preparativos, tudo estava acontecendo depressa demais. A cada segundo, a distância entre ela e Javier aumentava. Um borrifo de água salgada misturou-se às lágrimas que desciam pela face. Saber que estava deixando para trás cada uma das pessoas que amava e conhecia era intolerável, e a tentação de correr para a proa do navio e atirar-se nas águas espumantes quase a dominou. A única coisa que a impediu foi a necessidade de mostrar-se corajosa para as crianças.

Envolta num sentimento de absoluta desolação, viu primeiro as figuras no cais diminuírem e em seguida os prédios, tudo isso se

transformar em pontinhos, depois desaparecer da vista. As esperanças de ver Javier pareceram sumir com eles.

* * *

— E aquilo foi a última coisa que Mercedes viu da Espanha — disse Miguel.

— O quê? — Sonia não conseguiu disfarçar o espanto. — *Para sempre?*

— Isso mesmo. E ainda por cima não podia escrever para a mãe contando onde estava porque poderia incriminá-la.

— Que horror — exclamou Sonia. — Quer dizer que Concha provavelmente nem sabia que a filha saíra do país.

— Não, ela não sabia — afirmou Miguel. — Só soube muito tempo depois.

Tinham terminado o almoço num restaurante perto da catedral e agora voltavam, lentamente, a pé para o El Barril. Sonia de repente sentiu medo. Se Mercedes deixara a Espanha de uma vez por todas, talvez Miguel não tivesse mais informações sobre ela. Estava prestes a perguntar mais quando Miguel retomou a história no ponto onde tinha parado.

— Quero lhe contar mais sobre Antonio — disse ele em tom determinado, acelerando o passo quando cruzaram a praça na direção do café. — Ainda não chegamos ao fim da Guerra Civil.



CAPÍTULO 29

No decorrer da primavera e do princípio do verão de 1937, Antonio e Francisco ficaram retidos em Madri. A transição de uma estação para outra naquele ano foi repentina, com o calor suave e envolvente de maio súbita e rudemente posto de lado pelas temperaturas escaldantes do verão. O ar na capital estava quase irrespirável, e um profundo torpor os atingiu severamente.

Os dois ficaram satisfeitos quando, no início de julho, reiniciaram-se os combates e eles foram mandados para Brunete, vinte e poucos quilômetros a oeste de Madri. O Exército republicano pretendia abrir caminho no território nacionalista. Se conseguisse romper a comunicação que havia entre os fascistas e as suas tropas nas aldeias próximas de Madri e nos arredores da própria capital, o cerco à cidade terminaria. Antonio e Francisco estavam entre os oito mil soldados republicanos mobilizados para essa campanha, que

também atraía milhares de membros das Brigadas Internacionais.
No começo, as coisas pareceram correr bem para eles. Ao cair da noite do primeiro dia, tinham penetrado em território fascista, Brunete fora capturada e a aldeia de Villanueva de la Cañada caiu em seguida. As tropas republicanas agora se deslocavam na direção de Villafranca del Castillo.
Durante algum tempo, Antonio e Francisco lutaram contra as pequenas forças fascistas que ainda restavam ou coletaram munição e mantimentos deixados para trás na retirada do inimigo. Uma vez, seu batalhão se viu surpreendido e, durante quatro horas, choveram bombas sobre eles, que buscaram cobertura nas valas laterais de uma estrada. Os aviões nacionalistas aproximaram-se e os bombardearam também. Poeira, calor, sede e uma exaustão dolorosa afetavam a todos eles, mas nada disso importava quando o perfume da vitória pairava no ar. Esse perfume tinha uma doçura que se sobrepunha aos odores pungentes de sangue, suor e excrementos.
313
Francisco estava eufórico.
— Chegou a hora — disse ele para Antonio com um entusiasmo de menino. — Chegou a hora — gritava acima do barulho do fogo de artilharia.

— Tomara que você tenha razão — respondia o amigo, contente de ver algo diferente de raiva e frustração no companheiro.

Durante os primeiros dias, os republicanos tiveram uma forte sensação de progresso rápido com aquela batalha. Sabiam que os nacionalistas também tinham consciência disso e estariam se preparando para uma retaliação efetiva. Aquele território era decisivo e, se os republicanos conseguissem atingir sua meta seguinte e tomassem as colinas acima de Madri, seu objetivo seria alcançado.

Despreparados inicialmente para essa ofensiva, os nacionalistas contudo logo puseram em ação um grande número de tropas e partiram para um contra-ataque muito agressivo. A força aérea republicana adquirira a supremacia aérea no princípio da batalha mas, em poucos dias, os nacionalistas retomaram a superioridade no céu e passaram a bombardear repetidamente as linhas republicanas.

Sentados em trincheiras rasas, a terra dura e seca demais para cavarem mais fundo, Antonio e Francisco sabiam que estavam em dificuldades. Depois da onda de otimismo inicial, viam que a vitória levaria mais tempo para ser conquistada do que haviam pensado.

Um atrás do outro, os aviões nacionalistas surgiam e os bombardeavam com uma regularidade quase enfadonha. O fogo de artilharia não cessava e aquele barulho triturava-lhes o moral. O

calor começou a se intensificar. As coronhas dos fuzis, congeladas no inverno anterior, agora estavam quentes demais para se empunhar, e o campo de batalha transformou-se num inferno.

Pouco se falava nas trincheiras, mas de vez em quando algum comando aparentemente sem sentido era gritado e passado adiante entre eles.

— Querem que vamos para lá — falou Antonio um dia, apontando uma área escassamente arborizada.

— O quê? Onde não há cobertura nenhuma? — gritou Francisco acima do estrondo de uma bomba.

Num breve intervalo do bombardeio aéreo, um grupo que incluía Antonio e Francisco saiu de dentro da trincheira e correu para se abrigar no pequeno bosque. Ouviram o estalejar de tiros mas

ninguém foi alvejado. Até então, a maior parte da unidade de Antonio tivera sorte durante esse conflito. Apesar de terem obtido pouco sucesso, não tinham perdido suas vidas.

Corpos enegrecidos dos milicianos republicanos espalhavam-se pela paisagem. De tempos em tempos eram resgatados, mas frequentemente ficavam largados ali, cozinhando ao calor, servindo de comida para as moscas. Aquela era uma região árida. A terra

clara ia ficando mais esbranquiçada a cada dia. Tufos esparsos de capim apanhados na linha de fogo incendiavam-se em chamas vivas e de curta duração, só fazendo aumentar o calor para quem estivesse próximo.

A espantosa precariedade das linhas de abastecimento logo se tornou um problema. Não faltava só munição aos republicanos, mas também comida e água.

— Podemos escolher: ou bebemos essa imundície que pode nos causar tifo ou morremos de sede — disse Francisco, levantando uma caneca esmaltada toda lascada. A situação da água era crítica. Ele bebeu um gole de conhaque de um cantil, desejando mais do que qualquer coisa poder trocá-lo por um grande gole de água pura e limpa. — Sabe, há animais mortos rio acima — acrescentou.

Alguns dos homens perto dele derramaram sua ração de água na terra e viram-na desaparecer no chão. Sabiam que Francisco estava certo. No dia anterior, tinham presenciado a morte de um de seus companheiros, um soldado que morrera de tifo.

O bombardeio aéreo intensificou-se e, naquela região descampada, era uma sorte sobreviver. Quando uma bomba caía, a terra seca voava e enormes torrões empedrados vinham bater nas cabeças dos soldados, espalhavam-se em seus rostos, enchiam-lhes

as orelhas. A habilidade com um fuzil ou a precisão para lançar uma granada não desempenhavam nenhum papel. A bravura não aumentava as chances de ninguém, mas a covardia também não.

— Sabe o que nós somos? — constatou Francisco certa noite, quando tudo se acalmara e um momento de paz permitiu-lhes conversar. — Alvos para treino dos aviões alemães.

— Você deve ter razão — murmurou Antonio. Apesar de sua atitude geralmente positiva, sentia-se cada vez mais desanimado.

A impressão era a de que os líderes republicanos não se comunicavam entre si, tinham dúvidas sobre a orientação básica e estavam menos seguros ainda a respeito de sua situação. A firmeza e

o bom planejamento da estratégia inicial estavam agora obscurecidos pelo pó e pelo caos.

Apesar das baixas enormes na infantaria de Franco quando suas linhas foram atacadas, os nacionalistas tinham continuado a bombardear campos de pouso republicanos e enfraqueceram consideravelmente a capacidade do inimigo no ar. Os republicanos se deram conta de que agora lutavam para defender o mesmo território que haviam conquistado no princípio da campanha.

Na última semana de julho, com temperaturas ainda

insuportáveis, o poder aéreo dos nacionalistas passara a ser o fator dominante, e muitos republicanos tentaram fugir. Alguns eram alvejados por seus próprios companheiros quando corriam. Afinal, a fuzilaria cessou. A munição acabara e tanques sem combustível pontilhavam o campo de batalha.

Parecia que, devido a falhas de comunicação, liderança fraca, confusão sobre a geografia da área, sistema de abastecimento precário e superioridade aérea nacionalista, as conquistas iniciais republicanas acabavam não sendo muito significativas. Aquela vitória não tinha os contornos nítidos da certeza, e a desordem da guerra fez com que os dois lados pensassem que tinham ganhado. Líderes da esquerda argumentavam que Brunete fora uma obra-prima de astúcia mas, com a conquista de meros cinquenta quilômetros quadrados ao custo de vinte mil vidas e pelo menos igual número de feridos, aquele era um avanço pequeno demais para o preço cobrado.

— Então, isto é que é vencer — disse Francisco, golpeando o chão com o calcanhar. — E é assim que se sentem os vencedores.

As palavras amargas refletiam o descontentamento entre os companheiros e a raiva pelas perdas despropositadas naquela batalha.

Onde estava La Pasionaria agora para enchê-los de entusiasmo e lembrar-lhes que não podiam desistir? Os líderes comunistas diziam-lhes que aquilo fora um triunfo e sabiam que poderiam ser chamados para continuar a luta, mas naquele momento estavam contentes em voltar a Madri para descansar um pouco. Haveria outras frentes de batalha mais tarde.

* * *

Por alguns meses, Antonio e Francisco ficaram na capital, onde a vida cotidiana ainda transcorria sob aquela máscara de normalidade

que poderia ser destroçada a qualquer momento. Num instante estavam saboreando uma bebida gelada ao sol e no outro um alarme antiaéreo os fazia correr para o abrigo, lembrando-lhes a ameaça que espreitava continuamente aquela cidade. Os pensamentos de Antonio muitas vezes desgarravam-se para Granada, e ele se perguntava como estaria a vida numa cidade ocupada pelos fascistas. Não haveria bombas caindo, mas ele duvidava que sua amada mãe estivesse sentada na Plaza Nueva tomando sorvete.

Uma nova ofensiva teve lugar no front de Aragão naquele outono, mas Antonio e Francisco descobriram que sua unidade não estaria entre as que seguiriam para a batalha.

— Por que não vamos? — queixou-se Francisco. — Não podemos passar o resto da vida aqui sentados.

— Alguém tem de ficar para defender Madri — disse Antonio. — E a campanha está completamente caótica. Por que você faz questão de ser bucha de canhão?

Antonio acreditava no que estavam fazendo, mas havia um desperdício de vidas naquele momento, e isso o enfurecia. Não queria ser parte de um sacrifício desnecessário. Os jornais que eles liam em Madri detalhavam as divisões internas no lado republicano, que nada contribuíam para ajudá-los. Os comunistas, agora determinados a assumir o controle, estavam deixando a milícia marxista e os grupos de sindicatos sem armas, e irrompiam disputas em suas próprias fileiras, que também nada acrescentavam à sua causa.

Antonio nunca foi capaz de compreender por que o amigo desejava a ação pelo gosto da ação em si, e, exatamente como ele esperava, notícias sobre uma enorme quantidade de baixas no front de Aragão começaram a se espalhar.

Em dezembro, porém, os dois já estavam viajando. Amontoados num caminhão, no começo do pior inverno de que se tinha lembrança, Antonio e Francisco foram levados para a cidade de Teruel, a leste de Madri. Teruel estava ocupada pelos nacionalistas, e

os republicanos esperavam que Franco desviasse tropas de Madri caso eles escolhessem Teruel como alvo. Receava-se que Franco estivesse planejando um novo ataque à capital, e os líderes republicanos sabiam que algo precisava ser feito para atrair as forças nacionalistas para outro local.

O ataque a Teruel pegou os nacionalistas de surpresa e durante algum tempo os republicanos levaram vantagem, acabando por

tomar a praça-forte. Presos ao solo pelas condições rigorosas do clima, inicialmente os aviões alemães e italianos não participaram do conflito, mas, mesmo sem eles, os nacionalistas tinham a vantagem de possuírem mais armas e mais efetivo. Empenharam-se em utilizar ambos integralmente e submeteram Teruel a um ataque implacável.

A própria paisagem era cruel: plana e estéril, de colinas nuas, cinzeladas. Antonio e Francisco, posicionados dentro da cidade e quase mortos de frio, assistiam à morte de dezenas de camaradas naquele deserto. Estavam tão calejados pelo desconforto que Antonio se perguntava se algum dia deixariam de sentir dor. Francisco só não reclamava do estado geral daquela guerra e das incompetências da liderança republicana quando estava imerso em perigo e morte. Nem uma tosse seca e constante parecia incomodá-lo, e mostrava sua

fisionomia mais satisfeita quando estava sob o fogo cerrado dos tiros de metralhadora.

No dia de Natal, estavam acampados nos arredores da cidade.

Vinha nevando sem parar por dias a fio e as roupas dos soldados estavam encharcadas. Não havia possibilidade de nada secar. Com as botas saturadas de água pesando mais do que o dobro do peso normal, andar era um exercício mais árduo do que nunca.

A essa altura, a respiração de Francisco estava difícil, sibilante. Segurava um cigarro, que caiu no chão quando ele se dobrou, o corpo inteiro sacudido por um acesso de tosse.

— Olhe, por que não senta um pouco ou então vem para cá? — sugeriu Antonio. Passou o braço em volta do amigo e guiou-o para uma barraca improvisada que estava sendo usada para guardar suprimentos médicos.

— Não é nada — protestou Francisco. — É só uma gripe ou algo parecido. Estou bem. — E afastou bruscamente a mão do amigo, que o guiava.

— Francisco, você precisa descansar um pouco.

— Não preciso, não — a voz saiu num sussurro entrecortado, a garganta cheia de secreção.

Antonio olhou Francisco nos olhos e notou que estavam cheios

de lágrimas. Podia ser efeito do frio, que os fazia lacrimejar daquele jeito, mas o que Antonio viu foi um homem a ponto de sucumbir. O peito arfante do amigo e a exaustão de quatorze noites sem dormir em meio a toda aquela umidade tinham levado até mesmo aquele homem duro além do extremo de sua resistência. Dor ou ferimentos

ele teria suportado com bravura, mas se tratava de doença, e o corpo dele fraquejava.

— Tenho de ser forte — soluçava ele, desesperado. Admitir que o corpo impunha tais limitações aos seus desejos e descobrir a própria fragilidade eram coisas mais difíceis de tolerar do que a própria doença. Sentia-se muito envergonhado.

Antonio abraçou Francisco e precisou aguentar todo o peso do outro. Através do tecido espesso do uniforme, sentia a temperatura alta do amigo. Francisco estava queimando em febre.

— Não quero… não… quero… não quero…

Ao mergulhar num estado de delírio agitado por calafrios, as frases dele ficaram desconexas. Em uma hora, mergulhou em inconsciência e na mesma noite foi levado do campo de batalha para um hospital militar.

O inimigo naquela batalha era muito mais o granizo que caía

horizontalmente e cortava-lhes as faces do que as balas de fuzil. A umidade instalou-se em seus pulmões. Muitos homens morreram de frio. Simplesmente não acordavam de manhã. Alguns usaram álcool para se anestesiarem e relaxaram em sono tão profundo que seus corações se esqueceram de bater. Pelo menos, na neve, seus corpos não apodreciam de imediato.

* * *

A campanha continuou no novo ano por mais um mês. Com Francisco de licença médica em Madri, Antonio reparou que conseguia distanciar-se dos horrores que o cercavam. Francisco estava sempre igualmente zangado com o próprio lado e com o inimigo, e seus protestos constantes meramente exacerbavam a irritação dos outros.

Antonio sobreviveu àquelas semanas no front de Aragão mas jamais se sentiu heroico. Antes que a batalha terminasse, lutou nas ruas de Teruel, com muitos outros, em combates corpo a corpo. Até então, sempre fizera disparos a distância de maneira abstrata, mas um dia viu o inimigo face a face e soube qual era a cor de seus olhos.

Naquela fração de segundo, antes do momento sem volta, Antonio hesitou. Havia um homem à sua frente, mais jovem do que ele, cabelos crespos, traços angulosos; os dois poderiam ser tomados

como primos. Só a cor da camisa revelava a Antonio que aquele homem pertencia ao lado nacionalista. Era unicamente uma questão de pigmento na tintura da roupa o que o instruía a acabar com a

vida do outro, e, se deixasse de fazê-lo agora, provavelmente perderia a dele.

Antonio descobriu que não há nada mais embrutecedor do que cravar uma baioneta em outro ser humano, e com o ato de matar sentiu uma parte de si próprio morrer também. Nunca mais esqueceria a maneira como o olhar de medo do rapaz se contorceu numa expressão de dor antes de se petrificar como uma gárgula, com as feições da morte. Em menos de trinta segundos, Antonio assistiu a sua vítima passar por esses estágios e ouviu o baque seco do corpo tombando pesadamente no chão diante dele. Foi medonho.

Ao voltar naquela noite para a base, com menos alguns homens, Antonio refletiu sobre como aquilo tudo era arbitrário. Desde que se tornara um combatente, pela primeira vez sentia-se como um peão num tabuleiro de xadrez. Vidas estavam sendo sacrificadas por capricho de alguém que a maioria deles nunca encontraria.

A luta por Teruel continuou até fevereiro, quando os nacionalistas retomaram a cidade dos republicanos. Havia sido mais

uma campanha com baixas pesadas de ambos os lados e poucos ganhos. Antonio procurou não encará-la como um momento decisivo no conflito. No entanto, sentia um frio na espinha quando pensava que o episódio de Teruel talvez tivesse servido para comprovar que os recursos de Franco eram aparentemente ilimitados.



CAPÍTULO 30

Antonio, agora cheio de pessimismo, voltou a Madri por alguns meses e não estava mais tão ansioso para participar da próxima batalha contra Franco. Uma nova ofensiva foi desencadeada pelos fascistas em Aragão com a intenção de cortar pela metade a larga faixa norte-sul de território republicano na costa do Mediterrâneo e, em meados de abril de 1938, foram bem-sucedidos, abrindo uma passagem para o mar e dividindo o território republicano em dois. A Catalunha, ao norte, ficou separada do centro e do sul.

Lá pelo meio do verão, Francisco já se recuperara. A unidade em que ele e Antonio serviam foi mais uma vez destacada para defender a cidade. Enquanto Franco não tomasse a capital, os republicanos estavam determinados a continuar lutando.

Todos agora esperavam que as tropas nacionalistas marchassem para o norte e tomassem Barcelona, para onde o governo republicano se mudara no último mês de outubro, mas em vez disso elas rumaram para o sul, para Valência.

Havia escassez acentuada de tudo, tanto para os soldados quanto para os civis, nas duas partes do território republicano dividido: não apenas de alimentos e remédios, mas igualmente de moral. Havia também a crescente sensação de pânico e de medo do isolamento nessas duas áreas separadas, entre as quais a comunicação somente se efetuava com grande dificuldade. Nas cidades, existiam pessoas que tinham apoiado secretamente os nacionalistas desde o princípio do conflito, e essas redes de informantes só tornavam mais ameaçador o presságio de perigo.

Antonio e Francisco estavam prestes a se envolver em outra batalha. Era quase um ato de desespero dos republicanos. O objetivo era reunir as duas partes do território deles.

— Quais são as nossas chances, na sua opinião? — perguntou Francisco, enquanto amarravam as botas antes de partir para o novo front junto ao rio Ebro.

— Para que se dar o trabalho de especular? — respondeu Antonio. — Temos menos armas e menos aviões, portanto prefiro não pensar nisso.

Embora ele se mostrasse pessimista, os republicanos eram fortes em efetivo, se não em armas. Um enorme Exército de oitenta mil homens havia sido formado. O recrutamento reuniu milhares de rapazes de apenas dezesseis anos, bem como homens de meia-idade. Na noite de 24 de julho, milhares deles cruzaram o rio Ebro do norte para o sul e atacaram as linhas nacionalistas.

A surpresa do ataque proporcionou uma vantagem inicial, mas Franco friamente ordenou reforços. Enxergou aí a oportunidade de aniquilar o Exército republicano.

Um dos primeiros atos foi abrir as represas nos trechos superiores do rio, nos Pireneus. A água subiu e arrastou as pontes, com as quais as tropas republicanas contavam para receber suprimentos, e depois disso Franco continuou a bombardear as pontes, destruindo-as com a mesma regularidade com que eram recuperadas. Além de deslocar um reforço de milhares de soldados

para a região, os nacionalistas também mobilizaram uma imensa quantidade de elementos de sua força aérea, e, nos primeiros dias, a ausência total de aviões republicanos para defesa permitiu que aeronaves alemãs e italianas atacassem o Exército republicano.

As temperaturas subiram a alturas extremas no primeiro mês desse embate, criando um inferno semelhante ao de Brunete. A falta de cobertura também era igual, mas a violência foi ainda mais intensa. Durante semanas, os republicanos, cada vez mais desidratados e famintos, foram incessantemente alvejados no solo e pelo ar. O equipamento alemão era ilimitado, sobretudo quanto às aeronaves, e Franco estava disposto a sacrificar tantas centenas de soldados armados quanto fosse preciso para varrer os republicanos da face da Terra.

* * *

Numa tarde escaldante, tentando buscar cobertura num vale, com os fascistas ocupando o cume acima deles, Francisco eliminou vários soldados inimigos que se revelaram alvos fáceis.

— Precisamos acertar muitos mais além desses — gritou Antonio.

Depois de semanas à espera de uma bala a qualquer momento, a

expectativa diminui quando ela não vem. Durante esses meses no Ebro, a sensação de imortalidade de Francisco aumentou. Antonio achava que era bem característico da ranzinzice do amigo ele se tornar cada vez mais confiante quanto mais se deterioravam as perspectivas e as condições.

— Chegamos até aqui — dizia ele, em tom otimista. — Acho que mais nada vai nos atingir agora. — Tendo sobrevivido a uma doença fatal, ele achava que não seria derrubado por coisa nenhuma.

Não fora possível cavar trincheiras no solo endurecido, e a unidade deles construiu uma pequena fortaleza com pedras e rochas maiores. Desfrutavam uma hora de rara trégua do bombardeio inimigo, e havia uma sombra agradável atrás do muro que haviam feito para si mesmos. Cinco deles, quase confortavelmente encostados, tinham se sentado ali para fumar.

— Encare as coisas dessa maneira, Antonio: Franco precisa da ajuda de alemães e italianos — gracejou Francisco. — Nós estamos lutando sozinhos contra eles. Com um pouco de apoio dos russos, admito…

— Mas olhe o que está acontecendo com nosso efetivo, Francisco… estamos sendo sistematicamente eliminados. Esmagados igual a moscas…

— Como é que podemos ter certeza disso?

— Talvez fosse bom você acreditar em algumas das coisas que lhe dizem — disse Antonio, com enfado.

Naquela tarde, os granadinos foram separados quando sofreram um ataque repentino. De uma colina acima, o inimigo fez fogo cerrado e, durante uma hora e tanto, uma tempestade incessante de bombas caiu sobre eles. Não havia onde se esconder e o silvo das balas não lhes deixava ouvir as instruções que recebiam. Nos raros momentos de silêncio, escutavam gritos de agonia.

Quando veio o fim de Francisco, ele não sentiu dor nenhuma. Pode-se dizer que foi literalmente varrido para longe pela força da bomba que caiu ao lado dele, e sobrou pouco para ser reconhecido. Antonio, que estava a uns cinquenta metros de distância naquela hora, identificou o que restou do corpo. Um anel de ouro usado de modo inconfundível no dedo médio da mão direita afastou qualquer

dúvida. Custou-lhe muito fazê-lo, mas Antonio removeu com cuidado o anel da mão amputada e absurdamente gelada, que então colocou ao lado do resto do corpo. Ao estender um cobertor sobre Francisco, Antonio reparou que tinha os olhos secos. Às vezes a dor é tão grande que dispensa lágrimas.

Era final de setembro e, em duas semanas, a batalha terminaria também para Antonio. Escurecia, e logo a luta daquele dia chegaria ao fim.

— Está tudo muito quieto por lá — disse um companheiro miliciano. — Talvez estejam recuando.

— Que nada — disse Antonio, recarregando o fuzil.

Vislumbrou um movimento qualquer na vegetação acima deles e levantou a arma. Antes que tivesse tempo de atirar, sentiu uma dor forte e súbita no lado do corpo. Caiu no chão devagar, sem conseguir gritar ou pedir socorro, e seu companheiro achou que ele tivesse tropeçado numa das pedras que cobriam o terreno duro e sem árvores que estavam atravessando. Antonio sentiu-se tonto, distante. Estaria morto? Por que alguém se debruçava sobre ele, falando com uma voz bondosa, abafada, perguntando algo que ele não conseguia entender…?

* * *

Quando voltou a si, o sofrimento torturante era maior do que Antonio podia aguentar. Delirava de dor e mordia com força o próprio braço para conter a vontade de gritar alto. O estoque de clorofórmio estava acabando na barraca-enfermaria, e o ar se enchia de gritos. Não havia muito além de conhaque para anestesiar aqueles homens

que precisavam desesperadamente de alívio, fossem eles feridos por estilhaços de granada ou amputados. Dias ou semanas mais tarde, desligado de tempo, espaço e lugar, percebeu que estava sendo transferido para uma maca e encaixado num compartimento do trem especialmente adaptado para feridos.

Algum tempo depois, emergindo lentamente desse estado de sonho, deu por si em Barcelona que, apesar de estar sob ataque, ainda não caíra nas mãos de Franco. O trem seguira do Ebro rumo ao norte, levando os feridos para lugar seguro, a cruz vermelha pintada no teto da composição, valendo como um pedido de clemência aos pilotos fascistas que rondavam à caça nos céus.

O processo de recuperação de Antonio foi como a transição da escuridão para a luz. Conforme transcorriam as semanas, a dor

gradualmente diminuía, a respiração ficava mais firme, as forças retornavam; um lento porém magnífico amanhecer. Quando seus olhos permaneceram abertos mais do que uns poucos minutos de cada vez, percebeu que as figuras que se moviam constantemente em volta dele eram pessoas, não anjos.

— Então, você é de verdade — disse ele à moça que segurava seu braço para tomar-lhe o pulso. Só agora sentia a pressão fria de seus

dedos.

— Sou — concordou ela, sorrindo para ele. —E você também.

Ela acompanhara o fluxo e refluxo da vida naquele corpo esquelético durante as duas últimas semanas. Acontecia o mesmo com a maioria dos pacientes dali. Era uma questão de sorte e de esforço das enfermeiras, que faziam o melhor que podiam, já que a cada dia chegavam mais doentes graves, lotando as enfermarias além dos limites. A desnutrição dava aos soldados pouca resistência às infecções, e houve aqueles que sobreviveram ao violento ataque no Ebro para sucumbirem à gangrena ou ao tifo em suas camas de hospital.

Antonio nada sabia a respeito dos acontecimentos dos meses anteriores mas, ao voltar a si mais uma vez, tomou conhecimento deles. A Batalha do Ebro terminara. No final de novembro, três meses depois da data em que deveriam ter reconhecido o fracasso completo e batido em retirada, os líderes republicanos finalmente recolheram o que restava de suas tropas. Em inferioridade numérica e estratégica notável em todas as etapas, haviam sido teimosos demais para admitir a derrota até trinta mil de seus homens caírem mortos e mais do que este número terem sido feridos.

A enfermaria raramente ficava silenciosa. Além do ruído causado

pelo excesso de pacientes, o som do conflito infiltrava-se ali quase continuamente. Era menos barulhenta do que o campo de batalha, mas o bombardeio constante e o estrondear do fogo antiaéreo pontuavam os esparsos momentos de paz. À medida que Antonio tornou-se mais consciente desses sons, ele ponderou o que viria em seguida. Agora andava um pouco todo dia e recuperava as forças a olhos vistos. Estava quase na hora de deixar o confinamento daquela enfermaria, que se tornara como um lar para ele. Se ao menos pudesse ir para sua verdadeira casa e ver a mãe! Sentia saudades imensas dela, do pai também. Mas isso estava fora de questão. Não havia qualquer possibilidade de se reunir ao que sobrara de sua milícia. Ainda não tinha forças suficientes.

325

Quando o ataque dos fascistas a Barcelona se intensificou, Antonio mudou-se para um albergue. Estava acompanhado de muitos outros exatamente como ele, que tinham sido deslocados, que estavam enfraquecidos, mas que esperavam pegar em armas outra vez no futuro. Ainda eram soldados.

O novo ano entrou de mansinho: 1939. Não havia motivo para comemorações. Nas ruas, a sensação do inevitável. As lojas estavam desprovidas de comida, o combustível acabara e os últimos apelos

desesperados pela resistência ecoavam em ruas vazias. Barcelona havia sido mortalmente ferida e nada mais poderia salvá-la. Em 26 de janeiro, as tropas fascistas entraram marchando e ocuparam a cidade quase deserta.

326



CAPÍTULO 31

Quando Barcelona caiu, meio milhão de pessoas começaram a viagem para o exílio, todas elas fracas depois de meses de desnutrição e muitas se recuperando de ferimentos.

Antonio viu-se em companhia de outro membro da milícia, Victor Alves, um jovem basco que fora recrutado com dezessete anos. Sem ter recebido treinamento para usar um fuzil, foi ferido no primeiro dia no Ebro; a família partira algumas semanas antes para a França e ele planejava reencontrar-se com eles.

Havia dois caminhos possíveis para a França e os dois homens

deviam avaliá-los antes de partir. O primeiro era atravessando os Pireneus. Para Antonio e Victor, ambos convalescentes, o terreno escarpado não seria o único problema. A neve os retardaria a cada passo do caminho. Antonio ouvira falar que em alguns pontos as crianças afundavam quase até a cintura, e os idosos e inválidos sempre perdiam suas bengalas nos espessos montes de neve formados pelo vento. Muitos escorregavam e tropeçavam no gelo, e o ritmo da caminhada era penosamente lento.

Mesmo conscientes desse problema e, ainda que Antonio e Victor possuíssem muito pouco para levar, algumas pessoas não resistiam à necessidade imperiosa de transportar certos bens que, ao serem deixados para trás, ficavam enterrados na neve, criando outros riscos invisíveis para os que vinham depois. Na primavera, quando o cobertor branco da montanha derretesse, haveria uma trilha bizarra de bricabraque à mostra por causa do degelo. Objetos inúteis mas de valor sentimental — um frasco precioso de perfume ou uma imagem religiosa — e coisas úteis e prosaicas — uma panela de metal ou uma cadeira pequena — ficavam todos espalhados ao longo do caminho.

A alternativa à traiçoeira rota da montanha era a estrada litorânea, embora ali o perigo fosse o controle de fronteiras. Os

rapazes concordavam que a única opção era esta última e puseram-se em marcha, integrando uma imensa coluna de pessoas que rumava para o norte.

Todos se esforçavam para levar objetos de uso doméstico, cobertores, trouxas de roupas e qualquer outra coisa que considerassem indispensável à sua transição para a nova vida. Mulheres sozinhas com muitos filhos eram as que tinham as maiores dificuldades. Antonio sempre se oferecia para ajudar. Trouxera apenas o fuzil. Não possuía outros bens e estava acostumado a usar a mesma roupa por semanas a fio. Havia muita gente, porém, que enchera a mala com tudo o que nela cabia e agora penava.

— Deixe-me ajudá-la — ele insistiu com uma mulher, cujo filho carregava ele próprio um bebê enquanto ela, chorosa, lutava com uma mala de alças arrebentadas. Uma terceira criança trotava perto deles, aconchegada em vários cobertores. Antonio e Victor distribuíram entre si o bebê e a bagagem e logo distraíam o garotinho com uma canção de marcha. Antonio recordou a viagem de Granada para Madri com o grupo de milicianos, e como cantavam para levantar o moral. Dera certo daquela vez e nessa também.

Até Antonio, que presenciara as cenas mais estarrecedoras no campo de batalha, às vezes ficava chocado com o que via no

caminho. Mulheres davam à luz enquanto outras da mesma família rodeavam-nas para proteger com suas saias o momento místico do nascimento.

— Que tempo perigoso para se nascer — murmurava Antonio ao escutar o choro lamuriento de um recém-nascido.

Era uma caminhada de duzentos quilômetros e, depois de uma semana, Antonio finalmente chegou à fronteira em Cerbère. Contemplou o mar e por um momento sentiu um lampejo de otimismo percorrê-lo. O Mediterrâneo refletia as faixas de luz do sol que penetravam as pesadas nuvens de fevereiro e, em trechos de água cinzenta como chumbo, havia extensões de luz prateada. Lá, diante deles, estava a França, um outro país. Talvez conseguissem recomeçar a vida ali. Naquele grande êxodo, os maltrapilhos e desamparados tinham de acreditar num novo começo, numa terra prometida. Havia alguns agora indiferentes ao seu próprio país, um lugar onde não tinham família, nem casa, nem esperanças.

Apesar de a maioria dos que estavam naquela fila ter deixado seus fardos para trás, os soldados se apegavam a seus fuzis. Não exigiam mais nada. Manuseando as peças emperradas durante as

longas noites de tédio, confiavam agora que aquelas gastas armas

russas fossem garantir sua segurança.

— O que está acontecendo lá na frente? — perguntou Victor.

— Não sei — respondeu Antonio, esticando o pescoço para enxergar por cima de milhares de cabeças, a maioria sem chapéu. — Talvez tenham fechado a fronteira outra vez.

Correra um boato que os franceses tinham fechado a fronteira por algum tempo. Haviam sido sobrecarregados pela quantidade de pessoas. A aglomeração agora se formava atrás da fronteira, mas todos pareciam tranquilos, ninguém estava impaciente. Tinham chegado até ali e poucos metros à frente estava o destino deles.

Depois de mais ou menos uma hora, a fila recomeçou a andar. Antonio já avistava o posto do controle de fronteira e ouvia o som desconhecido de vozes falando francês. O tom áspero não era o que esperavam.

— *Mettez-les ici!*

As palavras podiam não ter significado nada, mas a gesticulação e a pilha de armas e pertences num dos lados da estrada diziam tudo. Os franceses estavam dando seu recado com clareza. Antes de sair da Espanha, os exilados exaustos deviam deixar para trás as suas armas, e muitos estavam sendo forçados a se desfazer também de seus pertences. Alguns metros à frente deles, Antonio reparou

num homem idoso numa furiosa discussão. Era um erro, pensou em seu íntimo, envolver-se numa briga com o guarda de fronteira, principalmente sendo frágil como aquele velho guerreiro. O que se seguiu foi pior.

Fizeram-no esvaziar os bolsos diante deles e, quando repararam em sua mão fechada, um dos guardas deu-lhe um empurrão no ombro com sua baioneta.

— *Qu'est-ce que vous faites? Cochon!*

Um outro guarda agarrou o velho por trás enquanto um terceiro, percebendo que o punho fechado continha algo mais do que a intenção de atacar, abriu à força os dedos ossudos um por um até expor a palma. O que esperavam encontrar? Um punhado de ouro, uma pistola disfarçada?

Na mão estendida não havia nada mais do que um montinho de terra, uma amostra patética do solo espanhol que ele trouxera através das montanhas.

— *Por favor* — implorou ele.

Antes que pronunciasse a última sílaba de sua súplica, o guarda tirou a terra da mão dele, jogando-a longe com um único gesto. O velho olhou para as partículas de terra que tinham sobrado, os

resquícios de sua pátria, traçando as linhas de sua palma.

— *Hijo de puta!* Seu desgraçado! — bradou o velho exaltado, quase sufocando. — Por que você…?

Os guardas riram dele e Antonio adiantou-se para segurar o homem pelo braço com delicadeza. Lágrimas desciam pelo rosto do velho, mas ele ainda estava cheio de fúria e fazia menção de atacar. Sua cólera só provocaria mais insultos daqueles franceses e ele não ganharia nada com aquilo. A preciosa terra espanhola já fora pisoteada pelas botas deles. O velho recebeu mais um empurrão nas costas. Se não causasse mais nenhum tumulto, logo estaria na França.

Em seguida, os guardas voltaram a atenção para Antonio. Um deles agarrou a extremidade de seu fuzil. Era um gesto provocativo e totalmente gratuito, considerando-se que a pilha de armas abandonadas à margem da estrada indicava claramente que deveriam entrar na França desarmados. Não necessitava ser reiterada. Antonio entregou-a sem uma palavra.

— Por que temos de entregá-las? — disse Victor entre os dentes semicerrados.

— Porque não temos opção — respondeu Antonio.

— Mas por que eles nos obrigam a isso?

— Porque estão com medo — disse Antonio.

— De quê? — perguntou Victor, incrédulo, correndo os olhos pelos homens, mulheres e crianças emagrecidos em volta deles, alguns tão curvados ao carregar o restante dos fardos que se assemelhavam a grandes caramujos, todos prostrados de exaustão.

— Como podem ter medo de nós?

— Estão preocupados com a possibilidade de estarem deixando entrar um bando de comunistas armados que vão inundar seu país.

— Que loucura…

De certa forma, era mesmo, mas ambos sabiam que havia extremistas nas fileiras desmanteladas da milícia derrotada, e que na França os rumores sobre o comportamento dos *rojos* fora

furiosamente exagerado enquanto durou o conflito. Os que esperavam uma acolhida amável só tiveram decepções. A presença das Brigadas Internacionais na Espanha dera-lhes a impressão que o apoio e a solidariedade de outras nações seria algo que poderiam esperar receber em todo e qualquer lugar, mas tal impressão era falsa. A fria brutalidade dos guardas de fronteira apagou de vez qualquer esperança.

Além do posto de fronteira, a estrada descia em curvas até o mar.

A costa era agreste e rochosa, o ar mais cortante do que no país deles. Mas percorreram uma descida durante um trecho da caminhada, o que em si foi um alívio. A multidão parecia mover-se mecanicamente agora. A polícia francesa os acompanhava, impaciente para fazê-los andar.

— Gostaria de saber para onde estão nos levando.

Antonio pensava em voz alta. Havia rumores sobre os franceses terem preparado um local para eles ficarem, apesar da má vontade em deixá-los entrar em seu país. Qualquer lugar onde pudessem descansar a cabeça seria bom depois de todos aqueles dias arrastando os pés sob temperaturas congelantes.

Ao se aproximarem do mar, a umidade penetrou-lhes os ossos.

Victor não respondeu ao companheiro e os dois homens caminharam juntos em silêncio. Estavam quase paralisados de frio, o que talvez tenha entorpecido a reação para o que enfrentaram em seguida. Antonio presumira que iriam para o interior, longe do espaço cruel do mar, mas logo chegaram à vasta extensão de praia, que seguia mais longe do que a vista alcançava. Divisaram imensos terrenos cercados de arame farpado e não se deram conta na hora de que era para lá que se dirigiam. Aqueles cercados seriam decerto para animais, não para seres humanos. Em alguns pontos, a cerca

entrava pelo mar.

— Não pode ser o lugar onde vão nos colocar… — Victor permitiu-se expressar o indizível. Olhava para o lugar atrás da fileira de guardas negros, que guiavam as pessoas para entrarem nos cercados usando as coronhas dos rifles.

— Trocamos os mouros por esses desgraçados? Santa Maria…

Antonio sentia a fúria do amigo crescer. Como a ele, repugnava-o o fato de os franceses estarem usando soldados senegaleses para manter em ordem os exilados espanhóis. Muitos destes tinham experimentado a violência dos soldados mouros de Franco, os mais

cruéis das forças fascistas, e parecia-lhes reconhecer a mesma expressão impiedosa naqueles rostos negros.

Os guardas não deram ouvidos aos apelos das famílias que queriam permanecer juntas, separando-as segundo as regras da aritmética e não as da bondade. Tudo que lhes importava era a subdivisão eficiente daquela horda compacta de gente, e a divisão numérica rigorosa era a única forma que conheciam de manter controle. Os franceses temiam que suas pequenas cidades costeiras fossem invadidas por enxurradas de refugiados, e sua preocupação não era infundada. A cidade de St. Cyprien, cuja população não

ultrapassava muito os mil habitantes, logo se viu abrigando setenta e cinco mil estranhos, e o único lugar que essa cidade tinha para os instalar era a enorme extensão de terra não utilizada junto ao mar: a praia. O mesmo aconteceu em outras cidades em pontos adiante de Côte Vermeille, em Argelès, Barcarès e Septfonds. O único lugar que encontraram para instalar os refugiados foi na areia.

* * *

As condições de vida eram estarrecedoras. Os refugiados foram abrigados em barracas improvisadas feitas de estacas de madeira e cobertores, sem qualquer proteção contra as intempéries. Nas primeiras semanas, as praias foram castigadas por chuvas e vendavais. Antonio ofereceu-se como voluntário para montar guarda durante uma hora a cada noite, ou pessoas seriam enterradas vivas na areia, cujos grãos fustigados pelo vento formavam montes sobre os fracos e vulneráveis. Naquele descampado estéril, a areia enchia os olhos, as narinas, as bocas e os ouvidos. As pessoas comiam areia, respiravam areia, a areia as cegava e alguns homens enlouqueceram com a exposição incessante à areia.

Havia muito pouca comida e uma pequena fonte de água doce para servir os primeiros vinte mil que chegaram. Não havia tratamento adequado para os doentes. Milhares de pessoas

gravemente feridas tinham sido retiradas dos hospitais de Barcelona, e em muitas delas a gangrena se instalara. Os guardas isolavam os que mostravam sintomas de disenteria: o mau cheiro repulsivo geralmente bastava para identificá-los, e deixavam-nos apodrecer num local improvisado para quarentena. Outras doenças também eram frequentes. A tuberculose e a pneumonia eram comuns, e todos os dias enterravam-se os mortos em covas fundas na areia.

Talvez o que Antonio mais detestasse fosse a maneira como eram conduzidos em massa para defecar. Certos trechos junto ao mar

tinham sido designados para esse propósito, e ele receava o momento em que chegava a sua vez de se aliviar na água sob os olhares desdenhosos dos guardas. Ser levado àquela área fétida da praia, onde o vento lançava no ar farrapos sujos de papel e areia, era o que havia de mais degradante.

Com exceção de certas rotinas diárias como aquela, havia a sensação de absoluta ausência do tempo nas praias. O movimento contínuo de fluxo e refluxo das ondas e o ritmo implacável do seu martelar eram como um eco do descaso da natureza pela tragédia humana que se desenrolava ali. Os dias transformaram-se em semanas. Para a maioria das pessoas, o tempo passava sem ser

contado, mas Antonio o marcava fazendo entalhes numa vareta. Para ele, tornou-se uma forma de mitigar a sua lentidão angustiante. Alguns, receando enlouquecer de tédio, inventavam meios de combatê-lo — jogos de cartas, dominós e entalhe em madeira, tudo ajudava. Outros chegaram a fazer esculturas com os pedaços de arame farpado que encontravam enterrados na areia. De vez em quando, ao anoitecer, havia leitura de poesia e, de tempos em tempos, no meio da noite, ouvia-se o som sombrio e penetrante do *cante jondo* vindo de uma das tendas. Era uma das formas mais primitivas de canção flamenca e seu *páthos* fazia o cabelo de Antonio se arrepiar.

Então, um dia, houve uma apresentação de dança. Os guardas assistiram, primeiro confusos, depois fascinados pelo espetáculo. Foi ao crepúsculo. Uma pequena pista de dança fora construída com caixotes velhos que alguém encontrara ao lado de uma barraca de alimentos, e uma jovem começou a dançar. Não havia música para acompanhá-la, apenas o som de palmas ritmadas que cresceu, e aumentou, e transformou-se numa orquestra de palmas, umas suaves, outras fortes, subindo num crescendo e enfraquecendo gradualmente conforme os golpes dos pés da mulher nas tábuas as guiavam.

A dançarina era esquelética, talvez tivesse sido mais roliça um dia, porém meses de quase inanição tinham derretido suas curvas. A noção de ritmo, que vivia numa parte intocável dela, permanecera e os movimentos sinuosos de seus braços e dedos eram acentuados por sua magreza aflitiva. Mechas do cabelo escuro, misturadas aos borrifos de água salgada, aderiam a seu rosto como cobras, e ela não fazia nenhuma tentativa de afastá-las.

Podia não ter as fartas camadas de babados de uma saia de flamenco rodopiando em seus tornozelos nem o acompanhamento de

um violão, mas em sua cabeça tinha ambos, e a plateia também os sentia e ouvia. Seu melhor xale de franja de seda fora incinerado, com tudo o mais que ela possuía, quando sua casa foi atingida num ataque aéreo. O que fazia girar em torno dela agora eram os restos em farrapos de um lenço de cabeça, cuja bainha rasgada ainda trazia a lembrança distante de um luxuoso acabamento em borlas. A plateia se reuniu rapidamente, e homens, mulheres e crianças presenciaram uma exibição incongruente de sensualidade e paixão naquele cenário cruel. A dança os fez esquecer e, enquanto durou, abafou o som das ondas. Ela dançou sem parar pela fria noite adentro sem transpirar. Quando parecia não ter mais nada a oferecer

ao público, recomeçava a bater de leve o calcanhar. O espetáculo evocou, em todos os espectadores, lembranças das *ferias* e de outros tempos felizes que faziam parte da normalidade, agora aniquilada, de suas vidas. Em suas mentes, cada um estava longe dali, do outro lado das montanhas, em sua aldeia ou cidade natal, com os amigos ou a família.

Antonio pensou na irmã. Onde estaria Mercedes agora?, ele se perguntava. Não havia como obter notícias. Vez por outra ainda mandava cartas muito codificadas para a tia Rosita, caso ela tivesse a oportunidade de passá-las à sua mãe. Pelo pouco que sabia, Mercedes poderia até estar em algum ponto daquelas praias. Gostaria de descobrir se ela teria encontrado Javier e se ainda estaria dançando. Por um momento, Mercedes pareceu-lhe mais real do que a mulher que dançava à sua frente. A testa franzida, que cavava um sulco profundo no rosto da mulher, lembrava-lhe como a irmã se concentrava enquanto dançava. A semelhança, todavia, terminava aí, a menos que a imagem de Mercedes que ele trazia em sua mente estivesse desatualizada. Talvez ela tivesse perdido as feições arredondadas da infância e agora parecesse tão magricela e definhada quanto aquela criatura que dançava ali. Ele gostaria muito de saber.

Ao final da *bulería*, uma dança alegre que parecia deslocada naquele lugar, uma criança pequena, o rosto lambuzado de sujeira e catarro, abriu caminho até a frente da multidão.

— *Mamá! Mamá!* — choramingou ela, fungando, antes que a *bailaora* a levantasse nos braços e desaparecesse outra vez numa das cabanas, agora consciente de onde estava.

* * *

334

Depois de transcorridas algumas semanas, os franceses anunciaram um programa de reconstrução. Havia um arroubo de novos objetivos. Homens fisicamente capazes como Antonio e Victor receberam instruções para começar a desmontar a cidade de barracas em frangalhos e construir cabanas de madeira em fileiras ordenadas. Ocuparem-se com trabalho manual distraía seus corpos e mentes mas também os perturbava. Até a queima dos cobertores velhos, alguns trazidos através das montanhas pelas pessoas que se abrigavam debaixo deles, era uma dolorosa separação do passado. As novas cabanas poderiam oferecer-lhes mais proteção, mas havia uma deprimente sensação de permanência associada a elas.

— Então, é aqui que vamos morar? — murmuravam muitos deles.

Tinham encarado aquele campo como algo temporário, um lugar por onde passariam antes de encontrar outro paradeiro mais acolhedor onde viver. De repente, parecia que ficariam ali para sempre.

— Não somos exilados, somos prisioneiros — disse Victor, com determinação. — Temos de sair daqui.

— Tenho certeza de que vão resolver logo o que fazer conosco — Antonio tranquilizou-o, embora concordasse inteiramente com ele.

— Mas não podemos continuar fingindo que isto aqui é uma espécie de porto seguro para nós! — continuou Victor, com o espírito de luta da juventude recusando-se a enfraquecer. — Será que não deveríamos tentar voltar à Espanha? Ficamos só sentados jogando cartas, escutando as pessoas lerem a poesia de Machado, Deus do céu!

Ele tinha razão. Eram cativos numa prisão ao ar livre. A única maneira de sair era oferecer-se como voluntário para fazer parte de turmas de trabalhadores. Eram transportados num caminhão de gado para destino desconhecido a muitos quilômetros de distância, depois avaliavam sua força como se fossem animais e contratavam-nos para trabalhos braçais pesados, como reparos de estradas e ferrovias, ou para a lavoura. Essa atividade não podia ser vista como

uma liberação. Parecia mais uma forma de escravidão.

Como muitos combatentes, Antonio ponderava que permanecer ali naquele campo poderia colocá-los numa posição melhor para escapar voltando pelas montanhas e retomar a guerra contra Franco. Além disso, comprometera-se a dar aulas para um pequeno grupo de

crianças, que se reunia todos os dias para vê-lo desenhar letras na areia. Queria evitar a todo custo a ideia de ir parar a centenas de quilômetros de distância dali, num vilarejo francês desconhecido, sendo um trabalhador não remunerado de uma nação hostil que apenas tolerava sua presença, não mais do que isso.

Já tinha arrependimentos de sobra por estar fora da Espanha.

Ao fugir de Barcelona muitas semanas antes, acompanhara o fluxo da multidão que rumava para o norte. Desde então, vivia angustiado. Talvez devesse ter ido para o sul, para Madri. O que lhe parecera então ser uma rede de segurança tornara-se um nó corrediço que se apertara em volta dele.

Muitos milicianos mantinham a crença remanescente de que, enquanto Madri resistisse, nada estaria inteiramente perdido, e que eles precisavam estar lá a fim de proteger o que restava. Para alguns, sobrevivência tinha a ver com resignação. Começaram a contemplar

o nascer do sol e apreciar o breve mas intenso momento de beleza no qual podiam olhar através da paisagem e ver seu próprio país emergir da bruma. Parecia tão próximo que poderiam tocá-lo.

Durante alguns meses, refugiaram-se na segurança da rotina e em um padrão de rituais que os ajudou a mapear seus dias. Deram nomes de ruas às filas de *barracas* e até nomes de hotéis às próprias cabanas. Com iniciativas semelhantes, tentavam dar sentido e valor às suas vidas.

Para outros, essa sobrevivência tinha a ver com pequenos atos de rebelião e subversão, como esculpir um busto de Franco na areia e cobri-lo de xarope para atrair as moscas. Victor foi um dos instigadores dessa manifestação, e sua atitude de confronto já fora notada. Os guardas sabiam que ele era um dos agitadores e ficaram esperando que saísse da linha outra vez. Sua lentidão para entrar na fila do jantar um dia foi o que bastou. Naquela noite, foi enterrado até o pescoço na areia, que encheu olhos, ouvidos e narinas até quase matá-lo por sufocação. Um guarda sentiu pena dele e, às três da manhã, teve a bondade de levar aos lábios dele um copo de água.

Antonio cuidou de Victor quando ele voltou cambaleante para a cabana à noite. O rapaz estava meio demente, louco de sede e de raiva. Mal cabia em si de ódio daqueles guardas, era uma cólera

assassina.

— Procure pensar em outra coisa — aconselhava Antonio, com calma, sentado na beirada da cama dele. — Não dê a eles a satisfação de ver a sua raiva. Guarde-a para mais tarde.

336

Era fácil falar, mas o ato de puro sadismo provocara um ódio profundo no jovem impetuoso.

Na primavera, o céu ficou mais azul e, quando o sol surgiu plenamente, as areias passaram do cinzento ao dourado e o mar refletiu a cor viva do céu. Foi só então que se lembraram de como costumavam gostar das praias. Antes locais de lazer onde as crianças brincavam na água, e o litoral agora escarnecia de todas aquelas lembranças felizes.

Mas a primavera trouxe consigo o pior dia de todos. Chegou até eles a notícia de que os nacionalistas tinham entrado em Madri. O que havia sido inevitável por muitos meses tornou-se realidade. No dia 1º de abril de 1939, Franco anunciou a vitória. Recebeu um telegrama de felicitações do papa.

Em Granada, houve grandes comemorações e muitas bandeiras foram agitadas pelos partidários de Franco. Concha fechou as persianas, trancou a porta do café e recolheu-se ao apartamento

acima dele. Teria sido insuportável presenciar o júbilo e o triunfalismo estampados nos rostos de todos os cidadãos direitistas de Granada, que constituíam a esmagadora maioria da população. Dois dias mais tarde, abriu as janelas e olhou por elas para um país novo e hostil. Um país que ela não desejara ver.

* * *

Muitos refugiados tinham de enfrentar a realidade: a volta para a Espanha podia ser perigosa. O que havia sido encarado como uma fuga temporária teria agora um prazo mais longo. Não havia anistia para os que tinham lutado contra Franco, e os milicianos que voltassem não tinham dúvida de que seriam presos no instante em que pusessem o pé na Espanha. Havia relatos de execução em massa de inimigos de Franco. A opção mais segura era a emigração.

— Por que não se candidata também a um lugar? — propôs Victor, que acabara de descobrir que sua família já embarcara para o México.

— Não posso abrir mão de meu país — admitiu Antonio. — Minha família talvez nem saiba que estou vivo, mas se souberem, devem estar esperando que eu volte.

— De qualquer maneira, não há muita chance de se conseguir um lugar — comentou Victor. — Ouvi dizer que o comitê de retirada

foi inundado de pedidos.

337

Ele estava certo, o *Servicio de Evacuación de Republicanos Españoles* recebeu duzentas e cinquenta mil solicitações e só a uma pequena parcela de requerentes foram concedidas vagas nos navios que partiam. Victor teve sorte, porém. Conseguiu um lugar num navio para a América do Sul e embarcaria em breve. O nome de seu pai foi reconhecido pelo *Servicio* e a influência dele bastou para a concessão de uma passagem.

Os franceses estavam muito interessados em repatriar todos aqueles refugiados a quem relutantemente tinham dado um lar temporário, e Franco também os queria de volta. Alto-falantes transmitiam mensagens insistindo que as pessoas atravessassem as montanhas e voltassem para uma nova Espanha.

Era um dilema para todos eles. A França estava sob a ameaça de invasão pela Alemanha e quem ficasse enfrentaria novos perigos.

— A única coisa que não quero ser é escravo de Hitler — declarou Antonio.

Decidiu arriscar e voltar para a Espanha. Seguiria para Granada.

O novo regime certamente devia precisar de professores tanto quanto o antigo. Desde que partira, todos os dias pensava nos pais e se

perguntava como estariam suas vidas. Embora continuasse a enviar-lhes cartas, fazia mais de um ano que não recebia nenhuma, mas esperava que o pai estivesse livre àquela altura, considerando-se que não cometera crime algum.

Sem uma fotografia deles sequer, sua imagem se desbotara na mente do filho. Lembrava-se do cabelo negro da mãe e de sua postura ereta, da barriga redonda do pai e de seu cabelo grisalho e ondulado, mas se os visse naquele momento receava não ser capaz de reconhecê-los.

Muitos outros sentiam a mesma necessidade de ir para casa e, como Antonio, preferiram não fazer caso dos relatos amedrontadores de execuções e prisões. Antonio pôs-se a caminho com outros milicianos, que também tinham lutado no Ebro e que, como ele, estavam ansiosos para sair da França, onde quase só tinham encontrado hostilidade. O caminho levava-os através dos Pireneus e, quando estavam subindo, Antonio lançou um último olhar para as praias odiadas. Duvidava de que algum dia conseguisse se livrar do gosto repugnante da areia suja ou das lembranças das manifestações de crueldade gratuita que presenciara naquele areal estéril.



CAPÍTULO 32

Ao cruzar as montanhas e avistar as planícies estendendo-se na direção de Figueres, Antonio esperava sentir uma onda de prazer com a visão de sua amada pátria. Não foi o que aconteceu. Parecia-lhe diferente agora. A Espanha era seu país e todavia era um lugar estranho, governado agora por um fascista. Esperava que seu amor pelo país se reacendesse quando voltasse para sua cidade.

Parado naquele cume de montanha, observando uma águia que voava alto no céu, Antonio olhou para o sul. Granada ficava a mais de novecentos quilômetros a sudoeste de onde ele se encontrava. Como invejava a capacidade de voar daquela ave.

Ao chegarem ao sopé da montanha, os homens seguiram caminhos separados. Seria mais seguro assim. O plano de Antonio era atravessar as cidades maiores. Estaria mais protegido pelo anonimato e teria maiores oportunidades de evitar olhos curiosos.

Havia tanta gente voltando para casa que estava certo de que poderia passar incógnito. Não levara em conta a vigilância da Guarda Civil nem dos informantes, que revelavam as menores suspeitas sobre qualquer recém-chegado.

Por volta das oito da noite, aproximou-se dos arredores de Girona. A noite ia caindo, de modo que lhe pareceu uma hora bastante segura, e escolheu uma rua sossegada para percorrer. Aparentemente do nada, dois homens uniformizados surgiram diante dele e perguntaram seu nome.

Antonio não tinha documentos satisfatórios e sua aparência não deixava margem de dúvida sobre o lado pelo qual lutara no recente conflito. Não tinha a ver com um uniforme ou um distintivo revelador com uma estrela vermelha. Os guardas-civis eram capazes de farejar de longe um partidário da República ou antigo membro de suas milícias, e isso bastava para uma ordem de prisão.

339

Ficou preso perto da cidade de Figueres, cujas condições eram previsivelmente precárias. Ao entrar na prisão, jogaram-lhe um cobertor grosseiro e cigarros. Agora compreendia por que os cigarros eram considerados mais importantes do que a comida. O colchão de palha no qual dormiu estava infestado de piolhos, e a única maneira

de mantê-los longe de seu rosto à noite era fumando.

Uma semana depois, Antonio foi sumariamente julgado e condenado a trinta anos de prisão. Pela primeira vez em mais de dois anos, endereçou uma carta diretamente à mãe em Granada. Os fascistas ficavam felizes em despachar missivas que desmoralizavam ainda mais as famílias de subversivos como Antonio Ramírez.

* * *

Os rigores do presídio não foram nenhuma revelação para Antonio. Às vezes se perguntava até que ponto um homem podia se tornar resistente ao sofrimento físico sem perder sua humanidade. O desconforto absoluto de acampar em solo pedregoso sob temperaturas congelantes em Teruel, o calor escaldante de Brunete, a dor dilacerante de seu ferimento, que fazia a morte parecer uma fuga bem-vinda, e a sordidez abjeta dos primeiros tempos nos campos de areia da França, tudo isso deixara marcas. A cicatriz que se formara em cada uma destas feridas, tanto física quanto mental, era rija, e a dor tornara-se uma sensação que ia sempre diminuindo. Antonio estava anestesiado.

A comida dos prisioneiros era pouca e sempre igual. O desjejum consistia numa tigela de mingau, no almoço havia feijão, no jantar a mesma coisa, às vezes com uma cabeça ou cauda de peixe. Vez por

outra, havia sardinhas em lata.

Os meses se passaram. Antonio e a maioria de seus companheiros eram de uma resistência obstinada à crueldade dos guardas. Uns poucos literalmente definhavam até morrer, como acontece com os homens quando não há nada por que viver e nenhuma esperança de que isso mude.

Mantinham-se ocupados com conversas sobre fuga, mas a única tentativa realizada, presenciada por todos eles, fora tão cruelmente punida, que não tinham estômago para repeti-la. Os gritos dos envolvidos pareciam ainda ecoar no pátio.

Durante um tempo, as atividades mais subversivas nas quais podiam se envolver eram se recusarem a cantar as canções patrióticas do novo regime ou conversarem durante os sermões que

eram obrigados a escutar no pátio da prisão. E até por causa disso podiam ser castigados. O menor pretexto, o mais frágil, servia para que os guardas batessem neles com rebenques.

O momento mais aterrorizante de cada dia era a leitura da *saca*, quando eram anunciados em voz alta os nomes dos homens que seriam executados no dia seguinte. Numa das manhãs, ao nascer do dia, foi lida uma lista mais longa de nomes. Não eram os dez ou doze

de costume; dessa vez, os nomes se sucediam sem parar. Centenas deles. Parado ali, de pé no frio de doer daquela hora matutina, Antonio sentiu o sangue gelar.

Da mesma forma como o cérebro humano seleciona no meio de uma multidão um rosto que reconhece, Antonio escutou seu nome em meio ao rumor quase indistinto de todos os outros. Misturado à lista repetitiva de Juans e Josés, as palavras “Antonio Ramírez” destacaram-se para ele.

Fez-se silêncio quando a lista acabou.

— Todos esses citados: em fila! — A ordem foi gritada com rispidez.

Os homens cujos nomes tinham sido mencionados levaram alguns minutos para se deslocarem e formarem uma fila. Sem qualquer explicação, foram conduzidos para fora dos portões da prisão. No ar, o fedor de suor azedo sob as camisas sujas. O cheiro do medo. “Será que vão matar todos nós?”, Antonio se perguntava, as pernas tão trêmulas de pavor que ele se esforçava para contê-las.

Não havia tempo para despedidas. Em vez disso, olhares furtivos eram trocados pelos poucos que tinham formado laços entre si durante o longo período de encarceramento juntos. Os que ficavam olhavam com pesar para os que saíam, mas todos estavam unidos na

determinação comum de não permitir que os fascistas notassem medo em seus rostos. Seria uma satisfação grande demais para eles.

Antonio viu-se marchando para fora da prisão e na direção da cidade. Não era rara a transferência de prisioneiros de um presídio para outro, mas não tantos, aquela quantidade de gente ele sabia que era incomum. Quando se aproximaram da estação de trem, a multidão de homens recebeu ordem de parar. Perceberam que fariam uma viagem.

Durante horas, o trem sacolejou pelo caminho afora.

— É como estar dentro de um caixote — Antonio ouviu um dos homens murmurar.

— Foi gentileza deles não fechar a tampa — respondeu outro.

— Não é do feitio deles, realmente — comentou um terceiro, com sarcasmo.

Embora estivessem sendo levados para outro lugar, a maneira como eram tratados continuava exatamente igual. Dentro de cada gaiola — vagões para transporte de gado —, amontoavam-se mais de cem deles rumando para o sul. Alguns seguravam-se nas barras, espiando através das ripas a paisagem mutante, que gradualmente se achatava conforme passava o dia. Outros, entalados no meio, só

conseguiam ver o céu.

Por algumas horas, foram fustigados pela chuva mas as nuvens acabaram indo embora, e Antonio julgou, pela posição do sol, que estavam indo aproximadamente para sudoeste. Horas depois, o trem parou com estrépito e os portões das gaiolas foram abertos. Os homens pisaram cambaleantes no chão duro e poeirento, muitos deles aliviados por descansarem as pernas exaustas.

Um grupo de soldados armados montava guarda, armas prontas para atirar, procurando uma oportunidade para usá-las. Mesmo que os presos quisessem fugir, as características da região não permitiriam. De um lado, havia uma ou outra formação rochosa e do outro, absolutamente nada. Não havia para onde correr. Uma bala nas costas seria a recompensa para aqueles que tentassem.

Com indisfarçado desprezo, jogaram uns poucos pedaços de pão no meio deles, e os prisioneiros apinharam-se em torno dos pães como um cardume de peixes, agarrando-os, arrancando-os dos outros, desesperados, abandonando o que lhes restava de dignidade. Antonio viu uns dez homens correrem para o mesmo pedaço de pão e enojou-se com a visão de sua própria mão maltratada, com unhas imundas, tentando tirar uma crosta de pão dos dedos de outro homem. Tinham sido reduzidos à condição de animais,

voltando-se uns contra os outros dessa maneira.

Em seguida, foram embarcados novamente no trem e, por muitas horas mais, viajaram aos solavancos até o trem parar. Houve uma agitação momentânea entre eles.

— Onde estamos? —gritou alguém no centro.

— O que vocês estão vendo? — gritou um outro. — O que está acontecendo?

342

Não era o fim da viagem. Antonio saiu de sua gaiola de gado outra vez e viu uns dez caminhões à espera deles. Receberam ordem de entrar.

Os homens ficaram mais apertados do que nunca ali, movendo-se juntos num mesmo sentido conforme os caminhões balançavam de um lado para outro no chão esburacado. Cerca de uma hora depois, as engrenagens rangeram e os freios foram acionados de repente. Os presos todos foram arremessados para a frente num tranco. Portas se abriram e se fecharam com violência, puxaram ferrolhos, ouviram-se gritos, ordens, uma altercação em algum lugar. Mais uma vez, as entranhas dos presos se contorceram de medo. Pareciam estar no meio do nada, apesar de Antonio achar que distinguia ao longe os contornos de uma cidade.

Havia um murmúrio generalizado entre os homens.

— Seria estranho nos trazerem até aqui só para nos matarem — ponderou o homem que ficara espremido diante de Antonio, face a face, durante as últimas quatro horas. O mau cheiro pútrido de seu hálito quase o asfixiara. Sabia que o dele não deveria ser nada suave, mas a boca sem dentes e as gengivas deterioradas daquele velho soldado tinham-lhe literalmente provocado ânsias de vômito.

Antonio ia responder quando alguém fez um aparte:

— Acho que já teriam dado cabo de nós a essa altura se fosse o que estavam planejando.

— Não tenham tanta certeza — disse outro, pessimista.

A discussão continuou até serem interrompidos por uma ordem cuspida por um dos soldados. Receberam instruções de seguir por uma trilha que saía da estrada e logo avistaram seu destino. Surgiu uma fileira de cabanas. Para muitos, o alívio foi demasiado. Eles choraram, certos agora de que viveriam mais um dia.

Foram conduzidos em filas a um espaço aberto na frente das cabanas para ouvir a fala de um capitão do Exército, do qual só enxergavam a boca de traços duros e as maçãs do rosto salientes. Irritava Antonio o fato de seus olhos estarem escondidos pela aba do quepe. A multidão estava silenciosa, cheia de expectativa, otimista

pela primeira vez, vendo os lábios dele se moverem.

— Graças à generosidade de nosso grande general Franco, vocês tiveram uma sorte imerecida — disse. — Hoje, foi-lhes concedida uma nova oportunidade.

343

Correu um murmúrio de alívio pela multidão de homens. O tom do discurso repugnava Antonio, mas o conteúdo era animador. O capitão continuou. Tinha uma mensagem a transmitir e nada o impediria.

— Devem ter ouvido falar da nova lei que permite a Remissão de Penas através do trabalho. Para cada dois dias de trabalho, sua pena será reduzida em um dia. Para a escória que vocês são, é mais do que merecem, mas o Generalíssimo assim decretou.

Dava a impressão de estar sendo forçado a engolir uma pílula amarga. Visivelmente, não aprovava aquela indulgência, teria preferido ver aqueles homens submetidos à punição máxima, mas a palavra de Franco era suprema e ele era obrigado a cumprir ordens.

E continuou:

— O mais importante é que foram selecionados para a mais gloriosa de todas as tarefas.

Antonio começou a ficar apreensivo. Soubera que havia

prisioneiros sendo usados em trabalhos forçados para projetos de construção, na recuperação de cidades como Belchite e Brunete, devastadas durante o conflito. Talvez fosse esse o destino deles.

— Eis o que El Caudillo disse quando anunciou seus planos para esse projeto. Vou citar suas palavras.

O capitão empertigou-se todo e adotou um tom ainda mais pomposo. A ironia era que sua voz era consideravelmente mais grave e mais masculina do que a de Franco, de sons agudos e estrangulados que todos conheciam bem.

— "Quero que esse lugar tenha a grandeza dos santuários de outrora … seja um lugar repousante de meditação onde futuras gerações possam prestar homenagem àqueles que fizeram da Espanha um lugar melhor…" — O pronunciamento monótono das palavras de Franco foi quase devocional, mas a voz dele retornou logo ao timbre mais ríspido.

— O lugar que vocês foram escolhidos para construir é El Valle de los Caídos. Este monumento vai homenagear os milhares que morreram nessa luta para salvar nosso país dos Vermelhos sórdidos: os comunistas, os anarquistas, os sindicalistas…

A voz do capitão gradualmente se elevara. Ele foi se exaltando aos poucos até ficar possesso de tanta aversão, a ponto de seu quepe

sacudir e as veias saltarem em seu pescoço. Mal conseguia reprimir a histeria. Os que se encontravam perto dele sentiram os perdigotos

furiosos que voaram de seus lábios ao dizer as últimas palavras. Estava quase gritando a essa altura, apesar de não haver qualquer necessidade disso, considerando-se o silêncio total de seus ouvintes. Todos tinham escutado rumores sobre esse plano. O que o confirmava, no que se referia a eles, é que estavam em Cualgamuros, não muito distante de Madri e perto de El Escorial, local dos túmulos dos reis. Franco tinha um objetivo claro nesse projeto. Embora o lugar devesse homenagear os soldados mortos por sua causa, seria principalmente um mausoléu para ele próprio. O capitão fanático, embriagado de poder, acabara de falar. Deixou para seus inferiores a tarefa de conduzir os prisioneiros às cabanas.

— Então agora sabemos por que nos trouxeram até aqui… — disse o velho que viajara ao lado de Antonio. — Imagino que seja melhor do que ficar trancado dentro da prisão.

Para algumas pessoas, a resistência daquele velho funcionara como um tônico, enquanto para outros sua voz inabalavelmente alegre começava a irritar. Depois de todos aqueles meses, até anos, de provação, parecia extraordinário que a voz de uma pessoa

pudesse ser tão completamente despojada de amargura.

— É, acho que vamos ver mais a cor do céu — respondeu Antonio, tentando se mostrar positivo.

A cabana que lhes serviria de lar era muito diferente da última prisão em que haviam estado, onde por dias a fio permaneciam fechados numa cela sem janela, e a única fonte de luz uma lâmpada elétrica que os iluminava vinte e quatro horas por dia. A cabana era miserável, mas ao menos ali havia janelas ao longo de uma parede inteira e duas fileiras de cerca de vinte camas com um espaço decente entre elas.

— Não parece tão ruim, não é?

Acima do alarido de milhares de outros homens reunidos no espaço cheio de mato fora das cabanas, todos à espera de receber suas novas instruções, a voz animada do velho provocava Antonio. Perguntava-se por que algumas pessoas são tão generosamente dotadas de bom humor quando à sua volta o mundo parece estar se desintegrando.

Em cima dos colchões de palha, encontraram uniformes castanhos, que receberam ordem de vestir.

— Cabem dois de mim aqui dentro — comentou o septuagenário,

enrolando as mangas e as pernas das calças. Ele ficara de fato um bocado esquisito. — Ainda bem que aqui não temos espelho.

O velho tinha razão. Parecia mesmo ridículo, como uma criança com a roupa do pai. Pela primeira vez, quem sabe, em meses, Antonio sorriu. E teve uma sensação estranha. Seus reflexos para rir tinham enfraquecido havia meses.

— Como consegue ser tão alegre o tempo todo? — perguntou, lutando com os botões. Os dedos estavam rígidos de frio.

— De que adianta ser de qualquer outro jeito? — As mãos artríticas também não lhe facilitavam a tarefa de abotoar o casaco. — O que podemos fazer? Nada. Somos impotentes.

Antonio refletiu um instante antes de responder.

— Resistir? Fugir? — sugeriu.

— Sabe tão bem quanto eu o que acontece com os que tentam. São destruídos. *Completamente*. — Pronunciou a última palavra com ênfase. Seu tom mudara por inteiro. — Para mim, trata-se de proteger o espírito humano — continuou. —Para outros, deve ser lutar até o último suspiro. Minha resistência a esses fascistas é ir com eles, sorrir, mostrar que não podem esmagar minha alma, minha verdadeira essência.

Antonio ficou surpreso com a resposta. Não a esperava. Como

todos que tinham vindo naquela gaiola de gado, aquele homem tinha a aparência de um pobre lavrador. Materialmente, possuía até menos. Não era dono sequer das roupas que vestia. Seu sotaque e a maneira como se expressava indicavam outra coisa, porém.

— Tem dado certo essa sua abordagem? — indagou Antonio.

— Até agora, sim — respondeu o velho. —Não tenho fé, não sou religioso. Posso dizer que sou ateu, e já faz muitos anos. Mas a crença em proteger a própria essência, acredite, dá muita força para se sobreviver.

Antonio olhou por cima do ombro dele para o mar de duzentos outros presos, que o uniforme cor de esterco agora reduzia a uma mancha informe de humanidade. Era uma massa amorfa, da qual a individualidade fora finalmente aniquilada, mas em seu meio havia médicos, advogados, professores universitários e escritores. Talvez esse homem fosse um deles.

— O que fazia antes… disto? — perguntou Antonio.

— Sou professor de Filosofia da Universidade de Madri — respondeu ele sem hesitar, com uso deliberado do tempo do verbo no presente.

E continuou, contente com a atenção de Antonio.

— Olhe quanta gente foi levada ao suicídio. Provavelmente milhares de pessoas. É a maior vitória dos fascistas, não é? Mais um prisioneiro condenado ao fogo do inferno, e menos uma boca para alimentar.

O homem era tão pragmático, tão realista sobre a situação deles que quase convenceu Antonio. Ele próprio presenciara diversos suicídios. O pior fora em Figueres, dias antes de serem removidos para aquele lugar. Um homem pulou para agarrar uma lâmpada, que pendia de um fio no teto e, com um movimento rápido, antes que pudesse ser impedido por algum amigo ou algum fascista, quebrou a lâmpada na beirada de uma cadeira e enfiou o caco de vidro pontudo numa veia.

Depois os guardas vieram arrastar o corpo para fora. Já estavam acostumados. Dava trabalho demais encurtar os fios.

— Bem — disse o professor universitário, enfiando na cabeça o chapéu redondo que encontrara em cima do uniforme. — Acho que está na hora de começarmos.

O entusiasmo jovial dele por um momento foi contagiante.

— Está vendo isso aqui? — disse, apontando para o chapéu. O "T" bordado nele significava *Trabajos Forzados*. O que o caracterizava como escravo.

— Sim — respondeu Antonio. — Estou vendo.

— Eles podem escravizar meu corpo — disse o professor —, mas minha alma me pertence.

Para cada um, era preciso haver uma razão individual para sobreviver, e aquele homem parecia ter encontrado a dele.

Àquela altura, o resto dos homens saíra da cabana. Mesmo de estômago vazio, esperavam que fossem trabalhar. Só iria escurecer daí a duas horas e seus feitores não quereriam desperdício.

Marchando em fila indiana através de uma área de floresta densa, os recém-chegados acabaram alcançando os limites do terreno onde iriam trabalhar. Ao darem com a imensa clareira, as proporções do que se estendia diante de seus olhos deixou-os surpresos.

347

Milhares e milhares de homens trabalhavam em turmas. O movimento era contínuo, sincrônico, ordenado, e via-se que estavam envolvidos em uma tarefa inexorável, gargantuesca, interminável. Moviam-se numa direção levando uma carga e voltavam de mãos vazias para pegar outra, como formigas indo e vindo de seu formigueiro.

O grupo de Antonio foi levado para a ampla face exposta da

colina. À primeira vista, parecia que tinham sido incumbidos de literalmente mover uma montanha. O barulho era ensurdecedor. De vez em quando, ouvia-se um estrondo vindo do interior. Era óbvio o que esperavam que fizessem. Um buraco gigantesco estava sendo aberto naquele enorme rochedo. Qualquer ordem seria inaudível naquela cacofonia que os recebeu. Havia pilhas de pedras à frente deles. Alguns homens trabalhavam com picaretas, quebrando-as. Voavam estilhaços para todos os lados. Os outros recolhiam os fragmentos nas mãos nuas e carregavam-nos para longe. Repetidamente, havia ordens gritadas, castigos, um rebenque erguido. Uma visão do inferno.

Logo se desfez a esperança de Antonio de poder ver o céu trabalhando ao ar livre. O ar estava opaco com tanta poeira. Até a ilusão de liberdade com que lhes tinham acenado naquela tarde evaporou-se. O que os fascistas deram com uma das mãos, tiraram com a outra.



CAPÍTULO 33

Enquanto Antonio construía a tumba de Franco, Concha continuava a administrar o El Barril, determinada a manter o negócio da família funcionando. Como todos os que tinham estado do lado errado durante o conflito, ela sofreu com o estigma de ter o marido e um filho na prisão. Concha era continuamente importunada pela Guarda Civil, e o café e sua casa eram frequentemente sujeitos a buscas e vistorias. Eram meramente táticas de intimidação, mas não havia nada que Concha pudesse fazer para impedi-las. Muitos na mesma situação que ela descobriam que os filhos só conseguiam trabalhos em posições inferiores ou subalternas, e outros, cujos filhos tentaram voltar para casa depois de lutarem pela República, foram imediatamente presos. Um dos irmãos de Paquita fora executado naquele mês.

Numa tarde de quinta-feira, alguns meses depois de Franco

declarar a vitória, Concha estava na cozinha e escutou o som da porta do café sendo aberta. A hora do almoço havia sido movimentada.

Um cliente tardio, pensou ela com irritação. Tomara que não queira nada para comer.

Irrompeu no bar para avisar ao retardatário que não estava mais servindo comida e estacou no meio do caminho. Tentou falar, dizer um nome, mas nada saiu. Sua boca estava seca.

Apesar dos olhos fundos e do corpo curvado que nunca tivera, ela teria reconhecido esse homem imediatamente no meio de uma multidão de centenas de milhares de outros.

— Pablo — disse, num sussurro inaudível.

Ele estava parado, uma das mãos segurando o encosto de uma cadeira. Não conseguia falar nem se mexer. Todos os seus últimos farrapos de energia e força de vontade tinham sido despendidos no

esforço de chegar em casa. Concha atravessou a sala e amparou-o nos braços.

— Pablo — murmurou ela. — É você. Não posso acreditar que seja você.

E era verdade. De repente, Concha Ramírez duvidou de seu juízo.

Seria aquela sombra pálida realmente seu marido? Por um momento, ela se perguntou se aquela criatura frágil e insubstancial que tinha nos braços era real ou seria uma fantasia de sua imaginação. Talvez a sentença de morte de Pablo tivesse finalmente sido levada a cabo e aquele fosse apenas um espectro que aparecera para ela. Nada estava além da esfera de possibilidades de sua imaginação.

O silêncio dele não acalmou suas dúvidas.

— Diga-me se é você — insistiu ela.

A essa altura o velho sentara-se. Estava tão fraco de fome e exaustão que as pernas não o sustentavam mais.

Olhando nos olhos dela com os seus marejados, falou pela primeira vez:

— Sim, Concha, sou eu, Pablo.

Então, segurando as duas mãos dele nas suas, ela chorou.

Sacudia a cabeça de um lado para o outro, sem acreditar.

Durante uma hora, ficaram sentados assim. Ninguém entrou no café. Era a hora morta.

Por fim, levantaram-se e Concha levou o marido para o quarto de ambos no andar de cima. Pablo deixou-se cair, sem firmeza, na beirada da cama, do lado esquerdo. Aquele espaço ficara vazio por tanto tempo… A mulher ajudou-o a se despir, tirando-lhe as roupas

esfarrapadas que pendiam de seu corpo e tentou disfarçar o susto com a sua magreza extrema. O tronco estava irreconhecível. Abriu as cobertas e ajudou-o a deitar-se. A frieza dos lençóis a que não estava acostumado gelaram-no até os ossos. Concha deitou-se em seguida e abraçou-o, transferindo o calor de seu corpo para o dele até ele quase queimar. Dormiram durante horas, dois corpos magros enlaçados como ramos de uma videira. As pessoas entravam e saíam do café lá embaixo, intrigadas e um pouco preocupadas com a ausência de Concha.

Só depois de acordar é que Pablo perguntou por Antonio e Mercedes. Concha temera esse momento e teve de lhe contar o que

sabia: que Antonio estava agora na prisão e que não tinha notícias de Mercedes.

Naquele mesmo dia, os dois tentaram deslindar as razões da libertação de Pablo. Acontecera do modo mais inesperado. Uma noite, depois da leitura diária da lista da morte, ele fora levado a um canto e informado que também sairia da prisão. Que ardil horrível seria aquele?, indagara a si mesmo, o coração em disparada de tamanho terror. Não fora capaz de fazer perguntas, temendo que qualquer reação de sua parte pusesse em risco a suspensão de sua

pena.

Com os papéis necessários para comprovar sua libertação, rumara de volta para Granada, de caminhão e a pé. Levara três dias. E todo o tempo se perguntara, intrigado: por que ele?

— Elvira — disse Concha. —Acho que ela teve alguma coisa a ver com isso.

— Elvira?

— Elvira Delgado. Você deve se lembrar: a mulher do matador — Concha hesitava.

Pablo parecia ter esquecido tantas coisas, muitos detalhes de sua vida antes da prisão. Nas últimas vinte e quatro horas, ela notara às vezes uma ausência na expressão do marido, e isso a assustara. Era como se uma parte dele tivesse sido deixada em sua cela na prisão, como se não tivesse voltado com ele para Granada.

Ela prosseguiu, sem se deixar deter.

— Elvira foi amante de Ignacio. Acredito que tenha usado a influência dela para intervir a seu favor. Não consigo achar nenhuma outra explicação.

Pablo ficou pensativo. Não tinha nenhuma lembrança da mulher a que Concha se referia.

— Bem — refletiu afinal —, imagino que não importa por que ou

como foi.

Concha estava certa. Fora a interferência de Elvira Delgado, mas estava fora de questão procurá-la para agradecer. Qualquer gesto que confirmasse seu envolvimento seria comprometedor para ambas as partes. Muitos meses depois, Concha cruzou com Elvira na Plaza de la Trinidad. Concha identificou-a porque havia sempre fotos dela em *El Ideal*, mas mesmo que o rosto conhecido não lhe chamasse atenção, a visão glamourosa num casaco vermelho, profusamente

debruado de pele, a teria feito olhar duas vezes. Outros viraram-se para olhar. Os lábios cheios da mulher estavam pintados do mesmo tom de seu traje vermelho vivo e o cabelo negro, arrumado no alto da cabeça, brilhava tanto quanto o vison escuro que lhe contornava a gola.

O coração de Concha acelerou quando Elvira se aproximou. Era estranho para a mãe defrontar-se com a sensualidade que tanto seduzira o filho e admitir seu poder. Não admira que ele tivesse se arriscado tanto para estar com ela, pensou Concha quando estava perto o bastante para reparar na perfeição de sua pele lisa e sentir uma aragem de seu perfume. Ficou tentada a falar com ela, mas o andar decidido da mulher mais jovem era tão seguro! Os olhos de

Elvira estavam fixos com determinação num ponto adiante dela. Não parecia o tipo de pessoa que aprecia ser abordada na rua. Um enorme nó formou-se na garganta de Concha ao pensar em seu lindo filho.

* * *

Pablo contou pouca coisa a Concha sobre seu tempo na prisão. Não precisava. Ela era capaz de imaginar tudo pelas rugas em seu rosto e as cicatrizes em suas costas. Sua história inteira, com toda a tortura física e mental, estava desenhada nele.

Não era somente porque ele queria deixar para trás aqueles quatro anos terríveis que Pablo se calava o máximo possível sobre sua vida na prisão. Também achava que, quanto menos contasse para a mulher, menos ela pensaria em tudo o que Emilio poderia ter sofrido antes de morrer. Os guardas das prisões eram imaginativos em sua crueldade, e ele sabia que reservavam os piores tormentos para os homossexuais. Seria melhor manter o assunto fora da cabeça dela.

O que ele detestava mais do que tudo agora era o som de sinos.

— Esse barulho — queixava-se, com as mãos na cabeça. — Queria que alguém simplesmente levasse esses sinos embora.

— Mas são os sinos da igreja, Pablo. Estão aí há anos e

provavelmente vão ficar no mesmo lugar por muitos mais.

— Sim, mas algumas igrejas foram incendiadas, não foram? Por que essa não poderia ter sido também?

A igreja de Santa Ana, ali perto, fora onde eles se casaram e os dois filhos mais velhos tinham feito a primeira comunhão. Havia sido um lugar de lembranças muito felizes e significativas, que contudo

ele não podia mais tolerar. Na prisão, a conivência do padre com a tortura dos presos tornava-o tão culpado quanto os próprios guardas. Seu cínico, malévolo oferecimento dos últimos sacramentos aos condenados o tornara o indivíduo mais desprezado de toda a instituição. Pablo agora detestava tudo o que se relacionasse à Igreja Católica.

Na última prisão, onde passara um ano inteiro, sua cela ficava à sombra de uma torre de sino. Noite após noite, os sinos batiam as horas, arruinando seu pouco e precioso sono para relembrá-lo da incessante passagem do tempo.

* * *

A cada manhã, quando acordava e encontrava Pablo a seu lado, Concha se rejubilava. A presença dele a surpreendia e emocionava constantemente e, no decorrer dos meses seguintes, ela o viu ganhar

forças e vigor.

Um mês e pouco depois da volta de Pablo, uma carta chegou ao café. Era concisa e redigida com cuidado.

Querida Mãe,

Mudei-me para outra parte da Espanha, minha gloriosa pátria.

Não poderei ir vê-la durante algum tempo, pois estou trabalhando num projeto especial para El Caudillo, ajudando a reconstruir nosso país.

Estou em Cualgamuros. Assim que tiver permissão, convido-a para vir me visitar.

De seu filho amoroso,

Antonio

— O que isso significa? — perguntou Concha. — O que realmente quer dizer?

A economia de palavras e a formalidade do tom evidenciavam que Antonio estava escondendo alguma coisa. A referência a Franco como El Caudillo, “o grande líder”, tinha de ser irônica. Antonio jamais usaria palavras que indicassem tamanha aceitação do ditador, exceto sob coerção. A carta trazia todas as provas de que seu autor sabia que seria censurada.

Pablo também leu a carta. Era muito estranho que o filho não fizesse referência a ele. Teve a sensação de que não existia mais.

— Ele não mencionou você porque presume que ainda está na prisão — disse Concha. — É mais seguro assim. É melhor não chamar atenção para o fato de que se tem um parente preso…

353

— Sei que tem razão. Eles usariam isso como desculpa para puni-lo.

Ponderaram um pouco mais se haveria algo nas entrelinhas e se perguntaram qual poderia ser esse projeto especial. Tudo o que conseguiram deduzir foi que o filho se encontrava num campo de trabalho e que se tornara um dos milhares de homens forçados a labutar para o novo regime tirânico da Espanha.

— Se ele está trabalhando, pelo menos vão querer que continue vivo — disse Concha, querendo parecer otimista para não afligir o marido.

— Bem, vamos ter de esperar para ver. Talvez ele escreva outra vez em breve e nos conte um pouco mais.

Nenhum dos dois admitiu que seus estômagos se contorciam de ansiedade, e sentaram-se para responder à carta juntos.

Antonio ficou transbordando de prazer quando recebeu o envelope com um selo de Granada. Os olhos arderam de lágrimas contidas quando leu que o pai havia sido solto da prisão e, quando

chegou à frase em que a mãe prometia ir visitá-lo, pensou que seu coração fosse arrebentar. Os operários de Cualgamuros tinham permissão para receber visitas, e algumas famílias chegaram a se instalar nas proximidades. Concha poderia levar alguns meses para fazer os planos, mas a ideia da visita serviu de alento para todos eles.



CAPÍTULO 34

Antonio respondeu. Na segunda carta, contou com mais detalhes o que estava de fato construindo e até lhes enviou algum dinheiro. Para dar legitimidade ao projeto, os operários recebiam um salário, ainda que fosse uma ninharia.

— Há um toque especial de crueldade no fato de ter de construir um memorial para nossos inimigos — disse Pablo. — É uma piada de mau gosto, realmente.

Àquela altura, Antonio quase se acostumara à nova rotina de sua

vida. Era forte e podia carregar pesos consideráveis, mas não havia muita coisa que lhe amenizasse o tédio. Mortes e ferimentos aconteciam o tempo todo dentro da montanha, e novos trabalhadores eram continuamente enviados para substituir os mortos e mutilados. Um dia, Antonio descobriu que tinha uma nova tarefa. Era seu maior medo. Já havia suportado as piores condições e dores imagináveis que podem levar um homem ao colapso, mas o medo irracional de ficar encerrado dentro de uma montanha era maior do que tudo. Claustrofobia era algo que ele não conseguia controlar.

Os que tinham sido designados para trabalhar na face da rocha caminhavam no escuro em direção ao seu local de trabalho. Quanto mais avançavam, mais a temperatura de Antonio caía. Suava frio no corpo inteiro. Pela primeira vez nesses anos de extremo sofrimento, teve de se conter para não chorar. Era irracional. Não por causa da escuridão, mas da sensação opressiva da montanha acima dele, que o aterrorizava ao desvario. Muitas vezes, antes de começarem as explosões, Antonio precisou reprimir a vontade de gritar, mas, uma ou outra vez, quando paravam a fim de esperar as pedras caírem na frente deles, ele se permitia gritar a plenos pulmões, de medo, de desesperança, as lágrimas misturando-se ao suor imundo que descia pelo corpo e o encharcava até as botas.

O granito era resistente, mas a cada dia eles penetravam mais fundo nas trevas. Só um megalomaníaco seria capaz de conceber uma caverna imensa como aquela, pensava Antonio, nada menos do que uma catedral subterrânea escavada pelo homem. Às vezes, no princípio da manhã, pairava um mistério silencioso no lugar. Antes que o barulho das britadeiras e martelos começasse, ele tentava imaginar que estava indo para um lugar cheio de paz, como uma igreja, mas logo o terror da claustrofobia se apoderava dele outra vez e Antonio se via andando para o centro da terra, talvez para nunca mais voltar.

Repetia incessantemente para si que logo sairia mas, sem luz e sem um relógio, não havia meio de saber quando. Acabava sempre refazendo o percurso no sentido inverso, porém cada dia parecia uma eternidade.

As semanas transformaram-se em meses. O progresso era lento. Numa escala geral, parecia que mal tinham arranhado a encosta da montanha. Os operários começaram a receber mais informações sobre aquele projeto grandioso. Pretendia-se que estivesse concluído em um ano.

— Isso é tão provável quanto Franco nos mandar passar o Natal

em casa — disse Antonio. — Já faz um ano que estamos aqui, não faz? E está tudo igual a quando chegamos!

Tinha razão. Levaria mais vinte anos para El Valle de Los Caídos ficar pronto, e seriam necessários vinte mil homens para concluí-lo. A cada semana, perdiam-se dezenas de operários, mortos em explosões, esmagados por deslizamentos de rochas ou eletrocutados. Muitos dos que trabalhavam na face da rocha propriamente dita contraíam uma doença ameaçadora. Enquanto perfuravam e quebravam a rocha, o ar se tornava repleto de poeira e, apesar de usarem esponjas no rosto, partículas microscópicas de sílica eram absorvidas e enchiam os pulmões de cristais.

O trabalho era exaustivo e as equipes de operários estavam submetidas a uma renovação constante. Era difícil formar amizades. Em raras ocasiões, alguém ganhava a liberdade, mas outros eram menos afortunados. O professor fora levado embora poucas semanas depois da chegada deles em Cualgamuros. Aparentemente, era culpado de muitos, se bem que supostos, crimes contra o Estado, sendo o mais ofensivo deles o fato de ser um intelectual judeu. No momento em que estava sendo levado da cabana, um dia de madrugada, ele sorriu para Antonio.

— Não se preocupe — disse. — Pelo menos, não estou sendo levado para Mauthausen.

O professor Díaz passara um ano na França sob ocupação germânica. Muitos de seus companheiros judeus tinham sido arrebanhados e removidos para o famigerado campo de concentração. Antonio admirava Díaz enormemente. Era a única pessoa que poderia chamar de amigo naquele lugar lúgubre, e embora o homem enfrentasse a execução com estoicismo, Antonio horrorizou-se com tal perspectiva.

Depois disso, Antonio não fez mais amigos. No fim de cada dia, deitado exausto no colchão de palha, ele fechava os olhos. Só a imaginação o salvava da insanidade. Exercitava intensamente libertar a mente daquele lugar e precisava apenas de imagens simples e familiares para tanto. Nunca de mulheres — tais necessidades agora não passavam de lembranças distantes. Em geral, estava sentado a uma mesa com Francisco e Salvador, havia a fragrância sedutora do conhaque, o som de conversas, a sensação de *polvorón* fresco desmanchando-se com um sabor doce em sua boca. Ninguém o atingia ali e acabava dormindo.

* * *

Foi o homem que dormia no colchão ao lado dele quem primeiro

reparou que havia algo de errado com Antonio.

— Não sei se você tosse o dia inteiro, o barulho é alto demais para se ouvir, mas está tossindo a noite toda. Todas as noites.

Antonio percebeu um tom de irritação na voz do outro.

— Não me deixa dormir — queixou-se o vizinho.

— Sinto muito. Vou tentar parar, mas devo tossir dormindo…

A atmosfera enfumaçada das cabanas e a proximidade entre elas favoreciam a proliferação de germes, assim como a umidade do ar de Guadarrama. Antonio não era o único a se agitar na cama nas horas noturnas.

Em poucas semanas, o próprio Antonio não conseguiu mais dormir. Suava a noite toda e agora, ao tossir, via a palma de sua mão manchada de sangue. Era atormentado por dores no peito.

Antonio foi um dos muitos que contraíram silicose. A odiada montanha enterrara uma parte de si dentro dele.

Os doentes ali não eram tratados com bondade e muitos trabalhavam até cair. Antonio pretendia fazer o mesmo, mas um dia

o corpo deixou de obedecer. Durante dias, não conseguiu se levantar da cama encharcada de suor. Não experimentou nem um pouco a paz que deve descer sobre a pessoa que se prepara para encontrar

seu criador, e, através da névoa do delírio, só sentiu raiva e frustração.

Numa noite, teve um vislumbre passageiro da figura da mãe. Antonio recordou vagamente ter recebido uma carta dela avisando que planejava visitá-lo, e se perguntou se de fato seria ela, de pé ao seu lado, com o cabelo escuro e o sorriso carinhoso. Sentiu um momento fugidio de paz, mas nenhum outro anjo veio a ele e, mesmo num estado de semi-inconsciência, sabia que estava perdendo o controle. O padre que de vez em quando explorava homens como ele para uma conversão de última hora não se deu o trabalho de visitá-lo. Antonio era visto pelas autoridades como uma pessoa além do alcance da espiritualidade.

Finalmente, depois de algumas horas de delírio, teve consciência de uma tristeza terrível, opressiva. Ficou saturado de lágrimas, suor e pesar, e tudo foi escorregando para longe dele. A morte chegou então como a maré alta e nada a deteve.

* * *

No decorrer do último ano, apesar de ambos o ignorarem completamente, Javier Montero e ele viviam a apenas metros de distância um do outro. Com o pai, Javier fora detido em Málaga quando a cidade foi aniquilada em 1937 e passara a guerra inteira

na prisão. Seu único crime era ser cigano e, portanto, por definição, subversivo. O caminho dele e o de Antonio quase se cruzaram centenas de vezes, mas ambos estavam tão curvados que raramente olhavam para cima. Os anos transcorridos tinham maltratado os dois.

Javier fazia parte de um grupo cuja dolorosa tarefa era enterrar os mortos. Vez por outra, seu olhar se detinha nas mãos antes tão bonitas, agora segurando o cabo de uma pá, sangrando, cheias de calos, riscadas de cortes feitos pelo granito. Havia cinco anos desde a última vez que seus dedos esguios tinham envolvido o braço do violão e quase tanto tempo desde que ouvira qualquer som de música.

— Sabe, provavelmente somos os de mais sorte por aqui — disse o companheiro de trabalho, outro coveiro, enquanto cravavam as picaretas na terra dura. — Garanto que isso é mais macio do que o granito.

— Você deve ter razão — respondeu Javier, procurando aceitar a frivolidade do tom de voz dele.

Os dois puseram o corpo na posição e desceram-no para a cova. Não havia mortalha, e a terra da pá de Javier caiu direto no rosto do

homem. Esses foram os ritos finais de Antonio. Não havia cerimônias naquela encosta de montanha.

Nenhum dos dois coveiros olhou para o morto, mas permaneceram em silêncio por alguns minutos. Era o máximo e o mínimo que podiam fazer.

Dias antes, Concha partira de Granada para fazer a visita tão prometida a Cualgamuros. Na entrada, foi obrigada a registrar-se e, em seguida, tendo declarado o assunto que a levava ali, foi encaminhada para um pequeno prédio que ficava um pouco afastado das compridas fileiras de cabanas-dormitórios, as quais se sucediam até bem longe.

Deu o nome completo de Antonio e o sargento correu o dedo pelas listas de nomes dos operários. Havia dezenas de entradas, e ela esperou de pé, pacientemente, enquanto ele virava página após página. Ele suspirava, aparentemente entediado. Apesar de não conseguir ler nenhum nome de cabeça para baixo, Concha viu que alguns estavam cortados por linhas.

Então, o dedo parou no meio de uma página.

— Morto — disse ele inexpressivamente. — Semana passada. Silicose.

O coração de Concha quase parou. As palavras dele atingiram-na

como punhaladas.

— Obrigada — respondeu educadamente. Estava determinada a não demonstrar nenhuma fraqueza diante daquele homem e saiu às cegas, sem saber para onde estava indo.

Eram cinco horas da tarde e alguns trabalhadores tinham voltado para as cabanas depois do turno de doze horas. Javier olhou de relance pela janela. Reparou numa mulher. Além das mulheres de operários que tinham vindo morar nos arredores, era raro verem qualquer mulher, mas o que o fez olhar duas vezes foi o fato de ser um rosto que achou reconhecer. Saiu da cabana e foi depressa atrás dela.

A mulher seguia vagarosamente agora, e ele a alcançou num instante.

— Desculpe — disse, tocando de leve no braço dela.

Concha supôs que fosse um dos guardas prestes a repreendê-la por perambular em área proibida. Parou. Não sentia coisa alguma naquele momento, e medo decerto que não.

Javier não se enganara. Apesar de ter o cabelo agora estriado de cinza, ela não mudara nada.

— *Señora* Ramírez — disse ele.

Concha levou alguns segundos para perceber quem era realmente aquela criatura esquelética. Ele mudara consideravelmente, mas os olhos imensos e característicos continuavam os mesmos.

— Sou eu, Javier Montero.

— Sei, sei — respondeu Concha, tão baixo que um canto de pássaro teria abafado sua voz. — Eu sei…

— Mas o que está fazendo aqui? — perguntou ele.

A primeira coisa que passou por sua mente foi que a señora Ramírez soubera que ele estava ali e fora levar-lhe notícias de Mercedes.

— Vim ver Antonio — respondeu ela.

— Antonio? Ele está aqui?

Concha deixou pender a cabeça. Não conseguiu responder, mas as lágrimas que desciam pelo rosto disseram o suficiente.

Ficaram ali parados um pouco. Javier sentia-se constrangido.

Tinha vontade de abraçar a señora Ramírez como se fosse sua própria mãe, mas não lhe pareceu adequado. Se ao menos pudesse consolá-la, de alguma forma.

Estava escurecendo e Concha sabia que logo teria de sair. Precisava estar fora dali ao cair da noite. Quando as lágrimas diminuíram, ela finalmente falou. Havia algo que precisava fazer antes de partir.

— Imagino que não saiba onde ele está enterrado. Gostaria apenas de ir até lá antes de partir.

Javier segurou-lhe o braço. Conduziu-a com delicadeza para o cemitério, situado umas centenas de metros adiante das cabanas. Na clareira entre as árvores, ela distinguiu o trecho do chão onde a terra fora recentemente revolvida. Tinha sulcos como um campo arado.

Aproximaram-se do local e Concha ficou parada por alguns

momentos, os olhos fechados, os lábios movendo-se em oração. Javier manteve-se em silêncio, enquanto se dava conta de que o enterro de Antonio devia ter sido em seu turno. Até o som de sua própria respiração lhe parecia invasivo.

Por fim, Concha levantou a cabeça.

— Preciso ir agora — disse ela, resoluta.

Javier deu-lhe o braço outra vez. Passaram por diversos trabalhadores a caminho dos portões, que lhe lançaram olhares curiosos. Havia algo que Javier estava desesperado para saber e não podia deixar a señora Ramírez ir embora sem lhe perguntar.

— Mercedes…

Concha quase se esquecera da filha naquela última hora, mas sabia que chegaria o momento em que teria de contar a Javier que Mercedes partira à procura dele e nunca mais voltara.

— Não posso mentir para você — disse, segurando-lhe a mão. — Mas se tivermos notícias dela escrevo-lhe imediatamente.

Foi a vez de Javier não saber o que dizer.

Quando o portão se fechou com um rangido às suas costas, Concha estremeceu. Cerrando bem o casaco sobre o corpo, caminhou apressada. Apesar de o filho estar enterrado ali, queria ir para longe daquele lugar o mais rápido possível.

Um dia, uma cruz imensa iria erguer-se a cento e cinquenta metros de altura no alto da montanha, majestosa, arrogante e vitoriosa. Com imagens de santos ajoelhados na base, estaria posicionada sobre a tumba de Franco e, em certos dias, sua longa sombra tocaria o lugar arborizado onde jazia o corpo de Antonio num túmulo sem identificação.

361



PARTE 3

362



CAPÍTULO 35

GRANADA, 2001

As sombras iam ficando compridas na praça diante do El Barril quando a voz de Miguel se calou. Sonia quase se esquecera de onde estava, perplexa com o que ele contara.

— Como tudo isso pode ter acontecido a uma só família? — perguntou.

— Não foi só com a família Ramírez que sucederam essas coisas — respondeu Miguel. —Não eram fatos incomuns, absolutamente. Todas as famílias republicanas sofreram.

A energia de Miguel parecia estar esmorecendo, mas ele fora incansável em sua narrativa. Sonia agora via o café com outros olhos. A tristeza do que acontecera àquelas pessoas dava a impressão de pairar ali.

O velho tinha falado durante muitas horas, mas ainda faltava

uma parte da história. A que ela tinha mais curiosidade de conhecer.

— E o que aconteceu com Mercedes? — perguntou. As fotografias da dançarina na parede lembravam-lhe constantemente da razão de sua presença ali.

— Mercedes? — perguntou, com ar vago. E, por um momento, Sonia se preocupou. Talvez o velho tão amável tivesse se esquecido da existência dela. —Mercedes… sim. Claro, Mercedes… Bem, durante muito tempo, não houve contato nenhum, porque as cartas podiam ser muito incriminadoras, e ela achava que a mãe provavelmente já estivesse sob bastante suspeita para ainda por cima ser acusada de ter uma filha *roja*.

— Então ela estava viva nessa época? — Sonia encheu-se de esperanças outra vez.

363

— Ah, sim — concordou Miguel, animadamente. — Mais tarde, quando passou a ser mais seguro, ela começou a escrever cartas para Concha aqui no El Barril.

Miguel estava remexendo no interior de uma arca junto à caixa registradora.

O coração de Sonia batia loucamente.

— Estão aqui, em algum lugar — disse.

Sonia tremia. Viu na mão dele um maço de cartas bem amarradas escritas pela moça cuja fotografia se tornara uma obsessão para ela.

— Gostaria que lesse algumas para você? Estão em espanhol. — E foi sentar-se numa cadeira ao seu lado.

— Sim, por favor — disse ela em voz baixa, olhando fixamente para os envelopes amarelados, de cantos virados, que ele segurava.

Miguel tirou com cuidado umas dez folhas de fino papel de carta do envelope que estava por cima da pilha, organizada em ordem cronológica, e as desdobrou. A carta datava de 1941.

A caligrafia não era conhecida. Sonia nunca vira a mãe escrever à mão. A doença dificultava o movimento do punho e, em sua lembrança, Mary sempre usara uma máquina de escrever.

As letras de um lado do papel apareciam do outro, tornando a leitura um desafio. O velho fazia o melhor que podia, dizendo cada frase em espanhol antes de traduzi-la para um inglês bastante antiquado.

Querida mãe,

Sei que vai compreender por que fiquei tanto tempo sem escrever. Estava preocupada em não a incriminar. Sei que sou vista como traidora por estar fora da Espanha e espero que me perdoe por isto.

Aparentemente, era a atitude mais segura a tomar para todos os envolvidos.

Quero lhe contar o que aconteceu depois que parti para a Inglaterra no Habana*, há quatro anos…*

A cada minuto que passava, a extensão de água entre Mercedes e o país natal aumentava. O vento começou a soprar com força não muito tempo depois de levantarem âncora e, no golfo de Biscaia, o mar ficou agitado, o que pegou todos de surpresa. Muitas crianças nunca haviam estado num navio antes e a violência do balanço

aterrorizou-as. Várias delas puseram-se a chorar quando se sentiram desorientadas e foram surpreendidas pelos primeiros momentos de enjoo.

Até a cor do mar parecia estrangeira. Não mais azul, adquirira a coloração de lama revolvida. Algumas das crianças ficaram imediatamente nauseadas e, conforme a viagem prosseguiu, até os adultos enjoaram. Em breve, os conveses ficaram escorregadios do vômito.

Apesar dos protestos de Mercedes, Enrique foi separado dela e colocado num convés superior. Durante muitas horas, ela o perdeu de vista e achou que já estava decepcionando a mãe dele.

— Você não é a única a cuidar dessas crianças — repreendeu-a uma das ajudantes mais velhas.

E tinha razão. O papel de Mercedes naquela viagem e depois dela seria cuidar de um grupo maior, e sua preocupação com apenas duas das crianças não era vista com bons olhos por diversos professores e padres.

Naquela noite, as crianças dormiram onde puderam enquanto o navio balançava para cima e para baixo. Alguns aninharam-se no fundo de botes salva-vidas, outras se aconchegaram em enormes rolos de corda. Mercedes logo se viu incapaz de oferecer conforto a elas, mareada ela própria também. Quando o mar se acalmou no dia seguinte, o alívio foi imenso. A costa da Inglaterra já era visível havia algum tempo, mas só quando o mar parou de lançá-los de um lado para outro é que repararam na linha escura e tênue no horizonte, a costa de Hampshire. Às seis e meia do segundo dia, atracavam em Southampton.

A água absolutamente calma do porto foi um refúgio completo e, tão rápido quanto viera, o terrível enjoo passou. No convés do navio, mãos pequeninas agarravam-se à balaustrada e as crianças espiavam aquele novo país. Só enxergavam as paredes escuras do porto erguendo-se diante delas.

Ouviram a ruidosa atracação ser finalizada, o estrépito assustador da corrente da âncora, e cabos grossos como braços foram arremessados para o cais embaixo. Homens grisalhos olhavam de lá para elas com uma mistura de pesar e curiosidade. Não lhes fariam mal. Ouviram gritos numa língua que não reconheciam, vozes ásperas e agressivas, e o grito do estivador, que precisava se fazer ouvir acima da cacofonia geral.

365

O sol rompeu as nuvens mas a novidade e o entusiasmo da aventura se dissiparam. Aquelas crianças queriam estar em casa com suas mães. Várias tinham sido separadas dos irmãos durante a viagem e levou tempo dividi-las em grupos, mas os crachás hexagonais ajudaram e cada uma delas foi logo encaminhada para uma ajudante. Mercedes desejava ter tido oportunidade de conhecer seus pupilos durante a viagem, mas a tempestade não permitiu.

Antes do desembarque, as crianças passaram por outro exame médico, e ataram fitas coloridas em seus pulsos para indicar que tipo de tratamento seria necessário: uma fita vermelha significava uma ida ao local apropriado para um banho de remoção de piolhos, uma fita azul indicava que uma doença infecciosa fora diagnosticada e uma fita branca indicava uma ficha limpa de saúde.

Todas as pobres crianças tinham uma aparência deplorável. Os cabelos, tão lindamente escovados, trançados e enfeitados com fitas quase dois dias antes, estavam emaranhados em tufos. Os elegantes blusões tricotados estavam manchados de vômito. As señoritas faziam o possível para deixá-los apresentáveis.

Por fim, as crianças precisavam receber de volta os pertences e os poucos objetos que tinham levado. Meninas pequenas agora seguravam suas bonecas favoritas e os meninos posavam de homenzinhos, com ar corajoso. Quando estava tudo em ordem e todos ficaram prontos para sair do navio, já fazia algum tempo que tinham atracado.

A curiosidade era mútua. Todos olhavam fixo uns para os outros, de olhos muito abertos. Os espanhóis olhavam para os ingleses e os ingleses contemplavam as crianças espanholas caminhando ao longo do convés. A Grã-Bretanha ouvira falar tanto do comportamento bárbaro dos *rojos* na Espanha, de como tinham queimado igrejas e torturado freiras inocentes, que esperavam encontrar pequenos selvagens. Quando aquelas crianças de olhos arregalados, algumas ainda conseguindo parecer bem-vestidas, surgiram diante deles, os ingleses se espantaram.

Entre os primeiros ingleses que as crianças espanholas viram

estavam os membros de uma banda do Exército da Salvação. Mercedes não soube formar uma opinião sobre eles, com os uniformes escuros, tocando alto as melodias em reluzentes trombetas e trombones. Para ela, tinham uma aparência militar, mas logo foi informada de que as intenções eram boas.

366

Southampton parecia uma cidade em dia de *fiesta*. As ruas estavam enfeitadas de bandeirolas e as crianças espanholas sorriram, imaginando que aquela decoração era para recepcioná-las. Só descobririam mais tarde que se referia às comemorações da recente coroação.

Os que tinham passado sem restrições no exame médico foram levados em ônibus de dois andares de Southampton para North Stoneham, a alguns quilômetros de distância, o lugar que seria o lar provisório. Tratava-se de um enorme acampamento espalhado por uma área do tamanho de três estádios, com quinhentas barracas brancas em forma de sino dispostas em filas ordenadas. Cada barraca acomodaria de oito a dez crianças, com meninos e meninas separados.

— *Indios!* — exclamaram algumas crianças, entusiasmadas, quando as viram.

— Eles pensam que vai ser tudo uma grande brincadeira de índios e caubóis — disse Enrique com ar de desdém para a irmã que, ao seu lado, estava agarrada à boneca.

Mercedes fez imediatamente uma comparação com as barracas improvisadas pelos fugitivos na estrada de Málaga para Almería. Aqui havia ordem, segurança e, o mais comovente de tudo, havia bondade. Naquelas campinas verdes, tinham encontrado um abrigo.

A organização era impressionante. Além da divisão entre meninos e meninas, havia áreas separadas para os três grupos de crianças, divididas de acordo com as preferências políticas dos pais. Os organizadores desejavam reduzir ao mínimo as agressões entre grupos rivais.

O acampamento era um mundo independente, com regras próprias e rotinas. As filas para comida eram ordeiras, embora a primeira refeição tenha levado quatro horas para ser servida. Grande parte do que lhes deram para comer tinha gosto estranho, mas sentiam-se gratos e familiarizaram-se logo com novos sabores e paladares, como o do leite maltado Horlicks e o do chá. Mercedes descobriu que algumas das crianças sob seus cuidados estavam estocando comida; tinham se preocupado com a refeição seguinte durante muito tempo.

Faziam piqueniques ao sol, mas durante dias mostraram ansiedade sempre que escutavam o som de aviões passando rumo ao campo de pouso próximo em Eastleigh. A associação daquele som

com a ameaça de ataques aéreos ainda era muito forte. Depois, passaram a deitar-se na macia relva inglesa e observar as nuvens claras e estufadas, certos de que os bombardeiros não iriam mais esconder o sol.

As crianças eram mantidas ocupadas com aulas, tarefas e ginástica, mas a disciplina era branda e faziam-se todos os esforços para garantir que aquele lugar não desse a impressão de ser uma prisão. Todos os dias havia um prêmio para a barraca mais arrumada, e Mercedes procurava incentivar seus pequenos pupilos a sempre ganharem a competição. Todos eles, de alguma forma, sofriam com saudades dolorosas de casa, mas até os menores conseguiam guardar as lágrimas para a hora de dormir.

Os refugiados eram muito mais numerosos do que esperava originalmente, mas a pressão foi logo aliviada quando, na primeira semana, quatrocentos foram levados para um albergue do Exército da Salvação e, em um mês, mais mil foram para instituições católicas. Havia certa escassez de alimentos, mas não nas mesmas

proporções que muitos deles tinham experimentado em Bilbao. Numa das refeições, Mercedes examinou o garfo e a faca que estava usando, ambos velhos e amassados, e lembrou-se de que cada um dos objetos do acampamento era fruto de uma doação voluntária. Embora estivessem razoavelmente bem protegidos do mundo exterior, ela soube que o governo britânico se recusara a fornecer fundos para a permanência deles na Inglaterra. Esforços extraordinários estavam em curso para levantar dinheiro para alimentá-los e vesti-los, e eles contavam inteiramente com a bondade de estranhos.

Não tiveram acesso a artigos de jornais hostis à sua chegada, mas uma notícia que não lhes foi poupada foi a ocupação de Bilbao pelos nacionalistas. Passado apenas um mês da partida de lá, a cidade caíra. Foi um dia negro em Stoneham. Muitas crianças se desesperaram, chorando e gritando, em pânico com a possibilidade de os pais estarem mortos. Enrique, com outros meninos, fugiu do acampamento, determinado a encontrar um navio que os levasse de volta à Espanha para lutar. Foram rapidamente encontrados e devolvidos ao acampamento. Mercedes passou a noite consolando Enrique, garantindo-lhe que a mãe estaria bem. Sentada ao lado dele, pensou também em Javier e mais uma vez desejou que ele

tivesse saído da cidade muito antes.

As notícias da captura de Bilbao criavam um dilema para todos.

368

— Agora, então, não podemos mais voltar? — comentou Mercedes com uma das outras ajudantes.

— Não, acho que não. Acho que as crianças correriam ainda mais perigo do que antes — respondeu Carmen.

— E o que vai acontecer com todos nós? — perguntou Mercedes.

— Sei tanto quanto você, mas não acho que podemos ficar acampados para sempre com esse clima daqui!

Em breve, todos no acampamento de North Stoneham teriam de ser transferidos para um outro local. O Comitê das Crianças Bascas já se mobilizava, em plena atividade para encontrar uma solução. Pelo país afora, estava estabelecendo “colônias” onde hospedar as crianças, e o destino de cada *niño* podia ser arbitrário. Para alguns, poderia ser outra barraca, para outros, um hotel vazio ou um castelo. Para Mercedes, foi uma mansão no campo.

No fim de julho, ela seguiu para Sussex em companhia de um grupo de vinte e cinco crianças, inclusive Enrique e Paloma. Embarcaram num trem para Haywards Heath e foram recebidos na estação ferroviária pela banda da cidade e por crianças, que traziam

doces de presente. Foi um dia quente e feliz. Dali, seguiram num ônibus, que os deixou num povoado a quinze quilômetros de distância, de onde seguiram a pé até os portões de Winton Hall, que ficava perto.

As colunas encimadas por águias eram imponentes, ainda que dilapidadas. Alguns tijolos estavam soltos e uma das águias cobertas de musgo perdera uma das asas. Mesmo assim, criavam uma impressão intimidadora do que estava por vir. As crianças se deram as mãos e percorreram aos pares o caminho de aproximadamente um quilômetro e todo esburacado. Mercedes andava ao lado de Carmen, a professora encarregada do grupo. Nos dois últimos meses, as duas tinham se tornado amigas íntimas.

Fazia calor. A temperatura dava-lhes a sensação de estarem de volta ao seu país. Os campos ainda não ceifados ao redor apresentavam uma tonalidade pálida e ressecada, e o céu estava claro, de um azul forte. Borboletas aqueciam-se ao sol nos arbustos de buddleia que cresciam em profusão ao longo do caminho, e as crianças menores gritavam encantadas com as *Vanessa Atalanta* que adejavam em torno de suas cabeças. Colheram flores silvestres e margaridas da margem e inventaram uma canção. A caminhada passou depressa e eles esqueceram o peso das malas.

Mercedes foi a primeira a chegar a uma curva de onde se avistava a casa. Já vira imagens de casas inglesas majestosas em livros, de modo que tinha uma noção de como eram, mas nunca imaginou que fosse morar numa delas. Winton Hall fora construída com pedra cor de areia e tinha mais chaminés e torres do que algumas das crianças pequenas sabiam contar.

— É um castelo de contos de fadas! — exclamou Paloma.

— Vamos morar com o novo rei? — perguntou a amiga dela.

De um aposento do andar de cima, os proprietários tinham acompanhado o percurso deles e estavam agora no alto da escadaria da porta de entrada. Havia dois cães *spaniel* a seus pés.

Sir John e lady Greenham tinham todo o aspecto físico dos proprietários de terras ingleses bem-nascidos, contudo sem a riqueza. Winton Hall havia sido construída pelo avô de *sir* John, que fora um industrial abastado, mas com o passar dos anos a propriedade começara a desintegrar-se em torno das gerações subsequentes que ali viveram.

— Sejam bem-vindos a Winton Hall — disse o dono da casa, descendo para receber os recém-chegados.

Carmen era a única do grupo que falava um pouco de inglês. As

crianças tinham aprendido algumas palavras desde a chegada, mas não eram capazes de manter uma conversa.

Mercedes só sabia dizer “Olá” e “Obrigada”, palavras que, úteis naquela situação, ela conseguiu pronunciar gaguejando.

Lady Greenham permaneceu no alto da escada, observando-os friamente. Não fora ideia dela receber os refugiados. O marido é que tinha aquelas manias extravagantes. Ele era parente distante da temível duquesa de Atholl, que formara o Comitê das Crianças Bascas; agora que tinham sido retiradas do acampamento, a duquesa ajudava a encontrar lares para elas pelo país afora. Lady Greenham lembrava-se perfeitamente da primeira vez que ouvira o plano do marido de abrir a casa para elas.

— Ah, vamos ajudar essas coitadinhas! —dissera ele, procurando persuadi-la. — Não vai ser por muito tempo.

Ele acabara de voltar de uma reunião em Londres em que a “Duquesa Vermelha”, como era conhecida, solicitara apoio.

Sir John era um homem de bom coração e não via razão para não convidarem um grupo de inofensivos jovens espanhóis para

ocupar alguns de seus quartos empoeirados. Não tinham filhos e fazia tempo que os corredores da casa não se enchiam com algum

tipo de vida, além de um ou outro ratinho.

— Está bem, então — a mulher concordara, relutante. — Mas não quero meninos. Só meninas. E não muitas.

— Receio que isso não seja possível — respondeu ele com firmeza. — Se houver irmãos, eles têm de ficar juntos.

Desde o começo, lady Greenham estava cheia de ressentimento. Embora a casa estivesse num estado de poeirenta decadência, tinha muito orgulho dela. Muito tempo antes, tinham dispensado os criados que mantinham a casa impecável, e agora só contavam com uma governanta míope que de vez em quando passava um espanador nas teias de aranha. Mesmo assim, lady Greenham tinha uma forte consciência do passado grandioso da casa e de sua posição social como castelã do lugar.

As crianças espalharam-se pela escada e pelo vestíbulo, os olhos arregalados. Retratos escuros contemplavam-nas de cima. Paloma deu uma risadinha.

— Olhe aquele ali — cochichou para Enrique, apontando para uma das pinturas antigas. — É tão gordo!

Recebeu um olhar de desaprovação de Carmen. Apesar de ter certeza de que os anfitriões não compreendiam o que ela dissera, era óbvio o que a divertia.

O sorriso rígido de *lady* Greenham desvaneceu-se.

— Agora, crianças — disse, nem um pouco preocupada com o fato de elas não terem a menor ideia do que estava dizendo, mas levantando a voz para facilitar a compreensão —, vamos estabelecer algumas regras?

Reuniram-se todos em círculo em torno dela. Pela primeira vez, Mercedes olhou a inglesa de perto. Parecia ter mais ou menos a mesma idade de sua mãe, talvez quarenta e cinco anos. O marido, que tinha mechas de cabelo ruivo inutilmente escovadas por cima da cabeça calva, seria provavelmente alguns anos mais velho do que ela. A pele dele era densamente salpicada de sardas, e Mercedes tentou não fixar os olhos nele.

Carmen traduzia enquanto *lady* Greenham falava.

— Nada de correrias pela casa… Os sapatos devem ser tirados quando vierem do jardim… A sala de estar e a biblioteca estão vetadas… Não devem agitar demais os cães.

As crianças escutavam em silêncio.

— Meninos e meninas, todos compreendem essas regras? — disse Carmen para tentar quebrar a tensão.

— *Sí! Sí! Sí!* — todos concordaram.

— Agora vou lhes mostrar onde vão dormir — disse *sir* John.

Os pés das crianças ressoaram na ampla escadaria sem tapetes atrás dos anfitriões.

Lady Greenham se deteve e virou-se. As crianças pararam também.

— Acho que já descumprimos uma das regras, não é?

Carmen enrubesceu.

— Sim, é verdade, sinto muito — disse ela, desculpando-se. — Crianças, desçam a escada e tirem os sapatos, por favor.

Todos obedeceram e os sapatos empoeirados passaram a formar uma pilha desarrumada ao pé da escadaria.

— Mais tarde lhes mostro onde guardá-los — disse *lady* Greenham.

Os escarpins dela martelavam agora o chão do corredor enquanto eles continuavam a andar para os quartos de dormir.

Uma coisa que Mercedes percebeu foi que, apesar da temperatura agradável de antes, assim que entraram na casa todo o calor do dia ficou do lado de fora.

Os meninos seriam instalados num quarto do primeiro andar, de pé-direito alto, imensas janelas e um grande tapete persa desbotado, e as meninas seriam divididas em dois quartos do sótão, que tinham

sido dos criados e recendiam a mofo. Havia muitas camas em cada um dos cômodos, que seriam divididas como fosse possível. Carmen e Mercedes dormiriam com as meninas, deitando-se com a cabeça para os pés da cama ou vice-versa.

Era hora do jantar. De início, a governanta, senhora Williams, foi tão pouco acolhedora quanto a patroa. Na cozinha, dirigiu-lhes uma série de “nãos”.

— Não deixem os pratos em cima da mesa. Não batam com os talheres. Não desperdicem comida. Não deixem os cachorros comerem sobras de espécie alguma. Não deixem as cascas caírem na pia. Não esqueçam de lavar as mãos antes das refeições.

Cada uma das recomendações foi acompanhada de uma demonstração em mímica do que “Não Fazer”. Depois, ela sorriu — um sorriso largo que envolveu todos os músculos de seu rosto e que incluiu os olhos, a boca e as covinhas da face. As crianças perceberam logo que aquela mulher tinha um coração caloroso.

Na imponente sala de jantar, onde lustres de cristal sujos pendiam do teto, a mesa comprida fora arrumada de modo disparatado com porcelana da Woolworths verde e canecas de latão. *Lady* Greenham não iria usar a porcelana mais fina com aqueles

pequenos estrangeiros.

A primeira refeição foi um prato de picadinho de carne seguido de pudim de tapioca. A maioria das crianças conseguiu empurrar goela abaixo o gorduroso primeiro prato, mas o pudim de tapioca foi mais difícil. Vários tiveram náuseas violentas e Paloma vomitou abundantemente no chão. Carmen e Mercedes correram para limpar o vômito. Era imperativo que *lady* Greenham não ficasse sabendo daquilo, pois seria o tipo de calamidade que comprovaria a loucura do marido em convidar aquelas crianças para ficar em sua casa.

A governanta, por mais leal que fosse a seus patrões, não queria ver os recém-chegados em dificuldades, por isso ajudou a limpar tudo e prometeu não contar o que acontecera. Serviria algo chamado semolina dali em diante, em vez de tapioca.

No dia seguinte, depois de um desjejum de pão com margarina, as crianças tiveram permissão para explorar a parte externa. A extensão do terreno deixou-as perplexas. Havia um jardim convencional com gramados crescidos e canteiros ornamentais em terraços com passeios margeados de tijolos, onde ervas daninhas pareciam crescer em maior profusão do que as rosas, contra as quais travavam uma batalha considerável. Havia um vasto espaço escavado no terreno que as desconcertou: a presença de um bote a

remo sem fundo abandonado no meio, com os remos espetados na lama como mastros, levou-as a deduzir que ali existira antes um lago artificial. Algumas tentaram contorná-lo mas verificaram que o caminho fora invadido pelo mato e era intransponível. Além do lago, numa direção, havia um bosque; na outra, havia campos, em alguns dos quais viam-se vacas pastando.

373

Havia um pequeno pavilhão no jardim que obviamente fora o lugar escolhido por alguém que gostava de pintar. Era circular, e assim a luz podia entrar por todos os lados. Um cavalete achava-se encostado numa parede e a velha mesa estava coberta de borrões de tinta a óleo, cujos tubos tinham sido deixados sobre o tampo. Dentro de uma xícara, pincéis virados para baixo. Ninguém entrava ali havia anos. Duas das meninas mais velhas, Pilar e Esperanza, mostraram-se fascinadas com aquele esconderijo secreto e encontraram papel e pedaços de carvão. O papel estava úmido mas ainda usável, e elas começaram a desenhar. Horas depois, ainda permaneciam lá, completamente absortas.

Mercedes foi atraída para um quiosque de verão feito de madeira junto ao lago e empurrou a porta. Estava cheio de velhas espreguiçadeiras.

— Vamos levar algumas para fora — disse Paloma, que explorava a propriedade com Mercedes. Arrastaram uma das cadeiras para o sol e depois descobriram que a lona estava podre. — Não faz mal — disse ela, alegre. —Talvez possamos remendar algumas depois. Era exatamente o que começariam a fazer no final daquela mesma semana.

Algumas crianças encontraram o recinto murado onde ainda cresciam alguns legumes. No passado, haviam sido cultivados em quantidades industriais, mas agora só umas poucas cebolas e batatas cresciam ali. Uma das meninas foi à estufa e achou morangos crescendo dentro de uma tina. Não resistiu, comeu um deles e passou o resto do dia num estado de total ansiedade, com medo de *lady* Greenham ter contado os morangos e dar falta de um.

Outras crianças tinham encontrado uma quadra de tênis abandonada e, num pavilhão próximo, a velha rede enrolada. Carmen, com alguns dos meninos mais velhos, tentou armá-la. Ainda se distinguiam um pouco as linhas no chão e, assim que descobriram algumas raquetes velhas, com uma ou duas cordas arrebentadas, alguns começaram a bater bola de um lado para outro da rede. Fazia muitos, muitos meses que não se divertiam assim.

Na hora do almoço, *sir* John foi ao encontro deles. Ouviu as

risadas e encontrou um grupo de crianças jogando bola.

— O que é isto? — perguntou Carmen, segurando um martelo gigantesco para ele identificar. — Há uma porção deles numa caixa.

— Ah — disse ele sorrindo. — É um taco de croqué.

— Um taco de croqué… — repetiu Carmen, sem entender.

— Querem que lhes mostre como se joga depois do almoço?

— É um jogo, então?

— É, sim — respondeu ele —, e costumávamos jogá-lo no gramado. — E apontou para uma enorme extensão plana coberta de capim e musgo. — Está um pouco cheio de calombos agora, mas não vejo por que não possamos experimentar.

Depois do almoço, no qual se serviu sopa de batata, um pouco de pão e um pedaço de queijo, que as crianças acharam borrachudo embora tivessem gostado bastante, voltaram para o jardim. Fizeram uma aula de croqué. *Sir* John instalara os arcos e ensinou a um grupo deles as regras estranhas e peculiares do jogo. Até os meninos repudiaram a opção de tirar outro jogador do gramado e adotaram uma estratégia mais amável. Haviam testemunhado agressões demais em suas curtas vidas.

O delicioso encanto dos diferentes espaços do jardim cativou a

todos e, naquela perfeita tarde de verão inglesa, eles se esqueceram temporariamente do passado e desfrutaram o presente. Havia a liberdade de correr à solta e também a oportunidade de se ficar sentado sossegado. Alguns dos mais jovens encontraram um banco ao sol e começaram a desenhar.

Carmen manteve-se em contato com algumas das outras professoras e as condições de algumas das colônias fizeram-na apreciar mais do que nunca a sorte de estarem em Winton Hall. Num dos lugares, as crianças foram usadas como mão de obra gratuita numa lavanderia e, em alguns dos lares dirigidos por católicos, as freiras não hesitavam em punir maus comportamentos com surras. Os que estavam em acampamentos do Exército da Salvação aparentemente eram os que mais tinham queixas: “Os rostos severos das mulheres de gorros que nos fazem cantar hinos ingleses só me lembram das razões por que tivemos de sair da Espanha”, escreveu uma amiga de Carmen. “Pessoas de uniforme nos obrigando a agir de acordo com a religião delas! Não lhe parece algo conhecido?” Mercedes tinha a impressão de que, apesar de seus atos serem muitas vezes bem-intencionados, algumas das pessoas que dirigiam as colônias não compreendiam o que aquelas crianças tinham sofrido.



CAPÍTULO 36

Os dias quentes de verão sucederam-se, um após o outro, e o estado de espírito em Winton Hall era quase sempre de contentamento. Muitas crianças tinham recebido cartas recentes de suas famílias em Bilbao. Enrique e Paloma contavam-se entre os de sorte, e agora sabiam que a mãe, o irmão e a irmãzinha estavam todos a salvo.

Durante as manhãs, as crianças tinham algumas horas de aulas, mas as tardes eram de recreio. Um dia, um grupo estava tentando lembrar as letras de suas canções favoritas e os passos de algumas danças bascas tradicionais. Significava muito para todos não esquecer as coisas boas de seu país. No decorrer dos dias seguintes, ensaiaram as letras das canções e os passos de dança à perfeição. Fariam uma apresentação para *sir* John e *lady* Greenham e para a

senhora Williams, se eles estivessem interessados.

Naquela noite, depois do jantar, começou a apresentação. Até *lady* Greenham conseguiu aplaudir. *Sir* John manifestou um entusiasmo caloroso, transbordante.

— Foi maravilhoso — disse ele a Carmen. — Foi realmente maravilhoso.

— Obrigada — agradeceu ela, radiante.

— E tenho uma ideia! Acho que vocês podiam fazer um espetáculo no povoado!

— Ah, creio que não — disse Carmen. — As crianças ficariam encabuladas demais.

— Encabuladas? — exclamou *sir* John. —Elas podem ser tudo, menos encabuladas!

— Bem, vou falar com elas sobre isso mais tarde — prometeu Carmen, não querendo descartar a ideia. — O senhor acha que as pessoas pagariam para assistir?

Nas últimas semanas, ela se conscientizara de que havia muito pouco dinheiro disponível para o sustento deles naquele momento. Apesar de o Comitê para as Crianças Bascas ter promovido uma intensa campanha de doações, o público inglês não estava sempre

preparado para enfiar a mão no bolso de bom grado por crianças que consideravam comunistas. Em todas as colônias, os exilados estavam inventando maneiras de ganhar dinheiro.

Sir John não se enganara. Naquela noite, as crianças votaram, unânimes, pela apresentação para o público, se pudesse ser arranjada.

— Mas são apenas três danças e cinco canções — lembrou uma das meninas mais velhas. — Acham que é suficiente, se vamos cobrar ingressos?

Houve um murmúrio generalizado de que talvez isso não fosse bastante. Mercedes não hesitou em apresentar uma outra ideia.

— Eu poderia dançar — disse. — Talvez também nunca tenham visto antes a dança flamenca.

— O programa certamente ficaria mais variado — concordou Carmen, que sabia sobre o passado de Mercedes. — Mas quem vai acompanhar você?

— Bem, não temos um violonista aqui — disse Mercedes, procurando não dar muita importância ao fato —, mas eu poderia ensinar a vocês alguns ritmos com palmas.

Várias mãos se levantaram no ambiente à meia-luz. Sem dúvida, ali não havia escassez de entusiasmo.

— E eu tenho isto — veio uma voz da cama colocada na extremidade do quarto. Era Pilar. Todos se viraram quando escutaram o som arrulhante das castanholas. Parecia o canto de uma cigarra, e, naquela noite quente, quase imaginaram estar em casa. Pilar vinha brincando com as castanholas desde os três ou quatro anos e agora, aos catorze, adquirira uma habilidade extraordinária com elas.

— Perfeito — disse Mercedes. — Temos nosso espetáculo.

O grupo de dança cresceu para vinte pessoas, e todos ensaiaram com entusiasmo durante três dias. Os que não iam dançar preparavam cartazes, que *sir* John espalharia pelo povoado.

Para desgosto de *lady* Greenham, Mercedes ensaiava no vestíbulo, onde o assoalho era sólido o bastante para aguentar a força de seus passos. As meninas sentavam-se nas escadas para vê-la, espiando através dos balaústres. Nunca tinham visto ninguém como ela e ficavam completamente fascinadas, aplaudindo e batendo os pés para mostrar sua admiração sempre que ela parava para descansar.

Pilar sentava-se no fundo do vestíbulo. Antes de tudo, marcava o compasso em silêncio com as mãos, treinando os ritmos, e, depois,

inaudíveis para todos menos para si, treinava os padrões para as castanholas. Só quando se sentia absolutamente segura deles é que se adiantava e começava a tocar para Mercedes. Explorava todas as complexas variações do som das castanholas, fazendo-as trinar e cantar, estalar e crepitar.

— Está maravilhoso, Pilar — dizia Mercedes. Nunca escutara castanholas tocadas com maior eloquência.

* * *

Na noite do espetáculo, todos os lugares no salão da sede do povoado estavam ocupados. Alguns tinham vindo por pura curiosidade, só para ver aquelas “pessoinhas morenas”, como eram descritos pelo Comitê de Crianças Bascas. Para esses, era como ir ao zoológico. Outros compareceram apenas por tédio. Não havia muita diversão nos povoados ingleses.

Os dançarinos bascos seduziram a plateia. A senhora Williams conseguira arranjar-lhes material adequado, e as meninas confeccionaram os próprios trajes: saias vermelhas, coletes verdes, aventais pretos e blusas brancas simples. Dançaram com vigor e entusiasmo. Todos aplaudiram e pediram bis.

As canções também encantaram os presentes. Vozes suaves em uníssono perfeito cantaram “Anda diciendo tu madre”, e até os

corações mais empedernidos se enterneceram. Mercedes, dos bastidores, sentiu um nó na garganta ao ouvi-los pronunciar a última palavra, “*madre*”. Estavam tão distantes de suas mães e a maioria deles comportava-se de modo tão extraordinariamente corajoso.

378

Mercedes foi o último número do programa. O contraste entre sua dança e a inocente ingenuidade das danças bascas não poderia ser maior. A interpretação nada teve a ver com a das apresentações mecânicas que fizera na viagem para Bilbao. Naquele salão, com infiltrações no teto e uma plateia de ingleses de rostos sem expressão, ela expôs toda a dor e saudade. Usou o vestido vermelho de poás que ganhara tantos meses antes do dono do bar. Recuperara bastante peso desde a chegada, o que fez o vestido moldar-se lindamente em suas curvas ressurgidas.

Se a plateia se evaporasse no ar daquela noite quente, ela não teria se importado. Naquela noite, dançou para si. Alguns compreenderam e foram atraídos para a dança. Acompanhavam sofregamente com os olhos cada movimento expressivo e compreendiam a emoção que ela desnudava. Quando as castanholas estralejavam no ar e seguiam o ritmo dos pés de Mercedes, eles

sentiam os cabelos da nuca se eriçarem.

Outros ficaram desconcertados com a apresentação dela. Era estranha, incompreensível e estrangeira. No final, houve um momento de silêncio. Nenhum deles jamais vira coisa parecida. Alguns bateram palmas por delicadeza. Outros irromperam em aplausos arrebatados. Várias pessoas levantaram-se para sair. Mercedes dividira-os.

A fama dos cantos e danças bascos e da dança flamenca logo se espalhou. Foram até notícia no jornal local. Chegaram cartas de outros povoados e cidades do sul da Inglaterra convidando os refugiados a se apresentarem, e todos os convites eram aceitos, pois os pagamentos contribuíam para o sustento deles. Uma vez por semana, colocavam seus trajes típicos na mala e viajavam para um destino diferente. O contraste entre a inocência das danças tradicionais bascas e o estilo exuberante do flamenco era notável onde quer que fossem. Nem um dia se passava em que Mercedes não pensasse em Javier, e quando dançava era como se o revivesse a cada vez na mente e o trouxesse à sua presença de novo. Precisava se manter em forma para quando se reencontrassem, dizia a si mesma.

Alguns meses de relativa felicidade transcorreram assim, e a

única pessoa que parecia não apreciar a atmosfera de acampamento de férias de Winton Hall era *lady* Greenham.

— Por que ela parece estar sempre chupando um limão? — comentou Mercedes com Carmen uma noite.

— Acho que ela não está muito contente com a nossa presença aqui — respondeu Carmen, reafirmando o óbvio.

— Então por que nos convidou para vir?

— Não acredito que tenha sido ela. Foi *sir* John — respondeu Carmen. —Mas na verdade acho que ela é apenas uma daquelas pessoas, sabe, que nunca estão felizes.

Os lábios de *lady* Greenham estavam mais franzidos do que de costume quando entrou a passos largos na sala de jantar na hora do desjejum. *Sir* John tomava uma xícara de chá sentado a uma das cabeceiras da mesa. Gostava de escutar o burburinho indistinto de uma língua que não compreendia.

— Olhe! — disse a mulher, jogando um exemplar do *Daily Mail* em cima da mesa diante dele. — Olhe!

Todas as meninas pararam de falar. Assustava-as a evidente raiva dela.

“CRIANÇAS BASCAS ATACAM POLÍCIA” — dizia a manchete.

O marido virou o jornal para baixo de modo que ninguém mais a lesse.

— Pode ser o caso, o que eu duvido, mas não foi aqui que aconteceu, não é? E *nunca* se deve acreditar no que se lê nesse jornal.

— Mas está claro que não se pode confiar nelas! — disse *lady* Greenham num sussurro.

— Acho que devemos ir lá fora para discutir esse assunto — retrucou *sir* John com voz sibilante, zangada.

Os dois saíram da sala e as vozes exaltadas podiam ser nitidamente ouvidas. Algumas crianças foram escutar atrás da porta, apesar de não compreenderem quase nada. Carmen abriu espaço entre elas para ouvir.

Sir John admitia que tivera conhecimento de incidentes de pouca importância nos povoados próximos de algumas das colônias — maçãs surripiadas, por exemplo, e uma ou outra briga com rapazes do lugar, talvez uma ou duas vidraças quebradas —, mas estava absolutamente convencido de que nada daquilo poderia acontecer em Winton Hall.

A ambiguidade de *lady* Greenham com relação à presença deles sempre fora óbvia, mas agora Carmen enxergava melhor a situação.

Aquela inglesa gélida ficava feliz em fazer obras de caridade desde que não interferissem muito em sua vida. O “projeto” do marido a ocupara por completo, e ela nunca se sentiria à vontade com aqueles forasteiros. Eram estrangeiros e, a seus olhos, potencialmente selvagens.

Carmen nada disse às meninas, mas confidenciou seus receios a Mercedes.

— Acho que não devemos fazer nada a respeito disso — concluiu Mercedes.

— Temos simplesmente de provar que ela está errada — concordou Carmen. — O comportamento das crianças precisa ser exemplar.

E, no decorrer dos meses seguintes, assim foi. As crianças não deram a *lady* Greenham nenhum motivo de queixa.

Em novembro de 1937, vários pais começaram a escrever para o Comitê. Queriam seus filhos de volta. Bilbao não estava mais sob bloqueio nem sendo bombardeada. Em abril de 1938, a señora Sanchez, cujo prédio fora atingido durante um ataque aéreo, encontrou nova moradia. Estava então preparada para reunir a família, e Enrique e Paloma arrumaram as malas para partir.

Mercedes viajou com as crianças para Dover, de onde tomariam um navio para a França e depois seguiriam viagem para a Espanha. Sentada na cabine do trem, com os tons alaranjados e dourados da paisagem de outono passando lá fora, ela observava seus dois pupilos. No ano que se passara, Paloma continuara uma menina. A boneca, Rosa, ia sentada em seu colo, exatamente como na viagem de trem de Santurce para o cais do porto no mês de maio anterior. Enrique, ao contrário, mudara consideravelmente. Ainda tinha a mesma expressão preocupada no rosto, mas tornara-se um rapaz. Mercedes se permitiu imaginar o reencontro deles com a mãe e sentiu um aperto no coração.

— Não estou muito certo sobre esta volta — disse Enrique a Mercedes quando viu que a irmãzinha adormecera com o balanço do trem. — Alguns meninos recusam-se a voltar. Não acreditam que seja seguro.

— Mas sua mãe escreveu para vocês. Ela não iria pedir que voltassem se achasse que era perigoso, não acha? — disse Mercedes para tranquilizá-lo.

— Mas e se não tiver sido por iniciativa dela? E se tiver sido forçada a escrever a carta?

— Você está desconfiado demais — disse Mercedes. — Tenho certeza de que o Comitê não deixaria vocês partirem se pensasse que há alguma possibilidade disso.

Não ocorrera a Mercedes que pudesse haver algo desfavorável nessas cartas que chegavam regularmente chamando as crianças de volta para casa. Parecia-lhe mais do que natural que voltassem para a Espanha, e era o que havia sido planejado. Muitos pais preferiam ter os filhos ao lado deles fazendo a saudação fascista a mantê-los a milhares de quilômetros de distância. Os rumores da guerra estavam agora localizados por todo o norte da Europa, de modo que "em casa" deveria ser o lugar mais seguro para todos.

Mercedes abraçou com força as duas crianças antes de entregá-las à pessoa que acompanharia todo um grupo na volta para a Espanha. Enrique conteve as lágrimas, mas nem Mercedes nem Paloma conseguiram controlar as delas e a despedida foi chorosa. As promessas de se reencontrarem vieram do fundo do coração.

Enquanto contemplava o navio se afastar, Mercedes lutava contra o desejo de voltar à Espanha. Sem noção de onde poderia estar Javier e realmente com medo do que lhe poderia acontecer caso voltasse para Granada, sabia que era melhor para ela permanecer na Inglaterra. Ainda tinha muito do que se ocupar ali com as crianças

que não haviam sido chamadas de volta pelos pais. Alguns de seus pupilos sabiam que esse dia nunca chegaria, pois tanto o pai quanto a mãe tinham sido mortos. Mercedes pegou o trem para Haywards Heath e voltou para Winton Hall, onde algumas crianças novas estavam para chegar, vindas de outra colônia, que fora fechada. As noventa colônias iniciais foram gradualmente sendo reduzidas a um número menor à medida que mais crianças voltavam para casa.

Um pequeno grupo continuou a fazer as apresentações de dança, mas agora havia mais expectativa nos lugares aonde chegavam, pois sua fama crescera e as atitudes das pessoas com relação a eles tinham se abrandado. De vez em quando, outra dançarina de flamenco juntava-se a Mercedes e dois irmãos de uma outra colônia de Sussex, violonistas talentosos, também compareciam.

* * *

Quando Madri caiu, na primavera de 1939, Franco quis que todos os refugiados e exilados ainda na Inglaterra voltassem para a

Espanha. Muitos foram desaconselhados. Privações, perseguição e prisão eram possibilidades inegáveis.

Mercedes percebeu que agora precisava se arriscar. Escreveu uma carta breve e cuidadosa para a mãe contando onde estava, na

expectativa de uma resposta que lhe fornecesse uma orientação sobre o que fazer.

Em Granada, Pablo e Concha choraram de alegria quando receberam a carta e souberam que a filha estava viva e em segurança.

— Ela cuidou de crianças esse tempo todo! — exclamou o pai, examinando a caligrafia nítida da filha. — E ela própria era só uma criança quando a vimos pela última vez!

— E ainda está dançando… — disse Concha. — É tão bom saber que ainda está dançando!

Estudaram a carta incessantemente, depois discutiram como responder.

— Vai ser maravilhoso vê-la outra vez. Quando será que vem? — entusiasmava-se o velho pai pensando na única filha.

Concha foi direto ao ponto. Agora, geralmente era ela quem liderava as discussões e decisões. Pablo tornara-se mais lento desde seus tempos de prisão.

— Acho que ela deveria ficar na Inglaterra — disse, sem rodeios.

— Não podemos deixá-la voltar para cá.

— Por que não? — protestou Pablo. — A guerra acabou.

— Ainda não é seguro, Pablo — disse Concha, séria. — Não é a

melhor coisa para Merche. Por mais que desejemos vê-la.

— Não compreendo — exclamou ele, batendo com o copo na mesa. — Ela é só uma moça inocente!

— Bem, as autoridades não verão a coisa desse jeito — insistiu Concha. — Ela deixou o país. Isto é encarado como um ato hostil, e ela não voltou imediatamente. Acredite em mim, Pablo, é provável que ela seja presa. Tenho de saber que está em segurança.

— Mas e Javier? — alegou Pablo. — Ela vai querer voltar para visitá-lo.

Isto era o que Concha temia mais do que tudo. Se Mercedes soubesse que Javier estava em Cualgamuros, era quase certo que voltasse. Para o bem da filha, decidiu não lhe dar essa informação.

* * *

Em Winton Hall, Mercedes esperou ansiosa a resposta.

Finalmente, junto a outras cartas que vinham da Espanha com selos que mostravam o novo ditador, um envelope chegou de Granada. Até a letra da mãe fez Mercedes tremer. A familiaridade da letra fazia a mãe parecer próxima, de maneira quase intolerável. Ela rasgou e abriu o envelope, esperando notícias de todos, mas ficou decepcionada. Havia uma única folha de papel e duas frases secas.

Seu pai e eu esperamos ter você em casa em breve. Sua irmã manda lembranças.

Havia muito o que ler nas entrelinhas. Mercedes ficou emocionada com a notícia de que o pai estava em casa de novo, mas ficou perplexa e desapontada com a falta de notícias de Antonio. Temeu o pior. A segunda frase era ostensivamente clara, porém. A referência absurda da mãe a uma irmã transmitia-lhe uma mensagem: “Não acredite no que digo.” Mesmo que Concha Ramírez não pudesse dizer com palavras por receio do olho do censor, Mercedes sabia que estavam lhe avisando para não voltar para casa. A criança rebelde se fora havia tempo. A moça amadurecida acatou o conselho da mãe.

384



CAPÍTULO 37

Em maio de 1939, quando Winton Hall finalmente disse adeus ao

último dos *niños* de Bilbao, Mercedes sabia que chegara a hora de partir também. A casa proporcionara-lhe segurança e um teto durante dois anos, e ela lembraria com carinho seus espaços grandiosos e jardins românticos.

Várias señoritas estavam arrumando empregos domésticos e outras vinham sendo treinadas para trabalharem como secretárias. Todas começaram a ter aulas de inglês. Nos dois últimos anos na Inglaterra, poucas tinham aprendido mais do que algumas palavras da língua do país. Vivendo e convivendo somente com os compatriotas espanhóis, sua maior preocupação sempre fora preservar a língua e cultura próprias. Permanecer no Reino Unido fora a última coisa que lhes passara pela cabeça.

Como Mercedes, Carmen não podia voltar para casa. O pai e o irmão tinham sido presos nos primeiros meses do regime de Franco. Haviam se juntado à resistência e, quando foram apanhados pelas autoridades, tinham acabado de destruir uma ponte nos arredores de Barcelona. Ambos foram condenados à morte. A mãe de Carmen também fora presa.

Quando chegou o momento das despedidas, *lady* Greenham foi quase calorosa. Desconfiaram que fosse porque estava feliz em vê-las partir, mas o sorriso de lábios finos nada deixou transparecer. Os

olhos de *sir* John, por sua vez, estavam cheios de lágrimas. Não as deixou cair, mas elas viam que ele estava inundado de emoção. Prometeram ir visitá-los, e ele assentiu em silêncio antes de se virar.

Mercedes via os meses seguintes com entusiasmo e, ao mesmo tempo, apreensão. Exatamente como ao entrar no navio em Bilbao, esperava que desta vez o tempo de exílio não continuasse para sempre.

385

O lugar mais óbvio para onde ir era Londres. Na ocasião, havia uma comunidade espanhola de tamanho considerável e também oportunidades de trabalho, assim que ela aprendesse a língua.

— É estranho estar de volta a uma cidade — disse Mercedes a Carmen, quando saíram da estação Victoria para uma rua movimentada.

— Dá um certo alívio, realmente — disse Carmen. — Já estava cansada do campo.

— Mas eu também já estava cansada de Bilbao quando saímos de lá — comentou Mercedes.

— Bem, Londres não é Bilbao. Vamos nos divertir aqui! Tenho certeza.

A rua londrina estava apinhada de gente. Para as moças

espanholas, todos pareciam elegantes e seguros de si.

Tinham oferecido um quarto para as duas em Finsbury Park na residência de um casal espanhol, e elas tomaram um ônibus para esse destino. Sentadas no andar de cima, na fila da frente, deleitaram-se com o percurso pela cidade. Mal acreditavam na sorte de estar ali. Hyde Park Corner, Oxford Street, Regent's Park, já tinham ouvido falar de todos esses lugares, mas a realidade superava suas expectativas. Tudo era cheio de cor, fascínio e vitalidade. Por fim, o motorista anunciou sua parada e elas saltaram. Era apenas uma caminhada curta de cinco minutos até o novo lar: uma casa geminada e em estilo vitoriano, situada numa rua bonita onde as cerejeiras estavam em flor, copiosas, deslumbrantes.

Os senhorios tinham vindo para a Inglaterra antes do conflito e deram intenso apoio aos esforços do Comitê de Crianças Bascas. Mercedes e Carmen foram muito bem recebidas. Até as peças de cerâmica pintadas que eles penduraram nas paredes e algumas imagens emolduradas da Sierra Nevada fizeram-nas sentirem-se em casa.

Mas a ameaça do fascismo cresceu, como temiam os que tinham apoiado a República na Espanha, e a guerra explodiu pela Europa toda. Em setembro de 1940, Londres foi bombardeada

repentinamente e, durante os oito meses seguintes, esteve sob ataques constantes.

— Quer dizer que agora nosso país está em paz e estamos aqui sendo bombardeadas… — disse Mercedes numa noite em que ela e

Carmen se encolhiam, apavoradas, no abrigo antiaéreo Anderson, instalado no fundo do jardim.

— Há uma certa ironia em estarmos num país estrangeiro e *ainda* sendo alvo dos alemães — refletiu Carmen. —Mas, seja como for, você está errada. Nosso país não está em paz. Como poderia, quando há centenas de milhares de prisioneiros políticos?

A guerra contra Hitler era terrível mas, quando chegou ao ponto em que as crianças inglesas foram evacuadas de Londres, não havia comparação entre a atmosfera que predominava ali e a de Bilbao quando as pessoas decidiram sair da cidade. Na Espanha, o país se virara contra si mesmo. Não havia algo tão venenoso acontecendo na Inglaterra. Havia medo, mas não terror.

As pessoas da rua em que elas agora moravam muitas vezes passavam a noite inteira no abrigo. Era o local mais seguro. Mercedes e Carmen conversavam durante horas sobre o passado e sobre o que poderia acontecer no futuro. E o futuro poderia tomar

qualquer rumo, portanto não havia fronteiras ou limites para os sonhos delas. Era território não mapeado.

Aulas de inglês e trabalho doméstico mantinham Mercedes ocupada. A partir do outono de 1941, o que a manteve feliz foi *El Hogar Español*. O primeiro-ministro exilado da República, Negrín, alugou um prédio em Inverness Terrace que se transformou no ponto de reunião dos exilados espanhóis que não podiam voltar para o país.

Era o centro da vida cultural e social deles, e todos se misturavam para se sociabilizar e às vezes para cantar, desde gente igual a Mercedes, que limpava cornijas de lareiras inglesas, até intelectuais e políticos exilados. Promoviam inclusive *fiestas* de fim de semana. Nesses eventos, Mercedes deixava de lado o espanador e dançava. O rodopiar da saia de babados e o som do metal dos sapatos tacheados faziam-na se sentir inteira, invariavelmente. Aquilo era o que ela era de fato, e em sua mente transportava-se para casa. Havia outros que sabiam cantar, dançar e tocar violão ou castanholas, e, nas noites quentes, quando as janelas estavam abertas, as pessoas se juntavam na rua, sob as janelas, para ouvir os estampidos dos pés batendo no chão e as melodias emocionantes do violão flamenco. De tempos em tempos, alguns deles, inclusive

Mercedes, chegavam a se apresentar em público.

Começara a receber com regularidade cartas da mãe e algumas fotografias e, em troca, finalmente escreveu para contar sua história.

387

Pela maneira como Concha descrevia o pai, Mercedes deduziu que ele não era mais o mesmo homem de antes. Isso a entristeceu e a fez ansiar por estar em casa para ajudar. Cartas subsequentes contaram-lhe um pouco mais sobre o que acontecera com Antonio, e também forneceram notícias generalizadas sobre a Espanha.

Concluiu que Carmen tinha razão. Enquanto houvesse homens presos injustamente e tratados como escravos, sua terra natal não seria um país em paz. Toda vez que recebia uma carta com carimbo postal da Espanha, tinha a fugaz esperança de que fosse de Javier. Sabia que a mãe lhe enviaria qualquer coisa que ele mandasse. Nem por um minuto Mercedes perdeu a esperança.

* * *

Conforme os anos passavam, o inglês de Mercedes melhorava.

Em 1943, já estava bom o suficiente para fazer um curso de secretária. Pouco tempo depois, candidatou-se a um emprego em Beckenham, para o qual teve a sorte de ser contratada, e deu-se conta de que o trajeto de Finsbury Park para lá seria muito longo.

Carmen também gostou da ideia de se mudar, e encontraram um apartamento para as duas no sul de Londres.

A vida ia tão bem quanto possível, considerando-se a sensação de deslocamento de ambas. Já não podiam frequentar o *El Hogar Español* tanto quanto antes, embora Mercedes fosse convidada para dançar lá pelo menos uma vez por mês e suas apresentações vibrantes sempre atraíssem um grande número de pessoas dispostas a apreciá-la.

Mercedes procurava não pensar muito na tensão sob a qual os pais estariam vivendo. Administravam o café com razoável sucesso sob o novo regime, mas a dor contínua pela morte dos três filhos nunca diminuía. Concha às vezes pensava que não lhe restavam mais lágrimas para chorar, mas aquela era a grande ilusão de uma tristeza que dura a vida inteira. A dor se renovava constantemente. Cada dia significava uma nova caminhada sobre vidro recém-quebrado. Cada passo tinha de ser cuidadoso e exploratório, simplesmente para lhes permitir ultrapassar o sofrimento de ir da manhã até a noite. O tique-taque suave do relógio era o máximo de barulho que conseguiam tolerar depois que todos os clientes saíam no fim do dia.

As cartas chegavam à Inglaterra, ainda que lentamente. Concha

sempre tentava parecer alegre, mas desencorajava sutilmente a volta da filha. “Você deve estar vivendo uma bela vida aí”, escrevia ela, “e

se voltar para casa vai achar tudo muito diferente”. Era a forma de ela manter Mercedes longe de um país que estaria cheio de lembranças e de espaços vazios.

As cartas de Mercedes para os pais davam a impressão de que ela estava bem acomodada em sua nova vida. Embora a filha sempre lesse nas entrelinhas da correspondência que chegava dos pais, eles nunca pensavam em procurar algo sob a superfície das cartas dela, ou questionar a impressão de contentamento que ela levava tanto tempo criando.

A falta de veracidade em sua correspondência não significava que não existisse amor entre eles, mas apenas que se amavam tanto que cada um dos lados desejava proteger o outro.

Houve um acontecimento que Concha não pôde esconder. Em 1945, Pablo morreu. Havia sido um daqueles invernos rigorosos de Granada, quando o ar cortante penetra no peito e se retorce em torno dos pulmões, e ele não estava forte o suficiente para sobreviver. Para Mercedes, foi o momento mais difícil pelo qual passou desde que partira de Bilbao.

Quando a guerra terminou e os homens voltaram da frente de batalha, a vida social das moças espanholas concentrou-se em torno do salão de baile da área, o Locarno. Depois de seis anos de guerra e ansiedade, dançar era o antídoto perfeito. Era uma forma de se partilhar o prazer de estar vivo e de não haver mais a necessidade de apresentar cupons de racionamento. Todas as pessoas da idade delas dançavam valsa e *quickstep*, e, quando veio a moda das danças latino-americanas, Mercedes e Carmen aprenderam-nas com facilidade.

Era nos salões de baile que rapazes e moças namoravam, e a maioria tinha um objetivo bem claro em vista: encontrar alguém para casar. Mercedes era exceção. A última coisa que tinha na cabeça era achar uma alma gêmea. Já tinha uma e, quando saía nas noites de sexta-feira ou sábado, não queria mais nada além da emoção estimulante da dança.

Os homens dançavam com moças diferentes toda noite, algumas que já conheciam da vida inteira, outras que passavam a conhecer, mas o tempo todo tinham em mente a questão de poderem ou não se casar com uma delas.

A primeira vez que Carmen e Mercedes apareceram no Locarno, causaram sensação. Com os cabelos escuros e a pele morena, com o

sotaque carregado, pareciam realmente estrangeiras e exóticas. Apesar de usarem os mesmos vestidos que as moças do lugar, a semelhança terminava aí.

— São morenas como ciganas — murmuravam as pessoas.

Fazia mais de um ano que frequentavam o Locarno todas as sextas e sábados quando Mercedes foi tirada para dançar por um jovem inglês em quem não havia reparado antes.

— Posso? —perguntou ele simplesmente, estendendo a mão.

Era um tango. Ela já devia ter dançado com uma centena de homens antes, mas aquele pareceu-lhe superior aos demais. Mais tarde, naquela noite, ela repassou a dança toda em sua cabeça, e cada nota da música voltou-lhe à memória.

Para o rapaz, a experiência de dançar com Mercedes também teve sua mágica. A sensação do corpo leve e esguio dela respondendo ao menor toque da palma de sua mão era muito diferente da desajeitada rigidez da maioria das moças inglesas. No fim da dança, quando estava novamente bebericando cerveja com os amigos e Mercedes voltara à companhia da amiga, ele não teve certeza se tinha realmente dançado com ela. Era apenas uma lembrança, algo insubstancial.

Na semana seguinte, Mercedes desejou que o inglês esbelto e louro a tirasse para dançar outra vez. Não se decepcionou e sorriu aceitando quando ele se aproximou. Dessa vez, era um *quickstep*. Ele sentiu prazer e intensidade na maneira como ela dançava. Sem comparação, era melhor do que todas as pessoas com quem dançara antes, e percebeu que os movimentos dela não eram somente uma sequência de reações aos dele. De vez em quando, sentia que ela o guiava. Aquela espanhola morena tinha muito mais força e vigor do que aparentava.

"Conheci um rapaz que é um dançarino maravilhoso", Mercedes escreveu para a mãe. "Aqui, mesmo quando tentam fazer o melhor que podem, a maioria é muito desajeitada."

As cartas de Mercedes para a mãe sempre falavam de dança. Era um assunto alegre como outro qualquer, e Concha ficou encantada quando Mercedes escreveu um dia para dizer que tinha ganhado um concurso.

"Meu parceiro é aquele bom dançarino de que lhe falei. E nós nos saímos realmente bem. No próximo fim de semana, vamos estar na

final do condado e, se passarmos, vamos para o regional", escreveu ela, animada.

Durante anos, a parceria continuou e eles só se encontravam na pista de dança, de vez em quando para uma xícara de chá antes de dançar. Venciam todas as competições em que entravam, e seu estilo e graciosidade juntos deslumbravam todo mundo. Os outros dançarinos não tinham chance quando eles competiam. Vê-los dançando era puro deleite, e os juízes sempre enxergavam alegria no rosto de Mercedes quando ela passava rodopiando na frente deles.

Só em 1955 ele a pediu em casamento, quase uma década depois de sua primeira dança. Mercedes quase caiu para trás. Aquele tempo todo, não lhe ocorrera que o parceiro estava apaixonado por ela. Ficou completamente arrasada com a proposta de casamento. Até onde podia ver, surgira do nada. Amava Javier e só ele, e encheu-se de uma culpa irracional.

Carmen foi dura com ela. Encontrara um marido três anos antes e o segundo filho já estava a caminho.

— Há algo que você precisa enfrentar, Mercedes — disse ela. — Acha que algum dia vai ver Javier de novo?

Aquela era uma pergunta que Mercedes não se atrevia a fazer a si mesma havia cinco anos.

— Não acha que, se estivesse vivo, já teria tido notícias dele?

Sabia que Carmen devia ter razão. Javier tinha o endereço da

mãe e, se estivesse vivo, já teria escrito e Concha teria lhe enviado a correspondência. O tempo todo, porém, havia a dúvida persistente de cartas poderem se extraviar e, em algum lugar e de alguma forma, o homem que ela tanto amava ainda estar vivo.

— Não sei. Mas não posso desistir dele.

— Bem, e também não pode desistir de você mesma. O outro está aqui *agora*, Mercedes. Você seria uma louca se o deixasse escapar.

Quando dançaram juntos de novo, Mercedes tentou visualizar o parceiro sob uma ótica diferente. Sempre o vira mais como um irmão do que como um amante. Seria possível isso mudar algum dia?

Depois da sessão de dança, tomaram um chá. Mercedes achou conveniente. Precisavam conversar.

— Só quero dizer que você pode levar quanto tempo quiser para pensar. Eu espero. Vinte e cinco anos, se for necessário — disse o parceiro de dança.

391

Mercedes estudou o rosto dele enquanto ele falava. Enxergou tanto calor e bondade que achou que iria derreter. Os claros olhos azuis olhavam dentro dos seus e ela via que aquelas palavras eram completamente sinceras. Não havia dúvida quanto ao amor dele.

Ela levou muito menos de vinte e cinco anos para decidir. Em

poucos meses, percebeu que seria uma tola se abandonasse aquele homem tão doce.

— Você não pode estar errando em casar com ele — provocou Carmen. — Se combinam tão bem assim na pista de dança, imagine…

— Carmen! — exclamou Mercedes, corando. — Que coisa para se falar!

* * *

Escreveu para a mãe para contar sobre o noivado. Mercedes queria muito que a mãe viajasse para a Inglaterra para o casamento, mas Concha agora era uma senhora idosa e tinha muitos motivos de ansiedade com relação à viagem, sendo um deles se a deixariam entrar na Espanha na volta. Mercedes compreendia inteiramente os motivos dela. Um mês antes do casamento, chegou um pacote de Granada. Mercedes ficou intrigada quando reconheceu a caligrafia vacilante da mãe no papel pardo e viu as carreiras de selos com a cabeça de Franco escurecidas pelos carimbos postais. As mãos tremiam enquanto lutava para cortar o cordão com a tesoura meio cega da cozinha.

Era a mantilha de renda branca que Concha usara no seu casamento. Durante quarenta e cinco anos, ficara guardada num

embrulho de macio papel encerado e sobrevivera, quando tanto se perdera. Estava intacta, talvez ligeiramente mais escura, e sem qualquer mancha ou marca. Ter chegado parecia quase um milagre. Por baixo das camadas de papel pardo, a mãe acolchoara o embrulho com um exemplar do jornal de Granada, *El Ideal*. Mercedes colocou-o ao lado para escorar o conteúdo. Era de um ou dois meses antes, mas ela daria uma espiada nele mais tarde. Até o cabeçalho fazia seu estômago se contrair.

Dentro do pacote havia também uma carta da mãe e, no envelope, uma corrente simples de ouro, sem nenhum enfeite.

"Usei isto também no meu casamento", escreveu ela. "Foi minha mãe quem me deu e agora eu a dou para você. Tinha um crucifixo,

mas o tirei há algum tempo e devo tê-lo perdido. Acho que conhece meus sentimentos a respeito da Igreja."

Para Mercedes, a única nota amarga, além do fato de Concha não estar presente no dia de seu casamento, foi a desaprovação dos pais de seu noivo. Mercedes era estrangeira e, naquela época, algumas pessoas tinham medo de estrangeiros. Para eles, era como se ela tivesse vindo de outro planeta. Não estavam também muito satisfeitos por ela ser uns anos mais velha do que o filho, mas no

momento em que os dois vieram juntos pela galeria como marido e mulher, eles já tinham mudado um pouco de opinião.

O casamento foi realizado no cartório de registro civil de Beckenham. A noiva usava um vestido simples e justo de algodão, de comprimento à altura dos joelhos e mangas três-quartos, que ela própria fizera, e prendera o cabelo ao estilo espanhol, com a deslumbrante mantilha de renda cascateando-lhe pelos ombros abaixo. Carmen foi testemunha e os convidados eram na maioria exilados espanhóis que, da mesma forma que ela, tinham permanecido no Reino Unido.

Victor Silvester, o grande *bandleader* que os vira dançar muitas vezes, enviou-lhes um telegrama que foi lido na pequena recepção num hotel da cidade: “Ao feliz casal. Que seu casamento seja tão perfeito quanto a sua dança.”



CAPÍTULO 38

Miguel tinha quase chegado ao fim da pilha de cartas. Sonia viu que restava apenas uma folha na mão dele. Passava da meia-noite, e Sonia receou que ele estivesse cansado demais para prosseguir. A história de Mercedes, se acabasse ali, tivera um final feliz e talvez ela devesse se dar por satisfeita.

— Está cansado demais para continuar? — perguntou, preocupada.

— Não, não — respondeu ele. — Preciso ler esta aqui para você. Foi a última que ela escreveu, não muito tempo depois de seu casamento.

A Inglaterra me ofereceu o porto seguro que tanto desejei. Ainda me sinto estrangeira de alguma forma, mas existe muita gente boa por aqui.

Claro, o que manteve meu ânimo, e isto desde que cheguei neste país, foi dançar. Era a única coisa que o povo inglês aparentemente conhecia sobre a Espanha: que lá existem pessoas que dançam com vestidos cheios de babados enormes e estalam castanholas. Dançar me recorda quem sou, mas mesmo assim às vezes é melhor não dar ênfase demais a isso.

Sem dúvida, porém, o que mais me deixou feliz foi o homem

maravilhoso com quem acabei de me casar. Vi logo, quando nos encontramos, que ele era mais moço do que eu, mas tem um rosto amável e dança, como sempre dizem os ingleses, "igual a Fred Astaire". Ainda que seja louro e de pele clara e que não se pareça nada com um granadino, tenho certeza de que você iria adorar…

Sonia prendeu a respiração. Quase não ousava escutar o nome.

...Jack.

394

Sonia mordera o lábio com tanta força que o fez sangrar. O pescoço e o peito latejavam com a dor das lágrimas contidas. Estava determinada a não deixar que Miguel visse o impacto que a carta exercia sobre ela. Não estava certa de que aquele fosse o melhor momento para se explicar. Ele ainda tinha um pouco mais para ler:

Ninguém aqui sabe realmente coisa alguma sobre a Espanha e contei muito pouco a meu novo marido sobre Granada, e absolutamente nada sobre os horrores de nossa guerra.

Ainda me pergunto o que foi feito de Javier, e penso sempre nele.

Sei que compreende por que não voltei, considerando-se tudo o que aconteceu com a nossa família e provavelmente também com o homem que amei.

Mercedes

Pela primeira vez, Sonia reparou que não era a única a lutar com as lágrimas. As faces de Miguel estavam úmidas. Surpreendeu-a que o velho ficasse tão perturbado quando a história não era nova para ele, e passou um braço em volta de seu ombro, dando-lhe um de seus lenços de papel para enxugar o rosto.

— Eu sei que você gostava deles, da família Ramírez — disse ela, mansamente.

Ficaram sentados em silêncio por alguns minutos. Sonia precisava de algum tempo para refletir. Agora não havia dúvida nenhuma. Tratava-se da história de sua mãe, e até aquele dia ela nunca soubera uma palavra de tudo aquilo. Estava abalada até o fundo da alma, e certamente o pai também ficaria quando soubesse os detalhes da história de sua mulher. Ela teria de ponderar com muito cuidado se esse conhecimento seria de fato útil para alguém que estava nos últimos anos da vida.

A história de Mercedes estava ali em cima da mesa diante deles e os velhos dedos deformados de Miguel apanharam as folhas, dobraram-nas meticulosamente nas mesmas dobras já existentes e guardaram-nas de volta no envelope. Sonia notou que essas cartas tinham sido lidas e relidas muitas vezes. Era estranho. Por que as cartas de sua mãe para sua avó significavam tanto para Miguel? Seu

coração acelerou-se sem que ela soubesse muito bem por quê. Ela nem sequer conseguiu se forçar a fazer esta pergunta.

Miguel estava olhando para Sonia. Queria dizer alguma coisa.

— Obrigado por escutar tudo isso — disse ele.

— Não tem de me agradecer! — retrucou Sonia, tentando conter a emoção. — Sou eu quem deve agradecer. Pedi que me contasse a história.

— Sim, mas você foi uma ótima ouvinte.

Chegara a sua hora. Desejara muito mostrar a Miguel as fotografias que trazia com ela e, agora que sabia que a mãe e Mercedes Ramírez eram a mesma pessoa, não lhe parecia mais ridículo fazê-lo.

— Há uma razão para isso, sabe — disse, enfiando a mão na bolsa para apanhar a carteira.

Encontrou as duas fotografias, uma da mãe adolescente em traje de flamenco e a outra, a do grupo de crianças sentadas no barril.

Miguel pegou a primeira.

— É Mercedes! — disse ele, a voz agitada. — Onde você conseguiu isso?

Ela fez uma pausa.

— Com meu pai — respondeu.

— Seu pai? — exclamou Miguel, incrédulo. — Como? Não compreendo…

Passou-se um instante antes que ela conseguisse realmente se forçar a dizer as palavras.

— Mercedes era minha mãe.

O velho ficou sem fala. Sonia se preocupou, mas ele se recuperou prontamente. Balançava a cabeça de um lado para o outro, sem acreditar.

— Mercedes era sua mãe…

Ficou em silêncio por um momento, e já estava deixando Sonia nervosa com a intensidade de seu olhar.

— Olhe aqui — disse ele, apontando para as crianças na segunda fotografia. — Você percebeu quem são essas crianças, não é?

Antonio, Ignacio, Emilio… e sua mãe.

— É extraordinário — respondeu Sonia em voz baixa. — São eles mesmos.

Miguel levantou-se devagar.

— Acho que você precisa de uma bebida — disse ele.

Sonia acompanhou-o com os olhos enquanto ele atravessava a

sala e uma onda de afeto inundou-a. Ele voltou com dois copos de conhaque e ficaram sentados juntos mais um pouco. Parecia haver muito mais a ser dito.

Sonia explicou por que fora atraída para o café de Miguel em vez de outro qualquer.

— É o mais bonito da praça — disse ela. — Mas talvez porque alguma coisa me parecesse familiar, como o barril. Acho que aquela fotografia deles todos quando crianças deve ter ficado em minha cabeça.

— Quase como se o reconhecesse — refletiu Miguel.

— Bem, é um traço característico, não é? E só agora me dou conta do significado do nome do café… El Barril. Preciso mesmo melhorar meu espanhol!

Sonia olhou para o relógio. Era uma e meia. Realmente precisava ir embora. Por vários minutos, ela e Miguel se abraçaram, um abraço apertado. Ele parecia relutar em deixá-la sair.

— Miguel, muito obrigada por tudo — disse ela.

Como pareciam precárias essas palavras, mas quaisquer outras teriam sido também insuficientes. Havia lágrimas nos olhos dele, e Sonia beijou-o com força nas duas faces.

— Vou ver você outra vez antes de sua viagem de volta? —

perguntou ele.

— Meu avião sai à tarde, portanto tenho algumas horas pela manhã — respondeu. — Venho para o café da manhã.

— Venha o mais cedo que puder. Quero levar você a um lugar antes de sua partida.

— Está bem — concordou Sonia, apertando o braço dele. — Nós nos vemos de manhã. Oito e meia está bom?

O velho assentiu.

* * *

Justamente quando Sonia estava enfiando a chave na fechadura da casa de Maggie, a amiga surgiu por trás dela.

— *Hola!* — disse a outra, alegre. — Foi dançar salsa em segredo?

— Não foi bem isso — respondeu Sonia. — Tive um dia realmente extraordinário.

Maggie estava entusiasmada demais com sua própria noite para fazer mais perguntas. Apesar de cansada, Sonia sentou-se com ela e ouviu tudo a respeito do novo homem de sua vida. Esse seria de fato especial, Maggie tinha um pressentimento.

Antes de se deitarem, Sonia contou a Maggie que talvez precisasse voltar em breve e ficar ali de novo por alguns dias.

— Você é sempre bem-vinda — disse Maggie. — Sabe disso. Só precisa me avisar quando vem para eu estar aqui.

* * *

Depois de umas poucas horas de sono, Sonia percorreu o agora conhecido caminho para o El Barril. Miguel sabia que ela seria pontual e já tinha um *café con leche* esperando por ela no bar. Daí a pouco, saíram do café e andaram até a esquina, onde estava estacionado o surrado Seat de Miguel.

— O lugar aonde quero levar você é um pouco fora da cidade, por isso temos de ir de carro.

Circularam durante vinte minutos, enfrentando o complexo sistema de mão única de Granada, passando por largas avenidas arborizadas e movendo-se em zigue-zague por ruas calçadas de pedra que mal davam passagem para um carro. Contornaram a extremidade do mais velho de todos os *barrios* e então começaram a subir.

Não conversaram muito durante o trajeto, mas até os silêncios eram confortáveis. Sonia entretinha-se contemplando as vistas espetaculares da paisagem que rodeava Granada: as planícies férteis e a impressionante Sierra Nevada. Não admira que aquele lugar tivesse sido um troféu não só para os mouros como para os cristãos,

pensou.

E chegaram ao seu destino. Do lado de fora de um imenso portal decorativo, havia dezenas de carros estacionados. Parecia a entrada de um castelo francês.

— Onde estamos? — perguntou a Miguel.

— Aqui é o cemitério municipal.

— Ah — disse Sonia em voz baixa, lembrando-se de que uma vez ele sugerira que ela visitasse aquele lugar.

Enquanto Miguel estacionava o carro, chegou um cortejo fúnebre. Além do carro funerário, havia oito limusines reluzentes, das quais saiu um grande número de pessoas bem-vestidas e

enlutadas. Todas as mulheres usavam mantilhas de renda negra que lhes escondiam o rosto. Os ternos escuros dos homens eram bem-cortados, feitos sob medida, elegantes. O grupo caminhou devagar, com ar sombrio, atrás do caixão e desapareceu além dos portões, deixando os motoristas encostados nos capôs lustrosos dos carros saboreando um cigarro.

Miguel olhou-os e Sonia adivinhou que ele tinha algo a dizer. A voz dele soou com certa aspereza. Sonia recordou o traço de amargura que percebera no primeiro encontro com ele.

Surpreendera-a naquela ocasião e, agora, novamente a surpreendia.

— Houve muita gente morta na Guerra Civil que não teve direito a um enterro assim — disse ele. — Milhares foram apenas jogados em valas comuns.

— Que coisa horrível — disse Sonia abafando a voz. — E as famílias dessas pessoas não querem saber onde elas estão?

— Algumas querem — respondeu ele —, mas nem todas.

Desceram do carro e entraram. Sonia ficou espantada com a quantidade e as proporções das tumbas. Os cemitérios na Inglaterra eram muito diferentes daquele. Pensou no cemitério do sul de Londres onde sua mãe fora enterrada e estremeceu. Era uma enorme extensão de terreno gramado com carreiras de pequenas lápides, cada uma do comprimento e da largura de um caixão. Ela só o visitava uma vez por ano, mas passava por lá de carro quando ia visitar o pai, e através das grades era fácil localizar os túmulos mais recentes. Ainda exibiam flores frescas, guirlandas de vistosas flores amarelas ou alaranjadas, com “PAI” em cravos vermelhos ou “MÃE” em crisântemos brancos, ou de vez em quando o comovente ursinho de pelúcia. Com poucas exceções, os mais antigos não tinham nada a decorá-los, ou às vezes somente algumas flores murchas num pote de geleia. As flores artificiais eram onipresentes; os que as levavam

preferiam ignorar a noção de *memento mori*.

O cemitério de Granada era um lugar muito diferente. Alguns dos falecidos aqui tinham tumbas do tamanho de pequenas casas. Parecia uma cidade feita de mármore branco, com ruas e pequenos jardins.

Era um lugar que convidava à contemplação e havia poucas pessoas mais naquela manhã de quarta-feira. Nem Sonia nem Miguel sentiam-se obrigados a conversar.

O espaço estava dividido em vários outros espaços distintos, *patios*, e em cada um destes havia numerosas tumbas grandes, cruzes e lápides com os nomes dos mortos gravados. O que mais chamou a atenção de Sonia, além das dimensões do lugar, foi que nenhum túmulo parecia abandonado.

Havia flores em todos, o que fazia todo o sentido quando ela lia as palavras mais comuns que as acompanhavam: "*Tu familia no te olvida.*"

A maioria cumprira a promessa.

— Posso passear ali no alto? — perguntou Sonia, com vontade de explorar aquele espaço.

Miguel se detivera para comprar uma plantinha na entrada e ela

imaginou que ele não se importaria em ficar só por alguns minutos. Enveredou, resoluta, pelo caminho que aparentemente levava aos limites do cemitério mas descobriu, quando chegou lá, que havia uma outra área além do muro. Aquele lugar dava a impressão de não ter limites, em ambas as direções. Ela não saberia dizer quanto tempo andou. Estava fascinada com a grandiosidade de muitos daqueles túmulos. Alguns mausoléus de família tinham anjos guardando a entrada, colunas caneladas e guirlandas de pedra trabalhada com esmero, havia cruzes de ferro decoradas e cruzes simples de mármore e, por toda parte, flores. Viu algumas mulheres segurando regadores, e uma delas com uma pá de lixo e uma escova fazendo trabalho doméstico, limpando amorosamente partículas de cascalho do limiar de seus ancestrais. Foi uma das coisas mais tocantes que já vira.

Fez o caminho de volta e encontrou Miguel, não muito longe de onde o deixara, sentado num banco de pedra.

— Desculpe, demorei demais — disse ela.

— Não se preocupe. O tempo aqui fica parado.

— É verdade — Sonia sorriu.

Sentou-se no banco ao lado dele. A manhã já ia terminando. O sol estava forte e ambos ficaram satisfeitos por poder contar com a

sombra de uma árvore. Diante deles havia um muro enorme. De cima a baixo, havia seis fileiras de lápides. Na frente de cada uma, havia uma borda saliente onde as pessoas tinham colocado pequenos vasos de flores.

— Reconhece aqueles nomes? — perguntou Miguel.

400

Diretamente à frente, na segunda fileira de baixo para cima, Sonia leu em voz alta três nomes:

Ignacio Tomás Ramírez

28-1-37

Pablo Vicente Ramírez

20-12-45

Concha Pilar Ramírez

14-8-56

Reparou na planta que Miguel colocara antes ali, suas flores rosadas roçando as letras do último nome, e ao lado um buquê de belíssimas rosas vermelhas agora ligeiramente murchas.

— Parece que mais alguém veio visitá-los — disse Sonia.

Não houve resposta de Miguel e ela se virou para olhá-lo. Ele estava balançando a cabeça.

— Só eu — disse, com os velhos olhos úmidos. — Só eu.

Sonia agora tinha de fazer a pergunta que carregava na ponta da língua desde a noite anterior, quando constatara a profunda emoção dele ao contar a história da família Ramírez.

— Por quê? — indagou ela. — Por que era tão apegado a essa família?

Por um instante, ele pareceu ter dificuldade para falar. Engoliu em seco e foi como se buscasse o ar antes de poder pronunciar as palavras.

— Sou Javier. Javier Miguel Montero.

Sonia prendeu a respiração e exclamou, incrédula:

— Javier! Mas…

Havia somente um gesto como resposta natural a essa revelação. Sonia segurou com delicadeza as velhas mãos nas suas e, por alguns instantes, olharam-se nas profundezas dos olhos marejados um do outro. Sonia reconheceu o que Mercedes vira neles tantos anos antes e Javier fitou o reflexo de Mercedes que viu no rosto de sua filha.

Afinal, Sonia falou.

— Javier — disse. Parecia-lhe estranho usar aquele nome agora, e o velho a interrompeu.

— Me chame de Miguel — pediu ele. — Uso esse nome há tanto tempo, desde que voltei ao El Barril.

— Claro, se é o que prefere, Miguel — disse Sonia. Tinha muitas perguntas que ardia de vontade de lhe fazer, mas não queria lhe causar mais sofrimento.

— Quer me contar o que aconteceu? — perguntou com brandura.

— Quando voltou para Granada?

— Fui dispensado de meus deveres no El Valle de los Caídos em 1955 — contou ele. —Obtive “remissão da pena por conta do trabalho”, foi o que disseram. O fato de não ter cometido crime nenhum era irrelevante. Apareci no El Barril um dia sem qualquer aviso. Não tinha mais família em Málaga nem em Bilbao e estava fisicamente destruído pela minha temporada em Cualgamuros. Dois dedos da minha mão direita tinham sido quebrados e estavam muito deformados, de modo que não poderia mais viver da música. Não sabia realmente o que fazer da minha vida.

Miguel fez uma pausa.

— Para dizer a verdade, não consegui pensar em nenhum outro lugar para onde ir. Concha me acolheu e convidou-me para morar lá. Tratou-me como se fosse seu filho.

— Mas Concha morreu logo depois que você voltou — comentou Sonia.

— Sim, foi isso mesmo. Adoeceu bastante depressa, mas cuidei dela o melhor que pude.

— Ela alguma vez escreveu para Mercedes contando que você estava aqui?

— Não — respondeu Miguel sem hesitar.

— Imagino que acabaria vindo à tona que ela supunha havia anos que você ainda devia estar vivo…

— …mas ela me contou que Mercedes estava morando na Inglaterra e que estava estabelecida lá.

— Mas ela amava tanto você — disse Sonia, a voz embargada. — E você a amava?

— Amava, sim — respondeu ele —, mas soube que ela estava feliz e fiquei contente por ela. Seria uma crueldade tirar-lhe isso. Ela havia passado por sofrimentos demais…

Os dois permaneceram sentados no cemitério ensolarado por mais ou menos uma hora. Sonia não se achava no direito de julgar a

decisão da avó de sonegar informações à filha. Caso tivesse agido de outra forma, Sonia não estaria ali naquele momento.

E, ali sentada, admirou aquela nobreza, aquele amor insondável.



CAPÍTULO 39

Ao contrário da Espanha, que se encaminhava para o verão sem olhar para trás, o mês de abril na Inglaterra parecia mergulhado em pleno inverno. Estava gelado quando o avião de Sonia pousou naquela noite, e havia uma fina camada de neve no chão do estacionamento do aeroporto. As mãos dela estavam azuladas quando acabou de limpar o para-brisas.

Chegou a uma casa vazia e sentiu-se como uma estranha arrombando e invadindo o lar alheio. Era como se examinasse as pistas da vida de outra pessoa. Espiou a sala de estar. Um vaso de rosas murchas no centro da mesa baixa, com pétalas espalhadas por cima de exemplares de *Country Life* e *Tatler*. Na cornija da lareira, uma fileira de convites para coquetéis e uns dois do que James chamava de “engomados”, convites para eventos formais de empresas, que exigiam o uso de cartões com vários milímetros de

espessura. Um deles era para uma caçada ao cervo na Escócia. O convite era para aquele dia. Talvez fosse onde James se encontrava naquele instante.

No chão da cozinha, junto à porta, havia umas dez garrafas vazias de vinho tinto e, dentro da pia, o que não era característico de James, que detestava quando as coisas não eram lavadas e guardadas na hora, havia um copo com borra incrustada no fundo.

Sonia subiu com a mala e foi para a cama, seguindo automaticamente para o quarto de hóspedes. Quase lhe escapara, até enfiar a chave na fechadura de casa, que a crescente desavença com James fora uma das causas da ida para Granada. Londres lhe parecera muito remota enquanto Miguel contava sua história.

A semana passou friamente. Sonia não esperava nada de diferente. O ponto alto foi a aula de salsa naquela sexta-feira, da qual ela voltou revigorada.

404

Depois dos dias mortalmente enfadonhos da volta ao escritório e da estranha atmosfera doméstica, a magia estimulante e aliviante da dança encheu-a de ânimo outra vez.

Naquela semana, havia um convite marcado tempos antes para visitar os pais de James. Ela ficou ainda mais apreensiva do que de

costume, mas James sem dúvida contava que fossem. Precisavam manter as aparências, e cancelar a ida motivaria todo tipo de perguntas. Para James e Sonia, era muito mais fácil continuar em silêncio, e ambos conseguiram mantê-lo durante toda a viagem. Teria sido a oportunidade perfeita para contar a James sobre suas extraordinárias descobertas, mas não teve vontade nem de mencioná-las. Aquelas eram coisas preciosas, e o escárnio ou a falta de interesse dele seriam insuportáveis.

Alguns velhos amigos da família, inclusive o padrinho de James, tinham sido convidados para jantar, e Sonia observou que era a única das cinco mulheres que não estava usando pérolas. Para ela, isso definia completamente sua noção de não se encaixar bem num grupo. Lançou um olhar para James por cima da prata polida e da melhor porcelana Wedgwood e percebeu que não havia a menor possibilidade de alguém reparar na falta de afeto entre eles dois. Nenhum dos casais em volta daquela mesa parecia trocar sequer um comentário entre si. Talvez aquela *froideur* no casamento fosse absolutamente normal nos condados.

A grande residência paroquial, muito ventilada por corredores de ar, fora redecorada pela última vez na década de 1970 e, no quarto de duas camas que Sonia e James sempre ocupavam quando

ficavam lá, havia uma pia cor de damasco num canto e tiras de papel de parede pendendo das paredes como pele descascada. As cortinas deviam ter sido majestosas um dia, com seus festões, drapeados e debruns de seda, mas agora eram deprimentes. Diana, a mãe de James, mal notava os estágios graduais de deterioração da casa, e deixava o marido consertar a ocasional maçaneta quebrada da porta ou a torneira que estivesse pingando. Sonia dizia a si mesma que era assim que os ingleses de classe média alta gostavam de viver, numa espécie de pretensiosa decadência, o que talvez explicasse por que James era tão melindroso com a decoração de sua própria casa. Depois de ter redecorado a casa décadas antes, a sogra de Sonia voltara sua atenção para o jardim, e agora era uma escrava de seus canteiros bem-cuidados e de sua tirânica horta, que lhes fornecia uma fartura espantosa de abobrinha e alface em certas épocas do ano, obrigando-os a uma dieta muito limitada, e em seguida, durante

meses a fio, não fornecia absolutamente nada. Sonia, criatura essencialmente urbana, achava esse estilo de vida desconcertante. As camas duplas permitiram a Sonia e James manterem distância um do outro, mas naquela noite, quando James subiu depois de uma sessão de vinho do Porto e charutos com o pai,

sentou-se desajeitadamente na beirada da cama dela e cutucou-lhe as costas.

— Sonia, Sonia… — disse ele com voz arrastada, a última palavra direto no ouvido dela.

Já entorpecida de frio apesar da bolsa de água quente que apertava contra si para se reconfortar com o calor, Sonia enrijeceu.

— Por favor... me... deixe... em paz — disse ela, com firmeza.

Ele pôs a mão por dentro do cobertor e sacudiu o ombro dela.

— Sonia… vamos lá, acorde, Sonia. Faça isso por mim.

Embora ela fosse boa em se fingir de morta, James sabia muito bem que estava acordada. Só um morto de verdade não despertaria com a barulheira que ele fizera e com a brutalidade com que a sacudira.

— Que saco, Sonia… droga!

Ela ouviu seu andar pesado pelo quarto e os efeitos sonoros dos preparativos estabanados para se deitar. Sem ver, imaginou as calças de veludo cotelê, a camisa e o pulôver formando um monte enrodilhado no chão ao lado da cama e os sapatos de cadarços muito bem engraxados largados ao acaso, prontos para se tropeçar neles caso alguém se levantasse no meio da noite. Depois, escutou a cusparada ruidosa quando ele escovou os dentes, e quando em

seguida deixou a escova de dentes cair na caneca, quando puxou o cordão para apagar a luz em cima da pia, até que os ouvidos dela, atentos a todos os sons, captaram o barulho do pequeno puxador de plástico batendo de leve contra o espelho.

No escuro, ele puxou a colcha de matelassê e as molas da cama rangeram quando finalmente se deitou. Só então percebeu que deixara a luz do teto do banheiro acesa.

— Saco, saco, saco… — era o mantra dele. Levantou-se e foi pisando duro até o interruptor junto à porta, depois voltou com andar incerto para a cama, tropeçando em seu próprio sapato, como era previsível. Deixou escapar mais uma exclamação e então tudo ficou em silêncio.

406

Sonia respirou fundo, aliviada, e se virou na cama. O vinho do Porto iria mantê-lo em sono profundo a noite inteira.

Bem cedo na manhã seguinte, Sonia desceu para preparar um chá, a respiração formando nuvens de vapor. A sogra já estava sentada à mesa da cozinha, as mãos nodosas de tanta jardinagem segurando uma caneca fumegante.

— Sirva-se — disse a Sonia, empurrando o bule por cima da mesa na direção dela, quase sem tirar os olhos do jornal.

Talvez fossem aquelas casas com seu vento encanado que deixavam aquelas pessoas tão frias por dentro, refletiu Sonia, olhando o líquido castanho, forte demais, cair dentro da caneca de borda lascada que havia na mesa.

— Obrigada… e então, como vai o jardim? — perguntou, sabendo que aquilo era algo pelo qual a sogra tinha sentimentos.

— Ah, sabe como é. Vai indo — disse a outra, sem levantar os olhos do jornal.

Para uma pessoa de fora, a frase lacônica teria sido difícil de interpretar, mas Sonia sabia que a atitude esquiva transmitia um grau de indiferença pela nora.

Como de rotina, todos saíram para uma caminhada com os labradores naquela manhã. Diana parecia altiva em seu casaco Barbour comprido, e caçoou de Sonia por estar usando um casaco urbano de pele falsa. Andava na frente com James, determinada a manter o ritmo do passeio, enquanto o marido, Richard, uma figura esguia mancando ligeiramente, ainda dependente da bengala que vinha usando desde uma cirurgia de prótese do quadril no ano anterior fechava a retaguarda.

Por alguma razão inexplicável, Sonia sentiu um pouco de pena do sogro naquele dia. Tinha uma aparência gasta, desbotada como a

camisa muito velha. Quando ela tentou puxar conversa, ele foi monossilábico, com a frieza da pessoa que prefere a companhia de gente do mesmo sexo. De modo geral, era um homem que ficava bastante feliz com o silêncio desde que este fosse de vez em quando pontuado pelo latido de um cachorro. Continuaram o passeio ao redor do lago. O frio acabou penetrando nas solas de suas botas e Sonia ficou gelada até os ossos. Quando assim desejou, Richard quebrou o silêncio.

— Então, quando vai dar um filho e herdeiro a James? — perguntou ele.

A pergunta brusca, embora típica dele, fez Sonia perder o fôlego. Que resposta razoável poderia dar? Que resposta, de qualquer tipo que fosse?

Um lado dela teve vontade de desconstruir a pergunta, de desafiá-lo em cada palavra: na ideia de “dar” um filho a James, como se fosse um presente para ele, na ideia ridícula de um bebê ser um “herdeiro”, que, ela presumia, somente lhes confirmava serem eles aristocratas proprietários de terras, e, no mais importante, por que a ênfase num “filho”?

Engoliu em seco, perplexa com a impertinência da pergunta.

Devia dar uma resposta e as opções eram limitadas. Não podia fazer aquele homem em pedaços nem usar a única e simples palavra que gostaria de usar para lhe dizer a verdade provável, atordoante: "Nunca."

Uma risada nervosa e uma resposta evasiva deveriam servir.

— Não tenho certeza — respondeu.

Quando chegaram de volta a casa, estavam todos entorpecidos de frio.

Pela primeira vez nos últimos dois dias, a casa deu a impressão de estar aquecida. James atiçou as brasas da lareira na sala de estar e logo as chamas adquiriram vida.

Era uma cena bastante complexa, observou Sonia, enquanto preparava a grande mesa da cozinha para o almoço. Por um instante, questionou sua inquietação. Então, James entrou na cozinha e ela se lembrou de pelo menos um motivo de sua insatisfação.

— Onde está o saca-rolhas? — perguntou, balançando uma garrafa de vinho tinto em cada mão.

— Na gaveta de cima, querido — respondeu a mãe, indulgentemente. — O almoço está quase pronto.

— Só vamos fazer um lanchinho — disse ele. — O almoço pode esperar uma meia hora, não pode?

Foi mais uma afirmação do que uma pergunta, como ficou provado quando ele saiu da cozinha antes de sua mãe ter tempo de protestar.

Depois do almoço, James e o pai esvaziaram outra garrafa de vinho e o restante de uma garrafa de Porto, retirando-se então para uma partida de sinuca na estrebaria decrépita. Quando voltaram,

Sonia estava pronta para ir embora e a mala arrumada aguardava no vestíbulo.

— Por que a pressa? — perguntou James, meio grogue. — Preciso de um pouco de cafeína!

— Está bem, mas depois eu gostaria de voltar logo para Londres.

— Vamos quando eu acabar de tomar meu café.

Sonia deixou-o ter a última palavra. Já estava entediada com o bate-boca e conservaria sua energia para quando o assunto fosse importante.

Diana apareceu no vestíbulo.

— Quer dizer que já estão indo embora? — disse, dirigindo a pergunta a James.

— Sonia acha melhor — retrucou James com ar zombeteiro, fazendo o papel do marido dominado pela mulher.

Durante as quatro horas de viagem para Londres, enquanto James ouvia um CD com um livro inteiro de Dan Brown, Sonia refletiu sobre a proposta que Miguel lhe fizera antes de sair de Granada: que ela herdasse o negócio da família.

* * *

Às cinco da manhã do dia seguinte, James escancarou a porta do quarto dela.

— Ainda estou esperando — disse ele.

— O quê? —perguntou Sonia, sonolenta.

— Uma resposta.

A expressão no rosto dela, genuinamente intrigada, irritou-o.

— A dança ou nosso casamento. *Lembra?*

Sonia olhou-o então com ar inexpressivo.

— Estou indo para a Alemanha onde fico até sexta-feira, e seria bom ter uma resposta quando eu voltar.

Sonia captou o tom de sarcasmo na voz dele e percebeu que ele ainda não terminara de falar.

— Suponho que você não vá estar fora, como de hábito — acrescentou.

Sonia literalmente nada tinha a dizer. Ou nada que quisesse

dizer naquela hora. James apanhou a mala e momentos depois já descera as escadas e partira.

410



CAPÍTULO 40

Sonia foi para o escritório e trabalhou furiosamente naquele dia. Na hora do almoço, ligou para o pai e perguntou se podia ir vê-lo à noite.

— Prometo que não vou chegar muito tarde — disse ela. — E não precisa se preocupar com jantar nem coisa nenhuma.

Jack Haynes gostava de já ter jantado às seis e normalmente ia para a cama por volta das nove e meia.

— Está bem, querida. Preparo um sanduíche para você. Devo ter um pouco de presunto. Acha que basta?

— Está ótimo, papai. Obrigada.

Sonia teve uma porção de coisas para resolver naquela tarde no

escritório e quando saiu já eram seis e meia. O tráfego para fora de Londres naquela hora estava intenso, e assim passava das oito quando tocou a campainha da casa do pai.

— Olá, minha querida, que boa surpresa. Uma noite de segunda-feira! Que bom! Entre, entre.

O prazer de Jack em ver Sonia nunca diminuía. Ele se agitou como sempre de um lado para outro, pondo a chaleira no fogo, procurando um guardanapo para ela, tirando a lata de biscoitos do armário. O sanduíche, de pão branco cortado em triângulos com umas fatias de pepino arrumadas ao lado, já estava na pequena mesa de jantar encostada na parede.

— Obrigada, papai. Está ótimo. Espero que não se importe por eu ter vindo durante a semana.

— Por que eu me importaria? O dia da semana não faz muita diferença para mim, não é?

E foi preparar o chá. Quando voltou, ela não tinha tocado na comida. Não conseguia comer.

— Sonia! Vamos, coma. Aposto que não comeu nada o dia inteiro. Quer que providencie alguma outra coisa para você?

— Não, papai, isso está bom, de verdade. Vou comer daqui a

pouco.

— Está se sentindo bem, querida?

Sonia sorriu para o pai. Nada parecia ter mudado em trinta e cinco anos. Ele sempre se preocupara demais com a alimentação dela, e dizia que ela estava “abatida”.

— Estou bem, papai — disse ela, docemente. Estava tão nervosa que via as mãos tremerem, mas viera ali para contar-lhe algo e não podia sair sem fazê-lo.

— Estive em Granada novamente — disse em voz baixa. — Encontrei uma pessoa que conheceu mamãe. Nunca soube que o verdadeiro nome dela era Mercedes.

— Sempre a chamei de Mary. Ninguém aqui conseguia pronunciar direito o nome espanhol dela.

Jack puxou com cuidado a cadeira diante de Sonia e sentou-se.

— Que maravilha encontrar alguém do passado dela! Você teve sorte! E lembravam-se muito dela?

O pai estava sorridente, animado, curioso para saber tudo o que tinha sido contado a Sonia.

A filha contou a ele uma versão cuidadosamente editada da história. Mencionou Javier uma vez de passagem mas decidiu que não podia fazer o pai se sentir como uma segunda opção para a mãe.

Ele proporcionara a Mercedes Ramírez os anos mais felizes de sua vida e aquela joia preciosa não podia perder o brilho. Arranjaria um modo de apresentar Miguel quando chegasse a ocasião.

Jack Haynes desconhecia tudo o que ela contou. Respeitara o desejo da mulher de deixar o passado para trás.

— Ela sempre me dizia que a dança a fazia esquecer a tristeza e as lembranças más — disse ele, rememorando. — E acredito que fosse verdade. Quando girávamos pela pista de dança, ela se tornava leve como uma pluma. Não teria conseguido dançar assim com o peso do mundo nos ombros!

— Deve tê-la ajudado imensamente — disse Sonia. — Talvez tenha sido a dança, o tempo todo, com toda aquela alegria, o que a ajudou a sobreviver. Sei exatamente o que ela queria dizer com dançar para esquecer as tristezas.

Ficaram sentados algum tempo. Jack olhou para o relógio. Passara muito de sua hora de dormir.

Sonia bebericava um copo de água.

— E o homem que assumiu o El Barril ofereceu-se para me devolver o café.

— O quê? Ele está dando o café para você?

— Não é bem assim, mas oficialmente o café ainda pertence à família Ramírez, e sou o único membro sobrevivente dela.

Jack espantou-se mais com isso do que com o resto.

— O que você acharia de eu ir morar na Espanha? Iria me visitar? — disse Sonia, a voz agora cheia de indisfarçado entusiasmo.

— Porque não quero me mudar para lá se você não for me visitar.

— Mas e quanto a James? Ele quer ir?

— James não vai comigo.

Não foi preciso dar mais explicações ao pai. Ele nem sonharia em fazer perguntas sobre o relacionamento dela com James.

— Ah, entendo — foi só o que disse.

Para Jack, tudo pareceu muito repentino, pois sua vida mudara apenas aos poucos de uma década para outra, mas essa geração mais jovem via as coisas de modo diferente.

— É claro que eu iria visitar você. Contanto que me preparasse algo simples e gostoso para comer! E você, ainda viria aqui me ver?

— Claro que sim, papai — disse ela, tocando a mão dele. — É provável que nos vejamos mais ainda do que fizemos até agora. As passagens são muito baratas, também. E há mais uma coisa que gostaria de lhe pedir. Importa-se em tomar conta de algumas caixas com coisas minhas? Só por algum tempo?

— Claro que não, podem ficar debaixo da minha cama. Tenho espaço ali.

— Passo aqui amanhã para trazê-las, pode ser?

— Vai ser ótimo ver você duas vezes em uma semana! É só ligar e dizer a hora.

413

Jack Haynes não via a filha tão feliz havia anos. Abraçaram-se longamente.

— Compreende por que estou indo, não é? — perguntou.

— Sim, acho que compreendo — disse ele.

Depois de uma pequena dose de uísque, Jack Haynes dormiu profundamente, e teve doces sonhos em que dançava o *paso doble* com uma moça espanhola de olhos escuros.

* * *

O percurso de volta para Wandsworth levou menos de vinte minutos àquela hora da noite. Ao entrar, Sonia deixou-se cair em sua cama. Às sete horas, na manhã seguinte, levantou-se ainda vestida. Teria um dia cheio pela frente e precisava agir.

Começou com as roupas. A maior parte delas seria completamente inadequada à sua nova vida. Conjuntos e vestidos compridos foram colocados dentro de sacolas de compras, com

casacos de inverno que acumulara durante uma década e uma grande quantidade de sapatos de salto alto que nunca usaria nos calçamentos de Granada. Havia chapéus que usara em casamentos e bolsas de todas as cores e tonalidades. Possuía dezenas de lenços de seda, a maioria dos quais nem reconhecia. Quando terminou, havia vinte e três sacolas quase estourando de tão cheias. Colocou-as no carro e levou-as imediatamente à loja da Oxfam, para se prevenir caso perdesse a coragem depois. Havia uma roupa que a deixara relutante, o vestido que usara na sua festa de noivado em um *champagne bar* de Mayfair. Era levíssimo, de *chiffon* lilás, James o comprara e ela fora obrigada a usar. Não combinava muito com sua maneira de ser nem de se vestir, mas a associação com uma época feliz ainda perdurava.

Outras coisas foram direto para a lixeira: um velho e sujo casaco Barbour e umas botas de chuva que decididamente não seriam necessárias na Espanha. Tinha pastas cheias de papelada, cartas de solicitações de emprego, currículos e extratos bancários ainda dos tempos de universidade. Tudo isso podia ser jogado fora.

Fez uma caixa com seus CDs favoritos. A maioria era de músicas que James não escutaria mesmo, de modo que não sentiria falta deles, e por cima pôs os poucos brinquedos de pelúcia da infância de

que jamais se separaria.

Sonia se manteve ocupada o dia inteiro, deliberadamente imersa em trivialidades para se desligar da enormidade de seus atos. Só

quando parou por dez minutos a fim de preparar um chá é que a realidade do que estava fazendo a atingiu. Estava se retirando da vida de James. Sentiu uma tristeza terrível mas, até então, nenhuma culpa. Enquanto misturava leite no chá, correu os olhos pela cozinha e deu-se conta de que não deixara nenhuma marca pessoal naquele ambiente. Sempre havia sido a casa de James e continuava sendo. Havia mais alguns objetos para separar no quarto de dormir e ela subiu as escadas com o chá. Estava absolutamente decidida a não levar nada que não lhe pertencesse. A casa permaneceria intocada; Sonia não tinha vontade sequer de levar coisas que pertenciam a ambos. Os homens raramente ficam sozinhos por muito tempo, meditou ela, e estava certa de que alguém logo viria ocupar seu lugar. Quando esse pensamento lhe passou pela cabeça, os olhos pousaram na caixa de joias em cima da penteadeira. Abriu a tampa e tirou algumas peças de bijuteria e joias sem grande valor da prateleira de cima. Embaixo, havia gavetinhas e dentro delas algumas joias de família que a mãe de James dera a ela para usar

em ocasiões formais: brincos de esmeralda, um pingente de rubi e alguns broches horríveis apesar de muito valiosos. Sonia apanhou-os e pôs tudo dentro do cofre, onde James sempre lhe dissera para guardá-los. Separada numa pequena gaveta, lembrou-se que havia uma corrente de ouro. O pai lhe dera aquilo depois que a mãe morrera. Encontrou-a e colocou-a no pescoço. As mãos tremiam ao prender o fecho.

Então, voltou para ver o pai. Ele estava com seu jeito doce de sempre, só um pouquinho mais quieto.

— Tem certeza de que está fazendo a coisa certa? — perguntou, enquanto empurravam as duas caixas para baixo da cama. — Estou um pouco preocupado com você.

— Sei que o que estou fazendo parece precipitado, mas nunca tive tanta certeza de alguma coisa antes, papai — respondeu Sonia.

— Juro a você que pensei bem.

— Muito bem, querida. Mas se mudar de ideia, sempre pode voltar para cá, você sabe disso, não é?

E não falou mais nada.

— Tenho algo aqui para você — disse Jack, dirigindo-se com seu andar arrastado ao outro lado do quarto. — Achei que seria ótimo você ficar com isso agora.

Em cima da cômoda, havia um embrulho de papel pardo. Ele o entregou a ela.

Pela forma e pelo peso, Sonia soube imediatamente o que havia dentro.

— Sua mãe jamais sequer cogitou jogá-los fora — disse ele. — Adoraria saber que seriam levados de volta para Granada.

O papel farfalhou quando Sonia desembrulhou os sapatos. Lá estavam eles. O couro macio e as tachas de aço muito gastas nas biqueiras e nos saltos, exatamente como Miguel os descrevera.

— Acho até que são do meu tamanho — disse Sonia. — Quem sabe eu vá usá-los um dia…

Ambos se calaram por um momento.

— Por que não vai para lá em breve, papai? — disse ela, para quebrar a tensão, acariciando os sapatos distraidamente enquanto falava. — Daqui a umas semanas. Até então, já terei resolvido onde vou morar.

Abraçaram-se com grande carinho e Jack acompanhou-a com os olhos enquanto ela descia as escadas.

* * *

Era seu último dia em Londres; no dia seguinte, tomaria um

avião de volta para Granada. Telefonou para Miguel e contou-lhe que estava voltando.

— Estou tão contente! — disse ele. — Tinha esperanças de que você retornasse logo.

Agora só faltava escrever uma carta para James. Vinha receando aquele momento, mas devia-lhe uma resposta a seu ultimato e talvez uma explicação também.

Caro James,

Acho que a esta altura você já deve saber qual é a minha resposta.

É simples: para mim, a dança é uma forma de expressar que se está vivo. Não posso desistir de dançar, assim como não posso desistir de respirar.

Não espero que perdoe ou compreenda minha decisão.

Não quero tirar nada de você. Não tenho interesse em parte da casa nem em nenhuma porcentagem de sua renda. Acho que o que devemos um ao outro agora é simplesmente a nossa liberdade.

O advogado tem meu endereço, e vai encaminhar para lá qualquer correspondência destinada a mim.

Desejo tudo de bom a você, James, e espero que oportunamente você me deseje o mesmo.

Sonia

Escreveu vários rascunhos da carta, muito deles bem mais longos, mas aquele bilhete simples e descomplicado lhe pareceu expressar tudo o que ela queria dizer. Deixou-o em cima da mesa da cozinha. Foi o primeiro lugar para onde James se dirigiu na sexta-feira, quando chegou do aeroporto precisando de uma bebida.

Ela já arrumara uma mala, basicamente com as roupas favoritas que não tinham ido para a instituição de caridade, e reservou um táxi para a manhã seguinte.

Às cinco da manhã, o despertador tocou. Depois de tomar um banho de chuveiro e arrumar a cama de forma impecável, Sonia desceu. Lançando um último olhar ao redor, arrastou a mala para fora, trancou a porta duas vezes e devolveu a chave colocando-a na caixa de correio. Andou em direção ao carro que a esperava.

* * *

No voo do norte para o sul naquela manhã, contemplou pela janela do avião a paisagem da Espanha ir mudando aos poucos. Observou os picos recortados dos Pireneus desmancharem-se em suaves contrafortes, que depois deram lugar a vastas extensões de terra agora cultivadas em escala quase industrial. Imagens de Jarama, Guadalajara e Brunete passaram como lampejos em sua

mente, mas as cicatrizes da guerra tinham se apagado havia muito tempo.

Quando o avião começou a descida num céu sem nuvens, ela pensou em quantas semanas sua mãe levara para fazer o mesmo percurso. Mercedes viajara durante meses; ela, menos de uma hora. Teve um vislumbre de Granada a distância quando iam pousar e seu coração disparou, cheio de expectativa.

O avião não tinha muitos passageiros, e, assim, em instantes Sonia se viu no alto da escada, sentindo o doce calor da brisa andaluza no rosto. Logo atravessava a pista do aeroporto a pé. O prédio do terminal ficava perto e ela sabia que Miguel estaria esperando por ela.

Andava com passos leves. Seu coração estava dançando.



Nota da Autora

O golpe militar liderado pelo general Francisco Franco em julho de 1936 na Espanha pretendia ser rápido e decisivo. Em vez disso, levou a uma guerra civil que durou três anos e devastou o país. Meio milhão de pessoas morreu e um número equivalente foi para o exílio, do qual alguns nunca voltaram. Depois de 1939, centenas de milhares de republicanos ainda definhavam na prisão, e muitos enfrentaram os pelotões de fuzilamento e foram enterrados em sepulturas sem identificação. Os que lutaram contra Franco viveram anos de repressão e, mesmo quando o ditador fascista morreu, em 1975, muitas pessoas na Espanha continuaram a manter silêncio sobre suas experiências.

Sob o governo do primeiro-ministro socialista José Luis Rodríguez Zapatero, cujo avô foi executado por franquistas, uma nova Lei da Memória Histórica foi aprovada em outubro de 2007. A lei formalmente condena a rebelião e a ditadura de Franco, proíbe o uso de símbolos e referências ao regime em espaços públicos e determina a remoção de monumentos em honra de Franco. Também declara ilegais os julgamentos políticos de adversários de Franco durante a ditadura e obriga as prefeituras a auxiliar na exumação de corpos dos que foram enterrados em sepulturas sem identificação.

O “*pacto de olvido*” , o pacto do esquecimento, está finalmente

sendo quebrado.

Victoria Hislop

Junho, 2008

418



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em**

tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.